UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

TRADUÇÕES DO VAMPIRO, UM ESTUDO HISTÓRICO-LITERÁRIO

Bruno Berlendis de Carvalho

(VERSÃO CORRIGIDA)

São Paulo, 2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C331t Carvalho, Bruno Berlendis de
Traduções do vampiro, um estudo histórico-literário
/ Bruno Berlendis de Carvalho ; orientadora Marta
Kawano. - São Paulo, 2013.
398 p.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Teoria Literária e Literatura
Comparada. Área de concentração: Teoria Literária e
Literatura Comparada.

1. Literatura. 2. História cultural. 3. Folclore.
I. Kawano, Marta, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

TRADUÇÕES DO VAMPIRO, UM ESTUDO HISTÓRICO-LITERÁRIO

Bruno Berlendis de Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para a obtenção de título de mestre.

Orientadora: Prof.a Dr.a Marta Kawano

(VERSÃO CORRIGIDA)

São Paulo, 2013

Nome: Bruno Berlendis de Carvalho

Título: Traduções do vampiro, um estudo histórico-literário

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para a obtenção de título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Kawano

Aprovado em: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. Walter Carlos Costa

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Assinatura: _____

Prof. Dr. Jorge de Mattos Brito de Almeida

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura: _____

Suplentes: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (Unicamp) ; Prof. Dr. Marcus Vinicius Mazzari (USP) ; Prof. Dr. Tércio Loureiro Redondo (USP).

São Paulo, 2013

Resumo. No Ocidente moderno, o vampiro é mais do que uma personagem, é um *tipo*. Ao se tornar objeto de diversas modalidades de produção simbólica – desde teórico-investigativa a poética e ficcional – o vampiro é constituído em uma *temática*. Esta pesquisa busca compreender o alcance de tal tematização: premissas, procedimentos comuns. Muito problemático é o pressuposto de uma correlação derivativa entre vampiro literário e conteúdos folclóricos. De resto, ao longo do séc. XIX, o que será chamado de “cultura popular” sofrerá uma radical matização de significados. O trabalho consiste no esforço de contextualização histórico-interpretativa de um grande conjunto de textos; busca averiguar os modos pelos quais são relacionados os elementos tematicamente agrupados.

Palavras-chave: Temática literária – História cultural – Folclore e ideologia

Abstract. More than a character, the vampire is best described as a *type* in the modern Western culture. Lending itself to many modalities of symbolic production – comprehending *viz.* the theoretical-investigative bias as well as poetic and fictional treatments – the vampire takes shape in its corresponding *thematics*. The scope of the present study lies in elucidating the extent of such thematisation: premises, common proceedings. The assumption of a derivative correlation between literary vampire and folkloric repertoires involves problematic underlying aspects. Furthermore, in the course of the Nineteenth century the meanings of what may be called “popular culture” achieve a radical variance. This study attempts to re-contextualize a large ensemble of texts from a historical-hermeneutical point of view; to instantiate some modes and means by which the thematically grouped elements are conformed to a mutual relation.

Keywords: Literary thematics – Cultural history – Folklore and ideology

Abstract. Der Vampir ist im modernen Abendland mehr als eine handelnde Dichtungsfigur; er ist eher ein *Typus*. Indem er sich zur mannigfaltigen Symbolproduktion eignet, – von theoretisch-forschenden Aufzeichnungen zu poetischen und fiktiven Äußerungen – der Vampir gestaltet sich zu einer *Thematik*. Diese Dissertation möchte den Umfang dieser Thematisierung, bzw. ihre Voraussetzungen und gemeinen Verfahren fassen. Die Vermutung einer Entstehungskorrelation zwischen literarischem Vampir und Volkstoff zeigt sich sehr problematisch. Weiterhin ist zu bedenken, daß im Laufe des 19. Jhs. das, was man “Volkskultur” nennt, neue und besondere Bedeutungen annimmt. Diese Arbeit besteht in dem Versuch einer historischen und hermeneutischen Kontextualisierung; er wendet sich an eine Menge zahlreicher Texte, um die Art und Weise, wie sie thematisch und gegenseitig zusammengedacht werden, zu überprüfen.

Stichworte: Literarische Thematik – Kulturgeschichte – Volkskunde und Ideologie

Em agradecimento

Em primeiro lugar, devo menção aos bibliotecários, demais funcionários e instituições dos acervos consultados à farta ao longo e além da pesquisa que aqui se apresenta. Das bibliotecas em que me entranhei fisicamente, com uma resultante memória: Florestan Fernandes, StaBi, FEUSP, IEB, Arsenal, Rêe-de-Jardin; e das que tão profissionalmente ou por amor à causa me transmitiram seus ativos diretamente – como o Centro di Servizi Bibliotecari: Lingue e Letterature Moderne 2, da Universidade de Pisa, na pessoa de Michela Turini – ou por meio de inestimáveis intercessores, sendo os primeiros destes nomes que me vêm à consciência Michele Gialdroni, em suas visitas a mim dedicadas à Fakultätsbibliothek Neuphilologie da Universidade de Tübingen; Christopher Lafer, por seu exigido traslado à Hauptbibliothek da Universidade de Salzburg; e Agnes Luk, na salvaguarda do prazo na Bayerische Staatsbibliothek de Munique. Mas seria ainda irrealizável um esforço como este sem as presentes condições de consulta remota a livros e manuscritos de acervos ao redor do mundo; de modo que eu me veria obrigado, para citar nominalmente cada uma, a repassar mesmo centenas de referências. Tampouco me vejo inclinado a mencionar este ou aquele projeto em particular de digitalização (privado, público, misto), pois o que se entrevê – graças a eles – é um ambiente de repercussão global; ainda que, pelo momento, menos alaistrado do que gostaríamos.

Em segundo lugar, sou muito grato às tantas pessoas cuja capacidade de diálogo proporcionou uma formulação menos precária de minha perspectiva. À minha orientadora, Marta Kawano, que com graça e atenção soube redirecionar algumas das minhas recorrências. Sobressaem também as ponderadas e incisivas argüições dos professores Marcus Vinicius Mazzari (no exame de qualificação), Walter Costa (na defesa) e Jorge de Almeida (em ambas ocasiões). Aos professores do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada cujos cursos freqüentados me auxiliaram no contato com uma bibliografia teórica que balizou certos aspectos da pesquisa. Noutra fase decisiva do trabalho, no ano de 2012, as oportunidades de apresentar partes do projeto se mostraram cruciais para a formulação do todo; os eventos deram-se nos âmbitos de Uni-FOZ, EPOG [fflCH], DTLLC. Mas também as interlocuções informais, em conversas, emails, indicação e empréstimos de livros, troca de palavras à fila do café ou à mesa do jantar. Dentre tais pessoas, seria sobretudo impolido esquecer Andrea Peres e Gábor Basch, ambos por sinal tão oportunamente a mim indicados por Omar Ribeiro Thomaz; as leituras parciais de Vinicius Berlendis de Figueiredo; as velozes desinências de Karsten M. Haetinger e as sintaxes de Gustavo Paiva, e não só por isso a José Carlos Estevão; os assuntos intermitentes (e a cadeirinha de Marvão) que devo a João de Pina Cabral; o intenso diálogo com Heloisa Buarque de Almeida.

Por fim, às pessoas e situações dos quais tive de me ausentar para a realização deste trabalho – também àquelas a que impus presença demais.

Sumário

Parte I – Introdução: aproximações e questionamento

Cap. 1: Unidade, multiplicidade 11

Cap. 2: Projeções históricas e culturais 35

Parte II – Delineando convenções

Cap. 3: Composição e decomposição 65

Cap. 4: Apontamentos para uma tópica do vampiro..... 87

Parte III – Liames remotos?

Cap. 5: Limites de uma aproximação folclórica 145

Cap. 6: Em busca de um paradigma..... 181

Parte IV – Um fenómeno europeu

Cap. 7: O dito vampiro 231

Considerações..... 285

Apêndice 307

Bibliografia 369

Sobre as partes deste trabalho

Os principais momentos deste estudo dividem-se antes em **Partes** do que em **capítulos**.

A **Parte I** (caps. 1 e 2) expõe os problemas de base que o motivaram.

A **Parte II** (caps. 3 e 4) minucia codificações e decodificações ligadas ao objeto.

A **Parte III** (caps. 5 e 6) examina contrastivamente diversas tradições que se viram arrogadas para ele.

A **Parte IV** (que conta com um só capítulo, 7), centrada no enclave crucial para o efetivo surgimento do vampiro literário, propõe-lhe uma linha de interpretação, assim como, em alguma medida, quer retomar e reordenar a discussão precedente. Aqui busca-se encerrar a argumentação terra-a-terra, isto é, a discussão de questões pontuais.

Enfim, o capítulo das **Considerações**, desacompanhadas de seu costumeiro adjetivo talvez por um caráter pouco conclusivo do mesmo, reformula algumas perguntas que atravessam o estudo, apontando, em regime hipotético ou de sugestão, para uma visada que já o extrapola.

Parte I

Introdução: aproximações e questionamento

Cap. 1
Unidade, multiplicidade

*Hec ideo posui ut prius lector intelligat noxias illas artes non subito sed processu temporis
fuisse inuentas nec absonum esse asserere maleficas tempore iob non fuisse.*

Por isso eu disse aqui, para que o leitor o compreenda antes de mais nada, terem sido essas artes nocivas descobertas não de imediato, mas na marcha do tempo, e não ser descabido afirmar que não houvesse bruxas no tempo de Jó.

Institoris & Sprenger, *Malleus maleficarum* (1991:fo. 8v)

*Der Vampirbegriff hat sich für die Volkskunde als ein wirkliches Danaergeschenk erwiesen,
das ihr von den Balkanvölkern gemacht worden ist. Kein anderer mythologischer Begriff fasst
heute eine solche Fülle verschiedenartiger Züge unter sich, und über keinen herrschen so unklare
Vorstellungen, wie über den Vampirbegriff.*

O conceito de vampiro provou-se um verdadeiro presente de grego que os povos balcânicos ofereceram aos estudos folclóricos. [Nos dias de] hoje, nenhum outro conceito mitológico abarca sob si uma tal abundância de traços distintos, e a respeito de nenhum outro vigoram representações tão obscuras quanto sobre o conceito de vampiro.

Joseph Klapper, “Die schlesischen Geschichten von den schädigen Toten” (1909:58)

Plano do capítulo 1

As várias histórias p. 13 – O que se entende por vampiro p. 14 – Elementos isolados ou concatenados p. 15 – Aspectos semânticos p. 17 – Delineamentos históricos p. 20 – Tipo e tema literários: ler um texto à luz de um conjunto de textos p. 22 – Correlação do vampiro literário com os fundos folclóricos: um postulado em questão p. 26 – Algo do plano da dissertação p. 32

Esta pesquisa se pergunta pelas condições de constituição de um campo simbólico e narrativo, a temática literária do vampiro. Os usos do vampiro pelas literaturas modernas ocidentais constitui um fenômeno muito complexo, que não pode ser subsumido a explicações monocausais, freqüentemente expressas sob a forma de uma cronologia.

Ocorre que o vampiro não possui *uma história*, mas *várias*. Esta constatação sugere uma organização multiaxial da abordagem, comportando pontos de vista diferentes. Ao eleger esses possíveis eixos explicativos, porém, parece impossível escapar de alguma arbitrariedade. Então, mais vale escolher alguns eixos que se mostrem estratégicos para um modelo satisfatório de apreensão – e não impô-los como os únicos razoáveis. Decorre dessa tomada de posição um caráter em algum grau propedêutico almejado pelo presente trabalho: no lugar de esgotar as explicações plausíveis, o objetivo é antes investigar as condições da própria pesquisa temática. Interessa-me mais formular perguntas pertinentes do que respondê-las por completo. Algumas dessas questões serão retomadas em etapas diferentes da dissertação, em vez de serem tratadas mais sistematicamente em um único capítulo, por exemplo.

Deve-se logo observar que, nesse caso, convém entender “literário” e “literatura” de maneira mais abrangente, e não restringi-los ao âmbito de textos ficcionais¹ e poéticos, sob o risco de não compreender essa mesma constituição temática.

O estudo a seguir percebe o vampiro como um fenômeno próprio da cultura moderna ocidental, ou melhor, européia – Mas tal afirmação se faz em que termos, e por que razões? Para começar a qualificar essa aproximação, passemos em revista algumas das colocações que a nortearam e a motivaram.

1 Entendo “ficcional” como o formula p. ex. Käte Hamburger (1968), isto é, abarcando seja a narrativa de ficção, seja obras dramáticas.

O que se entende por vampiro.

O vampiro é daquelas representações simbólicas que possuem uma fortuna e uma potência virtualmente inesgotáveis.² É fácil constatar a multiplicidade e confusão dos sentidos em que “vampiro” é entendido. O termo é há tempos empregado para descrever figuras simbólicas as mais divergentes: atualmente, não é incomum ouvir-se falar p. ex. em “vampiros” celtas e hindus, vê-lo protagonizar lendas subsaarianas ou descrever a exploração nas relações de trabalho. Primeiramente, atentemos para o fato de que estão aí implicados diferentes contextos discursivos (criação literária, folclore, antropologia, psicologia etc.). Para ilustrá-lo, tome-se um exemplo à mão. A enciclopédia *Delta Larousse* em sua edição brasileira de 1977 traz os seguintes verbetes em consecução alfabética:

vamp s. f. Atriz que interpreta papéis de mulher fatal. | (por ext.) Mulher fatal. (É braquilogia angl.-n.-amer. de *vampire*, “vampiro”.)

vampirismo s. m. Crença nos vampiros. | (fig.) Avidez insaciável. || *Patol.* Doença mental que caracteriza o vampiro. | Necrofilia.

vampiro s. m. Morto que, de acordo com a superstição popular, sai à noite do túmulo para sugar o sangue dos vivos. | *Zool.* Morcego da América do Sul, da família dos filostomídeos, que se nutre de sangue. (Esse grande quiróptero atinge 75 cm de envergadura; suga o sangue de animais e, às vezes, do homem, durante o sono de suas vítimas, sem lhes causar nenhuma dor; a quantidade de sangue que retira é mínima, mas pode transmitir a raiva.)

Vampiro de Düsseldorf (O). Ver M.³

É surpreendente como uma aproximação ingênua como a nossa pode tão facilmente (talvez obrigatoriamente) resvalar na obviedade; quanto, por outro lado, trazer à superfície traços constitutivos da figura em torno da qual se desenvolve uma temática. Na *Delta*

² Uma consulta à base de dados da Library of the Congress estadunidense retorna 239 textos publicados no país em 2012 com a *string* “vampir?” no campo de palavra-chave (isto é, envolvendo *vampir*, *vampires*, *vampirism*, *vampirology* etc.). Destes, há 66 obras não ficcionais, excluídos manuais de técnicas de desenho, livros de auto-ajuda e sobre *games*. Aí encontramos estudos literários (mais de uma dezena), sobre artes audiovisuais e cultura *pop*, de história (como sobre assassinos em série), de economia e de ciências naturais; uma subcategoria curiosa é a de obras paradidáticas, de “divulgação científica” para jovens, que conta com uma meia dúzia de registros. Os livros de ficção predominam em número, com no mínimo 165 publicações. Significativamente, há títulos que se situam numa fronteira pouco clara entre o breviário e a ficção (diríamos: literatura... “aficcionada?”), como parece ser *The vampire combat manual: a guide for fighting the bloodthirsty undead*.

³ Grande Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1977, tomo 15, p. 6917, edição revista e atualizada. Os verbetes não são assinados.

Larousse – assim como virtualmente em qualquer aproximação lexicográfica –, o étimo *vampir* se expressa sob diversos verbetes, cada um deles apontando para mais significações (retomo-as noutra ordem): representação dramática feminina; atitude afim a tal representação; processo de redução gramática de um designativo locucional a um de seus elementos apenas⁴; crença e superstição popular; tipologia tanatológica; zoologia envolvendo especificações de notável envergadura; hematofagia inter-espécies durante o sono, indolor e ao mesmo tempo contagiante; patologia mental, em particular necrofilia; produção cultural (cinema); sentido figurado.

Se realizarmos uma consulta semelhante na internet – digamos, a weblogs, à Wikipedia, a suas reproduções ou a seus congêneres –, as acepções de “vampiro” se multiplicarão virtualmente ao infinito.

O vampiro, então, chega a ser postulado como *arquétipo*: como uma espécie de esquema mental subjacente a representações simbólicas ao redor do mundo, aí incluídas culturas e sociedades que historicamente nada têm a ver com o vampiro tomado em um sentido mais estrito. Daí que seja invocado para descrever processos psicológicos e relações sociais.

Não é obra do acaso que uma imensa fortuna de textos seja inscrita nessa temática. Muitos a justificam pela “fascinação” que personagem ou temática exerceriam sobre o gênero humano.⁵ Um argumento vago demais: afinal, todo grande tema literário e artístico tem de apresentar tal vigor, do contrário sequer teria se constituído como uma temática.

Elementos isolados ou concatenados.

Para que relacionemos tematicamente os textos a examinar, não basta a localização desconexa de tal ou qual característica hoje considerada vampíresca, sem que esta se encontre em um contexto minimamente coerente. Tome-se o consumo de sangue, no senso comum, hoje provavelmente o mais próximo de uma caracterização definidora do vampirismo. Sem o concurso de outros componentes característicos, a hematofagia por si só não necessariamente diz respeito a vampirismo. Já no mundo romano antigo, afinal, o consumo do sangue garantia uma imagem retoricamente eficaz, como lemos numa epístola de Agostinho escrita entre os anos de 396 e 397.⁶ O então recém-consagrado bispo auxiliar de

4 Cf. Houaiss, “braquilogia”.

5 Um arauto desta máxima é, sem dúvida, Montague Summers (1929:1).

6 Para a datação da epístola, veja-se Fitzgerald, A. (org.), *Augustine through the Ages – an Encyclopaedia*. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 1999, p. 299.

Hipona (ou logo o seria) condena um apóstata africano que, além de bater na mãe velha e viúva, dá rédeas à ameaça. Conta Agostinho:

Quid enim aliud furibundo corde concepit, cum diceret matri: Transferam me / in partem Donati, et bibam sanguinem / tuum? Ecce iam conscientia cruentus, veste dealbatus perfecit partem pollicitationis suae; restat pars altera, ut matris sanguinem bibat.

Ora, o que mais concebeu em [seu] furioso coração, quem tenha dito à mãe: “Passarei para o lado de Donato, e beberei teu sangue”? Ei-lo já sanguinário em consciência: em vestes brancas, cumpriu parte de sua promessa; só falta a outra parte, ele beber o sangue da mãe.⁷

o que evidentemente não faz do apóstata um vampiro (a não ser numa acepção figurada e anacrônica).

Bastante incerto, ou no mínimo problemático, seria também relacionar com vampirismo (entendido não alegórica ou antropológicamente) a seguinte deposição, colhida no âmbito da Inquisição espanhola em um vilarejo basco no século XVI:

[...] e alli con alguna cosa de hierro le solia a este 1º fazer sangrar por las rrodillas de los pies e por las muniecas de las manos e por detras de las orejas e le solia chupar la sangre, que asi le solia hazer salir con la boca el dho diego de Guinea, e despues que le huuiese chupado la sangre le solia huntar las heridas que asi le hazia con cierto huinguento que solia tener en vna alбайдilla e despues q le hauia asi huntado le solia tornar a la cama de la dha su madre...

[...] e ali, com algum objeto de ferro costumava fazer sangrar a esta testemunha pelos tornozelos e munhecas e por detrás das orelhas e costumava chupar o sangue, que assim lhe fazia sair com a boca o dito Diego de Guinea, e após ter chupado o sangue costumava

7 Carta 34 (a Eusébio), § 3. Para o texto latino, utilizei Agostinho 1992:236 (cotejo da Edição Maurina com a do Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum). Segundo o corpo crítico das edições consultadas, as vestes brancas, simbolizando a pureza, seriam o hábito ostentado nos primeiros dias após a conversão ao donatismo, seita que floresceu àquele tempo no Norte da África; Roland Teske (Agostinho 2001:119n) precisa que tal hábito seria endossado pelos recém-batizados nos oito dias que precedem a vigília de Páscoa.

– A tradução é do proponente, assim como todas as demais não creditadas ao longo deste estudo. Em tempo: não sou um latinista, apenas ofereço, aqui e noutras passagens latinas, interpretações defensáveis ao exame e crivo dos leitores. Não tive oportunidade de submetê-las todas à revisão de terceiros. De modo geral, as citações em francês e inglês não foram traduzidas. Ainda por economia, em um número reduzido de casos, passagens mais longas (p. ex. do alemão) tiveram sua versão original omitida, sendo apresentada somente a tradução. No caso de transcrições de vocábulos abreviados, as expansões foram marcadas em caracteres sublinhados. As opções de interpretação não obedeceram a um único critério de tradução: em primeiro lugar, em função da natureza muito variegada dos textos citados (entre eles, corpos legislativos, testemunhos históricos, poemas, narrativas ficcionais e assim por diante); em segundo lugar, por eu eventualmente visar aspectos particulares em dada citação (tais quais figuras de linguagem; ambigüidades dos termos; suas pertinências especiais em dado campo do discurso etc.). –

untar as feridas que assim lhe provocava com certo ungüento que costumava guardar em uma albarda e depois de tê-la assim untado costumava levá-la de volta para a cama de sua mencionada mãe...⁸

Aos nossos propósitos, não é relevante que tais fatos tenham ocorrido ou não: importa sim a representação simbólica, no caso, um imaginário que inclui o consumo *ritual* do sangue. Nos dois exemplos acima, da epístola de Agostinho e da deposição à Inquisição, a função no discurso do consumo de sangue é caracterizar e denunciar a prática da *heresia*,⁹ e nisso a imagem é retoricamente muito eficiente.¹⁰

Para considerar a relação temática dos textos sob exame, vamos conferir se mais elementos tradicionalmente associados ao vampirismo se encontram conectados, e de que maneira. Trata-se, antes de tudo, de *comparar narrativas*. Examinar como e com que finalidades acionam-se as peças convencionadas. Em seguida, devemos considerar os jogos derivados, de espelhamento e contraposição a esse modelo central. Reconhecer esses diferentes usos é o caminho pelo qual se explica e se supera a polissemia que envolve o tipo literário aqui estudado. O que se delineia a partir daí é uma *história dos usos do vampiro*. Vamos a alguns casos concretos, para esclarecer o que isso quereria dizer.

Aspectos semânticos.

Não podemos deixar de reconhecer, no seguinte passo de Voltaire, publicado primeiramente em 1775, um uso peculiar (porém recorrente) do vampiro:

Eram esses vampiros uns mortos que saíam à noite de seus cemitérios para vir sugar o sangue dos vivos, fosse à garganta ou no ventre, depois de que eles voltavam a se pôr em suas covas [...] Era na Polônia, na Hungria, na Silésia, na Morávia, na Áustria, na Lorena que os mortos faziam esta bela refeição. Não se ouvia em absoluto falar de vampiros em Londres, nem mesmo em Paris. Admito que nessas duas cidades houve agiotas, financistas subsidiados [*traitants*], homens de negócios que sugavam em pleno dia o sangue do povo, mas não estavam nem um pouco mortos, embora corrompidos. [...] Dizem que os reis da

8 “Las brujas de Ceberio”, Areitio 1927:660. Quanto à suposta prática de hematofagia por parte de acusados de bruxaria no País Basco, há no artigo de Areitio outras passagens de interesse, como à pág. 662. Apenas duas testemunhas descrevem a prática (*ibid.*, p. 664). Para a contextualização desse e outros episódios relacionados, ver Caro Baroja 1986:196–201.

9 Digo-o numa compreensão muito geral e aproximativa: afinal, o que se entende por heresia no séc. XVI não é o mesmo que no séc. V.

10 Também Jean Bodin (cf. Lea 1939) lista hematofagia e canibalismo como práticas de bruxaria, mas está se referindo, ao que parece, ao consumo de sangue e carne de cadáveres.

Pérsia foram os primeiros a se fazer servir de comer após a morte. Hoje quase todos os reis os imitam; mas são os monjes que comem o seu almoço e o seu jantar, e que bebem o vinho. Assim, os reis não são, a dizê-lo com propriedade, vampiros. Os verdadeiros vampiros são os monjes que comem às despensas dos reis e dos povos.¹¹

Voltaire vale-se de um uso metafórico do vampiro para explorar satiricamente uma idiossincrasia política e social. Mas brinca com os sentidos da palavra, fazendo-os entender ora denotativamente, ora ironicamente, ora metaforicamente.¹²

Atentemos agora para o emprego de “vampiro” pelo Marquês de Sade em *Juliette, ou les prospérités du vice*, publicado em 1801. O romance, narrado em primeira pessoa, começa com a chegada de Juliette a um convento, onde logo caíra nas (muitas) graças da religiosa M^{me} Delbène. O trecho que aqui nos interessa faz parte da argumentação anti-dogmática que M^{me} Delbène professa na noite em que finalmente vai desvirginar a protagonista. Discurso extenso e talvez até mais “filosófico” do que a freqüentemente estudada profissão de fé de Dolmancé no livro de Sade que leva filosofia no título. O primeiro passo consiste em demonstrar “a extravagância do sistema deísta”. Não é o caso de nos determos na argumentação tecida por Sade, interessantíssima e que admite ser lida como uma inversão ao trajeto cartesiano da dúvida cética até a asserção das certezas primeiras. Vamos então a um ponto crucial desse anti-*cogito*.

Diz a personagem de Sade que, partindo de uma crença injustificada – de que para um efeito deva existir uma causa – solapamos a razão e inventamos causas para tudo aquilo que nos é dado conhecer e desconhecer. Ora, Deus, para M^{me} Delbène, é o fantasma, a quimera que por excelência preenche essa indevida e falha exigência epistemológica. Mais potente do que os demais conceitos, acaba por se sublimar em uma categoria à parte: a postulação de uma causa primeira, universal e eterna. Por essa razão, é assim definido pela mestra: “não vejo, na natureza do Deus desse povo, nada além de alegorias pueris [...]”.¹³ Alguns parágrafos à frente, essa entidade alegórica é associada a outra:

11 Voltaire 1775:447; 450–451. O texto completo se encontra no apêndice à presente dissertação (seção VIII.). Voltaire não inaugura o vampiro como metáfora na sátira política: o tipo já se prestara a isso em jornais e revistas inglesas desde a década de 1730, como no periódico *The Craftsman* (1732, transcrição parcial na seção do Apêndice; e, entre outros (*apud* Schroeder 1973:107–157), Forman (em 1733); Goldsmith (em 1760) etc.

12 Assim também se passa, como seria de esperar, com os usos estilísticos de outros termos em que a redação de Voltaire se apóia: como o adjetivo “corrompidos”, que remete a um só tempo a seus sentidos concreto (~mortos; em vias de decomposição) e figurado (pervertidos moralmente).

13 Sade 1966:39.

Aos nossos antagonistas, admitamos por um instante, se assim quisermos, a existência do *vampiro* que faz a felicidade deles.¹⁴

E a nota explicativa do autor, ao pé de página:

O *vampiro* sugava o sangue dos cadáveres, Deus faz verter o dos homens; ao exame, todos os dois se revelam quiméricos: é enganar-se, emprestar o nome de um ao outro?¹⁵

Para ressaltar a modalidade unicamente alegórica de existência daquilo que a tradição judaico-cristã chama de Deus, Sade faz uso de *outra alegoria*: o vampiro. Observe-se que, postas de lado as questões morais e religiosas, esse emprego do termo “vampiro” não causa estranhamento de nenhuma espécie, talvez nem mesmo à sua época causasse. Por quê? Porque o vampiro já reunira um repertório rico e suficientemente disseminado, de modo a possibilitar essa sua significação figurada. É por isso que o emprego de que Sade lança mão é eficaz. Como se vê, os elementos que tornaram isso possível já estão em campo no séc. XVIII. O vampiro se torna uma personagem privilegiada, ou melhor, um *tipo* que reúne em si uma série mais ou menos definida de características prontamente reconhecíveis, ao qual se recorre com enorme frequência para se remeter a *outras coisas*, seja em metáforas seja mediante outros tropos.

Convém notar que, ao lado da alegorização, percebemos uma passagem (lógica, não cronológica) pela sinédoque: o tropo que significa o geral pelo particular, o gênero pela espécie. Considere-se o seguinte exemplo, extraído da *Dissertação sobre os vampiros* de Giuseppe Davanzati (1665-1755), bispo da cidade de Trani, na Puglia. Diz o autor que, alguns anos antes de redigir esse livro, encontrava-se certa vez no Vaticano e veio a conversar com o cardeal de Olmütz, capital da Morávia,¹⁶ Wolfgang H. Schrattenbach (1660-1738). Este lhe narra fatos incríveis sobre mortos nocivos e lhe pede conselho. O bispo italiano sorri de lado e recomenda-lhe cautela ao introduzir a questão à apreciação dos demais cardeais e de Sua Santidade. Contudo, nos anos seguintes, ao acompanhar o assunto, repetidamente notificado por “Gazetas e Mercúrios”, termina por mudar de atitude:

Tendo considerado maduramente sobre tudo isso, estimei que não devia tomar a coisa como brincadeira, zombeteiramente, como havia feito majoritariamente até então [...], comecei a tomar o negócio com alguma seriedade [...] ocorreu-me antes de qualquer outra idéia esclarecer se de tão estranho fenômeno houvesse porventura algum vestígio

¹⁴ *Ibid.*, p. 46.

¹⁵ *Ibid.*, 46n.

¹⁶ Hoje Olomouc, na República Tcheca.

nos historiadores antigos e modernos [...] Donde, tendo desempoeirado e aberto alguns livros de minha pequena biblioteca, encontrei e descobri, não sem alguma surpresa para mim, não ser esse fenômeno do Vampirismo descoberta nova e última: pois vários autores de estima, não só antigos, mas também dentre aqueles de alguns séculos atrás, disso falam comumente e indiferentemente; mas não apenas disso falam como coisa ocorrida num só país, como também em regiões e reinos bem distintos e dentre si remotíssimos em clima, religião e costumes, como do Egito, da Ásia, da Europa, da América, até sob o mais gelado e remoto Setentrião. E bem verdade, porém, é de se notar, para o conhecimento de alguns, que os supracitados autores não falam de semelhantes aparições de homens mortos com o nome de Vampiro ou de Vampirismo, nome praticado apenas junto aos alemães e húngaros; mas com outros nomes diferentes, todos eles significando o mesmo, como dizer, que por alguns são chamados sombras, por outros, espectros, fantasmas, larvas, lêmures, manes, lares, gênios e assemelhados.¹⁷

Vemos aqui Davanzati, com todas as letras, emprestar novas significações à palavra, ou melhor, forçá-la a designar seres totalmente estranhos ao seu contexto original. Além disso, ao desempoeirar seus velhos livros e lê-los sob essa nova luz, realiza um processo retrospectivo de ressignificação. Em sua retórica, portanto, a “espécie” do vampiro passou a significar o “gênero” das assombrações e aparições em sua totalidade.¹⁸

Assim, ao longo do séc. XVIII, nosso tipo consagra-se em metáforas e alegorias, enriquecendo-se com novas significações (política, psicológica etc.). A explicação dessa evolução semântica passa pela transdução do vampiro entre periferia e ocidente europeus.¹⁹ Essa apropriação resulta num emprego estranho ao seu contexto originário e que finda por suplantá-lo: realocar o simbólico, traduzi-lo para outro discurso.²⁰

Delineamentos históricos – Tipo e tema literários: ler um texto à luz de um conjunto de textos.

No Ocidente moderno e contemporâneo, o vampiro, mais propriamente do que uma personagem, é um *tipo*. Vale dizer: mais do que esse e aquele caso particular, ele expressaria uma determinada maneira de conceber personagens e imagens literárias, tendo por

17 Davanzati, Capo II (2011:28).

18 Ao longo de sua *Dissertação*, Davanzati examina uma série de casos que, a partir dessa perspectiva, lhe aparecem relacionados ao fenômeno do vampirismo. Sua conclusão será de que tudo isso se explica pelos poderosos efeitos da fantasia sobre os seres humanos. A obra só foi impressa postumamente (Nápoles: Raimondi, 1774), mas teria circulado de maneira relativamente ampla em cópias manuscritas já a partir da década de 1740.

19 Ver, particularmente, o cap. 7 *infra*.

20 Ver, *infra*, o capítulo Considerações.

referência (seja ela corroborativa ou contrastiva) uma gama de contornos convencionados. Exemplos podem ser proficuamente extraídos da história literária moderna (séc. XVIII–início do XX) de língua alemã, francesa, inglesa, mesmo italiana.

Procuremos delinear em pouquíssimas palavras alguns marcos incontornáveis à história do vampiro na cultura letrada ocidental. Desde o começo do séc. XVIII, e mesmo antes disso, o vampiro foi objeto de obras especulativas e investigativas, tantas vezes motivadas pela tentativa de apreender racionalmente certos fenômenos extraordinários, observados e relatados junto a comunidades periféricas européias. De início, as notícias provinham sobretudo de regiões balcânicas ou do Leste Europeu. A década de 1730 é determinante nesse sentido: instaura-se uma discussão em torno do assunto (ao mesmo tempo relacionando-o a temas dissertativos já extensamente debatidos), cenário em que é decisivo o papel da comunidade científica e da indústria editorial de língua alemã, notadamente de Leipzig; em seguida, a discussão ganha outras plagas. Ocuparam-se dessa figura incômoda de morto-vivo textos de diversos gêneros – relatos de viagem; obras de cunho teológico, médico; documentos de estado; testemunhos históricos; compilações que reuniam todos estes: textos cujos respectivos meios e propósitos de circulação também devem ser levados em consideração (p. ex. burocracia estatal; livros e revistas de ciência e de atualidades). A discussão engendra obras de cunho metadiscursivo, isto é, livros que compilam, criticam e comentam outras obras a respeito de vampiros e representações aproximadas a ele (como Ranft 1734; Calmet 1748). A partir da segunda metade ou mais significativamente do final desse século, o vampiro vai paulatinamente sendo incorporado à criação literária, comparecendo aqui e ali em obras poéticas. De grandes conseqüências é a publicação do conto “The vampyre – A tale by Lord Byron” em um periódico londrino (Polidori 1819). Não bastasse a ruidosa recepção nacional do conto, ele logo é diversas vezes traduzido e publicado em solo europeu. Não tardam em levar-lhe e reinventar-lhe o poder de sugestão para os palcos: em melodramas, comédias, espetáculos dramático-musicais. A produção do início dos anos 1820 caracteriza o que se pode chamar de uma nova voga do vampiro, agora eminentemente dramática e narrativa, por oposição ao caráter expositivo das obras que o tinham profusamente abordado no século anterior. O vampiro também passa a protagonizar criações literárias menos calcadas nos clichês, originando ulteriores desenvolvimentos poéticos e narrativos, sobretudo em contos. Já as convenções do estereótipo se acentuam com a apropriação do vampiro por um gênero de produção literária que um dia virá a se chamar indústria cultural, cujos

exemplos mais contundentes provêm de romances de folhetim (décadas de 1840-70). Focos representativos desses elementos serão mais uma vez retomados e sintetizados nos desdobramentos da personagem Dracula, do romance epônimo de Bram Stoker (1897), com especial retumbância a partir de suas adaptações teatrais e cinematográficas (década de 1920 em diante), ricas em público.

Digamos, de início, que um grande número de obras literárias desse período compartilhasse certos alinhamentos básicos quanto à caracterização física e moral da personagem do vampiro; que o traçado desse retrato pudesse sofrer variações, mesmo ser empregado cômica ou ironicamente. Hoje em dia, o mais provável é que um arrolamento de características desse tipo inclua entre os itens primeiramente lembrados o consumo do sangue; a singular situação do morto-vivo; dentes pronunciados; a freqüente aproximação erótica; uma certa proeminência face aos mortais, não apenas sobrenatural como também social.

Poderíamos ainda dizer que a caracterização reiterativa do vampiro, isto é, a maneira usual de conceber em torno dele um campo de convenções identitárias e simbólicas tenha-se desenvolvido com alguns mecanismos análogos na literatura não-ficcional, por exemplo no debate internacional que precedeu sua apropriação pela criação literária. Mas aqui, esses “traços comuns” estão antes nos termos em que é colocada a discussão acerca do vampirismo – como nas abordagens científicas e teológicas –, na qualidade de um fenômeno que se consolidou como assunto de investigação e especulação entre os séculos XVII e XVIII. Exemplos dessas espécies de “balizas” conceituais tramitam entre explicações naturalistas e possessão demoníaca; a observação de sinais de atividade fisiológica em mortos²¹ e assim por diante.

Eis talvez porque, ao examinarmos o vampiro, é pouco frutífero isolar a “literatura” entendida estritamente como criação literária – poesia, narrativa ficcional, gêneros dramáticos – de uma literatura “expositiva” ou não-ficcional. No que diz respeito ao vampiro e aos processos de sua constituição em um tipo, parece mais pertinente empregarmos “literatura” numa acepção muito generalizada, como discurso concebido na forma de um texto e que se dirige a uma gama de possíveis receptores.

21 Crescimento de pêlos, cabelos e unhas; evidência de movimento após o sepultamento; consumo da mortalha ou de partes do próprio corpo; *erectio penis*; sanguinolência; estado extraordinário de conservação do corpo etc.

O que não equivale, de modo algum, a escamotear as notáveis diferenças nas maneiras como textos ligados a distintas tradições de gênero recorreram ao vampiro e o tematizaram. O vampiro obviamente não é idêntico, nem é mobilizado de maneira idêntica, digamos, em textos médicos e num espetáculo de *vaudeville*. Mas, ao se tornar objeto de diversas modalidades de produção simbólica – desde teórico-investigativa a literária, dramática, enfim audiovisual etc. – o vampiro constitui-se em um *campo de representações*: um tipo de remissão nem sempre coesa, não obstante isso, muitas vezes reconhecível. Assim posto, o vampiro ganha corpo transversalmente: ao longo do tempo e através de diversos gêneros de discurso.²² A isto chamaremos *temática*.

“Tema”, assim como outros termos cruciais para o presente estudo, está longe de ser utilizado consensualmente. Mesmo que o restrinjamos à literatura (já não sendo tacitamente pressupostos sentidos extra-literários, como o tema musical, digamos), nem por isso o termo fica livre de potenciais compreensões equívocas, uma vez que diferentes teóricos da literatura valeram-se dele para designar conceituações bem distintas entre si.

Façamos um exercício livre no entorno da etimologia da palavra, meramente sugestivo e sem almejar uma definição estrita. Saltando a etapa de sua transmissão latina, encontramos no dicionário *Houaiss* da língua portuguesa algumas acepções bastante próximas das indicadas por Isidro Pereira em seu *Dicionário grego-português*: o que se põe ou se propõe; soma de dinheiro depositada em um banco. Assim também no *Dicionário etimológico da língua grega* de Pierre Chantraine, sob o verbete *títhemi* (pôr, colocar, dispor, ofertar etc.):

τίθημι – Sens: « poser quelque chose qui est destiné à durer, établir, fonder, poser, créer » etc., avec une construction prédicative « rendre tel ou tel » [...]

Nombreux dérivés qui entrent dans des systèmes cohérents. 1. θέσις f. « action de placer, d'établir (des lois), de déposer, d'adopter », etc., avec des sens techniques dans la géométrie, la logique, la métrique [...] ; 3. θέμα n. (brève p.-é. analogique de θέσις) « dépôt, propositon, thème, prix offert dans un concours », etc. (Arist. hellén., etc.), d'où θεμ-άτοις, -ατικός, -ατίτης m. « celui qui fait un dépôt » [...]²³

22 Mesmo que, do ponto de vista da exploração do tipo literário em uma dada realidade histórica e cultural, certos gêneros prestem-se a fazê-lo com mais assiduidade do que outros, como a dissertação no séc. XVIII, o espetáculo teatral e o conto no XIX e o cinema no XX.

23 Pierre Chantraine, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1968-1980, 5 vols., pp. 1116-1117, grifo meu.

Usando de certa livre associação, e menos *stricto sensu* etimologicamente, retenhamos a noção coerente de pôr-se algo à parte, aliando-a àquelas ligadas ao étimo *thésis*: alocar, estabelecer. É sugestivo (e em alguma medida lícito), então, entendermos o “tema literário” como algo que é estabelecido por uma operação de extração, de separação desde um todo para, nessa condição, ser conservado no curso do tempo. Seguindo-se esse livre-pensar, o *tema* seria aquilo que, tomado para além de seu contexto originário e posto à parte para durar, passa a ser enxergado como um elo comum a coisas heterogêneas: por exemplo o mar na poesia barroca (uma imagem que atravessa centenas de obras individuais); o mito de Pigmaleão tal como explorado na literatura moderna e assim por diante.

O ponto é que, embora tais considerações não sejam desprovidas de sentido, no caso do vampiro, pelo menos, *enquanto nos ativermos unicamente ao elemento extraído, separado*, será muito difícil, senão impossível, apreendermos sua fenomenologia, postularmos hipóteses razoáveis para descrever a interação de forças que de um lado contribuem para moldar e conservar uma identidade, de outro põem-na em movimento. É preciso ir além da mera extração e colição, digamos, do episódio vampírico a partir de um relato de viagem; dos difusos traços vampírescos reconhecíveis em uma lenda popular. Devemos, ao contrário, esforçar-nos por *realocar* tais elementos em seus respectivos ambientes, tentar como possível compreender sua ocorrência em dado texto e o diálogo que este mobiliza com os gêneros discursivos aí implicados.

O propósito desta pesquisa é buscar valorar justamente o alcance da tematização literária do vampiro: explicitar-lhe premissas, componentes características, procedimentos mais comuns envolvidos (mantendo no horizonte, mas sem propriamente desenvolvê-la, uma pergunta pelos significados dessa construção simbólica).

Assim, a dissertação a seguir representa um esforço de contextualização histórico-interpretativa de um grande conjunto de textos; busca esclarecer os modos pelos quais são relacionados os membros dessa comunidade – os textos tomados individualmente. Isso envolve examinar possíveis condicionantes da historiografia do vampiro em diversos momentos, aqui abordada, antes de tudo, sob aspectos que possam

interessar aos estudos literários.²⁴

Bem para além dos textos poéticos e ficcionais, essa historiografia é expressa manifestamente ao longo de pelo menos três séculos, por autores/pesquisadores que poderíamos com justiça apelidar de “vampirólogos” – tais como Michael Ranfft, Augustin Calmet, Stefan Hock, Augustus Montague Summers. Esta tradição envolve questões que permanecem debatidas até os dias de hoje, como p. ex. por Claude Lecouteux.²⁵

Diversas questões abordadas em tal ou qual etapa desta dissertação – p. ex. o esforço em apreender as principais convenções em torno do vampiro (caps. 3-4); a postulada (e problemática) correlação com conteúdos folclóricos (cap. 5); o exame de presumíveis “precedentes” medievais (cap. 6) – são motivadas por aspectos importantes e recorrentes dessa bibliografia especializada.

24 Isto requer duas advertências. Em primeiro lugar, esta dissertação não é uma busca pelas origens, uma tentativa de recuperação de signos primários. A pesquisa me leva a crer que, muito mais do que reflexo de uma realidade primeva ou remota, o vampiro é um tipo que só toma corpo pelo concurso de elementos díspares, o que só pôde ocorrer na marcha do tempo (*processu temporis*, como dizem sobre a bruxaria os ideólogos da Inquisição citados na epígrafe a este capítulo). Quando me pergunto pela copresença de certos componentes comuns a textos cujos propósitos e expressões são tão diversos, meu objetivo não é fazer derivar os mais recentes dos mais antigos. O que disso estaríamos primeiramente autorizados a postular é apenas a existência (ou não) de um campo comum de símbolos e códigos, decerto muito mais abrangente do que o universo de textos que a temática recorta. Essa abrangência, a meu ver, não invalida a legitimidade da investigação. Mesmo reconhecendo que a relação entre texto antigo e texto novo não é teleológica, que uma obra do passado não *leva* a outra, o próprio trajeto diacrônico dessas ocorrências eventualmente nos autorizaria a falar em herança e tradição cultural.

Um risco análogo é que o meu esforço em localizar alguns aspectos pontuais dessa herança seja entendido como sobredeterminismo histórico: que eu, ao constatar a existência e eventual eficácia de um conjunto de motivos e *tópoi*, afirmasse que os escritores singulares não tivessem feito nada além de reembalar as peças dadas. O objetivo, ao contrário, é tentar fazer disso um termo concreto de comparação, pelo qual possam-se apreender um ou outro aspecto das grandes mudanças operadas nesse mesmo *corpus* (que porém não é *um só*) e nas interpretações que daí se extraem. O que reforça antes a ideia de percursos, da possibilidade de reinventar o fazer literário, mais do que a de uma permanência de conteúdos pré-determinantes dessa criação. É fácil perceber que, se dado *locus* é utilizado num *exemplum* do século XIII e no melodrama do XIX, seguramente sua função narrativa não é a mesma num e noutro, e provavelmente não o seria ainda que não recorrêssemos a dois pólos tão contrastantes.

25 Analogamente à generalização da acepção de “literatura” que fizemos acima, num primeiro momento parece pouco produtiva a rígida divisão entre uma bibliografia “primária” e uma “secundária”. Certos “estudos” – como, dentre outros, a *Dissertação sobre os regressantes...* de Augustin Calmet (1672-1757) – dão mostras de terem sido tão ou mais “primários” quanto criações poéticas ou ficcionais no que concerne à constituição da temática e do tipo literário do vampiro; numa palavra, da formação do ambiente em que se dará a sua recepção e conseqüente recriação literária.

A tentativa de formular certas questões de base para uma aproximação crítica do *corpus* – recorte cujos critérios ainda têm de ser questionados e expressos – pode ter levado a uma abordagem menos convencional, com vícios daí decorrentes. O mais palpável deles será provavelmente a volumosa extensão. Sem o justificar, gostaria de pensar que contribuiu para isso um certo axioma da investigação: verificar que retrato emerge da super-exposição que caracteriza o nosso tipo literário; se alguma figura fica retida à retina, se sim, como ela se parece.

Ao lidarmos com as obras do *corpus*, o ideal seria que nosso olhar pudesse ser modulado ao longo de dois eixos: um comportando a variação do foco (da especificidade de um texto localizado à amplitude da temática); o outro contemplando os diferentes níveis semânticos alcançados por “vampiro” (desde a generalidade e fluidez dos sentidos figurados – metáfora, analogia etc. – à relativa fixidez do estereótipo).

É tautológico que, de uma teia dessa profusão, possamos extrair uma multiplicidade de perspectivas, eventualmente justificáveis por associações parciais. Interessa é saber se elas colaboram em alguma medida para a compreensão da temática do vampiro, enquanto fenômeno cultural e literário.

Correlação do vampiro literário com fundos folclóricos: um postulado em questão.

Quando dizemos “tema do vampiro”, implicamos aí algo que está *fora da literatura* – entenda-se: do texto escrito (e, por extensão, da obra de arte)?

Muitas apreciações do vampiro ressaltam uma sorte de continuidade entre *crença popular* e *expressão letrada*, o que, como se verá, acarreta alguns problemas epistemológicos de relevo. Seja naquelas obras assim por dizer “canônicas” – estudos e compêndios sobre vampirismo

quase sempre referidos nas bibliografias especializadas –, seja em trabalhos mais recentes, fez escola a interpretação do vampiro como uma figura oriunda de crenças populares para, em certo momento, ingressar no mundo das belas letras. Um número surpreendente de estudos expressa algo como a fórmula: “O vampiro provém de crenças européias/medievais/eslavas”, em que a adjetivação é algo fluida, mas nem tanto, e efetua recortes mais ou menos generalizantes.

É claro que tal fórmula é uma admitida simplificação e que os pesquisadores muitas vezes expressam mais sofisticadamente suas conclusões ou premissas – ainda que possam ser resumidas assim quanto ao modo de formular esta *genealogia*. Disso encontramos diversos exemplos não só na bibliografia que já beira os cem anos,²⁶ como também na recente. Um propósito de minha pesquisa é esclarecer por que é problemática essa assumida relação entre texto e crença ou, mais cautelosamente, figuração simbólica popular (cap. 5). Em seguida, propor outra via plausível de interpretação.

O medievalista Claude Lecouteux, autor de estudos de erudição que contribuíram para a compreensão de concepções européias envolvendo monstros e outras criaturas lendárias, dedicou um livro à história do vampiro. Seu ponto alto é a constatação de que o vampiro “se inscreve num conjunto complexo de representações da morte e da vida”²⁷; que há uma relação entre vampirismo e as concepções da “boa morte” e da “má morte”: como, em diferentes populações européias, determinadas circunstâncias do trespasse, mas também do nascimento, favorecem a periculosidade do morto. Seu argumento ressent-se, porém, de uma necessária separação e conseqüente comparação entre os diferentes tipos de casos examinados. Generaliza essas concepções sem considerar satisfatoriamente que elas provêm de panos de fundo muito distintos (contextos culturais cristãos ocidentais, bizantinos, eslavos etc.).

A pergunta que move Lecouteux é “encontrar o objeto de uma crença ancestral”²⁸. Mas em momento algum é justificado, e resta a examinar, o pressuposto composto de (1) uma *crença* que fosse (2) noção *una* e (3) *ancestral*. Também a seguinte formulação toca um ponto nevrálgico:

26 Um exemplo entre outros: o valiosíssimo levantamento de *Stoffgeschichte* de Stefan Hock (1900) traz esse pressuposto expresso no título: *A crença no vampiro e seu emprego na literatura alemã*.

27 Lecouteux 2003:15. Não abono, contudo (por motivos que explicitarei mais à frente), a segunda parte da frase (omitida na citação acima), a afirmação de que tal conjunto complexo de representações “sobreviveu até nossos dias, certamente com uma riqueza bem menor do que naquele passado distante que tendemos a confundir com séculos de obscurantismo” etc. (grifo meu). De onde provém essa certeza?

28 *Ibid.*, 14–15.

Toda essa massa de textos alimenta o imaginário contemporâneo, mas constitui também a origem dos erros e deformações sofridas pela crença primitiva, a origem das idéias recebidas e, sobretudo, da espantosa redução de vários tipos de mortos malfeitores à figura única do vampiro.²⁹

Vejo elementos contraditórios nessa sentença. Sim, de um lado o reducionismo levou a que diversos tipos de mortos nocivos tendencialmente se reunissem em torno da figura mais eminente dentre eles; Lecouteux furta-se a esclarecer os porquês disso. Mas, principalmente, dessa constatação não se segue, em absoluto, a existência de uma “crença primitiva” que tenha sido deturpada pela tradição letrada – ou por outra qualquer. De resto, reduzir vários tipos de mortos-vivos à figura do vampiro é o que faz o próprio Lecouteux ao longo de seu livro. Diria que o observador foi vítima do mesmo equívoco que está a denunciar.³⁰

Ademais, assume-se que o tipo literário seja uma derivação do imaginário coletivo, sem uma tentativa de esclarecer os processos que aí necessariamente estariam envolvidos:

Resumindo, somado aos testemunhos diretos que conhecemos por crônicas locais, um fluxo ininterrupto de informações expande-se sobre a Europa desde o início do século XVIII. Devemos a ele [...] além das obras já citadas,³¹ alguns grandes textos literários como *A noiva de Corinto*, de Goethe.³²

²⁹ *Ibid.*, 14.

³⁰ Do ponto de vista historiográfico, é de se lamentar que o trabalho apresente ou perpetue uma série de incorreções: Büttner e Lindenfels não “publicam” em Belgrado a apreciação do famoso caso de Medvegia, mas subscrevem na condição de testemunhas o relatório manuscrito a cargo de Flückinger *et alii*, conservado em cópia nos arquivos de Estado austríacos e em seguida reproduzido em diversas publicações de língua alemã; Voltaire não incluiu um verbete sobre vampiros em seu *Dicionário filosófico* (mas foi seu editor quem inescrupulosamente enxertou outro texto seu em uma reedição póstuma daquele); Michael Ranfft não publicou sua *Dissertatio de masticatione mortuorum* apenas em 1734, mas já o fizera em 1725, antes, portanto, da onda de estudos que se conflagrou com a solicitação feita aos círculos científicos de Leipzig em 1732; na tradição teológica cristã, não são apenas os corpos dos excomungados que se preservam indecompostos após a morte, mas também os dos santos... Pode-se discutir até que ponto essas incorreções sejam ou não comprometedoras para o estudo como um todo. Pode-se também argumentar que o propósito de Lecouteux neste seu livro é muito mais a “divulgação científica” junto a públicos leigos e que não é o caso de cobrar um rigor maior nesse gênero de obra. Em que pese essa contemporização, o efeito geral tende a ser contrário à professada “desmistificação” (Lecouteux 2003:14).

³¹ Lecouteux mencionava, no passo imediatamente anterior a este, obras como os estudos de Rohr; Ranfft; Christoph Pohl (*Dissertatio de hominibus post mortem sanguisugis*, Leipzig: 1732); o compêndio de Calmet e o *Dicionário filosófico* de Voltaire (este em edição póstuma e apócrifa, note-se: em origem o texto integrava um volume das *Questions sur l'Encyclopédie*).

³² Lecouteux 2003:14.

Como se as notas que tangem os universos da narrativa oral, da demonologia, da investigação científica e da criação literária formassem um grande *glissando* executado por um único e o mesmo instrumento.

Nesse tipo de aproximação e noutros afins, os pressupostos, tácitos ou explícitos, são de que o vampirismo seria manifestação de um imaginário i) ancestral; ii) tendendo para uma distribuição geográfico-cultural quase sem limites; e iii) essencialmente idêntico ao longo dos séculos.

Salvo equívocos, os resultados de minha pesquisa aproximam-se de uma postura crítica que nega axiomas como esses.

É preciso qualificar o que se entende por vampiro; no primeiro estágio, retroceder para aquém de seus sentidos figurados (metonímia, analogia, metáfora, sinédoque, alegoria...). Ao fazê-lo, chega-se de fato a um núcleo semântico ou a um ente individuável do imaginário? Em caso afirmativo, então, e se o que questionamos é a sua correlação com uma representação simbólica coletiva, que grupos sociais e culturais corresponderiam a ela?

Eis um caso contundente, que remete a uma época-chave para a consolidação do discurso sobre vampiros.

Para corroborar a noção de uma primitiva crença pan-européia no vampiro, ainda hoje recorre-se com frequência a representações germânicas.³³ O morto nocivo alemão por excelência é o *Nachzehrer*; cadáver que, mediante poderes simpáticos, sem deixar o túmulo, atrai para a morte os vivos, primeiramente aqueles com os quais possuía vínculos afetivos e familiares. O sinal mais comum de sua atividade pós-morte é a mastigação, de que são dados como evidências o ruído assim produzido (como de porcos a comer), o dilacerar e o engolir da mortalha e de partes do próprio corpo. Mas mesmo o *Nachzehrer* – espécie erigido em gênero – a rigor não responde por todas as significativas variações regionais alemãs.³⁴ Estas, diferentemente do vampiro, no mais das vezes não travam contato direto com suas vítimas.³⁵

33 Lecouteux 2003, *passim*.

34 Ver cap. 7 *infra*.

35 Em meu entender, podem ter colaborado para essa confusão alguns pontos compartilhados dos respectivos repertórios de explicação do fenômeno (condições de nascimento, vida e morte) e dos procedimentos adotados frente a ele (amuletos e demais medidas apotropaicas; perfuração com estacas, decapitação, cremação). Essa coincidência, porém, não basta para explicar a identificação de um ao outro, uma vez que ela poderia ter antecedido a consolidação dos pontos comuns observados.

Estritamente do ponto de vista dos levantamentos folclóricos, só tardiamente é que “mortos mastigantes” serão submetidos a uma espécie de incipiente cruzamento com vampiros, e então aqueles serão por vezes vistos a exercitar-se mais ativamente fora do túmulo. De acordo com etnografias realizadas na Alemanha, isso é observável com maior frequência em zonas fronteiriças com populações eslavas; além disso, caracterizações mais afins ao vampiro se intensificam apenas entre o final do séc. XIX e o seguinte.

Mas já a partir das décadas de 1720–1730, sobrevivendo os extraordinários relatos dos confins do Império Austro-Húngaro (e suas repercussões na mídia impressa), teóricos alemães começaram a relacionar os domésticos mastigantes nos túmulos ao fenômeno estrangeiro do vampirismo, tendência que futuramente só iria se reforçar. Já se desenvolvera, antes disso, uma tradição dissertativa em torno da *masticatione mortuorum*, que servirá de farto subsídio à conceituação europeia do vampiro.³⁶

Mesmo de mortos nocivos germânicos (do tipo *Nachzehrer* e quetais) praticamente só dispomos de evidências que datam *grosso modo* dos séculos XV–XVI em diante. Assim, para chegarmos a afirmar que teria havido uma crença comum centro-européia a fundar o futuro tipo literário do vampiro, seria preciso postular um intenso e longo intercâmbio de representações simbólicas entre diferentes grupos culturais, étnicos e lingüísticos. Ao que parece, não possuímos testemunhos suficientes – e suficientemente confiáveis – nesse sentido.

Esboçado no séc. XIX, o critério étnico-lingüístico fundou estudos mais refinados sobre o vampiro nas últimas décadas: especifica-se que o vampirismo, em suas formas primitivas, concerne primariamente o universo simbólico eslavo.³⁷ Esse princípio limita, mas não elimina as dificuldades. Muitas vezes, a cada vez mais rica individuação de elementos particulares vê-se aliada à premissa de que seja possível reconstruir o imaginário

36 Antes de serem associados ao vampiro, os “mastigantes no túmulo” já gozavam de literatura relativamente extensa. Refiro-me expressamente a discussões como as que encontramos na obra médica de Garmann (1670; 1709). No início da década de 1730, a enorme repercussão de notícias e relatórios provindos dos Bálcãs fará Michael Ranfft rever, para a terceira edição (1734), o seu *De masticatione mortuorum in tumulis*, escrito em Leipzig na década anterior. Ele o faz para aí incluir, até no subtítulo, o mais carismático dos mortos-vivos (cf. cap. 7 *infra*). Nas duas edições anteriores (1725 e 1728), em latim, o livro se compunha de duas dissertações: uma “histórico-crítica” e outra “filosófica”. Nominalmente, trazem pouco mais do que uma citação aos poloneses *upier* e *upierzycy*. Na 3ª edição, atualizada e vertida para o alemão, Ranfft acrescenta uma terceira parte ao livro, onde resume e discute sumariamente tantas das publicações a tratar do novo assunto. Torna-se assim um dos primeiros historiógrafos do vampiro.

37 Citem-se por exemplo os esforços do pesquisador Jan Louis Perkowski, que escreveu e traduziu uma série de estudos dedicados ao assunto, depois reunidos num só volume (Perkowski 2006).

popular de realidades sócio-culturais remotas, das quais não possuímos evidências escritas ou arqueológicas que bastem para embasar com segurança uma tal reconstrução. O paradoxal é que não se provou até hoje que o vampiro tenha surgido primeiro nas literaturas de línguas eslavas. Se examinarmos as primeiras ocorrências documentadas dos étimos a ele relacionados, encontramos caracterizações um tanto dissemelhantes (ver cap. 6 *infra*).

Os levantamentos etnográficos de que dispomos não autorizam uma identificação direta e inequívoca entre os conteúdos simbólicos de diversas populações eslavas e a figuração do vampiro como hoje o entendemos. Afinal, os assim chamados “vampiros folclóricos” podem designar pessoas vivas (bruxos, p. ex.); segunda alma, perambulante, de quem dorme; uma criatura perigosa às bordas dos lagos; seres que se transformam em borboletas (ver cap. 5 *infra*).

Como se disse, o critério étnico-lingüístico, incorporado à pesquisa sobre vampiros, contribui com riqueza e individuação dos testemunhos. Mas a interpretação que se apóia exclusivamente nesse critério ainda pressupõe, insuficientemente explicado e comprovado, aquele axioma: de que o vampiro derive de fundos folclóricos para em dado momento tornar-se matéria poética e ficcional. O exame do material não corrobora que um vampiro ideal dos folclores eslavos (se é que é possível reunir num só tipo os tantos *vukódlaci*, *upiri*, *strigoi* etc.) partilhasse de uma identidade essencial com representações européias equivalentes: justamente porque essa relação de equivalência não é dada, mas construída historicamente. Quando se diz, não sem alguma liberdade, que encontraríamos “vampiros” em textos britânicos do séc. XII, o acento recai mais sobre uma percepção idealizada do passado do que sobre o universo simbólico de outra população e outro tempo.

Se tomarmos enredos e motivos característicos do vampiro (objeto de nosso cap. 4) e os submetermos a uma análise formal como a de Vladímir Propp ou à tipologia de Aarne-Thompson (cf. cap. 2 a seguir), constatamos que aquelas narrativas não se resolvem nos modelos nem nas lógicas de criação populares; que não podemos explicá-las como uma soma de elementos dessa ordem.

Mesmo admitindo, e ao meu ver faltam evidências nesse sentido, um fio de tradição oral entre os séc. XII e XVII que tematizaria o vampiro (e portanto seria capaz de explicá-lo folcloricamente), não é isso que o constitui enquanto um tipo. Se é que há alguma continuidade entre o universo simbólico medieval e a eclosão moderna do vampiro, o que dá corpo à sua narrativa e à sua tópica não é o conto ou a canção popular; estão em

jogo os rearranjos de modelos e motivos poéticos e narratológicos, e os modos de produção do texto.³⁸

Não se trata de estabelecer uma divisão intransitável entre erudito e popular. O esforço vai mais na direção de, ao buscar compreender essa dicotomia, ao mesmo tempo relativizá-la, por submetê-la a uma crítica. O próprio sentido que se dá a “popular” adquire uma novíssima especificidade num período crucial para os desenvolvimentos literários e humanísticos do vampiro – como atestam os casos agudos da cena teatral e do mercado editorial em Paris e Londres no séc. XIX. Contemporaneamente a isso, o “velho” popular ia também ele sendo descoberto e inventado nas pesquisas de *Volkskunde*, de *folk lore*. Se o “popular” é uma construção, não menos do que o vampiro o é, o presente trabalho dá mangas a essa hipótese, no intuito de averiguar se um poderia lançar alguma luz sobre o outro.

•

Dissemos que o vampiro é mais do que personagem, é um modo de conceber personagens. A pesquisa sugere que, além disso, em um núcleo espesso de obras, o vampiro está fortemente ligado a determinados *esquemas narrativos* – e essa é mais uma conseqüência de compreendê-lo como um tipo literário.

Aqui entra a primeira abordagem proposta: o estudo das *convenções* que se materializam no *corpus* (focados na parte II desta dissertação). A narratologia e o olhar histórico fornecem boas ferramentas. O viés que os amarra é o comparatismo.

Vamos então retroceder a diversas tradições para procurar, nos textos, lógicas capazes de explicar a tópica e a estrutura de um ou mais modelos narrativos ideais, que restam

38 Já nas primeiras décadas do século passado observava Viktor Chklovski:

“On peut aussi faire bien des objections à la théorie ethnographique sur la question de l'origine des thèmes. Les représentants de cette doctrine expliquent les ressemblances entre thèmes narratifs par une identité des formes de vie et des croyances religieuses. Cette doctrine a concentré toute son attention sur les thèmes, n'évoquant qu'incidemment la question de l'importance que pouvait avoir l'influence des schémas de contes et se désintéressant totalement des lois de l'affabulation. [...]”

En tant que règle générale j'ajouterai ceci : l'œuvre d'art est perçue sur le fond et au moyen de ses relations avec les autres œuvres d'art. La forme de l'œuvre d'art se définit par ses rapports avec les autres formes ayant existé avant elle. Les éléments de l'œuvre littéraire sont obligatoirement forces, c'est-à-dire accuses, « vocifères ». Ce n'est pas seulement la parodie mais, d'une façon générale, toute œuvre d'art qui se crée en parallèle et en opposition à un modèle. (“Rapports entre procédés d'affabulation et procédés généraux du style” [Chklovski 1973:33; 37], tradução de Guy Verret).

Convém esclarecer que, no passo citado acima, “tema” não é entendido como “temática”, mas com referência à definição de A. N. Vesselovski (e que é objeto de crítica por Chklovski): “Par thème j'entends l'unité narrative la plus simple [...]” (apud Chklovski 1973:30). Talvez, portanto, algo mais próximo do que chamaremos, seguindo Tomachévski, de “motivo narrativo” (ver cap. 3 *infra*).

ainda a ser sintetizados. Esse caminho põe primeiramente em evidência a cristalização no clichê e no seu correlato, o *estereótipo* – também, se quisermos, no dizer de Gérard Genette (1982), o “palimpsesto” (uma literatura não apenas “em segundo grau”, mas aqui em terceiro, em quarto e aí por diante). No entanto, para que se compreenda o vigor da temática, não basta se ater apenas a esse núcleo, digamos, replicante de obras.

Assim procedendo num universo mais amplo (parte III, particularmente cap. 6), podemos encontrar motivos afins aos do vampiro, ou até os mesmos motivos que futuramente irão caracterizá-lo (tais como sedução, ataque no sono, vítima exangue), muito embora organizados de uma maneira... “não-vampiresca”, isto é: muitas vezes, *dissociados* entre si, não ordenados em torno de uma personagem, como no caso do vampiro.³⁹

Devemos então atentar para as funções narrativas, centradas em relações de vitimização e contra-ataque; o alinhamento de um modelo fabular (mais uma construção histórico-literária: num exemplo fácil, constatamos que o herói vingador, o caçador de vampiros, só se firma num segundo momento dos desenvolvimentos narrativos e dramáticos). Sob essa perspectiva, os escritores têm à disposição um enorme acervo de peças-chave e modos de armá-las – mas certos arranjos são mais utilizados do que outros. E mais: cada motivo narratológico, cada imagem poética se presta a diferentes empregos; o que perfaria no tempo uma sub-história desses motivos literários. Tentar trazer à tona alguns desses processos e valorar seu papel é o horizonte de minha pesquisa.

Um número considerável de elementos e modelos que entraram em jogo não são, é claro, de exclusividade do vampiro, mas comuns a boa parcela da literatura ocidental. Lemos de amantes que prendem seus amados por um misto de sedução e poderes mágicos desde a Circe homérica. A revelação surpreendente da verdadeira natureza de uma personagem já foi assunto para Aristóteles em sua *Poética*. Assim também tiveram a mais diversificada expressão alguns dos motivos e imagens que ajudaram a situar literariamente o vampiro, como da lua; do amor proibido; do oponente ambíguo: elementos encontrados, de maneira isolada ou combinada, virtualmente em toda parte. Nenhum desses é exclusivamente peculiar ao vampiro, embora sejam recorrentes nele. É na medida que a obra se conforme mais ou menos a certas associações de motivos e imagens, a certos modelos narrativos, que a figura do vampiro se destaca ou não nela. Assim se explica que, numa massa enorme de escritos, possamos reconhecer o vampiresco seja mais difusamente (quando o texto em questão lança mão de apenas alguns daqueles elementos,

39 Ver, *infra*, cap. 6, ítem “Motivos dispersos (antes: diversamente organizados)”.

ou os dispõe de maneira menos tradicional), seja, quando se atém de perto aos modelos consagrados, no clichê.

Os modelos não são herdados passivamente, como quem abriga uma *auctoritas*, mas vão-se construindo e enriquecendo ao longo da história literária. Para o vampiro, o período em que essas tramas e tópicos ganham corpo de forma mais contundente dá-se entre o Setecentos e o século seguinte. Ele vai se constituindo como um tema da criação literária no bojo de um movimento maior, de uma estética se o quisermos, e nutre-se do surgimento e desenvolvimento de diversos gêneros literários. A *gothic novel* e o melodrama, para citar apenas duas tradições de gênero, foram muito importantes para conformar o vampiro em um tipo literário, ao mesmo tempo que toda uma herança anterior ao período – no mínimo, os relatos que circulam desde o século XVII – não é simplesmente deitada fora, mas, ao contrário, mobilizada para engendrar novas possibilidades de coloração narrativa e poética.

Cap. 2
Projeções históricas e culturais

And what is Poetic Influence anyway? Can the study of it really be anything more than the wearisome industry of source-hunting, of allusion-counting, an industry that will soon touch apocalypse anyway when it passes from scholars to computers?

Harold Bloom, *The Anxiety of Influence – A Theory of Poetry*.

Nova York: Oxford U. P., 1973, p. 31

Plano do capítulo 2

Implicações de ler um conjunto enquanto uma série p. 37 – Arquivo de um caráter popular p. 38 – Pragmatismo e teoria dos conjuntos p. 42 – Ideologia e *práxis* tradicionalista p. 49 – Economia de um trânsito literário p. 51 – Tempo espelho p. 60

Implicações de ler um conjunto enquanto uma série.

No capítulo precedente, consideramos que o viés temático leva a ler textos localizados contra conjuntos de textos. Ao fazê-lo, mesmo que criticamente – questionando o princípio de atribuímos obras individuais a um determinado agrupamento –, postulamos que seja lícito aproximá-los mediante algum critério. Nem sempre os estudos sobre o vampiro dedicam-se a explicitá-lo satisfatoriamente, porém. Não é incomum sugerirem, às vezes afirmarem, uma “natureza” ou uma “origem” que bastaria para justificar a mútua afinidade entre os textos arrolados.

Há entretanto um segundo aspecto persistente em apreciações de grande abrangência do vampiro literário: um modo singular de dispor as obras tematicamente agrupadas. Ao lado da vigência de uma percepção desses textos como coletivamente constituídos em um corpo, há uma forte tendência de fazê-los derivar um do outro – isto é: de dispor o grupo como uma *seqüência* temporal ou causal e, mais do que isso, fazer dessa consideração o principal argumento analítico e interpretativo das obras abordadas:

No que interessa ao vampiro e à sua historiografia, essa tendência a traçar projeções no tempo e na cultura pode ser percebida sob pelo menos três importantes enfoques disciplinares: a história literária, os estudos folclóricos e a filologia. Este capítulo apresenta introdutivamente alguns exemplos relacionados a isso, de modo a sublinhar uma espécie de “lógica” na criação literária e numa determinada maneira de interpretá-la.

Não é casual que precisamente esses enfoques disciplinares se envolvam: no caso do vampiro e de seu trajeto na Europa moderna, o exame desse convívio entre literatura e ciências humanas ajuda a trazer à luz uma particular conformação histórica – se quisermos, uma estética. É nesse sentido que a discussão a seguir, extraída de Herder (pulso primitivista

em desdobramentos filosóficos e estéticos), pode ser usada para expor alguns processos pelos quais o vampiro foi moldado em um campo narrativo e simbólico.

O que aqui está em questão é o juízo de um dado material narrativo ou poético na qualidade de “popular” ou “primitivo” – categorias um tanto ambíguas que hão de ver-se conformadas num contexto teórico peculiar.

Arquivo de um caráter popular.

Muitos estudos folclóricos do séc. XIX – com diretas implicações sobre os juízos acerca do vampiro – repousam sobre um axioma metodológico análogo ao que exporemos a seguir e que foi professado por Johann Gottfried Herder (1744-1803). Interessa-nos, dele, uma série de textos impulsionados pela publicação, em tradução inglesa de James Macpherson, dos então divulgados poemas gaélicos de Ossian, bardo escocês que teria vivido no séc. III.¹

Nesses escritos, trata-se de reconhecer o valor inestimável da *Volkslied* – poesia e musicalidade imanente de um povo, expressão de sua natureza – como uma dádiva até então insuspeita, negligenciada pela cultura erudita. Arroga-se a ela agora um papel de renovação, nela vai-se descobrir uma base sólida e revigorante para a civilização moderna. Para Herder, tudo aquilo que os “primitivos” [*die Wilden*, os selvagens] querem dizer, sempre o dizem

[...] sensivelmente, de modo claro, observando vivamente: percebendo de maneira imediata e precisa a meta que têm ao falar: não [de modo] arruinado por conceitos-sombra, meias-idéias e entendimento letrado simbólico (para os quais não conhecem [sequer] uma palavra em sua língua, dado que quase não possuem [nomes] abstratos), por nada disso estragado: menos ainda por artifícios [*Künsteleien*]², expectativas servis,³ política assustadoramente escorregadia, e desorientadora premeditação – afortunadamente ignorantes de todas essas fraquezas de espírito, apreendem todo o pensamento com a palavra completa, e esta com aquele. Ou calam, ou falam no momento de interesse com uma firmeza não planejada, com uma certeza e beleza, que todos os doutos [*wohlstudierte*] europeus de todos os tempos precisam admirar e... deixá-los estar. Nossos pedantes, que precisam coligar tudo antes, e aprendê-lo de cor, e então balbuciar bem metodicamente; nossos mestres de escola, sacristãos, semi-cultos; apotecários e todos mais que passam correndo pela casa do culto e nada captam, a não ser por fim falando impropriamente, indefinidamente, como

1 Anteriormente a esta abordagem de 1773 (“Excerto de uma correspondência sobre Ossian e as canções de povos antigos”), Herder já havia publicado, a partir de 1769, duas resenhas críticas da tradução dos poemas ossiânicos para o alemão, em hexâmetros, por J. N. C. Michael Denis. Herder também quis traduzir ele próprio alguns dos poemas, partindo da versão inglesa.

2 Artezinhas [*lit.*], ... “artísticas”.

3 Mais literalmente, “própria de escravos” [*sklavische*].

os Launcelots, funcionários de polícia e coveiros de Shakespeare, como no último delírio agonizante –, o que seriam as tais pessoas cultas em contraste com os selvagens [*die Wilden*]? Quem ainda quiser encontrar dentre nós algo dessa firmeza, que não o procure nesses; ... quando o assunto é o que mencionei, [são] crianças não estragadas, raparigas [*Frauenzimmer*⁴], gente de bom entendimento natural, formada mais por atuação que por especulação, são esses, portanto, os únicos e melhores interlocutores de nosso tempo.

No velho tempo, porém, eram poetas, escaldos,⁵ os instruídos que mais sabiam conjugar justamente essa segurança e firmeza de expressão com dignidade, com consonância; e como houvessem se unido em estreita liga, não para se desorientar, mas para apoiar-se, ajudar-se mutuamente: assim surgiram aquelas obras que para nós são meio milagrosas [*halbe Wunderwerke*], as dos aedos, cantores, bardos, menestréis, como eram dos maiores poetas dos tempos mais remotos. As rapsódias de Homero e as canções de Ossian eram também de improviso [*Impromptus*], porquanto naquele tempo nem fosse possível falar em improviso⁶: a esses seguiram-se os menestréis, embora fracos e distanciados; ainda assim se seguiram, até que enfim chegou a arte e apagou a natureza. [Virou costume] torturar-se desde jovem para reconhecer em línguas estrangeiras quantidades de sílabas, que ouvido e natureza já não nos dão a perceber; trabalhar segundo regras nas quais um raro, um gênio, reconhece regras naturais; poetar sobre objetos que não se deixam pensar, muito menos *sentir*, ainda menos imaginar; artificar paixões que não possuímos – enfim tudo virou falsidade, fraqueza e artimanha. Até a melhor das cabeças estava desorientada e perdeu a firmeza do olhar e da mão, segurança de pensamento e de expressão: e com isso a verdadeira vivacidade e verdade e capacidade de penetração. – Tudo se perdeu.⁷

Encontramos nesses dois parágrafos uma série de juízos de grandes implicações – “As rapsódias de Homero e as canções de Ossian eram também de improviso”; “até que enfim

4 Ou, antes, “quarto das moças”, ou seja, tal círculo de conversação. É defensável entendê-lo também como “domésticas”, de acordo com a acepção 2) do dicionário da língua alemã de Jakob e Wilhelm Grimm [doravante DWB]: “coletivamente, as moças que lá [=no quarto] habitavam, a criadagem feminina, o séquito da patroa, assim como a ‘corte’ para os cortesãos, a ‘aldeia’ para os camponeses”.

5 *Skalden*, poetas da antiguidade que expressaram numa forma característica mitos germânicos, como dentre os nórdicos; o termo foi por vezes traduzido (mesmo em alemão) para “bardos” – opção inviável porque o texto menciona esse termo logo à frente, com uma especificidade diferente.

6 Na repetição da palavra *Impromptus*, um jogo entre o particípio substantivado (“o improvisado”) e a – douda – forma poética e musical (“o *impromptus*”).

7 “Auszug aus einem Briefwechsel über Ossian und die Lieder alter Völker”, publicado no volume *Von deutscher Art und Kunst – Einige fliegende blätter* (maio de 1773) [Herder 1993:445–497, aqui 472–473]. Quanto a Ossian, Macpherson publicara traduções, em inglês, de fragmentos e poemas isolados a partir de 1760; em 1765, traz à luz uma compilação, seguida em 1773 por nova edição revisada.

chegou a arte e apagou a natureza”; “artificializar paixões que não possuímos”; “todos os doutos europeus de todos os tempos precisam admirar e... deixá-los estar”. Talvez boa parte da dissertação a seguir seja, no fundo, um comentário a isso.

Herder atenta, em primeiro lugar, para a consonância entre espontaneidade e dicção. Trata-se de recuperar um poeta “de ouvido” e não provindo “da criação literária”.

Sem ajuizar o quanto teria de precursor e o quanto desenvolvido um pensamento corrente, o fato é que Herder detonou processos duradouros, e isso está longe de se restringir à sua recepção de Macpherson, embora esteja também aí expresso. Testemunha-o, numa carta ao amigo e editor H. C. Boie, o poeta alemão Gottfried August Bürger (1747-1794), que vinha então escrevendo uma balada engajadamente inspirada na “canção popular” (*Volkslied*), dela se aproximando em forma e argumento.

O tom desta peça [*i.e.*, a balada ‘*Lenore*’, do próprio] já se tornou tão estranho para mim, já me soa tão longe à distância, e tão obscuro, que eu mal posso seguir a julgar e decidir a esse respeito. – Aquilo que Herder despertou, aquilo que já há tempos emergira em minh’ alma também, agora a preencheu por completo e... ou não sei absolutamente nada sobre mim mesmo, ou [então] estou em meu elemento. Oh Boie, Boie, que deleite! quando descobri que um homem como Herder lecionava com mais clareza e distinção justamente sobre a lírica do povo, e assim da natureza, aquilo que eu obscuramente já há muito pensara e descobrira. Penso que *Lenore* deve corresponder em alguma medida à lição de Herder.⁸

O argumento de *Lenore* – um dos poemas reiteradamente arrogados para a então nascente tradição literária do vampiro – teria origem justamente na *Volkslied*.⁹ Leonor, a jovem noiva, está cansada de esperar pelo seu prometido, que partira para a guerra. Sobrevindo o armistício, ela não o encontra entre os soldados regressados. Terá quebrado promessa ou morrido? Ela perdeu as esperanças, quer abraçar a morte – “*lá é lá*” [*hin ist hin*]. A mãe a exorta a aceitar o que o destino lhe reservou, e a Deus, roga que lhe perdoe o pecado. Enfim Guilherme chega, sorrateiro, tarde da noite. Quer levá-la embora agora mesmo. A galope – “*hurra, hurra, hop hop hop*” – sobre um corcel negro e à meia-noite sob o pleno luar, o amado a levará a consumir a união, lá em sua cama “quieta, fria e estreita”, mas onde sim, ela há de caber, e junto dele. Já estão às portas do cemitério, pois “os mortos cavalam depressa”. Entretanto, sopra a

8 Carta de Bürger a H. C. Boie, 13 de junho de 1773 (Bürger 1835:465-466). Como se disse, a “peça” em questão é a sua balada *Lenore*, publicada no mesmo ano de 1773.

9 Como, no século seguinte, empenharam-se em demonstrar, entre outros, o pesquisador búlgaro Ivan D. Šišmanov (1894) e o eslavista alemão Wilhelm Wollner (1882); ver também Nelva 2007.

brisa matinal, sobrevém o canto do galo. Assim surpreendida, desfaz-se em pó a arrebatadora assombração; o cavalo afunda na terra lançando faíscas de fogo. A moça é cercada por espíritos que lhe comunicam: se do corpo ela já se livrou, que Deus tenha piedade de sua alma.

Do poema, muito significativa é também a forma escolhida. Alguns poetas alemães das décadas vinham realizando (desde Gleim¹⁰) experimentos a partir da forma “inculta” da balada popular (*Volksballade*); ganha então relevo a distinção entre esta e a expressão artística (*Kunstballade*). À última, dá-lhe impulso o interesse pela poesia oral (aqui já exemplificado no apelo de Herder), que deve muito à então recente coleta e publicação de canções antigas, como as inglesas por Thomas Percy (*Reliques of Ancient English Poetry*, 1765).¹¹

Bürger haverá de se tornar um nome de relevo para a *Kunstballade*, que está ligada ao ambiente do *Sturm und Drang*. Em sua *Lenore*, ele emula elementos populares, como a recorrência de estribilhos, mas vale-se deles de uma maneira claramente “artística” (para usar do mesmo exemplo: os estribilhos vão sofrendo, ao longo do poema, variações que amplificam a força de suas imagens¹²). Também artisticamente elaborados em “popularescos” são o ritmo, em versos e pés bem marcados, e a dicção, permeada de onomatopéias e aliteraões.

O juízo de Herder quanto à artificialidade dos poetas de seu tempo recaía principalmente sobre a *matéria* e seu *tratamento*. No tema, na estrutura estrófica e no metro, Bürger quer secundar com arte essa demanda. Uma passagem de Herder nos leva a crer que tal esforço teria sido reconhecido.¹³ Ressaltemos, deste, a crítica enfática ao ritmo: conformar o vigor espontâneo de Ossian a uma tradução em hexâmetros,¹⁴ por exemplo, é perverter

10 O mérito de sua *Marianne*, de 1756, é resgatado nesse contexto por Herder, no mesmo “Briefwechsel über Ossian” (Herder 1993:492-493).

11 Note-se que, a despeito de sua recepção posterior, Percy não considerava essas canções obras populares ou coletivas.

12 “*Sieh hin, sieh her! der Mond scheint hell. / Wir und die Todten reiten schnell*” (vv.133-134) – “*Graut Liebchen auch? ... Der Mond scheint hell! / Hurrah! Die Todten reiten schnell / Graut Liebchen auch vor Todten?*” (vv. 157-159).

13 Como o dirá em 1777, em seu “Von Ähnlichkeit der mittlern englischen und deutschen Dichtkunst” (“Da semelhança entre as artes poéticas médias inglesa e alemã”): “Se Bürger, que conhece profundamente a língua e o coração dessa emoção popular, desse-nos eventualmente uma canção heróica ou de gestas alemã, cheia de toda a força e de todo o andamento dessas pequenas canções: vós alemães, quem de vós não acorreria, escutaria e se admiraria?” (Herder 1993:559).

14 Como fez Denis em sua tradução alemã, de cuja recensão Herder parte para depois tecer uma consideração geral da questão. Em seu dizer, confrontadas com as canções em sua forma original, os poemas reduzidos à métrica grega são como “flores pintadas e aromatizadas de papel, contra aquela viva, bela e florescente filha da terra, a emanar na montanha selvagem” (DA 1, nr. 111, p. 277 *apud* Grimm in Herder 1993). Ver, para essa remissão e um quadro geral da recepção herderiana dos poemas de Ossian, o “Überblick” de Gunter Grimm, editor do volume que contém *Von deutscher Kunst und Art* (Herder 1993:1106-1131).

a sua natureza, deliberadamente jogar fora o que lá era característico e que forneceria, para nós modernos, a contribuição mais preciosa.

Em tempo: já à época fora provado que os poemas de Ossian eram na verdade fruto de uma felicíssima falsificação – ou, no mínimo, uma mistificação – do pesquisador e “tradutor” James Macpherson.¹⁵

Um duro golpe para o juízo de Herder? Talvez. Mas, no contexto ampliado, paradoxalmente ou não, o pensamento herderiano – e sua recepção – não se vê por isto diminuído. O impacto de Ossian sobre Herder foi um marco importante na evolução desse pensamento; uma instância (para ele) palpável onde firmar suas idéias, para em seguida fazê-las abarcar teoria da origem e do progresso humanos. Seu argumento, de que é preciso recuperar a espontaneidade do espírito, será integrado a uma filosofia da linguagem e a uma poética, conjugadas à história e à antropologia.¹⁶ Nas canções populares, nos contos de fada, eis o *arquivo de um caráter popular*; os diferentes gêneros literários são expressão deste. Herder vê na canção recolhida junto do povo, uma criação coletiva (portanto dele representativa), elementos para reconstruir a história da literatura e da própria língua.¹⁷ Um povo é, portanto, indissociável de sua poesia. Esta, além de ser a sua *língua primeira*, é aliás o que lhe é mais peculiar, é a sua *natureza*. Povo, língua e poesia: a base primordial que um dia desembocará no caráter nacional.

Pragmatismo e teoria dos conjuntos

Atentemos agora para como um princípio semelhante ao expresso por Herder guia o influentíssimo folclorista finlandês Antti Aarne (1867–1925), aqui em seu primeiro trabalho publicado (*Pesquisa comparativa da ‘Märchen’*, 1908):

Sendo-nos possível purificar uma narrativa das alterações e amplificações sofridas em sua caminhada, e daí deslindar a forma original da *Märchen* [*i.e.* ~ do conto “maravilhoso/popular”], com isso incidirá luz também quanto ao seu local de origem [*heimat*] e quanto

15 Inclusive, dentre outros, por Samuel Johnson, que não poupou sequer a qualidade literária ali forjada. Como se disse, os poemas em questão foram publicados em série, ao longo de anos. Nesse ínterim, Macpherson foi inclusive agraciado, para dar continuidade às pesquisas, por financiamento obtido junto ao Comitee of the Highland Society of Scotland. Comunicado a mim pelo colega de DTLIC Thiago Rhys Bezerra Cass, que elabora tese de doutoramento sobre o assunto. Dele, vejamos-se “algumas palavras” introdutórias à sua tradução de dois poemas ossiânicos (Bezerra Cass 2011:255–257). Ver também o capítulo de Hugh Trevor-Roper sobre “tradições” escocesas em Hobsbawm & Ranger, *A invenção das tradições* (2008).

16 Em livros como *Kritische Wälder; Ensaio sobre a origem da linguagem; Também uma filosofia da história para a formação da humanidade*.

17 Ver o anteriormente citado “Ähnlichkeit der mittleren...”.

aos caminhos que traçou, e possivelmente obteremos ainda indícios sobre sua época de criação.¹⁸

O axioma, tomado em seu propósito e mantida a condicional – *se* conseguirmos depurar a *Märchen*; *se* encontrarmos sua forma original etc. – enfim, satisfeitas as condições, pode se provar metodologicamente valioso.

Contudo, para demonstrar a satisfação destas, atravessam-se outras construções ideológicas como “lar” [*heimat*], “purificar” [*reinigen*], para não dizer elementos que não consideramos essenciais à natureza *narrativa* [cf. *erzählung*] do discurso que buscamos elucidar. De saída, Aarne atribui um sentido muito preciso ao decorrer de mudanças, prolongamentos e migração [*änderungen und erweiterungen... die sie in ihre wanderung betroffen haben*]: são compreendidos como agentes – e sinais – do turvamento de uma realidade de que só nos restaram indícios [*fingerzeige*].

(Quanto aos indícios que concernem à presente dissertação, ao contrário, a maior valia do método proposto por Aarne será uma prova negativa, isto é, em mostrar por que, em sentido estrito, o “tema do vampiro” só existe *no caminho* e não *na origem*, entendida tanto temporalmente como cultural-geograficamente.¹⁹)

A primeira consequência – para nós, de grande benefício – desse axioma ao comparatismo de Aarne está expressa no mesmo prefácio, pouco adiante: a valorização, em qualidade e abrangência, de acervos etnográficos como universo a ser explorado e compreendido.²⁰

Nesse seu primeiro estudo, Aarne coliga ocorrências em torno de três narrativas modelares.²¹ Poucos anos depois, dá vazão à metodologia proposta e publica o trabalho pelo qual irá se tornar mundialmente conhecido, o *Índice de tipos dos contos populares* (*Verzeichnis der*

18 Antti Aarne, prefácio à *Vergleichende Märchenforschung* (Aarne 1908:iii). Por decisão do autor, o livro foi publicado em alemão com tradução de Gustav Schimdt a partir do manuscrito finlandês: “De início, tinha em vista publicar minha pesquisa em língua finlandesa, e em conformidade a isso dirigi-me à colição do material. O trabalho no manuscrito já estava quase concluído, quando decidi publicá-lo em alemão” (*ibid*, p. vi). (Essa decisão de Aarne envolve aquilo que, na parte IV da presente dissertação, é chamado de condições de produção/circulação do discurso. Tivesse sido publicada na língua da redação original, à pesquisa corresponderia a um campo muito mais limitado de discussão).

19 Daí reconheço compartilhar com tal princípio de Aarne um vocabulário – caminhos, *form des märchens* – e também a pergunta pela temporalidade desse vir-a-ser [cf. *entstehungszeit*], porquanto o que lá mova a isso é compreender determinados pontos numa linha do tempo; aqui, além destes, mudança e duração.

20 Após fazer ao menção a outros estudos, como de Polívka, e problematizá-los quanto a barreiras linguísticas e materiais (Aarne 1908:iv-v).

21 A *Märchen* do anel mágico; os três objetos mágicos e os frutos maravilhosos; a *Märchen* do pássaro mágico.

Märchentypen, primeira edição em 1910).²² Aarne fará sua contribuição na forma de um sistema de ordenação [*Einteilungssystem*] que dispõe os componentes mediante categorias correlacionadas: os tipos de narrativas [*Märchentypen*].

Aarne reconhece a incompletude do trabalho nesse estágio, e propositadamente deixa números em aberto, prevendo que haverão de ser preenchidos no futuro.²³

Aí está: o princípio ordenador *precede* o material; em alguma medida, ele pretende espelhar o mundo antes mesmo de mirá-lo. Pôs-se em movimento uma pulsão lógica poderosa. Uma narrativa adquire a validade de um tipo,²⁴ princípio ordenador de um agrupamento por contraste ao qual as demais narrativas serão percebidas como *variantes*.

Aarne então se pergunta pela possível utilidade de um impulso analítico que vá ainda mais longe: ordenar o material não segundo narrativas típicas, como fez, mas segundo seus componentes estruturantes, isto é, episódios e motivos.

Naturalmente, também seria cogitável elaborar um índice sistemático dos episódios e motivos individuais, embora isso houvesse de ocasionar uma tal fragmentação de todas as narrativas [*Märchenerzählungen*], que o pesquisador teria tirado muito menos proveito do índice. Não obstante, fomos forçados em alguns casos a afastar-nos do método empregado [...] Por isso tudo, surge uma certa inconseqüência, mas, tomado do ponto de vista da utilidade prática – atenção principal a orientar a construção do sistema de ordenação –, esse procedimento provou-se o mais recomendável.²⁵

Notoriamente, quem se lançará ao tal aventado índice de motivos é o herdeiro intelectual de Aarne, o folclorista estadunidense Stith Thompson (1885–1976). É por aí, aliás, que Thompson buscará contornar o dilema lógico que atrapalhava a consistência sistêmica de

22 O livro foi editado pela então recém-fundada Folklore Fellows, cujos propósitos incluem expressamente “catalogar materiais” (Aarne 1910:ii).

23 “[...] möchte ich zu Anfang bemerken, dass dieses Verzeichnis in seiner gegenwärtigen Form keinen Anspruch auf Vollständigkeit erhebt. [...] Doch soll das Verzeichnis in Zukunft vervollständigt werden. [...] An vielen Stellen sind Nummern für neue Typen freigelassen worden, und damit diese einen möglichst passenden Platz erhalten können, hat die Auslassung von Nummern überall da stattgefunden, wo eine grössere oder kleinere Märchengruppe abschliesst, bisweilen auch mitten in der Gruppe. [...] Sollten im Laufe der Zeit hier und da mehr neue Typen hinzukommen, als für dieselben Raum gelassen ist, so bleibt der Ausweg, dieselbe Nummer durch Zusätze zu vervielfältigen [...]” (Aarne 1910:iv).

24 Do nosso ponto de vista, conviria atualizar-lhe a terminologia: *protótipo*, face ao qual outros elementos serão relativamente dispostos (cf. Mari 1997). Parece-me, aliás, que uma questão problemática em Aarne reside exatamente no embaralhamento dos conjuntos, na falência de uma hierarquia cumulativa mais sólida.

25 *Ibid.*, v-vi.

Aarne.²⁶ Em realidade, embora atinja um maior detalhamento, parece-me que o esforço de Thompson nem assim consegue fugir a um problema de mesma natureza.

O que fundamenta, em última instância, a passagem de determinado elemento (digamos: o morto sanguessuga) de variante a tipo, de caso particular a entrada de verbete? E quais os princípios a reger o agrupamento de elementos distintos?

Em Thompson, são assim declarados:

The work here presented is an attempt at such classification. In preparing it I have had in mind above all the practical need of using simple principles that will be easily apparent to everyone. According to this plan, motifs dealing with one subject are handled together, irrespective of the literary form in which they may appear. No attempt has been made to determine the psychological basis of various motifs or their structural value in narrative art, for though such considerations have value, they are not, I think, of much practical help toward the orderly arrangement of the stories and myths of a people.

*The present problem of classification is analogous to that of the books in a great library [...] The orderly listing of narrative motifs is likewise best accomplished by the simple and usually easy method of placing together all which deal with the same subject.*²⁷

Não há nada menos auto-evidente do que esses princípios de alegada simplicidade. Vejo preliminarmente duas questões de relevo: i) O que é *subject* (“assunto”), na qualidade de um atributo do motivo? ii) O que lhe confere *unidade* (*one subject*)? O tal *same subject* que religa diferentes materiais não emerge de sua natureza, mas é algo construído pelo catalogador.

Tanto em Aarne quanto na reelaboração de Thompson, temos um quadro assim ordenado:

particular (variante)

|

ordem, agrupamento

|

escopo universal

A eleição de *um elemento* (uma narrativa em Aarne; um *motif-subject* em Thompson) para representar *um grupo*; mais a expansão desse princípio de ordenação para alcançar validade universal – esses trânsitos inter-hierárquicos trazem uma série de desafios ao sistema de classificação.

²⁶ Uma narrativa é elegida para protótipo; mas, no entender de Thompson, a representatividade dessa escolha foi minada, até pelo limitado material de consulta: “*Outside of Europe, however, Aarne’s index is of little use [...] Yet there is much common matter in the folk-literature of the world. The similarities consist not so often in complete tales as in single motifs. Accordingly, if an attempt is made to reduce the traditional narrative material of the whole earth to order (as, for example, the scientists have done with the worldwide phenomena of biology) it must be by means of a classification of single motifs – those details out of which full-fledged narratives are composed*” (Thompson 1955:10).

²⁷ Thompson 1955:10.

Não é difícil reconhecer, em tantos estudos sobre vampirismo, um procedimento semelhante a esse, especialmente quando focam o folclore e a *Stoffgeschichte*. “Vampiro” vira uma espécie de *primus inter pares* das assombrações corpóreas do além-túmulo; uma representação simbólica localizada – digamos, o *vieszy* cachúbio – é identificada ao vampiro, e a partir daí sempre explicada a partir dessa identificação, a rigor, exterior às representações folclóricas elas mesmas. Já quanto à visada “universalidade”, sua expressão acabada dá-se quando o vampiro é considerado como arquétipo, isto é, como um dado imanente ao imaginário humano em suas diversas culturas e sociedades: esquecendo-se que tal identidade foi armada ao longo de processos históricos e culturais e que esta, ao ser admitida, altera completamente o modo de apresentação dos conteúdos.

O pressuposto é de que a *totalidade dos casos* seja *passível de uma redução aos elementos eleitos em categorias*, ainda que o estágio atual da pesquisa não o tenha realizado.²⁸ Um sistema que de partida almeja à completude (mesmo que não esteja materialmente preenchido, como na reserva futura de números em Aarne 1910) jamais deixará uma narrativa sem resposta.

Em resumo: o *princípio de individuação*, fundamento axiomático para a classificação sobre ele erigida, não é um dado objetivo, muito menos isento de incongruências e contradições. Também por isso, o recurso ao catálogo não basta para comprovar a qualidade *popular* ou *folclórica* de um material: sua expressão na forma de narrativa, balada, canção, poesia (certas interpretações folclóricas podem também inferir daí usança, crença etc.). Ainda que isso esteja menos presente na obra de Aarne e de Thompson do que no recurso que dela fez a pesquisa posterior, este é o passo dado em muitas leituras folclorizantes do vampiro: unificar e homogeneizar representações diferentes sob um mesmo nome ou identidade (ver capítulo 5 *infra*).

Na práxis científica que se seguiu ao trabalho desses autores, o sistema classificatório de fábulas e motivos passou a ser tomado como uma realidade em si. Os “propósitos práticos” a

28 Em defesa de sua própria coerência, e às vezes ultrapassando os limites metodológicos de base expressos nos respectivos prefácios, os índices de Aarne e de Thompson lançam mão de diferentes estratégias. Se necessário, o escopo universalista (“reduce the traditional narrative material of the whole earth to order”) não hesita em recorrer às categorias mistas: aos “outros”. Para usar da imagem de Thompson, nessa biblioteca sempre haverá prateleiras vagas, prontas para acomodar aquilo que não couber nas estantes mais coesas.

As incongruências podem ainda ser contornadas por decomposição ou por sinonímia. Pela sinonímia, podem-se unir dois ou mais conteúdos distintos, em função de uma determinada proximidade semântica (num exemplo hipotético, “vampiro” e “zumbi”, via “morto vagante nocivo”). Pela decomposição: na medida que uma narrativa não se conforme a um protótipo motivico único, ela será aproximada ou cruzada com outro, a depender do caso, com um terceiro e um quarto, até que todas as partes nas quais foi analisada sejam redutíveis à grade – mesmo que isso resulte em um construto que já tenha pouco a ver com a narrativa de que se partiu.

religar o sistema – declarada e repetidamente professados por Antti Aarne e depois por Stith Thompson – acabaram por fazê-lo *transcender seu próprio objeto*.

Com tudo isso em mente, não é de surpreender que a revisão de 1955 do *Motif-index of folk-literature* de Thompson – tida como referência em termos de classificação de motivos narrativos populares – liste no verbete E251 (“*Vampire*”) ocorrências que não são atribuíveis senão muito problematicamente a “vampiro”²⁹ ou, de outra parte, a “folclórico”. Com efeito, o exame detido do verbete e dos motivos abrigados sob o mesmo revela arbitrariedades que o põem em xeque.³⁰

29 Tais como “planta-vampiro” nos EUA, “vampiro com face de elefante” na Índia ou espíritos dos mortos na Roma antiga (cf. Jobbé-Duval 2000 [1ª ed. 1924]) etc.

30 **Questiono a qualidade e o objeto** das fontes mobilizadas em Thompson 1955. Quanto à qualidade, deveríamos passar em exame perguntas como: as obras referidas trazem resultados/elaborações de pesquisas de campo? Estão baseadas em levantamentos etnográficos ou limitam-se a reproduzir resumos generalizantes de fontes publicadas alhures (“livrescas”)? Quanto ao objeto: a respeito de que culturas/sociedades tratam as obras indicadas? – Como fenômeno da cultura não letrada, o vampiro concerne antes de tudo a certas populações eslavas, defensavelmente também centro-europeias (e, para alguns estudiosos, eventualmente nórdicas). A remissão a universos simbólicos totalmente estranhos a esse contexto (China; Indonésia; Nova Guiné Alemã) mais embaralha do que esclarece a “focloricidade” da representação que se quer detalhar.

O verbete principal (E251) baseia-se em 26 referências bibliográficas. Por economia, vamos considerar primeiro o quesito de seus respectivos *objetos* antes de nos perguntar pela *qualidade* do material referido. (Isto pressupõe, de nossa parte, que deliberadamente deixamos para um segundo momento a consideração de algo como um “arquetipo” ou “esquema mental” subjacente seja a vampiros folclóricos eslavos seja a outras representações a ele aproximáveis ao redor do mundo. Nossa pergunta de base é pela *justificação etnográfica* do verbete “E251 – Vampiro”, que deveria anteceder uma sua eventual generalização para o domínio do pensamento e da produção simbólica humana.) Bem, os estudos referidos por Thompson que concernem primariamente as culturas em questão (aí incluindo populações não eslavas que merecem ser investigadas, como germânicas, gregas e lituanas) são em menor número do que as suas sublimações/analogias pelo mundo afora. Dentre aqueles casos mais pertinentes, então, examinemo-lhes a qualidade: os trabalhos baseados diretamente em pesquisas de campo mal chegam a cinco.

Quanto ao detalhamento dos motivos associados (p. ex. “E251.1.1. *Vampire’s power overcome by endurance and prayer*”; “E251.3. *Vampires eat corpses*” etc.), novamente, os motivos que costumam ser reportados em narrativas prelevadas diretamente junto às populações que concernem primariamente a vampiros são em bem menor número do que outros, estranhos àquelas. Quanto aos motivos desse ponto de vista mais pertinentes, a bibliografia indicada recai naquele mesmo problema – reporta-os junto a culturas que não concernem aos vampiros folclóricos em sentido estrito (Índia, Japão, Nova Inglaterra), em vez de fazê-lo p. ex. por referência a populações balcânicas ou centro-europeias.

Em conclusão, o “vampiro” que está representado no verbete de Thompson só o é em sentido figurado (sobretudo por analogia), o que pressupõe a aceitação tácita de sua polissemia. Isto desautoriza o emprego do verbete na condição de *demonstração* de uma pertença popular primeva.

Provavelmente, a razão que levou Thompson a listar sob o guarda-chuva do vampiro tantas ocorrências diversas ao redor do mundo é o largo repertório de acepções admitidas pelo termo. Mas tratar a universalidade do vampirismo como um *dado* é não perceber que tal generalização é fruto de processos históricos, culturais e literários por meio dos quais o vocábulo pôde adquirir uma fluidez semântica extraordinária, passando a ser utilizado figuradamente para designar uma multiplicidade de coisas e situações. Portanto, nesse contexto ampliado, já não estamos autorizados em falar em “folclore”. O vampiro foi dessa forma projetado em culturas e sociedades nos cinco continentes (África, Ásia, Novo Mundo), como se lá se encontrasse de fato.³¹ Se nos detivéssemos no sentido figurado, ou em constatar a efetiva fluidez das acepções admitidas por “vampiro”, mal nenhum. O verdadeiro problema começa quando essas projeções sobre os mais variegados universos culturais passam de analogia a premissa, e a partir dessas associações extraem-se conclusões sobre “o vampiro ele mesmo” (e não sobre outras representações figuradamente evocadas pelo vocábulo).

No plano geral, outro limite da aproximação thompsoniana deve-se à equiparação entre materiais de natureza muito diversa, tais como *exempla* e romances medievais, que aqui se vêem completamente indiferenciados do conto popular oral.³² Vale dizer: como se o componente *textual* de tais composições (estético e retórico) não jogasse aí qualquer papel, muito menos de preponderância. Os *tópoi* e motivos de uma dada narrativa serão então entendidos apenas na qualidade de *pertença derivada* a partir de uma ou mais narrativas ancestrais e originais (releia-se o primeiro passo aqui citado de Aarne) – se quisermos, de um *Urmythus*. O próprio Thompson o admite: “*How far an expansion of the type-index may permit a cataloguing of such partly literary forms as the exemplum and the fabliau, only experiment can tell*”.³³ No longo prazo, tais conseqüências parecem tão ou mais perturbadoras do quadro a decifrar. Quanto à percepção do vampiro pelo menos, o experimento resultou num peculiar enviesamento do olhar investigativo. Expressões literárias são utilizadas para delinear uma (construída) simbologia a religar diferentes imaginários populares. Parte da literatura é postulada como expressão derivada da oralidade.

A simples remissão a um ou mais motivos dentre os repertoriados no esquema Aarne-Thompson não pode bastar para explicar, sem mais, uma determinada narrativa como

31 Respectivamente, p. ex. nos motivos E251.2.3; E251.3.4; E251.5 (Thompson 1955).

32 Cf. o subtítulo da obra de Thompson: *A classification of narrative elements in folktales, ballads, myths, fables, mediaeval romances, exempla, fabliaux, jest-books and local legends*.

33 Thompson 1955:9n.

“folclórica”. Acredito haver mais de uma razão para tanto: em primeiro lugar, porque em si o motivo não faz a narrativa. Sem uma palavra sobre o tratamento, o motivo não nos diz muito sobre como a narrativa se encadeia, como ela opera discursiva ou esteticamente. Não diremos que a *Commedia* de Dante é “folclórica” só porque encontramos, no *Motive-index* de Thompson, numerosas entradas afins a certos motivos centrais por ela mobilizados (na classificação thompsoniana, como anota Le Goff, entre F0 e F199³⁴).

Ademais, há um grande número de motivos compartilhados entre tradições orais e letradas. Assim sendo, não basta que tal e tal motivo seja encontrado, digamos, na poesia greco-romana e também, em determinado país, na cultura oral: se o motor que motivou e estruturou uma dada criação literária foi uma tradição letrada, qual o sentido em se dizer que o texto é de raiz folclórica? (Esse pode ser um tipo de questionamento segundo o qual já não interessa a pergunta um tanto obsessiva pela “pureza” da narrativa, como a coloca Aarne, tomado de certo espírito positivista.)

Embora tanto Aarne quanto Thompson reconheçam limites nas premissas mesmas de sua sistematização (“certa incoerência” relegada em favor de “propósitos práticos”), a repetida inobservância ou transgressão desses limites perpetua uma incidência viciada,³⁵ que demanda uma nova aproximação crítica. No que toca particularmente às pesquisas sobre o vampiro, essa exigência parece ter sido pouco atendida.

Ideologia e práxis tradicionalista

Para Herder e uma corrente de pensamento que se desenvolve com referência a ele, o estudo da canção popular – “arquivo de um caráter popular” – ilumina uma senda que conjuga a reconstrução dos trajetos históricos de um povo, de sua língua e de sua literatura. Ao longo do séc. XIX, essa orientação se desdobrará em inumeráveis estudos filológicos e folclóricos. Vamos considerar agora, no que interessa ao vampiro, um caso-limite de reconstrução histórica operada pela filologia.

34 Le Goff, ao articular “aspectos doutos [*savants*]” a este, reconhece um *caráter popular* permeando um *corpus* de obras literárias medievais que tematizam a “viagem ao outro mundo” (entre elas a *Commedia*), recorrendo, para tanto, exatamente ao catálogo de Thompson: “*Mais ils sont proches aussi de la culture populaire. Le critère de la présence d’éléments importants de ces textes dans les catalogues et répertoires du folklore le montre*” (“Aspects savants et populaires des voyages dans l’au-delà au Moyen Âge”, in Le Goff 1991:103-119, aqui pp. 110-111).

35 No exemplo mais banal, saca-se uma numeração *AT* (Aarne-Thompson) qualquer na condição de *prova* da natureza “popular” de determinada fábula ou motivo – não atentando para o fato de que peças literárias (*fabliaux*, *exempla*, romances medievais) foram experimentalmente introduzidas no *corpus* de Thompson sem que essa relação mal fosse posta em questão.

Em 1817, numa visita a Königinhof (Dvůr Králové), uma vila no nordeste da Boêmia, o então jovem filólogo Václav Hanka (1791-1861) ganhou acesso, por meio de um vigário, a um manuscrito do séc. XIII, o *Mater verborum*. Trata-se de uma cópia (datação estimada: 1240) de um glossário primeiramente elaborado no séc. X. Seu principal interesse estaria nas belas iluminuras e, mais ainda, numa série de glosas em escrita cirílica, as quais justificaram a publicação de um estudo a seu respeito em um livro do eminente eslavista Pavel Jozef Šafařík (1795-1861), *Os mais antigos monumentos da língua boêmia*.³⁶

Em suas glosas, o manuscrito traz três ocorrências do vocábulo *vl'kodlak* – na simbólica eslava meridional, “vampiro” ou “lobisomem” – ligadas a um grupo coeso de caracterizações do incubo, o qual vigorava desde Agostinho e Isidoro de Sevilha (ver cap. 6, *infra*):

vl'kodlaci, **vilkodlaci**, incubi, siue inuidi, ab inuiando passim cum animalibus, unde et incubi dicuntur, ab incubando homines h. e. stuprando, quos romani faunos ficarios dicunt. 149. *Nom. pl. von vl'kodlak*. — **vlicodlaci**, incubi, sepe improbi existunt etiam mulieribus et earum peragunt concubitum, quos demones galli dusios nuncupant. 256. — *vl'kodlak*, **vilcodlac**, faunus pici filius. 113.³⁷

O glosador teria nos legado, portanto, o testemunho arcaico de um vocábulo pertencente ao campo semântico do vampiro, empregado em um contexto perfeitamente coerente. Quantas conseqüências não foram daí extraídas? Considerada a datação do manuscrito, o vampiro eslavo teria sido aqui precocemente identificado a outras criaturas lendárias, caracterizadas sobretudo pela sedução demoníaca e parasitária.

A maior parte dos pesquisadores contemporâneos do vampiro descarta a apreciação deste documento pelo simples fato de a glosa ser mais uma das notórias falsificações de Václav Hanka. (E, dentre elas, nem de longe a mais importante.³⁸) O “glosador”, como se comprovou depois, tinha sido o próprio filólogo, o qual, ao pôr em prática seus ideais nacionalistas, adulterou um belíssimo códice datado efetivamente do séc. XIII... mas que jamais havia trazido qualquer referência a vampiros ou *vl'kodlaci* que fossem.

36 “[...] um exemplar do grande *Dictionarium universale*, também chamado *Mater verborum*, o qual foi redigido, em seus primeiros anos como abade de St. Gallen, pelo bispo de Constança, Salomão, morto no ano de 920” – Václav Hanka, “Glossen der Mater Verborum”, in: Šafařík, Pavel Jozef & Palacki, Franz (orgs.), *Die ältesten Denkmäler der böhmischen Sprache*. Praga: Real Sociedade Boêmia de Ciências, 1840, pp. 205-233.

37 *Ibid.*, p. 229.

38 Para uma síntese de sua dúbia trajetória científica, ver Mann, “Václav Hanka’s Forgeries” in: *The Slavonic and East European Review*, Vol. 36, No. 87 [jun. 1958], pp. 491-496.

Parece, ao contrário, que o caso deva permanecer no horizonte, justo por ser representativo daquela lógica aglutinadora e forjadora do passado, que busco aqui ilustrar e que está intrinsecamente ligada à constituição do tipo literário do vampiro. Hanka não é um falsificador qualquer, mas um filólogo de grande erudição. Sua atuação, ao lado de outros competentes estudiosos comprometidos com a ideologia pan-eslavista, embaralhou a historiografia tcheca por décadas a fio. Note-se: as instâncias do *Dictionarium* escolhidas para a inserção do termo *vl'kodlak* são mais do que precisas, são trechos que tematizam figuras em dado momento associadas, artificialmente ou não, ao vampirismo (cf. caps. 6 e 7, *infra*). Trata-se de uma falsificação extremamente verossímil, desde que não se tivesse examinado a tinta das glosas, que terminou por denunciar-se.

Economia de um trânsito literário.

Não raro, as apreciações genealógicas do vampiro inferem entre os textos – e mesmo entre esses e a oralidade –, um elo causal que nem sempre está lá, ou no mínimo que não foi suficientemente problematizado. Mas: até onde é possível sustentar o contrário, isto é, que não se deva proceder assim? Da gigantesca massa de textos no entorno da temática literária do vampiro, há algumas obras exemplares no sentido de trazer à tona uma tendência historicista na compreensão deste *corpus*. Vamos a alguns casos centrais, por ora sem tocar na questão do trânsito entre oral e escrito e vice-versa.

A *entrée* do vampiro ficcional no cenário europeu costuma ser marcada pela publicação, a 1º de abril de 1819, do conto “The vampyre – A tale by Lord Byron”, no periódico londrino *The New Monthly Magazine*.³⁹ Sucesso estrondoso. Ato contínuo, o conto é repetidamente traduzido e publicado no Continente, e mesmo Goethe reconhece nesta

39 A bem da verdade, não se trata do primeiro tratamento ficcional em absoluto do vampiro, uma vez que dispomos de registros de algumas narrativas, p. ex. de língua alemã (*apud* Schroeder 1973:210n; cf. bibliografia de Sturm & Völker 1994 [1ª ed. 1968]), que já o teriam assim explorado anteriormente: Theodor (*alias* Ignaz) Ferdinand Kajetan Arnold, *Der Vampir* (Schneeberg: 1801, 3 vols.) e Müller, *Der Vampir oder die blutige Hochzeit mit der schönen Kroatin. Eine sonderbare Geschichte vom böhmischen Wiesenpater* (Erfurt: 1812), esta já referida – mas tampouco acessada – por Hock (1900:108n). Nenhum dos pesquisadores por mim consultados teve oportunidade de examinar tais obras, que até o momento aparentam terem-se perdido. Além delas, e também unicamente referidas, haviam sido levadas a público pelo menos duas óperas italianas (*Il vampiro*, “drama lírico”, De Gasparini, 1801 e *I vampiri*, Silvestro Palma com libreto de Giuseppe Palomba, 1812). Contudo, a despeito disso, do ponto de vista da relevância de sua repercussão, há pouca dúvida de que a publicação do conto inglês “The vampyre” provou-se uma ocorrência determinante para o futuro imediato do vampiro ficcional.

uma das melhores realizações de Byron.⁴⁰ A narrativa passa a integrar diversas edições das obras completas deste que era – e ainda é – considerado um pináculo da poesia romântica inglesa, até por sua figura pública afeita às polêmicas ruidosas. Mas o conto não foi escrito por Lord Byron. Devemos ao que se poderia chamar de falta de escrúpulos do editor e proprietário da revista essa atribuição espúria,⁴¹ que findou com a autodemissão do editor-adjunto, em protesto. O verdadeiro autor do conto era John William Polidori, um médico que pertencera ao círculo de amizades do famoso poeta e que se valera, como ponto de partida, de um esboço de narrativa que teria sido rascunhado por Byron numa ocasião em que os dois se encontravam, junto com outros amigos, numa temporada à beira do lago Léman, poucos anos antes. Com a publicação apócrifa, tanto Polidori quanto Byron se apressam em desfazer o equívoco, sem muito sucesso.

O impacto do conto, e de seu vampiro Lord Ruthven, é percebido com presteza. Um intelectual francês muito ativo naqueles anos, Charles Nodier (1790-1844) – autor de obras literárias, de crítica, jornalismo, lingüística e até entomologia – publica a 1º de julho de 1819 uma resenha à primeira tradução francesa do conto. Nela, o resenhista antevê poder-se extrair do vampiro um argumento sob medida para o “teatro dos bulevares”, ou seja, o “novo teatro” de melodrama,⁴² que estava a reinventar o cânone dramático e gozava de enorme popularidade. Alguns meses depois, a 26 de fevereiro de 1820, é publicado em Paris o romance em dois tomos *Lord Ruthwen, ou les vampires – Roman de C. B. publié par l’auteur de Jean Sbogar et de Thérèse Albert*. O romance retoma a situação básica do conto de Polidori e duas de suas personagens principais (o vampiro e o frustrado herói); porém lhe compõe outra trama, numa narrativa encadeada com cerca de uma dúzia de sub-episódios picarescos. Bem... o “autor de *Jean Sbogar*” era o próprio Nodier, que protesta no mesmo dia no jornal *Le drapeau blanc*, acusando o editor do romance

40 “[...] und kam dann auf Byron zu sprechen, gegen den er sich vielleicht in einem halben Jahre erklären werde, übrigens Vampir als Byrons bestes Produkt erklärte.” – Goethes Unterhaltungen mit dem Kanzler Friedrich von Müller. Stuttgart: Burkhardt, 1898:51 (sexta-feira, 25 fev. 1820; via Hock 1900:79).

41 Ainda que a correspondência anonimamente enviada para a revista (contendo a narrativa e a “Carta de Genebra”) não excluísse a possibilidade de que o conto fosse de Byron, ou até mesmo o desse tacitamente a entender, o editor Henry Colburn preferiu dar rédea a essa hipótese, no lugar de controlar sua veracidade. Já na edição da narrativa em livro (Londres: Sherwood, 1819), foram publicadas duas versões: uma que ostentava a atribuição espúria e outra que a omitia (cf. Schroeder 1973:196-197, que se vale da descrição de dois respectivos exemplares por *Notes and queries*, 3rd series, vol. 7 [jan-jun 1865], pp. 201; 429).

42 Cf. Pixierécourt: “Era preciso, portanto, inventar um novo teatro” (“Derradeiras considerações do autor sobre o melodrama” – in Pixierécourt 1843 vol. 4:493).

de ter utilizado seu nome enganosamente; o editor se defende – afirmaria possuir como prova o contrato firmado por ambos.

Os meses seguintes selariam para sempre o destino do vampiro literário. Estréia em Paris, a 13 de junho do mesmo ano, a retumbante peça anônima que primeiro levou Ruthven aos palcos (*Le vampire, mélodrame en 3 actes avec un prologue*; Théâtre de Porte Saint-Martin); como de costume, a peça era complementada por seu roteiro impresso, vendido às portas do teatro. Mesmo sendo uma peça anônima, toda Paris sabia quem era o autor por trás daquele sucesso: Charles Nodier.⁴³

A cena teatral parisiense sofre então uma verdadeira avalanche de vampiros. Apenas dois dias depois da estréia do melodrama *Le vampire*, o Théâtre de Vaudeville ostenta uma *comédie-vaudeville* homônima, assinada por uma dupla experiente, Scribe & Mélesville. Mais uma semana passada, mais uma peça em cartaz: agora é a vez de *Les trois vampires ou Le clair de lune (folie-vaudeville)*, Théâtre des Variétés, 22 de junho). E segue-se quase uma meia dúzia de outras. Em resumo: apenas em 1820, há em Paris ao menos oito peças teatrais em cartaz que exploram o vampiro até no título.⁴⁴

Mas a avalanche não pára em Paris: com efeito, a trama da peça é rapidamente exportada, primeiramente para Londres, depois para a Alemanha, a Polônia... Costuma-se considerar essas peças como *traduções* daquela capitaneada por Nodier. Ora, isto é tão impreciso quanto afirmar que o melodrama *Le vampire* seja a mera transposição para os palcos do conto de Polidori. Esse cenário enseja uma espécie de jogo dos sete erros: a leitura de uma obra interfere na leitura e interpretação das demais obras da série.

Poderíamos estabelecer um termo inicial de comparação entre a narrativa de Polidori (mantendo no pano de fundo o fragmento de Byron) e o primeiro melodrama dela extraído, cuja realização e publicidade devemos a Charles Nodier. O tratamento a que a “trama básica” do conto é submetida remodela-a por completo. Muito embora apoiando-se num mesmo tipo de clímax central que organiza a fábula – a morte do amigo e

43 “*Tout le monde à l’époque savait la part prise pour Nodier dans ces œuvres*” (Picat-Guinoisseau 1990:53). E não apenas de maneira oficiosa: os registros de direitos autorais da Société des Auteurs trazem o nome de Nodier como beneficiário dos direitos autorais da peça (*ibid.*, p. 54). Mas não se deve esquecer que Nodier, mesmo sendo uma espécie de mestre e líder, não é o único autor da peça, que, no tradicional modelo autoral do teatro dos bulevares, conta com diversos colaboradores. No caso, um célebre autor e ator de *vaudeville*, Carmouche, e um nobiliárquico amigo de juventude de Nodier, Jouffroy d’Abbans, que era seu colega de redação no jornal *Le drapeau blanc*.

44 Nos anos que seguem, o Théâtre de Porte Saint-Martin receberá outro espetáculo tematizando o vampiro, como o *Polichinel Vampire* (Blache 1823).

seu surpreendente ressurgimento pela exposição de seu cadáver aos raios lunares –, os momentos-chave de uma e outra obra procedem de modo muito diverso, a ponto de se poder afirmar que a peça constitui, na prática, outro enredo.

O mesmo vale para o caráter das personagens comuns a uma e outra obra. No melodrama do Théâtre de Porte Saint-Martin, Rutwen é de início apresentado como eminentemente virtuoso: “este mortal generoso, modelo de amizade”, descreve o jovem amigo Aubray (I, 4). Mas, na narrativa que lhe serviu de inspiração, já o primeiro parágrafo é suficiente para dispor o caráter ambíguo de Ruthven⁴⁵; ambiguidade que de resto encontramos também no

45 “Em meio às dissipações que acompanham um inverno londrino, compareceu a várias festas da nata da sociedade um nobre mais notável por suas singularidades do que por sua posição social. Observava a diversão ao seu redor como se não pudesse tomar parte dela. Aparentemente, os risos radiantes das belidades só atraíam sua atenção para que ele pudesse, com um olhar, estancá-los e lançar medo naqueles seios em que reinava a inconsequência. Aquelas que sentiam essa sensação de temor reverente não sabiam explicar de onde surgia. Algumas a atribuíam ao olhar de um cinza mortiço que, fixando-se no rosto de alguém, parecia não penetrar e num só relance transpassar até os recônditos mecanismos do coração – mas caía como um raio de chumbo sobre as faces que não pudesse atravessar. Suas peculiaridades fizeram com que fosse convidado a todas as casas: todos desejavam vê-lo, e aqueles que estavam acostumados a emoções violentas e agora sentiam a opressão do tédio ficavam satisfeitos por presenciar algo capaz de lhes cativar a atenção.” Polidori, “O vampiro”, trad. Renata Lucia Bottini (*in* Berlendis de Carvalho 2010: 113).

fragmento byroniano que o teria antecedido.⁴⁶

Tanto o conto de Polidori como o melodrama de Nodier, Carmouche & Jouffroy se valem do procedimento de replicação, pelo qual expectativa e tensão se reforçam no leitor/espectador: a repetida situação de ataque à vítima. No conto polidoriano, a primeira vítima morta é Ianthe, a graciosa moça grega por quem o jovem Aubrey (foco que conduz a narrativa) nutre um amor inconfesso; a segunda vítima, uma jovem de Roma; a terceira será a irmã do mocinho, miss Aubrey.

Já o melodrama parisiense se vale de “replicações” originais. A peça põe em cena duas vítimas potenciais (não chegam a sucumbir porque o vampiro é surpreendido antes de consumir o ataque). Ambas são noivas e os ataques se dão momentos antes da cerimônia de casamento. Uma é Lovette, criada do castelo; outra é Malvina, irmã de Aubray. Antes disso, nas primeiras cenas, uma conversa entre os criados do castelo nos informara, em analepse (ou *flashback*), da morte terrível e misteriosa, ocorrida cem anos antes da ação presente, da “mais bela e rica herdeira da Escócia”, encontrada exangue numa gruta soturna da propriedade.

46 “Eu dava ainda meus primeiros passos na vida, uma vida que começara prematuramente, mas minha intimidade com ele era recente: havíamos estudado nos mesmos colégios e na mesma universidade, mas sua progressão neles precedera a minha e ele já estava profundamente iniciado nos caminhos mundanos, ao passo que eu ainda fazia o meu noviciado. Ainda estudante eu ouvira falar muita coisa tanto de sua vida pregressa quanto da atual; e, embora esses relatos contivessem muitas contradições inconciliáveis, do todo eu lograva inferir que ele não era um ser ordinário, mas alguém que, por mais que ele tentasse passar despercebido, sempre haveria de dar na vista. Posteriormente cultivei relações com ele e me esforcei por obter sua amizade, mas esta se mostrava inatingível. Das paixões que ele porventura houvesse tido, parecia que algumas estavam extintas e outras concentradas; que os seus sentimentos eram intensos, tive oportunidades suficientes para observar, pois ainda que ele conseguisse controlá-los, não conseguia dissimulá-los de todo. Mesmo assim ele tinha o poder de dar a uma emoção a aparência de outra, de tal sorte que era difícil definir a natureza do que lhe ia no íntimo, e suas expressões faciais podiam variar com tamanha rapidez, ainda que só levemente, que era inútil tentar associá-las às suas motivações. Saltava aos olhos que ele era tomado por alguma inquietação sem cura, mas se esta provinha de ambição, amor, remorso, tristeza – de uma dessas coisas ou de todas elas – ou meramente de um temperamento mórbido inclinado à doença, isso eu não pude descobrir: havia circunstâncias que podiam justificar a alegação de cada uma dessas causas, mas, como já disse, eram, todas elas, tão contraditórias e contraditas que nenhuma poderia ser apontada com precisão. Onde há mistério, supõe-se, via de regra, que também deve haver o mal: não sei por que deva ser assim, mas nele com certeza havia o primeiro, embora eu não pudesse avaliar a extensão do segundo – e no que lhe dizia respeito sentia-me relutante em admitir sua existência.” Byron, “August Darvell (Fragmento de uma novela”, trad. Sergio Pachá (in Berlendis de Carvalho 2010: 131-132).

Não há como saber o quanto Byron poderia ter reescrito tal fragmento para porventura torná-lo mais distante ou mais sutil em relação ao conto de Polidori espuriamente a si atribuído; o quão sincero é o seu protesto frente ao editor quando da publicação desse fragmento, alegadamente desautorizada, no volume *Mazzepa*, no fim do mês de junho de 1819.

Essa lógica da replicação, do espelhamento, estrutura toda a peça. Em seus recursos localizados, as analepses terminam por criar, no receptor do texto, a capacidade potencial de prever o que acontecerá no decurso da ação, ou seja, promovem no público a antecipação do enredo.

Se nos permitirmos certa liberdade associativa, podemos daí extrapolar uma analogia: a lógica da replicação que organiza a tal “trama básica” também preside o emergir de suas retomadas em traduções e adaptações, em plágios, pastiches e paródias. Então é *o próprio núcleo narrativo-dramático*, seus elementos de base, que será *replicado* inúmeras vezes nos palcos de tantas cidades européias naqueles anos.

Só que esta não é uma simples reprodução mecânica; cada nova versão da trama revela escolhas (a permanência de certos elementos encontrados em obras anteriores; o descartar de outros) e incorpora novos coloridos.

Disso encontramos exemplos muito eloqüentes na dita “tradução” inglesa da peça de Nodier, que estreou nos palcos londrinos a 9 agosto de 1820.⁴⁷ Basta uma primeira leitura para constatar que essa versão, a cargo de James Robertson Planché,⁴⁸ de tradução tem é muito pouco. Planché renomeia e redistribui as personagens; enfatiza acentos cômicos nos diálogos de um grupo de serviçais; encampa de corpo inteiro o recurso a canções entremeadas aos diálogos, sobrepondo à chave melodramática algo do espírito do *vau-deville*.

•

A seqüência de obras em torno do vampiro Ruthven parece ditar um padrão (para a recepção contemporânea à sua publicação – para o nosso modo de apreender em geral a temática vampiresca, hoje) do qual é difícil escapar. Retomemos a ordenação esquemática que com freqüência é expressa em uma *linha de sucessão*:

47 *The vampire; or, the bride of the isles* [Planché 1986], English Opera House (“Lyceum”); remonta-gens em 1821 e 1829 (cf. Stuart 1994: 73).

48 O inglês Planché (1796–1880) é conhecido por seu *libretto* para *Oberon* (1826), ópera de Carl Maria von Weber, e por uma profusão de peças e operetas. Também publicou coletâneas de traduções para contos de fadas franceses (madames d’Aulnoy e Prince de Beaumont, Perrault etc.), tendo levado algumas delas ao palco (o Gato de Botas, o Barba Azul, a Bela Adormecida, a Bela e a Fera e outras – cf. *The Extravaganzas of J. R. Planché 1825–1871* [Planché 1879]). Planché “extravaganciou” ainda mitos clássicos (p. ex.: Prometeu e Pandora; Orfeu e Eurídice; Vênus e Adônis; *Telêmaco; ou a ilha de Calipso; Os pássaros de Aristófanes... ibidem.*). Fez, enfim, carreira na transposição.

- Suíça, margens do lago Léman, junho de 1816 – presumível redação de uma narrativa inacabada de Lord Byron;
 - Londres, abril (e março?⁴⁹) de 1819 – publicação do conto “The vampyre”, falsamente atribuído a Byron – na realidade, composto por J. W. Polidori, seu médico pessoal (com quem partilhou por algum tempo de uma amizade) no verão de 1816, partindo de um núcleo da trama daquele, acima acenada;
 - Londres, junho de 1819 – publicação de “A Fragment” (alegadamente, a narrativa composta alguns anos antes) no volume de Lord Byron, *Mazeppa: A poem*;
 - Paris, 1819 – primeira tradução francesa do conto; resenha da mesma em periódico (*Journal des Débats*, 1º de julho), por Charles Nodier;
 - Paris, janeiro de 1820 – edição do romance em dois volumes *Lord Ruthwen ou les vampires*, continuação apócrifa do conto inglês;
 - Paris, junho de 1820 – estréia o melodrama *Le vampire*, de Nodier, Carmouche & Jouffroy d’Abbans; surge nos teatros parisienses uma salva de pastiches baseados nele;
 - Londres, agosto de 1820 – estréia a primeira (retro)adaptação inglesa do melodrama *Le vampire*, comissionada a James Robinson Planché; repercussão na cena teatral londrina, de menores proporções se comparada à parisiense;
 - Karlsruhe, março de 1821 – estréia a primeira adaptação em língua alemã, *Der Vampyr, oder die todtten Braut*, de Heinrich Ludwig Ritter;
 - Varsóvia, abril de 1821 – estréia *Upior*, versão polonesa da peça de Nodier *et alii*;
 - Leipzig, março de 1828 – primeira de uma série de adaptações operísticas da peça de Ritter, por Marschner (música) e Wohlbrück (texto);
- {...}
- Paris, dezembro de 1851 – estréia o “drama fantástico” *Le vampire*, de Dumas & Maquet.

49 Na revista *The New Monthly Magazine*, o conto é publicado a 1º de abril, precedido de um relato sobre as viagens de Byron no Continente (“Extract of a letter from Geneva, with anecdotes of Lord Byron &c.”, possivelmente de autoria de John Mitford), circunstâncias que se dizem ligadas à origem da narrativa, e de uma nota explicativa do editor. Outra publicação reportada é a do volume autônomo *The Vampire, A tale by the right Lon. Lord Byron*, Londres: Sherwood, com data de 27 março de 1819 (via Schroeder 1973:196), em que também constam os mesmos textos, mais o “Extract from a letter containing an account of Lord Byron’s residence in the island of Mitylene”. Não sei julgar se a autodeclarada data de edição do livro procede, ou se finge preceder a do periódico. A dúvida é também formulada numa nota não assinada de outro periódico londrino, *Notes and queries* (3rd series, vol. 7 [11 de março de 1865], seção “Queries with answers”, p. 201): “It is probable that the pamphlet was not issued until after the publication of the Tale in The New Monthly Magazine”.

Excetuada a primeira, as obras aí listadas (e outras ainda) têm como personagem central o vampiro Ruthven.⁵⁰ Mais do que isso, elas testemunham desenvolvimentos diferentes a partir de uma mesma peripécia, que se dá centralmente em dois momentos – i) a exigência, feita pelo moribundo Ruthven a seu amigo,⁵¹ de que este jure ocultar a morte daquele, seguida de ii) sua pavorosa revivificação.⁵²

Assim, sob determinado aspecto, é legítimo considerar que pontualmente a peça de Nodier *et alii* (Nodier 1993) desencadeia a voga do vampiro teatral nas capitais da Europa. Isto não apenas no que se refere à presumível influência direta sobre obras posteriores (e mesmo à “pilhagem literária”, no dizer de Marlise Meyer), como bem mostra a lista de “tra-duções” e adaptações relacionada acima; mas também de sua progressiva estereotipificação, da absorção do vampiro a um produto da cultura de massas, também esta em formação. Por outro lado, ao considerá-lo, é preciso não perdermos de vista as especificidades que caracterizam as obras individuais.

Consideremos agora uma lista aproximada e incompleta das adaptações de *Dracula*:

- Londres, 18 de maio de 1897 – leitura dramática da primeira adaptação teatral (hoje perdida) de *Dracula*, realizada pelo próprio autor, Bram Stoker; ela precede em alguns dias a publicação mesma do romance (26 de maio);
- Berlim, março de 1922 – estréia o filme *Nosferatu*, de F. W. Murnau,⁵³ adaptação não autorizada do romance de Stoker;
- Derby (Inglaterra), agosto de 1924 – primeira adaptação teatral propriamente encenada, de Hamilton Deane, contratado para esse fim por Florence Stoker, viúva do autor;
- Warrington (Inglaterra), setembro de 1927 – nova adaptação a cargo de Charles Morrell, mais uma vez encomendada pela viúva de Bram Stoker;
- Nova York, outubro de 1927 – reescritura da peça de H. Deane, comissionada pelo produtor Horace Liveright a John Balderston;
- Nova York, fevereiro de 1931 – estréia *Dracula*, primeira adaptação autorizada para as telas, baseada na peça de Deane & Balderston.

50 A grafia do nome sofre variação: Ruthven; Rutwen; Ruthwen etc. No fragmento byroniano, o dúvida protagonista é designado “*by the name of Augustus Darvell*” (Byron 1819:59).

51 Esta personagem foi chamada (e grafada): Aubray; Aubrey; Ronald; Gilbert etc.

52 Não assim no fragmento de Byron, que traz apenas a primeira situação.

53 Muda-se o nome da personagem para Conde Orlok.

É de notar: Mudando-se as datas, e descontando-se da individualidade das obras, as adaptações teatrais e cinematográficas de *Dracula* costumam ser lidas no mesmo registro das de Ruthven: consecução/ apropriação/ transposição de um dado material narrativo. É por isso muito freqüente, ou quase obrigatório, que as duas personagens sejam reciprocamente comparadas, como se constituíssem identidades complementares: e a mera constatação dessa recorrência interpretativa (“*Dracula* está para o séc. XX assim como Ruthven para o XIX”) evidencia um *automatismo de leitura*, a qual nem por isso deixa de ser representativa.⁵⁴

Não é incomum que um tal esquema seqüencial, em certa medida inegável quanto às obras acima, seja de algum modo extravasado para o grosso da temática vampiresca, que então passa a ser percebida como um mesmo progresso, uma linha no tempo. Disso se nutre uma tendência difusa a tratar o *corpus* como um monobloco (ainda que comportando partes um tanto incongruentes), em que o peso preponderante é dado à apreciação das “influências” de um conjunto de textos sobre o seguinte.⁵⁵

De outro ponto de vista genético, é fascinante o trabalho de Eighteen-Bisang & Miller, que reproduziram, transcreveram e comentaram os apontamentos esparsos de Bram Stoker na composição do romance *Dracula*, rascunhados e datilografados ao longo de anos no tortuoso planejamento de sua trama (Stoker 2008). Há ainda muito a se extrair daquele material, que pode iluminar aspectos dessa obra seminal para o vampiro no século XX. Mas esse fascínio, e não uso a palavra ao acaso, também turva os sentidos. Uma leitura decorrente,

54 O presente trabalho vai na direção de que os automatismos ou, menos marcadamente, as práticas usuais de redação e as transposições (de língua, de público, de meio) têm funções centrais na constituição do tipo artístico e literário e, com isso, da temática que hoje reconhecemos como própria do vampiro.

55 Reconheço-a p. ex. nos livros de Florent Montclair e de Norbert Borrmann (ambos de 1998). Desse ponto de vista, a monografia de Aribert Schroeder (1973) hesita entre duas posturas opostas: de um lado, reconhece a multiplicidade irreduzível de “genealogias” do tipo literário (p. 212); de outro, empenha-se em localizar as influências, as fontes materiais – e circunstanciais – de cada obra, como elas fossem devidas unicamente a essa linearidade genética: a “*Quellenproblematik*”, como ele mesmo a designa. Tal tendência “originista” manifesta-se em diversas passagens do estudo, como: “*Was veranlaßte Byron, sich an einer Vampirgeschichte zu versuchen? Die Erzählungen aus dem Werk Fantasmagoriana bringen keine Einzelheiten über Vampire. Nur im Vorwort des ersten Bandes werden sie kurz erwähnt. Doch könnte dies genügt haben, um die ausgedehnten Diskussionen zwischen Byron und seinen Gästen, von denen M. W. Shelley berichtet, in eine andere Richtung zu lenken. Es gibt nämlich Indizen dafür, daß der Vampiraberglaube in jenen Tagen, wahrscheinlich am Abend des 16. Juni selbst, Gesprächsthema war [...] Es ist nicht unmöglich, daß Byron an jenem Abend sogar sein eigenes Schicksal im Lichte des Vampiraberglaubens betrachtete [...]*” (Schroeder 1973:202). Em que pese essa inflexão, o livro de Schroeder é de grande valia, não apenas por seu rico levantamento histórico-literário, mas também por algumas articulações de interesse (ver notas ao cap. 7, *infra*).

que se encontra não só nos comentários dos organizadores como também em outros estudiosos, é a tendência a enumerar, a partir dessa documentação material, as “influências” ou os “precursores” de Conde Dracula.⁵⁶

As forças que concorrem para formar o caráter de Dracula, porém, não se contam nos dedos. Em suas notas, Stoker naturalmente não entrega todo o mapa, pois ele próprio já lidava com a reelaboração de um estereótipo. Muito da caracterização do vampiro, principalmente seu correlacionado esquema narrativo,⁵⁷ era um dado: não carecia de memorandos. Parte das virtuais referências – ou melhor, o que hoje percebemos como tais – pode ser devida a retomadas nem sempre conscientes para o autor. As obras que condicionam a redação de *Dracula* são em número incontavelmente maior do que as comumente listadas, provavelmente sequer são passíveis de enumeração. Está aí pressuposto um tipo literário firmemente estabelecido, que não pode ser resumido a um punhado de instâncias localizáveis.

•

A noção de progresso, tal como sugerida pela leitura de obras que seguem umas às outras em série (Ruthven, *Dracula*), vê-se arranhada pela constatação de que o estabelecimento de “linhas no tempo” é, muitas vezes, também um processo retroativo: tem implicações sobre os textos do passado, cuja recepção muda sob essa nova luz. Em dado momento, por sinal bem anterior ao surgimento das obras acima discutidas, os vampirólogos passaram a reconhecer seu objeto de estudo em textos medievais e da Antiguidade clássica,⁵⁸ ali onde ele não estava nomeado; a partir daí, as arrogadas pré-figurações do vampiro vão ganhando uma disseminação cada vez mais generalizada. Os juízos temáticos “vampirescos” da balada de Goethe, *A noiva de Corinto*, fornecem um bom exemplo disso.

56 Eighteen-Bisang & Miller, em apêndice aos apontamentos de Stoker (“Possible literary influences”, Stoker 2008:309-312) resumizam: i) Ruthven [Polidori 1819]; ii) Clarimonde [Gautier 1981]; iii) *sir* Francis Varney, protagonista de um longo folhetim londrino [Rymer 2008]; iv) o vampiro Azzo von Klatka, do conto anônimo “The mysterious stranger” [*Chambers’ repository* 1854]; e v) Dr. Jekyll & Mr. Hyde. No apêndice IV (*ibid.*, pp. 304-305), os organizadores contabilizam 34 fontes não ficcionais encontradas nos apontamentos do escritor, de que a imensa maioria são publicações inglesas do séc. XIX.

Já a historiadora da dramaturgia vampiresca Roxana Stuart (1994) reconhece três fontes principais para a personagem de Dracula: i) Ruthven; ii) a personagem histórica Vlad Tșepeș; e iii) o ator (e patrão de Stoker) Henry Irving – às quais acrescenta em seguida mais algumas, como Carmilla (Le Fanu 1872), Macbeth e as *Mil e uma noites* na versão inglesa de Richard Burton (Stuart 1994:188-189; para seu confronto com a personagem de Macbeth, 192-193).

57 Ver seção seguinte (II) desta dissertação.

58 Sem dúvida, já na *Dissertação* de Calmet (1746); na de Davazanti (anos 1740, em manuscrito); defensavelmente, também na *Relation* de François Richard (1657).

Em sua monografia *Die Vampyrsagen und ihre Verwertung in der deutschen Literatur*, Stefan Hock (1900) se detém a problematizar a pertinência de *A noiva de Corinto* ao “tema do vampiro”. Para tanto, recorre a uma citação ao diário de Goethe – em que o próprio autor se refere à obra como “poema vampírico” (Jena, 4-5 de junho de 1797)⁵⁹ – e a complementa com uma discussão acerca de suas hipotéticas fontes. Segundo Hock, diferentemente do que tantas vezes é afirmado,⁶⁰ o poeta não teria derivado o argumento vampírico de um relato da Antiguidade clássica – o episódio inicial do “Livro de coisas admiráveis” de Flégon de Trales,⁶¹ liberto de Adriano (séc. II d.C.) –, mas de lendas (germânicas?) ouvidas na infância. O relato de Flégon apenas viria a lhe fornecer uma ambientação sugestiva. Para tanto, Hock cita um passo em que o próprio Goethe afirma ter guardado alguns motivos em seu íntimo por “quarenta ou mesmo cinquenta anos” até enfim canalizá-los nas baladas do *Musenamanach* de 1798.⁶² Ora, segue Hock, é pouco provável que Goethe conhecesse um relato do séc. II na infância. Doutra parte, o episódio de Flégon fora retomado na Idade Moderna por Johannes Praetorius, um escritor reconhecidamente consultado por Goethe (no caso mais notório, para a composição da cena da “Noite de Valpurgis” no *Fausto*).⁶³ Praetorius, por sua vez, reporta ter extraído o episódio de um livro de Pierre Le Loyer (1605:245-249). Analogamente, o confronto com outros textos sugere que Goethe poderia ter incorporado à sua balada alguns elementos de ainda outra narrativa grega, um célebre episódio sobre a *empousa* contido na *Vida de Apolônio de Tiana*, de Flávio Filóstrato (sécs. II-III).⁶⁴

59 “4 [de junho]. Começo do poema vampírico. Meio-dia em casa de Hofrath Schütz, onde também estavam o conselheiro Lenz de Gotha, os Schmidts daqui e os Schlegels, entre outros. À noite na casa de Schiller, sobre o novo *Almanaque*, em especial o romance [*Romanze*]. | 5 [de junho]. Fim do poema vampírico. Após a refeição, o matrimônio dourado de Oberon. À noite, no Schiller.” Goethe WA, III. Abteilung, vol. 2, pp. 71-75.

60 Cf., entre outros, Erich Schmidt (*Goethe-Jahrbuch*, Frankfurt: Rütten & Loening, 1888, vol. IX, p. 230; *apud* Hock 1900:69); Leitzmann 1911:34-37.

61 Flégon 1822:2-21; tradução alemã de Horst Gasse in Sturm & Völker 1994:7-11.

62 Cf. Goethe, *Bedeutende Fördernis durch ein einziges geistreiches Wort*, in Goethe 1823:264; ver também Eckermann 1868:210-211.

63 Hock, 2008:75; Praetorius, 1666:321-327. Observe-se que a esse respeito Stefan Hock examina mais questões e pormenores do que seria de referir aqui – como a reação contrária do próprio Goethe à sua aludida proximidade de um ideário romântico, tal como mobilizado no início do séc. XIX pela moda do vampiro (ver seção IX do Apêndice à presente dissertação). Há um grande número de apreciações sobre a leitura poética de Goethe a partir de elementos da obra de Praetorius, desde o estudo de Georg Witkowski (*Die Walpurgisnacht im ersten Teile von Goethes Faust*, Leipzig: Biedermann, 1894).

64 A respeito da *empousa*, da *lamia* e de sua associação com vampiros, ver caps. 6 e 7 *infra*.

Uma leitura que se ativesse a essas “retomadas” tenderia a traçar a seguinte linha sucessão:

Flégon → Le Loyer → Praetorius → Goethe

↑ (?)

Filóstrato

Mesmo antes do poema goetheano, porém com maior frequência depois dele, e não à toa, as ameaçadoras representações lendárias ou mitológicas encontradas nesses referidos textos antigos – a amante morta, a *lamia*, a *empousa* – foram repetidamente associadas ao vampirismo.⁶⁵

E assim o mito, a lenda, as narrativas de Flégon e de Filóstrato, os livros eruditos de Le Loyer e de Praetorius vêm-se mobilizados em função de um texto novo – que na realidade é irreduzível às postuláveis “influências” tomadas individualmente. Vamos, por um momento, atentar menos para o poema de Goethe e mais para como sua recepção altera a leitura daqueles.

Em primeiro lugar (dado o nosso presente objeto), as criaturas sobrenaturais descritas nos textos antigos passam a ser percebidas como *precursoras* do vampiro balcânico, mesmo que do ponto de vista da história do mito ou da cultura oral não haja condições de afirmá-lo com segurança.⁶⁶ Do que tenha viabilizado essa ponte, só temos evidência pela cultura letrada. Já no séc. XVII, o jesuíta François Richard havia associado a amante morta da narrativa de Flégon ao *vrykolákas* grego (cf. cap. 7 *infra*). Em Goethe, porém, a tradição – aí incluído um componente que é dito ser oriundo da cultura oral – é assimilada e recriada *esteticamente*.

O vampiro literário é feito de muitas transposições, não apenas de uma ou duas (como as aqui exploradas), e a cronologia, assim vista, perde linearidade e adquire espessura.

65 A partir do séc. XIX (mas, em parte, mesmo antes), a quase totalidade dos estudos sobre vampirismo esboça uma associação do tipo. Para nos limitarmos a alguns poucos exemplos palpáveis: Hock; Summers; Sturm & Völker; Lecouteux etc.

66 Em geral, um pendor para o evolucionismo tende a explicar o vampiro pelo recurso a “sobrevivências” de épocas e culturas pagãs. Cf. de um lado J. C. Lawson (mitologia grega); de outro, Lubor Niederle, J. L. Perkowski etc. (concepções politeístas eslavas demonizadas pelo advento da conversão ao cristianismo). Ver também caps. 6 e 7 *infra*.

Parte II

Delineando convenções

Cap. 3

Composição e decomposição

C'est ainsi que, nous l'avons dit, l'originalité est dans la forme ; qu'on n'invente plus d'idées, qu'on n'en a probablement jamais inventé, et que l'art de les combiner est tout le génie.

Nodier, *Questions de littérature légale*, cap. IV – De la similitude d'idées, de la réminiscence, de l'analogie de sujets (Nodier 2011:55n)

Plano do capítulo 3

Um contraexemplo p. 69 – O tipo implica uma narrativa típica. Jogos de armar p. 71
{Quadro ilustrativo: Conformações de Dracula p. 72} – Que coisa seria uma narrativa
modelar p. 76 – Sumário de uma narrativa vampiresca ideal p. 77 – Sobre classificar os
elementos constituintes (personagens; *tópos* e motivo; procedimentos narrativos) p. 78

A parte II da dissertação pergunta-se pelo que chamei de “convenções”, pela sua natureza e alcance, as quais ajudaram a fazer do vampiro uma temática literária. O mais estratégico, parece-me, é manter como referência central o estereótipo, visto ser este o mais bem acabado produto das ditas convenções. O estereótipo reúne as características mais facilmente reconhecíveis ou assimiláveis à temática, de maneira que, tendo-o como ponto de referência, a argumentação possa progressivamente ir-se qualificando. Privilegio de início o exame de obras narrativas.

Como este capítulo faz referência direta um número considerável de obras literárias, adoto – aqui e em alguns dos capítulos seguintes – o expediente de enumerá-las numa ordem aproximativamente cronológica, para fácil localização. Estão ordenadas pelo ano de primeira edição (alternativamente, pela data presumível de sua redação). Não estão aqui relacionadas as obras que me serviram primariamente como base teórica e metodológica, ou cujo recurso é marginal.

Relação de obras diretamente citadas no capítulo:

Ano de edição [redação]	Autor	Título	referência bibliográfica utilizada
[1804]	Jan Potocki	<i>Manuscript trouvé à Saragosse</i>	Potocki 2008
1819	John W. Polidori	“The vampyre”	Polidori 1819
1820	C. Nodier, Carmouche & Jouffroy d’Abbans	<i>Le vampire, mélodrame en 3 actes</i>	Nodier 1990
1836	Théophile Gautier	“La morte amoureuse”	Gautier 1981
1845–1847	James M. Rymer	<i>Varney the vampire: or, The feast of blood</i>	Rymer 2008
1854	[anônimo]	“The mysterious stranger”	<i>Chambers’ Repository</i> 1854
1874	Leopold von Sacher-Masoch	“Die Todten sind unersättlich”	Sacher-Masoch 1877a
1897	Bram Stoker	<i>Dracula</i>	Stoker 2001
1924	Hamilton Deane	<i>Dracula</i>	Deane & Balderston 1993
1927	H. Deane & John Balderston	<i>Dracula: The vampire play</i>	Deane & Balderston 1993
1936	Mircea Eliade	<i>Domnișoara Christina</i>	Eliade 2011
1987	Guido Crepax	<i>Conte Dracula</i>	Crepax 1998
1992	James Hart & F.F. Coppola	<i>Bram Stoker’s Dracula</i>	Hart & Coppola 1992
2005	Stephenie Meyer	<i>Twilight</i>	Meyer 2010

Um contraexemplo.

É comum que listagens cronológicas de uma “literatura vampiresca” refram-se ao romance de Jan Potocki (1761–1815), *Manuscrito encontrado em Saragoça*, como uma das primeiras obras ficcionais a tematizarem o vampiro.¹ Com efeito, há nela algumas passagens fazendo menção explícita a tais criaturas, nomeadas dessa maneira. Ainda assim, não se pode dizer que estejamos diante de uma “narrativa de vampiro”. Examinemos brevemente algumas dessas ocorrências, esparsas ao longo do extenso romance, cuja narrativa principal é feita em primeira pessoa pelo oficial da guarda valã Alphonse Van Worden.

On racontait des choses bien étranges des deux frères qui avaient été pendus ; on n'en parlait pas comme de revenants, mais on prétendait que leurs corps animés par je ne sais quels démons se détachaient la nuit et quittaient le gibet pour aller désoler les vivants. Ce fait passait pour si certain qu'un théologien de Salamanque avait fait une dissertation dans laquelle il prouvait que les deux pendus étaient des espèces de vampires et que l'un n'était pas plus incroyable que l'autre, ce que les plus incrédules lui accordaient sans peine.²

Aqui, a menção a “vampiro” está a serviço de uma caracterização vaga, em contornos rápidos, dos dois irmãos enforcados – e se limita a ela. Assim também nestes trechos a seguir, cada um dos quais associa a “vampiros” um ou mais elementos descritivos (como se trata de passagens sem conexão direta uma com a outra, separa-os graficamente com um símbolo □ adotado para esse fim):

1 Em virtude de sua permanente reescritura, não se pode apontar uma única edição de referência do romance em língua francesa do oficial e nobre polonês, autor também de obras de cunho histórico e geográfico (ele está dentre os primeiros estudiosos a se ocuparem da historiografia dos povos eslavos, cf. Gieysztor 1983). Potocki compôs e retrabalhou o material de seu romance ao longo de décadas. Costumam-se referir três versões, a primeira começada em 1794, a de 1804 (aqui utilizada) e a de 1810 (de que extratos foram publicados sob uma autoria velada em Paris entre 1813 e 1814, tendo sido até atribuídos a Charles Nodier – que veio depois a plagiá-los). Em nenhuma dessas versões chegavam a termo os “decamerões” em que se estrutura o conjunto de narrativas aninhadas. Para a gênese de cada uma dessas versões e as principais divergências entre elas, veja-se a “Apresentação” de Rosset & Triaire *in* Potocki 2008.

2 “Première journée” (Potocki 2008:65–66).

Je gravis quelques rochers et ayant jeté les yeux sur la vallée qui s'étendait à mes pieds, je crus reconnaître la potence funeste des deux frères Zoto. Cette vue piqua ma curiosité. Je pressai ma marche et effectivement je me trouvai au pied du gibier, et les pendus y étaient accrochés. J'en détournai les yeux et je repris tristement le chemin du champ. Le chef me demanda où j'avais été. Je lui répondis que j'avais été jusqu'à la potence des deux frères Zoto.

– Y étaient-ils ? me dit le Bohémien.

– Comment, lui répondis-je, ont-ils quelquefois la coutume de s'absenter ?

– Très souvent, surtout la nuit.

Ce peu de mots me rendit excessivement rêveur. Je me retrouvais tout à coup dans le voisinage de ces maudits fantômes et, qu'ils fussent des vampires ou que l'on s'en servît pour me persécuter, il me semblait toujours que j'en avais beaucoup à craindre. Je fus triste tout le reste du jour, je m'allai coucher sans souper et je rêvai de vampires, de fantômes, de cauchemars, de spectres et de pendus.³

□

Après que le cabaliste eut achevé cette lecture, il ajouta :

– Les revenants sont revenus dans tous les temps comme nous les voyons, mon révérend père, par l'histoire de la Baltoÿve d'Endor, et il a toujours été au pouvoir des cabalistes de les faire revenir. Mais j'avoue qu'il y a eu d'ailleurs de grands changements dans le monde démonagorique. Et les vampires entre autres sont une invention nouvelle, si j'ose m'exprimer ainsi. J'en distingue deux espèces : les vampires de Hongrie et de Pologne qui sont des corps morts qui sortent la nuit des tombeaux et vont sucer le sang des hommes, et les vampires d'Espagne qui sont des esprits immondes qui animent le premier corps qu'ils trouvent, lui donnent toutes sortes de formes et...

Voyant où le cabaliste en voulait venir, je me levai de table, peut-être un peu trop brusquement, et j'allai sur la terrasse.⁴

□

Enfin on se mit à table. La conversation roula comme à l'ordinaire sur les esprits, les spectres et les vampires. Notre hôte dit que l'Antiquité en avait eu des idées confuses sous les noms d'empuses, larves et lamies, mais que les cabalistes anciens valaient bien les modernes, bien qu'ils ne fussent connus que sous le nom de philosophes qui leur étaient commun avec beaucoup de gens qui n'avaient aucune teinture des sciences hermétiques. L'ermite parla de Simon le Magicien, mais Uzeda soutint qu'Apollonius de Thyane devrait être regardé comme le plus grand cabaliste de ces temps-là, puisqu'il avait pris un empire extraordinaire sur tous les êtres du monde pandémoniaque.⁵

3 "Treizième journée" (Potocki 2008: 262).

4 "Onzième journée" (Potocki 2008:222).

5 "Onzième journée" (Potocki 2008:216). O episódio serve de gatilho para introduzir, com modificações e na voz da personagem Uzeda que o lê de um livro, um célebre relato contido na *Vida de Apolônio de Tiana*, de Flávio Filóstrato (sécs. II-III); ao qual voltaremos mais adiante na dissertação.

Nessas passagens, o vampiro, ao lado de entressonhados fantasmas e assombrações dele não bem distingüidos, presta-se a colorir a matéria de sombrias alucinações e conversações. Além dessas, o livro de Potocki traz mais algumas referências semelhantes a vampiros, não ulteriormente desenvolvidas na narrativa e sem maiores conseqüências para ela.

É preciso reconhecer que ocorrências como essas não deixam de sugerir algumas associações de interesse – por exemplo, com uma cultura livresca (na menção à dissertação do erudito de Salamanca; na apropriação do relato grego de Flávio Filóstrato).

A despeito disso, não há dúvida de que em *Manuscrito encontrado em Saragoça* o vampiro é um recurso auxiliar e não um eixo que organiza tematicamente a obra. A fazê-lo é sua estrutura “decamerônica” retorcida, que encadeia subnarrativas seqüencialmente e uma dentro da outra (chega-se mesmo a cinco ou seis níveis retóricos). Nesse mosaico nunca terminado e voluntariamente nem sempre coeso, encontramos na caracterização dos tipos alguns traços recorrentes (o fora-da-lei de estirpe e atitude nobres; os triângulos amorosos; a entrecorrência de episódios picarescos). Traços que, tomados panoramicamente, compartilham algo com o vampiro ficcional em formação naqueles anos, mas não o exprimem diretamente.

O tipo implica uma narrativa típica. Jogos de armar.

Como dissemos, para a apreensão do vampiro em suas convenções, o caminho mais direto é partir do estereótipo, que muitas vezes ordena a obra como um todo. Buscaremos então entender até que ponto ele é passível de ser decomposto em traços mais e menos característicos, verificar se algum destes, ou mais de um, seria mandatório.

•

O quadro ilustrativo a seguir exemplifica como o *tipo* pode influir na conformação da *personagem* – no caso, uma das mais notórias de nossa temática: o Conde Dracula, que começou sua carreira protagonizando o romance de Bram Stoker (1897).

Quadro ilustrativo: Conformações de Dracula.

Muitas (talvez a maior parte) das adaptações de *Dracula* emprestaram ao Conde uma índole sedutora ausente na personagem de Bram Stoker (1897). É ponto pacífico o erotismo de determinadas passagens do romance – notadamente no íntimo encontro de Jonathan Harker com três formosas figuras femininas, no castelo transilvânico (cap. III); e na retro-vampirização forçada de Mina a Dracula (cap. XXI).

No Conde de Stoker, todavia, a sexualidade se expressa impositiva, sádica e sem propriamente um movimento de sedução, ou seja, sem buscar criar um correspondente interesse erótico na vítima. No romance, algo dessa natureza só vem à tona na primeira dessas passagens (cap. III); ainda assim, note-se que a sedução parte de criaturas submissas a Dracula, e não dele.

Na versão do quadrinista itaiano Guido Crepax (1933–2003), a sexualidade de Dracula mudou de máscara, explicitou-se numa faceta abertamente sádica; “este homem me pertence” não é uma figura de linguagem (como no romance), mas ato consumado.

Figura 1. Crepax, *Conte Dracula* (1987)
[Reproduzido de Crepax 1998:76–77]

Compare-se tal rendição ao trecho correspondente no original de Stoker:

In a voice which, though low and almost in a whisper seemed to cut through the air and then ring round the room he said:—

“How dare you touch him, any of you? How dare you cast eyes on him when I had forbidden it? Back, I tell you all! This man belongs to me! Beware how you meddle with him, or you’ll have to deal with me.” The fair girl, with a laugh of ribald coquetry, turned to answer him:—

“You yourself never loved; you never love!” On this the other women joined, and such a mirthless, hard, soulless laughter rang through the room that it almost made me faint to hear; it seemed like the pleasure of fiends. Then the Count turned, after looking at my face attentively and said in a soft whisper:—

“Yes, I too can love; you yourselves can tell it from the past. Is it not so? Well, now I promise you that when I am done with him you shall kiss him at your will. Now go! go! I must awaken him, for there is work to be done.” (Stoker 2001:39)

Em sua adaptação para as telas, o roteirista James V. Hart e o diretor Francis Ford Coppola criaram diversas seqüências para o cortejo de Dracula a Mina, inexistentes no romance: juntos passeiam por uma feira de curiosidades, roçam-se, entregam-se às voluptuosas ilusões do absinto – não sem algum vacilante gesto de repulsa por parte da cortejada.

No trecho do roteiro a seguir, Dracula reconhece em Mina a sua esposa há muito perdida (Elizabeth, evidente remissão à histórica condessa Báthori Erzsébet, também ela mistificada em vampira, cf. Sacher-Masoch 1877b, “Ewige Jugend”):

On Dracula over Mina: Dracula laughs like a schoolboy, taking her all in. Mina suddenly realizes she is alone with this attractive man.

MINA

I shouldn’t have come here. I must go.

She starts to leave, but he is more aggressive. His hand is suddenly holding her.

DRACULA

Do not fear me.

Tracking shot: He is more forceful, pulling her deeper into the shadows of the cinematograph.

Two-shot silhouette: Mina is breathing heavily – frightened and excited, her emotions bursting out. Pulled to him in ways she doesn’t understand.

MINA

No – please, stop this – stop this –

DRACULA (*whispers in Roumanian*)

You are the love of my life.

MINA (*trembling in fear*)

My God – who are you? I know you...

DRACULA

Yes, you are she – the one I lost. I have crossed oceans of time to find you...⁶

Aqui, e também em outras adaptações a partir do romance, a temática “normalizou” a personagem do Conde ao torná-lo sedutor (“*You are the love of my life*”), nisso relendo Stoker à sua revelia – e devolvendo a Dracula uma ambigüidade ricamente explorada pelo tipo literário. (Nas páginas de Crepax, o erotismo do Conde também é carregado nas tintas, mas noutra direção.) Em seu ulterior desenvolvimento, o vampiro criado por Stoker aproximou-se mais ainda do estereótipo, o qual já vigorava muito antes de 1897. Exemplo disso é o vampiro Ruthven, que estreou uma série de sucessos em palcos europeus na primeira metade do séc. XIX.

Esse procedimento de conferir uma “tintura galante” ao Conde já era a regra em 1924 (na estréia da primeira versão teatral), e mais ainda em 1927, por ocasião da quarta e mais bem-sucedida adaptação do livro para os palcos:

Lucy: [...] I look forward to your visits. They seem to make me better. [...]

Dracula: (Crosses to Lucy) You encourage me, Miss Seward, to make them more frequent, as I should like to.

Lucy: (Looking at him fixedly.) I am always glad to see you – (Deane & Balderston 1993:84).

Também nesta peça, o Conde elege a vítima principal – chama-se agora Lucy – como sua noiva predileta:

Dracula: [...] But in a century I shall wake, and call my bride to my side from her tomb, my Lucy, my Queen [...] I have other brides of old times who await me in their vaults in Transylvania. But I shall set her above them all – (ibid. p. 144).

A personagem Dracula foi “ruthvenizada”, aproximada de um bem-sucedido precedente que, a partir daí, passará a ser reconhecido como um seu êmulo ou protótipo.

⁶ *Bram Stoker's Dracula*, edição do roteiro com material adicional: *stills*, notas e *sketches* da produção, comentários do roteirista, do diretor, etc. [Hart & Coppola 1992:83-84]. O *still* reproduzido a seguir não corresponde ao trecho do roteiro acima transcrito. Para melhor dispor os diálogos, introduzi pequenas modificações de formatação de texto e pontuação.

Figura 2. Cena do filme *Bram Stoker's Dracula* (1992)
[reproduzido de Hart & Coppola 1992:99]

A proposta é esboçar um conjunto modelar, típico, no qual se resumiria uma noção nuclear de “narrativa ideal” do vampiro. Esse modelo – uma perspectiva analítico-crítica de alcance limitado, resultando de uma aproximação nossa e não emanada *per se* dos textos – é feito de certos elementos individuáveis (situações, personagens, motivos, imagens, procedimentos narrativos) e também dos modos convencionados de dispô-los. Vamos extraí-los primeiramente de obras cuja potencial circunscrição a uma “literatura vampiresca” seja, na medida do possível, consensual.⁷

Embora se trate de sublinhar a convenção, privilegiando assim o que seria mais estereotipado no vampiro, interessa manter o olhar aberto para as variações, as substituições, os jogos de imitação, espelhamento e inversão.⁸

Em suma, é preciso compreender o esboço de modelo estrutural explorado a seguir não como um molde mas como um critério tipológico bastante plástico, que comporta e aliás promove a própria evolução por meio de variações (um pouco como a forma musical da fuga, em relação ao motivo melódico). Mais do que listar uma a uma as peças elementares do vampiro em sua totalidade – e seria possível fazê-lo? –, a idéia é antes entender uma “lógica” substantiva que as costuraria; ou, ao contrário, renunciar a encontrá-la, se o material assim nos der a ver. As apreciações abaixo não exaurem nem os motivos que valeriam comentário nem os respectivos desenvolvimentos intertextuais (e, como é evidente e sensato, abdica de qualquer representatividade numérica de suas expressões particulares). Trata-se, mais do que qualquer coisa, de esboçar o *termo de comparação* para a pesquisa adiante. Pode soar falacioso que tal termo seja ele próprio fruto de uma comparação anterior, pressuposta pelo agrupamento de textos diversos. Mas a outra alternativa, fazê-lo mediante apenas um e o

7 Mesmo se o que persigo nesse passo não seja propriamente uma *definição* autônoma do vampiro (o que faria deste um procedimento autoreferente e só). Há dois critérios de base aqui envolvidos: i) o texto-objeto deve apresentar uma menção explícita a vampiros, de preferência não unicamente alusiva/irônica etc. e aliada a ii) alguma caracterização minimamente afim, tal qual natureza dúbia ou abertamente sobrenatural, crueldade sanguinária, extorsão da vitalidade alheia, assim por diante.

8 No dizer de Tomachévski (“Temática”, *in* Todorov 2001:288-289), estes seriam procedimentos por falsa motivação, que visam criar no leitor uma determinada expectativa para depois ludibriá-la: “um jogo sobre situações conhecidas, pertencentes a uma sólida tradição e utilizadas pelos escritores com uma função não tradicional”.

mesmo texto, não me pareceu a mais frutífera, até por reforçar a noção equívoca de que reinasse sobre a temática uma constituição formal única, normativa e compulsória.⁹

No contraexemplo primeiramente examinado neste capítulo, bastou pouco, uma apreciação formal a mais geral do romance de Potocki, para reconhecermos uma pertença marginal ou circunstancial à temática do vampiro. Mesmo provisória, a mal esboçada pedra de toque já era suficiente para uma primeira situação do texto-objeto relativamente à temática.

Tal construto ideal, nunca é demais repeti-lo, não deve ser entendido como uma realidade em si mesma pela qual os respectivos autores tivessem escrito *essas obras da maneira* que o fizeram. Além disso, o modelo não *pressupõe* uma implicação genética entre os textos arrolados – decerto não de partida, como um axioma. Por ora, basta esclarecer como e em que medida um metro destes poderia ser inferido do próprio *corpus*; e não perder de vista o que implica virar a lente ao contrário e ler, através dela, não só essa e aquela obra unitariamente, como também uma gama maior de textos.

Sumário de uma narrativa vampiresca ideal.

Apresento a seguir uma tentativa de síntese de elementos típicos a ser generalizada sobre histórias de vampiro, quase como um esqueleto narrativo “ideal”¹⁰:

Encontro (aparentemente casual) com pessoa enigmaticamente fora do comum (excêntrica; estrangeira); nela são incomuns (extraordinários) a tez de pele, a intensidade do olhar, o porte, os assuntos extravagantes que escolhe ao falar; tal estranheza passa a motivar um interesse (fascínio; paixão) por parte de um protagonista. (Inquietam-se os animais à proximidade daquele, uivam cachorros ou lobos.) A personagem incomum salva protagonista de um perigo real ou do tédio de sua restrita sociabilidade. Uma personagem auxiliar é acometida por um mal (ligado a uma alucinação assombrosa) e morre

9 No corpo a corpo com cada texto, é freqüente que muitos deles tomem pontos de fuga, rotas alternativas, sem deixar de pertencer à temática. Como impor uma representatividade de grupo partindo de obras individuais que, cada uma delas, imprimem *sua* leitura particular da temática, e são construídas não só por semelhança, mas também por contraponto? Os candidatos mais visíveis para um trajeto unitextual – *Dracula*, “Carmilla”, “The mysterious stranger”, *Domnișoara Christina* e por aí afora – expõem, *todos eles*, alguma importante variação frente ao conjunto dos demais elementos desse grupo.

10 Particularizações (entre colchetes) pertencem antes a subgrupos do *corpus*. Os episódios podem e muitas vezes são apresentados em outra ordem. Em obras dramáticas, é comum que ação comece *in res medias* e os episódios iniciais sejam omitidos ou surjam como explicações posteriores na voz de alguma personagem. Ainda assim, o esquema não retrata precisamente a *fábula* (por contraposição ao *enredo*); pois ele comporta o importante *détour* da analepse – por excelência na ali dada explicação do vampirismo –, uma inversão cronológica que costuma ter seu lugar preciso no enredo.

⟨pode vir a tornar-se um antagonista monstruoso⟩; outra personagem auxiliar ⟨representante de classes inferiores⟩ alerta para uma ameaça pestífera ⟨vaga e não inteiramente nominada; sobrenatural; demoníaca⟩; advertência é descartada ⟨como mera superstição⟩. Mas o protagonista é acometido por debilidade e dúvida ⟨seguindo-se a uma aparição noturna fugidia, assustadora e não compreendida⟩; seu discernimento fica comprometido ⟨mistura sonho e vigília⟩; expedientes empregados se revelam ineficazes para frear esse progresso. Um comportamento, uma fala, uma notícia ou um objeto trazidos à frente ⟨um retrato⟩ fundam indícios de inconsistência na cronologia, refutada por absurda. Uma personagem auxiliar ⟨um médico⟩ revela indubitavelmente ao protagonista o seu quadro ⟨próximo ou presente⟩: vítima de ⟨continuado⟩ vampirismo. Analepse (=flashback): o vingador ⟨o médico ou outra personagem⟩ relata um caso semelhante ⟨idêntico⟩ anterior; o mal é aparentemente inexorável. Ataque ao denunciado monstro é frustrado pelos poderes deste. A narrativa termina – alternativamente, segue-se expedição punitiva ⟨em seu túmulo, o cadáver suspeito não apresenta sinal de decadência⟩: o monstro é executado ⟨perfuramento por estaca, extração do coração ou decapitação⟩, seu corpo aniquila-se por completo ⟨é cremado; dissolve-se em pó ou equivalente⟩.

Sobre classificar os elementos constituintes.

Quanto àquilo que aqui é chamado, na ausência de nome melhor, de “elementos constitutivos” da temática, reconheçamos que podem ser de diversa natureza (personagens, situações, imagens etc.). A exposição a respeito de uma tópica e dos motivos que caracterizariam o vampiro literário, que se fará no capítulo subsequente, não será ordenada rigorosamente segundo uma categorização desses elementos. Ainda assim, é preciso levar em conta algumas diferenças de classe entre eles, traçadas muito esquematicamente a seguir, sob a forma de breves tópicos.

Personagens constituem uma destas categorias. No limite, contudo, é difícil diferenciar rigorosamente esse grupo do das *situações* em elas que se vêem. Afinal, não pode haver *vampiro* sem *vítima*; porém, mais do que isso, não há um e outro na ausência de situações que os coloquem numa relação pelo menos potencial de vitimização (isto é: seja a vitimização efetiva, pressentida ou frustrada). Algo análogo vale para o *vingador*. O vampiro só é vampiro enquanto conserva esse potencial de interação com as demais personagens. Assim, se isolarmos além da medida situações (ou episódios) de

personagens, corremos o risco de cair numa definição recíproca circular, ou de listar meramente personagens destituídas de suas características fundamentais para a narrativa.¹¹

Tópos e motivo. Não escapará ao leitor desta dissertação certo grau de indistinção entre “motivo” e “tópos”. Como adiantei sumariamente no primeiro capítulo, minha pesquisa não soube prescindir de uma terminologia razoavelmente polêmica e bastante instável. Decerto não caberá a mim resolvê-la. O mais que posso é justificar, em alguma medida, como são empregados alguns termos essenciais no âmbito desta pesquisa. Doutra parte, há toda uma história desses termos, que ao referi-los não se pode sumariamente ignorar.

Tópos (e seu correlato latino, *locus*) não é a princípio empregado aqui como na teoria da argumentação e retórica antigas: primeiramente, proposição consensual que exprime uma verdade geral, princípio universal de onde se extraem os princípios particulares da argumentação.¹² Heinrich Lausberg o define como uma “fórmula de busca” para encontrar argumentos.¹³ Há contudo uma definição mais próxima daquela em que *locus* e *tópos* serão aqui em princípio referidos, que encontro em *The new Princeton encyclopaedia of poetry and poetics*, editada por Preminger & Brogan: “A conventionalized

11 Quase inevitável tocar, para além de Tomachevski (ver *infra*), na análise funcional de Propp ou nos modelos actanciais de Greimas, que elucidam, cada um a seu modo, os “atores” de uma narrativa no raio mesmo de suas ações e motivações. São formulações que contribuíram para minha compreensão dos problemas envolvidos. Trata-se porém de noções que eu aqui não saberia mobilizar sem um contorcionismo de resultados bastante dubitáveis. Meu escopo, mesmo se amplo, é muito mais restrito: um modelo aproximativo formal para textos em torno de uma temática literária, e não o conto popular ou o discurso em geral. Desde seus primeiros desenvolvimentos poéticos e ficcionais, o vampiro apresenta-se por contradições essenciais (morto-vivo, amante-consumante), não admitindo ser resumido a um antagonista ou a um doador unidimensional, mesmo que ambivalente; é inócuo reduzi-lo a um dragão ou a uma baba-iagá revisitados. Já para Greimas, os modelos devem ser estudados e inferidos em cada texto; actantes não equivalem a personagens, uma mesma personagem prestando-se a mais de um arranjo actancial. No nosso caso, porém, é como se o vampiro muitas vezes acumulasse *simultaneamente* pulsões contraditórias, e não sucessivamente como em inversão resultante de um *contrato*. (Com Claude Bremond, diríamos: é o herói de si mesmo.) – Este é um traço elementar do vampiro, repetidamente explorado na temática poético-ficcional, desde suas mais antigas figurações nas belas letras europeias.

12 Na senda dos peripatéticos e dos desdobramentos teóricos da oratória e da dialética greco-romana; ver Thionville (1855) para um apanhado de sua concepção dialética e retórica na Antiguidade.

13 Em relação a uma *quaestio finita* concreta e particular, a *inventio* não precisa buscar argumentos às cegas, mas refere-se a um acervo limitado de possibilidades, adequado ao seu objeto: os *loci* (Lausberg 1960:201-203). Dentre os *tópoi*, há uma classe própria a cada gênero discursivo (p. ex. legal ou demonstrativo) e outra geral, que é comum a todos os gêneros. Estes são propriamente os *konoì tópoi* ou *loci communi*.

expression or passage in a text which comes to be used as a resource for the composition of subsequent texts".¹⁴

Quando aqui emprego o termo *tópos*, quero indicar a recorrência plena de significado, como de situações entre personagens, mas também de procedimentos discursivos, a que as tradições textuais voltam amiúde; algo mais próximo do lugar-comum como o entendemos na linguagem corriqueira e menos no sentido estrito da retórica antiga. Um lobo ao luar é um *tópos* nesse sentido lato; a personagem que lê uma carta cuja revelação vira a intriga do avesso, também.

O "motivo", entendo-o primariamente como uma partícula narrativa que se conecta à anterior e à próxima, isto é, uma etapa localizada do desenvolvimento de uma narrativa.¹⁵ Algo próximo ao que Chklóvski (citando A. N. Vessélovski) chama de "tema": "unidade narrativa a mais simples" etc.¹⁶ Observe-se que tanto um lobo ao luar quanto a carta reveladora *também* podem ser considerados enquanto tais. Assim como os *tópoi*, os motivos podem similarmente provir do acervo comum da tradição textual.

Enfim, resta-me uma distinção tênue, é verdade; talvez a diferença entre um e outro repouse sobre seu "ângulo de incidência". Exclusivamente no interesse deste estudo, parece-me mais apropriado falar em *tópos* quando consideramos determinado procedimento como respondendo a princípios tradicionais de composição, a uma herança comum (sentido em que ecoa, muito de longe, algo das escolas dialéticas e retóricas que absorveram, precisaram e transformaram esse conceito a partir de Aristóteles). De outro lado, às vezes um mesmo elemento pode ser considerado enquanto "motivo", quando o que buscamos ressaltar, ao contrário, é seu papel no plano de um enredo ou de um poema em particular, uma peça dentro de uma unidade maior. Esse "papel" do motivo não precisa ser um elo causal para a narrativa, mas aí se incluem também imagens literárias ou poéticas em geral,

14 *Op. cit.*, p. 1294. Esta formulação está ligada ao entendimento do termo tal como explorado por E. R. Curtius em *Literatura européia e Idade Média latina*, segundo o qual os *tópoi* se apresentam p. ex. como esquemas estabelecidos de pensamento, metáforas extendidas, passos padronizados. Para algumas interessantes abordagens mais recentes e multidisciplinares dos *loci communi* (filosóficas, literárias, lingüísticas, sociológicas etc.), ver o volume coletivo organizado por Christian Plantin, *Lieux communs, topoi, stéréotypes, clichés* (1993).

15 Acepção que se situa, portanto, no extremo oposto do "motivo" como resumido por Raymond Trousson (1981:22-23 *et passim*): uma situação geral (rivalidade entre pai e filho; sedução; criação artística), uma "tela de fundo, um conceito abrangente designando seja uma certa atitude [...] seja uma situação de base, impessoal, cujos atores não foram ainda individualizados". Para tal concepção, é definidora do "motivo" a generalidade que o "tema" (na acepção defendida pelo mesmo Trousson) irá individualizar, expressar no particular (respectivamente aos exemplos acima: Laio e Édipo; Don Juan; Pigmaleão).

16 "Rapports entre procédés d'affabulation et procédés genéraux du style" (Chklóvski 1973:30-38).

não necessariamente encadeadas em funções narratológicas: lua cheia; meia-noite; nuvens negras; vento que uiva.¹⁷

Então, outro critério conseqüente é a distinção, formulada com clareza e síntese por Roland Barthes, entre *funções*, elos que conduzem a cadeia narrativa, e *índices*, remissões genéricas que sugerem “uma atmosfera” e não interferem diretamente no curso da trama.¹⁸ Essa distinção dá a reconhecer duas diferentes classes de unidades, que todavia não suplantam a aproximação tópico-motívica, antes a enriquecem com outra perspectiva. Quando uma personagem atende a um telefonema-chave, isto imprime um determinado curso à narrativa: é uma função. Já quando James Bond acomoda-se no saguão do aeroporto e saboreia uma dose de uísque, sem que isto incida sobre a seqüência das ações, diz Barthes, isto é um índice.¹⁹

Tomachevski entende motivos como “partes indecomponíveis”, “as menores partes do material temático”. Preferiria, no interesse localizado desta pesquisa, considerá-los não assim atomicamente, pois tantos de nossos motivos são sim decomponíveis, se fizermos incidir sobre eles outro ponto de vista para além do rigorosamente narratológico: cada degrau da cena de amor entre um fidalgo audaz e uma aliciante criatura misteriosa constitui um elo causal da fábula, mas é ao mesmo tempo muito mais do que isso.²⁰ Não é em frases

17 Uma vez que tantas destas imagens são parte do acervo universal de uma literatura, seria pouco proveitoso, nesta etapa, proceder a um exame em profundidade delas. De um lado, não é razoável considerar a lua ou a coruja como um elemento próprio de nossa temática sem indagar qual seria a relação de uma dada ocorrência sob exame com aquela projeção de fundo. Ao mesmo tempo, isso não impede que as percebamos na qualidade de imagens recorrentes na poesia e na ficção ditas “vampirescas”, enfim, que não é nada casual que a nossa temática lance mão delas.

18 Barthes 1971.

19 Cf. em Tomachevski (*op. cit.*) a distinção afim, mas não de todo coincidente, entre motivos associados (não suprimíveis sem prejuízo da coesão da fábula) e motivos livres (ligados à “construção artística da obra”, seu emprego é determinado em grande medida por um repertório legado pela tradição literária).

20 Podemos decompor a cena em subcenas, agindo no interesse analítico narratológico, mas, chegados às suas “unidades indecomponíveis”, não é incomum que cada uma seja portadora de uma multiplicidade imagética. O que é que se obtém ao decompor em suas partes ínfimas a seguinte frase? “Seu olhar desejoso me apanhou o coração com garras de pantera, eu sentia meu sangue se esvaír como quem estivesse ferido de morte, um fogo ameaçador cintilava trespassando os seus olhos, então mergulhou como o véu misterioso que a lua estende sobre a paisagem” (*Ihr verlangender Blick ergriff mein Herz mit Pantherenkrallen, ich fühlte mein Blut rieseln wie ein zu Tode Verwundeter, vorübergehend flackerte in ihren Augen ein drohendes Feuer auf, dann senkte es sich über dasselbe wie der geheimnißvolle Schleier, den der Mond über die Landschaft breitet.*” Sacher-Masoch, “Die Todten sind unersättlich” [1874] 1877a:250). Teremos mesmo de passar do período às orações (“que a lua estende sobre a paisagem”), das orações às suas partes (“garras de pantera”; “véu misterioso”), daí chegar aos lexemas (“olhos”; “sangue”; “coração”; “cintilava”) e seguir até atingir cada um dos semas envolvidos? Parece-me que um tal procedimento terminaria por fugir ao ponto.

ou fragmentos de frases que se deixarão localizar positivamente tais componentes. Sou favorável, por isso, por uma compreensão menos estrita de “motivo”.

Em minha aproximação, uma dificuldade vem da percepção de que certos motivos tendem a ocorrer em momentos precisos da fábula; já outros podem ser mobilizados mais livremente ao longo dela ou até de maneira independente. De início, pareceria que os elementos preferencialmente afixáveis a determinados desenlaces da narrativa seriam mais próximos de *funções*, conforme as entendem Propp e Barthes; já aqueles cuja ocorrência é mais livre, de *índices*, na definição deste último. Porém, no contato com os textos, nem sempre os elementos se deixam distinguir em registros tão apartados.²¹ Situemos a questão mais palpavelmente por meio de alguns exemplos.

O *tópos* (*viz.* o motivo) da *expedição ao túmulo* ocorre via de regra em passagens cruciais para o curso da narrativa vampíresca: ou bem na confirmação de uma suspeita (pela ausência do cadáver no caixão; pela constatação de seu estado de conservação), a que se seguem outros desenvolvimentos narrativos; ou bem na execução do monstro, conduzindo ao desenlace final da obra ou de um seu episódio. Esta situação precisa do motivo, mesmo comportando a alternativa ressaltada, nos levaria a considerá-lo uma função narrativa. Leiamos como quatro obras diferentes se valem dele:

“What are you going to do?” I asked.

“To open the coffin. You shall yet be convinced.” Straightway he began taking out the screws, and finally lifted off the lid, showing the casing of lead beneath. The sight was almost too much for me. It seemed to be as much an affront to the dead as it would have been to have stripped off her clothing in her sleep whilst living; I actually took hold of his hand to stop him. He only said: “You shall see,” and again fumbling in his bag, took out a tiny fret-saw. Striking the turnscrew through the lead with a swift downward stab, which made me wince, he made a small hole, which was, however, big enough to admit the point of the saw. I had expected a rush of gas from the week-old corpse. We doctors, who have had to study our dangers, have to become accustomed to such things, and I drew back towards the door. But the Professor never stopped for a moment; he sawed down a couple of feet along one side of the lead coffin, and then across, and down the other side. Taking the edge of the loose flange, he bent it back towards the foot of the coffin, and holding up the candle into the aperture, motioned to me to look.

*I drew near and looked. The coffin was empty.*²²

□

²¹ Esta colocação não concerne aos “motivos livres” como os entende Tomachevski.

²² *Dracula* [1897], cap. XV (Stoker 2001:190).

Only one more coffin now remained to be inspected; Woislav approached it, and read the inscription. It was the same that had before attracted the Knight of Fahrenberg: Ezzelin von Klatka, the last possessor of the tower, was described as lying therein. Woislav found it more difficult to raise the lid here; and it was only by the exertion of much strength he at length succeeded in extracting the nails. He did all, however, as quietly as if afraid of rousing some sleeper within; he then raised the cover, and cast a glance on the corpse. An involuntary 'Ha!' burst from his lips as he stepped back a pace. If he had less expected the sight that met his eyes, he would have been far more overcome. In the coffin lay Azzo as he lived and breathed, and as Woislav had seen him at the supper-table only the evening before.²³

□

Suddenly Mr. Marchdale cried, in a tone of excitement, –

"I have found it. It is here."

They all immediately surrounded the spot where he was, and then he pointed to the lid of a coffin, which he had been rubbing with his handkerchief, in order to make the inscription more legible, and said, –

"See. It is here."

By the combined light of the candles they saw the words, –

"Marmaduke Bannerworth, Yeoman. 1640."

"Yes, there can be no mistake here," said Henry. "This is the coffin, and it shall be opened." [...] There was a death-like pause for some few moments, and then Mr. Chillingworth said, in a low voice, –

"There is not the least vestige of a dead body here."²⁴

□

L'abbé Sérapion se munit d'une pioche, d'un levier et d'une lanterne, et à minuit nous nous dirigeâmes vers le cimetière de ***, dont il connaissait parfaitement le gisement et la disposition. [...]

« C'est bien ici, » dit Sérapion, et, posant à terre sa lanterne, il glissa la pince dans l'interstice de la pierre et commença à la soulever. La pierre céda, et il se mit à l'ouvrage avec la pioche. Moi, je le regardais faire, plus noir et plus silencieux que la nuit elle-même ; quant à lui, courbé sur son oeuvre funèbre, il ruisselait de sueur, il haletait, et son souffle pressé avait l'air d'un râle d'agonisant. C'était un spectacle étrange, et qui nous eût vus du dehors nous eût plutôt pris pour des profanateurs et des voleurs de linceuls, que pour des prêtres de Dieu. Le zèle de Sérapion avait quelque chose de dur et de sauvage qui le faisait ressembler à un démon plutôt qu'à un apôtre ou à un ange, et sa figure aux grands traits austères et profondément découpés par le reflet de la lanterne n'avait rien de très rassurant.²⁵

23 "The mysterious stranger" (*Chambers's repository* 1854:25).

24 *Varney the vampire* [1845-1847], cap. 8 (Rymer 2008:67-68).

25 "La morte amoureuse" [1836] (Gautier 1981:148-149).

Como se vê pelos exemplos acima, a expedição ao túmulo ocorre preferencialmente em determinados entroncamentos da narrativa – após a formulação da hipótese de que naquele sepulcro se encontre algo que merece ser examinado (e a ausência de um corpo é também uma prova); ou então no momento mesmo da execução.

Outros motivos, dizíamos, ocorrem mais livremente ao longo da narrativa. Assim o *tópos* em que o vampiro compraz-se em sugerir veladamente algo de sua natureza não-humana (ou sanguinária, hematófaga etc.). Não o encontramos preferencialmente em determinados enclaves da trama, como no caso da expedição ao túmulo. Mais uma vez, tomemos exemplos de diferentes obras:

I had hung my shaving glass by the window, and was just beginning to shave. Suddenly I felt a hand on my shoulder, and heard the Count's voice saying to me, "good-morning." I started, for it amazed me that I had not seen him, since the reflection of the glass covered the whole room behind me. In starting I had cut myself slightly, but did not notice it at the moment [...]

*"Take care," he said, "take care how you cut yourself. It is more dangerous than you think in this country."*²⁶

As the party were just going to supper, it was only natural to invite the stranger to partake of it; he complied, however, only in so far that he seated himself at the table, for he ate no morsel. The knight, with surprise, inquired the reason.

'For a long time past, I have accustomed myself never to eat at night,' he replied with a strange smile. 'My digestion is quite unused to solids, and indeed would scarcely confront them. I live entirely on liquids.'

'Oh, then, we can empty a bumper of Rhine-wine together,' cried the host.

'Thanks; but I neither drink wine nor any cold beverage,' replied the other; and his tone was full of mockery. It appeared as if there was some amusing association connected with the idea.

'Then I will order you a cup of hippocras' – a warm drink composed of herbs – 'it shall be ready immediately,' said Franziska.

*'Many thanks, fair lady; not at present,' replied the other. 'But if I refuse the beverage you offer me now, you may be assured that as soon as I require it – perhaps very soon – I will request that, or some other of you.'*²⁷

26 *Dracula*, cap. II (Stoker 2001:26).

27 *Chambers's repository* 1854:14.

Rutwren

*Ô mon ami, comme tout mon être s'est ranimé à sa vue ! Tu le sais, flétri par les malheurs, isolé sur la terre, tu me vis toujours prêt à quitter sans regret le néant qui m'entourait pour chercher un néant plus inconnu encore. Cet ange, cet ange seul peut m'attacher à l'existence ; c'est d'elle que j'attends une nouvelle vie : il me semble déjà que je la puise dans ses regards.*²⁸

Por fim, o *tópos* do olhar insólito e poderoso se presta aos dois tipos de arranjo: pode comparecer tanto independentemente do curso da narrativa, como combinado com um momento preferencial:

*He gazed upon the mirth around him, as if he could not participate therein. Apparently, the light laughter of the fair only attracted his attention, that he might by a look quell it, and throw fear into those breasts where thoughtlessness reigned. Those who felt this sensation of awe, could not explain whence it arose: some attributed it to the dead grey eye, which, fixing upon the object's face, did not seem to penetrate, and at one glance to pierce through to the inward workings of the heart; but fell upon the cheek with a leaden ray that weighed upon the skin it could not pass.*²⁹

□

*I looked down, afraid of the persuasive power of his eyes. I refused to be convinced to fear him, no matter how real the danger might be.*³⁰

A constatação de que os mesmos motivos tanto podem tender a ser mais localizados na trama quanto, outras vezes, comparecer sem uma implicação direta sobre a fábula, leva a relativizar uma separação rígida dos motivos em duas categorias estáticas (funções *versus* índices). Pode-se argumentar que a tempestade do capítulo VIII de *Dracula* – durante a qual o navio russo que transportava as caixas cheias de terra (e... outros pertences) do Conde se esborracha contra a costa rochosa de Whitby – não é unicamente *índice*, mas *função*: é mesmo preciso, para o progresso da narrativa, que haja uma tempestade neste momento.

28 *Le vampire, mélodrame en 3 actes* [1820], I, 8 (Nodier 1990:68-69).

29 "The vampire" (Polidori 1819:196 c. 2).

30 *Twilight* [2005], cap. 12 (Meyer 2010:213).

Mas nem por isso a tal tempestade deixa de ser índice também.³¹

Uma palavra enfim sobre *procedimentos narrativos*, que em última análise estariam compreendidos nos *loci communes*. Percebem-se alguns procedimentos não só freqüentes (vários níveis de narrações aninhadas, em missivas e diários, por exemplo), mas até em certa medida constituintes da narrativa. O exemplo mais notável é a analepse (*flashback*), que na narrativa vampiresca tende a ocorrer em determinados desenlaces da trama e trazer conseqüências para a estrutura da obra.

•

O capítulo a seguir procura delinear alguns dos mais freqüentes motivos e procedimentos que ajudam a caracterizar (no nosso exame, sobretudo narrativamente) o vampiro literário.

31 Vejam-se as seguintes frases, que no romance dizem-se recortadas das páginas de um jornal e coladas no diário de Mina: “*The approach of sunset was so very beautiful, so grand in its masses of splendidly-coloured clouds, that there was quite an assemblage on the walk along the cliff in the old churchyard to enjoy the beauty. Before the sun dipped below the black mass of Kettleness, standing boldly athwart the western sky, its downward way was marked by myriad clouds of every sunset-colour-flame, purple, pink, green, violet, and all the tints of gold; with here and there masses not large, but of seemingly absolute blackness, in all sorts of shapes, as well outlined as colossal silhouettes. The experience was not lost on the painters, and doubtless some of the sketches of the ‘Prelude to the Great Storm’ will grace the R.A. and R.I. walls in May next.*” (Stoker 2001:74-75).

Cap. 4

Apontamentos para uma tónica do vampiro

I have now made a full avowal of all the plagiarisms of which I am aware myself; but I doubt not, many more may be found, of which I am at present totally unconscious.

Matthew Lewis, “Advertência” a *The Monk* (Lewis 1973:6)

Cependant de grands et hauts talents, obsédés ou aveuglés, cèdent au torrent et y poussent, imitent et encouragent les déportements dont ils croient pouvoir toujours se tirer eux-mêmes sans déshonneur.

Sainte-Beuve, “De la littérature industrielle” (Sainte-Beuve 1839:553)

Plano do capítulo 4

Não há *tópos* em estado puro p. 90

I. Análise de motivos e *tópoi*

1. **Caracterização do vampiro.** Elementos descritivos p. 92 – A personagem em situação p. 99
2. **Vitimização.** Funções e caracterizações das vítimas p. 112 – Ataque (sedução e ataque) p. 114
3. **Vingança.** Temporalidade do “vingador” – O “ciente” p. 121
4. **Procedimentos narrativos.** Triangulação; replicação p. 123 – Autoridade e testemunho; a explicação p. 126 – A analepse p. 129 – Moldura narrativa p. 130
5. **Outros motivos e índices.** Do tesouro motivico (lua, associações bestiais, o círculo mágico, a mão gelada, o retrato, a velhice precoce...) p. 131 – Motivos intertextuais particulares? p. 136

II. Para além de um princípio meramente cumulativo de composição

Perspectiva temática, análise tipológica ou “luz vampiresca” p. 138 – Um *trompe-l’œil* pós-moderno p. 139 – Estrutura tópica da narrativa p. 141

Relação de obras diretamente citadas no capítulo:

Ano de edição	Autor	Título	referência bibliográfica utilizada
1645	Leo Allatios ®	<i>De Graecorum hodie quorundam opinionationibus</i>	Allatius 1645
1657	François Richard ®	<i>Relation de ce qui c'est passé... à Saint-Erini</i>	Richard 1657
1693	[anônimo]	“Article fort extraordinaire”	<i>Mercure Galant</i> 1693
1716	G. Gengell ®	<i>Eversio Atheismi [...]</i>	Gengell 1716
1732	Flückinger <i>et alii</i>	<i>Visum & repertum</i>	Flückinger 1732
1748	H. A. Ossenfelder	“Der Vampir”	Ossenfelder 1748
1774	G. A. Bürger	“Lenore”	Bürger 1774
1775	Voltaire ®	<i>Questions sur l'Encyclopédie</i> , vol. 6	Voltaire 1775
1796	Matthew Lewis	<i>The monk</i>	Lewis 1973
1819	John W. Polidori	“The vampyre”	Polidori 1819
1820	C.B. {Cyprien Bérard}; C. Nodier	<i>Lord Ruthwen ou les vampires</i>	Nodier 1820
1820	C. Nodier, Carmouche & Jouffroy d'Abbans	<i>Le vampire, mélodrame en 3 actes</i>	Nodier 1990
1823	Ernst Raupach	“Laßt die Todten ruhen”	Raupach 1823
1820	J. R. Planché	<i>The vampire, or The Bride os the Isles</i>	Planché 1986
1827	Prosper Mérimée	<i>La guzla</i>	Mérimée 1827
1828	Ritter/Wohlbrück/ Marschner	<i>Der vampir: Romantische Oper in vier Aufzügen</i>	Ritter/Wohlbrück/ Marschner [s/d]
1836	Théophile Gautier	“La morte amoureuse”	Gautier 1981
1837	Gustave Flaubert	“Rêve d'enfer - Conte fantastique”	Flaubert 2001
1845- 1847	James M. Rymer	<i>Varney the vampire: or, The feast of blood</i>	Rymer 2008
1851	A. Dumas & A. Maquet	<i>La vampire, drame fantastique [...]</i>	Dumas 1865
1854	[anônimo]	“The mysterious stranger”	<i>Chambers' Repository</i> 1854
1872	Joseph S. Le Fanu	“Carmilla”	Le Fanu 1872
1874	L. Sacher-Masoch	“Die Todten sind unersättlich”	Sacher-Masoch 1877a
1874	L. Sacher-Masoch	“Ewige Jugend”	Sacher-Masoch 1877b
1875	Paul Féval	<i>La ville vampire</i>	Féval 1891
1886	Guy de Maupassant	“Le horla”	Maupassant 1909
1894	Eric Stanislaus Stenbock	“A true story of a vampire”	Sims 2011
1897	Bram Stoker	<i>Dracula</i>	Stoker 2001
1924	Hamilton Deane	<i>Dracula</i>	Deane & Balderston 1993
1927	Hamilton Deane & John Balderston	<i>Dracula: The vampire play</i>	Deane & Balderston 1993
1936	Mircea Eliade	<i>Domnișoara Christina</i>	Eliade 2011
2004	John Ajvide Lindqvist	<i>Låt den rätte komma in</i>	Lindqvist 2012
2004	Carlos Fuentes	“Vlad”	Fuentes 2004

O símbolo ® indica que, das obras referidas, trechos correspondentes à argumentação se encontram no Apêndice.

Vamos então ao exame de elementos que seriam típicos da temática literária vampiresca. Eles não serão apresentados ordenadamente conforme sua natureza (cujos critérios de categorização busquei problematizar minimamente, no capítulo anterior), antes segundo suas associações mais comuns no interior das próprias obras narrativas, dramáticas, poéticas.

Excetuado algum comentário no decorrer, a primeira seção deste capítulo busca meramente apontar alguns aspectos das obras que compõem o *corpus*; trata-se basicamente de uma etapa analítica. Optei por deixar falar os textos (ainda que selecionados e relacionados segundo certo arranjo meu), até para dá-los a conhecer e não pressupor que o leitor os tenha em mente.

Nesta exposição, entretanto, encontrei um obstáculo que não soube solucionar satisfatoriamente. Mesmo seguindo um procedimento razoavelmente padronizado – isolar, nos textos, motivos e associações de motivos –, uma dificuldade prática logo surgiu: certas passagens de texto não admitem ser consideradas sob um único *tópos*, porque trazem, com efeito, todo um conjunto deles. Estando os motivos dessa forma imbricados, nem sempre, ao seguirmos o propósito de análise, seremos capazes de encontrar um critério claro para separá-los uns dos outros. Tome-se o seguinte poema de Heinrich August Ossenfelder (1725–1801), tido como pioneiro a se apropriar do vampiro para a criação artística, em línguas ocidentais pelo menos:

*Mein liebes Mägdchen glaubet
Beständig steif und feste,
An die gegebenen Lehren
Der immer frommen Mutter;
Als Völker an der Theyse
An tödtliche Vampire
Heyduckisch feste glauben.
Nun warte nur Christianchen,
Du willst mich gar nicht lieben;
Ich will mich an dir rächen,
Und heute in Tockayer*

Minha querida moça crê,
constante, orgulhosa e firme,
nas dadas lições
da sempre pia mãe;
como populações junto do rio Tizsa
em fatais vampiros
crêem com firmeza, à maneira dos heiduques.
Ora espera só, Cristininha,
tu não queres por nada me amar;
eu de ti quero me vingar,
e hoje, de [um vinho de] Tockay

*Zu einem Vampir trinken.
Und wenn du sanfte schlummerst,
Von deinen schönen Wangen
Den frischen Purpur saugen.
Alsdenn wirst du erschrecken,
Wenn ich dich werde küssen
Und als ein Vampir küssen:
Wann du dann recht erzitterst
Und matt in meine Arme,
Gleich einer Todten sinkest
Alsdenn will ich dich fragen,
Sind meine Lehren besser,
Als deiner guten Mutter?*

beber a um vampiro.
E quando dormires ternamente,
de tuas belas faces
o fresco púrpura sugar.
Assim te assustarás
quando eu for te beijar
e beijar-te como um vampiro:
então, quando tremeres a valer
e lânguida em meus braços
sucumbires como uma morta,
assim quero então perguntar-te:
são minhas lições melhores
do que as de tua boa mãe?

Começemos a analisar o poema, procurando apontar elementos contíguos às convenções do vampiro. Temos aqui um conjunto de traços freqüentemente retomados na trajetória do tipo literário: a devota mãe da vítima que se opõe diametralmente ao solicitante; o apelo erótico vingativo; o lânguido ataque durante sono; o beijo à força; a localização exótica¹; o vinho.

Em resumo, o poema na sua integralidade poderia ser compreendido em termos de uma tópica. Nesse caso, onde deveríamos situar um verso como “*Und matt in meine Arme*” (“e lânguida em meus braços”)? Sob o *tópos* do apelo erótico ou da debilidade da vítima após o ataque? – Os motivos raramente se deixam separar com tanta clareza.

Nos textos, não encontramos o *tópos* num estado puro, é de sua natureza ligar-se e misturar-se a outros; esta, aliás, é uma expressão estrutural da obra literária. Por essa razão, as copiosas citações que proponho a seguir poderiam figurar ali onde escolhi lançar mão delas (digamos, sob o tópico da “vitimização”), como bem o poderiam ser alhures, tão justificadamente quanto. De modo que o exame é funcional na medida em que consideramos o *tópos* uma ferramenta analítica e não uma qualidade essencial do texto. A separação excessivamente nítida dos elementos constitutivos termina por ofuscar a compreensão do todo. Se os trechos que cito para exemplificar tal ou qual *tópos* inevitavelmente esbarram noutros... para expor os motivos típicos da narrativa vampiresca, não parece haver um caminho livre de alguma tortuosidade, de algum vaivém.

Outra escolha é a de não explorar, pelo momento ao menos, a hipótese de uma mesma proveniência para os elementos comuns a tantas criações literárias. Por ora, só quero chamar atenção para a *potencial intertextualidade* no interior dessa grande comunidade de textos,

¹ Considerando-se a ambientação na Hungria e o fato de o poema ter sido publicado num periódico de Leipzig (ver Ossenfelder 1748).

demonstrável pela recorrência tão freqüente de tais elementos no *corpus*. Essas camadas de intertextualidade não se resumem aos *tópoi* exemplares – e não exaustivos – aqui propostos; estes seriam, no máximo, seu aspecto mais evidente e superficial. Por outro lado, não é o caso de renunciarmos à tentativa de nos aproximar de alguns deles, dado atravessarem não apenas a grande maioria dos textos concordemente tidos como pertencentes à temática, mas também outros, cuja ligação com tal “núcleo modelar” é mais tênue.

I. Análise de motivos e *tópoi*

1. Caracterização do vampiro

Elementos descritivos.

- Começamos pelos elementos de descrição da personagem do vampiro. Quase sempre recorrem à estatura, à tez de pele, a um olhar insuportável, a boca, dentes e unhas excepcionais:

*In spite of the deadly hue of his face, which never gained a warmer tint, either from the blush of modesty, or from the strong emotion of passion, though its form and outline were beautiful [...].*²

□

*[The horses] were driven by a tall man, with a long brown beard and a great black hat, which seemed to hide his face from us. I could only see the gleam of a pair of very bright eyes, which seemed red in the lamplight, as he turned to us.*³

□

Hélène

*[...] Sois donc généreux, Gilbert, et ne regarde pas avec colère celui que tu dois appeler ton frère... Et, si tu trouves son visage un peu pâle, son front un peu sombre, plains-le ; car il est triste, dit-il, et il ne souffre que d'un excès d'amour pour moi.*⁴

□

Elle était assez grande, avec une taille et un port de déesse ; ses cheveux, d'un blond doux, se séparaient sur le haut de sa tête et coulaient sur ses tempes comme deux fleuves d'or ; on aurait dit une reine avec son diadème ; son front, d'une blancheur bleuâtre et transparente, s'étendait large et serein sur les arcs de deux cils presque bruns, singularité qui ajoutait encore à l'effet de prunelles vert de mer d'une vivacité et d'un éclat insoutenables. Quels yeux ! avec un éclair ils décidaient de la destinée d'un homme ; ils avaient une vie, une limpidité, une ardeur, une humidité brillante que je n'ai jamais vues à un œil humain ; il s'en échappait des rayons pareils à des flèches et que je voyais

2 J. W. Polidori, “The vampyre” (Polidori 1819:196b).

3 Stoker, *Dracula* [1897] (Stoker 2001:11).

4 Dumas & Maquet, *Le vampire* [1851] (Dumas 1865:466).

*distinctement aboutir à mon cœur. Je ne sais si la flamme qui les illuminait venait du ciel ou de l'enfer, mais à coup sûr elle venait de l'un ou de l'autre. Cette femme était un ange ou un démon, et peut-être tous les deux ; elle ne sortait certainement pas du flanc d'Eve, la mère commune.*⁵

• Se o rosto pálido é o mais convencional no vampiro de ficção, num raio um pouco mais amplo percebemos que o característico recai não tanto sobre a palidez necessariamente, quanto sobre uma tez de pele incomum ou extraordinária.

The tall form turned upon him, and when he got a full view of the face, [...] even he, Marchdale, with all his courage, and that was great, and all his nervous energy, recoiled a step or two, and uttered the exclamation of, "Great God!"

*That face was one never to be forgotten. It was hideously flushed with colour – the colour of fresh blood; the eyes had a savage and remarkable lustre; whereas, before, they had looked like polished tin – they now wore a ten times brighter aspect, and flashes of light seemed to dart from them. The mouth was open, as if, from the natural formation of the countenance, the lips receded much from the large canine looking teeth.*⁶

□

*I may mention, in passing, that the deadly pallor attributed to that sort of revenants, is a mere melodramatic fiction. They present, in the grave, and when they show themselves in human society, the appearance of healthy life.*⁷

• Por sinal, nas narrativas não ficcionais que tematizaram o vampiro entre os séculos XVII e XVIII, distintiva é muito mais a coloração rubicunda do defunto suspeito de vampirismo:

*Et quand ils le trouvent entier, frais & plein de sang, ils tiennent pour assuré qu'il servoit d'instrument au demon. C'est pourquoy ils le conjurent à force d'exorcismes de quitter ce corps, & ne cessent de le faire jusques à ce que le demon se soit retiré, & qu'en se retirant ce corps vienne à se dissoudre, à perdre peu à peu sa couleur & son embonpoint, & à demeurer pesant, puant & hideux.*⁸

□

*On les trouve dans leurs Cercueils, mols, flexibles, enflez, & rubiconds, & non pas secs & arides comme les autres Cadavres, quelque temps qui puisse s'estre écoulé depuis qu'ils ont esté mis en terre.*⁹

5 Gautier, "La morte amoureuse" [1836] (Gautier 1981:120).

6 Rymer, *Varney the vampire* [1845–1847] (Rymer 2008:39).

7 Le Fanu, "Carmilla" (Le Fanu 1872:263).

8 Richard, *Relation de ce qui c'est passé... à Saint-Erini...* (Richard 1657:210; para facilitar a leitura, onde cabível alterei "u" para "v", "i" para "j", sem contudo modernizar de outra forma a grafia).

9 Anônimo, "Article fort extraordinaire", *Mercure Galant*, maio de 1693, p. 66.

[...] & ego multoties ab oculatis fide dignis testibus audiui, quòd cadaver humanum repertum sit, non tantum diuturno tempore esse incorruptum, flexibile, rubicundum, sed insuper caput, os, ac linguam, quandoque & oculos movere, linteamina, quibus fuit involutum deglutire, imò & vorare partes sui corporis.

[...] e muitas vezes eu ouvi de testemunhas oculares dignas de fé que fosse encontrado um cadáver humano não apenas por longo tempo incorrupto, flexível, rubicundo, mas que ainda por cima movesse a cabeça, a boca, a língua e os olhos, que engolissem a mortalha em que havia sido envolto, e até que devorasse partes de seu corpo.¹⁰

Que estes textos – especialmente no séc. XVIII – estão a fundar uma temática do vampiro, não há dúvida. A objeção de que a prosa não ficcional fosse incapaz de lançar luz sobre a composição literária é relativizada a uma passagem como esta, por sinal muito citada, de Voltaire:

*Ces vampires étaient des morts qui sortaient la nuit de leurs cimetières pour venir sucer le sang des vivans soit à la gorge ou au ventre, après quoi ils allaient se remettre dans leurs fosses. Les vivans sucés maigrissaient, pâlissaient, tombaient en consommation, & les morts suceurs engraisaient, prenaient des couleurs vermeilles, étaient tout-à-fait appétissans.*¹¹

• Posteriormente, também as vestes do vampiro hão de assumir uma descrição estereotipada, até monocórdia:

*Several individuals looked hard at the stranger in the cloak [...] But he was not much open to recognition even if he were known, for the cloak with which he had enveloped himself was of such ample dimensions that it completely concealed him from the curiosity of the many; indeed, his face was hardly visible, for the fur collar he wore hid all save the bridge of a prominent nose, and his eyes, which had a peculiar lustre.*¹²

*Within, stood a tall old man, clean shaven save for a long white moustache, and clad in black from head to foot, without a single speck of colour about him anywhere.*¹³

Nesse sentido foram determinantes as quase contínuas reaparições vampíricas nos palcos do melodrama, do *vaudeville* e da cena lírica da primeira metade do séc. XIX:

10 Gengell, *Eversio Atheismi* (Gengell 1716:122).

11 Voltaire, *Questions sur l'Encyclopédie* (Voltaire 1775:447; omiti um deslize tipográfico, a repetição da preposição à).

12 Rymer 2008:628.

13 Stoker 2001:17.

Figura 1. Figurino de Lord Rutwen no melodrama do Théâtre de la Porte-Saint-Martin, 1820 [reproduzido de Nodier 1990:62]

(Ruthwens Züge beginnen sich zu regen, er richtet sich durch die Maschine neubelebt unter dem Einfluß der Mondstrahlen auf, erhebt malerisch den Mantel gegen den Mond, so daß die Maschine ungesehen sich wieder senkt und atmet tief auf.) Ah!

(A figura de Ruthwen começa a mover-se, ele se ergue pela máquina, redivivo sob o influxo dos raios lunares, alça pictoricamente a capa contra a lua, de modo que a máquina invisivelmente torna a baixar, e [ele] respira a fundo.) Ah!¹⁴

14 Wohlbrück/Ritter/Marschner, *Der Vampyr* [1828] (Wohlbrück s/d:37; introduzi parênteses para melhor demarcar a indicação cênica). Sem contar a tradução inglesa a cargo de J. R. Planché, de 1829, existem no mínimo três versões alemãs desta ópera, cada uma com um número diferente de atos. Utilizei aqui o texto da ópera em 4 atos.

Figura 2. Ilustração incluída em edição da adaptação inglesa de Planché (1820) do melodrama.
“Cena inicial (“Introductory vision”) [reproduzido de Planché 1986:46]

Figura 3. Raymond Huntley e Dora Mary Patrick na montagem londrina de *Dracula*, 1927
[reproduzido de Deane & Balderston 1993:16]

• A personagem que se revelará um vampiro muitas vezes é estrangeira; se não, é portadora de algum exotismo, possuindo passado ou origem misteriosos. Creio não ser preciso demonstrá-lo quanto a *Dracula* (senão que sua Transilvânia é bastante particular). O Ruthven de Polidori parece surgir do nada, mesmo que possua trânsito livre na alta sociedade londrina. Outras vezes, como nas principais adaptações do conto polidorianiano para o palco, o elemento exótico liga-se menos à proveniência da personagem e antes à ambientação (Grécia e Escócia nas obras das primeiras décadas do séc. XIX; Espanha e Circássia em Alexandre Dumas¹⁵). O vampiro pode ter um sotaque carregado, estranho; outras vezes, vestir-se de modo incomum.

*Tout à coup un étranger se présente. Ses vêtements, ses manières nobles décèlent un rang élevé ; mais ses traits altérés, son regard farouche, démentent la tranquillité d'âme qu'il s'efforce de faire paraître, et son front sillonné atteste à tous les yeux que des chagrins affreux ont tourmenté sa vie.*¹⁶

□

*Dans le marais de Stavila, auprès d'une source, est un cadavre étendu sur le dos. C'est ce maudit Vénitien qui trompa Marie, qui brûla nos maisons. Une balle lui a percé la gorge, un ataghan s'est enfoncé dans son cœur; mais depuis trois jours qu'il est sur la terre, son sang coule toujours rouge et chaud.*¹⁷

□

I said there were particulars which did not please me. I have told you that her confidence won me the first night I saw her; but I found that she exercised with respect to herself, her mother, her history, everything in fact connected with her life, plans, and people, an ever wakeful reserve [...] What she did tell me amounted, in my unconscionable estimation – to nothing. It was all summed up in three very vague disclosures:

First. – Her name was Carmilla.

Second. – Her family was very ancient and noble.

Third. – Her home lay in the direction of the west.

*She would not tell me the name of her family, nor their armorial bearings, nor the name of their estate, nor even that of the country they lived in.*¹⁸

□

15 Nas apropriações dramáticas de Ruthven, os eventos ocorridos na Grécia são narrados em *flashback* por uma personagem. – Na versão de Dumas & Maquet, a ação intermediária se passa na Bretanha, região doméstica tão construída culturalmente quanto o estrangeiro.

16 Lord Ruthven ou les vampires (Nodier 1820:I, 27).

17 Mérimée, “Le vampire”, *La guzla* (Mérimée 1827:189).

18 Le Fanu 1872:103-105.

*He was announced under the name of Count Vardalek – the name being Hungarian. But he spoke German well enough: not with the monotonous accentuation of Hungarians, but rather, if anything, with a slight Slavonic intonation. His voice was peculiarly soft and insinuating.*¹⁹

□

Van Helsing

And the Count – you like him, eh?

Seward

*Well I can't say I do. I feel "on the edge" whenever he comes near me. But apart from that and the fact that he is a most peculiar chap, I have nothing against him – he is a courtly, cultured man, with a manner that belongs to another period – I nearly said another world.*²⁰

O contato com o estrangeiro é por vezes evocado como causa do contágio do vampirismo; alternativamente, como notícia que dá a conhecer o fenômeno.

[...] und ältesten Heyducken des Dorffes folgender masse vorgenommen und abgehöret worden. Welche denn einhellig aussagen, daß vor ungefähr 5. Jahren ein hiesiger Heyduck, Nahmens Arnond Paole sich durch einen Fall von einem Heuwagen den Hals gebrochen ; dieser hatte bey seiner Lebens-Zeit sich öffters verlauten lassen, daß er bey Gossowa in dem Türkischen Servien von einem Vampir geplagt worden sey, dahero er von der Erde des Vampirs Grab gegessen, und sich mit dessen Blut geschmieret habe, um von der erlittenen Plage entlediget zu werden.

*[...] e os heidduques mais velhos da aldeia foram buscados e ouvidos. Os quais então afirmaram unanimamente que há 5 anos um heidduque local, de nome Arnond Paole, houvesse quebrado o pescoço ao cair de um charrete de feno; este havia dado a saber com frequência, em vida, que fora atacado por um vampiro em Kossovo, na Sérvia Turca, e daí ter ele comido da terra da cova do vampiro, e lambuzado-se com o sangue daquele, para livrar-se da praga sofrida.*²¹

Esse grupo de caracterizações – exótico, estrangeiro – está dentre os mais explorados e pertinentes ao vampiro. Voltarei repetidamente a isto ao longo da dissertação.²²

19 Stenbock, "A true story of a vampire" [1894] (*in* Sims 2011:317).

20 Hamilton Deane, *Dracula* [1924], primeira adaptação encenada do romance de Bram Stoker (*in* Deane & Balderston 1993:13).

21 Flückinger *et alii*, *Visum & repertum* (Flückinger 1732:4).

22 De outra parte, mudando de registro, o exotismo é também um traço recorrente de obras românticas (ver Praz 2008, capítulo "Bisanzio" *et passim*). Seguramente, o fato de os primeiros desenvolvimentos ficcionais do vampiro terem sido realizados em contextos afins aos Romantismos potencializou a recorrência desta convenção – embora isto não baste para explicá-la. O vampiro é fruto de discursos que infiltram o Outro numa sociedade doméstica: *na condição* de uma alteridade que se impõe, ou de um fenômeno estrangeiro trazido para casa. A parte final da dissertação busca elucidar algo a esse respeito.

A personagem em situação.

Para além de sua descrição, a personagem do vampiro é tipificada por uma série situações características. As mais importantes resultam de que ele não é um antagonista declarado, não na situação inicial pelo menos. Ao contrário, o mais freqüente é que seja introduzido como uma pessoa atrativa, elegante, loquaz e sedutora, de porte e ranque elevados; também que mantenha essa máscara de boas intenções e nobre caráter por boa parte do desenrolar da trama. Na mais calcada convenção, o leitor/espectador (também o narrador que conta uma estória pregressa) sabe de suas funestas motivações, mas não as personagens que se vêem por ele atraídas. Sugiro designá-lo *vampiro-oculto* e *vampiro-manifesto*, conforme a ação se apresente:

[...] *ils cachent leur perfidie sous les dehors les plus attrayants.*²³

É o aspecto proeminente de *monstro da dissimulação*:

Van Helsing

[...] *The strenght of the vampire is that people will not believe in him.*²⁴

• O vampiro é-nos apresentado como um membro da nobreza num número expressivo de obras: condes, marqueses e lordes desfilaram suas extravagâncias vampíricas muito antes que surgisse Dracula. Seu porte é conforme a esse *status*, sua voz, também:

“And what do you think of Sir Francis Varney, now that you have had so capital an opportunity,” said Henry, “of a close examination of him?”

“Why, there is certainly something odd about him which I cannot well define, but, take him altogether, he can be a very gentlemanly man indeed.”

“So he can.”

*“His manners are easy and polished; he has evidently mixed in good society, and I never, in all my life, heard such a sweet, soft, winning voice.”*²⁵

□

Es ist unbeschreiblich, was ich empfand, als ich sie an meiner Brust erwarmen fühlte, der Strom des Lebens durchzuckte sie von Zeit zu Zeit elektrisch vom Wirbel bis zur Sohle, und wie wurde mir erst, als sie die Augenlider ganz wenig öffnete und mich von der Seite anblinzelte, als ihre Lippen sich bewegten und sie zu sprechen begann mit einer Stimme, die so seltsam war, so weich, während ihr großer Blick mit einem Male gleich einer Schneeflocke auf mein Herz fiel. Und merkwürdigerweise sprach sie französisch.

23 Nodier 1820: I, 35.

24 Reescritura, por John Balderston, da adaptação dramática de Hamilton Deane de *Dracula*, realizada para a sua montagem nos EUA [1927] (Deane & Balderston 1993:88).

25 Rymer 2008:124.

É indescritível o que senti enquanto a percebia amornar junto ao meu peito, a corrente da vida percorrendo-a e sacudindo-a eletricamente de tanto em tanto do alto da cabeça à sola dos pés, e como me senti desfalecido assim que ela entreabriu minimamente as pálpebras e me mirou de lado, quando seus lábios se moveram e ela começou a falar com uma voz raríssima, tão suave, enquanto seu olhar grandioso inesperadamente caiu como um floco de neve sobre o meu coração. E curiosamente ela falava francês.²⁶

- O vampiro também pode ser caracterizado como um erudito:

– [...] Remarquez bien que ce Göetzi est docteur de l’université de Tubingen.²⁷

- Muitas vezes característica do vampiro é uma fleuma (uma indiferença ou tédio intemporal nas narrativas mais recentes), uma languidez só interrompida por arroubos momentâneos:

*He gazed upon the mirth around him, as if he could not participate therein. [...] At Brussels and other towns through which they passed, Aubrey was surprized at the apparent eagerness with which his companion sought for the centres of all fashionable vice; there he entered into all the spirit of the faro table: he betted, and always gambled with success, except where the known sharper was his antagonist, and then he lost even more than he gained; but it was always with the same unchanging face, with which he generally watched the society around [...]*²⁸

□

*Except that her movements were languid – very languid – indeed, there was nothing in her appearance to indicate an invalid. [...] There was a coldness, it seemed to me, beyond her years, in her smiling melancholy persistent refusal to afford me the least ray of light. [...] there was always a langour about her, quite incompatible with a masculine system in a state of health. [...] we then went out for a walk, which was a mere saunter, and she seemed, almost immediately, exhausted, and either returned to the schloss or sat on one of the benches that were placed, here and there, among the trees. This was a bodily langour in which her mind did not sympathise.*²⁹

Com *Varney* (1845–1847), porém mais comumente no séc. XX, a infindável existência do vampiro torna-se um fardo, ao qual procura escapar pelo suicídio:

²⁶ Sacher-Masoch, “Die Todten sind unersättlich” (Sacher-Masoch 1877a:246–247).

²⁷ Féval 1891:79.

²⁸ Polidori 1819:196b–198a.

²⁹ Le Fanu 1872:102–112. A narradora a descreve com características “masculinas” nas páginas precedentes.

‘[...] You will say that you accompanied Varney the Vampyre to the crater of Mount Vesuvius, and that, tired and disgusted with a life of horror, he flung himself in to prevent the possibility of a reanimation of his remains.’

*Before then the guide could utter anything but a shriek, Varney took one tremendous leap, and disappeared into the burning mouth of the mountain.*³⁰

• Um importante traço estilístico ligado à exploração ficcional da ambigüidade fundamental de nosso tipo são os duplos sentidos nas falas do vampiro-oculto. Por excelência, tais “tira-das” estão um passo além da ironia: pois não se trata apenas de remeter a um sentido figurado, como nesta, e sim muito mais de sobrepor, ao sentido figurado (o registro compreendido pelas personagens que o escutam), o sentido literal expresso por aquelas mesmas palavras:

Rutwen

[...] *tu ne saurais imaginer le bonheur que je fonde sur cet hymen que ton amitié me prépare; je le sens, oui, mon existence tout entière y est attachée.*³¹

O que aos olhos das personagens circunstantes é galanteio, para o leitor e para o espectador guarda um segundo sentido, radicalmente literal. Na percepção inocente de seu interlocutor, a expressão “toda a existência” de Rutwen é uma hipérbole, própria de seu gênio “sempre entusiasta, exaltado”.³² Mas na fala sobrepõem-se hipérbole e sentido concreto, o que é próprio do tropo da *silepse*. A expressão de Rutwen denota *ao mesmo tempo* um exagero estilístico e sua vida mesmo – se não consumir o sangue de uma virgem até o prazo estabelecido pelas leis sobrenaturais pelas quais é regido, o vampiro sucumbirá ao vazio absoluto (“*le néant*”).

A silepse é o tropo ou a figura de linguagem por excelência da personagem do vampiro. (Passamos por exemplos representativos – respectivamente extraídos de “The mysterious stranger”, *Dracula* e o melodrama nodieriano – no capítulo anterior, quando a questão recaía sobre motivos que comparecem num ponto determinado do enredo ou que, ao contrário, possuem assim por dizer um “trânsito livre”). Toda uma conformação de clichês se arma em torno de tal figura de linguagem:

‘[...] *I am much attached to the softer sex – to young persons of health. I like to see the rosy cheeks, where the warm blood mantles in the superficial veins, and all its loveliness and life.*”³³

30 Rymer 2008:759.

31 Nodier 1824:356 (=Nodier 1990:64).

32 *Ibid.*

33 Rymer 2008:103.

□

„Sag’ an, wo ist dei Kämmerlein?

Wo? Wie dein Hochzeitbettchen?“

„Weit, weit von hier! ... Still, kühl und klein! [...]“

“Diga mais, onde fica o teu quartinho?

Onde? Como é tua caminha nupcial?”

“Longe, longe daqui! ... Quieta, fresca e pequena! [...]”³⁴

□

Dracula

[...] *So after centuries of waiting, I have at last found my way to England.*

Van Helsing

Centuries!

Dracula

*A figure of speech, my friend [...]*³⁵

□

*‘My dwelling is not exactly uncomfortable, only somewhat small, still quite suitable for quiet people’, said the unknown with a kind of sneer.*³⁶

□

« [...] *Je ne nierai point l’existence des vampires ; j’ai même vu, à quelques époques de ma vie, des malheurs qui pourraient m’y faire croire ; mais je pense que le crime horrible que signale le vampirisme, est plutôt une allégorie dont la morale a de nombreuses applications. Par exemple, un conquérant qui ravage de paisibles contrées, et dont l’ambition insatiable fait verser le sang des peuples ; un fils ingrat et prodigue qui réduit à la misère un père vertueux dont soixante ans de travail avaient assuré la fortune ; une femme qu’on aime et qui, par ses imprudences, aiguise à chaque instant pour nous le poignard de la jalousie ; un roi cruel, un ami perfide ; un ministre qui trahit la confiance de son maître et amène des révolutions terribles à la place du bien qu’il aurait pu faire ; tous ces êtres, fléaux de la société, ne représentent-ils pas le vampirisme ? [...]* »³⁷

Esta última citação, extraída da “continuação” apócrifa francesa ao conto de Polidori, é uma fala de Lord Seymour, primeiro-ministro do ducado de Modena – na realidade, um disfarce de Ruthwen para se aproximar da jovem e bela princesa Éléonore, em seguida vampirizá-la. “Um ministro que trai a confiança de seu mestre”: a retórica permite ao vampiro

34 Bürger, *Lenore*, vv. 137-139.

35 Hamilton Deane, *Dracula* [1924], primeira adaptação para o teatro de fato encenada (in Dean & Balderston 1993:25).

36 *Chambers’ Repository* 1854:12.

37 Nodier 1820:II, 96-98.

falar de si mesmo na condição exata em que exerce seu poder maligno. O vampiro *fala de si mesmo enquanto vampiro*, mas como que aludindo a uma situação diferente. A personagem, além disso, chama a atenção dos interlocutores (e do leitor) para os sentidos figurados do vampirismo, chave em que se podem compreender as “pragas da sociedade”.

• Uma convenção fecunda nas primeiras décadas de desenvolvimento ficcional foi a caracterização do vampiro enquanto um monstro do himeneu. A situação por excelência em que o vampiro-oculto se desfazia de sua máscara era na iminência do casamento, ou logo após: fosse de outrem, fosse o que ele próprio contraísse com a vítima eleita. Em parte dessas narrativas e também em algumas aproximações poéticas, pesava sobre o monstro uma exigência, a de que o sangue a alimentá-lo proviesse de uma virgem; daí os tantos matrimônios conjugados às tentativas de ataque. Se não no conto de Polidori (1819), responsável por uma série de obras em torno de um mesmo eixo fabular, certamente nos seus profícuos desenvolvimentos dramáticos a configuração do casamento funesto ou repugnante ecoava de perto uma convenção muito cara ao melodrama. A situação do casamento trocado, ou ainda aquele em que a protagonista vitimizada se vê obrigada – por uma ordem da família, de uma situação à beira do desespero, de uma moral invertida – a unir-se com o vilão, está talvez dentre as mais típicas do melodrama: assim desde a *Céline* de Pixérécourt, um verdadeiro bastião do gênero, até as atuais telenovelas. Nas peças e ficções do vampiro oitocentescos, este comparece a uma festa matrimonial, convidado ou não; alternativamente, logrou um acordo para unir-se a uma jovem virtuosa, à qual visa sugar.

*Aubrey began to attach himself more and more to Ianthe, her innocence, so contrasted with all the affected virtues of the women among whom he had sought for his vision of romance, won his heart; and while he ridiculed the idea of a young man of English habits, marrying an uneducated Greek girl, still he found himself more and more attached to the almost fairy form before him [...] At the desire of Aubrey they searched for her who had attracted him by her cries; he was again left in darkness; but what was his horror, when the light of the torches once more burst upon him, to perceive the airy form of his fair conductress brought in a lifeless corse.*³⁸

□

Rutwen

[...] *Vouz allez célébrer une noce ?...*

38 Polidori 1819:200a-201a.

Pettersen

Oui, Monsieur, voilà le futur et ma petite Lovette, la fiancée.

Rutwen, à part.

Encore une fiancée ! et vingt-quatre heures...

[...] (On entend un léger coupe de tonnnere.)

Rutwen

Pourquoi les éloigner, je veux partager leur ivresse ; vous me permettrez de doter la jeune fiancée, et de placer moi-même la couronne sur sa tête; les mariages sont des fêtes pour moi.

(Le tonnnere redouble.)³⁹

Les jeunes filles

Sophie ! Sophie ! que tous les saints te bénissent ! Bey de Moïna ! que tous les saints te bénissent ! Puissiez-vous avoir douze fils tous beaux, tous blonds, hardis et courageux. Le soleil baisse; le bey attend seul sous son pavillon de feutre : Sophie, hâte-toi ! dis adieu à ta mère; suis le kuum : ce soir tu reposeras sur des carreaux de soie: tu es l'épouse du riche bey de Moïna. [...]

Sophie

Mon seigneur, que t'ai-je fait ? pourquoi me presser ainsi la poitrine : il me semble qu'un cadavre de plomb est sur mon sein. Sainte mère de Dieu ! ma gorge est tellement serrée, que je crois que je vais étouffer : ô, mes amies, venez à mon aide ! le bey de Moïna veut m'étouffer. Oh, ma mère, ô, ma mère ! venez à mon aide, car il m'a mordue à la veine du cou et il suce mon sang.⁴⁰

The signor, resolved that she should become his wife before the expiration of the six days, had torn her from her chamber, and immured her in that fearful place, with the hope of forcing her to become his bride; but Oriana revolted at such usage, and feeling more convinced than ever that the warning she had received had its foundation in truth, had resisted alike his persuasions and his threats.

The hour of midnight was fast approaching, and before an altar that stood at one end of the vault, was an old and venerable priest, with an open book in his hand. Waldeberg drew Oriana towards him, and forced her to kneel at the foot of the altar. She entreated – she supplicated – she appealed to the priest; his only answer was a solemn shake of the head, and then he proceeded to read the marriage ceremony. Waldeberg took her hand – but she suddenly flung it from her, and uttered the most piercing screams that echoed fearfully amidst those cavernous places. Still the priest read on, and despite her emotion and her agony of terror, Waldeberg regarded her with a cold and determined gaze.

39 Nodier 1824:370-371 (=Nodier 1990:75-87).

40 Mérimée, "La belle Sophie", in *La guzla* (Mérimée 1827:161-164).

“Faster! faster!” he muttered to the priest, “or all will be lost!” and he glanced anxiously around the vault.

At the moment, striking fearfully on the silence, came the sound of the turret clock telling the hour of midnight. On the first stroke, the most fearful sounds the human ear ever listened to filled the place – strange indefinite shadows flitted around, filling the air with a rushing sound, as if of mighty wings – the altar changed to a heap of human bones – the priest to a ghastly skeleton. Then came darkness, terrible and distinct; and Oriana swooned upon the damp floor.⁴¹

Na galante (e anônima) pena de Nodier, a aproximação entre a prometida felicidade do matrimônio e a ameaça sinistra adquire ares de um adágio:

Ainsi, le bonheur est voisin d’une extrême infortune.⁴²

□

*Gardez-vous, jeune fiancé,
De l’amour qui donne la mort.⁴³*

- A exigência de virgindade da vítima muitas vezes é formulada abertamente, como em *Varney*, outras, apenas sugerida, aparentemente devida a uma depravada motivação moral:

It had been discovered, that his contempt for the adultress had not originated in hatred of her character; but that he had required, to enhance his gratification, that his victim, the partner of his guilt, should be hurled from the pinnacle of unsullied virtue, down to the lowest abyss of infamy and degradation: in fine, that all those females whom he had sought, apparently on account of their virtue, had, since his departure, thrown even the mask aside, and had not scrupled to expose the whole deformity of their vices to the public gaze.⁴⁴

- Note-se, no passo acima, a (precursora) caracterização da vítima como “parceira em sua culpa”: aqui, há consentimento e cumplicidade implicados no vampirismo, traço exaustivamente explorado nos futuros desenvolvimentos do tipo.⁴⁵

- O contraste exacerbado entre virtude e vício não é herdado unicamente de um modelo melodramático, uma vez que é tão explorado também na *gothic novel*. Tomem-se obras

41 Rymer 2008:534.

42 Nodier 1820: I, 67.

43 Nodier 1824:374 (=Nodier 1990:92), refrão do “Hymne du mariage”, musicado por Alexandre Piccini.

44 Polidori 1819:198b.

45 Traço evidente demais na cultura *pop* contemporânea para que nos lancemos a exemplos comprobatórios: mas eis o mote da canção “Doce vampiro”, de Rita Lee (1979); do romance – e respectivas adaptações cinematográficas – de J. A. Lindqvist, *Låt den rätte komma in* (“Deixa ela entrar”, 2004). As recorrências são literalmente inesgotáveis.

como *The castle of Otranto* de Horace Walpole (1764) ou *The Monk* de Matthew Lewis (1796). Quanto mais alta a virtude, mais alto o tombo: assim o monje Ambrosio, que reprova com eloqüente violência os maus hábitos da sociedade madrilenha, até que, nutrindo uma adoração quase sexual pela imagem sacra da Virgem, vê-se enredado num turbilhão devastador: pecado carnal, vida dupla, feitiços diabólicos e enfim estupro e assassinato.⁴⁶

Com o passar do tempo, a tradição temática do vampiro deixará de lado a situação preferencial casamento/ataque, que perde a centralidade. O vampiro enquanto monstro do himeneu é uma convenção bastante datada; *grosso modo*, concerne à primeira metade do séc. XIX. O que não impede que determinadas situações sejam interpretadas sob essa luz, como se víssemos nelas uma reelaboração dessa situação ideal. No romance de Bram Stoker (1897), o Conde Dracula, chegado à Inglaterra, ataca primeiramente a jovem Lucy, que acaba de noivar com Lord Goldaming; depois, Mina, que no decorrer do romance desposa Jonathan Harker. Ambas são noivas, portanto.

• Para nós, que conhecemos o vampiro após sua consolidação como um tipo literário da ficção, um elemento definidor é a resistência à morte. A um olhar detido, essa capacidade revela uma progressiva matização. As primeiras ficcionalizações – postas assim de lado composições poéticas na passagem entre os séculos XVIII e XIX como as de Goethe, Southey, Keats – sempre obrigam o vampiro a um determinado ritual para que possa atingir esse estado de resistência à morte, notadamente a exposição aos raios da lua. No grupo de criações em torno de Ruthven, e também noutras obras como o folhetim *Varney*, quase diríamos que o vampiro é menos um *morto-vivo* do que um *ressurrecto*.⁴⁷

Ruthwen

Éloignez tout le monde... Les moments sont précieux... il faut que je vous confie mes dernières volontés. (Gilbert fait signe qu'on s'éloigne.) Comte, dans la religion que je professe, il est d'usage que les morts soient déposés librement sur la terre, et non ensevelis dans des tombes... Jurez-moi qu'après ma mort, vous me porterez au penchant d'une montagne, exposé aux rayons de la lune naissante ; jurez-moi cela, comte, et je vous pardonne ma mort, et vous aurez fait pour moi tout ce que vous pouviez faire !⁴⁸

46 Matthew Lewis, *The monk*, 1796.

47 Sigo, neste passo, a terminologia de Prospero Lambertini, depois papa Bento XIV, que distingue *resurrectio* de *resuscitatio*, este termo reservado para a ação direta de Deus, como no dia do Juízo (*De servorum Dei beatificatione, et beatorum canonizatione*, cap. XXI, “De revocatione mortuorum ad vitam, seu de resuscitatione”. Lambertini 1738:286).

48 Dumas 1865:447.

The moonbeams had fallen upon the corpse just as he was speaking, and he thought he observed a motion in the body.

“What is the matter, Josh?”

“Didn’t you think he moved.”

“Ha! ha! ha! dead! ha! ha! ha! dead moved – buried moved – ha! ha! ha! Eh? why – oh – it’s all fancy; you’ll see me believe it, presently. I do declare – well, a man dead and buried – I suppose a week.” [...]

“Eh? Well, I told I thought so, but you said no, and only laughed at me for doing so, but stand on one side, and let the moonlight come upon him, we can tell better then if he really does move; though, notwithstanding all I saw, I am inclined to believe it is quite an impossibility; but the more light we have the better we shall be able to tell how the mistake arose.”

“I thought I saw his eyes move.”

As he spoke he moved on the side as he had been standing between the corpse and the moon’s rays, and for most part intercepted them; but the moment he did move away, and the rays came full upon the corpse, a shivering motion appeared to pervade it, to the intense horror of the robbers, who could not believe what they saw, but believe they were yet mistaken [...]

Presently the corpse opened his eyes and glared full at them. Oh, such glistening, lead-like orbs, that froze the very current of their blood; they knew not what to think, but when the body turned on one side, towards the moon’s rays, all doubt vanished and the spell was broken.⁴⁹

Nesse estágio dos desenvolvimentos ficcionais, isto é, muito grosseiramente na primeira metade do séc. XIX, o domínio sobre a morte só se efetiva se cumprida uma condição. A resistência à morte tem de ser renovada a cada tentativa de aniquilamento do vampiro, o que nem sempre demanda um procedimento especial e pode ser realizado com um simples tiro de pistola. Então, o que define a condição do vampiro não é um livre-agir, mas antes uma obrigação: sugar o sangue alheio para sua subsistência.

Pode-se argumentar que o mesmo valeria para a Clarimonde de Gautier (“La morte amoureuse”, 1836): e aí o ritual que a desperta para a vida é o beijo de Romuald, estalado em seus lábios como nos de uma Bela Adormecida.⁵⁰

49 Varney, cap. 143 (Rymer 2008:551–552).

50 Ou não, se interpretarmos como uma *mise-en-scène* toda a parte da narrativa que vai do anúncio da morte iminente de Clarimonde até o seu ressurgimento para a vida. O conto não se presta a uma interpretação exclusiva e mantém abertas duas leituras opostas: que Clarimonde seja o que é por amor ou por diabolismo. A ambigüidade, equilibrada com maestria ao longo da narrativa, potencialmente se resolveria no valor de verdade que se quisesse atribuir às intenções da amante; e não está terminantemente excluído que o vingador, o abade Sérapion, seja uma espécie de fanático que vê o diabo em toda parte.

Já num segundo momento de seus desenvolvimentos ficcionais, o vampiro sobrevive a tentativas ordinárias de aniquilação. Não basta atentar contra ele como se faz contra um homem; o ritual, agora, cumpre segui-lo para *matá-lo*:

“The moment has arrived! The sun sinks, and before the moon rises, all must be over,” said Woislaw quickly.

“What am I to do?” asked Franziska cheerfully.

“You see there that open vault!” replied the knight Woislaw, pointing to the door and flight of steps: “You must descend. You must go alone; I may not accompany you. When you have reached the vault you will find, close to the entrance, a coffin, on which is placed a small packet. Open this packet, and you will find three long iron nails and a hammer. Then pause for a moment; but when I begin to repeat the Credo in a loud voice, knock with all your might, first one nail, then a second, and then a third, into the lid of the coffin, right up to their heads.” [...]

“Whatever you may hear, whatever takes place inside the coffin,” continued Woislaw, “must have no effect upon you. Drive the nails well in, without flinching: your work must be finished before my prayer comes to an end.”⁵¹

“Take this stake in your left hand, ready to place to the point over the heart, and the hammer in your right. Then when we begin our prayer for the dead, I shall read him, I have here the book, and the others shall follow, strike in God’s name, that so all may be well with the dead that we love and that the UnDead pass away.”⁵²

Reconhecemos um ponto fora da curva dessa esquematização cronológica nos episódios finais do romance apócrifo *Lord Ruthwen ou les vampires*.

Léonti vole, atteint lord Ruthwen, plonge son glaive dans sa poitrine, et le retire aussitôt tout sanglant pour s’en frapper lui-même. [...]

Après mille conjectures vaines, on consulta des souvenirs, Aubrey éveilla de justes soupçons sur son ennemi. Le génie du mal ne meurt jamais pour le crime, et tel est l’horrible privilège d’un vampire ; mais comment pénétrer ces ténébreux mystères? Que résoudre? Que faire? On court enfin au lieu où l’on avait déposé le corps de infâme Ruthwen, a terre est soulevée, la tombe s’ouvre ; ô surprise!... Une hideuse pâleur couvre le visage de l’odieux cadavre ; mais par un contraste miraculeux, il offre des vestiges sanglants de la vie. Ses yeux pétillants brillent d’une affreuse expression, ils lancent des traits de feu et ses lèvres rouges de sang s’agitent, se tournent, et semblent se repaître encore d’une effroyable pâture.

[...] Le prince en est instruit, et, sur-le-champ, il ordonne que, pour prévenir de nouvelles calamités, un fer brûlant crève les yeux et traverse le cœur du monstre.

51 “The mysterious stranger”, pp. 26-27.

52 Stoker 2001:207.

*Après cette exécution la mort cessa ses ravages.*⁵³

Tendo sido este romance publicado em janeiro de 1820, o passo acima constitui talvez uma das primeiras ocorrências ficcionais daquilo que poderíamos chamar de *tópos* do aniquilamento frustrado – não pela reversão por parte do vampiro (como no conto e nas peças de Ruthven), mas por inépcia do vingador, que de início procura aniquilá-lo como se mataria a um ser humano ordinário, e não seguindo-se um determinado ritual.

Não apenas nisso o romance *Lord Ruthven* aparece aos nossos olhos como precursor de uma série de futuras estereotipificações. Com efeito, cronologicamente, ele traz a primeira descrição que pude encontrar de uma *conversão em vampiro*; objeto, na literatura ficcional (especialmente dos sécs. XX-XXI), de um novo *tópos*. Em *Lord Ruthven*, tal descrição é dada, significativamente, em primeira pessoa:

« Cet odieux étranger était le vampire annoncé par les prophéties d'Elmoda. Devenue sa victime, je tombai mourante sur le sable du rivage [...] Je sentis dans mes veines un feu qui me dévorait. Mes yeux brillèrent dans la profonde obscurité, mes lèvres brûlantes frémirent, la terre ébranlée s'ouvrit, et semblables aux éclats effrayants de la foudre, ces terribles paroles retentirent au milieu des aires :
« Femme vampire ! sort du tombeau. »

» J'apparus alors à une nouvelle vie, et d'abord jetant autour de moi des regards égarés, je ne vis que de sombres tableaux. J'étais seule, séparée du reste des vivans que ma présence eût glacé d'épouvante. La lune, amie de nos climats, était sur son déclin et éclairait de sa clarté douteuse un horizon lointain qui fuyait à ma vue. Le calme imposant de la nuit ajoutait au désordre de mes esprits. Je ne savais quel parti prendre. Mes idées confuses ne me laissaient comprendre qu'un vague désir de vengeance. Mais sur qui pouvais-je assouvir cette aveugle fureur qui faisait bouillonner mon sang? Quel est le coupable que je devais punir, l'ennemi qu'il fallait frapper?... Léonti! pardonne. Je ne sais quelle divinité cruelle avait bouleversé tous mes sens; mais de tous les objets que j'avais connus dans ma première vie, je ne me souvins que de toi seul, et ce cœur qui t'avait tant aimé, le croirais-tu? ce cœur formait le barbare projet de te désespérer; oui, c'est toi, c'est toi-même que je voulais poursuivre, et c'est ainsi que, docile jouet d'une destinée impérieuse, inexplicable, horrible, Bettina avait choisit pour victime l'amant qu'elle adorait toujours. [...] »⁵⁴

• Há uma série de outros poderes convencionados do vampiro literário: controlar as pessoas por sugestão ou hipnose; força descomunal; controle sobre bestas; metamorfose em animais (ou substâncias inefáveis: névoa, fumaça, poeira); transpor paredes através de uma fresta; fazer portas e janelas abrirem-se por si mesmos; telepatia. A maior parte desses poderes, excetuados talvez os primeiramente listados, foram acrescentados ao vampiro ficcional num estágio posterior

⁵³ *Lord Rutwen*, vol. II, 172-176.

⁵⁴ Nodier 1820: II, 24-29.

de sua tematização; digamos, muito grosseiramente, na segunda metade do séc. XIX. No final deste, serão, todos eles, cristalizados na figura de Dracula, de onde se extrairiam com facilidade os respectivos exemplos. Por uma questão de economia, atenho-me a umas poucas ocorrências em obras de ficção anteriores a ele, listando esquematicamente alguns desses poderes.

- Sugestão:

Malvina, à part.

*Je ne sais où j'en suis; quel charme inconcevable agit sur moi? Ah! ma bonne, si c'est là de l'amour, pourquoi fait-il souffrir?*⁵⁵

- Força sobre-humana:

*Azzo replied not; only a bitter laugh half escaped his lips; then seizing Franz by the chest, he lifted him up like an infant, and was in the act of throwing him over the bridge, when Woislaw stepped to his side.*⁵⁶

- Metamorfose:

*"[...] Then I dreamed, but as clearly as if I had been awake, that a sort of mist filled the room, and out of it stepped the knight Azzo. He gazed at me for a time, and then letting himself slowly down on one knee, imprinted a kiss on my throat. Long did his lips rest there; and I felt a slight pain, which always went on increasing, until I could not bear it no more. With all my strenght I tried to force the vision from me, but succeeded only after a long struggle. No doubt I uttered a scream, for that awoke me from my trance. When I came a little to my senses, I felt a sort of superstitious fear creeping over me – how great you may imagine, when I tell you that, with my eyes open and awake, it appeared to me as if Azzo's figure were still by my bed, and then disappearing gradually into the mist, vanished at the door!"*⁵⁷

□

*"She was at first visited by appalling dreams; then, as she fancied, by a spectre, sometimes resembling Millarca, sometimes in the shape of a beast, indistinctly seen, walking round the foot of her bed, from side to side [...]"*⁵⁸

- No século XX, vulgarizou-se a noção de que vampiros não exibem reflexos nos espelhos. Eis uma convenção mais facilmente rastreável, uma vez que é inaugurada pelo romance *Dracula*.⁵⁹ É claro que não o faz a partir do nada: o conteúdo simbólico de espelhos e reflexos

55 Nodier 1990:68. As frases inicial e final constam apenas do manuscrito e não das edições do roteiro da peça, que traz unicamente: "*Quel charme inconcevable agit sur moi!*" (Nodier 1824:359).

56 *Chambers' Repository* 1854:21.

57 *Chambers' Repository* 1854:17.

58 Le Fanu 1872:226.

59 Capítulo II (Stoker 2001:26).

é corrente desde os mitos da Medusa e de Narciso. Ademais, considerando-se que o romance de Stoker data do final do séc. XIX, lembre-se que o motivo do espelho fora recentemente explorado em contexto vampiresco por Guy de Maupassant (“Le horla”, 1886).⁶⁰

- Em muitas de suas rendições ficcionais, especialmente tardias (final do séc. XIX em diante), os poderes do vampiro são potencializados à noite. É a situação mais propícia para ele. Então, o vampiro já não é caracterizado como monstro do himeneu, antes como monstro noturno. Em algumas versões – notadamente no filme de Murnau (*Nosferatu*, 1923) – a mera exposição aos raios solares é suficiente para destruí-lo. Veríamos aí uma inversão do poder revivificador dos raios lunares, explorado, na narrativa vampiresca, desde Polidori? É possível. Mas ainda não dispomos de elementos suficientes para fazer tal inferência: afinal, o motivo de espectros e demônios que desvanecem ao canto do galo vigorou na literatura e no conto popular há séculos (ver parte III desta dissertação).

- A associação noturna dos poderes do vampiro expressa um aspecto das leis sobrenaturais a que ele está subordinado. Em *Dracula*, temos um emaranhado de permissões e restrições – atravessar cursos d’água, repousar na terra de seu túmulo, aversão aos símbolos da cristandade – a que corresponde uma narrativa francamente detetivesca⁶¹ (os vários heróis perseguidores dividem-se para rastrear na cidade de Londres e esterilizar os caixotes de terra onde o monstro é obrigado a permanecer de dia).

Sob o aspecto das leis sobrenaturais que presidem às ações do vampiro, é possível reconhecer em *Dracula* o desenvolvimento de um motivo nuclear que organiza toda a peça de Nodier *et alii* (*Le vampire*, 1820). O gatilho deste drama é uma dupla exigência que se faz ao vampiro: i) sugar o sangue de uma virgem; ii) fazê-lo no prazo de 36 horas – caso contrário o monstro está inexoravelmente condenado ao “nada”. Os três atos que se seguem ao prólogo – situação inicial em que o vampiro tinha a vítima desacordada à sua disposição e poderia facilmente ter-se saído bem, não fosse pela intervenção dos espíritos protetores da lua e do matrimônio – são, do ponto de vista do vampiro, uma corrida contra o tempo. Os capítulos finais de *Dracula* também são uma corrida contra o tempo, mas agora para os

⁶⁰ O conto foi reescrito mais de uma vez pelo autor. Nele, o misterioso ser que exaure o narrador, invisível em condições normais, provoca um estranho efeito diante do espelho. Ver comentário ao conto em edição brasileira (Berlendis de Carvalho 2010:436).

⁶¹ Um comentário metadiscursivo nesta direção surge nas falas da empregada doméstica, na adaptação teatral de H. Deane (1924) e na sua reelaboração por Balderston (1927). Ela descreve Van Helsing como “*Dutch Sherlock Holmes with the X-ray eyes*” (Deane & Balderston 1993: 31, 98).

heróis (se Dracula ganhar o abrigo de seu castelo na Transilvânia, será impossível destruí-lo), e regida por um conjunto mais complexo de regras sobrenaturais.

2. Vitimização

Funções e caracterizações das vítimas.

Na típica narrativa vampiresca, há dois tipos de vítima: assessórias e protagonistas. Isso não deve levar a crer que uma seja mais “relevante” do que a outra, pois ambas têm sua função no enredo. As vítimas assessórias mostram-se importantíssimas para o andamento da narrativa, são necessárias para informar leitor e personagens de um mal inexplicado, uma perspectiva assombradora a ser projetada sobre a vítima protagonista:

*He left Smyrna, and on his way home, at Rome, his first inquiries were concerning the lady he had attempted to snatch from Lord Ruthven's seductive arts. Her parents were in distress, their fortune ruined, and she had not been heard of since the departure of his lordship.*⁶²

□

Scop

[...] *V'la qu'on les cherche par mer et par terre; où sont-ils donc, où sont-ils donc? Et le lendemain, qu'est-ce qu'on trouva, le corps de la jeune fille tout couvert de sang, elle avait été égorgée; quant au jeune homme, on n'en entendit plus parler depuis et il y a cent ans de cela...*⁶³

É um recurso que visa não apenas criar uma expectativa no leitor, mas também amarrar indícios a uma seqüência de episódios. Um experimento curioso seria suprimir, de uma dada obra – digamos, o melodrama parisiense *Le vampire* – as vítimas assessórias e as antecipações,⁶⁴ e procurar lê-la assim despojada: a peça perderia todo *élan*, toda motivação, já não haveria qualquer tensão a sustentá-la. A vítima assessória é mesmo um enclave motivico fundamental da ficção vampiresca; por isso, aliás, figura dentre os episódios cruciais esquematizados no capítulo anterior, na tentativa de formulação de um modelo ideal desse tipo de narrativa.

O mais freqüente é que vítimas assessórias sucumbam de imediato, à diferença de protagonistas, de cujo lento definhar-se a narrativa faz recurso. Contudo, isto não é em absoluto

⁶² Polidori 1819:203a.

⁶³ Nodier 1990:47.

⁶⁴ No exemplo dado, suprimiríamos o prólogo; a narrativa em analepse de Scop sobre a morte misteriosa da “mais rica herdeira da Escócia”, ocorrida cem anos antes da ação atual; o ataque a Lovette no segundo ato, que motiva a única ressurreição encenada.

necessário, e provavelmente a vítima acessória Lucy Westenra (de *Dracula*), cuja vampirização se prolonga por diversos capítulos, é o exemplo contrário mais notório.

Noutro célebre caso, a novela “Carmilla”, uma vítima acessória é introduzida *depois* que a vítima protagonista contraiu a estranha enfermidade. Aqui, tal reversão das funções está a serviço da *explicação em analepse*, procedimento narrativo que examinaremos mais adiante.

O ponto central é este: a *ameaça* de vitimização. Interessa à narrativa que o maior número possível de personagens possa converter-se em vítima, embora essa possibilidade nunca seja levada às últimas conseqüências. No melodrama de Nodier *et alii*, assim como na maior parte de suas derivações, a protagonista Malvina é *quase* vampirizada, mas não chega a sofrer o ataque – ao contrário de Miss Aubrey, no conto de Polidori que motivou a escrita e a encenação da peça.

- No esquema dos fortes contrastes melodramáticos, a caracterização da vítima é construída preferencialmente por oposição direta e paralela à face destrutiva do antagonista: ela será passiva, dócil, fragilizada.

*Étrangers au remords, à la pitié, les vampires choisissent pour victime l'être le plus charmant par sa forme ravissante, le plus intéressant par sa faiblesse, le plus enchanteur par sa beauté [...]*⁶⁵

Caracterização que, guardadas as devidas proporções, também vale para certas vítimas masculinas, como o Romuald de “La morte amoureuse”.

Com o passar do tempo, a vítima protagonista – melhor dizendo: a *potencial* vítima protagonista – vai ganhando outras colorações; seu estereótipo torna-se menos estreito e unidimensional, se é que se pode dizer algo assim. Paul Féval faz de sua Anne Radcliffe (não a escritora ela mesma, é evidente, mas sua apropriação como personagem no romance folhetinesco daquele) uma protagonista ativa, desbravadora, que se põe pessoalmente à caça do vampiro como se o encurralasse contra a parede⁶⁶; não deixa de ser uma vítima potencial por causa disso. Se

⁶⁵ Nodier 1820: I, 33–34.

⁶⁶ Discordo, por essa razão, da validade demais abrangente do esquema de Dorothee Fritz-El Ahmad para as personagens femininas de Féval, no entender de quem as personagens ativas ou bem têm alguma perversão (são antagonistas, p. ex.) ou não se casam com o herói (o que ela chama de “efeito *Dama das Camélias*”). Ao menos quanto a *La ville vampire*, a generalização esbarra em problemas: “Para uma mulher casada (ou prestes a casar-se) é impossível tornar-se ativa” (1986:184). Mas no romance que aqui nos interessa a personagem Anna Radcliffe é justamente a heroína que lidera a expedição de punição ao vampiro. Uma vez cumprida a missão, ela volta para se casar com o noivo.

deixasse, repito, toda tensão narrativa se veria desmoronada. Claramente a personagem reúne em si dois impulsos diferentes: vítima (em potência) e vingadora.

Uma combinação de bravura com delicadeza – algo da mesma ordem, portanto – é o que caracteriza Mina Harker em *Dracula*. Seu caráter é assim sintetizado pela personagem Van Helsing: “*She has a man’s brain, a brain that a man should have were he much gifted, and a woman’s heart. The good God fashioned her for a purpose, believe me, when He made that so good combination*”,⁶⁷ nas tão comuns estereotipificações de gênero (aqui, como diriam os ingleses, *gender*, para além de *genre*). Com tal combinação, sem dúvida, o demiurgo Bram Stoker *fashioned her for a purpose*.

Ataque (sedução e ataque).

Via de regra, o vampiro literário moldado no séc. XIX não ataca frontalmente a sua vítima. Ele a perturba no sono ou então tenta seduzi-la, vale dizer, requer um consentimento para sua aproximação.

- Eis um típico movimento de sedução que precede o ataque:

*Il s’approche d’elle, l’interroge avec intérêt, devine la cause de l’inquiétude d’un cœur inhabile à cacher ses impressions rapides. Il la plaint, la console, lui offre de la servir, et captive, sans efforts, sa confiance trop prompte à se donner par des soins empressés et d’aimables prévenances. Le plus beau présent du ciel est l’innocence ; mais elle est sans défense contre le charme empoisonné de la séduction, et, comme la fleur des champs, battue par le vent d’automne, un instant la flétrit pour toujours.*⁶⁸

• Também é muito freqüente que o ataque se dê durante o sono da vítima. Nesse caso, ele costuma ser associado a sonhos incomuns. Os dois primeiros exemplos abaixo são narrados em primeira pessoa pela vítima, respectivamente a Laura de “Carmilla” e Mina Harker, de *Dracula*:

Thus fortified I might take my rest in peace. But dreams come through stone walls, light up dark rooms, or darken light ones, and their persons make their exits and their entrances as they please, and laugh at locksmiths.

I had a dream that night that was the beginning of a very strange agony.

I cannot call it a nightmare, for I was quite conscious of being asleep.

But I was equally conscious of being in my room, and lying in bed, precisely as I actually was. I saw, or fancied I saw, the room and its furniture just as I had seen it last, except that it was very dark, and I saw something moving round the foot of the bed, which at first I could not accurately distinguish.

67 Cap. XVIII (Stoker 2001:226).

68 Nodier 1820: I, 15-16.

But I soon saw that it was a sooty-black animal that resembled a monstrous cat. It appeared to me about four or five feet long for it measured fully the length of the hearthrug as it passed over it; and it continued toing and froing with the lithe, sinister restlessness of a beast in a cage. I could not cry out, although as you may suppose, I was terrified. Its pace was growing faster, and the room rapidly darker and darker, and at length so dark that I could no longer see anything of it but its eyes. I felt it spring lightly on the bed. The two broad eyes approached my face, and suddenly I felt a stinging pain as if two large needles darted, an inch or two apart, deep into my breast. I waked with a scream.⁶⁹

□

My dream was very peculiar, and was almost typical of the way that waking thoughts become merged in, or continued in, dreams.

I thought that I was asleep [...] And so I slept uneasily and thought. Then it began to dawn upon me that the air was heavy, and dank, and cold. I put back the clothes from my face, and found, to my surprise, that all was dim around. The gaslight which I had left lit for Jonathan, but turned down, came only like a tiny red spark through the fog, which had evidently grown thicker and poured into the room. Then it occurred to me that I had shut the window before I had come to bed. I would have got out to make certain on the point, but some leaden lethargy seemed to chain my limbs and even my will. I lay still and endured, that was all. I closed my eyes, but could still see through my eyelids. (It is wonderful what tricks our dreams play us, and how conveniently we can imagine.) The mist grew thicker and thicker and I could see now how it came in, for I could see it like smoke, or with the white energy of boiling water, pouring in, not through the window, but through the joinings of the door. It got thicker and thicker, till it seemed as if it became concentrated into a sort of pillar of cloud in the room, through the top of which I could see the light of the gas shining like a red eye. Things began to whirl through my brain just as the cloudy column was now whirling in the room [...] Suddenly the horror burst upon me that it was thus that Jonathan had seen those awful women growing into reality through the whirling mist in the moonlight, and in my dream I must have fainted, for all became black darkness. The last conscious effort which imagination made was to show me a livid white face bending over me out of the mist.⁷⁰

□

So süß und wonnevoll dünckten die Kindern dieser Träume, daß sie bald sich nach nichts mehr sehnten, als nach dem Schlummer an Brunhildens Brust, weil so liebliche Träume sie niemals heimsuchten auf ihrem gewohnten Lager. Selbst also sehnten sie sich ihrem Tode entgegen, und sehnen wir uns nichts Alle am heftigsten nach dem, was uns dem Grabe zuführt – nach dem Genusse des Lebens? Selbst streckten sie dem kommenden Verderben die Arme entgegen, weil es die Larve des

69 Le Fanu 1872:145–148.

70 Stoker 2001:248–249.

Glückes trug: denn während sie sich ergötzten an den bunten Träumen, sog ihnen Brunhilde das Leben aus der Brust.

As crianças achavam esses sonhos tão doces e deliciosos, que logo não queriam outra coisa senão dormir no colo de Brunhilde, porque nunca tinham sonhos tão agradáveis nas suas camas. Iam portanto por si sós ao encontro da morte: não procuramos todos nós do modo mais veemente aquilo que nos levará à cova – o gozo de viver? Eles mesmos estendiam os braços à desgraça vindoura, porque esta trazia a máscara da felicidade: pois enquanto eles se deleitavam com sonhos coloridos, Brunhilde lhes sugava a vida do peito.⁷¹

- A narração da vampirização durante o sono, especialmente quando acompanhada de ilusões oníricas, pode lembrar o ataque de um incubo. Muitas vezes essa semelhança é explorada mais de perto. Comum aos dois monstros é a expressão de uma sexualidade pervertida, tabu. O ataque é descrito como um beijo:

Van Helsing

[...] ... but his unclean kiss has claimed her for his own.⁷²

Nos casos em que a carga erótica é menos velada, ela se manifesta como perversão sexual, estupro, necrofilia, homossexualidade:

Kneeling on the near edge of the bed facing outwards was the white-clad figure of his wife. By her side stood a tall, thin man, clad in black. His face was turned from us, but the instant we saw we all recognized the Count, in every way, even to the scar on his forehead. With his left hand he held both Mrs. Harker's hands, keeping them away with her arms at full tension. His right hand gripped her by the back of the neck, forcing her face down on his bosom. Her white nightdress was smeared with blood, and a thin stream trickled down the man's bare chest which was shown by his torn-open dress. The attitude of the two had a terrible resemblance to a child forcing a kitten's nose into a saucer of milk to compel it to drink.⁷³

□

Vous l'avouerez-je? cette perfection de formes, quoique purifiée et sanctifiée par l'ombre de la mort, me troublait plus voluptueusement qu'il n'aurait fallu, et ce repos ressemblait tant à un sommeil que l'on s'y serait trompé. [...] Navré de douleur, éperdu de joie, frissonnant de crainte et de plaisir, je me penchai vers elle et je pris le coin du drap; je le soulevai lentement en retenant mon

⁷¹ Raupach 1823:67-68.

⁷² Deane & Balderston 1993:108.

⁷³ Stoker 2001:270.

souffle de peur de l'éveiller. [...] C'était en effet la Clarimonde telle que je l'avais vue à l'église lors de mon ordination; elle était aussi charmante, et la mort chez elle semblait une coquetterie de plus. La pâleur de ses joues, le rose moins vif de ses lèvres, ses longs cils baissés et découpant leur frange brune sur cette blancheur, lui donnaient une expression de chasteté mélancolique et de souffrance pensive d'une puissance de séduction inexprimable; ses longs cheveux dénoués, où se trouvaient encore mêlées quelques petites fleurs bleues, faisaient un oreiller à sa tête et protégeaient de leurs boucles la nudité de ses épaules: ses belles mains, plus pures, plus diaphanes que des hosties, étaient croisées dans une attitude de pieux repos et de tacite prière, qui corrigeait ce qu'auraient pu avoir de trop séduisant, même dans la mort, l'exquise rondeur et le poli d'ivoire de ses bras nus dont on n'avait pas ôté les bracelets de perles.⁷⁴

□

*She used to place her pretty arms about my neck, draw me to her, and laying her cheek to mine, murmur with her lips near my ear, "Dearest, your little heart is wounded; think me not cruel because I obey the irresistible law of my strength and weakness; if your dear heart is wounded, my wild heart bleeds with yours. In the rapture of my enormous humiliation I live in your warm life, and you shall die – die, sweetly die – into mine. I cannot help it; as I draw near to you, you, in your turn, will draw near to others, and learn the rapture of that cruelty, which yet is love; so, for a while, seek to know no more of me and mine, but trust me with all your loving spirit."*⁷⁵

□

– [...] As pessoas contam que vieram camponeses de outras fazendas e que ela os convidava, de dois em dois, ao seu dormitório, para repartir a fortuna. Dizia que queria repartir sua fortuna, com papel assinado, só para que não a matassem... Na verdade, ela se deixava seduzir por todos, um de cada vez. Ela mesma os incitava. Recebia-os nua, deitada no tapete, de dois em dois.⁷⁶

O conto de Ernst Raupach “Deixem os mortos repousar” (1823) apresenta, face a um modelo mais freqüente de narrativa, um desvio interessante, uma vez que a vampira é mandada retornar dos mortos por força do desejo de seu viúvo, que busca para tanto o auxílio de um mago. Afora isso, o conto segue ele também uma série de convenções que então, na década de 1820, iam progressivamente se consolidando. O trecho a seguir é marcado por uma forte expressão sexual:

⁷⁴ Gautier 1981:133-134.

⁷⁵ Le Fanu 1872:106-107; a narradora é a personagem Laura.

⁷⁶ Mircea Eliade, *Domnișoara Christina (Senhorita Christina)* [1936]. Tradução de Fernando Klabin (Eliade 2011:52).

Er fühlte keine Furcht, keinen Schauer mehr, als er sie erblickte im befreundeten Lichte des Tages; jetzt erst schien sie die ehemalige Geliebte, jetzt erst ganz wieder gefunden; und, wie sonst von irdischer Liebe für sie glühend, wollte er sie an seinen Busen ziehen. Aber sie wies ihn zurück: Noch nicht, mein Geliebter, sprach sie; erst wann der Mond sich wieder füllt. Noch zum dritten Male sieben Tage mußte Walter, wenn auch schmerzlich, harren; und am Morgen, wo in der Nacht der Mond durch den Schatten der Erde gegangen war, fand Walter, von einem ungewöhnlich tiefen Schlafe erwachend, Brunhilden neben sich auf seinem Lager, sich selbst von ihrem Arm umschlungen, sein Haupt ruhend auf ihrer waldenden Brust. Der Mond ist voll, flüsterte sie dem Erwachenden zu, und ihr brennender Kuß drückte den Laut der Wonne in seine Brust zurück. Fest, wie zu ewiger Vereinigung, umschlang er die Geliebte, über deren Reize die Zeit keine Gewalt gehabt; feurig begegneten sich ihre Küsse, und erstickten die Seufzer der Lust; laut einander ihre Wonne verkündend, schlugen ihre Herzen in trauter Nähe.

Ele não sentia nenhum pavor, mais nenhum calafrio quando a mirava sob a luz afável do dia; só agora ela parecia ser a amada de então, reencontrada só de fato agora; e, como então, ardendo de amor mundano por ela, ele quis trazê-la ao seu colo. Mas ela o repelia: “Ainda não, meu amor”, dizia ela, “só quando a lua estiver cheia novamente”. Pela terceira vez, Walter teve de aguardar outros sete dias, mesmo dolorosamente; na manhã da noite em que a lua teria superado a sombra da Terra, Walter, acordando de um sono extraordinariamente profundo, encontrou Brunhilde ao seu lado, em seu leito; viu-se envolvido em seus braços, despreocupado, descansando a cabeça sobre seu peito ondejante. “É lua cheia”, ela sussurrou para aquele que acordava, e seu beijo em brasa devolveu-lhe o tom do êxtase em seu peito. Então ele, como para unir-se a ela eternamente, enroscou-se na amada, sobre cuja formosura o tempo não parecia ter tido qualquer influência; os seus beijos ferosos se encontravam, sufocando os suspiros da volúpia; enquanto manifestavam um ao outro seu êxtase em voz alta, seus corações batiam numa íntima proximidade.⁷⁷

- Quando a vítima não sucumbe na mesma ocasião, são sintomas comuns do ataque: debilidade, anemia, sufocamento, indistinção entre sonho e vigília; nos casos em que a vítima decorrentemente contrai o vampirismo, sinais difusos deste. Os sintomas costumam corresponder à modalidade de ataque. À sucção de sangue, anemia e fraqueza, marcas no corpo; ao ataque no sono, sufocamento e pesadelos. Um e outro aspectos do ataque podem coincidir e muitas vezes de fato coincidem.

O entorpecimento que envolve o ataque pode levar a vítima a uma indistinção entre sonho e realidade:

⁷⁷ Raupach 1823:53-55.

Franziska raised herself, and went to a little glass that stood in the window. She really saw a small red line about an inch long on her neck, which began to smart when she touched it with her finger.

'I must have hurt myself by some means in my sleep', she said after a pause; 'and that in some measure will account for my dream.'

The friends continued chatting for some time about this singular coincidence – the dream and the stranger; and at length it was all turned into a joke by Bertha.⁷⁸

A confusão entre sonho e realidade pode ganhar autonomia frente à situação específica da vitimização, vindo a tornar-se uma espécie de índice associado à temática vampiresca. A impossibilidade de julgar a realidade dos fatos é, para alguns críticos e teóricos (notadamente Todorov), um traço definidor da literatura fantástica. Por aí, veríamos uma proximidade das narrativas vampirescas com essa tradição literária.

– Quero despertá-la, sua bruxinha – inflamou-se de novo Ígor. – Quero que as alucinações abandonem sua cabeça, para o seu próprio bem, para a sua própria salvação...

– O senhor sabe muito bem que não são alucinações [...]⁷⁹

Indistinção que pode ser amplificada e explorada como o mote mesmo da narrativa, como em Gautier:

Je me réveillai plus tard que de coutume, et le souvenir de cette singulière vision m'agita toute la journée; je finis par me persuader que c'était une pure vapeur de mon imagination échauffée. Cependant les sensations avaient été si vives, qu'il était difficile de croire qu'elles n'étaient pas réelles, et ce ne fut pas sans quelque appréhension de ce qui allait arriver que je me mis au lit, après avoir prié Dieu d'éloigner de moi les mauvaises pensées et de protéger la chasteté de mon sommeil.

Je m'endormis bientôt profondément, et mon rêve se continua. Les rideaux s'écartèrent, et je vis Clarimonde, non pas, comme la première fois, pâle dans son pâle suaire et les violettes de la mort sur les joues, mais gaie, leste et pimpante [...]

A dater de cette nuit, ma nature s'est en quelque sorte dédoublée, et il y eut en moi deux hommes dont l'un ne connaissait pas l'autre. Tantôt je me croyais un prêtre qui rêvait chaque soir qu'il était gentilhomme, tantôt un gentilhomme qui rêvait qu'il était prêtre. Je ne pouvais plus distinguer le songe de la veille, et je ne savais pas où commençait la réalité et où finissait l'illusion. Le jeune seigneur fat et libertin se raillait du prêtre, le prêtre détestait les dissolutions du jeune seigneur. Deux spirales enchevêtrées l'une dans l'autre et confondues sans se toucher jamais représentent très bien cette vie bicéphale qui fut la mienne.⁸⁰

78 Chambers' Repository 1854:18.

79 Eliade 2011:66 (trad. F. Klabin).

80 Gautier 1981:140-143.

• A explicação impossível dos fatos, decorrente da formulação da hipótese do vampirismo, com frequência é tida pelas demais personagens como loucura; em alguns casos, o protetor da vítima é mesmo apresentado num estado de delírio:

*Aubrey became almost distracted. If before his mind had been absorbed by one subject, how much more completely was it engrossed, now that the certainty of the monster's living again pressed upon his thoughts. [...] His dress became neglected, and he wandered, as often exposed to the noontday sun as to the midnight damps. He was no longer to be recognized [...] the guardians thought proper to interpose, and, fearing that his mind was becoming alienated, they thought it high time to resume again that trust which had been before imposed upon them by Aubrey's parents.*⁸¹

□

*[...] quelques jours se passent, son mal augmente, un délire continuel le poursuit.*⁸²

A série de obras em torno de *Dracula* localiza a loucura na personagem de Renfield, a um tempo cúmplice e espécie inacabada de vítima, que chama o vampiro de “mestre”.

• A perda da vitalidade sem envolver hematofagia ou sufocamento sugere um vampirismo derivado, “lato”, em que as forças vitais da vítima são absorvidas mesmo à distância, como no mau-olhado. Na literatura, tal caracterização poderia estar ligada ao emprego de “vampiro” em sentidos figurados, como dizíamos na parte precedente da dissertação.

A potencial intercambialidade entre vítima e vampiro poderia sugerir, na ordinária fleuma do vampiro, algo como um reflexo da letargia da vítima:

*“I shall have to ask your opinion upon another patient, whose symptoms slightly resemble those of my daughter, that have just been detailed to you – very much milder in degree, but I believe quite of the same sort. She is a young lady – our guest; but as you say you will be passing this way again this evening, you can't do better than take your supper here, and you can then see her. She does not come down till the afternoon.”*⁸³

De maneira geral, como já dito, as conseqüências do ataque podem ser resumidas em três alternativas: morte imediata; definhamento; contaminação.

81 Polidori 1819:204a-b.

82 Nodier 1820:I, 71-72.

83 Le Fanu 1872:182.

3. Vingança

A situação da *vingança*, tenteada ou levada a cabo, é outra convenção fortemente associada à temática do vampiro. Uma vez desenvolvida, esta função costuma ser personificada no *vingador*. Dentre as primeiríssimas obras ficcionais a tematizar o vampiro – digamos, até 1820 –, essa figura ainda não fora plenamente explorada. No conto de Polidori, a personagem Aubrey ensaia essa motivação (ao combater o vampiro na cabana de um bosque na Grécia, durante uma tempestade; ao tentar, em vão, impedir o hediondo casamento de sua irmã). Mas este Aubrey é um vingador destituído de qualquer eficácia: de fato, mostra-se impotente e perde tanto sua amada como sua irmã para as garras do sanguessuga. Não se pode resumir essa personagem, entretanto, a um simples observador neutro, pois é ela quem conduz o foco narrativo: sua admiração por Ruthven – a viagem ao Continente em sua companhia – o retorno a Londres e a impossibilidade de revelar as funestas intenções daquele, que finda por tornar-se noivo e algoz de sua irmã.

Nas reescrituras do conto de Polidori para os palcos, Aubrey divide esse papel com o noivo da vítima auxiliar, o qual, vingando-se de uma tentativa de sedução, com efeito atira contra o Conde de Marsden.⁸⁴

Uma vez estabelecido certo modelo de “conto de vampiro” permeado de convenções, o vingador irá adquirir uma crescente proeminência. Típicas do século XX e deste início do XXI são histórias centradas no caçador de vampiros, como atestam diversas obras audiovisuais recentes. Do séc. XIX, algumas das criações significativas para a caracterização do tipo do vingador seriam as narrativas de Gautier (o abade Sérapión), o folhetim *Varney* (função dividida entre diversas personagens), o anônimo “The mysterious stranger” (Woislaw), “Carmilla” (o general Spielsdorf e o vampirólogo barão de Vordenburg).

• Nem sempre confundido com o vingador, há outra personagem convencional, que eu chamaria de “o ciente”. Trata-se de uma personagem auxiliar capaz de identificar o vampiro-oculto; alertar a vítima ou nominar a rara enfermidade que a oprime:

Mais l'air distingué de l'étranger a fixé l'attention de la sibylle du Tyrol [...] Un malheur, un crime affreux. – Parlez. – Cette jeune fille. – Bettina? – Bientôt. – Achevez. – Oui, bientôt, Bettina doit mourir [...] Oui[,] continue Elmoda, ses jours sont menacés. Son sang sera desséché

⁸⁴ Na versão parisiense da peça, essa espécie de “vingador-auxiliar” é Edgar, noivo de Lovette; na londrina, Robert, noivo de Effie.

*goutte à goutte. Tremblez pour elle, tremblez, ô vous qui m'entourez! fuyez tous. – Fuyons.
– Apprenez qu'un vampire... – O ciel! dit Léonti, un vampire!...*⁸⁵

Os “cientes” mais convencionais são ou um médico ou uma figura que remete à sabedoria tradicional, às superstições populares. Algumas obras recorrem aos dois tipos, como “Carmilla”:

Later in the day the doctor came, and was closeted with papa for some time. He was a skilful man, of sixty and upwards, he wore powder, and shaved his pale face as smooth as a pumpkin. He and papa emerged from the room together, and I heard papa laugh, and say as they came out:

“Well, I do wonder at a wise man like you. What do you say to hippogriffs and dragons?”

The doctor was smiling, and made answer, shaking his head –

“Nevertheless life and death are mysterious states, and we know little of the resources of either.”

*And so they walked on, and I heard no more. I did not then know what the doctor had been broaching, but I think I guess it now.*⁸⁶

□

She and I were looking out of one of the long drawing-room windows, when there entered the court-yard, over the drawbridge, a figure of a wanderer whom I knew very well. He used to visit the schloss generally twice a year. It was the figure of a hunchback, with the sharp lean features that generally accompany deformity. [...]

*“Will your ladyships be pleased to buy an amulet against the oupire, which is going like the wolf, I hear, through these woods,” he said, dropping his hat on the pavement. “They are dying of it right and left, and here is a charm that never fails; only pinned to the pillow, and you may laugh in his face.”*⁸⁷

Como seria de se esperar, muitas vezes o papel de *ciente* é acumulado pelo próprio *vingador*, de que o exemplo mais visível é o Van Helsing de *Dracula*: ao mesmo tempo *ciente*–médico e matador de vampiros.

4. Procedimentos narrativos

Existem certos procedimentos narrativos tão recorrentes em obras literárias vampírescas, a ponto de postularmos que tenham adquirido um papel estruturante nelas.

85 Nodier 1820: I, 20–23.

86 Le Fanu 1872:126–127.

87 *Ibid.*, pp. 117–120.

Triangulação – Replicação

O primeiro e mais fundamental desses procedimentos típicos da temática vampíresca parece-me ser a *triangulação* das personagens em virtude de suas motivações. O esquema básico começa entre a vítima e seu protetor, relação a ser mediada pelo vampiro:

Na cronologia de nossa temática, de início essa figura contraposta ao vampiro pode ser a mãe (no poema *Der Vampyr* de Ossenfelder; na *Lenore* de Bürger) ou outro parente da vítima (o jovem Aubrey, no ciclo ruthveniano). Em seguida, esse papel é preferencialmente assumido pelo noivo da vítima, o amante socialmente sancionado de quem o vampiro se torna um rival. Por sinal, para a narrativa vampíresca, é dessa contraposição de motivações que emerge o tipo do vingador. Um exemplo precoce, extraído da peça capitaneada por Nodier (*Le vampire*, 1820), seria o criado Edgar, prestes a se casar com Lovette, que, ao perceber a investida de Ruthwen, atira contra ele.

O cerne de muitas tramas de nosso *corpus* pode ser compreendido nessa chave esquemática:

Mas o procedimento da triangulação não se esgota aí. Outras figuras que não o protetor-vingador parecem obedecer a uma lógica semelhante. Por excelência, o modelo é o do triângulo amoroso.

No melodrama parisiense de 1820, Rutwen seduz sucessivamente suas vítimas. Em dada cena, inclusive, para se aproximar de uma delas, inventa uma fictícia esposa falecida, que lhe seria extraordinariamente parecida:

Rutwen, du ton le plus doux.

Soyez sans crainte... si vous saviez quelle ivresse j'éprouve à vous voir ! une force irrésistible m'entraîne auprès de vous [...]

Hélas ! mon cœur n'a jamais palpité que pour une seule femme, une créature céleste, et vos traits m'ont rappelé tous les siens. Ce matin, mon cœur était usé par les regrets, la douce flamme des amours était éteinte dans mon ame, et ce soir elle vient de s'y rallumer au feu de vos regards; ce soir, je brûle !...

Lovette

Mais, Monseigneur, celle que vous aimiez...

Rutwen

Elle est morte ! [...] Vous seule pouvez la faire revivre pour moi.⁸⁸

Doutra parte, junto à patroa, para justificar a necessidade de apressar o casamento e partir imediatamente, Rutwen alega que o rei da Inglaterra lhe designara outra esposa, a qual não ama, e para furtar-se a esse suposto casamento indesejado quer acelerar o matrimônio com Malvina:

Malvina

Oui, il m'a expliqué le motif de ce prompt départ : il est averti que le Roi l'attend pour lui faire épouser une dame de la cour qu'il n'aime point, il n'a d'autre moyen de se soustraire à cet ordre que de me présenter au Roi avec le titre de son épouse.⁸⁹

Surge assim no álbi de Rutwen uma nova triangulação potencial, que inclui a esposa a ele supostamente designada pelo Rei da Inglaterra. O jogo dos vértices de espelhamento vai-se portanto complementando:

⁸⁸ Nodier 1990:94-95 (Nodier 1824:377-378).

⁸⁹ Nodier 1990:109 (Nodier 1824:388).

O elo triangular dos protagonistas só não é completo porque Rutwen não é rival de Aubrey (irmão dela e não seu namorado) e este tampouco mostra ser um vingador ativo (não é em virtude de seus esforços que o vampiro sucumbe).⁹⁰

No conto anônimo *The mysterious stranger*, o jovem barão Franz von Kronstein se mostra ciumentíssimo do estranho convidado que avança sobre sua noiva e lhe ganha a intimidade; mostra-se contudo patético e incapaz de impor-lhe a devida distância, papel que caberá a um vingador-ciente distinto, o militar Woislaw. Poder-se-ia considerar, nesse caso, que a motivação do protetor também se viu parcialmente triangulada, dividida entre o noivo ineficaz e o vingador que não se liga afetivamente à vítima que se salva graças à sua intervenção.

Desta e doutras maneiras, o esquema básico da triangulação de motivações presta-se a múltiplos espelhamentos e variações. No caso de *Dracula*, para além da triangulação principal entre o noivo-vingador (Jonathan Harker) e o vampiro, há toda uma pequena constelação que se irradia nos pretendentes, a partir do vértice da noiva/vítima auxiliar, Lucy Westenra:

Tal procedimento propicia que, entrado em cena o vampiro, o “actante” do vingador seja dividido (assim como o da vítima) entre diversas personagens.⁹¹

Uma conseqüente conformação da narrativa é a *replicação* das situações-base, a mais importante das quais é o ataque à vítima auxiliar, que prenuncia o ataque à vítima protagonista.

A replicação “clássica”, a partir dos anos 1820, muitas vezes é introduzida por meio de um duplo casamento. A peça de Nodier é o exemplo acabado disto: é por estarem previstos, para o mesmo dia, dois casamentos (sendo o dos criados uma espécie de reflexo antecipado do dos patrões), que se repetirá a cena de sedução e ataque à noiva. Um esquema que deitará raízes para além do ciclo da obras “ruthvenianas”.

⁹⁰ A triangulação que o vampiro media entre irmão e irmã é algo diáfana, ou melhor, mais propriamente virtual (ao mesmo tempo familiar, melodramática). Aubray não é nem bem o herói, menos ainda o vingador. Não é o noivo da vítima, mas maqueia-se em pai dela (“*sir Aubray m’a servi de père*”).

⁹¹ Que são, além dos três pretendentes de Lucy, ainda Jonathan Harker (o noivo e em seguida marido da vítima protagonista) e Abraham Van Helsing (o médico-ciente).

*Les adieux furent tristes, cette année. On ne devait se revoir, en effet, qu'après les deux mariages accomplis, savoir: celui de M. Radcliffe et d'Anna au lieu même où nous sommes, celui de Ned et de Cornélia à Rotterdam, où le comte Tiberio faisait sa résidence.*⁹²

De volta ao ciclo de obras em torno de Ruthven, este nos sugere, sobretudo a partir de sua primeira adaptação para os palcos, que o viés da *replicação* possa ser expandido e lido inclusive em chave meta-discursiva: não se replicam sucessivamente apenas as ligações afetivas do vampiro (falecida esposa fictícia de Rutwen/ Lovette/ Malvina/ esposa fictícia designada pelo rei), mas também as obras assim por dizer endogenéticas que as desfiavam aos olhos do público (Polidori/ Nodier *et alii*/ Planché / Ritter/ Wohlbrück/ Heigel/ Dumas etc.). Abrindo-se o foco (e dirigindo-o para a sincronia), percebemos a *replicação* imanente ao vampiro dramático-ficcional também nas inúmeras paródias, pastiches e derivados que, na cena parisiense dos anos 1820, reagem quase simultaneamente à estréia do vampiro nos palcos.

Trata-se, com todas as letras, de recorrer a esquemas básicos narrativos que são, tanto no pólo da produção literária quanto no de sua recepção, codificados ao extremo: muito prestativos, como já se vê, à sua exploração na cultura de massas. A convenção, todavia, não é exclusiva do clichê e do estereótipo, mas serve também a obras mais matizadas: no dizer de Sainte-Beuve (ver a epígrafe a este capítulo), trata-se daqueles “grandes e elevados talentos” que “cedem à corrente e a impulsionam, imitam e encorajam os excessos dos quais eles acreditam sempre poder escapar sem desonra”.

Autoridade e testemunho. A explicação.

Parece claro que o recurso a algum tipo de *autoridade* ou *testemunho*, seja de textos anteriores, seja de uma alegada tradição popular, mediada por exemplo por personagens caracterizadas enquanto tais, é em si um *tópos*, inclusive na primitiva acepção retórica do termo, da articulação mesma do discurso. Em textos não ficcionais, o recurso à tradição é quase invariavelmente investido de valor argumentativo, por excelência *ad verecundiam*.⁹³

Narratur apud Crusium in Turco-Graecia lib. VIII, Sabbato Pentecostes Turcas combussisse Graecum, biennio ante defunctum; quod vulgo crederetur, nocte sepulchro egredi, hominesque occidere; alios autem veram causam perhibuisse, quod quindecim pluresve homines, spectrum ejus videntes, mortui sint: sepulchro extractum, consumpta carne, cutem ossibus adherentem, integram habuisse. Et forsitan non aliud fuerit, quod Nicephorus Patriarcha Constantinopolitanus in Constantio Copronymo narrat [...]

92 Féval, *La ville vampire* [1874] (Féval 1891:28).

93 Grosseiramente, o tipo de argumento que faz apelo à reverência de uma autoridade.

Crusius narra, [em sua obra] *Turco-Grécia em oito livros*, que no sábado de Pentecostes os turcos haviam queimado um grego, falecido dois anos antes; o qual o povo acreditava sair à noite do sepulcro e [ir] matar os homens; e que para outros [ele] seria a própria causa [de morte], dado que mais de quinze homens teriam morrido ao ver seu espectro: extraído do sepulcro, teria [apresentado] a carne consumida e a pele íntegra, aderente aos ossos. E talvez não seja outra coisa aquilo que narra Nicéforo Patriarca de Constantinopla sobre Constâncio Coprônimo [...] ⁹⁴

□

Quia pluries contigit apud nos in Polonia, Russia, Lithvania: item in Ungaria, ut testantur plura authentica exempla, & ego multoties ab oculatis fide dignis testibus audiui [...]

Pois tantas vezes ocorre entre nós na Polônia, Rússia, Lituânia, e também na Hungria, como atestam numerosos exemplos autênticos, e muitas vezes eu [mesmo] ouvi de testemunhas oculares dignas de fé [...] ⁹⁵

(Um *tópos* particular é o testemunho em primeira pessoa. Para um exemplo notável num texto dissertativo, veja-se o trecho em que Allacci conta de sua experiência com um *tympaniâios*, reproduzido e traduzido em apêndice. ⁹⁶)

Na ficção, que eventualmente emula esse recurso, a introdução da autoridade ou da tradição adquire uma *função narrativa*. ⁹⁷ Por excelência, ela se dá no momento em que o enredo apresenta, na voz de alguma personagem e tendo em vista propósitos ficcionais, uma determinada explicação do fenômeno do vampirismo.

Let me add a word or two about that quaint Baron Vordenburg, to whose curious lore we were indebted for the discovery of the Countess Mircalla's grave.

He had taken up his abode in Gratz, where, living upon a mere pittance, which was all that remained to him of the once princely estates of his family, in Upper Styria, he devoted himself to the minute and laborious investigation of the marvelously authenticated tradition of Vampirism. He had at his fingers' ends all the great and little works upon the subject.

"Magia Posthuma," "Phlegon de Mirabilibus," "Augustinus de curâ pro Mortuis," "Philosophicae et Christianae Cogitationes de Vampiris," by John Christofer Herenberg; and a thousand others,

⁹⁴ Allatius 1636:147.

⁹⁵ Gengell 1716:122

⁹⁶ Ver seção V. a) do Apêndice.

⁹⁷ Por exemplo: a mencionada inserção do relato de Filóstrato no romance de Potocki (ver supra, cap. 3) é introduzida pela frase: "*étant allé chercher un Philostrate de l'édition de Morel 1608, il jeta les yeux sur le texte grec, et sans paraître éprouver le moindre embarras à le bien comprendre, il lut en espagnol de ce que je vais raconter*" (Potocki 2008:216). Precisar detalhes bibliográfico-filológicos como esses empresta verossimilhança e uma riqueza indexativa (como acima, cf. Barthes) não apenas ao relato em si, como também ao próprio procedimento de interpolação textual.

*among which I remember only a few of those which he lent to my father. He had a voluminous digest of all the judicial cases, from which he had extracted a system of principles that appear to govern – some always, and others occasionally only – the condition of the vampire.*⁹⁸

□

Elle aimait enseigner, comme toutes les personnes savantes.

– [...] *Vouz comprenez bien, milady, et vous, gentleman[,] qu'en dehors même de son expérience personnelle, elle avait consulté un nombre considérable d'ouvrages au sujet des vampires. Jamais elle n'en disait un mot sans citer son auteur. Pardonnez-moi si je ne fais pas de même; outre que mon érudition est bien loin d'égaler la sienne, je n'ai pas la mémoire des noms baroques.*⁹⁹

Na fase inaugural de sua apropriação ficcional, vale dizer, até o início da década de 1820, os autores e editores quiseram garantir a compreensão do fenômeno junto a um público-alvo quiçá menos informado; além das explicações na voz de personagens (ou do narrador onisciente), provêm elementos elucidatórios em paratextos como prefácios, prólogos, posfácios, apostos em geral. No que concerne aos vampiros, se Potocki os fazia explicar por um douto cabalista, os editores que em 1819 publicaram em periódico o conto de Polidori (atribuindo-o entretanto a Byron) acharam por bem antepor um texto elucidativo:

THE VAMPYRE;

A TALE BY LORD BYRON.

The superstition upon which this tale is founded is very general in the East. Among the Arabians it appears to be common: it did not, however, extend itself to the Greeks until after the establishment of Chistianity; and it has only assumed its present form since the division of the Latin and Greek churches; at which time, the idea becoming prevalent, that a Latin body could not corrupt if buried in their territory, it gradually increased, and formed the subject of many wonderful stories, still extant, of the dead rising from their graves, and feeding upon the blood of the young and beautiful. [...]

*In the London Journal of March, 1732, is a curious, and of course credible account of a particular case of vampyrism, which is stated to have occurred at Madreyga, in Hungary. [...]*¹⁰⁰

A nota, que se estende por duas colunas e meia e é creditada ao editor, faz referências abertas à bibliografia do vampiro, aí incluindo uma célebre passagem do poema *The giaour*, de Byron, e deve também algo a uma leitura ingênua da prosa irônica de Voltaire (“*all over Hungary, Poland, Austria, and Lorraine*”).

⁹⁸ Le Fanu 1872:262-263.

⁹⁹ Féval 1891:237-238.

¹⁰⁰ In Polidori 1819:195b.

Esse tipo de procedimento era muito caro a Charles Nodier. Em seus prefácios, posfácios, notas e artigos jornalísticos, há um sabor todo especial, mesmo literário, misturado à redação que se finge “expositiva”. Relativamente ao nosso objeto, há dele diversos exemplos pertinentes: a série de quatro artigos sobre a “poesia ilírica”, publicados no entreato da ocupação napoleônica da Dalmácia; o artigo “Sur quelques phénomènes du sommeil”; o prólogo ao melodrama do Théâtre de la Porte-Saint-Martin; os prefácios e notas (às vezes em cascata) aos seus livros *Smarra*, *Lord Ruthwen*, *Infernalina*... Não por acaso, o artigo seminal com que cativou antecipadamente a recepção de seu futuro melodrama vampiresco, publicado primeiramente no jornal *Le drapeau blanc*, foi em seguida por ele reunido num volume que se intitulava, com justiça, *Mélanges de littérature et de critique*.¹⁰¹

A explicação do vampirismo é o lugar da narrativa em que se expressam com todas as letras os *receituários* a ele intimamente ligados: suas causas; seu funcionamento; as medidas apotropaicas e os modos de aniquilação. Não precisam vir assim, de enxurrada, mas com frequência são diluídos ao longo da narrativa. Na maior parte das vezes, a explicação, ou pelo menos a recomendação de medidas apotropaicas, ligam-se a uma alegada crença do povo: “*les contes ridicules que tu entends dans ce pays*”.¹⁰²

A analepse.

Outro modo de suprir esse conteúdo, como mencionamos mais acima, é fazê-lo por meio do *tópos* localizado da *explicação em analepse*. O *ciente*, que, como vimos, via de regra é um criado, um camponês, um médico ou um vingador (às vezes uma combinação destes), conta um caso precedente de vampirismo para explicar às demais personagens – criando simultaneamente uma sugestão antecipativa no leitor/espectador – o que é aquele mal misterioso de que a vítima protagonista padece.

Cronologicamente, a primeira ocorrência indubitável de um tal procedimento no *corpus* está ligada a uma exigência dramática. Tendo adaptado a fábula nuclear de Polidori para o palco, Nodier, Carmouche e d’Abbans não encenam os acontecimentos passados na Grécia, antes põem a personagem Aubray a narrá-las para sua irmã. Similarmente, como vimos, o criado Scop narrava a Egdar o acontecido com a mais rica herdeira da Escócia cem anos anos.

101 Nodier 1820:409-417.

102 Nodier 1990:48 (Nodier 1824:342).

Não saberia dizer até que ponto a insistente retomada deste esquema, nas tantas adaptações derivadas do melodrama parisiense de Rutwen, teria de fato colaborado para que tal procedimento se consolidasse na temática; o fato é que seu emprego é freqüente também na narrativa. Dentre as obras a que venho recorrendo neste capítulo, um bom número traz esse elemento: as readaptações do melodrama *Le vampire*; o romance *Lord Ruthwen ou les vampires*; *Varney the Vampire*; “The mysterious stranger”; *La ville vampire*; “Die Todten sind unersättlich”; *Domnișoara Christina*. Os exemplos não se esgotam aí, naturalmente.

Em “Carmilla”, embora a suspeita já tenha sido levantada e confirmada pelo médico Spielsberg, são inseridos bem cinco capítulos (de um total de dezesseis) entre o diagnóstico e a expedição punitiva, em que um novo nível narratológico introduz uma pré-estória explicativa: a narração de como o General Spielsdorf perdeu sua filha para a misteriosa hóspede Millarca. Na parcial coincidência dos nomes dos dois auxiliares (Spielsdorf/Spielsberg), poderíamos quem sabe antever um eco prenunciador da fusão das duas personagens numa só, o médico e caçador de vampiros Van Helsing.¹⁰³

Moldura narrativa.

Muitas vezes, a ficção vampiresca é toda ela narrada em analepse por uma personagem. Aí já se trata de um caso diferente do acima comentado. A narrativa em primeira pessoa de “Carmilla” apresenta-se como uma extensa correspondência da jovem Laura ao Dr. Hesselius¹⁰⁴; algo assim também encontramos no conto de Stenbock que parodia essa novela bastante de perto, “A true story of a vampire”. No conto de Gautier, “La morte amoureuse”, o velho padre Romuald recorda, com uma ponta aberta de (resignada) nostalgia,¹⁰⁵ as aventuras amorosas de sua juventude, há tanto deixadas para trás.

A moldura narrativa é, evidentemente, um procedimento (como tantos outros) não exclusivo da narrativa vampiresca. Não obstante isso, o procedimento possui um *status* privilegiado no interior de nosso *corpus* ficcional, em outras palavras, é dele característico.

103 Também em *La ville vampire* temos um esboço (inacabado) do médico-vingador, Magnus Szegli (Féval 1875:260ss); entretanto, pouco após ser introduzida, a personagem é subita e explicitamente posta de lado: “Quant au docteur Magnus et au jeune dessinateur, nous n’en parlerons même pas, eu égard à l’insignifiance de leurs rôles” (Féval 1875:299); adiante, são chamados de “personnages de second ordre” (*ibid.*, p. 315).

104 Do prólogo: “Upon a paper attached to the Narrative which follows, Doctor Hesselius has written a rather elaborate note, which he accompanies with a reference to his Essay on the strange subject which the MS illuminates” (Le Fanu 1874:49).

105 O que não deixa de lembrar o velho Riobaldo em *Grande sertão: veredas*.

É freqüente que esse registro seja obtido por meio de paratextos.¹⁰⁶ A nota de rodapé à abertura da novela “Ewige Jugend”, de Sacher-Masoch, instaura ela também uma espécie de moldura narrativa:

Die in der nachstehenden Novelle geschilderten Vorgänge beruhen vollständig auf geschichtlicher Wahrheit und sind die Akten des Prozesses der Gräfin Elisabeth Nadasdy noch vorhanden.

Os acontecimentos da novela a seguir baseiam-se inteiramente na verdade histórica e ainda estão disponíveis nos atos do processo da condessa Elisabeth Nadasdy.¹⁰⁷

No interesse da hermenêutica literária, provavelmente importa menos confirmar se a alegada “veracidade” é corroborada ou não pelos dados históricos e mais atentar para como o autor lança mão desse recurso.

Certas obras constroem-se mediante procedimentos mais complexos, como trechos de cartas, alternância de narradores etc. O romance *Dracula* é todo ele uma alternância de registros pessoais das personagens envolvidas: diários, cartas, gravações no gramofone. De modo geral, as narrativas que se aninham umas dentro das outras são também bastante comuns no *corpus* (para além das obras agora mesmo citadas, *La ville vampire*, *Varney* e diversas outras).

5. Outros motivos e índices

A simbologia do vampiro abriga ainda uma constelação de motivos menos centrais, e ainda *índices* não diretamente implicados na trama, quer dizer, motivos que podem não trazer conseqüências diretas para o curso da ação. Não é o caso, nessa etapa já bastante extensa, de examiná-los em detalhe. Até por sua disseminação (hoje sem sombra de dúvida massificada), que seja suficiente indicar sumariamente alguns deles, como a lua¹⁰⁸; a noite; o cavalo negro; as associações bestiais (lobos, cães, morcegos, ratos etc.); o vinho; a tempestade; o círculo mágico; a mão gelada; o retrato; a velhice precoce. Refiro a seguir instâncias sugestivas de alguns dentre esses, muito esquematicamente.

- A bem dizer, não se pode generalizar o emprego desses motivos sem pagar um preço. O caso talvez mais perceptível é o da lua cheia. Embora possa comparecer numa narrativa como *índice*, muitas vezes, ao contrário, tem sim implicações na trama vampiresca.

106 Cf. *supra*, sobre “a explicação”.

107 Sacher-Masoch 1877b:II,155.

108 Em muitas obras da temática, como no ciclo de Ruthven e em *Varney*, esta configura uma *função* nada marginal: são os seus raios a revificar o vampiro abatido.

*The knight Azzo repeated his visits every now and then. He always came in the evening, and when the moon shone brightly.*¹⁰⁹

□

»Nun, Herr Jakob«, sagte ich, »werdet Ihr mir nun auch das Marmorweib zeigen?«

[...] »Ich weiß es«, sagte er mit seiner knarrenden Stimme, »dass der Herr deshalb gekommen ist, aber jetzt ist es nicht an der Zeit. Kommen der Herr Wohltäter morgen nachts, da haben wir Vollmond, da werden die Toten lebendig.«

‘E então, senhor Jakub’, eu disse, ‘agora vai me mostrar a mulher de mármore, também?’

[...] ‘Eu sei’, disse com sua voz rangida, ‘que é por isso que o senhor veio, mas ainda não é hora. Venha, senhor benfeitor, amanhã à noite, quando teremos lua cheia e os mortos ganham vida.’¹¹⁰

□

„[...] und als wieder ein Verbrecher dem Tode verfallen war, ließ ich sein Blut in diese Wanne hier fließen und badete mich in demselben. Einen Monat später war ich vollkommen verjüngt. Seitdem habe ich mich in jeder Vollmondnacht in Menschenblut gebadet.“

“ [...] e quando novamente condenou-se um criminoso à morte, fiz com que seu sangue escoasse aqui nesta banheira e banhei-me nela. Um mês depois, eu me encontrava perfeitamente rejuvenescida. Desde então, banho-me no sangue humano a cada noite de lua cheia.”¹¹¹

- Já o cavalo negro, é mais comum que compareça para conferir determinada atmosfera:

Er sah sich um; der Alte war verschwunden; zur Seite stand ein schwarzes Roß mit hell blitzenden Augen, und auf dem Sattel lag ein Gewand für Brunhilden.

Ele olhou ao seu redor, o velho havia desaparecido; ao lado postava-se um corcel negro de olhos claros e faiscantes, e sobre a sela havia um traje para Brunhilde.¹¹²

□

Lahennée

*Mademoiselle, un messenger est arrivé cette nuit de Nantes, à ce que l'on croit; il a exigé que l'on réveillât M. le baron, qui, aussitôt réveillé, s'est levé, a fait seller son cheval noir, et est parti.*¹¹³

109 Chambers' Repository 1854:18.

110 Sacher-Masoch 1877a:224-225.

111 Sacher-Masoch 1877b:189.

112 Raupach 1823:49-50.

113 Dumas 1865:452.

• Associações bestiais dão-se tanto na metamorfose e na manifestação conjunta do vampiro e de animais a ele associados, quanto, de outro lado, na denúncia de sua presença pelos bichos:

*His companion was a rough spare dog, that followed at his heels, but stopped short suspiciously at the drawbridge, and in a little while began to howl dismally.*¹¹⁴

□

*Et les chats lui sautaient sur le dos, car il répandait la même mauvaise odeur que les chattes au mois de mars !*¹¹⁵

□

O que há com ela? Ela parece que está vendo fantasmas na sala toda.

Ele ouviu um barulho parecido com um ovo fritando numa frigideira bem quente.

Mais um, igual.

Mais um.

A sala foi se enchendo de um chiado cada vez mais forte.

Todos os gatos na sala tinham se levantado, estavam com as costas encurvadas e as caudas levantadas, olhando para Virginia. Até Miriam se levantara toda desajeitada com a barriga arrastando pelo chão, as orelhas puxadas para trás, mostrando os dentes.

Do quarto, da cozinha, vinham mais gatos.

[...] Um gatinho preto saltou na coxa de Virginia, enterrou as unhas e se agarrou ali. Gösta pôs agarrafa em cima da mesa fazendo um estampido: – Xô, Titania, xô!

Virginia se abaixou, pegou o gato pela corcunda e tentou arrancá-lo. Mais dois gatos aproveitaram a chance e pularam nas costas e no pescoço dela. Virginia soltou um grito e tirou o gato da perna, jogando o animal longe. Ele voou pela sala, bateu no canto da mesa e caiu aos pés de Gösta. Um dos gatos nas costas de Virginia subiu na cabeça dela e fncou-lhe suas garras enquanto atacava a testa.

Antes de Lacke conseguir ajudar, mais três gatos tinham pulado para cima dela. Eles berravam enquanto Virginia batia neles de punho cerrado. Ainda assim, os felinos continuavam agarrados, rasgando as carnes dela com seus dentinhos.¹¹⁶

• Algumas narrativas apelam para as virtudes sobrenaturais do círculo mágico:

Einen Kreis zog der Alte, Zaubersprüche murmelnd, um das Grab; und alsbald fing der Sturm an in den Wipfeln der Linden zu sausen; Eulen flogen herbei, und sangen ihr Schauerlied; die

114 Le Fanu 1872:118-119.

115 Féval 1891:75.

116 John Ajvide Lindqvist, *Deixa ela entrar* (*Låt den rätte komma in*, 2004), tradução de Marisol Santos Moreira (Lindqvist 2012:267-268).

heiligen Sterne verhüllten ihr Angesicht, um den Gräuel nicht zu schauen; seufzend wälzte sich der Stein von dem Grabe und ließ den Eingang offen zu den Todten.

Murmurando fórmulas mágicas, o velho desenhou um círculo em torno do túmulo; e logo a tempestade começou a zunir nas copas das tílias; corujas vieram esvoaçar e entoar o seu canto horroroso; as santas estrelas ocultaram suas faces para não testemunhar a hecatombe; com um suspiro a pedra rolou do túmulo, deixando o caminho aberto aos mortos.¹¹⁷

□

Umher irrend an der Zauberkreise, den sie nicht überschreiten konnte, rief Brunhilde allnächtlich Walter! Walter! und die Gewölbe der Höhle wiederholten den fürchtlichen Ruf, daß er erwachte.

Vagueando em torno do círculo mágico que não podia ultrapassar, todas as noites Brunhilde chamava “Walter! Walter!”, e as abóbadas da gruta ecoavam o chamado assustador, para que acordasse.¹¹⁸

□

*In fear I turned to the Professor. To my consternation, however, he was not there. An instant later, I saw him below me. Round the rock he had drawn a circle, such as we had found shelter in last night.*¹¹⁹

- Figuras vampírescas muitas vezes apresentam a mão e o corpo gelados:

“What – what is it?” whispered Henry, in hoarse accents. “God, what can it possibly be?”

*“I know not,” replied Mr. Marchdale. “I did seize it. It was cold and clammy like a corpse. It cannot be human.”*¹²⁰

□

*The instant, however, that I had stepped over the threshold, he moved impulsively forward, and holding out his hand grasped mine with a strength which made me wince, an effect which was not lessened by the fact that it seemed cold as ice, more like the hand of a dead than a living man.*¹²¹

□

Sophie

Oh, mon seigneur, que vos mains sont glacées! ô, mon seigneur, que vos cheveux sont humides! Je tremble dans votre lit, malgré vos couvertures de Perse. En vérité, mon seigneur, votre corps est

117 Raupach 1823:48.

118 *Ibid.*, p.79.

119 Stoker 2001:359.

120 Rymer 2008:40.

121 Stoker 2001:17.

*glacé: j'ai bien froid; je frissonne, je tremble; une sueur glacée a couvert tous mes membres! Ah! sainte mère de Dieu, ayez pitié de moi; mais je crois que je vais mourir.*¹²²

- Uma sugestão particular, como de uma força desconhecida ou de uma impossibilidade cronológica, é fornecida pelo retrato:

He looked so many times at the portrait which was in the panel that at length he felt an undefined sensation of terror creep over him whenever he took his eyes off it.

He tried to keep himself from looking at it, but he found it vain, so he adopted what, perhaps, was certainly the wisest, best plan, namely, to look at it continually. [...]

*And how strangely, too, the eyes of that portrait appeared to look upon him – as if instinct with life, and as if the head to which they belonged was busy in endeavouring to find out the secret communings of his soul. It was wonderfully well executed that portrait; so life-like, that the very features seemed to move as you gazed upon them.*¹²³

□

“There is a picture that I have not seen yet,” said my father. “In one corner, at the top of it, is the name, as well as I could read, ‘Marcia Karnstein,’ and the date ‘1698;’ and I am curious to see how it has turned out.”

I remembered it; it was a small picture, about a foot and a half high, and nearly square, without a frame; but it was so blackened by age that I could not make it out. The artist now produced it, with evident pride. It was quite beautiful; it was startling; it seemed to live. It was the effigy of Carmilla!

“Carmilla, dear, here is an absolute miracle. Here you are, living, smiling, ready to speak, in this picture. Isn’t it beautiful, papa? And see, even the little mole on her throat.”

*[...] I was more and more lost in wonder the more I looked at the picture.*¹²⁴

□

O senhor Nazarie foi tomado por uma sensação de terror, como se uma garra lhe penetrasse o peito. Senhorita Christina sorria no retrato do pintor Mirea, fitando-o em cheio. Era uma moça muito jovem, envergando um vestido longo, de cintura alta e estreita, com cachos negros soltos sobre os ombros [...] Ígor permanecera longe do quadro. Esforçava-se em compreender de onde brotava, em seu espírito, tanta melancolia e cansaço diante dessa donzela que o fitava nos olhos, sorrindo-lhe com familiaridade, como se o houvesse escolhido, e só ele dentre todos os presentes, para falar de sua infinita solidão. Uma imensa saudade e muita tristeza pairavam nos olhos da senhorita Christina.¹²⁵

122 Mérimée, “La belle Sophie” (Mérimée 1827:162).

123 Rymer 2008:44.

124 LeFanu 1872:130-131.

125 Eliade 2012:37, tradução de F. Klabin.

(Note-se que uma possível e aproximativa “leitura vampiresca” do *Dorian Gray* de Oscar Wilde – romance, por sinal, às vezes associado ao vampirismo – sugeriria um caso-limite dos poderes misteriosos de um estranho retrato.)

- Não raro, obras vampíricas exploram o motivo da velhice precoce, em particular a imagem do *puer senilis*:

Und Kinder, Jünglinge und Jungfrauen welkten dann hin wie Blumen, deren Wurzel ein Wurm zernagt: ihrer Glieder Fülle schwand, ein gelblicher Nebel verdrängte das Morgenroth von ihren Wangen, ihren Augen erloschen, wie ein glänzender Wasserspiegel, den der Frost erstarrt; ihr Haar ward grau, als hätten schon die Stürme des Lebens darin gewühlt.

Então crianças, rapazes e moças murchavam como flores cujas raízes tivessem sido roídas por um verme: o vigor abandonava os seus membros, uma névoa amarelada tomava o lugar do alvor em suas faces, seus olhos ficavam apagados, como um espelho-d’água congelado, e seus cabelos ficavam grisalhos, como se as tormentas da vida já tivessem se conturbado dentro deles.¹²⁶

□

Encontrou porém o rosto de Simina virado para ele. Fitava-o com grande surpresa, com desconfiança até. Parecia se esforçar em decifrar um segredo. Era uma preocupação profunda, descontente, que ultrapassava as de uma criança.¹²⁷

□

Ao encontrar seus olhos, Ígor teve a incômoda sensação de cair numa armadilha, de que na sua frente agia uma mente astuta e afiada, e não a de uma criança.¹²⁸

- Por vezes, encontramos certos motivos comuns a duas ou mais obras, sem que sejam de resto com freqüência exploradas na temática, o que reforçaria a hipótese de uma intertextualidade remissiva entre as instâncias em questão, mais ou menos direta. Provavelmente é esse o caso do perfume de violetas que acompanha a presença da ressurecta em *Domnișoara Christina*, de Mircea Eliade (1936). O repetido apresentar-se de um perfume de violetas em contexto vampiresco sugere que o autor poderia tê-lo retomado do conto de Ernst Raupach:

126 Raupach 1823:63.

127 Eliade 2012:17, tradução de F. Klabin.

128 *Ibid.*, p. 43.

Alle Spuren des Grabes waren verwischt; in den blassen Himmel ihrer Wangen war wieder die Morgenröhte getreten; der leise Modergeruch hatte sich in einen lieblichen, süß betäubenden Veilchenduft gelöst, das einzige Zeichen aus der Tiefe, das nie verschwand.

Todos os resquícios da tumba haviam esvaecido; o alvor penetrara novamente no pálido céu de suas faces; o leve cheiro de mofo se dissolvera num perfume de violetas agradável e docemente entorpecente, o único traço das profundezas a jamais desaparecer.¹²⁹

□

An Walter's Brust, wann er betäubt von ihrem Hauche an der ihrigen ruhte, legte sie nun die blutdürstigen Lippen, und bald begann seine Lebenskraft zu schwinden, und in seine schwarzen Locken stahl sich manch graues Harr.

Ela agora dirigia seus lábios sedentos de sangue ao peito de Walter, quando ele, atordoado pelo seu hálito, descansava sobre o dela, e em pouco tempo sua força vital começou a secar e entre suas mechas negras alguns fios de cabelo brancos começaram a despontar.¹³⁰

□

Als er am Morgen erwachte, sah er sich in Brunhildens Armen; ihr langes schwarzes Haar wand sich um seinem Leib, eine sichtbare und unsichtbare Kette, die ihn fesselte, und der Duft ihres Athems, der ihn umwallte, hielt ihn fest in der Vertäubung, daß er ihre brennenden Liebkosungen annehmen und erwidern mußte, bis die Lust vollendet war [...]

Quando acordou de manhã, viu-se nos braços de Brunhilde. Os longos cabelos negros dela se enredavam em torno de seu corpo; uma corrente visível e invisível que o amarrava, junto com o aroma de seu hálito que o circundava, o prendia ao encanto que o obrigava a aceitar e corresponder às suas ardentes carícias, até que o prazer se realizasse [...]¹³¹

□

Um cheiro estranho pairava no aposento; não de morto, nem de flores funerárias, mas de juventude interrompida, interrompida e conservada ali, entre quatro paredes.¹³²

□

Ígor tentou de novo desprender-se do feitiço de Christina, romper o sonho. O aroma de violeta o entorpecia, a proximidade do corpo de Christina o exauria.¹³³

129 Raupach 1823:53.

130 *Ibid.*, p. 70.

131 *Ibid.*, p. 74.

132 Eliade 2011:38 (trad. F. Klabin).

133 *Ibid.*, p. 93 (trad. F. Klabin).

II. Para além de um princípio meramente cumulativo de composição

No interesse de uma argumentação de nível mais amplo, o que convém reter do levantamento?

Em primeiro lugar, que o vampiro narrativo não é apenas um acúmulo de clichês (embora narrativas mais estereotipificadas possam até se aproximar disso).

A análise do vampiro ficcional e de um correspondente esquema narrativo visa antes de tudo trazer à luz mecanismos de composição recorrentes e intertextuais. Os empregos que esta e aquela obra em particular fazem do grande acervo compartilhado podem ser bastante diversos entre si, sem que se perca de vista uma remissão mais ou menos reconhecível, explícita ou apenas sugerida, aos núcleos da temática, ou mesmo a aspectos acessórios desta, caracterizada como tal. Seja como for, podemos agora retrair melhor, e com mais segurança, as esquivas identidades do vampiro literário: seus contornos, seus espelhamentos, seus pontos de fuga. Dispomos, numa palavra, de termos de comparação para contrapor uma dada obra face ao terreno amplo e difuso de uma temática literária.

O procedimento, porém, não deveria ter um fim em si; mais vale fazer dele um passo dentre outros, que pode (ou não) fazer emergir aspectos esclarecedores de um texto e de sua leitura comparativa.

Assim munidos, poderíamos ler “em luz vampiresca”, isto é, confrontando-as a esta escala de referência, obras que não tematizam o vampirismo declarada ou centralmente – e compreender por que vias pode se provar eficiente, no texto, uma alusão vaga, marginal ou irônica ao tipo literário. A descrição a seguir, extraída de uma novela do jovem Flaubert, parece se prestar a esse exercício. Seu protagonista é um ser imortal (nem homem, nem deus, nem diabo), desprovido de alma e paixões.

Et puis on se taisait quand on entendait le bruit de ses pas, les enfants se pressaient sur leurs mères et les hommes le regardaient avec étonnement ; on était effrayé de ce regard de plomb, de ce froid sourire, de cette pâle figure, et si quelqu'un effleurait ses mains, il les trouvait glacées comme la peau d'un reptile. [...] Eh bien, cet homme qui paraissait si infernal et si terrible, qui semblait être un enfant de l'enfer, la pensée d'un démon, l'oeuvre d'un alchimiste damné, lui dont les lèvres gercées semblaient ne se dilater qu'au toucher frais du sang, lui dont les dents blanches exhalaient une odeur de chair humaine, eh bien, cet être infernal, ce vampire funeste n'était qu'un esprit pur et intact, froid et parfait, infini et régulier, comme une statue de marbre qui penserait, qui agirait, qui aurait une volonté, une puissance, une âme,

*enfin, mais dont le sang ne battrait point chaleureusement dans les veines, qui comprendrait sans sentir, qui aurait un bras sans une pensée, des yeux sans passion, un cœur sans amour.*¹³⁴

Embora tal criatura – o *duque* d’Almaroës – não seja um morto-vivo sanguessuga, o tipo do vampiro ou algo assemelhado é aqui indubitavelmente mobilizado para descrevê-lo (mesmo se negativamente): olhar de chumbo; sorriso frio; figura pálida; mãos geladas; lábios que se dilatam ao contato com sangue fresco; dentes brancos exalando cheiro de carne humana etc. No desenvolvimento da narrativa, pode-se argumentar, outro nível de remissão seria reconhecível – sua existência é um jugo tedioso e infindável:

*Aussi il s’ennuyait sur cette terre, mais de cet ennui qui ronge comme un cancer, qui vous brûle, qui vous déchire, et qui finit chez l’homme par le suicide. Mais lui ! le suicide ? Oh ! [...] Mais toute cette nature, la mer, les bois, le ciel, tout cela était petit et misérable ; les fleurs ne sentaient rien sur ses lèvres ; nue, la femme était pour lui sans beauté, le chant sans mélodie, la mer sans terreur. Il n’avait point assez d’air pour sa poitrine, point assez de lumière pour ses yeux et d’amour pour son cœur. [...] Rien pour lui désormais ! tout était vide et creux ; rien, qu’un immense ennui, qu’une terrible solitude, et puis des siècles encore à vivre, à maudire l’existence, lui qui n’avait pourtant ni besoins, ni passions, ni désirs ! Mais il avait le désespoir !*¹³⁵

Também podemos submeter a essa “análise tipológica” narrativas mais abertamente vampírescas, para averiguar até que ponto e de que modo elas seguiriam seu quinhão dessas convenções. Um caso exemplar é a novela “Vlad”, de Carlos Fuentes (2004). Pode-se lê-la, no mínimo, nos dois seguintes registros.

O primeiro deles, mais à superfície do texto (melhor dizendo: do intertexto), pergunta-se pelas centenas de códigos convencionais encerrados naquelas páginas. O advogado procura uma mansão que corresponda às exigências de um nobiliárquico cliente *sui generis* vindo do estrangeiro¹³⁶; o excêntrico senhor que oferece vinho, mas nunca o bebe,¹³⁷ que se senta ao piano a tocar “o mais triste prelúdio de Chopin”¹³⁸; o enigmático camareiro que lembra

134 Flaubert, “Rêve d’enfer – Conte fantastique” [1837], cap. II (Flaubert 2001:213).

135 *Ibid.*, pp. 214–215.

136 Como faz o advogado Jonathan Harker para seu cliente Dracula (Stoker 2001).

137 Cf. *Chambers’ Repository* 1854; Stoker 2001 etc.

138 Possível alusão ao conto “The true story of a vampire”? “One night I had gone downstairs to fetch something which I had left in the drawing room. As I was going up again I passed Vardalek’s room. He was playing on a piano, which had been specially put there for him, one of Chopin’s nocturnes, very beautifully [...]” (Stenbock 2013:320–321).

uma escultura de Cellini¹³⁹; a noite tempestuosa em que “os sonhos e a vida se mesclam sem fronteiras”¹⁴⁰; a mansão que não possui nenhum espelho¹⁴¹; a freira que engole por descuido um demônio¹⁴²; os “olhos sem olhos” de Vlad: velho que rejuvenesce da noite pro dia.

Ao lê-la dessa maneira, a narrativa pode se tornar um jogo de esconde-esconde, em que um *score* mais alto seria alcançado pelo exegeta capaz de apontar com segurança o maior número de remissões. Contudo, dizíamos, esse é apenas um primeiro nível de leitura.

Noutro registro, questionamos esse próprio recurso do autor às convenções; se ele não abriga outro aspecto importante da narrativa.

Percebe-se então a novela “Vlad” como uma espécie de *trompe-l’œil* pós-moderno. Pela saturação dos elementos estereotipificados, o autor favorece uma leitura canalizada da narrativa; a tal ponto que acreditamos, desde as páginas iniciais, adivinhar o que há de se passar: que Asunción, a esposa do narrador, será enganada e vampirizada por Vlad, junto com sua filha Magdalena. Esse é precisamente um engano de leitura visado pelo autor, o seu consciente *trompe-l’œil*: por detrás do clichê esconde-se um outro argumento e uma outra temática da novela, a da relação amorosa unilateralmente frustrada por um cotidiano convencional (e convencionado no mínimos detalhes, como nos expõe pacientemente o narrador).¹⁴³

Contudo, Asunción (e junto sua filha Magda), não será enganada e abusada pelo vampiro, como se intuiria de toda a expectativa armada aos olhos do leitor – mas escolhe ela mesma aquele destino:

Cuando mi mujer apareció, vestida de negro, con la melena suelta y la mirada inmóvil, sentí simpatía y antipatía, atracción y repulsión, una inmensa ternura y un miedo igualmente grande. [...]

¿Era este el sacrificio? ¿A esto llegaba el amor materno? ¿Debía admirar a la madre porque admitía esta inmolación?

139 Assim como a estátua de mármore do conto de Sacher-Masoch, “Die Todten sind unersättlich”: “Outros contam que uma dama da família Tartakowski, conhecida por sua beleza e por seu vício, se deixou retratar por um escultor italiano, nomeadamente com um figurino que não sai de moda e que já era usado por Eva no Paraíso, antes da queda, é claro. Isso teria acontecido nos tempos de Benvenuto Cellini, e a bela dama seria a *starosta* Marina Tartakowska” (Sacher-Masoch 1877a:210).

140 Cf. Gautier 1982; Raupach 1823.

141 Stoker 2001.

142 Cf. Gregório o Grande, *Diálogos*, livro I.

143 Similarmente, a menina Chepina, sobre a qual o narrador em primeira pessoa insiste diversas vezes, vai-se desenhando aos olhos do leitor como uma potencial vítima auxiliar. No entanto, ela só é envolvida indiretamente nas tramóias do vampiro, como um álibi falso para mascarar o paradeiro da filha do narrador.

– No es un sacrificio – dijo como si leyera mi pensamiento –. Estoy aquí por Magda. Pero también estoy aquí por mi gusto. Quiero que lo sepas. [...]

– Él me ofreció el pacto en nombre de Vladimiro – continuó Asunción sin prestarme atención –. La vida eterna para mi hija. Zurinaga sabía mi terror. Él se lo dijo a Vladimiro.

– A cambio de tu sexo para Vlad – interrumpí.

Por la primera vez, ella esbozó una sonrisa. La saliva le escurría hacia el mentón.

– No, aunque no existiera la niña, yo estaría aquí por mi gusto...

– Asunción – dije angustiado –. Mi adorada Asunción, mi mujer, mi amor...

– Tu adorado, aburrido amor – dijo con diamantes negros en la mirada –. Tu esposa prisionera del tedio cotidiano [...] Tu amor repetitivo me cansa, me aburre tu felicidad, llevo años incubando mi receptividad hacia Vladimiro, sin saberlo [...] No deseo tu normalidad [...] Sí, quiero a un hombre me haga daño. Y tú eres demasiado bueno.

Hizo una pausa atroz.

– Tu fidelidad es una plaga.¹⁴⁴

A mulher e a filha nos são apresentadas como destinadas a um vindouro desespero; ao final da novela, vê-se que tudo isto era um jogo com as expectativas do leitor, em grande parte preconcebidas pela temática literária. Fuentes, de resto, relegou na narrativa alguns vestígios daquela imagem (o *trompe l'œil*) como possível chave de leitura.¹⁴⁵

•

Gostaria de explicitar ainda um último aspecto, a meu ver importantíssimo, implicado em minha esquematização. Mais relevante do que esse e aquele motivo em particular (os dentes pronunciados, digamos), importa é a *estrutura tópica da narrativa*; o permanente recurso a elementos que se concatenam e se justificam mutuamente no interior de uma peça ficcional. Posso descrevê-lo melhor mediante o seguinte exemplo.

No romance de folhetim *La ville vampire*, de Paul Féval, o vampirismo está constantemente associado à cor verde (a mesma que emanam os olhos de *monsieur Götz*).¹⁴⁶

144 Fuentes 2004:264.

145 “Pasé de la sala al comedor que daba sobre la barranca. Las ventanas, también aquí, habían sido tapiadas. Pero en su lugar, un largo paisaje pintado – lo que se llama en decoración un engaño visual, un *trompe l'œil* – se extendía de pared a pared. Un castillo antiguo se levantaba a la mitad del panorama desolado, escenas de bosques secos y tierras yermas sobrevoladas por aves de presa y recorridas por lobos. Y en un balcón del castillo, diminutas, una mujer y una niña se mostraban asustadas, implorantes” (Fuentes 2004: 222) | “A veces una sola palabra, una sola, nos da una clave, nos devuelve la razón, nos move a actuar” (*ibid.*, p. 239).

146 O brilho esverdeado da lua; a aranha que ataca e suga as vítimas; o tom da iluminação de um sinistro espetáculo em Londres; os olhos do cirurgião mandado vir de Rotterdam, os do hospedeiro holandês e de seu cão; a vítima que, após o ataque, passa a “enxergar verde” etc.

Podemos tirar proveito do fato de que tal associação cromática não seja tradicional¹⁴⁷: isto revela que a estrutura tópica funciona *mesmo sem o comparecimento literal* dos elementos que mais direta ou comumente a veiculam. O tom verde, assim como a aranha, é utilizado como uma convenção particular, interna ao romance; mas em verdade o que é particular é apenas o signo da convenção, não a maneira de empregá-la. Esta se encontra afinal devidamente coordenada com tantos dos demais lugares comuns da narrativa vampiresca. Uma “novidade” dessa não marginaliza a narrativa em face de um núcleo estereotípico do vampiro; que em parte coincide, no caso de Féval, com a linguagem estereotipificante do folhetim.

La ville vampire lança mão de centenas de instâncias convencionais da narrativa vampiresca, mas também se particulariza em relação a ela, dada a maneira singular com que muitas vezes se apropria desses motivos.¹⁴⁸ As seqüências de peripécias dependem tanto do modelo do folhetim como do da narrativa vampiresca. Na obra, a tópica do vampiro é permeada de um viés humorístico,¹⁴⁹ a tal ponto que isso termina por distanciá-la do modelo de uma “narrativa vampiresca ideal”. Por outro lado, vale lembrar que o emprego de motivos vampirescos para efeito humorístico e irônico atravessa, seguramente desde as décadas iniciais do séc. XIX, uma parte nada desprezível da temática.

Em resumo, ao confrontarmos obras individuais ao delineamento de convenções vampirescas acima esboçado, é preciso usá-lo com discrição, sem ultrapassar-lhes os reconhecidos limites.

147 Há pelo menos uma notória excessão, bastante posterior ao romance de Féval: a versão estadunidense da peça *Dracula* (1927). O produtor Horace B. Liveright insistia que o vampiro fosse caracterizado com maquiagem verde; exigência cumprida pelo ator Bela Lugosi, mas que esbarrou em escrúpulos e quase ocasionou uma medida disciplinar quando Raymond Huntley, o ator que interpretava o Conde em Londres, foi aos Estados Unidos para integrar uma segunda trupe americana. Recusando-se a envergar tal tez reptílica – “*I thought it was just bloody nonsense*”, viria a dizer em entrevista –, quis recuperar a face pálida original, mas teve de ceder à autoridade do produtor (Skal 2004:129, 132; ver também nota marginal à sua edição das peças, in Deane & Balderston 1993:90). O foco de luz sobre a personagem também é verde nas cenas em que manifesta suas intenções diabólicas (Deane & Balderston 1993:100; 126).

148 Por exemplo: a ligação entre vampiro e sua vítima não é apenas a da submissão desta ao primeiro, ou de uma mesma natureza adquirida após o ataque. A vítima assume o aspecto daquele, torna-se um *duplo* que o vampiro pode absorver e soltar de seu corpo, à sua discrição.

149 “– *C’est vrai qu’ils préfèrent les jeunes personnes de moins de vingt ans ; mais voici les propres paroles de M. Goëtzi ; il a dit : « Miss Anna Ward, à la rigueur, doit être encore potable. »*” (Féval 1875:220).

Parte III
Liames remotos?

Cap. 5

Limites de uma aproximação folclórica

“E assim aponta o coro para uma lei secreta” [Goethe, *As metamorfoses das plantas*, verso 6 – *Chor*: grupo, coesão, acordo], gostaríamos de dizer à coletânea de fatos frazeriana. Essa lei, essa idéia, posso pois representá-la por meio de uma hipótese evolutiva ou também, analogamente ao esquema de uma planta, pelo esquema de uma cerimônia religiosa, ainda que também mediante o agrupamento por si só do material factual, em uma representação “compreensiva” [ou “conspícua” ou “sinóptica”: *übersichtliches Darstellung*].

O conceito de uma representação compreensiva é para nós de uma relevância fundamental. Ele designa a nossa forma de representação, a maneira como enxergamos as coisas. (Uma espécie de “visão de mundo” [*Weltanschauung*], sendo esta aparentemente típica do nosso tempo. Spengler.)

Esta representação compreensiva interliga o entendimento que consiste justo em “enxergar as conexões”. Daí a importância de encontrar *elos* [*Zwischengliedern*].

Nesse caso, porém, um elo hipotético não deve fazer nada além de direcionar a atenção para a similitude das *coisas de fato*, para a sua conexão. Como se, para ilustrar uma relação interna do círculo para com a elipse, se levasse uma elipse aos poucos até um círculo; *mas não para sustentar que uma determinada elipse tivesse se originado de fato, historicamente, de um círculo* (hipótese evolutiva), ao contrário, só para aguçar nosso olhar para uma conexão formal.

Mas, mesmo na hipótese evolutiva, não consigo enxergar nada além de uma roupagem de uma conexão formal.

Wittgenstein, “Observações sobre o *Ramo de ouro* de Frazer”

(Wittgenstein 1993:132)

Plano do capítulo 5

O vampiro na extrapolação de contextos : perguntas de base p. 147 – “... ou *Vukodlak*, como eles dizem” p. 149 – “A fantasia serve-se de toda sorte de prontas semelhanças” p. 155 – Vampiros em etnografia p. 169 – Via analítica (considerar motivos em contextos muito mais amplos) p. 173 – Folclore e ideologia p. 176

Como vimos na parte introdutória desta dissertação, o vampiro foi extrapolado de seus contextos de origem para significar toda uma classe de fenômenos. Aí se insinua um pressuposto de universalidade, formulado às vezes explicitamente, outras nem tanto, num número expressivo de estudos, como nos de Montague Summers (1880-1948):

A Assíria conheceu o vampiro muito tempo atrás, e ele vagou pelas florestas primevas do México antes que Cortés chegasse. Ele é igualmente temido pelos chineses, pelos indianos; ao passo que a história árabe repetidamente nos conta de *ghouls* que assombram sepulcros de maus presságios e ermas encruzilhadas para atacar e devorar o infeliz viajante. A tradição é encontrada no mundo todo e de indatável antiguidade. Viajantes e escritores vários, por muitos países, ocuparam-se desses problemas obscuros e estupefacientes por vezes de passagem, com menor freqüência com erudição e sensibilidade [*scholarship and perception*] [...]”¹

Seria de esperar que uma conceituação niveladora dessa sorte não fosse abonada por estudos mais recentes. Em diversos casos, de fato não o é. No entanto, especificamente quanto à articulação entre criação literária e um hipotético imaginário ancestral, a pesquisa contemporânea nem sempre apresenta ganhos significativos ou, no mínimo, não é incomum que assuma tacitamente uma correlação entre eles, sem que esta seja submetida a exame. Mais grave, contudo, é a tendência, ainda hoje relativamente difusa em estudos sobre o vampiro, a confundir e homogeneizar contextos culturais muito diferentes entre si.

Não há dúvida de que os últimos trinta ou quarenta anos foram marcados por notáveis contribuições nesse campo e que minha generalização acima desmerece as qualidades e os matizes particulares de uma série de estudos. Para mencionar um, Perkowski (2006), por exemplo, não se cansa de separar os domínios do “vampiro folclórico” e do “vampiro literário”. Em que pese a ressalva, ainda assim ele apresenta tais domínios como estágios de um processo, como se obedecessem a uma ordem teleológica ou causal.

1 Summers 1929:v.

Os materiais relacionados à fada Melusina foram objeto de interpretação semelhante. Nas palavras de um especialista:

“A narrativa ‘melusiniana’ não pode ser confinada dentro de nenhum limite cultural, temporal ou geográfico. As criaturas que vêm do outro mundo e seduzem os representantes da humanidade sob determinadas condições ignoram as divisões continentais”.²

Ora, a definição esboçada (“criaturas que vêm do outro mundo e seduzem os representantes da humanidade sob determinadas condições”) não valeria também para tantas narrativas do vampiro? Com efeito, no léxico de motivos literários de Elisabeth Frenzel, a entrada „Die dämonische Verführung“ (“A perseguidora demoníaca”) relaciona materiais atribuíveis a ambas temáticas, a melusiniana e a vampíresca.³ Como, então, decidir a prevalência, para determinado texto, de uma sobre a outra? Ou os dois tipos seriam, em última análise, um só e o mesmo? Por aí vê-se como a premissa de pertença ancestral e mundialmente disseminada pode facilmente levar a uma redução ao absurdo.

Em que termos cultura popular e folclore costumam ser postulados em relação ao vampiro? Quais as premissas aí envolvidas? A tentativa de compreendê-lo levará a problematizar quatro aspectos: 1. qualidade do material: em que medida o discurso coletado deixa ver uma manifestação “ingênua” ou primária; como nesse mesmo discurso está posto o intermediador, o redator. 2. temporalidade e juízo histórico: quando e em que condições o material foi obtido e acrescido à discussão; ele autoriza uma projeção diacrônica, a validade retroativa de um testemunho? É por estenderem-se no tempo as concepções simbólicas e culturais de uma sociedade ou comunidade que é postulada a sua permanência, vide a construção de uma origem. 3. Essa construção está associada a outra, a questão da identidade nacional, lingüístico-cultural, “racial” (ou étnica, como mais recentemente passou-se a dizer). A maior parte do material “popular” comumente relacionado à temática do vampiro data de um período crucial para o desenvolvimento do que se entende por “nação”, assim também para suas inflexões ideológicas, especialmente o séc. XIX (um aspecto adicional

2 Vincensini 1996:84. O pesquisador cita T. P. Cross, Pierre Gallais (que reconhece ocorrências similares na África, no Extremo Oriente, no Havaí etc.) e Georges Dumézil. Este último anota: “*sir J. G. Frazer a proposé l’hypothèse que ces contes sont des restes de mythologie totémique*” (*Le problème des Centaures*. Paris: Geuthner, 1929, p. 143 *apud loc. cit.*). Ao recensear essa bibliografia, Vincensini procura se afastar de tal postura, que no seu dizer “incomoda pela utopia positivista que a funda” (1996:85-86) – nem por isso deixa de incluir em seu *corpus* narrativas indianas, greco-romanas, europeias (sobretudo medievais), uma celta, uma africana, uma chinesa, uma ameríndia (*ibid.*, pp. 88-90).

3 Frenzel 2008:760-774.

da problematização temporal). 4. Particularidades e relevância de deslocamentos semânticos na percepção do objeto (de diversas figuras faz-se “o vampiro”: as conseqüências desse “nominalismo”, por assim dizer, culturalmente carregado e polarizado).

Tais aspectos são o horizonte da discussão a seguir, cuja exposição, no entanto, não segue essa ordem.

•

Em que termos pode-se dizer que o vampiro literário segue-se ao folclore ou a crenças populares? Se não daí, de onde ele se origina, e como? Metadiscursivamente, quer dizer, nos estudos sobre vampiros, esta correlação é ela mesma um *tópos*.⁴

Em síntese, o argumento genealógico proposto por uma série de estudos sobre o vampiro poderia ser subsumido na forma de um quadro geral que coliga:

“crença popular” depois “desenvolvimento artístico”

“ancestral”, mas “mutável”

“abrangente”

...

A partir desse quadro, nem sempre é possível explicar o papel e o modo de interação das diferentes tradições, orais e letradas, que concorrem para a conformação do tipo do vampiro. Isolemos cada atributo para compreendê-lo melhor. Vou me deter primeiro sobre certo aspecto “popular”.

“... ou *Vukodlak*, como eles dizem.”

Os mais antigos testemunhos que conhecemos de representações reunidas sob o tipo do vampiro são praticamente unânimes nisto: descrevem-nas como integrantes de um imaginário coletivo, popular. Antes de investigar o objeto desse imaginário (os “vampiros

4 Solovieva-Horville (2011:10): “*En effet, avant d’analyser le personnage littéraire du vampire, nous devons comprendre comment cette vision du mort se nourrissant de sang humain arriva sur la scène occidentale, quelles furent ses origines, et comment elle en vint à revêtir de nouvelles formes. Force est de constater que les croyances slaves aux vampires restent méconnues et que leur réception en Occident n’a pas vraiment intrigué les chercheurs. Les ouvrages généraux où il est question de vampirisme consacrent très peu de place à l’étude du vampire du folklore slave*”.

Montague Summers (1928:273): “to regard such traditions merely as literature would be not only to look at them from a wrong perspective but to misrepresent their quality and essentially to pervert their purpose”; (*ibid.*, p. 299): “It will be remarked that in his treatment of the vampire tradition Dumas [...] the dramatist and the writer of romances is actually inexact and but rarely to be met with, and only then in folk-lore not of the first value”.

Stefan Hock (1900:vii): “Tratou-se, ademais, de apurar a postura científica da *Aufklärung* no séc. XVIII, que reprovava a crença popular, de outro lado a afável assimilação do material [*Stoff*] pelo Romantismo no séc. XIX”.

folclóricos” e seus assemelhados), comecemos por indagar quem seria o seu *sujeito*, isto é, em que medida nos são dadas a conhecer as pessoas e as comunidades invocadas para se descrever uma “crença”.

Para colocar os termos da questão, lanço mão de uma ocorrência relativamente tardia, no que tange à difusão da temática vampiresca.

O mais audaz Haiduque fugiria à toda, frente à aparição de algum espectro, fantasma ou outra diaba quetal, aos quais nunca deixam de ver as escaldadas fantasias dos homens crédulos e predispostos. Eles não se envergonham desse terror; e replicam mais ou menos com o dito de Píndaro: “o medo que provém dos espíritos afungenta até os filhos dos Deuses”. As Mulheres Morlacas são, como é bem natural, cem vezes mais temerosas e visionárias do que os homens, e algumas delas, à força de ouvirem assim ser-lhes dito, crêem verdadeiramente serem bruxas.⁵

Da notável obra do abade Fortis (1741-1803), escolhi esse parágrafo⁶ por ele explicitar o ponto de vista do observador, que não se pretende neutro, mas vê e julga de acordo com seus elevados padrões de instrução, moral e reta fé. Esse juízo é exposto, dentre outros aspectos, numa retórica da contraposição: coragem/terror, virtude/vergonha, realidade/fantasia, humano/daimônico, masculino/feminino. Mas a contraposição fundadora desse discurso é anterior, é a que existe entre o homem “culto” e o “simples”. Quem, na justificativa do temor sobrenatural, reconhece o dito de Píndaro não é o sujeito da concepção (aqui: da credence), mas o abade vêneto. Fortis não simplesmente condena esse povo, tampouco apenas compadece-se dele. Ao se interessar por sua cultura material e simbólica, sua vida e costumes, língua, geografia e história, converte-os num *objeto* digno de atenção.⁷ Na passagem acima, o que define “os morlacos” é credulidade, predisposição, sugestão.

5 Alberto Fortis, *Viagem à Dalmácia*, Dos costumes dos Morlacos, § 8: Superstições (Fortis 1774:64).

6 E não o imediatamente anterior a ele, centrado na crença em seres vampirescos... Encontram-se ambos transcritos e traduzidos em apêndice (ver seção V. c).

7 Dos costumes do Morlacos: “Voi avrete più volte, nel tempo del soggiorno vostro fra noi, udito parlare de’ Morlacchi come d’una razza d’uomini feroce, irragionevole, priva d’umanità, capace d’ogni misfatto; e forse v’avrà sembrato, ch’io sia stato assai più temerario di quello si deggia permettere ad un Naturalista, scegliendo il paese da essi abitato per oggetto delle mie peregrinazioni. Gli abitanti delle Città litorali della Dalmazia raccontano un gran numero de’ fatti crudeli di questi Popoli, che dall’avidità del rubare condotti si portarono sovente agli eccessi più atroci d’uccisioni, d’incendj, di violenze: ma que’ fatti [...] o sono d’antica data, o [...] i caratteri, che portano, deggiono piuttosto fargli ascrivere alla corruzione di pochi individui, che all’universale cattiva indole della Nazione. [...] Io mi credo di dovere alla Nazione, da cui sono stato così ben accolto, e umanamente trattato, un’amplissima Apologia, scrivendo ciò, che personalmente delle sue inclinazioni, e costumi ò [sic: ho] veduto [...]” (Fortis 1774:43-44).

Entre “naturalista” (como se define o próprio Fortis, na abertura ao livro) e povo retratado, arma-se um jogo de concepções divergentes. No entanto, a despeito da mediação do redator, o texto ainda assim consegue nos comunicar um *frame of mind* particular, o das mulheres cuja fantasia as levou além da credence em aparições, a ponto de acreditarem serem bruxas elas mesmas.⁸

Voltando para o plano geral, os dados de que dispomos acerca do vampiro e seus congêneres – textos, na maioria dos casos – quase sempre trazem a marca de um observador externo. Mais do que isso, em muitos casos essa voz é tudo o que resta, como o atestam os tantos arrolamentos e sumários de práticas e crenças folclóricas do séc. XIX ou do início do seguinte.

Até hoje, é quase generalizada a crença em *Blutsauger* [“sugador de sangue”] em meio ao povo camponês da Prússia. Trata-se de pessoas que, após terem sido enterradas, ressurgem de noite e sugam o sangue de seus entes sobrestantes, de modo que venham a segui-los na morte.⁹

Apesar de os compendiadores anotarem, quanto a essa informação: “transmitido oralmente” [*nach mündlicher Ueberlieferung*], da oralidade ela mesma resta apenas um conteúdo sintetizado. Para além da sumária terminologia [*Blutsauger*], não há qualquer registro de suas particularidades expressivas (p. ex. estilísticas, narrativas, dialetais).

Como comparar literatura e folclore? Trata-se, sem sombra de dúvida, de materiais de natureza e expressão diferentes, mesmo se com seus pontos de contato.¹⁰ (Encaminhamento que tende a responder de uma determinada maneira à pergunta que formulamos inicialmente neste estudo: O vampiro, enquanto objeto de uma temática, inclui algo que está fora da literatura?) Numa aproximação possível, diríamos: comparemos, num e noutro domínio, as *narrativas* e *imagens poéticas* enquanto tais. Isso seria o desejável. Infelizmente, malgrado a relativa abundância de comentários folclóricos, dispomos de um número bastante limitado de narrativas orais diretas – se não apenas levantadas, decerto pouco

⁸ Um ponto que interessa a Carlo Ginzburg, autor de mais de um livro sobre o assunto.

⁹ “Fast ganz allgemein ist noch bis auf den heutigen Tag unter dem Landvolke Preußens der Glaube an Blutsauger. Es sind dies Leute, die, nachdem sie begraben worden, nächtlich wieder auferstehn und ihren zurückgebliebenen Angehörigen das Blut aussaugen, so daß diese hinsterben müssen.” Tettau & Temme 1837:275.

¹⁰ Cf. Jakobson & Bogatyrev, “Die Folklore als eine besondere Form des Schaffens”, de 1929 (in Bogatyrev 2011:89-99 | trad. francesa in Jakobson 1973:59-72).

divulgadas ou nunca traduzidas –, de testemunhos de primeira mão acerca de vampiros enquanto integrantes de uma simbologia popular: discursos, digamos, mais independentes dos mecanismos de composição letrados. Se a comparação de uma narrativa oral para com um texto já compreende um hiato de registros, é preciso admitir que esta seria uma situação ideal. No mais das vezes, temos de lidar com saltos ainda mais largos.

Temos de nos haver com informações indiretas e interessadas (o texto de um redator que comenta as práticas e resume o discurso de um Outro). O que, em termos práticos, resulta numa radical restrição qualitativa dos materiais disponíveis. Recorro a uma observação muito razoável de Carlo Ginzburg quanto às implicações do tipo de material que se tem sob exame: “A propósito da feitiçaria (trata-se de um dado óbvio, mas não é demais repeti-lo) dispomos apenas de testemunhos hostis, que provêm de demonólogos, inquisidores e juízes ou foram por eles filtrados”.¹¹ Se, de acordo, até então na historiografia do sabá das bruxas todo o esforço de pesquisa concentrava-se num lado da moeda, isto é, na história contada pelos inquisidores; para o vampiro, num quadro geral com louváveis exceções, por vezes parece que os lados (sabe lá quantos) ainda não foram suficientemente distinguidos e em seguida articulados. Nisto, quanto ao nosso objeto, o que põe em xeque a compreensão geral de uma simbólica não é apenas a prevalência de um prévio posicionamento no discurso (valendo-nos ainda do paralelo ginzburguiano: do inquisidor ao inquirido); é, mais ainda, a *confusão* entre esses e outros universos distintos (embora comunicantes em suas expressões), entre representações doutas ou detentoras do poder de um lado e míticas ou populares de outro.

Resta-nos então tentar reconhecer, em documentos legados por *litterati*, traços e substratos de um universo oral? De algumas décadas para cá, historiadores se debruçaram sobre esse tipo de problema e realizaram pesquisas metodologicamente bastante úteis nesse sentido. Para o período medieval e tardo-medieval, há alguns gêneros textuais privilegiados por uma vertente historiográfica da “cultura popular”: livros penitenciais, *exempla*, sermões, vidas de santos, catequismos e assim por diante. Uma boa exposição dos porquês destes gêneros dá-nos o historiador russo Aron Gurevich: Ainda que autores medievais pudessem ser vertidos em teologia e raciocínio abstrato (o que nem sempre é garantido), para tais autores, trata-se aqui antes de mais nada de comunicar-se num plano onde tudo tem de

¹¹ Ginzburg 1991:21; devo a esse livro a indicação do texto aqui epigrafiado de Wittgenstein, que me ajudou a formular um grupo de problemas.

ser exposto de maneira apreensível, mesmo concretamente, para destinatários incultos.¹² Os mais elevados seres espirituais são transformados em coisas materiais demonstráveis, são personificados e corporificados; um padre ou um monje educados podiam perceber personificações de pecados e virtudes como metáforas ou alegorias, mas sua audiência provavelmente acrescentava carne e osso à metáfora e acreditava em sua existência real.¹³

Uma leitura não de todo dissemelhante de textos medievais, porém buscando retratar como nos seja possível a religião germânica antiga, já fora desenvolvida por Wilhelm Boudriot (1964), que para tanto também reconhece a relevância, dentre uma documentação mais extensa, dos sermões de Cesário de Arles (bispo da “Gália romana”, 469–542), retomados entre outros por Martinho de Braga (†580); e a das diretrizes para erradicar práticas e crenças “pagãs”, mais tarde heréticas, tais como o *Canon episcopi* e suas repercussões (sécs. X–XI).

Outra afinidade é encontrada em trabalhos – embora não preocupados propriamente em formular uma “questão popular” – que se perguntavam pelas mentalidades envolvidas na perseguição a bruxas e hereges e que reuniram, na penúltima passagem de século, uma documentação inequívoca, como de Joseph Hansen, Ignaz von Döllinger, Hermann Schmitz (na interface entre demonologia, inquisição e manuais para confessores) e Jean Marx (processos de inquisição no Dauphiné).¹⁴

12 O livro de Gurevich, *Medieval popular culture*, é sobre diferentes formas de fazê-lo. No capítulo inicial, “Popular culture and medieval Latin literature”, esclarece em linhas gerais os modos dessa relação para com os gêneros da hagiografia: “The lives display an impressive array of variations on a single set of themes. They contain much of popular fantasy, with its familiar motifs and images” (1988:20) – dos penitenciais: “Although the penitentials were written by clergy, some even by eminent ecclesiastical authors well versed in abstract logical operations, their content and form connect them to popular consciousness” (28) – da legislação: “The nature of the penitentials invites comparison with the records of law in the early Middle Ages. Both the guides for confessors and barbarian law-codes contain lists of offences and indicate punishments for them” (27); etc. O argumento é o de que o *endereço* às camadas não instruídas da sociedade determinou o discurso, dotando-o de uma voz popular não encontrável nos grandes monumentos da média latinidade; donde pesquisá-lo. Sem dúvida, é algo dessa natureza que encontramos expresso no *incipit* do *Corretor et medicus* de Burcardo de Worms: “[...] et docet unumquemque sacerdotem, etiam, simplicem, quomodo unicuique succurrere valeat, ordinato vel sine ordine, pauperi, diviti, puero, juveni, seni, decrepito, sano, infirmo, in omni aetate et in utroque sexu” [... e ensina a todo e qualquer sacerdote, até ao simples, o modo de ser eficaz em socorrer a quem quer que seja, ao ordenado ou ao que não recebeu as ordens, ao pobre, ao rico, à criança, ao jovem, ao velho, ao decrepito, ao saudável, ao enfermo, em qualquer idade e de ambos os sexos] (in Schmitz II:407).

13 Gurevich 1988:11.

14 Que não se depreenda, do sumário delineamento bibliográfico acima, uma cronologia da pesquisa por “elementos populares” na historiografia medieval. Alexander Kaufmann publicara já em 1850 uma monografia que se perguntava pela “história cultural” [*Kulturgeschichte*] legada pela obra de Cesário de Heisterbach; livro, por sinal, indicado por Gurevich.

Por outro lado, ninguém dirá que as descrições das condenáveis práticas referidas naqueles textos sejam rendições neutras da realidade circunstante. Bem a propósito, já se destacou a tendência político-ideológica dos capitulários carolíngios em geral (~final séc. VIII para IX), em particular do primeiro *Capitulatio* para a Saxônia (do qual dois ou mais decretos são há tempos relidos sob luz vampirológica, como veremos no capítulo 6). Era do interesse do poder franco central reforçar os traços pagãos ao retratar o povo saxão – raça e terra recém-conquistadas para o império e convertidas para o cristianismo –, vale dizer pintá-lo bárbaro e cruento.¹⁵ O fato de lá encontrarmos um decreto que preveja que “aquele que sacrificar ao diabo e ao modo dos pagãos consagrar a hóstia aos demônios”... não deve nos levar a reconhecer que tais práticas ocorressem deveras.¹⁶ Em resumo: é preciso reter o bom senso de não ler como plana etnografia o texto no qual, antes de mais nada, tem-se um instrumento de controle da sociedade.

Como se vê, a abrangência da questão termina por implicar conhecimentos e competências muito diversas; se ainda me lanço à tentativa de respondê-la (ou no mínimo qualificá-la), preciso apoiar-me no trabalho de muitos pesquisadores – da literatura, da história, da oralidade – que se acumulam numa bibliografia bastante extensa e diversificada. Esse trânsito comporta, reconheço, uma série de riscos, aos quais não renuncio de saída.

Passemos agora ao exame de alguns estudos que concernem diretamente a vampiros folclóricos. A maior parte deles segue um mesmo desenho expositivo: as populações a quem a “crença” está associada, as denominações, os hábitos relacionados ao vampirismo, suas causas, as medidas apotropaicas e de aniquilamento. Não pretendo repassar

15 “*Emphasizing or even exaggerating the paganism of the Saxons possibly reflects an underlying Frankish strategy of defining Saxons as pagan enemies in order to justify the Franks’ treatment of them*” (McKitterick 2008:253–254). Devem permanecer no horizonte de nosso interesse outros aspectos dos capitulários carolíngios, brilhantemente problematizados por François Louis Ganshof (1958), tais como as interações entre interesses laicos e eclesiásticos, entre oralidade e registro escrito, entre língua latina e dialetos vulgares.

16 *Capitulatio de partibus saxoniae*, § 9 MGH Capit. 1 4C 155(1) (Boretius 1883:69). Até podemos admitir que cultos ou vaticínios pagãos – envolvendo p. ex. árvores ou pedras – fossem entendidos sob a perspectiva de “sacrifícios ao diabo”; mas que camadas da população saxã de fato consagrassem a hóstia cristã a outras entidades parece menos provável. Para breves exposições da antiga religião germânica e suas interações com o cristianismo quando de sua expansão no centro e norte europeus, vejam-se p. ex. os artigos de Hans Kuhn, como “Die Religion der nordischen Völker” e “Fortleben des germanischen Heidentums nach der Christianisierung”.

ponto a ponto esses estudos¹⁷; isolo umas poucas instâncias que me parecem exemplares, seja pela sua contribuição material, seja por questões problemáticas implicadas nos seus procedimentos.

“A fantasia serve-se de toda sorte de prontas semelhanças”

Aleksandr N. Afanássiev (1826-1871) notabilizou-se pelo interesse em pesquisar e divulgar a herança oral da Rússia do séc. XIX.¹⁸ Por essa razão, costuma ser comparado com personagens que marcaram a trajetória cultural de uma nação, como os irmãos Grimm para a Alemanha e Vuk S. Karadžić para a Sérvia. Sem dúvida, seu trabalho mais conhecido – no Ocidente, especialmente a partir dos estudos de Vladímir Propp, largamente nele baseados – é a coletânea de *Contos populares russos* (*Naródnje rússkie skázki*). Publicada em oito volumes entre 1855 e 1863, Afanássiev coligiu os contos que a integram a partir de acervos pré-existentes, a que acrescentou registros coletados por amigos e alguns poucos por ele mesmo.¹⁹

A pertinência desta coletânea para com a nossa temática é questionável. Ela não traz narrativas de mortos hematófagos, nem qualquer dos étimos tradicionalmente

17 O material contemplado inclui algumas dezenas de estudos, tantas e tantas vezes retomados nas interpretações contemporâneas do vampiro. Mais eficaz do que listá-los aqui é remeter diretamente às seções III. e IV. de minha bibliografia.

18 É um bocado idiossincrático começar uma apreciação do folclore sobre vampiros com a Rússia: onde sua pertinência e antiguidade são objeto de debate (cf. Zelenin, Oinas, Burkhardt. Tal debate será brevemente comentado no capítulo 6, item “‘Lobisomem’, *upir* e *vukódlak*: ligar o nome à coisa?”). Seja como for, está claro que os vampiros estão mais em seu habitat em outras regiões eslavas, notadamente nos Bálcãs. A opção de iniciar a exposição por um pesquisador russo deve-se a outras razões, que espero deixar compreensíveis no decorrer da mesma.

19 Afanássiev valeu-se em grande medida do acervo da Sociedade Russa de Geografia, além de contar com a oferta de Vladímir Dal, que lhe franqueou sua própria coleção; ainda outros amigos que coletavam contos orais enviaram-lhe o seu material (Cf. Moino Carolinski 2008).

relacionados ao vampiro.²⁰

Da imensa coleção de Afanássiev, ao nosso assunto interessa centralmente um grupo não muito extenso de contos. Encontramos, de fato, algumas narrativas em que comparecem mortos não só ativos como nocivos, classificadas pelo organizador como “estórias de mortos”.²¹

Alguns anos após a publicação original, William Ralston Shedden-Ralston (1828-1889), do Museu Britânico e membro correspondente da Sociedade Geográfica Imperial Russa, pesquisou e selecionou uma série de contos populares russos, valendo-se principalmente da coletânea de Afanássiev,²² para serem traduzidos e publicados na Inglaterra. Ordenou-os segundo eixos temáticos. No capítulo dedicado às “Ghost stories”, Ralston insere uma espécie de subseção sobre vampiros na narrativa oral, que consiste de traduções e algumas páginas de comentários de próprio punho.²³ Na prática, o inglês equipara “vampiro” a morto-vivo nocivo. Vamos considerar algumas dessas narrativas no seguinte quadro:

20 O único caso, o título dado ao conto nº 363, “Upir”, seria de autoria do próprio Afanássiev e foi acrescido na edição póstuma de 1873 (por ele preparada) de *Naródnje rússkie skázki* (cf. Afanássiev 1986:828-833). No corpo mesmo dessa narrativa, a personagem – a qual, de vagamente assimilável ao vampiro, possui necrofagia, poder de sedução, sabe matar à distância e, pode-se argüir, nada mais – é chamado de “belo tipo” [молодец], de “imundo” [нечистый] e “maldito” [проклятый], jamais de *upir*. Dele, além disso, não se diz ser um morto.

O título “Upir”, apostado ao conto num segundo momento, marcou a trajetória de sua recepção no Ocidente. A seleção traduzida para o inglês de Norbert Guterman (de 1945) inclui o conto “The vampire” (Afanássiev 2006:593-598). Depois, foi estreita e duradouramente ligado à historiografia da temática pela influente antologia *I vampiri tra noi*, em que recebeu o galante título “Il vampiro ballerino” (Volta & Riva 1960:604-608). A partir daí, a narrativa foi repetidas vezes retomada no contexto de antologias vampírescas; de modo geral, sem que se questionasse essa pertinência.

A despeito disso, note-se que existem contos orais rumenos que guardam uma série de elementos em comum com o editado por Afanássiev (festa com chegada de um convidado elegante e desconhecido; moça percebe que ele tem um rabo; cabeças cortadas; moça morre e se transforma numa flor extraordinária etc.). Três deles trazem, cada um, grupos dos mesmos motivos encontrados em “Upir”. Neles, diferentemente do conto russo, o antagonista é designado expressamente com uma denominação vampíresca. Foram publicados em tradução inglesa por Agnes Murgoci (1926:337-339; 341-344).

21 Em sua primeira edição, foram publicados entre o 5º e o 6º volume (respectivamente de 1861 e 1862). A numeração dos contos nas primeiras edições não é inteiramente consistente (“Os contos eram publicados à medida que chegavam às mãos de Afanássiev e, por isso, não dispunham de uma classificação sistematizada”, Moino Carolinski 2008:13). Sendo assim, opto por adotar a nova numeração, utilizada a partir da quinta edição (1936-1940, aos cuidados de Azadovski, Andreev & Sokolov), tida por muitos, entre eles Roman Jakobson, como de referência. Esta ordena por números seqüenciais os contos e suas variantes (p. ex.: 205b→352; 205d→354).

22 Mas não exclusivamente: valeu-se ainda das coletâneas de I. A. Khudyakov, A. A. Erlevein e E. A. Chudinsky; e, marginalmente, das de P. Kulish e I. Rudchenko (Ralston 1873:vii, xi).

23 Ralston 1873:309-324.

	Aproximação:	Atividade do morto:	Cessão da atividade – Ao cantar dos galos...	Aniquilamento:	Denominação:	Elementos colaterais de caracterização:
The coffin-lid (352)	Mujique, sem conseguir dormir, deita-se sobre caixão que se abre sozinho	Vai até a aldeia; de volta, confrontado com o mujique que lhe subtraiu a tampa do caixão, confessa ter lá matado (sem especificar como) um par de jovens; explica como devolver à vida aqueles que matou (incensando-os com a fumaça de sua mortalha incinerada)	entra no caixão	Perfuração do coração por estaca de choupo	finado; cadáver [мертвец]	mortalha; tampa do caixão
The soldier and the vampire (354)	Soldado vai ao encontro do feiteiro morto, sobre quem seu amigo moleiro o havia advertido depois de beberem juntos	Convida soldado a acompanhá-lo até um casamento; extrai sangue dos noivos com uma sovela e o guarda em dois frascos, um em cada bolso; de volta ao cemitério, explica ao soldado como salvar aqueles que matou, e também o procedimento eficaz para aniquilar a si próprio; ameaça então destroçar o soldado, ambos se põem a lutar	cai sem vida [бездыханен]	Cremado numa pira de choupo; cada animal peçonhento ou de mau agouro que então sai de seu corpo deve ser capturado e morto (como explicado)	feiteiro [колдун]	sangue (extração com instrumento; armazenamento)
The dog and the corpse (357)	Mujique vê o cadáver, este o persegue	Ataca o mujique, mas é por sua vez atacado pelo cachorro deste	cai imóvel [недвижим]	[ausente]	finado; cadáver [мертвец]	mortalha; morto levita acima do chão
The two corpses (360)	Morto persegue o soldado	Procura comer o soldado, que se refugia numa capela, onde outro morto o persegue e também busca comê-lo; chegado o primeiro morto, ambos discutem	saem mortos [замертво] no chão	[ausente]	morto [упокойник]	dentes à mostra; disputa pela presa

Quanto aos contos assim agrupados por Ralston, limito-me a destacar, no quadro esquemático da página anterior, alguns pontos convergentes e divergentes. Os contos receberam, na tradução de Ralston, os seguintes títulos (entre parênteses, a numeração adotada para os *Contos populares russos*): “The coffin-lid” (352); “The two corpses” (360); “The dog and the corpse” (357); “The soldier and the vampire” (354).²⁴ Todos retratam aparições em corpo de mortos, que se comportam nocivamente frente aos vivos, seja ameaçando-os; provocando sua morte de maneira não especificada; buscando comê-los; extraindo o seu sangue para que morram (sem no entanto consumi-lo). Pelo menos duas situações são comuns aos quatro contos: i) o protagonista está passando à noite pelo cemitério quando percebe a aparição (mas variam as maneiras como esta se aproxima daquele que visa atacar); ii) o cantar dos galos sinaliza o término da atividade dos mortos.

Destaco, nos contos coligidos por Ralston, algumas caracterizações próprias da narrativa oral, russa em particular. O morto se revela de uma ingenuidade que termina por traí-lo – indagado, explica como devolver à vida aqueles que ele matou (n^{os} 352; 354); pormenoriza que como se deve fazer para aniquilar a si próprio (n^o 354). É um traço próximo das estórias do diabo simplório, que se deixa facilmente enredar, digamos, por um criado ou um camponês.²⁵ Outro aspecto interessante é a expectativa eventualmente criada por um ou mais motivos, à qual porém não se dá seqüência²⁶: apesar de os galos cantarem e de a tampa do caixão não cobri-lo perfeitamente ao nascer do sol, o corpo não sofre nenhuma consequência direta correspondente (n^o 352).

São visíveis alguns elementos também encontrados, como vimos anteriormente, numa assim por dizer narrativa vampiresca típica: meia-noite; ataque no sono; morte inexplicada; extração do sangue; cessão da atividade ao irromper do dia; cão ladrando à aparição (e aqui também atacando-a) etc.

24 Observe-se que Ralston não utilizou a 2ª edição, póstuma (1873), de *Naródnje rússkie skázki*, que após aos contos títulos dados por Afanássiev.

25 Para as profícuas versões russas, cf. Afanássiev, contos 150-153, entre outros. Também o volume *Russian literature and its demons* (Davidson 2000); para relações do diabo folclórico com tratamentos literários por escritores russos, veja-se nele o capítulo de Faith Wigzell, “The Russian folk devil and his literary reflections”, pp. 59-86. O tema, evidentemente, é muito mais amplo do que o ambiente cultural russo. Antti Aarne (1910) dedica ao “diabo tolo” um grupo à parte em seu índice tipológico de narrativas populares.

26 Cf. Lüthi 1982.

Não parece fora de propósito complementar esse grupo de narrativas com pelo menos mais uma: ainda menos adscrevível com rigor a vampiros, mas que, por outro lado, deixa ver como, na concepção do conto oral russo, as aparições de mortos, longe de seguirem um roteiro pré-estabelecido, prestam-se a ambigüidades, a diferentes motivações sobrepostas, talvez não resumíveis a simples “variações de um tema”. Trata-se do conto nº 361, pertencente, na coleção de Afanássiev, ao mesmo grupo dos contos acima, e que em tradução alemã recebeu o nome de “A mãe morta”. Um casal que se amava engravida, a mulher morre no parto. O bebê, que sobreviveu, chora incessantemente. O homem arranja uma velha para cuidar do filho, mas esta não consegue acalmá-lo: de dia, ele segue a chorar o tempo inteiro, mas de noite, estranhamente, sossega. A velha decide passar a noite acordada, para descobrir o que se passa. À meia-noite, ouve a porta se abrir e alguém entrar na casa; o bebê se acalma, como se mamasse no seio materno. Nas duas noites seguintes, o mesmo. A velha conta tudo ao camponês, que convoca um conselho de parentes. Montam uma vigília noturna para elucidarem o mistério, deixando um vaso com uma vela no chão. À meia-noite, a cena se repete: a porta se abre e o bebê se acalma. Um parente ergue do chão o vaso com a vela: eles vêem a mãe morta, com a mesma roupa com que fora enterada, embalando o filho no sono. Assim que o quarto é iluminado, ela se levanta, mira seu bebê com olhos tristes e sai da casa sem dizer palavra. Todos que a divisaram viram pedra; ao amanhecer, o bebê é encontrado morto no berço.²⁷

Em resumo: mesmo constatando elementos compartilhados com um vampiro “bem-acabado”, por exemplo como delineado na ficção européia, não se pode deixar de notar nos contos afanassievianos também distanciamentos, fluidez de contornos. A mãe morta só traz danos quando descoberta: antes disso, era ao contrário benéfica (nem se pode dizer que tenha sido de alguma forma mal intencionada). Enfim, nessas narrativas orais russas, o morto que ressurge nem sempre se deixa classificar inequivocamente face a tal ou qual tipificação – p. ex, o vampiro ou o bruxa.²⁸

27 Afanássiev 1986:827-828.

28 Em suas notas, Ralston faz menção a outros “contos vampirescos” publicados por Afanássiev na obra que examinaremos a seguir – não sabemos com que nível de interferência deste no texto, uma vez que se encontram incorporados à sua argumentação expositiva. São narrativas que ainda teremos oportunidade de comentar; uma delas foi traduzida pelo inglês num volume publicado anteriormente, *The songs of the Russian people* (Ralston 1872:411-412). Por sinal, não esqueçamos que a extensíssima coletânea de Afanássiev comporta outras narrativas, tanto ou quanto aproximáveis de nossa temática como as aqui comentadas.

Noutro livro, em que teoriza suas próprias considerações sobre a simbólica dos povos eslavos, Aleksandr N. Afanássiev observa que o vampiro sanguessuga não é encontrado generalizadamente na Grande Rússia, e sim conhecido em algumas províncias, mais ainda na Bielo-Rússia e na Ucrânia. Trata-se das *Concepções poéticas dos eslavos sobre a natureza* (1866-1869), obra que também se destaca em seu legado. No terceiro volume, há uma seção dedicada ao vampiro.²⁹

Afanássiev começa afirmando que tal figura é muito próxima de feiticeiros e bruxas (*vedum, ved'ma*), também de lobisomens (*orobaten*). Um dado que considero dentre os mais cruciais de toda a sua apreciação é referido logo no início, a seguinte menção, numa crônica monástica russa do séc. XV (dita “de Paisiy”, sendo atribuída ao monje Paisiy Yaroslavov): “ofereciam sacrifícios a *upiros* e *espíritos das águas*”.³⁰ Com efeito, anteriormente à Era Moderna, esta é uma das raras menções explícitas de seres míticos ou lendários cuja denominação é estreitamente ligada à nossa temática; ademais, ao contrário de outros testemunhos russos (séc. XI, sécs. XV-XVI), aqui o termo definitivamente não é um nome próprio.³¹ Esses upiros estão associados a espíritos das águas e são objeto de um culto ou um ritual. A breve menção não nos diz mais sobre qual seria a sua natureza; Afanássiev refere a ocorrência sem explorá-la ulteriormente. Lança-se então a uma apreciação panorâmica da crença em suas diversas facetas locais.

Resumo-a em seu desenho geral – isto é: os parágrafos a seguir não são uma apreciação dos dados folclóricos como se nos apresentam hoje, mas como dispostos na exposição de Afanássiev (com breves comentários meus entre parênteses). Interessa-me fazê-lo para explicitar um determinado procedimento de Afanássiev.

Na área do Império Russo, diz ele, crenças sobre vampiros andarilhos e malignos conservaram-se principalmente na Ucrânia e Bielo-Rússia: trata-se de cadáveres que em vida tinham sido feiticeiros, lobisomens e em geral excomungados pela igreja, como suicidas, ébrios, hereges, apóstatas e quem amaldiçoou os próprios pais.

29 *Poeticheskie vozzriénia slavián na priródu*. Moscou: 1869, vol. III, pp. 557-587. A seção foi traduzida para o inglês por Jan Perkowski e incluída em seu livro *Vampires of the Slavs* (Perkowski 2006:195-211), edição por mim consultada, na qual porém se optou por suprimir as notas do original.

30 *Miscelânea de Paisiy*, coletânea também conhecida como *Paisievskiy cronik* (cf. *Istoriya russkoy sherki*, vol. 3, p. 135; Afanássiev 1868:557; Afanássiev in Perkowski 2006:195). Soloviova-Horville (2011:17n) reporta, infelizmente sem mais esclarecimentos, que tal MS está publicado em: N. M. Gal'kovskij, *Bor'ba hristianstva s ostatkami jagičestva v drevnej Rusi*, vol. 2, Moscou: Indri, 1913, 1916, 2000, pp. 59-60. Uma ocorrência similar é reportada na cópia de Novgorod da homilia de Gregório, final do séc. XV (cf. McClelland 1999).

31 Ver cap. 7,1 da presente dissertação.

Entre os ucranianos, o vampiro é filho da cópula entre uma bruxa e um lobisomem ou um demônio (sexualidade tabu: mas com uma perspectiva cristã). Dos túmulos, onde jazem como mortos, saem à meia-noite e assumem diversas formas. Na província ucraniana de Kharkov, dizem que voam pelos ares, giram pelas redondezas montando cavalos, provocam algazarra e assustam os viajantes, ou entram nas casas dos camponeses e sugam o sangue dos dormentes, os quais sempre morrem em seguida (não se menciona, portanto, o contágio). Preferem sugar o sangue de bebês. Se seus braços ficam imobilizados por estarem cruzados, recorrem aos dentes, que são como presas de aço. Ataca primeiro o berço, depois os adultos. O canto dos galos ao alvorecer os detém: desaparecem ou desfalecem em meio ao sangue. Espalhando-se sal em volta da cama, podem-se ver seus passos no dia seguinte. Ao se abrir o seu esquife, o corpo exibe uma tez de frescor e sangue coagulado nos lábios.

Da Bulgária, Afanássiev reporta que espíritos maus penetrem cadáveres de vilões e em geral pessoas com inclinações depravadas, convertendo-os em vampiros. É certo que se tornarão vampiros aqueles mortos por sobre cujo corpo saltou um gato.³² Reporta-se um período determinado para que ocorra o fenômeno: 40 dias após a morte.³³ Então, um espírito entra no corpo, que passa a errar pelas casas e sugar pelas orelhas o sangue de crianças e adultos. Montam-se vigílias coletivas. Se alguém começa a roncar alto ou gemer como de asma, o vigilante acorda a todos, que então se põem a procurar o vampiro. O mau cadáver com frequência apresenta-se com aspecto de lobisomem [*varkolaka*], ataca mulheres e mantém relações sexuais com elas. Seus filhos não possuem cartilagem no nariz, característica distintiva do próprio *varkolaka*, e têm o poder de ver os espíritos. Para se defenderem do vampiro, é preciso conjurá-lo para dentro de um jarro, em seguida tampá-lo com uma rolha; e o levam para um lugar especial, onde será comburado em meio a uma pira de fogo.

A identificação entre vampiro e lobisomem também ocorre entre os sérvios. A descrição de Afanássiev, emprestada a Karadžić,³⁴ tem elementos comuns à reportada para a Bulgária: um espírito penetra um corpo morto há 40 dias, o qual é revivificado e se ergue, envolto em sua mortalha, para sugar sangue. Aqui, porém, segundo se reporta, quem é atacado não apenas morre como contrai o vampirismo. Qualquer morto pode virar vampiro se sobre o seu corpo insepulto passar um pássaro voando ou saltar um animal tal qual uma galinha, um gato ou um cachorro. Quando saciado de sangue humano, o *vukodlak* jaz

32 Cf. caracterização da “má morte” como definidora do vampirismo em Lecouteux 2003.

33 Ver, a respeito dessa numerologia com relação aos mortos, Wiegmann 1966.

34 Verbete *vukódlak* de seu *Dicionário trilingüe do idioma sérvio* (1818, cols. 88-89).

gordo, inchado e corado em sua cova. Às vezes, o *vukodlak* aparece à sua viúva, especialmente se jovem e bonita,³⁵ e dorme com ela. A criança que nasce dessa união é desprovida de ossos. Um *vampir* pode ingressar numa casa por qualquer fresta (por aí Afanássiev estabelece o paralelo entre vampiro e “seres élficos” como a *mara*) e é inútil tentar impedi-lo de entrar trancando a porta.

Entre eslovíncios e cachúbios, um *vieszcy* [~‘sapiente’, ‘previdente’, ‘adivinho’] é alguém que nasce provido de dentes ou envolto na membrana fetal. Quando morre, exhibe tez corada no rosto e mantém o olho esquerdo aberto. (A descrição de Afanássiev de tais “*vampiri* dos cachúbios”, observo, tem muitos pontos em comum com as de mortos mastigantes e *Nachzehrer* alemães³⁶: mortos que no túmulo consomem a mortalha ou as próprias carnes, levando a morte à comunidade, a começar pelos seus parentes e por aqueles com quem tivessem relações.) Depois de comer partes do próprio corpo, o *vampir* escala o campanário e soa o sino: quem o escutar, morrerá. O corpo de quem teve o sangue sugado será encontrado de manhã morto, com uma marca quase invisível de punção no peito ou no mamilo esquerdo.

No plano geral, como se vê, a apreciação de Afanássiev é ordenada por um roteiro de povos: russos, bielo-russos e “pequenos russos” (ucranianos); búlgaros; sérvios; eslovíncios e cachúbios; polacos, tchecos e “outras tribos eslavas” (morlacos e dálmatas; sorábios). Já aqui se percebe um duplo princípio que rege a exposição: o primeiro aspecto é que diferentes concepções, portadoras muitas vezes de denominações específicas – e seguramente de diferentes caracterizações –, serão agrupadas sob uma mesma categoria (“os vampiros”); o segundo, que as embaçadas especificidades serão matizadas de acordo com identidades nacionais. Cada “povo” é tratado no seu conjunto como um corpo coeso: “os sérvios também identificam o vampiro ao lobisomem”; “a cada três anos os búlgaros reabrem as covas” etc.³⁷

Esses dois princípios encontram-se conjugados por exemplo na seguinte frase: “Os eslovíncios e cachúbios *chamam os vampiros* de *vieszcy*, ou seja, vêem-nos como feiticeiros ou bruxas”.³⁸ Eis precisamente o procedimento lingüístico para o qual quero atentar: reunir diferentes concepções simbólicas sob uma mesma identidade.³⁹ Para explicitá-lo ainda

35 Já se viu aqui, não sem razão, um comentário humorístico de Karadžić.

36 Ver Cap. 7, seção II desta dissertação.

37 Afanássiev in Perkowski 2006:197, 200.

38 Afanássiev in Perkowski 2006:197 (parcialmente baseado em Mannhardt 1859:259ss); grifo meu.

39 O mesmo é observado no trecho de Alberto Fortis de onde extraímos o subtítulo dado a uma seção acima do presente capítulo: “*divenir Vampiro, o Vukodlak, com’essi dicono*” (Fortis 1774:64).

melhor, recorro a uma pesquisadora contemporânea, Daniela Solovieva-Horville, autora de uma obra que haveremos de discutir:

Dans l'ensemble de ces documents [i.e.: do domínio etnográfico, principalmente do séc. XIX, mas também documentos anteriores de outra natureza], le vocable «vampire» est utilisé dans un sens très large, en tant que terme générique. Il est donné à tout mort qui n'a pas réussi à effectuer son passage dans l'Au-delà pour une raison quelconque et qui, devenu malfaisant, ressurgit sous diverses formes dans le monde des vivants. De nombreuses formes dialectales viennent allonger la liste des appellations du vampire. Très variées, elles attestent la grande popularité et la diversité des croyances sur le devenir posthume du mort. En Serbie les formes les plus employées sont vampir et vukodlak, mais aussi lampir, lampier, lipir, vampirin, vaper, vopir. En Herzégovine le vampire est appelé vuk, tandis qu'en Dalmatie on le nomme kodlak, ukodlak, vukodlak, volkodlak, vukozlak, vukozlačina. En Bulgarie ces noms sont: drakos, lepir, liter, ustrel, vampirin, vapis, vŭper, plŭtenik, tenec, topjak. Au Monténégro, il est désigné par le terme tenac; en Macédonie, on l'appelle grobnik.⁴⁰

“... chamam-no grobnik”: o que fundamenta o emprego do singular? O movimento de reunir diferentes aparições em *uma entidade*, cuja identidade abrangente seria como a soma das instâncias efetivamente observadas, é em alguma medida exterior às representações simbólicas localmente encontradas. Só depois de tal síntese, baseada numa abstração pois seletiva de suas caracterizações (ainda que poeticamente afins), é que esta e aquela representação/denominação serão apreendidas como “variações dialetais” de um (novo) dado lingüístico.

Vejamos um exemplo palpável. Em seus respectivos contextos, os *strigoi* rumenos designam tanto mortos ativos quanto feiticeiros em vida,⁴¹ ou ainda criaturas que podem assumir seja figura humana seja animal. Também: A manifestação de almas vagantes na forma de borboletas ou de outros bichos alados pode caracterizar mortos parasitários como, dentre inúmeras outras representações, bruxas que durante o sono desprendem uma parte de seu ser para consumir as crianças.⁴²

No limite, agrupamentos como os acima expostos encerram algo arbitrário: o que autoriza reunir as tantas variantes sob “vampiro”, em detrimento de outras entidades, digamos,

40 Solovieva-Horville, *Les vampires – Du folklore slave à la littérature occidentale* (2011:52).

41 Embora eventualmente destinados a tornarem-se mortos-vivos (assim também os *vieszczy* chachúbios antes mencionados).

42 Vale observar que na simbologia de diversas populações eslavas, a borboleta, seres alados ou animais em geral podem ser manifestação da alma ordinária, não nociva.

vily ou *móry*,⁴³ associações por vezes tão pertinentes quanto aquela? É perfeitamente defensável que algumas daquelas representações fossem melhor agrupadas sob “íncubos”, por exemplo. Assim, entre certos seres sobrenaturais eslavos, especialmente na região dos Bálcãs, temos uma fronteira diáfana – quase uma ausência de fronteiras: vampiros, bruxos, íncubos, lobisomens. A “visão poética”, para retomar a expressão de Afanássiev, ou a simbólica oral de um povo não obedece nem tem de obedecer a um princípio racional que ordene os seres em categorias distintas ou bem definidas.

No caso de Afanássiev, e também no de alguns importantes folcloristas de seu tempo, o próprio texto fornecerá uma primeira resposta ao nosso estranhamento.

A tradição do vampiro não é exclusivamente eslava. Ela se estendeu por entre quase todos os povos indo-europeus e provavelmente pode ser retrçada até a era da unidade tribal.⁴⁴

O monstro Grendel, mencionado no poema *Beowulf*, que veio à noite beber o sangue das veias de guerreiros adormecidos, corresponde plenamente aos ávidos vampiros e lobisomens.⁴⁵

Mas, no *Beowulf*, narra-se não que Grendel tenha simplesmente “bebido o sangue” dos dormientes, como também devorado-lhes o corpo por completo.⁴⁶ Sob esta perspectiva, dizer que um e outro caso “correspondam plenamente” insinua um pressuposto tácito (para dizer o mínimo, que *vampiro* e *licantropo*, ou antes “monstro antropófago”, sejam sempre subsumíveis a uma mesma identidade). Este é o contexto em que surgem explicações tão características da corrente a que se filiava Afanássiev, a chamada escola mitológica,⁴⁷ afim a uma simbologia que se expressa mediante fenômenos meteorológicos:

Originalmente, pelo nome vampiro, nossos ancestrais deviam entender um demônio terrível que suga nuvens tempestuosas e delas bebe toda a umidade, porque nos antigos

43 A *vila* designa uma fada, alternativamente, a alma de um morto (Máchal 1918:256-260); *móry* é uma das denominações tchecas comuns a vampiros e lobisomens: *mûry*, *mûrasi*, *morùsi* etc.; afins à *mara*, bruxa ucraniana (Afanássiev in Perkowski 2006:201). Há quem aproxime (p. ex. Ralston 1873:322) essa etimologia da *mære* germânica, que deu origem ao *cauche-mar* e ao *night-mare* (íncubo; pesadelo. Cf., para povos germânicos, *mar* em Grimm 1854:433, *mære* 851 *et passim*).

44 A versão portuguesa das citações de Afanássiev é indireta, medida pela tradução inglesa de Perkowski (1996:198) [=Afanássiev 1868:562].

45 *Ibid.*

46 *Beowulf*, versos 739-745: “E, sem atraso, atacou o assaltante. / Um dormiente varão já destroçava. / Músculos mordendo, comeu o corpo / e sorveu das veias todo o seu sangue. / Então, as partes do corpo engoliu / lá – até mesmo as mãos e os pés do morto. – trad. Erick Ramalho (in Ramalho 2007:46-47).

47 Ver, a respeito da formação de Afanássiev, Moino 2008, aqui esp. pp. 24-26.

mitos a chuva era como o sangue fluindo nas veias dos espíritos das nuvens e dos animais. É óbvio que o sugar do sangue pelos vampiros é a mesma coisa que o sugar, por bruxas e lobisomens, do leite de éguas e vacas celestiais. Apenas se alteram as colorações poéticas. A idéia básica é a mesma em ambos os casos. [...] O dente de ferro é uma metáfora para o raio, enquanto o sino tocando representa os estrondos de trovão. Assim o raio, desperto, se põe a devorar uma nuvem como se fosse o seu corpo ou sua mortalha e dela consome a viva água – chuva. Para expressá-lo poeticamente: ele bebe sangue quente. Congelando no inverno, os espíritos de vampiros jazem em covas de nuvens tempestuosas como corpos não corrompidos, justo como, de fato, quando atingidos pelo gelo invernal, os cadáveres de pessoas mortas que descansam na terra não se decompõem até a chegada do calor da primavera.”⁴⁸

Afanássiev não apenas fez o vampiro eslavo (qual? há mais de um) abarcar “quase todos os povos indo-europeus”, como, além disso, equiparou o morto nocivo, em especial hematófago (um fenômeno raramente documentado antes do início da Era Moderna), com seres de manifestação mítica e cosmológica, tais quais os *vukódlaci* da glosa ao *Zakonopravilo* sérvio (séc. XIII *terminus a quo*),⁴⁹ ou ritual, como os acenados no compêndio russo que leva o nome de Vaisiy (séc. XV), citado há pouco. Não há surpresa nisso: é justamente a remissão, no horizonte, aos tempos da “unidade tribal” – em que, como no mito da torre de Babel, todos os vindouros povos modernos eram um só – o que permite a Afanássiev estender a equiparação seja sincrônica seja diacronicamente. (Vemos nisto um prolongamento daquela vertente que apontamos em Herder no início desta dissertação.) Para tanto, friso, um passo necessário foi a assimilação, subjacente a parte significativa dos comentários em língua alemã e também a este de Afanássiev, dos *vampiri* sérvios aos *schmätzende Toten* (mortos mastigantes) alemães.⁵⁰

Contudo, esse proceder impõe *uma identidade* a entes simbólicos distintos. Ela é mediada por uma *denominação*; a qual, no caso do vampiro, se torna cada vez mais carregada – ao mesmo tempo progressivamente passível de generalização, na medida da proliferação de seus sentidos figurados e de suas apropriações literárias.⁵¹

48 Versão indireta a partir de Afanássiev in Perkowski 1996:199–200.

49 Examinado no capítulo 6, item I.1.

50 Como o evidencia o seguinte passo: “*A vampire can suck out vital juices (feed on blood) not only by entering houses and attacking the sleeping. He achieves the same goal by tearing at his own body with sharp, iron teeth or by starting to chew on his own shroud [...]*” (Afanássiev in Perkowski 1996:199). Sobre a construção da identidade entre vampiro sérvio e morto mastigante, ver seção “Vampirizando os mortos germânicos, ou vice-versa” no cap. 7 desta dissertação.

51 Cf. nosso cap. 1, “Unidade, multiplicidade”.

*The numerous traditions which have gathered around the original idea vary to some extent according to their locality, but they are never radically inconsistent.*⁵²

Como se vê, o tradutor e divulgador William Ralston também considera, com Afanássiev, que as diferentes representações associáveis ao vampiro sejam fruto da progressiva diversificação *de uma mesma idéia original*, portanto, a expressão decorrente de uma suposta unidade preexistente. Sustento, ao contrário, que não há base para afirmá-lo.

Nas *Concepções poéticas dos eslavos* de Afanássiev, o motivo do sangue presta-se à mesma ordem de explicação essencialista: substância condicionante da vida, desde os primórdios o sangue teria sido considerado receptáculo da alma e seus poderes.⁵³ Bem, deve haver alguma verdade nisso; mas restam muito problemáticas as interpretações que se baseiam exclusivamente nessa inferência. *A fortiori*, o que vale para o sangue vale mais ainda para o coração,⁵⁴ e poeticamente (como no título de Afanássiev) um símbolo chama o seguinte... nada escapa à visão coerente. Tudo remete, em seu âmago, a *Urmythos–Ursprache–Urvolk* [mito primordial – língua primordial – povo primordial]. Todos os “temas” ou “motivos” da *Völkspoesie* são vistos como concorrendo para uma mesma ancestralidade e universalidade. Assim se explica a sua expressão variegada: “A base dessas lendas é puramente mitológica, porque tanto o coelho como o galo são símbolos reconhecidos do fogo e do relâmpago faiscante. Depois, retrabalhando os antigos mitos, a fantasia impõe-lhes a marca das visões morais e emprega para tanto toda sorte de prontas semelhanças, de modo que a lebre então leva à idéia da covardice”.⁵⁵

Para Afanássiev, também as medidas de proteção e aniquilamento remetem ao *Urmythos*: a estaca de choupo ou carvalho é reminiscência do martelo de Indra ou de Thór. Tanto populações germânicas quanto eslavas munem as bruxas de dentes proeminentes; seguem-se as remissões clássicas às *striges* do mundo antigo.⁵⁶ São todos parentes, monstros notórios pelo poder de metamorfose e apetite voraz, inumano.⁵⁷

Um desejável contraponto a uma tal aproximação arroladora poderia ser encontrado em narrativas orais e “diretas” do vampiro, as quais em muitos casos parecem ter desaparecido

52 Ralston 1873:321.

53 Afanássiev in Perkowski 2006:202.

54 “[...] as ‘the sucking of blood’ originally related to the pouring of rain, similarly ‘the eating of the heart’ could signify the idea of a lightning spirit rending the insides, the ‘heart’ of a rain cloud. In this regard the folk legends about witches and vampires concur with the ancient German legend of the dragon Pfaffner and the Greek myth of Prometheus” (*ibid.*).

55 *Ibid.*, p. 203.

56 *Ibid.*, p. 210; p. 211.

57 Afanássiev remete à *Mitologia teuta* de Grimm: Manducus; *masca* etc.

antes que se consolidasse a disciplina da moderna etnologia. Além disso, aquela expressão iletrada pode ter-se misturado à letra de tal forma, que dessa relação não estejam mais autorizadas inferências genéticas.

Entretanto, Afanássiev reporta ali dois contos muito interessantes (um deles traduzido por Ralston, vide, *supra*, nota 28 deste capítulo), por tematizarem especificamente a hematofagia de mortos ativos. Porém, o modo como os reporta – constam de seu próprio texto e integram sua exposição sem qualquer tipo de marcação clara – não nos permite saber quanto sofreram paráfrase, correção, síntese: não sabemos até onde poderíamos considerá-los expressão direta, oral. (Desconheço se os “contos” foram, depois disso, publicados ou estudados alhures.)

O primeiro⁵⁸ é referido como um conto da província de Tambov (ao sul de Moscou): um camponês passava à noite perto de um cemitério quando surge um estranho vestido com uma camisa vermelha e um casaco novo de pele de ovelha. Pede para acompanhá-lo. O camponês consente; juntos chegam à aldeia e se aproximam de uma casa. Apesar de o portão estar escancarado, o estranho diz que “está trancado”, pois nele havia cruzes gravadas. Chegam então à última casa da aldeia. Embora o portão esteja trancado com um cadeado de 18 onças, ali não se vê cruz alguma: o portão abre-se sozinho à sua aproximação. Os dois entram na casa, onde encontram um moço e um velho dormindo. O estranho posiciona um balde atrás do moço; golpeia-o no dorso e logo o balde se enche com o sangue vertido, que o estranho então bebe. Ele repete o procedimento com o velho. Diz então ao camponês: “Está chegando a madrugada, vamos para a minha casa”. Instantaneamente se encontram no cemitério. O upiro tenta agarrar o braço do camponês, mas os galos cantam e o cadáver desaparece [мертвецъ сгинулъ]. De manhã, encontram o moço e o velho mortos.

Infelizmente, conhecemos poucos contos russos como esse, que conjuga elementos tão freqüentemente associados na temática vampiresca (o cadáver ativo, a hematofagia), por vezes compartilhados com um repertório mais amplo (o traslado mágico, o canto dos galos). Além disso, aqui tais elementos são aliados a um étimo também ele ligado ao vampirismo (*upir*). Resta saber se o vocábulo de fato consta da narrativa ela mesma ou foi ali inserido por Afanássiev.⁵⁹

58 Afanássiev in Perkowski 2006:195-196.

59 Em nota (1868:558n2), Afanássiev fornece a proveniência do conto, “Tamb[ov] G. V. 1857, 4”, a qual não tenho condição de verificar.

Noutro “conto” similarmente reportado, um feiticeiro aparece num casamento. Perfura os braços dos noivos com uma vareta pontiaguda para recolher o seu sangue quente em dois frascos e então consumi-lo.⁶⁰

Interessante, nas descrições do ataque nesses dois contos, o fato de o oponente servir-se de um recipiente para coletar o sangue das vítimas, algo que não é freqüente nos resumidos levantamentos folclóricos (seria um colorido local?).

Destaquei, na aproximação de Afanássiev, certos desenvolvimentos peculiares, tais quais a remissão inequívoca do sangue à chuva e do dente ao raio. Para nós, hoje, é difícil perceber a cientificidade dessas afirmações. Descontados, como esse, certos lances mais ousados de Afanássiev, porém, encontramos com freqüência muito dessa tendência universalizante e arcaizante nos estudos do vampirismo, até os nossos dias.

Daniela Soloviova-Horville, partindo de uma representação simbólica romena, o *vercolac* – o qual, para além de um evidente parentesco etimológico com a associação lobisomem-vampiro, é também caracterizado por interferir em fenômenos celestes⁶¹ –, desenvolve:

Des croyances analogues liées à la disparition de la lune et à sa renaissance sont universellement connues. Frazer rapporte que dans la tribu amérindienne Dakota on pensait que la pleine lune était grignotée par beaucoup de petits souris qui ne cessaient de la mordiller jusqu'à sa complète disparition [...]

Dans diverses mythologies, cependant, le dévorateur d'astres est le loup, animal dont la gueule menaçante évoque la voracité. Symbole de lumière, puisqu'il voit la nuit grâce à ses yeux perçants, le loup est aussi celui qui avale le soleil à la fin des temps dans la mythologie nordique. Sa morsure est associée aussi à la mort cosmique, comme l'observe G. Durand: «Il y a donc une convergence très nette entre la morsure des canidés et la crainte du temps destructeur. Kronos apparaît ici avec le visage d'Anubis, du monstre dévorant le temps humain ou s'attaquant même aux astres mesureurs de temps».⁶²

60 Claramente, aqui, Afanássiev não expõe a forma original do conto, mas resume-o em duas frases (Afanássiev in Perkowski 2006:196 | Afanássiev 1868:558, que reporta sua fonte em nota, por mim não identificada: “H. P. CR. V, 30, d”).

61 Assim como os *vl'kodlaci* sérvios medievais, contemplados a seguir.

62 Soloviova-Horville 2011:68. As referências de suas remissões neste trecho são: 1) Frazer, *Le rameau d'or*, vol. 2. *Le Dieu qui meurt. Adonis, Atys et Osiris*, Paris: Laffont, 1983, p. 478; 2) Saint-Yves, *Odin et les légendes scandinaves*, Paris: Laffont, 1986, pp. 52-54, 120; 3) Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris: Dunod, 1969, 1992, p. 93.

Uma simbologia universal, arquetípica, é evocada para se explicar cada manifestação particular (Frazer, Jung, Durand). Nesse caso, porém, o assunto já não concerne vampiros eslavos, mas outra coisa. A tendência de explicar práticas de uma população pela remissão a costumes ancestrais encontra então caminho em cada gesto:

En Serbie et en Bulgarie, le deuxième ou le troisième jour après les funérailles, un groupe impair de femmes se rendait à la tombe avant le lever du soleil, et procédait à un rite appelé opalvane (signifiant littéralement «brûlage»). Lors de ce rite censé prévenir la transformation du défunt, les femmes disposaient des étoupes et de la paille autour de la tombe en forme de croix, les mélangeaient avec de la poudre explosive et brûlaient le tout. Cette incinération des filasses peut être considérée comme un vestige de l'incinération des trépassés, perpétrée pendant la période païenne. La curieuse pratique bulgare, attestée pendant la seconde moitié du XIX^e siècle, de garnir la ceinture du mort de substances inflammables (coton, poudre explosive) avant de l'inhumer, pourrait également être une réminiscence de la coutume ancestrale.⁶³

De cada prática observada, dizíamos, extraem-se conclusões remotas: tudo no ritual funerário guardaria um sentido que remete ao substrato arcaico; o que quer que se faça em relação ao morto encerraria um gesto apotropaico... daí é só um passo a inferir a ancestralidade (e conseqüente abrangência) da “crença nos vampiros”.

Em todos os exemplos acima, percebemos uma mesma dupla tendência: a de projetar temporalmente o sentido de uma usança observada mais recentemente em campo; a de generalizar costumes particulares sob o guarda-chuva de uma prática ritual que abrangeria diferentes sociedades e comunidades. Talvez sejam aí reconhecíveis traços (decerto menos interessantes) derivados da concepção herderiana da *Volkslied*. No que interessa à nossa pesquisa, esses são procedimentos que embaralham a justa percepção da componente “popular” na conformação do tipo do vampiro. Dizendo-o algo provocativamente, a contribuição dos estudos folclóricos para a compreensão do vampiro se exerce quase na mesma medida da confusão que ela junto nos lega.

Vampiros em etnografia.

Em contraponto àquele viés equiparante, observado nos trabalhos acima discutidos, encontramos uma metodologia mais cuidadosa em etnografias do início do séc. XX. Busca-se render como possível a voz de membros das comunidades – o próprio sujeito das representações simbólicas que aqui nos interessam.

⁶³ Soloviova–Horville 2011:73–74.

Em um estudo sobre os vampiros folclóricos rumenos, por exemplo, a pesquisadora Agnes Murgoci (1875–1929) retomou narrativas de uma série de levantamentos folclórico-etnográficos publicados originalmente na revista *Ion Creanga*, dirigida por Tudor Pamfile (1883–1921). As transcrições destacavam-se, afirma ela, por conservarem as oralidades características.⁶⁴ (Reproduzimos em apêndice umas das narrativas, em tradução inglesa de Murgoci.⁶⁵)

A virada do séc. XX vê surgir ainda outro diferencial crítico. Uma série de humanistas passa a pensar o “popular” e o “folclórico” munidos de um novo instrumental. Não vou entrar no mérito da antropologia, mas limitar-me a certas interpretações do conto oral. Vladímir Propp (1895–1970) é provavelmente o nome mais lembrado nesse âmbito. Contudo, aqueles mesmos anos, isto é, as décadas iniciais do séc. XX, trouxeram à tona uma série de outras aproximações ao estudo da narrativa oral, tão ou mais valiosas. Para os problemas que presentemente enfrentamos, a obra de Petr G. Bogatyrev (1893–1971) pode se revelar muito esclarecedora.

Em sua produção intelectual⁶⁶ e, especialmente para nós, em sua monografia *Actes magiques, rites et croyances en Russie Subcarpathique* (1929), Bogatyrev contribui não apenas com material de qualidade extraordinária como, sobretudo, por uma capacidade incomum de articulá-lo. Para o vampiro e outros seres folclóricos sobrenaturais, basta-lhe pouco mais de uma dezena de páginas para dispor tão claramente alguns dos problemas cruciais.

A pergunta pela simbólica de uma comunidade não pode prescindir da própria comunidade, que a vive e a formula. Quem busca o significado de figurações míticas, lendárias, narrativas de uma sociedade deve se perguntar pela sua inserção no conjunto da cultura simbólica – aqui: atos mágicos, ritos e crenças, conforme diz o título de seu estudo. Seguindo esse princípio, Bogatyrev não focaliza isoladamente os relatos de aparições de seres sobrenaturais, mas o faz no bojo de uma pesquisa que compreende por exemplo o calendário festivo e ritual das comunidades estudadas.

De maneira que a narrativa de um encontro com seres sobrenaturais é apreendida também socialmente: um dado relato, feito ao etnógrafo diante de outros membros da

64 “The stories in *Ion Creanga* were taken down by careful observers, and published as nearly as possible in the exact words of the peasants.” (Murgoci 1937:324).

65 Ver seção IX. do Apêndice.

66 É de se notar que Bogatyrev permanece pouco conhecido, menos ainda lido. Louvável a iniciativa de reunir alguns importantes artigos seus em um volume recente (*Funktional-strukturelle Ethnographie in Europa*, Heidelberg: Uv. Winter, 2011).

comunidade, será corroborado por aqueles, que ao mesmo tempo lhe acrescentarão caracterizações particulares.⁶⁷

Numa palavra, temos aqui maiúscula etnografia: entra em campo um aparato metodológico (mais do que teórico, neste caso específico) que fará diferença, se comparado grosseiramente com um tipo de aproximação generalista do Oitocentos.

Bogatyrev argumenta que o relato individual de um encontro com seres sobrenaturais *não é um conto popular*; e que, no seu decurso diacrônico, figurações de seres sobrenaturais dificilmente podem ser sintetizadas partindo-se deste tipo de relato. Um primeiro aspecto é portanto a questão da *permanência* e da *mutabilidade* destas representações. Bogatyrev com efeito reconhece vetores tendentes a uma e outra direção:

De nombreux savants ont cru, en outre, pouvoir faire remonter à la ténébreuse antiquité paléo-slave l'aspect extérieur et le caractère des divers représentants de la démonologie populaire, et non pas seulement les noms par lesquels on les désigne. Or, la plupart des récits de nos jours relatifs aux faits ou aux êtres surnaturels ne sont que la description de visions individuelles. On ne peut donc pas, en toute confiance, se représenter d'après eux l'image sous la quelle les êtres surnaturels apparaissaient aux anciens Slaves. Il nous est même impossible, a priori, de fixer l'image actuelle d'un être surnaturel d'après les récits de visions individuelles.

Cependant, tous les récits de rencontres avec des personnages surnaturels concordent, en général. Bien que confus, les traits caractéristiques de chacun des démons domovoj, lěšij, vodjanoj, nous y apparaissent.

Comment expliquer cette concordance? C'est que ce ne sont pas les individus qui inventent l'aspect de leurs apparitions; certaines sont tirées de légendes ancestrales. De ce fait, elles ne se modifient pas rapidement; au contraire, comme objets de culte, elles tendent à se fixer.

Ainsi, d'une part, l'image d'un être surnaturel a tendance à rester immuable, dans la mesure où elle ne dépend pas de visions individuelles; d'autre part, elle se modifie sans cesse sous l'influence de celles-ci.

[...] La connaissance générale des mêmes histoires d'apparitions détermine cette concordance dans les narrations. Les psychologues ont montré que toute personne qui décrit un de ses propres rêves le modifie sous l'influence des rêves ou des phénomènes du même ordre dont elle a déjà entendu parler. De même celle qui raconte comment tel ou tel esprit lui est apparu modifie

⁶⁷ Um camponês que conhece as Escrituras ortodoxas explica por uma exigência eclesiástica o porquê de um pope morto voltar à igreja. Essa explicação não é aventada pelos demais membros da comunidade. Ainda assim, para todos eles, não havia dúvida de que a luz observada à meia-noite dentro da igreja pelo buraco da fechadura fosse mesmo o pope morto, que viera terminar de rezar determinado número de missas que lhe restava cumprir (Bogatyrev 1929:141-142).

*inconsciemment sa vision au cours de son récit, sous l'influence des récits du même genre qu'elle a pu entendre auparavant.*⁶⁸

Mas tal tendência para a fixação é contrabalanceada por um vetor de modificação, isto é, a capacidade de as representações serem submetidas a novas formas de influência:

On sait que les Slaves occidentaux ont emprunté aux Allemands toute une série de noms de démons. Il est naturel que les modifications de noms aient entraîné des modifications de caractère. [...]

*Donc, pour diverses raisons, le caractère des êtres surnaturels ne cesse de se modifier. Si nous pouvions très approximativement fixer l'image actuelle de tel ou tel être, il nous est tout à fait impossible d'en tirer ce que cette image était il y a un ou plusieurs siècles, à l'époque protoslave ou protorusse.*⁶⁹

O relato individual não é o conto popular, observa Bogatyrev; mas é em alguma medida determinado por ele. Via de regra, os seres sobrenaturais das vivências individuais (*upir, vodjanoj, domovoj*) não são os mesmos dos contos populares (Baba-Iagá, p. ex.). E, mesmo quando os encontramos num e noutro tipo de material, nos relatos individuais esses seres não se comportam como nos contos (não são p. ex. revestidos de exórdio, epílogo, epítetos característicos). Já quando comparecem nos contos, são mera substituição do nome que se dá a tradicionais personagens lendárias. Bogatyrev distingue o conto como obra artística, regida por suas próprias leis estéticas; donde resulta que os seres sobrenaturais aí apareçam como se fossem criações poéticas.⁷⁰ O conto popular exhibe uma resistência à inovação: de onde proviriam, nesse caso, as suas personagens sobrenaturais? Seriam criações artísticas ou, ao contrário, vestígios de crenças antigas ou tomadas a outros povos? Bogatyrev reconhece aqui um limite: não temos informação suficiente para decidir. Em todo caso, observa, não há razão para explicar, como tanto se fez, a totalidade dos motivos fantásticos encontrados nos contos por meio de “sobrevivências” (*survivals*) de determinados cultos.⁷¹ A origem das

68 Bogatyrev 1929:136. O livro veio a público primeiramente em francês, no âmbito da coleção “Travaux publiés par l’Institut d’Études Slaves”. Desconheço a existência de um manuscrito noutro idioma. Nos anos 1970, foi vertido para o russo, numa edição marcada pela censura soviética (ver artigo de Patricia Krafeik, “Notes of a translator on a Bogatyrev’s monograph”, *Slavic & East European Folklore Association—SEEFA Journal* vol. IV n° 2 [1999], pp. 21–24). Há também, mais recente, uma tradução inglesa, intitulada *Vampires of the Carpathians* (o que pode até ter-lhe rendido uma maior circulação, mas falseia o espírito do livro em seu conjunto. Cf. as resenhas desta edição a cargo de Natalie Kononenko, *The Slavic and East European Journal* vol. 43 n° 4 [inverno 1999], pp. 737–738; e de E. A. Warner, *The Slavonic and East European Review* vol. 77 n° 4 [out. 1999], pp. 744–746).

69 *Ibid.*, p. 140.

70 Bogatyrev 1929:143.

71 *Ibid.*

personagens fantásticas de contos maravilhosos pode ser diversa da dos seres sobrenaturais da demonologia popular.⁷²

Assim contextualizados, os upiros dos relatos anotados ou comentados por Bogatyrev se relevam interessantíssimos. Pelas razões discorridas mais acima, neles observamos contornos fluidos.⁷³ Não é o caso de entrar nos detalhes de cada figuração dessa; devemos retomar o arco mais amplo de argumentação. Apenas como uma amostra contrapontual, portanto, copio uma das narrativas recolhidas oralmente por Bogatyrev, que põe em cena uma espécie de “vampiro” aquático (como o *vodjanoj*, “espírito das águas”) e notívago (*nučnīk*, “espírito da noite”):

*«Quand il rencontre des gens au bord de l'eau, il les tue. Les gens prennent la fuite quand ils le voient. J'ai vu souvent comme il brille ! Il brille. Il va au bord de l'eau. Une fois, nous étions arrêtés, à trois, et voilà que vient une lumière, droit vers nous. Et le passeur eut peur de passer la nuit au bord de l'eau et s'enfuit chez lui. La lumière traverse par le cable du bac d'un bord de la rivière à l'autre. Une fois, le passeur a entendu sur la Tisa des coups, comme si on battait l'eau avec de grandes planches. Il pense que c'était le vampire des eaux (vodovyj opīr).»*⁷⁴

•

As considerações de Bogatyrev são muito oportunas para uma crítica à vertente de interpretação que explica o tipo do vampiro mediante um modelo evolutivo, atribuindo ao folclore um papel fundador e decisivo.

Se o que está em questão é o elemento “folclórico” de representações simbólicas, isto é, sua característica coletiva e idealmente não submetida a tratamentos literários, a primeira

⁷² “Les récits qui ont subi l'influence des contes et des légendes sont donc à la fois des créations poétiques et l'expression de croyances sincères. Le narrateur croit à son histoire, mais s'efforce en même temps de lui donner une forme littéraire” (Bogatyrev 1929:144). Outra esfera importante de influência é o cristianismo: “L'étude des cérémonies et des rites magiques nous montre que leur persistance est souvent assurée par leur coïncidence avec des fêtes religieuses. Le peuple croit d'autant plus fermement à ses propres pratiques qu'elles accompagnent les cérémonies du culte. On peut dire la même chose de la foi aux êtres surnaturels. La croyance aux bosurkani, upyri, lěšie, etc., est renforcée du fait que l'Eglise, elle aussi, enseigne l'existence de l'Esprit du Mal, du Diable” (*ibid.*, 138).

⁷³ “En ce qui concerne la dénomination d'opīr (vampire), ce mot, qui sert à désigner les morts qui reviennent voir les vivants et sucent leur sang, est appliqué en Russie Subcarpathique à d'autres être[s] surnaturels, tout en conservant son premier sens” (Bogatyrev 1929:135n).

⁷⁴ Relato de Prokop, de Kriva (*ibid.*, p. 135).

pergunta é pela qualidade do material: até onde a interferência do coletor/redator pode ter alterado o relato que chegou a nós? O que observamos concretamente é que, quanto mais antigo o testemunho, mais rara se torna a qualidade de uma narrativa pouco mediada.

Além disso, como mostram alguns dos relatos acima, não devemos esperar que representações simbólicas “primitivas” (isto é, idealmente pouco responsivas à cultura letrada) espelhem um vampiro tal como o conhecemos nós, educados há séculos num ambiente que o reelaborou em figurações determinadas (os vampiros literários). Como então é possível uma comparação entre um e outro tipo de figuração? Para não cair no dilema, poder-se-ia tomar, ao que parece, dois caminhos distintos: ou bem o de uma compreensão global (seja ela psicológica, antropológica ou pela apreensão digamos dos grandes contornos, como em uma *Gestalt*); ou a via analítica. Neste caso, pode ser útil retornar aos motivos que consideramos, no capítulo precedente, próprios do vampiro literário.

Lá se reconhecia que, tomados isoladamente, grande parte daqueles motivos e procedimentos narrativos não é exclusiva da temática do vampiro, nem mesmo de “estórias de horror”; ao contrário, com frequência são mais e menos compartilhados em diferente grau por um ambiente amplo (e mais incisivamente quando se põem em jogo as conformações de gênero literário). Ainda assim, naquela etapa, a constatação de tal dispersão de motivos não afetava tanto nossa percepção de um núcleo temático, um eixo a organizar o material. Agora, porém, que a investigação se volta para uma gama maior de ordens do discurso, e abarca um intervalo bem mais largo de tempo, as implicações dessa dispersão se tornam muito mais radicais.

Encontramos alguns elementos comuns a esse universo temático por exemplo no seguinte trecho, a respeito dos achaques de um demônio-íncubo, extraído de uma deposição que integra o processo de canonização de São Nicolau de Tolentino (séc. XIV):

XCI testis: domina Aldisia Iacobucii, de Tholentino, etatis L annorum et ultra [...] Interrogata super miraculis que Deus fecit meritis et precibus ipsius fratris Nicholay in vita et morte seu post mortem ipsius, dixit quod quadam vice dicta testis habebat vessationem a demone, quia quando-cumque volebat dormire videbatur sibi quod demon vergeret lectum suum supra subtus; et dicta vessatio duravit bene per V septimanas continue, et ipsa semper rogabat dictum beatum Nicholaum quod auferret sibi talem vessationem. Et dum quadam nocte iaceret cum quadam eius filia in lecto et propter timorem dicta testis non dormiret sed sedebat supra lectum recta, et tunc fuit sibi visum quod per unam fenestram domus, ubi stabat, veniret unus milvus cum magno furore et impetu et rumore proiciendo se supra unam archam, que sedebat ad pedem lecti ipsius testis; et ipsa testis incepit fortiter clamare dictum fratrem Nicholaum [...]

[*Testemunha 91*: senhora Aldisia Iacobucii, de Tolentino, com idade de cinquenta anos ou mais [...] Interrogada quanto aos milagres que Deus operou mediante os méritos e preces do mesmo frade Nicolau em vida e em morte, isto é, após o seu falecimento, disse a mencionada testemunha ter sido em certa ocasião vexada por um demônio, pois sempre que queria dormir via-se o demônio projetar-se por sobre sua cama; e essa vexação durou bem por cinco semanas continuamente, e ela sempre rogava ao mencionado beato Nicolau que a livrasse de tal vexação. Ora, quando certa noite estava em sua cama com sua filha e em virtude do medo não dormia, mas encontrava-se sentada e ereta sobre o leito, avistou então por uma janela da casa em que se encontrava um abutre se aproximando com grande furor, ímpeto e ruído, lançando-se sobre uma arca posta aos pés da cama da dita testemunha; e a mesma começou a clamar com ardor pelo frade Nicolau...]⁷⁵

Bem se vê que, literariamente, motivos e imagens podem ser úteis para reconhecer semelhanças e diferenças face a um núcleo de caracterizações do vampiro. Nessa etapa da investigação, é preciso sobretudo atentar para não imiscuir de antemão um *elo causal*, genealógico, entre as representações que lhe vamos aproximando por analogia ou outro tipo de semelhança. Se nexos há ou não há, isso deve ser respondido num segundo momento, e fundamentado com rigor, mediante uma articulação bem mais complexa do que a mera constatação de pontos coincidentes ou formas comuns.

Exemplo de inferência causal irrefreada, encontramos numa monografia de 1914, de Ernst Havekost. Ele se propõe a contrastar vampiros balcânicos às aparições de mortos em corpo relatadas por escritores ingleses do séc. XII (examinadas em nosso próximo capítulo). De acordo com esse estudo, a concepção do vampiro teria provindo dos Bálcãs, passado para povos nórdicos através de contatos com a Rússia e daí chegado à Inglaterra sob os vikings. Por mais que seja sedutora, a hipótese é ousada, ou melhor, vaga demais. Não que ela não possa corresponder, em parte ao menos, a uma realidade histórica; o ponto é que a argumentação apresentada fica longe de adquirir a espessura necessária para sua justificação.

Uma formulação bem melhor fundamentada é por exemplo a de Bernhard Schmidt (1871), que articula à temática do vampiro contos e canções populares gregos a tematizar o *vourkólakas* e o *katakhanás*, grosso modo recolhidos entre os sécs. XVIII e XIX.⁷⁶

75 Processo de canonização de São Nicolau de Tolentino, fos. 99v-100r (Occhioni 1984:264-265).

76 A seção especificamente sobre o *bourkolakas* está entre as pp. 157 e 171; mas são relevantes as concepções demoníacas em geral, que constituem a segunda parte do livro (Schmidt 1871:91-178). Parte de seu trabalho será retomado por Lawson 1906.

Argumenta, por exemplo, que tais materiais sobre mortos-vivos nocivos são encontrados em territórios e ilhas pouco tocados pela colonização eslava, como Creta, Tenos, Rodas e Chipre.⁷⁷ Schmidt questiona-se então sobre o problema da proveniência dessas figurações: seriam oriundas da Antiguidade grega (e aparentados a *lamia*, *empusa* etc.⁷⁸)? Ou mesmo escravas? Sua argumentação repousa sobre três pontos: a existência de denominações diferentes para essas representações, algumas delas no seu entender autenticamente gregas (como justifica pela etimologia); ausência ou irrelevância da influência eslava em determinadas regiões insulares em que foram reportadas algumas dessas criaturas⁷⁹; paralelos com lendas da Antiguidade.

A qualidade e a variedade dos testemunhos examinados por Schmidt não sugerem que essas canções sejam apenas de extração recente, “pós-literária” (*i.e.*, de um período e de um ambiente em que o tipo literário do vampiro já estivesse consolidado e amplamente divulgado). Levo em conta permanência e mutabilidade da épica oral como, digamos, explorado pelo método desenvolvido por Albert Lord (1960) com base no trabalho de Milman Parry.⁸⁰ Segundo esse procedimento de análise, os princípios de composição formulaicos (no nível da versificação) e temáticos (no nível do episódio) revelam que, por sob versões diferentes, são reconhecíveis estruturas formais e temáticas duradouras.

Folclore e ideologia.

No lugar de expressões diretas de concepções populares, relativamente escassas em um período crucial para a conformação do vampiro (sécs. XV-XVIII), restam-nos muitas vezes listagens de caracterizações profundamente mediadas. Trata-se de súmulas de representações associáveis de lado a lado, porém em algum grau distintas (*vukódlak* dálmata e sérvio, *strigul* romeno, *vieszy* cassúbio, *grobnik* macedônio, *ustrel* búlgaro...) e que nos levantamentos se

77 Apenas para tê-las tenha em vista, reporto algumas das referências cruciais de Schmidt não de outro modo anotadas nesta dissertação: Chardon de la Rochette, *Mélanges de critique et de philologie*; Scrofani, *Reise in Griechenland in den Jahren 1794 und 1795*; Leake, *Travels in northern Greece*; Pashley, *Travels in Crete*; Bybilakis, *Neugriechisches Leben*; Wachsmuth, *Das alte Griechenland im Neuen*; Newton, *Travels and discoveries in the Levant*; Tozer, *Researches in the highlands of Turkey*; Carnavon, *Reminiscences of Athens and the Morea*; Miklosich, *Die slavischen Elemente im Neugriechen*; Jakob Phillip Fallmerayer (do qual se distancia criticamente).

78 Ver capítulos 6 e 7 desta dissertação; em especial, seção I do Apêndice.

79 Consulte-se p. ex. o volume de Max Vasmer sobre a presença eslava na Grécia (Vasmer 1970).

80 Não tenho notícia que o riquíssimo material coletado (Iugoslávia, primeira metade do séc. XX) e organizado a partir do esforço de Parry, conservado pela Harvard University, tenha sido pesquisado com relação a representações vampíricas. Parte significativa do acervo se encontra hoje digitalizado <http://ted.lib.harvard.edu/ted/deliver/home?_collection=mpcol>, acesso a 24 de maio de 2012.

vêm repetidamente sintetizadas *numa figura* – “o vampiro”. Seria interessante, uma vez, não ressaltar o aspecto holístico de diferentes representações folclóricas, mas, ao contrário, atentar para as particularidades.

Fazê-lo da maneira tradicional, listando denominações e caracterizações segundo um roteiro das respectivas crenças locais, redundaria muitas vezes em um procedimento datado, pois pressupõe uma *identidade nacional* cingindo os universos simbólicos das populações deste e daquele âmbito. Nisto, a exposição de Afanássiev é exemplar. Ele constitui um sistema de equivalências e derivações: a crença de um povo *é isto*; a de outro povo *é aquilo*; as de ambos, no fundo, *são desenvolvimentos equiparáveis* de uma mesma *remissão primordial*.

Porém, para tomar de exemplos menos extremos, mesmo em trabalhos recentes e marcados por uma postura científica mais refletida, como o de Daniela Soloviova-Horville, vemo-nos de repente enredados pelo resquício de um velho discurso nacionalista ou, atualizando-se a terminologia, beirando o essencialista no que tange à caracterização étnico-nacional: “*les Serbes et les Bulgares appréhendaient les morts [...] – [...] les Bulgares et les Roumains mettaient de l’encens et du sable [...] – Selon les croyances serbes [...] – Pour éviter l’approche du vampire, les Serbes disaient [...]*”.⁸¹ O próprio ritmo da exposição cria uma armadilha. No entanto: se, para alcançar o necessário rigor, a análise exige a remissão aos trabalhos de campo – que em sua grande maioria foram realizados no mais tardar no início do século passado... Essa armadilha parece meio inevitável, já sendo aqueles trabalhos expressão de certos princípios que presidiram a esses mesmos levantamentos.

Se, quando de sua coleta, o material estava em vias de sofrer uma transformação radical – quantos pesquisadores não declaram ter documentado os momentos finais de dado aspecto da cultura oral? –, se esse material ficou no passado, nossa aproximação frente a ele pode e deve se atualizar. Falo de uma hermenêutica capaz de limitar os próprios automatismos: se não livrar-se por completo deles, isolá-los em aspectos que não interfiram tanto na interpretação que se está buscando. No domínio das ciências humanas,

81 Soloviova-Horville 2011:57(*bis*); 64; 79. Anote-se também a constante alternância, sem os cortes esperados, de registros culturais e períodos históricos tão distintos, como das Antiguidades greco-romana e hebraica e, de outro lado, o dos levantamentos folclóricos entre os séc. XIX e o início do XX. Contextos que se sucedem vertiginosamente a cada dois ou três parágrafos, resultando numa proximidade difusa, às vezes envolvendo inferências causais sugeridas, mas não justificadas (“*Les origines de cette coutume de veiller les défunts semblent très anciennes, puisqu’elle est évoquée dès le II^e siècle par Apulée*”, p. 56). “*On croyait*” é uma fórmula empregada ao longo de todo o capítulo 3 (“Figurations du vampire”): a forma impessoal do verbo, somada ao tempo imperfeito, colabora para deixar ainda mais vago o sujeito da crença.

digamos, os percursos da antropologia ao longo do séc. XX forneceram ferramentas mais requintadas do que o funcionalismo.⁸²

Há naqueles levantamentos muito material de interesse, que conviria submeter a novas leituras, mais livres de determinismos, nacionalismos, teorias raciais. No que toca ao vampiro, boa parte do folclore (numa formulação típica: costumes, usanças e crenças populares⁸³) visava nalgum horizonte a construção de identidades etnolingüísticas e nacionais. Bem antes disso, aliás, e fundando o interesse pela figura, o vampiro havia sido objeto de um debate científico e religioso (séc. XVIII).⁸⁴ Daí que todos os olhares sobre o tipo do vampiro são mediados. Dado esse limite, é difícil afirmar que exista algo como “o vampiro (eslavo) em si”.

Na filologia e na folclorística que interessa ao vampiro, há claramente um acento afim àquele que observamos inicialmente em Herder, quando este se ocupava em descobrir e promover vias de reconstrução de uma poética primeva – Embora Herder de modo algum possa ser reduzido a isso; tampouco a totalidade da rica bibliografia de folclore e *Stoffgeschichte* em torno do vampiro.

Para com essa bibliografia, então, voltar às falsificações de Václav Hanka – que inseriu o *vukódlak* num manuscrito medieval – pareceria um exemplo desleal. Ainda assim, podemos nos perguntar: que motivações não haveria Hanka de satisfazer, em um ambiente tão responsivo à construção das identidades étnico-nacionais?⁸⁵ Nesse mesmo ambiente, muitos pesquisadores comprometerem-se em demonstrar a procedência da tese do pan-eslavismo. Uma perspectiva que decerto privilegia pontos comuns (mesmo que resultantes de uma abstração) entre diversas inflexões culturais, em detrimento de suas especificidades. Àquela época (meados do séc. XIX), a maior parte das considerações sobre vampiros folclóricos foi realizada sob esse prisma. Complementariamente, há também os “fundadores da pátria”, pesquisadores que se bateram por construir a base arcaica e popular do espírito

82 Como o de Frazer, freqüentemente citado naquela linha de interpretação. Na obra deste, o vampiro é repertoriado dentre as figuras do *scapegoat* (“*the periodic expulsion of evil*”). Suas referências são alguns daqueles levantamentos folclóricos acerca do vampirismo, com freqüência citados em trabalhos especializados, como de Krauss.

83 “*Sitte, Brauch und Volksglaube*”, expressão cara a muitos estudos de *Volkskunde*.

84 Ver adiante cap. 7, II.

85 Nunca é demais lembrar: o artigo de Hanka, no qual divulgava a antiguidade e raridade das “glosas” de próprio punho, foi publicado num volume a cargo de um eminente filólogo que se intitulava *Os mais antigos testemunhos da língua boêmia* (ver cap. 2 *supra*).

de uma nação, como, para a identidade búlgara, Stefan Verković⁸⁶ e Iván D. Šišmanov, e, para a sérvia, Vuk Stefanović Karadžić.⁸⁷ Muitos daqueles estudos desenvolvem-se com um engajamento, uma matização ideológica, como os realizados sob a égide do indo-germânico. Adalbert Kuhn é exemplo de uma orientação que procurava reconstruir a língua primordial (*Urpsrache*) de um povo original (*Urvolk*) em seu habitat primário (*Urheimat*) pela via da “paleontologia lingüística”.⁸⁸ Um dos faróis a iluminar esta senda tinha sido Herder. Quanto aos ricos levantamentos filológicos-folclóricos do Oitocentos, não vamos pô-los a perder, mas é preciso lê-los com algum distanciamento.⁸⁹

O ponto não é rebater ou reafirmar a centralidade, para o vampiro, de uma componente folclórica: e sim constatar que *não se pode enxergar no texto uma membrana transparente*, um simples meio de propagação de representações populares que, nunca é demais dizê-lo, não foram unívocas, mesmo que tenham sido apresentadas tendencialmente assim. Meu objetivo é reavaliar o peso de tradições cultas em enclaves decisivos para o desenvolvimento do tipo do vampiro. Não vamos falar em “estratos”, pois não se trata bem de uma sedimentação: as “camadas” o tempo todo se rearrajam, ressignificam umas às outras, deixam de sê-lo.

86 Cf. Sampimon 2006:41-42.

87 “Lobo Filho-de-Estevão”, como lhe aprazia fazer-se traduzir literalmente o nome em publicações estrangeiras, é um dos autores sempre citados nos levantamentos folclóricos do vampiro, vide o de Afanássiev. Começou a publicar coletâneas de canções populares já em 1814, isto é, logo em seguida à iniciativa pioneira de Jakob e Wilhelm Grimm. Engajou-se no estudo e divulgação da língua sérvia, tendo publicado diversas obras a respeito: reformou o alfabeto, publicou o primeiro dicionário do idioma. Para uma biografia intelectual de Karadžić, ver Wilson 1986 (o sentimento anti-otomano, o interesse filológico, o impulso à carreira em Viena junto a Jernej Kopitar, o reconhecimento de Goethe...).

Para a influência de Karadžić nos processos da apropriação nacionalista do folclore, ver Neubauer 2007:269-285 (“Introduction: Folklore and national awakening”); além deste artigo introdutório do organizador, o livro traz estudos de interesse a respeito de construções nacionalistas para a identidade tcheca (de Tamás Berkes), eslovaca (de Dagmar Roberts), romena (de Marcel Cornis-Pope), búlgara (de Albena Hranova e Alexander Kiossev), albanesa (de Robert Elsie), macedônia etc. Para a compreensão de fenômenos análogos em âmbito mais amplo, europeu, é útil a leitura de Hobsbawn & Ranger, *A invenção das tradições* (2008).

88 Curta 2001:8.

89 Nesse sentido, os trabalhos mais objetivos a que tive acesso parecem-me ser os de Bogatyrev; Georgieva; Cremene; Murgoci; Schmidt. Todos eles remetem a trabalhos de campo anteriores (embora Bogatyrev tenha realizado uma parte importante do campo ele mesmo). Comentários de interesse encontram-se em boa parte dos trabalhos relacionados à seção IV. da bibliografia. Para uma apreciação contextualizada, ver especialmente as pesquisas de Burkhardt; também Kreuter. Lendo-os de maneira filtrada, permanecem significativas as sínteses de Afanássiev e Moczinsky; as apreciações de Hanush; Herz; Mannhardt; Krauss; Jellinek; Polívka.

Invertendo-se o jogo, o vampiro arrogado para diferentes tradições e populações pode prover uma retro-perspectiva privilegiada sobre tal construção identitária. Um aspecto notável desse traço cultural é precisamente sua internacionalidade assimétrica (operada entre centro e periferia européias), nos percursos e nos empréstimos lingüísticos, geográficos, de gênero discursivo/literário; no âmbito de repercussão engendrado ou antes modificado pela tematização do vampiro.

Cap. 6
Em busca de um paradigma

... colligere licitum est, quod et feci.

É lícito combinar – e assim o fiz.

“Índice aos livros singulares de Burcardo, bispo de Worms, apresentando brevemente
o que cada livro contém” (PL 140:c.502)

Plano do capítulo 6

Postulação de elos remotos de identidade p. 184 – Motivos dispersos (antes: diversamente organizados) p. 189 – Horizonte de eixos tipológicos medievais p. 194 – “Lobisomem”, *upir* e *vukódlak*: Ligar o nome à coisa? p. 196 – Bruxa: Do séquito de Diana p. 201 – Íncubo: Demônio amante p. 206 – Corps e aparições p. 210 – Mortos terríveis na Boêmia p. 221 – Uma *Märchen* clerical p. 223 – Nada mais que conjecturas? p. 225

Relação de obras diretamente citadas no capítulo:

Data aproximada de redação/publicação	Autor/Compilador	Título	referência bibliográfica utilizada
séc. V	Agostinho de Hipona	<i>De civitate dei</i>	Agostinho 1996
séc. VII	Isidoro de Sevilha	<i>Etymologiae</i> (ou <i>Origines</i>)	Isidoro 2004
década de 780	[dieta legislativa carolíngia]	<i>Capitulatio de partibus Saxoniae</i>	MGH Capit. 1 (1883)
séc. XI	Burcardo de Worms	<i>Corretor et medicus</i>	PL 140; Schmitz I e II
séc. XII	William de Newburgh [®]	<i>Historia rerum anglicarum</i>	Newburgh 1885
sécs. XII–XIII	Walter Map [®]	<i>De nugis curialium</i>	Map 1990
séc. XIII	Gervásio de Tilbury [®]	<i>Otia imperialia</i>	Gervásio 2010
séc. XIII	Cesário de Heisterbach [®]	<i>Dialogus miraculorum</i>	Caesarius 2009
séc. XIII	Tomás de Cantimpré	<i>Bonum universale de apibus</i>	Cantimpré 1627
séc. XIII	Rastko Nemanjić (São Sava)	<i>Zakonopravilo svetoga Save</i>	Petrović 1991; 2005
séc. XIV	Jan Neplach [®]	<i>Summula chronicae tam romanae quam bohemica</i>	Neplach [MS]
~ séc. XV (?)	[anônimo] [®]	“De mirabili certacione inter spiritum et viuentem in tempore regis Ricardi secundi”	James 1922
1486–87	Institoris & Sprenger	<i>Malleus maleficarum</i>	Institoris 2006
1541	Václav Hájek z Libočan [®]	<i>Kronyka Czeská</i>	Hájek 1596
década de 1740	Giuseppe Davanzati	<i>Dissertazione sopra i vampiri</i>	Davanzati 2011
1746	Augustin Calmet	<i>Dissertation sur les apparitions des anges...</i>	Calmet 1748

O símbolo [®] indica que, das obras referidas, trechos correspondentes à argumentação se encontram no Apêndice.

Nas décadas iniciais do séc. XVIII, eclodindo na Europa como uma novidade desconcertante e logo levado para círculos doutos em busca de uma racionalidade que fosse capaz de explicá-lo, o vampiro se tornou, por alguns anos, o assunto de um acalorado debate.¹ Uma série de homens instruídos – notadamente professores, médicos, religiosos – fizeram como o bispo Giuseppe Davanzati logo faria: voltaram às suas bibliotecas, ou antes aos seus sistemas de pensamento, para conferir se anteriormente não houvera mesmo notícia deste portentoso. Os relatos então publicados sobre acontecimentos ocorridos na Sérvia traziam a chancela testemunhal de oficiais militares austríacos, estando portanto acima de qualquer suspeita; exigiam que fossem perquiridos para além do relatório de campo: intelectualmente. Uma comunidade erudita viu-se obrigada a buscar pontos de apoio e munir-se de categorias epistêmicas e teológicas que dessem conta do fenômeno.

Não demoraram a encontrar-lhe precedentes.

Perduram até nossos dias os laços do vampiro em direção ao passado, tendo sido atados, em parte significativa, por esse debate dos anos 1730 e pela sua repercussão. Os mortos-vivos balcânicos e leste-europeus passam a ser correlacionados a exemplos extraídos da história e da literatura antigas, assim como das tradições de povos exóticos. Esses mesmos exemplos são então repetidamente lembrados como pontos corroborativos, demonstrativos – eventualmente (por vezes falaciosamente), até mesmo de parcial definição do que sejam o vampiro e o vampirismo.

No intervalo de poucos anos, na década de 1740, dois autores – o italiano Davanzati, o francês Calmet –, ambos membros do clero católico, compuseram extensas dissertações motivadas pelos vampiros balcânicos, relacionando-os a casos extraídos de uma vasta bibliografia: recorrendo a um procedimento comparativo que abrange universos culturais muito distintos.

1 Não que publicações europeias jamais o tivessem noticiado (já no séc. XVII houve mais de um caso); mas sua repercussão não foi sequer comparável ao que aconteceu a partir de 1725 e, com particular retumbância, de 1732.

Davanzati começa seu estudo percebendo o vampiro (noticiado pelas “Gazetas & Mercúrios”) na qualidade de *um novo nome* que se dá a uma classe muito antiga e disseminada de fenômenos, as aparições de pessoas mortas. O objetivo preparatório em vista é “esclarecer se de tão estranho fenômeno houvesse porventura algum vestígio nos historiadores antigos e modernos”,² desempoeirando, para tanto, os volumes de sua biblioteca. Diversos capítulos de sua *Dissertazione sopra i vampiri* contrastam os vampiros eslavos a uma miríade de outras concepções, entre elas, da Antiguidade clássica, como *lamiae*, *manes* e *lemures*.³

Calmet procede de maneira similar, mas literalmente aportando à sua *Dissertation sur les revenans et les vampires* uma série de escritos alheios: capítulos de livros, notícias, breviários dão corpo à dissertação, entremeados de discussões mais ou menos pontuais por parte do compilador. Sem necessariamente serem equiparadas a vampiros, lá figuram representações tão distantes no tempo e no espaço, como mortos ativos da Escandinávia medieval, rituais do recém-colonizado Peru, casos do Leste Europeu reportados entre os sécs. XIV e XVIII.

O vampirismo vira assunto. Um rico arsenal de motivos e narrativas passa a ser mobilizado por ele; obras como as de Calmet e de Davanzati favorecem que este seja concebido como um fenômeno virtualmente universal.

Pesquisas atuais tendem a perceber o vampiro como um tipo de representação que tem a ver com determinada situação cultural, isto é, como um fenômeno histórico dotado de uma localização.⁴ Excetuada a corrente de interpretação que assume (aberta ou tacitamente) o vampiro como uma espécie de arquétipo universal, hoje é menos freqüente que se recorra a ligações do mais longo alcance – senão poeticamente – para tratar do vampiro; por exemplo, à tese da proveniência antiga clássica. Também é pouco comum, em trabalhos

2 Davanzati 2011:28 (cf. nosso cap. 1, *supra*).

3 “[...] *stimai bene più maturamente di filosofarci un poco fra me stesso, indi consultare i filosofi antichi, e dopo i moderni. A tal effetto avendo rivoltato per qualche giorno Diogene Laerzio e lo Stanleo mi è riuscito di riscontrare in essi qualche sistema di dottrina per lo quale si potesse alquanto spiegare gli strani fenomeni de’ nostri Vampiri*” (*ibid.*, p. 36).

4 Percepção formulada entre outros por Bertschik & Tucsay (2005:7): “*Gleichwohl handelt es sich bei der Rede vom Vampirismus nicht um eine anthropologische Konstante, sondern um ein zu je spezifischen Zeiten und an spezifischen Orten auftretendes Phänomen*”. Analogamente, o historiador Gábor Klaniczay observa (1991:73) ser difícil encontrar uma explicação de validade geral para mudanças na história da mentalidade, como o declínio da perseguição às bruxas – generalizações comparativas deveriam antes submeter-se à prova, partindo-se das condições concretas que marcaram a evolução numa determinada região ou país. Tal ressalva não é sem razão, se tivermos em conta a relativa disseminação de aproximações que contradizem esse axioma, eventualmente marcadas por uma postura menos comprometida para com parâmetros de produção científica.

científicos contemporâneos, vemos estritamente relacionadas a vampiros representações extra-européias, como práticas peruanas dos tempos da colonização.

Já os laços do vampiro com o Medievo continuam sendo considerados atentamente. O período medieval prolonga, também nos círculos científicos, um status de destaque quanto a mobilizar fundamentos para explicar o futuro surgimento do vampiro. Este é um passo argumentativo de tantos pesquisadores que estudaram o vampirismo, como Stefan Hock (1900), Montague Summers (década de 1920), Jan Louis Perkowski (décadas de 1970–1990), Claude Lecouteux (1999).⁵ Na Idade Média costuma ser encontrado um termo a partir do qual o vampiro teria se desenvolvido.

A idéia deste capítulo é averiguar sob que condições seriam válidas as associações de larga visada, tais como as operadas pelos estudiosos acima, ou ainda outras, entre vampiro e concepções medievais; sob que pontos de vista os nexos procederiam.

Consideremos duas maneiras pelas quais diversas concepções (conservadas em uma grande gama de textos medievais) seriam aproximáveis do vampiro (como caracterizado a partir do séc. XVII ou XVIII).

Um caminho é o da etimologia: buscam-se testemunhos de vocábulos etimologicamente ligados ao vampiro, procurando formular hipóteses que comportem suas mutações e permanências em seus respectivos campos de significação.

Outra via envolve explorar o eixo do paradigma: isto é, sem que seja necessário dar conta de um trajeto para o lexema, procuram-se elementos associativos (digamos, semas; motivos narratológicos; propriedades características etc.), na tentativa de estabelecer elos parciais – p. ex. semânticos, temáticos, tipológicos.

Quanto à primeira, diga-se de início que a aproximação etimológica do vampiro a concepções medievais é cercada de algumas dificuldades. Em princípio, haveria uma multiplicidade de étimos a conferir, por terem sido registrados e associados pela pesquisa folclórica e etnográfica às figurações do vampirismo entre comunidades eslavas. Um tal exame ganharia grande complexidade na medida de sua pretendida abrangência.⁶ Uma dificuldade

5 Para citar apenas alguns trabalhos de visada geral. Há, como seria de esperar, estudos focados particularmente neste aspecto, como o de Christa Tuczay, “ ‘... swem er den tôt getuot, dem sūgents ūz daz warme bluot’. Wiedergänger, Blutsauger und Dracula in deutschen Texten des Mittelalters”, in Bertschick & Tuczay 2005:61–82.

6 Cf., no capítulo precedente, algumas das diferentes denominações atribuídas a criaturas “vampirescas”, como *vampir*, *upir*, *vukódlak*, *viezcy*, *strigoi* etc.

de ordem diferente é que, dentre os étimos que se provaram documentalmente mais ricos no que toca ao período medieval – como em *upir*; *vl'kodlak* etc. –, são raros os casos em que podemos afirmar com segurança que os termos tenham sido empregados em acepções afins ao universo do vampiro como o entendemos desde o seu desenvolvimento na Era Moderna. Em outras palavras: sabemos que ocorrências medievais do vocábulo *upir* implicam uma etimologia que envolve também o vampiro moderno; mas não conhecemos suficientemente os sentidos que a palavra *upir* possuiria em distintas realidades sócio-culturais no tardo Medievo; muito menos, se tais sentidos teriam alguma ligação com as acepções modernas de vampiro.

Vejamos, de outra parte, no que consistiriam as aproximações viabilizadas paradigmaticamente. Tomemos as descrições e narrativas de vampiros como registradas entre comunidades balcânicas do séc. XVII ao XIX, e busquemos analisar essas suas caracterizações em alguns aspectos constitutivos – um pouco como fizemos com o vampiro ficcional, no capítulo 4.

“vampiro” folclórico:

{vivo (p. ex. *strigul* rumeno) | morto (p. ex. *vrykolakas* grego)}

caracterização do morto:

{posição extraordinária | flexibilidade | mobilidade ...}

tez do morto:

{pálida | escura | sangüínea ...}

tempo da atividade:

{exclusivamente à noite | preferencialmente à noite | meio-dia, meia-noite | indiferente ...}

modo de associações bestiais:

{bicho causa a má morte | animais denunciam o monstro
| morto/bruxo metamorfoseia-se em animais ...}

associações bestiais:

{galo, gato, cão etc. [passa sobre cadáver] | lobos/cães [uivam à presença]
| [morto/bruxo transforma-se em] lobo e diversos animais ...}

traz dano (morte) por meio de:
{sufocamento, compressão do tórax | chamamento | hematofagia ...}

vítimas preferenciais:
{viúva | filhos | família | vizinhança | comunidade ...}

vítima agoniza durante:
{uma noite | 24 horas | três dias ...}

outras numerologias envolvidas:
{40 dias até transformar-se em cadáver ativo | chama 3 vezes | é exumado no 8º dia ...}

medidas apotropaicas:
{preces, trechos da Escritura | sangue do monstro [consumo, aplicação]
| símbolos cristãos | ervas, amuletos ...}

medidas de aniquilamento:
{decapitação, desmembramento | perfuração com estaca | cremação ...}

...

Ao vampiro então contrastaríamos, mediante um conjunto dessas classificações analíticas, alguns de seus arrogados parentescos medievais. Termos plausíveis de comparação são obtidos mesmo sem uma rigorosa análise semântica, por exemplo valendo-nos das categorias que organizam os motivos e *tópoi* levantados para a temática literária do vampiro (ver caps. 3 e 4).

Desse modo, distintas concepções podem ser matizadas face ao vampiro moderno. Por exemplo: a aparição danosa de um fastasma imaterial compartilha com o vampiro o aspecto de morto nocivo, mas não o de cadáver vagante; a *mora* (figuração eslava com características afins às dos incubos) compartilha com o vampiro o ataque durante o sono; a *vila* (ser ninfático eslavo, por vezes tido como uma moça que morreu virgem), um erotismo daimônico; etc.

Ao ler diferentes agrupamentos de textos medievais, atentemos para quais daqueles elementos se encontram mais freqüentemente associados, e quais ao contrário tendem a não comparecer juntos; observemos que grupos associativos estão ligados a determinados

arranjos tipológicos, assim por diante. Em resumo, a proposta seria abordar *tematicamente* algumas instâncias textuais que, em grande parte, foram associadas ao vampiro por sua bibliografia especializada (os historiógrafos do vampiro, os “vampirólogos”). Os metros de comparação seriam motivicos, tipológicos, formais, estilísticos. Ao lado disso, em alguns casos, também serão levados em conta certos propósitos retóricos que se depreendem dos textos.

Motivos dispersos (antes: diversamente organizados).

Sob esse enfoque comparativo, consideremos de início o texto de um autor que, à diferença da maior parte dos demais exemplos deste capítulo, não foi sugerido por estudos especializados no vampiro. Muito ao contrário, os *exempla* do monge cisterciense Cesário de Heisterbach (Renânia, início do século XIII) são pouco ou nada estudados no contrapiano da temática literária aqui em questão. (Apresentarei mais abaixo uma justificativa para meu recurso a eles.)

Seu *Diálogo dos milagres* é um verdadeiro tesouro de representações da vida monacal e da sociedade laica de seu tempo, do convívio quase diário com a santidade e a tentação, com o ordinário e o estranho.⁷ O livro é composto de doze “distinções” (*distinctiones*). A pertinência de cada uma é justificada mediante uma numerologia particular⁸ e aborda centralmente um tipo de assunto. Cesário escolheu não discuti-los pela argumentação teológica – modalidade de texto a que chama *sententiae*⁹ –, mas por meio de uma conversa entre um monje (êmulos do autor, como dão a entender certos testemunhos em primeira pessoa) e seu noviço, ao longo da qual se vão expondo os tantos casos que iluminam ou problematizam

7 Uma edição bastante referenciada é a de Joseph Strange (Caesarius 1851); mais recentemente (e, em alguns pontos localizados, divergente daquela) a edição bilingüe, com notas e farta introdução, de Nikolaus Nösges e Horst Schneider (Caesarius 2009). A essas, acrescente-se a louvável iniciativa da École des Hautes Études en Sciences Sociales, que, ao digitalizar e indexar a obra (na edição de Strange), ofereceu aos leitores ferramentas de busca booleana no interior do texto (<<http://betula.annexus.ehess.fr/sdx/cesaire/index.xsp>>, acesso a 18 de setembro de 2012).

8 Cristo construiu uma escada para o céu com 8 bênçãos, de que o primeiro degrau é a *visio*: assim a oitava *distinctio* trata das aparições. Dez foram as pragas do Egito: então a décima *distinctio* trata especialmente dos milagres; assim por diante. Ao lado dessa numerologia de plano geral, disposta no início de cada *distinctio*, note-se a recorrente numerologia que opera na microeconomia dos motivos narrativos (“morreu no terceiro dia”; “por oito dias adoecido”; “mal se passaram três anos” – o padre que aparece ao amigo “30 dias após a morte” – a mulher que mantém intercurso com o diabo por 6 anos, “e no sétimo ano...” etc.). Uma numerologia de expressão semelhante será muito freqüente nos relatos de “vampiros folclóricos” entre os séculos XVII e XIX.

9 Numa ocorrência (8,1), a tradução alemã optou por verter *sententiae* por *theoretische Überlegungen* (Caesarius 2009:1507).

as concepções de fundo que são o mote de cada *distinctio*. A forma de diálogo lhe possibilita, sem perder a coerência, enveredar por bifurcações, desvios e retomadas de rota.

Diga-se de início que o *Dialogus miraculorum* não apresenta relatos de personagens eminentemente aproximáveis ao vampiro como testemunhado na Era Moderna; mas isso não torna o livro menos interessante e esclarecedor para a presente pesquisa. E não há contradição aí: é sintomático que encontremos, ao longo de seu colorido e variegado percurso, diversos motivos narrativos que um dia serão característicos, entre outras, da temática do vampiro, mas ordenados de outro modo, às vezes dissociados entre si.

Eis um caso ilustrativo. Nesta narrativa (3,8), um demônio provoca dois tipos de vexação a humanos, cada um para uma vítima distinta. O padre Arnolfo tinha uma filha jovem, extraordinariamente bela e diligente (em Cesário, são vários os sacerdotes a ter filhos). Cioso, ele a tranca no solário da casa. De nada adianta: “Num determinado dia, o diabo surge a ela com a aparência de um homem, começa a inclinar o seu ânimo para amá-lo: por dentro, pela sugestão, por fora, pela conversa insinuante. E o que mais? Persuadida a miserável, e corrompida, com maior freqüência, depois, ela consentiu ao demônio o seu flagelo.” Um dia o padre, subindo ao solário, encontra a filha chorando e gemendo; ela lhe conta tudo o que se passa. O pai a leva para longe, na esperança de que a mudança de ares possa fazê-la se recuperar. “Levada a filha, o demônio apareceu ao sacerdote, dizendo-lhe de voz audível: ‘Mau sacerdote, por que levaste embora a minha mulher? Só o fizeste para o teu próprio prejuízo’. E na mesma hora atingiu-o tão violentamente no peito que, vomitando sangue, ele morreu no terceiro dia.”¹⁰

Temos aqui dois tipos de achaque: amor diabólico – golpeamento do peito e sanguinolência. Mas as vítimas de um e outro não coincidem, como ocorre com a vítima do vampiro: encontram-se separadas nas pessoas da filha (a *seduzida*) e do sacerdote (o *exangue*).¹¹

Outros *exempla* encontrados no livro associam compressão e sanguinolência. Numa narrativa, o diabo aparece e ameaça seguidas vezes uma freira (5,44; ver transcrição

¹⁰ Caesarius 2009:530-532.

¹¹ Não só os espíritos expressamente chamados de incubos comprimem as suas vítimas. Em 5,31 (Caesarius 2009:1066), a compressão está associada à visibilidade/invisibilidade seletivas. Também na narrativa precedente (5,30) a enfermidade é causada pela mera visão do espírito mau (depois associada, pelo noviço do diálogo, ao basilisco). Noutro relato (5, 33), o elemento sensual é mais explícito: um diabo, sob a aparência de uma freira, abraça um converso que dormia a sesta. Ela o acaricia ao modo das meretrizes, beija-o na boca. Após ela ir embora, um colega vai ver o que se passou: encontra o companheiro dormindo, mas impudente (descomposto e nu); ele morre em três dias (Caesarius 2009:1068-1072).

e tradução na seção II do Apêndice). Além da tentação sensual, aí comparecem outros elementos comuns ao incubo e, findo o ataque, os demônios transformam-se em cães. Atente-se não só para a caracterização do demônio, mas também, e principalmente, da vítima: no dia seguinte ao ataque noturno, ela é encontrada *pálida e exangue* ao extremo.

Na extensa obra de Cesário, só vez ou outra encontramos associados em um núcleo certo número de motivos que um dia serão considerados típicos do vampiro. Como, talvez, no caso acima (5,44), e neste que segue (3,11): um demônio em forma de mulher que ataca, na cidade de Soest, um comerciante de vinho e taberneiro, Henrique cognominado Gemma.¹² Certa noite ele, ao voltar de sua taberna distante de casa, aonde fora recolher a fêria do dia, “*viu a figura de uma mulher em vestes brancas de linho [...] ela puxou o homem pela roupa e disse: ‘Amigo, te esperei por muito tempo aqui: debes me amar’*”. Henrique se recusa, ela insiste mais ainda, convidando-o para a cópula. “*Não sucedendo pelas palavras, agarrou o homem em seus braços e muito o comprimiu, levando-o pelos ares e, transportando-o por cima do mosteiro de são Pátroclo, que é bastante alto, depositou-o em um pasto.*” O homem demora a retomar o fôlego e arrasta-se com esforço com pés e mãos até a sua casa. A família o percebe e acende a luz – mas ele, como todos aqueles que tiveram contato com o demoníaco, não suporta a luz, e pede que a apaguem, justificando-se, aliás, que não deseja ser visto por sua oponente. A família o depõe na cama, ele se mostra extremamente fraco de corpo e nos sentidos. Quando fica escuro, aquele demônio bate continuamente à porta, por três noites. Ele sobrevive um ano, débil e privado da razão, depois morre.

Quais são os motivos que aqui vemos associados, face ao que virá a ser o tipo do vampiro? A amante nociva, demoníaca; a compressão da vítima; a situação característica em que o demônio solicitante ressurgue (*intempesta nocte*, “às altas horas da noite”); em especial, sobressai (em Cesário ao menos) o fato de a aparição *bater seguidamente à sua porta* – como serão reportados fazer, alguns séculos mais tarde, *revenants* balcânicos.¹³

Vemos Cesário experimentar, tatear formulações que combinam sexualidade, tabu, morte e império do mal. (É a essa problemática que o incubo e a bruxa dos demonólogos virão em parte responder, na demonologia tardo-medieval¹⁴; em Cesário, o processo parece

12 3,11. Os motivos aqui empregados comparecem em outras narrativas do livro, como em 5,27, na qual o demônio também carrega sua vítima pelos ares e a comprime. Após fugir ao seu abraço terrível, a vítima sofre de fotofobia.

13 Cf., entre outros, Allatius 1645.

14 Esse ponto será retomado mais adiante, ainda neste capítulo.

estar em pleno desenvolvimento.) Atente-se particularmente à questão da *corporeidade* dos espectros¹⁵; também à de sua *motivação*.¹⁶

De maneira esparsa, não é incomum encontrarmos na obra de Cesário certos motivos narrativos aproximáveis do vampiro, em associação parcial. Entres eles, contam-se:

Fenômeno atmosférico. A aparição de um *fantasma* é prenunciada por uma *ventania*; os *bichos* ao redor da casa se assustam e a *porta do quarto se abre* sozinha.¹⁷ Também à manifestação de um *demônio tentador* pode-se seguir uma *tempestade súbita*.¹⁸ Quem, ao entrevistar demônios, atreve-se a sair do *círculo mágico* (ver abaixo), será levado embora por um *turbilhão*.¹⁹

Cadáveres irrequietos e cães. Logo após a morte de uma *mulher luxuriosa*, todos os cães da vila brigam entre si, invadem sua casa e *destroçam-lhe a mortalha*; uma vez enterrada, os cães, reunidos sobre sua cova, *ladram incontroladamente*.²⁰

15 A interação entre corpos e espíritos – e principalmente suas respectivas visões – é discutida no início da oitava *distinctio*. Da visão corporal mencionam-se episódios bíblicos (2 Reis 2; Dn 5,5). “*Sob esta [sorte de] visão com freqüência dão-se a contemplar anjos, e também almas de santos dispostas em corpos aos olhos corporais dos mortais, como se dirá a seguir mediante exemplos*” (8,1 | Caesarius 2009:1504). A visão espiritual, por sua vez, divide-se em alguns subtipos. A tipologia não é apresentada num esquema rígido, mas comporta variações: “*Alguns dizem que são de três tipos*” etc. (Caesarius 2009:1506). De todo modo, um gênero à parte de visão espiritual é a intelectual ou mental, na qual não se vêem nem corpos nem imagens das coisas, mas, pelo miraculoso poder divino, substâncias incorpóreas mostram-se à intuição do beneficiário (*ibid.*). Já quanto à visibilidade material do diabo, há outros desenvolvimentos, paralelos. De um lado, Cesário afirma que o olho material humano não é capaz de mirar o diabo em sua verdadeira natureza (diálogo entre monge e noviço, 5,28: “*Monge: Quanto ao que ele é, o olho corporal não pode ver o diabo. Noviço: Por quê? Monge: Porque o diabo é espírito, e ao espírito, de acordo com a opinião de quase todos os mestres, não é capaz de ver senão um [outro] espírito.*”). Mas noutro relato, um monge e um converso, sob as ordens de um abade que havia sustado o diabo sob uma mulher possuída, rogam-lhe que ordene a ele apresentar-se em seu aspecto natural – e ele assim faz, com perigosas conseqüências para os humanos (5,29).

16 Na obra de Cesário de Heisterbach, a maioria das aparições de mortos têm em vista um propósito edificante, a correção da fé e dos costumes. São a confirmação objetivada dos tormentos a que está sujeita no além-túmulo a alma incofessa e pecadora; ou, doutra parte, das graças que coroam uma vida de sincera e íntima piedade. Seja a visão propícia ou perigosa, letal ou reformadora para o seu “beneficiário” – mesmo que o protagonista da narrativa venha a morrer em decorrência desse contato com o outro mundo –, o que daí se extrai é sempre uma lição. No livro, os mortos nocivos são em menor número se comparados àqueles que voltam para admoestar os vivos à conduta piedosa, mas sua possibilidade não está de princípio excluída.

17 2,6 (Caesarius 2009:376).

18 5,51 (Caesarius 2009:1120-1122).

19 5,4 (Caesarius 2009:962).

20 11,59 (Caesarius 2009:2164-2166).

Exumação. Um cavaleiro luta contra o *demônio* que veio assombrar a *ressurecta concubina* do sacerdote local; para comprovar-se o ocorrido, *exuma-se o corpo dela* (falta, ao cadáver da mulher, a *trança de cabelos* a ela arrancada enquanto o cavaleiro combatia o demônio).²¹

Aspecto notável. O demônio com frequência é representado como um *homem de estatura e aspecto extraordinários*; endossa *vestes nigérrimas*,²² outras vezes (especialmente quando manifesto em figura feminina), brancas. Seus *olhos faíscam*.²³

Visita aos familiares. Numa narrativa que guarda alguma semelhança com mortos-vivos balcânicos, o *pai morto bate à porta da casa do filho*. A essa visita está ligado um *alimento ritual*, com uma simbologia de relevo. Porém, ao invés de exigir comida servida à mesa (como farão certos mortos-vivos balcânicos), o pai morto pendura para o filho, à sua porta, uma refeição dos infernos: sapos e cobras.²⁴

O diabo é *sustado na soleira da casa* e não pode adentrá-la²⁵: motivo que parece congruente com tantas tradições orais, tais como as expostas, dentre muitas outras, pela “má morte”²⁶; também em estudos e etnografias de tradições funerárias populares eslavas. (O interdito da soleira pressupõe um complexo de regras sobrenaturais.)

Mortes em seqüência. São de interesse, também, as narrativas de Cesário em que lemos de episódios de *morte seqüencial após uma aparição fantasmagórica*. A ama da família, antes de pôr as crianças para dormir, as conduz para fora de casa, para que façam suas necessidades naturais. Surge uma *mulher em vestes brancas* e de *rosto pálido*. Após visitar ainda outro lar, diz-se que a aparição “retorna” ao *cemitério* (mas a narrativa não dissera nada sobre a sua proveniência, antes). Basta a sua visão para imputar a morte. O filho mais velho prevê que morrerá em 7 dias; após mais 7, será a vez de sua irmã do meio, e por fim, uma semana depois, a da irmã caçula. Assim acontece; seguem-se ainda as mortes da mãe e da ama, assim como mais duas, na segunda casa visitada pelo *monstrum*.²⁷

21 12,20 (Caesarius 2009: 2218–2220).

22 5,2 “*Erat autem quasi magnus vir, imo maximus et nigerrimus, vesteque subnigra.*” “E era, ainda, como que um homem alto, mesmo extraordinariamente grande e nigérrimo, e com uma roupa escura” (Caesarius 2009:956).

23 5,29.

24 12,18 (Caesarius 2009:2214–2216).

25 3,6 (Caesarius 2009:522)

26 Cf. Caciola 1996; Lecouteux 2003.

27 11,63 (Caesarius 2009:2170–2172).

No relato seguinte (11,64), uma *figura de aspecto humano* é vista, por estudantes a brincar junto ao cemitério, *sair de seu túmulo*, passear pelo campo-santo e entrar noutra tumba. Nos dias seguintes advêm, *sucessivamente*, as mortes de dois canônicos.²⁸

Uma série de motivos é mobilizada no relato da descida ao inferno de Godescalco, um usurário e dono de moinho. Este comprara barato sua dispensa da Cruzada (não querendo tomar parte da campanha, contribuíra para a causa com apenas 5 marcos, mas bem podia ter dado 40). Certa noite, ouve um grande barulho no moinho contíguo à sua casa, como se este estivesse em uso. Ralha com o ajudante, que lá acorre e volta estarrecido, incapaz de contar o que vira. Diz Godescalco: “Ainda que lá esteja o diabo, irei e verei eu mesmo”, joga um manto sobre o *corpo nu* e vai conferir o que se passa. Ao chegar lá, encontra *dois cavalos negríssimos* e, montado em um deles, um *homem disforme da mesma cor*. O usurário *empalidece* diante dessa visão. O homem lhe ordena montar o cavalo reservado para ele, livrar-se de seu manto (em que havia uma *cruz* bordada) e segui-lo. Juntos irão até o inferno, onde Godescalco se depara com a cadeira em chamas a que está destinado pela eternidade.²⁹

Essa breve apreciação do *Dialogus miraculorum* de Cesário de Heisterbach sublinha um padrão observado em um grande número de textos medievais, dos quais muitos viram-se eventualmente relacionados à temática do vampiro: é perceptível que certos motivos afins aos vampirescos *se adensam em torno de determinados tipos*. No caso de Cesário, é principalmente em narrativas que tematizam demônios (em particular, aliciadores), bruxas e porventura mortos que vemos um feixe mais consistente de motivos e índices que também hão de caracterizar o vampiro como narrado na Era Moderna.

Horizonte de eixos tipológicos medievais

Ao examinarmos – do ponto de vista da concorrência/dispersão de motivos narratológicos, da tópica argumentativa – as principais tradições textuais medievais que um dia se verão relacionadas à temática do vampiro (cf. Calmet; Davanzati; Hock; Summers; Lecouteux etc.), perceberemos que aquele adensamento temático, embora parcial, costuma distribuir-se na confluência dos seguintes vértices tipológicos:

28 Caesarius 2009:2172–2174.

29 2,7 (Caesarius 2009:382–390).

A apreciação se fará, então, pela combinatória de eixos em torno dessas quatro grandes representações.

É necessário um esclarecimento preliminar quanto ao sentido dado a “lobisomem”, aqui diferente daquele no qual o empregamos de costume. Não o entendo como equivalente a “licantropo”. Nem quero indicar, não por ora pelo menos, os lobisomens cujas inflexões literárias na Baixa Idade Média (como em Marie de France) poderiam permanecer de lado para serem retomadas em outro momento da discussão. – Antes, com isso quero indicar certa classe de criatura mítica ou legendária, via de regra associada ao lobo mas eventualmente também a outros animais, dotada de poderes para além da metamorfose animalesca, os quais se manifestam em ações mágicas ou alterações do curso da natureza. Espero que o vago sentido que tenho em mente possa ser melhor compreendido logo a seguir: começaremos esse circuito rondando o assim dito “lobisomem”.³⁰

Em tempo: apesar da simplificada exposição que segue, não se pressupõe aqui uma apreensão fixa desses quatro longevos horizontes tipológicos. Em primeiro lugar, porque todos eles sofreram não poucas mudanças ao longo do tempo; em segundo, porque a cada dado momento existia uma multiplicidade de concepções diferentes a seu respeito; em terceiro, porque nem tudo se resume a eles: poder-se-ia argumentar que entidades

³⁰ Talvez o termo mais apropriado para o esquema fosse um hermético adjetivo “vlíkico”, ou então um substantivo como *vukódlak* – Não os utilizei talvez também para deixar a noção mais ampla e não necessariamente circunscrita a uma simbólica eslava; mas principalmente porque tais termos remeteriam a uma das mais divulgadas denominações modernas (aí incluindo βρυκολακας etc.) do vampiro como morto-vivo nocivo. Insisto exatamente sobre a necessidade analítica de clivarmos os distintos aspectos, para que então seja possível compreender como teriam sido unidos.

silvícolas ou élficas aí pudessem ou deversem figurar com a mesma justiça. Mas esses quatro – lobisomem, bruxa, incubo, morto – servem-nos como pontos cardeais para compreender a *moldura conceitual*, *narrativa* e *simbólica* em que o vampiro grassará; nesse sentido, são os vértices virtuais mais representativos legados pelos textos medievais, particularmente aqueles que foram relacionados à temática do vampiro por estudos especializados.

Este capítulo abordará aspectos a serem levados em consideração, partindo de cada um desses tipos e dedicando uma discussão um pouco mais detida a respeito do morto. Proponho-me apenas a uma abordagem *tópica*, tendo em vista, antes de tudo, o desenvolvimento de nosso assunto. Não seria o caso aqui, mesmo que isto estivesse ao meu alcance, e não está, de considerar os tipos medievais em profundidade: livros inteiros foram e serão escritos sobre tais representações, sem no entanto esgotar os seus sentidos. Basta-nos, para os propósitos da argumentação, um traçado de contornos sumários; todavia necessário para o contexto onde veio se dar a tematização do vampirismo.

“*Lobisomem*”, upir e *vukódlak*: *ligar o nome à coisa?*

A etimologia é, como dizia, uma das sendas pelas quais historiadores do vampiro buscam reconstruir as suas origens. Dois étimos cruciais ao vampirismo comparecem em testemunhos do início do segundo milênio. Vamos começar nosso trajeto tópico examinando, muito sucintamente, duas dessas ocorrências.

O *upiro autógrafo*. Entre as mais antigas ocorrências conhecidas do étimo **pir-* (quando não a primeira) consta do cólofon de um manuscrito russo tradicionalmente reportado como datando de 1047. Na verdade, os MSS conhecidos são dos sécs. XIV a XVI – e o texto se diz cópia de um manuscrito anterior, com aquela data.³¹

Dentre os filólogos e historiadores não interessados particularmente na trajetória dos vampiros, não há dúvida de que a locução “Upir’ Lichy” seja simplesmente o nome ou cognome autógrafo do monje (ou príncipe, querem alguns) do MS original, como aliás declarado pelo próprio. Observe-se que nada sugere que o vocábulo *upir’* tivesse aqui uma

31 D’Avril 1876:153–154. André Vaillant (1955:7n) anota que existe outra cópia do mesmo documento, ligeiramente mais tardia. Na ausência do MS original, atribuir *certeza* à existência de um documento *ipsis litteris* no séc. XI envolve algum grau de conjectura: senão por outro motivo, porque a transmissão pode ter sido intermediada por outro[s] MS[S] que hoje desconhecemos. É curioso como, mesmo dentre alguns dos mais sérios historiógrafos do vampiro, vigora a tendência a se fazer recuar a datação efetiva de documentos importantes para o assunto.

particular conotação detratora, um significado lendário, qualquer coisa que pudesse ser chamada vampiresca.³² Em documentos russos dos séculos seguintes, o vocábulo também aparece nomeando pessoas, ou ainda lugares.³³

Nem todos os estudiosos do vampirismo concordam com essa interpretação, porém. Há um grupo de pesquisadores que credita ao nome *Upir' Lichy* um significado contíguo a seres nocivos.³⁴ Por exemplo: recentemente, Soloviova-Horville reafirmou que a partir do séc. XV teria havido um declínio de uso de *upyr'*: “o termo russo que designa o vampiro”.³⁵ – Que *hoje* designa, acrescentaríamos. Não foram encontradas suficientes evidências corroborantes (de meu conhecimento ao menos) de que na Rússia anteriormente ao séc. XIV ou XV o termo tenha de fato designado uma criatura assim. A fonte citada por Soloviova-Horville é Linda Ivanits, que por sua vez se reporta a Felix Oinas.³⁶ Este afirma:

*The term upyr', “vampire,” has been unknown among the Great Russians during the past few centuries (Tokarev, 41). How are we to explain the curious fact of the existence of the notion of “vampire” among them, and the lack of a special term for it?*³⁷

O problema é que *a existência*, na Rússia medieval, da “noção de vampiro”, como a

32 O documento é outrossim considerado revelante por testemunhar um momento de passagem do uso da escrita glagolítica – encontrada por São Cirilo e seu irmão Metódio (séc. IX) para evangelizar os eslavos – para a cirílica, que incorporou mais elementos do alfabeto grego. Ver, para além dos artigos citados de D'Avril e de Vaillant, também Franklin 2002:95.

33 Dados como nomes de camponeses: Makarenko *Upir* (1495); Klim' *Upir'* (1600), – Como toponímia: *Upiry*; *Upirów* (Mozyński *in* Perkowski 2006:216).

34 Dentre eles Oinas, Perkowski, Soloviova-Horville. Pergunto-me: i) se esse sentido existia à época; e ii) se o caso sob exame indicasse uma antonomásia pejorativa, o que teria levado o escriba a referir a si mesmo dessa maneira?

35 Solovieva-Horville 2011[2006]:41-42.

36 Ivanits 1989:121-122; Oinas 1985:111; 125 ~1978:437.

37 Oinas 1978:437.

chama Oinas, não é um dado.³⁸ A simples (e pontual) coincidência do étimo não basta para afirmá-lo. As referências giram, giram³⁹ e não chegam a ocorrências palpáveis (que podem até existir, a nós desconhecidas).

E comem a lua ou o sol. Vamos agora atentar para o sentido, na glosa de um importante manuscrito dos tempos do Império Sérvio (que teve seu ápice no séc. XIV), do vocábulo *vl'kodlaci* (plural de *vl'kodlak*). Na Idade Moderna, este termo – ligado ao étimo **v'lk'* (“lobo”)⁴⁰ – designará seja “lobisomens”, seja “vampiros” folclóricos, por exemplo na Sérvia ou na Bulgária. Voltando ao manuscrito sérvio medieval, trata-se de uma ocorrência de qualidade muito diferente da acima discutida, pois percebemos, ao lado da ocorrência de um étimo estreitamente ligado aos modernos vampiros balcânicos, um possível elo paradigmático: com efeito, a glosa fala de criaturas da ordem do sobrenatural.

Antes de comentar a glosa, é necessário localizar o contexto no qual foi inscrita. O MS é uma cópia⁴¹ do Nomocânon ou *Zakopravilo* atribuído a São Sava (1174–1236),

38 Ainda citando Tokarev, Oinas observa que “*the very belief in ‘a living dead,’ who brings harm to people, existed among all the East Slavs as well as among other peoples*” (Oinas, *ibid.*). Como argumento para formular sua hipótese (a ser mantida no horizonte) – de que a ausência na Rússia de uma denominação específica para o cadáver redivivo se deva à sua assimilação aos heréticos –, Oinas rebate a seguinte colocação de Zelenin: “A noção do *vampiro* sedento de sangue [*blutgierigen*] penetrou, [vindo] da Europa Ocidental, apenas até a Ucrânia e a Bielorrússia (ucraniano *упир*, bielorusso *выпир*); é desconhecida dos grandes-russos. Aqui essa noção rapidamente tornou-se doméstica, pois ela tem muito em comum com o culto local dos mortos impuros [...]” (Zelenin 1927:393; rebatido por Oinas 1978:436). Contrariamente a Zelenin, Oinas reconhece a antiguidade da noção em todo o Leste Europeu. Embora não possamos considerá-la “bem documentada” antes da Era Moderna (e não só na Rússia), como afirma Oinas. Os exemplos a que recorre (*ibid.*) são sempre aqueles, registros de pessoas chamadas *Upir'*. Já Solovieva-Horville, embora compartilhe da tomada de posição de Oinas, reconhece que “*Les documents écrits qui évoquent le vampire tel qu’il était imaginé par les Slaves méridionaux demeurent en très petit nombre jusqu’au début du XIX^e siècle*” (2011:46) – isto é, são poucos os testemunhos anteriores ao período em que o tipo do vampiro ganhou corpo nos círculos jornalísticos, teóricos e poéticos ocidentais.

39 Oinas, Burkhart, Ivanits, Tokarev, Mozyński, Zelenin...

40 Dersken, *Etymological dictionary of the Slavic inherited lexicon*.

41 Manuscrito do mosteiro de Ilovica, a mais antiga (1262) das 11 cópias completas em sérvio de que dispomos, uma das 4 que foram transcritas (Petrović 1991:xlvi; Štavljanin–Đorđević 2005:xlvi). O estabelecimento do texto e sua tradução para o sérvio moderno começou nos anos 1950; a consulta cruzada a fontes gregas obrigou à repetida adiação da conclusão dos trabalhos (a própria estrutura do livro descarta a suposição anterior de que o *Zakonopravilo* tivesse como fonte um único nomocânone grego). Embora o título seja um substantivo singular, ele indica uma pluralidade: o livro contém mais de cem textos bizantinos de diverso conteúdo (Petrović 2005:xxxii–xxxv).

líder espiritual sérvio. Um *nomokánon* é uma compilação bizantina de lei civil (νόμους) e ordenações eclesiásticas (κανόνες). Particularmente, este é um nomocânone de enorme importância na história da Sérvia, que à época dominava grande parte da Península Balcânica. De acordo com Miodrag Petrović, eminente pesquisador e editor da obra, cabia ao *Zakonopravilo de São Sava*⁴² garantir uma coesão duradoura: a unidade eclesiástica, dogmática, canônica e litúrgica entre a Igreja Ortodoxa Sérvia e todas as demais igrejas ortodoxas. O livro visava à emancipação do arcebispado da Sérvia, o que ocasionaria, dentre suas conseqüências políticas, que o rei da Sérvia passasse a ser coroado diretamente pelo arcebispo, eliminando a intercessão de outra autoridade eclesiástica. Para tanto, São Sava teve de submeter ao patriarca de Constantinopla e ao imperador de Bizâncio um conjunto de códigos que comprovasse a capacidade de administrar autonomamente o cristianismo na Sérvia.⁴³ Estabelecido pois o arcebispado autocéfalo da Sérvia, foram enviadas cópias do nomocânone para todos os bispos de sua circunscrição.⁴⁴

Para terminar a moldura contextual, tenha-se em mente o que representava (e veio a representar, na construção cultural-identitária dos séculos seguintes) o poder sérvio medieval na história balcânica. Grosseiramente os sécs. X a XV são marcados por domínios sucessivos e sobrepostos da região – búlgaro, sérvio etc. –, antes da conquista otomana. No equilíbrio das forças, a Sérvia joga um papel central a partir da ascensão da dinastia Zemanja (segunda metade do séc. XII) até as décadas finais do séc. XIV.⁴⁵ É pois

42 Também indevidamente conhecido como *Krmčija*, título que deriva do livro russo por ele inspirado, composto aproximadamente um século e meio depois da compilação de São Sava (Petrović 2005:xxxix).

43 Petrović 2005:–xxxii. O livro não se limitava a regular a vida eclesiástica, mas também a vida particular dos fiéis, aí inclusos direito matrimonial e de herança. Entrelaçam-se interesses clericais e de estado; em contraponto, há relativa independência de uma e outra esfera: Sendo Deus origem comum do poder eclesiástico e secular (como afirmado por Justiniano), segue-se o princípio da concordância (*symphonía*) entre ambos. Em essência, a idéia de que as duas instituições, Igreja e Estado, igualmente respeitam as leis divinas – nenhuma é superior à outra (Petrović 1990:151). A noção de *symphonía* será refirmada (Petrović, *ibid.*) pelo código do rei Stefan Dušan (ca. 1308–1355), texto que também traz uma postulada contribuição para a história do vampiro.

44 A circulação do livro foi muito além dos territórios sérvios. De acordo com Sergije Troicki: “*From 1219 to the 13th cent., and even later on, this book served as the chief legal source, a corpus juris utriusque in the entire Eastern Slavdom, in all Orthodox and Slavic Churches, and partly in the states with Orthodox Slavonic population – in Serbia, Bulgaria, Russia and, partly, in the Romanian Church*”. Ainda hoje é a compilação nomocanônica de referência da Igreja Ortodoxa Sérvia, como decidiu o Santo Concílio Episcopal de 1939 (*apud* Petrović 2005:xxxiii).

45 Jelavich 1999.

numa época crucial para a construção histórica da identidade sérvia que vieram à luz o Nomocânone de São Sava e o Código de Stefan Dušan.⁴⁶

Vamos pois à glosa em questão.

Os perseguidores de nuvens são chamados pelos camponeses de *vl'kodlaci*. Pois, quando some a lua ou o sol, diz-se: os *vl'kodlaci* devoram a lua ou o sol.⁴⁷

Note-se que a primeira frase é não é redutível a uma predicação simples, tal como “*vl'kodlaci* são perseguidores de nuvens”. Ela envolve (para em seguida julgá-lo) *um ato anterior de nomeação*, por parte dos “camponeses”, como estes são por sua vez nomeados. A frase seguinte também contrapõe duas “traduções”, dois modos diferentes de explicar os fenômenos cósmicos: de um lado, o glosador afirma que a lua ou o sol desaparecem; de outro, na concepção dos camponeses, os *vl'kodlaci* os teriam devorado. Daí que estes sejam predicados como “perseguidores de nuvens”.

Agora, vamos ao que a glosa *não diz* expressamente. Que criaturas são essas? Além dos nomes, temos a associação com o eclipse lunar e solar (pelos camponeses), com as nuvens. Aparecem no plural: significariam uma *espécie*?

Não sabemos se a concepção dos camponeses, ali anotada, supõe seres celestes, cósmicos; se uma manifestação cósmica de seres que transitam também neste mundo; se o étimo aqui de fato implica (como seria de se esperar?) uma conotação de lobo, e qual. Uma coisa é certa: há aqui uma dimensão mítica envolvida – e reconhecê-lo não implica afirmar que *vl'kodlaci* fosse entendido apenas assim, à época. Segundo: que essa concepção mítica é

46 Código legislativo do tsar sérvio Stefan Dušan (séc. XIV), repetidamente retomado por historiadores do vampiro (Hock 1900; Perkowski 2006; Soloviova-Horville 2011...) por conta de um de seus decretos, que condena exumação e cremação de cadáveres. A questão envolve mais dificuldade, porém. O código de Stefan Dušan é uma composição bastante complexa, uma “costura” que é debatida entre especialistas em eslavística medieval, em direito canônico e civil. Para mencionar apenas um problema crucial, o código, tal como chegou a nós, mostra-se lacunar em mais de um aspecto. Se é razoavelmente detalhado em artigos criminais (não de todo, porém), cala quanto a importantes questões da vida civil, tais como o direito matrimonial e de herança, que deveriam estar contemplados num instrumento legislativo dessa envergadura. Lacunar também naquilo que nos interessa diretamente: com efeito, nas versões do código de Dušan a nós conhecidas, em contraposição aos corpos legislativos gregos que lhe têm precedência, o supracitado artigo é o único que delibera acerca de recriminadas práticas funerárias (Jireček 1900:162). Parece-me portanto que não estamos autorizados a tirar conclusões tão peremptórias – como a que explica o artigo de legislação como reprimenda à crença em vampiros – enquanto não nos forem conhecidas as demais balizas que cercaram sua inserção naquele sistema legal.

47 *Zakonopravilo svetoga Save* [Nomokánon de São Sava], fo. 156b (Petrović 1991). Rendição indireta a partir da tradução latina de Vatroslav Jagić (1881:91) confrontada com a inglesa de Perkowski (2006:357).

creditada aos camponeses pelo autor da glosa; uma pessoa que, se não é um membro do clero, é alguém com acesso a um livro de enorme importância na biblioteca de um mosteiro. Concretamente, trata-se de um caso, embora distinto, aproximável àqueles em que Aron Gurevich (e historiadores afins) reconhecem uma “presença” popular em um texto clerical. Sem dúvida percebemos aqui uma voz que é dita popular, filtrada pelo autor da glosa.

Todavia é difícil enxergar, nesse passo, algo que se assemelhe a um licantropo ou a um morto-vivo nocivo.⁴⁸ Definidora parece ser a dimensão mítica, a expressão cósmica. Essa figuração de um *vukódlak* “cataclísmico” dá sinais de ter existido em mais de um lugar da Península Balcânica ao longo de alguns séculos.

Por aí se percebe por que o “lobisomem” referido em meu esquema acima é algo mais complexo, distinto do que poderíamos simplesmente denotar com “licantropo”. Permanecemos com essas referências no horizonte, à medida que nos aproximamos de outras figurações medievais.

Bruxa: Do séquito de Diana.

Passemos agora para o segundo pólo tipológico acima proposto: a bruxa, o feiticeiro.

Se considerarmos o escopo da coletânea do *Zakonopravilo* – isto é: não da menção aos *vl'kódlaci* ela mesma, mas do contexto em que o glosador achou por bem inseri-la –, notamos um caráter político do texto, ao lado da pia motivação de extrair o erro e levar à fé verdadeira.

Encontramos o mesmo modo de enunciação noutras tradições do cristianismo medieval, em que esses propósitos retóricos, ou um deles ao menos, também determinam o discurso. Em particular, visto textos ocidentais que, além de compartilharem essa determinação, também viriam a ser um dia implicados na tradição temática do vampiro.

Trata-se, também aqui, de um discurso munido de autoridade que condena a crença ou a prática de um Outro:

Si observasti traditiones paganorum [...] id est ut elementa coleres, id est lunam aut solem, aut stellarum cursum, novam lunam, aut defectum lunae, ut tuis clamoribus aut auxilio splendorem ejus restaurare valere, aut illa elementa tibi succurrere aut tu illis posses, [...] Si fecisti, duos annos per legitimas ferias poeniteas [...]

48 A dúvida é expressa também por Jagić (1874:83), que observa alhures: “seria desejável saber se essa glosa seria de origem puramente eslava, quando e onde teria sido incorporada ao texto do *Nomocánone*” (Jagić 1881:91).

Observaste as tradições dos pagãos [...] isto é, que cultivavas os elementos, isto é, quanto à lua ou ao sol, ou ao curso das estrelas, à lua nova ou à ocultação da lua, que podias restaurar o seu esplendor por meio de teus clamores ou de tua intervenção, ou que podias fazer esses elementos te ajudarem ou tu a eles [...]? Se o fizeste, que tu faças penitência por dois anos nos dias apropriados [...]⁴⁹

Este é um artigo do muito copiado *Corretor et medicus*⁵⁰ de Burcardo († 1025), bispo de Worms, cidade da Renânia meridional. Tem sido muito estudado em função de retomar, de Regino de Prüm (ca. 840–915),⁵¹ a diretriz confessional que ficou conhecida como *Capitulum episcopi*, ou ainda como *Canon episcopi*. O texto condena uma série de ilusões promovidas pelo diabo, tais quais crer seguir em vôo o séquito das bruxas liderado por uma figura feminina.⁵²

Por mais que Burcardo coligisse matéria de penitenciais anteriores, portanto de textos pertencentes ao mesmo gênero, certas imagens ali utilizadas enraizam-se há muito em tradições cristãs, algumas delas desde as passagens da Antiguidade para o Medievo, como em Isidoro de Sevilha:

Scribuntur autem et quaedam monstruosae hominum transformationes et commutationes in bestiis, sicut de illa maga famosissima Circe, quae socios quoque Vlixis mutasse fertur in bestias: et de Arcadibus, qui sorte ducti transnabant quoddam stagnum atque ibi convertebantur in lupos. Nam et Diomedis socios in volucres fuisse conversos non fabuloso mendacio, sed historica adfirmatione confirmant. Sed et quidam adserunt Strigas ex hominibus fieri. Ad multa enim latrocinia figurae sceleratorum mutantur, et sive magicis cantibus, sive herbarum veneficio totis corporibus in feras transeunt.

Escreve-se, também, seja de algumas transformações monstruosas de homens, seja de mutações em bestas, como daquela famosíssima maga Circe, que fez com que virassem bestas todos os companheiros de Ulisses; e dos arcadianos, que por obra da sorte cruzavam

49 Burcardo de Worms, *Corretor et medicus* (livro XIX do *Decretum*), 61, in Schmitz II, 423.

50 O *Corretor* é o 19º de seus vinte *Livros dos decretos*. A apreciação de suas muitas versões manuscritas mostra, contudo, que dele fez-se na prática uma separata, um penitencial autônomo.

51 *De ecclesiastica disciplina et religione christiana* (906).

52 Burcardo o atribui ao Concílio de Ancira (isto é, a moderna Ankara, em 314), seguindo sua contumaz tendência de remeter a papas, sínodos e pais da Igreja o material que ele extraiu de Regino (Schmitz II, 384). Avalia-se hoje em dia que o *Canon episcopi* deve ter sido redigido originalmente não muito antes das primeiras ocorrências a nós conhecidas, ou seja, por volta do séc. IX. Carlo Ginzburg (1991) é um dos historiadores que frisam a associação, precisamente neste contexto, de nomes como Diana, Herodias, Perth, Holda, Oriente, *bona dea* etc. Burcardo reporta que as pessoas assim iludidas afirmariam cavalgar atrás de “Diana, deusa dos pagãos” (*Decretorum* XIX [=Corretor], 90; Schmitz II, 429) ou também a Herodias (*Decretorum* X, 1).

a nado um certo lago e lá eram convertidos em lobos. No entanto, que os companheiros de Diomedes tivessem sido convertidos em pássaros, confirmam-no não de acordo com uma mentira fabulosa, mas [na condição de] prova histórica. Alguns, entretanto, afirmam que bruxas sejam feitas a partir de seres humanos. Pois as formas dos abomináveis mudam em função dos muitos crimes, e eles se transformam em feras seja por cantos mágicos, seja por um feitiço de ervas [ungido] por todo o corpo.⁵³

Magi sunt, qui vulgo malefici ob facinorum magnitudinem nuncupantur. Hi et elementa concutiunt, turbant mentes hominum, ac sine ullo veneni haustu violentia tantum carminis interimunt. [...] Daemonibus enim adcitis audent ventilare, ut quisque suos perimat malis artibus inimicos. Hi etiam sanguine utuntur et victimis, et saepe contingunt corpora mortuorum. Necromantii sunt, quorum praecantationibus videntur resuscitati mortui divinare, et ad interrogata respondere. Nechros enim Graece mortuus, manteia divinatio nuncupatur: ad quos sciscitandos cadaveri sanguis adicitur. Nam amare daemones sanguinem dicitur.

Feiticeiros são aqueles vulgarmente chamados “maléficos”, em função da magnitude de seus sortilégios. Estes tanto turbam os elementos, confundem a mente dos homens, como, mesmo sem administrar um veneno, à força de encantos matam com violência [...] Ouvem pois agitar-se o ar pelos demônios invocados para que, mediante artes funestas, morra cada inimigo seu. Eles também usam das vítimas de sacrifícios e de seu sangue, e com frequência corrompem os corpos dos mortos. São necromantes os que mediante seus encantamentos fazem os mortos parecerem ressuscitados para pressagiar e responder a perguntas. Pois em grego chama-se o morto *néchros*, e a adivinhação, *manteía*: para interrogá-los verte-se o sangue de um cadáver. Por isso diz-se que os demônios amam o sangue.⁵⁴

Nas passagens acima, vemos como o concurso daqueles eixos tipológicos: bruxos têm o poder de transformar a si e a outros em animais (em lobos); invocam demônios e criam a ilusão de que os mortos ressurgam. Ao lado disso, o final do segundo passo citado conecta aos mortos a simbologia do sangue.

É comum que a autoridade eclesiástica ou secular tribute essas crenças e práticas ao paganismo ou à heresia de certas camadas da população.⁵⁵

53 Isodoro de Sevilha, *Etimologiae*, livro XI (“Do homem e dos portentos”, cap. 4 (“Dos metamorfoseados”), 1-2.

54 *Ibid.*, livro VIII (“Da Igreja e das seitas”), cap. 9 (“Dos magos”), 9-11.

55 Se as práticas descritas existiam de fato, ou se servem apenas a um propósito político-retórico do texto, é algo cuja decisão deveria ser complementada, conforme cada caso, com outros dados. Para diversas dessas descrições, porém, sua verificação ou refutação provavelmente permanecerá fora de alcance.

Esse é um *tópos* muito disseminado, encontrado em textos medievais de diversos gêneros. Veja-se o primeiro *Capitulatio de partibus Saxoniae* (~782-785), corpo de legislação⁵⁶ que o governo de Carlos Magno relegou à recém-conquistada Saxônia:

Si quis a diabulo deceptus crediderit secundum morem paganorum virum aliquem aut feminam strigam esse et homines commedere, et propter hoc ipsam incenderit vel carnem eius ad commedendum dederit vel ipsam commederit, capitali sententiae punietur.

Que seja sentenciado à pena capital aquele que crer no diabo enganador e, de acordo com os costumes dos pagãos, acusar qualquer homem ou mulher de ser bruxo e comer homens, e por essa razão atear-lhe fogo, ou der a comer suas carnes ou as comer ele próprio.⁵⁷

Esse artigo de legislação foi repetidamente tomado como evidência de uma arcaica “crença no vampirismo”, ou equivalente, entre populações germânicas.⁵⁸ – Mas uma condenação moral e religiosamente interessada *não equivale* a uma prova factual.⁵⁹ Atenhamo-nos às fronteiras do texto.

Ele prevê que alguns saxões acreditariam, ao modo dos pagãos, que um homem ou uma mulher sejam *striga* (bruxa). O que caracteriza essa bruxaria é a antropofagia (*homines commedere*). Assim convencidos, os saxões podem tomar dois tipos de medida: comburar seu corpo (outra prática condenada pelo *Capitulatio*) ou... comê-lo: a mesma prática imputada, por quem assim acusa, ao suspeito de bruxaria.

56 Os *capitularii* eram atos do poder cujo texto era, em geral, dividido em artigos (*capitulum*). Para Ganshof 1958, os capitulários contribuíram mais para a imagem de legislador de Carlos Magno do que a redação ou a revisão das *leges*, isto é, as “leis nacionais”. A caracterização como “lei escrita”, ao contrário do que possamos hoje imaginar, limitava-se ao princípio prático de sua execução: o essencial era o ato verbal pelo qual rei ou imperador davam a conhecer a decisão tomada, diante da assembleia (*dieta*). Se havia um projeto de édito redigido por escrito, era sobre a base da exposição verbal desse projeto que a dieta legislativa deliberava. É de se supor que as deliberações ocorressem em língua vulgar, ou antes nos diversos dialetos de que iriam nascer as línguas vulgares.

57 *Karoli Magni Capitularia: Capitulatio de partibus Saxoniae*, I, § 6. (MGH Capit., 1883, vol. I, pp. 68-69). A título de ilustração, listo outros itens do do código que deveriam permanecer no horizonte, costumes tidos como pagãos a serem punidos também com pena de morte (§§ 7-10): cremação de cadáveres; recusa do batismo; sacrifício ao diabo; conluio contra pessoas e instituições cristãs.

58 Calmet 1748:305; Hock 1900:30; Summers 1929:228 etc.

59 “The decisions recorded in this capitulary have become notorious in modern scholarship for the uncompromising nature of the insistence, often on pain of death, on the observance of Christian practices, abandoning of pagan rites, paying tithe for the support of the churches and the clergy, and respect for the Christian church. Emphasizing or even exaggerating the paganism of the Saxons possibly reflects an underlying Frankish strategy of defining Saxons as pagan enemies in order to justify the Franks’ treatment of them” (McKitterick 2008:253-254). Ver ainda Bonni Effros, “*De partibus Saxoniae* and the regulation of mortuary custom: A Carolingian campaign of christianization or the suppression of Saxon identity?” (Effros 1997).

Anomalias cósmicas e atmosféricas, metamorfose, práticas cruentas, antropofagia: por aí já se entrevê certa imbricação entre bruxa e lobisomem. E também que o morto e o demônio rondam a presença de ambos.

•

A evolução da bruxa no pensamento medieval é estudada em profundidade no bojo de trabalhos de grande fôlego.⁶⁰ Se *grosso modo* até os primeiros séculos da virada do milênio o *tópos* por excelência da bruxaria nos livros penitenciais poderia ser sintetizado na pergunta *Credidisti...?*, o seu desenvolvimento até as raias da Era Moderna sofrerá uma inflexão a mais significativa. Agora, o pecado já não é *acreditar* em bruxas⁶¹ e seus poderes, mas, ao contrário, travar-lhes convívio e sociedade.⁶² A noção da existência efetiva dos poderes maléficos de condenada passa a afirmada pelas autoridades eclesiásticas.⁶³ Chegou a um termo tangível a progressiva e determinante associação da bruxaria à heresia: a partir de então, será assim teorizada e combatida.⁶⁴

Trata-se de uma época de profundas transformações das instituições clericais e do pensamento cristão; se nos fosse possível dizê-lo tão sucintamente, são os tempos que viram surgir as ordens mendicantes, a universidade e a escolástica, e, particularmente de nosso interesse, florescer uma nova demonologia.⁶⁵

Quanto à bruxa, o marco irretratável dessa inflexão é o *Malleus maleficarum* (*O martelo das bruxas*, publicado na Alemanha entre 1486 e 1487), se não por outra razão, pela inesgotável munição que forneceu para a moderna Inquisição.⁶⁶

60 Para além da leitura das fontes, foi para mim decisivo o contato com as interpretações de Hansen (1900; 1901), H. C. Lea (1939), Caro Baroja (1986), Ginzburg (1991; 2001). Ver também Clark (1999) e Klaniczay (1991; 2010).

61 “*Nam innumera multitudo, hac falsa opinione decepta, haec vera esse credit, et credendo a recta fide deviat [...]*” – extraído da versão de Burchard para o *Canon episcopi* (*Decretum*, XIX ‘*Corrector et medicus*’, cap. 5, §90 in Schmitz II, 429).

62 Comparem-se instruções situadas nos dois extremos da Baixa Idade Média: Burcardo nega e condena a crença de que bruxas tenham o poder de “transformar amor em ódio” ou vice-versa; o *Malleus maleficarum* de Institoris & Sprenger desenvolve toda uma estratégia demonológica a partir da afirmação contrária.

63 Quero com isso indicar uma tendência, não uma hegemonia. Em cada século desse período, seríamos capazes de encontrar autores cujas posições hão de fugir ao desenho, aqui simplificado ao extremo.

64 Lea 1939; Russell 1984.

65 McKay in Institoris & Sprenger 2006; Boureau 2004.

66 Pode-se observar que o grosso da argumentação já se encontrava desenvolvido numa obra anterior, o *Formicarius* de Johannes Nider (1437-1438). No entanto, a recepção do *Malleus* faz dele um livro à parte, influente – o mais barbaramente para as vítimas da perseguição que veio institucionalizar – como poucas obras o foram.

O íncubo, não menos do que os outros tipos cuja tópica é aqui relacionada, é um agrupamento de representações muito diversas, mutáveis também por força de incorporações e reinterpretações ao longo de milênios.

Aos fins do Medievo, para tomar a mesma época de que falávamos acima, o íncubo dos demonólogos⁶⁷ está situadíssimo: é peça fundamental do jogo diabólico. Isso está muito claro no retrato fixado pelo *Malleus maleficarum*, dos inquisidores beneditinos Henricus Institoris e Jacob Sprenger, que marca assim por dizer um termo de chegada do pensamento demonológico medieval.⁶⁸

O livro contém uma extensa argumentação sobre os modos e as motivações da associação entre bruxas e demônios. A tipologia da superstição, tal como se apresentava contemporaneamente aos autores do *Malleus*, não é dada de saída no mundo, mas percebida historicamente, com atrocidades crescentes. De acordo com Institoris & Sprenger, no decurso dos séculos, o mundo cresce em glória, porém ganha requintes de heresia – não havia bruxas no tempo de Jó, mas hoje há. Obtido o consentimento de Deus, a bruxaria realiza-se pela associação entre dois elementos ontologicamente distintos: o demônio e o herege. Uma dentre as mais visadas atividades maléficas é, ao lado de profanar sacramentos cristãos, ofertar em sacrifício uma criança recém-nascida ao diabo. Para tanto, as bruxas buscam o concurso sexual com demônios, afim de engravidar (alternativamente, promovem sua cópula com outras mulheres e depois lhes roubam os filhos).⁶⁹ No *Malleus*, um sem-número de *quaestiones* desenvolvem em minúcias as causas, as modalidades e os problemas decorrentes disso que poderíamos apelidar de “princípio demonológico”.

Parece-me defensável, portanto, afirmar que a demonologia do séc. XV termina de instaurar uma relação de sistema entre *bruxa* e *demônio*; sendo reservado ao demônio-íncubo

67 Até em virtude de sua teorização, o tipo como apresentado em obras de teor demonológico se diferencia das manifestações populares coligadas – testemunhadas, por sinal, numa vastíssima área do território europeu. E também do íncubo entendido como uma patologia (ou um sonho, na linhagem que se segue a Macróbio), isto é, o íncubo dos médicos medievais e tardo-medievais que, em suas apreensões menos interpoladas, seria desprovido da conotação sexual. A respeito desta distinção (às vezes nítida por demais), ver Van der Lugt 2001; 2004.

68 Como o diz Johann Schmidt no prefácio à sua tradução alemã (Institoris & Sprenger 1906).

69 Para os autores do *Malleus* (e outros demonólogos de seu tempo), sendo os demônios dotados de uma corporalidade sutil, não podem por si mesmos engravidar seres de carne. Os demônios primeiro têm de recolher o sêmen de um homem, assumindo para esse fim a aparência de uma mulher (*succubus*); em seguida, assumindo o aspecto correspondente masculino (*incubus*), inoculam-no no ventre da seduzida.

um papel de destaque. Do ponto de vista dos autores do *Malleus*, a ação de bruxas e a de demônios pressupõem-se mutuamente. Daí a centralidade do tipo de pergunta que, no primeiro livro do *Malleus*, se especifica a partir da terceira questão (ou capítulo), inicialmente pelos demônios incubos e súcubos.⁷⁰

Doutra parte, na doutrina cristã, o problema do intercurso carnal/espiritual também é suscitado por uma passagem bíblica (Gn 6, 1-4) que foi objeto de esforço exegético ao longo de toda a Idade Média: nela, diz-se que anjos (ou demônios) tomaram mulheres e com elas geraram gigantes.⁷¹ Os autores do *Malleus* relacionam essa passagem, mediada pelas leituras de Agostinho e de Isidoro de Sevilha, à questão de como demônios poderiam copular com seres humanos:

His presuppositis ad intellectum questionis de incubis et succubis demonibus dicendum, quod asserere per incubos et succubos demones homines interdum procreari intantum est catholicum quod eius oppositum asserere est nedum dictis sanctorum sed et traditionae sacre scripture contrarium, quod sic deducitur. Nam Augustinus hanc questionem non quidem quo ad maleficos sed quantum ad ipsas operationes demonum et ad fabulas poetarum in vno loco mouet et sub dubio relinquit. Licet postea quantum ad processum sacre scripture determinat. Nam li[b]. iij. de ciui. dei ca. ij. dicit. vtrum poterit venus ex concubitu anchisis eneam parere in medio relinquamus. Nam pene talis quaestio in scripturis oritur: qua queritur. Vtrum preuaricationes angeli cum filiabus hominum concubuerunt. Vnde natis gigantibus id est nimium grandibus et fortibus viris tunc terra repleta est.

Tendo antecipado a compreensão da questão sobre os demônios incubos e súcubos, é preciso dizer que afirmar que homens sejam ocasionalmente procriados por demônios incubos e súcubos é tão conforme à fé católica, que afirmar o seu oposto é contrariar não só os ditos dos santos, mas também a tradição das Sagradas Escrituras, como se segue. Com efeito, Agostinho, em certa passagem, levanta essa questão não acerca de feitiçeiros, porém com relação às operações dos demônios e às fábulas dos poetas, e a deixa sem resposta. Ainda que, em seguida, [a] limite aos sentidos das Sagradas Escrituras. Assim diz no livro III, capítulo 2 [sic]⁷² da *Cidade de Deus*: deixemos em aberto se porventura poderia Vênus, da cópula com Anquises, parir Enéias. Pois quase a mesma questão surge nas Escrituras que indagam

70 Assim entendido e nomeado, o súcubo é uma invenção tardia. Demônios já copulavam com homens sob aparência feminina na Alta Idade Média (Beda, Hincmar de Reims), mas não com esse nome. Para um apanhado dessa trajetória, interessado na história das teorias da concepção extraordinária, ver Van der Lugt 2004, aqui esp. pp. 199-201.

71 Em edição contemporânea, baseada na Tradução dos Setenta (*Bíblia de Jerusalém*, 2ª ed.), mantém-se o termo hebraico *Nefilim* (na Vulgata: “gigantes”): “Quando os homens começaram a ser numerosos sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres todas as que lhes agradaram [...] Ora, naquele tempo (e também depois), quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes davam filhos, os *Nefilim* habitavam sobre a terra; estes homens famosos foram os heróis dos tempos antigos” (Gn 6, 1-4). Ver *Malleus maleficarum* I,3.

72 Na obra referida, tal trecho se encontra na realidade no cap. 3 do mesmo livro. Até o momento, a edição de Mackay é a única por mim consultada a apontar as discrepâncias que constatei (embora Schnyder reporte as fontes e referências corrigidas, não indica as inconformidades na sua súmula temática).

se acaso anjos, por abuso, copulariam com filhas de homens. Donde os nascidos gigantes, isto é, homens extremamente grandes e fortes, dos quais a terra se viu repleta, então.⁷³

Temos aqui uma argumentação típica do livro. Ela invoca a autoridade de Agostinho – a seu despeito, uma vez que o mesmo combatera pontos centrais das teses tardo-medievais aqui defendidas. Ao *Malleus* interessa demonstrar a associação efetiva e conseqüente (e não ilusória, como em Agostinho) entre bruxas e demônios, para assim fundamentar a *práxis* da santa inquisição. No trecho que se segue imediatamente ao acima reproduzido, os autores do *Malleus* voltam a citar uma passagem agostiniana; opto, desta vez, por transcrever diretamente da fonte citada, isto é, um célebre passo da *Cidade de Deus*. Ao fazê-lo, visio um duplo interesse. De um lado, acenar para como íncubos serviram a diferentes tratamentos teológicos, retóricos e demonológicos de autoridades cristãs. De outro, principalmente atentar para um procedimento semântico análogo pelo qual há de passar futuramente o vampiro.

Quam quaestionem nos transeunter commemoratam in tertio huius operis libro reliquimus insolutam, utrum possint angeli, cum spiritus sint, corporaliter coire cum feminis. [...] Apparuisse tamen hominibus angelos in talibus corporibus, ut non solum videri, verum etiam tangi possent, eadem veracissima Scriptura testatur. Et quoniam creberrima fama est multique se expertos vel ab eis, qui experti essent, de quorum fide dubitandum non esset, audisse confirmant, Silvanos et Panes, quos vulgo incubos vocant, improbos saepe exstitisse mulieribus et earum appetisse ac peregissee concubitus; et quosdam daemones, quos Dusios Galli nuncupant, assidue hanc immunditiam et temptare et efficere, plures talesque asseverant, ut hoc negare impudentiae videatur: non hinc aliquid audeo definire, utrum aliqui spiritus elemento aereo corporati (nam hoc elementum etiam cum agitur flabello sensu corporis tactuque sentitur) possint hanc etiam pati libidinem, ut, quomodo possunt, sentientibus feminis misceantur.

De passagem, sem a resolvermos, mencionámos esta questão no terceiro livro desta obra: se os anjos, sendo espíritos, se podem corporalmente unir com mulheres. [...] Todavia, testemunha-o a Escritura sempre verdadeira, apareceram anjos aos homens em corpos que podiam ser vistos e até tocados. É voz corrente – e há muitos que dizem tê-lo constatado ou tê-lo ouvido de testemunhos dignos de fé que o constataram – que os silvanos e os faunos, vulgarmente chamados ‘íncubos’, se têm apresentado impudicamente a mulheres, as têm desejado e com elas têm consumado a união carnal. Também muitos, pessoas de tal modo qualificadas que pareceria petulância negar-lhes a fé, afirmam que certos demônios, chamados ‘Dúsios’ pelos Gauleses, tentam e praticam com assiduidade actos impudicos. De tudo isto não ousou declarar se alguns espíritos, tomando um corpo

73 Institoris & Sprenger 1991:23B-C.

aéreo, (de facto, este elemento torna-se sensível, corporalmente tocável, ao ser agitado por um abano) podem experimentar esta paixão de modo a unir-se, à sua maneira, a mulheres que lhes sentiriam os efeitos.⁷⁴

Agostinho, nesse passo que será inúmeras vezes retomado e reinterpretado durante toda a Idade Média, *reduz a um só termo diferentes entidades politeístas*: silvanos, faunos, incubos, dúsios.⁷⁵

De modo que não se pode falar em equivalência *incubi, panes* sem pagar um preço. É em etapas que se constrói essa nova e estável associação entre estupro/sufocamento noturno, pesadelo, entidade silvícola.

A tradução católica, literalmente “universalizante” de Agostinho amalgamou o grego Pã ao itálico incubo e ao gálio *dúsio* (ser mítico ou lendário da qual não nos restou, além dessa, nenhuma fonte independente): ao menos três tradições diferentes resumidas num único nome. A esses, no séc. VII, Isidoro de Sevilha ainda haverá de associar *lamiae*⁷⁶ (ao surgirem os

74 *De civitate dei*, XV, 23, tradução de João Dias Pereira (Agostinho 1996:II, 1401-1402). Eliminei alguns termos originais reportados entre parênteses na ed., os quais julguei desnecessários nesta apresentação bilíngue.

75 A tradução portuguesa que acabo de utilizar não refere um nome ulterior reportado por Agostinho: *panes*, plural para a divindade grega Pã. Em lugar deles, a versão de Dias Pereira – assim como a do *Malleus maleficarum*, em sua citação do mesmo trecho – reporta “faunos”. Note-se, em primeiro lugar, que alguns manuscritos do *De civitate dei* trazem efetivamente “Faunos” e não “Panēs” (cf., dentre outros, Dorsey 1989). Mas o que aqui interessa é o fato de que originalmente *panes* não se identificavam com faunos; tampouco com silvanos. Silvano era um deus itálico, retratado como um velho habitante dos bosques; protetor dos pastores e dos caçadores, assim como Pã; mas, à diferença deste, era também patrono dos campos cultivados e dos jardins, e ainda dos limites territoriais.

Próximo dele, mas distinto, era Fauno, um dos deuses mais antigos e populares da Itália (o “deus favorável”, de *faveo*; *faustus* etc.). Apenas tardiamente é que foi identificado ao grego Pã, e então, em função disto, artificialmente “importado” da Arcádia, de forma a justificar-lhe a presença na Península. A ele dedicavam-se dois importantes festivais romanos, as *Faunalia* e as vetustas *Lupercalia* (sobre as aproximações entre Lupercal, Fauno, Pã, cf. Wiseman 1995). Entre os epítetos de Fauno, encontra-se com efeito *incubus* (ou *incubo*), aspecto com que se divertia a assustar as pessoas e a adentrar as casas de noite para atormentá-las com sonhos maus, donde o termo que em tantas línguas neolatinas designa o pesadelo. (É de se observar que noutras línguas modernas o substantivo comum que designa o “pesadelo” também provém do nome de uma aparição: *alp•traum*, *night•mare*, *cauche•mar*.) Outro aspecto, afim a esse, era denominado *Faunus inuus* (“penetrador”) ou *ficarius* – alusão sexual do figo que subsiste no italiano chulo de hoje. Além destes, registrem-se ainda *fatuus* e *fatuelus*, que descreve seus poderes oraculares (muito lembrada a profecia de Fauno em Vergílio, *Eneida*, VII, 79-95).

Na Grécia, a causar pesadelos era o *ephiáltes*, que pelo menos a princípio não se identificava ao deus Pã. (O termo também foi utilizado, assim como o incubo, no contexto da patologia. Estudos informativos são Laisnter 1850; Roscher 1900; mais recentemente, e focado na medicina medieval, Van der Lugt 2001; 2004.)

76 Ver seção I do Apêndice a esta dissertação.

vampiros, ainda darão pano para manga) e *pilosi*, seres dos bosques com o corpo coberto de pêlos, identificados por Isidoro aos *panites* gregos.⁷⁷

É exatamente disso que se trata: apropriar-se de um imaginário alheio visando um fim retórico-argumentativo. No mais das vezes, essa apropriação resulta num uso estranho ao seu contexto originário, e que finda por suplantá-lo: realocar o simbólico, traduzi-lo para outro discurso.

Corpos e aparições.

Estão entre as mais viscerais a uma cultura as representações que dizem respeito à morte, ao morto e aos termos em que é pensada a sua relação com os vivos. Mal tocaremos em algo dessa natureza, o que está muito além do presente escopo. Trata-se aqui, mais uma vez, apenas de pinçar alguns contornos que podem ser proveitosos num momento subsequente da abordagem temática em torno do vampiro.

Se os tipos – lobisomem, bruxa, incubo – que minimamente situamos em determinados grupos de textos medievais são relevantes face ao que virá a ser o vampiro, um papel de igual relevância, ou ainda maior, é reservado ao morto redivo.

Interessam-nos duas classes de caracterizações: as manifestações dos mortos; as práticas dos vivos para com eles.

Vale lembrar que manifestações de mortos necessariamente envolvem significados cruciais numa sociedade conformada na observância ao dogma de seu trino único deus que se fez homem, morreu e ressuscitou, e que há de ressuscitar em corpo todos aqueles que o fizeram por merecer.⁷⁸

Pois é este o tom de tantas narrativas, aliás muito estudadas, de mortos que voltam, na tarda Idade Média ocidental: alertar, ao beneficiário de sua aparição, para a observância dos preceitos e da ortodoxia cristã neste mundo, que o de lá será rigoroso a esse respeito.

Dessas aparições, o maior número – ou, antes, o número das mais pesquisadas e conhecidas – é de almas que partiram, espectros incorpóreos que narram de suas penas purgatórias e

⁷⁷ Isidoro, *Origines* [*Etymologiae*], VIII, ix, 102-104.

⁷⁸ Um estudo que nos situa frente às dissensões dos hebreus quanto à alma, sua concepção pneumática e sobrevida, e quanto à imortalidade do corpo, é o de Max Weber (1921); outro, o de Adolphe Lods (1906). Por aí vê-se que, do ponto de vista da história das idéias, não é possível compreender o surgimento do cristianismo, e sua posterior trajetória, negligenciando-se esse quadro. Uma passagem significativa do Novo Testamento põe em cena o confronto de concepções em torno da imortalidade da alma entre saduceus, fariseus e o apóstolo Paulo (At 28).

ensinam pelo exemplo.⁷⁹ Essas narrativas, também em virtude dos elementos de composição que fazem delas *textos* (mas não só por disso), interessam ao nosso estudo.

Ao lado delas, um lado aliás desprovido de fronteiras tão delimitantes, encontramos narrativas de *aparições de mortos em corpo*.

•

Atende a esse primeiro recorte um conjunto não desprezível de textos “canonizados” na peculiar perspectiva da bibliografia e da história temática vampiresca. Podemos muito bem começar nosso trajeto com alguns destes, como o seguinte trato do livro supramencionado de Burchard von Worms:

Fecisti quod quaedam mulieres instinctu diaboli facere solent? Cum aliquis infans sine baptismo mortuus fuerit, tollunt cadaver parvuli, et ponunt in aliquo secreto loco, et palo corpusculum ejus transfigunt, dicentes, si sic non fecissent, quod infantulus surgeret, et multos laedere posset? Si fecisti, aut consensisti, aut credidisti, duos annos per legitimas ferias debes pœnitere.

Fizeste aquilo que costumam fazer algumas mulheres por inspiração do diabo? Que, se alguma criança tiver morrido sem batismo, recolhem o cadáver pequenino, depõem-no em algum local secreto e atravessam seu corpinho com uma estaca, dizendo que, se não o fizessem, então a criancinha ressurgiria, podendo magoar a muitos? Se assim fizeste, ou deixaste fazer, ou acreditaste, deves fazer penitência por dois anos nos dias apropriados.⁸⁰

Prevê-se a penitência para três casos: fazendo-se necessário reprimir não só a *prática* individual; mas também o seu *consentimento*⁸¹; finalmente, *que se creia* em qualquer eficácia da prática – *si fecisti, aut consensisti, aut credidisti...*

Atentemos: no que consiste, segundo diz o texto, aquilo a que o diabo instiga? Não apenas numa crença⁸² nociva, porém especialmente em levar uma e mais mulheres a *agir* sobre um corpo morto, corpo portador de tal e tal característica (ausência de batismo *que não basta para justificar* o segundo critério, “criancinhas”: a ordem de associação poderia ser inversa, perfeitamente).

79 Cf. na seção VII. da bibliografia consultada, Schimtt 1999; 2003a; 2003b: 1997.

80 Burchard, *Corrector*, 5, 180 (*Decretorum libri*, XIX – PL 140:972d; Schmitz II:448). Retomado como texto concernente ao vampirismo, dentre muitos outros, por Simrock 1855:489; Mannhardt 1868:275; Hock:1900:30 *et passim*.

81 *Consensisti*: estamos autorizados a depreender daí também o *conluio*, ao lado da *conivência*? (Torrinha, *consentio*: 1. Ser da mesma opinião; decidir unânimemente. 2. Entender-se; estar de acordo. 3. Estar em relação; conformar-se com. 4. Sentir ao mesmo tempo.)

82 Como na colição burcardiana do *Canon episcopi*, distante poucos fôlios da citação acima: “Acreditaste ou foste partícipe daquela credulidade...?”.

A própria sequência dos verbos imputados aos agentes evidencia que se trata de um caso bem diferente do de uma crença estritamente ilusória, por danosa que seja: *fecisti quod... facece solent. tollunt, ponunt, transfigunt, dicentes... si non fecissent. Si fecisti aut consensisti aut credidisti debes poenitere*. (Prevalência do indicativo, afora o discurso indireto na boca das pecadoras.) Quando o “médico corretor” (o autor) diz às mulheres *soem fazer*, quer dar-nos a crer que essa atividade pecaminosa não concerne a casos isolados e sim a um costume. Doutra parte, encontramos os predicados (condicional; subjuntivo) ditos do pequeno cadáver: *Cum mortuus fuerit. surget et ladere posset*.

Salta à vista o multifacetado jogo, estabelecido pelo texto, entre diabolismo (*instinctu diaboli*) e sacramento cristão (*sine baptismo*). A ortodoxia, que é o ponto de vista do “corretor”, não concebe que a falta do batismo possa ocasionar o ressurgimento do pequeno cadáver; ao contrário, quem leva a essa concepção (e à conseqüente ação) é a negação do sacramento, a inspiração do diabo. Note-se que as forças diabólicas não são apresentadas como tendo poder sobre o cadáver imbatizado: não agem *diretamente* sobre o corpo da criança. Elas necessitam, para a realização de seus propósitos maléficos, do concurso de “algumas mulheres”.

•

O exemplo acima, emanado de uma autoridade eclesiástica, integra um *corpus* normativo que regula a vida de uma comunidade. Os textos que examinaremos a seguir são de natureza completamente diversa. Para começar pelo aspecto talvez mais relevante para nossa pesquisa, trata-se propriamente de narrativas.

Os primeiros são extraídos de um livro que tem recebido, nas últimas décadas, bastante atenção de pesquisadores que se dedicam à história cultural e à antropologia histórica da Baixa Idade Média.⁸³ Trata-se do *De nugis curialium* (doravante *DNC*) de Walter Map (ca. 1139 – primeira década do séc. XIII), um clérigo secular de origem galesa ligado ao bispo de Londres, Gilbert Foliot, e à corte plantageneta de Henrique II.

Como observaram Brooke & Mynors,⁸⁴ o legado de Walter Map nos propõe um curioso paradoxo. As obras que durante séculos circularam copiosamente sob seu nome (versos latinos; romances franceses) revelaram-se atribuições espúrias; por outro lado, do único texto que tem sua autoria declarada, resta-nos uma única cópia manuscrita. O livro se apresenta como uma coletânea de estórias memoráveis, algumas mais abertamente edificantes, outras simplesmente curiosas. Nele coabitam versões de fatos históricos ao lado de rendições de

83 Vejam-se, entre outros, Schmitt 1999; Vårvaro 1994.

84 *In* Map 1980:xiii-xiv.

contos e lendas populares (a corte do rei Artur; o envolvimento amoroso com uma fada; o cortejo dos mortos etc.).⁸⁵ A obra ficou inacabada, o que nos impede de julgá-la sob certo enfoque formal ou retórico (p. ex. quanto ao equilíbrio e relação de suas partes).⁸⁶ Tarefa não menos difícil é estimar seu(s) destinatário(s).⁸⁷

Ainda conforme Brooke & Mynors, a oralidade transmutada no texto é objeto de comentários do próprio autor, como quando, por exemplo, contrapõe seus *uerba* e *dicta* aos *scripta* de Geraldo de Gales.⁸⁸ Numa espécie de “carta de intenções” entremeadas a uma narrativa, Map declara seu interesse em registrar relatos que não tivessem sido ainda convertidos em literatura.⁸⁹ As questões entre cultura oral e letrada vêm à tona em diversas passagens do livro.⁹⁰

Vamos às narrativas que diretamente nos interessam. Começaremos por um caso que, conforme o autor, lhe teria sido comunicado por Gilbert Foliot, que dele tomara parte antes de assumir o bispado londrino (*DNC* II,27).⁹¹

Um cavaleiro inglês, William Laudun, procura o bispo Foliot, então sediado em Hereford (cidade inglesa próxima à fronteira com Gales), em busca de auxílio. Na sua vila, morreu um bruxo (*maleficus*) galês, de modo infiel (sem confessar-se, sem tomar os sacramentos). Após quatro noites, dirigindo-se a cada noite à vila, ele se põe incessantemente a chamar cada vizinho pelo nome: estes de pronto adoecem e vêm a morrer no intervalo de três dias.

85 I,31: “Com efeito, uma e outra, a história que se apoia na verdade, e a fábula que recobre coisas inventadas, recompensam os bons com felizes propósitos” (*Nam historia, que ueritate nititur, et fabula, que ficta contextit, et bonos finis florenti beant [...]*, Map 1990:184). A distinção entre uma e outra classe de materiais nem sempre é evidente para nós leitores modernos (Vârvaro 1994:27-29).

86 Nas palavras introdutórias de Fortunata Latella à sua edição e tradução: “[...] *non è un testo compiuto ma si configura come work in progress, come lavoro in attesa ancora di una sistematizzazione e rifinitura, e che, non a caso, l'autore non mise in circolazione durante la sua vita*” (in Map 1990:5).

87 Há pelo menos dois modos de concebê-lo: i) o beneficiário da dedicatória; ii) os leitores que o texto possa ganhar. De acordo com a passagem citada em nota abaixo, o texto dirige-se a cada leitor em particular [*singuli lectores*].

88 In Map 1983:xxi.

89 I, 12: “[...] *dicta scilicet et facta que nondum littere tradita sunt*” (Map 1990:74).

90 Esta, que não esconde um *topos humilitatis*, é bastante citada: “Para vós eu sirvo uma selva e substância não digo de fábulas, mas de vozes correntes; na verdade, não me dedico ao culto dos discursos, nem se quisesse eu o conseguiria. Que os leitores particulares exculpam a matéria rude servida, para que, mediante o seu trabalho, a boa aparência possa vir a público. Sou vosso caçador: trago-vos os animais selvagens para que [deles] preparei os pratos”. [II, 32: “*Siluum uobis et materiam, non dico fabularum sed faminum appono; cultui etenim sermonum non intendo, nec si studeam consequar. Singuli lectores appositam ruditatem exculpan, ut eorum industria bona facie prodeat in publicum. Venator uester sum: feras uobis affero, fercula faciatis.*”] (Map 1990:282).

91 Na seção **III. a)** do Apêndice.

De modo que restam poucos sobreviventes na aldeia. Admira-se o bispo consultado; ele formula uma hipótese explicativa para o fenômeno – “o Senhor, talvez, dá poder ao anjo mau daquele perdido, para que se inquiete dentro daquele corpo morto”. Em seguida, Foliot indica o procedimento a ser seguido: “que o tal corpo seja exumado, e, tendo sido cortado o pescoço com uma pá, que se borriefe o mesmo e a cova com muita água benta, e que [o corpo] seja repostado em seu lugar”. O procedimento aconselhado é seguido, mas em vão: continuam a morrer os poucos que restavam na aldeia. E assim, uma noite, o próprio cavaleiro é invocado, três vezes, pelo corpo vagante. William salta bravamente atrás dele, com a espada em mãos. O corpo escapa de volta à sua cova; quando já ia entrando nela, William o alcança e o golpeia, rachando-lhe o crânio. Cessa a peste.

O relato pressupõe três momentos: acontecido – narrado e inquirido – sequência da consulta. Ele se caracteriza pelas narrativas inseridas noutra narração (Laudun → Foliot → Map). O discurso é direto apenas na primeira parte do relato, quer dizer, até a diretriz dada pelo bispo Foliot.

A narrativa reforça a idéia de um *regime no tempo*: (*decessit satis nuper; statim post quator noctes... | statim vocati infirmantur; infra triduum moriuntur; cessavitque ab illa hora*), pondo em movimento uma numerologia (4 noites, 3 dias) não restrita à temporalidade (chama o nome três vezes). A coletividade (*paucos superstites*) é assolada singularmente: cada vizinho é chamado (*evocare singillatim et nominatim*), adoece e vem a morrer. Há, na hipótese formulada pelo bispo, um análogo princípio individuante na concepção demonológica: “anjo mau *daquele perdido*”.⁹²

As predicações da aparição são extremamente significativas, no sentido de reagirem a um conjunto de “feixes motivicos” afins aos do vampiro (notadamente ao *vrykolakas* como narrado no séc. XVII por Allatios ou Richard [ver cap. 7 *infra*], isto é, como retratado em *textos* que reportavam *práticas e crenças* de povos periféricos para o leitor europeu). Diz-se da aparição no relato de Walter Map: Em vida, *maleficus walensis*; morto, é dito um “perdido”; perpretador do erro; “demônio”; “peste errante”. Trata-se de um *corpo vagante* associado a um *demônio* que ao *nominar* os vizinhos provoca sua doença e morte no intervalo de três dias. (O chamado do morto é entretanto ineficaz sobre o bravo cavaleiro: talvez pela sua pronta reação? Não o sabemos, o texto cala a esse respeito.)

92 Enxergou-se uma remissão canônica do “demônio particular” (cf. Schmitt), entre outras passagens da Escritura, no Salmo 109 (108), 6: “Designa um ímpio contra ele, que um acusador [um satã] se poste à sua direita” (*Bíblia de Jerusalém*, 2ª ed.). Esse “acusador” [wə-šā-ṭān] foi assim vertido: διάβολος [LXX]; *diabulus* (Vulgata de São Jerônimo); *adversarius* (*Nova Vulgata*); *der Satan* (Lutero); *Satan* (King James).

O sobrenatural, atualizado pelo testemunho em pessoa,⁹³ impõe a necessidade de ser explicado; o curso dos acontecimentos, porém, desmente a possibilidade de fazê-lo: *potes-tatem forsitan dedit Dominus; verum tenorem scimus, causam nescimus*.⁹⁴ Em busca disso (*consilium petens*) é que o cavaleiro vem da vila à cidade. Contudo, nem a explicação nem a cura “citadinas” (isto é, do bispo de Hereford) dão conta do fenômeno.

Creio que, no relato acima considerado, a concepção do demônio que se agita e se atormenta (*ut... se exagitet*) dentro de um corpo morto, dita ser a do bispo Foliot, possa ser aproximada da que encontramos numa célebre passagem do *Bonum universale apibus*, de Tomás de Cantimpré (1201-1272), que, senão por isso, se diferencia daquela pelo teor e pelo tratamento: “Do demônio que de noite entrou em um cadáver deposto no caixão para intimar a uma virgem devota, mas ao sinal da cruz fugiu” (II,57,8).⁹⁵

Uma interpretação como a da historiadora Nancy Caciola (1996),⁹⁶ porém, não abonaria essa aproximação entre as mencionadas narrativas de Map e Cantimpré. Vejamos por que. Caciola argumenta em favor de uma divisão entre dois grandes campos de concepções. O primeiro é o oficial, de acordo com o qual o corpo é animado pelo *spiritus* (essência sutil com matizes mais ou menos substanciais, conforme a filiação teológica ou médica do texto); um *revenant*, portanto, só pode ser um corpo animado artificialmente por um espírito impuro e não por si próprio. Já outro pensamento, associado ao que a historiadora chama de *cultural facts*,⁹⁷ concebe uma *virtus* resiliente nas carnes dos mortos.

Para Caciola (1996:19), vários dos relatos de Walter Map falam de corpos vivificados [*living*] e não possuídos. Ela dá como exemplo a narrativa comentada acima, do cavaleiro William Laudun – subentende-se que considere este um caso entre aqueles.

93 No Medievo, o testemunho pessoal (cf. Gurevich 1988) está entre os tipos de argumento mais dignos de crédito (*authoritative*, ocorre-me dizer); vejam-se p. ex. os trechos supramencionados para o incubo (Agostinho, Isodoro etc.).

94 Frase que serviria de autocomentário ao presente estudo: mais do que reconhecer fatos, reconhecer nossos limites em explicá-los conseqüentemente.

95 “*De daemone, qui cadauer in feretro locatum, noctu intrauerat, ad virginem quamdam piam inuadendam, sed assumpto baculo crucis effugatus est*” (Cantimpré 1627:541-543). O capítulo do *De bonum universale...* também nos concerne pelos motivos futuramente “vampirescos” que associa: a vítima do ataque é uma virgem virtuosa; quem o perpetra é um cadáver ressurecto; à meia-noite; a cruz detém, fere e marca a aparição pelo contato. A passagem é bastante estudada na bibliografia consultada.

96 Seu artigo “Wraiths, *revenants* and ritual in Medieval culture” (Caciola 1996) é leitura fundamental para situar algumas questões aqui tocadas. Um valor adicional nas conspícuas indicações de textos primários nos quais Caciola baseia sua argumentação, que os dispõe em um diálogo muito interessante.

97 Caciola 1996:10.

Todavia, não estamos diante de dois caminhos apartados, *possessão* × *não posseção*. Defendo que o interesse reside justo na possível conformação daquilo que nosso olhar historicamente dirigido enxerga como duas vertentes: algo impede que fossem conjugadas? Levando-se em conta esse texto particular, o próprio esqueiramento entre umas e outras concepções não seria em alguma medida estranho a ele?

A narrativa, além disso, introduz explicitamente a *possessão* no campo de concepções: a personagem retórica e histórica de Gilbert Foliot hipotetiza-a com todas as letras. E mais uma vez, quando a aparição é chamada de *fugientem daemonem* (se isso espelha o ponto de vista de Foliot ou o de Map, não o sabemos). No conselho dado por Foliot, Caciola só leva em consideração a água benta e não a cisão do pescoço, uma omissão de não pequena consequência.⁹⁸ Não vejo, como ela vê, Map afirmar que “o corpo se move por sua própria virtude [*power*]”.⁹⁹ Suspende o juízo, como faz o narrador, *não equivale* a descartar uma explicação demoníaca; e sim, ao contrário, reconhecer os limites do discernimento humano e, portanto, implicitamente mantê-la no horizonte.¹⁰⁰

O leitor encontra em apêndice alguns relatos do *De nugis curialium* que apontam para problemas semelhantes.¹⁰¹ Quero anotar aqui um ponto sobre a aparição, para um cavaleiro, de seu pai morto em excomunhão (*DNC II*, 30). Em primeiro lugar, é interessante a situação absolutamente rotineira, quase bucólica, em que vai eclodir repentinamente o prodígio (note-se, no relato, o contraste entre um transcurso lento indistinto do tempo e a chegada súbita do pai morto, sem que se dê qualquer tentativa de explicação para a aparição ter surgido naquele preciso momento).

Como sempre, as nomeações da aparição são plenas de significado: o filho *julga* que aquele que se apresenta com a aparência de seu pai possa ser um demônio (*demonium ratus*). Já o fantasma refere-se a si próprio com o mesmo termo utilizado alhures por Walter¹⁰² – “*miser*” – para significar um morto que não encontrava paz.

98 Aliás: interposto esse filtro bi-cromático (*possessed dead* × *living dead*), antes vejo o bispo aconselhando duas medidas, uma para cada destes aspectos. Na leitura de Caciola, a ineficácia da água benta demonstra que a origem do problema não seria um demônio no interior do corpo.

99 *Ibid.*, p. 20.

100 “In conclusion, Map himself *explicitly* sets aside the demonic viewpoint, and instead opines that the cause of the phenomenon is unknowable.” Grifo meu (Caciola 1996:20).

101 Ver seção **III. a)** do Apêndice.

102 Ou pelo bispo Roger de Worcester: cf. *DNC II*, 28 (também na mesma seção do Apêndice).

Por fim, de grande interesse é a afirmação final do relato, de que o caso tenha suscitado uma discussão teológica tão extraordinária quanto o próprio acontecimento que a motivou (*nouus casus; nouam disputationem*). O que é observado no século e foge à lei ordinária da natureza demanda uma tomada de posição por parte do clero, de quem se espera uma explicação de outra ordem, falida a primeira.

Retomo a narrativa para contrastá-la à acima comentada (*DNC II*, 27) do bruxo galês. O relato do pai excomungado (*DNC II*, 30) é evidentemente aproximável dos tantos casos estudados por Jean-Claude Schmitt (1999) dos mortos que vêm pedir socorro aos vivos para que possam enfim encontrar paz. Não há menção positiva quanto à corporeidade da aparição, a não ser uma sugerida pelo movimento de volta à cova (o que, por si só, não exclui que pudesse tratar-se de um fantasma sutil ou incorpóreo). O morto tampouco é portador de qualquer elemento nocivo, como aliás não se esquece de advertir ele próprio (*nichil tibi sinistrum affero*). Pertence a um tipo de aparição fantasmagórica aparentemente mais comum na literatura latina do período: baste, para dirimir qualquer aproximação direta com vampirismo, atentar para a motivação do regressado, assim como à franca declaração de suas intenções. Entretanto, a cova que se fecha espontaneamente (*sponte*) é sugestiva de um repertório compartilhado com relatos que William de Newburgh inclui em sua *História das coisas inglesas* (séc. XII), a serem considerados a seguir.

•

Decerto ignoro por que os cadáveres de mortos hão de sair dos túmulos para disseminar aos vivos a morte ou o terror no espírito, e retornem aos mesmos que se abrem espontaneamente para eles, o que não é fácil de acreditar, se não fosse por terem-se apresentado repetidos exemplos nos nossos tempos e abundassem os testemunhos. Seria mesmo de se admirar que outrora tivessem acontecido tais coisas, enquanto nada disso se conta nos livros dos antigos, cuja dedicação em geral foi grande em dar a saber por escrito todos os fatos memoráveis. Ainda porque, enquanto [esses autores] anotem cada acontecimento, não negligenciando de modo algum o menor deles, se porventura isso aconteceu naquela era, como se poderia omitir uma coisa tão estarrecedora e assustadora quanto essa? Ora, se eu quisesse anotar toda coisa dessa natureza [que foi] informada ter acontecido nos nossos tempos, isso seria trabalhoso e custoso demais.¹⁰³

103 William of Newburgh, *Historia rerum anglicarum* V, 24 (W. Newburgh 1885:477); ver seção III. b) do Apêndice.

A nós, resta dizer: uma lástima que William não o tenha feito. Hoje, conhecemos um número limitado de relatos tão remotos no tempo, como aqui do século XII, que possuam tantas pontes de motivos em comum com vampiros gregos e balcânicos tais quais narrados a partir do XVI ou XVII. Dispor de mais material haveria de ajudar-nos a compreender como e por que essas narrativas eclodiram àquele tempo na Grã-Bretanha.

Os capítulos 22 a 24 do quinto livro da *Historia rerum anglicarum* (doravante *HRA*) de William de Newburgh formam como um dossiê sobre mortos nocivos vagantes, um assunto à parte na exposição do livro.¹⁰⁴ William (1136-*ca.*1198), um canônico agostiniano sediado no Yorkshire, vota sua História a restabelecer os fatos, no lugar de inventá-los, como fizera com tanto sucesso Godofredo de Monmouth, ao dispensar um tratamento sério às lendas arturianas.¹⁰⁵ Nesses capítulos, traduzidos no nosso apêndice,¹⁰⁶ ele agrupa quatro casos reportados em diferentes lugares: no Buckinghamshire e em regiões confinantes entre Escócia e Inglaterra. Até por sua disposição em bloco, tendemos a lê-los comparativamente, ressaltando os pontos comuns e peculiares a uns e outros.

Para facilitar a remissão, indicarei as narrativas por números: 1. para a contida no capítulo 22 (caso ocorrido no condado de Buckingham); 2. para a do capítulo 23 (em Berwick-on-Tweed, região fronteira da Escócia com a Inglaterra); 3. para a narrativa inicial do capítulo 24 (de “Hundeprest”, o padre dos cães, em Melrose, também ao sul da Escócia); 4. para a última do mesmo capítulo (que se passa no “burgo de Anan” ou “Anant”¹⁰⁷).

Da leitura que faço dos casos, não emana um padrão único. Talvez essa diversidade seja fruto da própria seleção operada pelo historiador inglês que, como vimos, optou por dispor apenas uns poucos acontecimentos exemplares, no lugar de uma compilação exaustiva (uma tarefa fora de alcance, como afirma). A hipótese é coerente com a constatação de que cada relato, tomado individualmente, apresenta caracterizações relevantes não encontradas nos demais.

Num deles, a peste sobrevém somente *depois* que o corpo vagante é cremado (2.), invertendo o padrão que esperaríamos, que ela cessasse após esse procedimento (como em 4.).

104 Recorte explicitado pelas palavras que o concluem: “E assim, tendo exposto o assunto, voltamos ao curso ordinário da História” (W. Newburgh 1885:482).

105 Livro I, “Proêmio à História subsequente” (1885:11-12). Sobre a distinção medieval entre os gêneros da história e da crônica, ver Bernard Guenée, “Histoire et chronique. Nouvelles reflexions sur les genres historiques au Moyen Age” in Poirion 1982:3-12.

106 Ver seção III. b).

107 Alguns (p. ex. Stevenson 1856:IV,II,660; Schmitt 1999:101) o identificam com Annan (Anand; Anant), no Dumfriesshire, região escocesa confinante com a Inglaterra. Outros põem em dúvida esta identificação (p. ex. Havekost 1914:29).

Numa das narrativas, o morto se comporta analogamente ao íncubo, vindo à casa de sua viúva e pesando-lhe em cima enquanto dorme, quase sufocando-a – em seguida aos familiares, depois por toda aldeia indistintamente; uma carta de absolvição revela-se a cura eficaz (1.). Noutra, o cadáver exumado é encontrado inchado, rubicundo e com a mortalha aos pedaços, chegando mesmo a ser predicado como *sanguessuga* (4.). Num único caso (1.), a aparição é assim por dizer seletiva, podendo ser visível apenas para algumas pessoas.

O grupo de narrativas mostra pontos mais e menos coerentes. Trata-se sempre de um *morto vagante*: o que ele opera varia. Em geral, os relatos exibem algum tipo de intermediação de membros do clero (inclusive na fonte reportada por William: “conforme fui informado por um velho clérigo que vivia por aquelas paragens [...] e recordava esse fato que lá presenciara”). Em todos eles, aconselha-se que o cadáver vagante seja destruído pelo fogo (às vezes em complemento a um golpe de enxada), com variada eficácia relativamente ao flagelo associado. Em pelo menos dois casos (1. e 4.), tal prática, que é dita ser corrente na Inglaterra, contrapõe-se aos preceitos oficiais (“aos olhos do venerável pontífice, isso era indecoroso e indigno demais”; “... não há ninguém para nos impedir”). Já noutro (3.), membros do clero aparentam tomar parte da cremação. As aparições dão-se via de regra à noite, razão que justifica o motivo da vigília comunal noturna; num caso ao menos, a narrativa envolve o horário de aparição em uma *amplificatio* (“se, por algum tempo, todas as vezes que se enfurecia desse modo ocorriam durante a noite, depois passou a vagar também à luz do dia”). É recorrente a associação com animais irrequietos (1.), a turba de cães que ladram no encalço da aparição (2.; 4.); noutro relato, a mundanidade do clérigo, quando vivo, se expressa justamente pela sua associação com cães de caça: razão por que fora cognominado Hundeprest pela sua comunidade (3.). Interessante o diagnóstico moral-religioso por inferência, que encontramos em três dos relatos (2.; 3.; 4.): o fato de o morto ressurgir *demonstra* que em vida a pessoa tinha sido iníqua (às vezes até dispensando o recurso à caracterização de uma atitude quetal: “pelo desenlace depois de morto, ficou clara a sua má conduta [em vida]”). Acredito que alguns elementos compartilhados entre as narrativas poderiam decorrer do próprio agrupamento: por exemplo, não excluo uma virtual interpolação na narrativa 2., quando os habitantes da aldeia assolada pela peste formulam uma hipótese sobre o ar infecto que circunda o cadáver, à qual não se dá seguimento. Já na narrativa 4., a hipótese engendra conseqüências (“como se por aquele fogo que consumira o abominável cadáver já tivesse sido purgado o ar, que fora corrompido pelo deslocamento pestilento dele”).

Chega a ser desconcertante o quanto as caracterizações de Newburgh e outras semelhantes (como a primeira acima comentada de Walter Map, *DNC* II, 27) podem ser descritivas de um cenário, e nessa condição lembram relatos que surgem na Grécia a partir do século XVII (Allatios 1645, Richard 1657, depois Lucas 1705, Tournefort 1727 etc.). Mortos ressurgem para vagar pelo entorno ou voltam a casa para procurar os familiares e vizinhos, chamá-los pelo nome, pressioná-los com o corpo etc. A coincidência de motivos é tão impactante, que diversos estudiosos do vampirismo se viram inclinados a procurar, por sob tais elos, uma causalidade que os religasse em uma perspectiva histórica.

A hipótese intercultural que reúne elementos mais plausíveis – sem no entanto serem decisivos para sua verificação –, porém, não concerne a populações eslavas. E sim a uma possível influência nórdica sobre essas narrativas inglesas. Um dos pontos de apoio da hipótese (que evidentemente leva em consideração o domínio viking da Inglaterra, ~sécs. IX a XI) é a relativa frequência de aparições de mortos em corpo em textos nórdicos, em especial sagas islandesas, mas não só.¹⁰⁸ Contamos com diversos exemplos de cadáveres que trazem danos, doença ou morte aos vivos, por exemplo em *Laxdaela saga*, *Eyrbyggja saga*, *Grettis saga Ásmundarsona*, *Flóamanna saga*, *Heiðreks saga*, *Hrófs saga kraka* etc.¹⁰⁹ Algumas dessas

108 A abordagem de um “ramo “nórdico” é uma abertura bastante explorada por interessados em vampirismo. Já Calmet, em meados do século XVIII, relacionava aos *revenants* (e não diretamente a vampiros) um célebre trecho extraído da *Gesta danorum* de Saxo Grammaticus († ca. 1024; ver cap. 7 a seguir).

109 Um recurso precioso de referências é provido pelo banco de dados *Ordbog over det norrøne prosasprog* (*A Dictionary of Old Norse Prose*), mantido pela Universidade de Copenhague (<<http://onp.ku.dk/english/>>, acesso a 6 de fevereiro de 2014), que permite a busca num *corpus* extenso, organizada cronologicamente e remetendo diretamente aos textos indicados. No interesse desta pesquisa, merecem consulta vocábulos como: *draugr*, *haug-búi*, *aftr-gangr*.

Para quem queira conferir essa linha de interpretação, são bastante informativos, naturalmente para além dos textos primários, os estudos de Nora Kershaw Chadwick, Hilda R. Ellis e o já referido artigo de Nancy Caciola. Muito material de interesse é encontrado em Gering 1882, que articula testemunhos nórdicos com autores como Cesário de Heisterbach e Tomás de Cantimpré etc. Com um objeto afim, mas enfoque diferente (mais preocupado com o levantamento e articulação de concepções populares, *grosso modo* datando da Idade Moderna) é o estudo de Reidar Thoralf Christiansen. Já Ernst Havekost, como acenamos, leva a hipótese da influência nórdica sobre concepções inglesas de mortos ativos às últimas conseqüências, não contendo certa *nonchalance* ao fazê-lo. Não se atendo a caracterizações da morte e dos mortos, mas ampliando o espectro cultural, pesquisadores como Francis Magoun Jr. e Hector Munro Chadwick, entre outros, dedicaram atenção à influência nórdica em convenções formulaicas e retóricas inglesas e irlandesas. Muitos dentre esses pontos de vista têm sofrido reconsiderações, mas a questão permanece no horizonte. Uma boa revisão bibliográfica quanto a este último ponto encontra-se em Alexandra Hennessey Olsen.

Para apreciações da religião germânica dos povos nórdicos e sua interação com o cristianismo (vide contraste e sincretismo), cf. os artigos de Hans Kuhn (1967; 1969) e Marco Scovazzi (“Paganesimo e cristianesimo nelle saghe nordiche”, 1967). Para um apanhado da religião germânica em geral, ver Boudriot 1964.

narrativas guardam pontos comuns com levantamentos folclóricos que alhures foram associados ao vampirismo, por exemplo a descrição do morto enterrado de pé.¹¹⁰

Mortos terríveis na Boêmia.

Vamos agora examinar comparativamente testemunhos históricos de duas ocorrências envolvendo mortos nocivos centro-europeus. Trata-se de relatos extraídos da crônica tcheca, relativos a acontecimentos do séc. XIV. Os dois casos, assim como grande parte dos textos aqui examinados, são repetidamente retomados em contexto vampiresco na bibliografia especializada. O interessante é que dispomos de duas versões de cada ocorrido: i) a crônica original, em latim, do mosteiro de Opatovitz, de autoria de Jan Neplach (1322-1371); ii) sua reelaboração no âmbito da grande crônica tcheca de Václav Hájek z Libočan († 1553).¹¹¹ Os trechos em questão encontram-se em apêndice.¹¹²

O primeiro é o caso de Myslata, pastor de uma aldeia chamada Blow. Depois de morto, volta de noite ao povoado e mata os aldeões ao estrangulá-los e ao falar-lhes (quem tinha seu nome chamado morria *em oito dias*). Transpassam-no com uma estaca, a que o cadáver solta uma tirada que se tornará célebre – quase numa pré-figuração de um *tópos* irônico do vampiro, mas também de outras assombrações: ele agradece terem-lhe dado um bastão para se defender dos cães. Comburado, a peste cessa.

O segundo é o caso, bastante similar na versão de Neplach, de uma mulher, na aldeia de Lewin, que depois de morta teima em estrangular os vivos, e continua a fazê-lo mesmo depois de atravessada por uma estaca. Novamente, só a cremação será capaz de restabelecer a paz.

Até onde meu exame da bibliografia pôde chegar, escaparam aos pesquisadores do vampirismo alguns detalhes importantes, que sobressaem ao cotejarmos as respectivas versões de cada relato.

Com efeito, o cotejo das narrativas lança luz sobre algumas diferenças de relevo. No geral, o relato de Hájek é mais rico em descrições e detalhes, o de Neplach, mais sumário.

110 *Laxdaela saga*, cap. 17 (Magnusson & Pálsson 1978:77-78). Sem dúvida, ao levar em conta a hipótese de influência nórdica sobre relatos ingleses do séc. XII a respeito de mortos vagantes, devemos reconhecer que a Escócia foi uma região de notória presença viking, e York, no norte da Inglaterra (em cujo *shire* escrevia William de Newburgh, poucos séculos depois), um importante centro de poder dos invasores. Contudo, é de se observar que, embora uma tal associação seja sugestiva, as condições históricas acenadas não bastam para explicar a correlação dos mortos vagantes ingleses com aquelas instâncias da saga nórdica. A discussão deve dar-se num nível de argumentação inacessível para mim.

111 Utilizei a tradução alemã de Sandel (1596).

112 Ver seção **IV.** do Apêndice.

Este afirma que Myslata foi trespassado por uma estaca, aquele especifica – estaca de carvalho; operação executada por dois carrascos. Em vez de apenas recolher os pés, como narra Neplach, no relato de Hájek o cadáver parece ainda mais irrequieto, esticando e puxando as pernas. O sangue é vertido pelos flancos, e é *como sangue de criança* (um *tópos* localizado hajekiano? ver a coincidência desta descrição no caso seguinte, da bruxa Brodka, como a denomina). As variantes não terminam aqui; para uma apreciação em detalhe, vejam-se em anexo as duas transcrições, com respectivas traduções. Hájek organiza o relato cronologicamente; em Neplach, só ficamos sabendo precisamente do mal causado pelo espectro – a morte dos evocados após oito dias – na frase final da notícia.

No segundo relato, referente aos acontecimentos da aldeia de Lewin, as diferenças são ainda maiores: quiçá evidência de que Hájek dispusesse de outra fonte (escrita ou oral) para além da crônica de Opatowicz. Há toda uma série muito significativa de dados novos. Em primeiro lugar, a *quidam mulier* (“uma certa mulher”) é qualificada: em vida, possui um nome, um marido, é dada a práticas mágicas satânicas. Em função disso, ela é advertida pela autoridades religiosas, mas só passa a esconder seus atos pecaminosos. Explica-se que é durante uma *invocação demoníaca* que Brodka vem a morrer; permanecem ignotas as causas imediatas. Já a essa altura ela apresenta as marcas dos mortos potencialmente perigosos: com efeito, negam-lhe o direito de ser enterrada em solo cristão. Rediviva, ela tem o poder de mudar de aparência, assumindo alternativamente o *aspecto de vários animais* ou o próprio. Na sua segunda exumação, constata-se que ela agarrara a estaca nela fincada (como fizera Myslata, o pastor de Blow, alguns anos antes). Após sua total destruição, ainda por vários dias o local de sua sepultura foi assombrado por um *redemoinho*. Numa palavra: confrontado ao episódio como narrado na crônica de Neplach, Hájek recupera (ou reinsere) nesse segundo relato uma série de caracterizações, associadas cada vez mais estreitamente a concepções demoníacas: invocação de espíritos malignos; proibição de enterro em solo sagrado; metamorfose em animais; redemoinho.

Mas, para além de tudo disso, entre as versões de Neplach e de Hájek há uma diferença – talvez marginal – que chama atenção, um detalhe revelador: o contexto em que um e outro cronista situam os eventos. Neplach, um abade beneditino escrevendo uma crônica monástica, traça acontecimentos notáveis das casas reais européias e da vida religiosa de cada ano (ingresso de um príncipe na ordem dos franciscanos; morte e eleição papais). Hájek, muito significativamente, coordena os eventos inexplicáveis do mundo terreno à ocorrência de fenômenos extraordinários no domínio cósmico, e isto seja para o pastor de Blow (dois

cometas sucessivos, calamidade na produção agrícola), seja para a bruxa de Lewin (manchas solares e lunares, guerra e mortandade).¹¹³

Cerca de duzentos anos separam as redações de uma e outra crônica. Ainda que não se empregue uma denominação específica para os mortos nocivos, pode ser que estejamos diante do testemunho de uma transição crucial: o momento em que *entidades ligadas a fenômenos cósmicos* – como os eclipses provocados pelos *vl'kódlaci* do cânone sérvio¹¹⁴ ou o cometa associado ao nascimento do príncipe Vseslav¹¹⁵ (*Crônica primária russa*) – *passam a ser associados a mortos vagantes e nocivos*. Noutras palavras: uma hipotética evidência do interregno durante o qual tais criaturas (a que um dia se dará entre outros o nome de vampiros), que antes se manifestavam preferencialmente na escala cósmica ou eram beneficiários de sacrifícios, passarão a ser descritas como *revenants*.

Uma Märchen clerical.

Quero considerar um último texto em nossa etapa medieval, e o faço principalmente para relativizar a divisão tão distinta entre narrativas expressivas de um ponto de vista “oficial” contrapostas a outras, ditas “populares”. Acredito que o exemplo seja pertinente, por demonstrar como escandir elementos exclusivamente entre uma e outra categoria seja um procedimento que pode mesmo limitar as conseqüências de nossa interpretação. Tomo, como contraponto inicial, o juízo de Caciola (1996) quanto a um conjunto de narrativas anônimas, anotadas junto a uma compilação de outros escritos.¹¹⁶ Embora essas narrativas já fossem referidas em levantamentos catalográficos, foi apenas em 1922 que as narrativas foram “descobertas”, isto é, transcritas e publicadas pelo medievalista – e ficcionista – Montague Rhodes James (1862–1936).

Como dissemos mais acima, Caciola vê aí, e também alhures, a expressão de *cultural facts*, que se contrapõem à concepção de corpo e alma sancionada pela igreja romana. Também percebo nelas o que se poderiam classificar como “elementos populares”, mas faço-o por outra senda.¹¹⁷

113 Neplach não menciona nenhum fenômeno desse tipo nos anos próximos a 1335; mas anota que “*fulgura in Clathowia et in Pomuk ac tota illa provincia mirabilia sunt operata*” (fo. 39r) em 1345, isto é: no ano seguinte ao acontecimento de Lewin no seu próprio relato; coincidentes no relato de Hájek. As duas crônicas apresentam inconsistências de datas.

114 Algo desta concepção parece estar no *vercolac* rumeno, que suprime a lua e outros astros, estudado em época recente por folcloristas (Cremene 1981:44–47).

115 Ver Roman Jakobson & Marc Szeftel, “The Vseslav Epos” in: Jakobson & Simmons 1949:13–86.

116 Cícero; obras de teor teológico: BL Royal MS 15 A XX.

117 A depender como nos aproximamos de dado texto, ele iluminará coisas diferentes. Em mais de um aspecto, reconheço-me devedor das formulações de Caciola; mas divirjo da interpretação oferecida de alguns textos, talvez por o meu propósito ser outro.

Há, no interesse da presente pesquisa, um ponto fundamental que deve entrar em jogo: a *motivação da aparição*. Por vezes, isto parece estabelecer outra linha divisória que não a visada por Caciola. Vejamos o caso da segunda das *Twelve medieval ghost stories* transcritas por M. R. James,¹¹⁸ que também é a narrativa mais desenvolvida do conjunto. Ela se intitula “Da prodigiosa contenda entre um espírito e um vivente nos tempos do rei Ricardo II” e se encontra transcrita e traduzida em apêndice.¹¹⁹

De início, o fantasma se manifesta, como frisaria Caciola, de forma corporal e danosa ao alfaiate Snowball (da primeira vez, sob a aparência de um corvídeo, causa-lhe um ferimento); mas, invocada a Trindade, as sucessivas aparições vão assim por dizer domesticando o espírito. Assim conjurado, ele enfim revela sua motivação – pedir ao alfaiate que este procure determinado sacerdote e lhe rogue sua absolvição. A aparição termina por explicar ao “beneficiário” da visão como curar a ferida que ela mesma lhe infligiu (voltarei a este ponto). Mesmo admitindo que o texto seja portador de uma representação não oficial, de *cultural fact* (para não usar a palavra “popular”), a narrativa evidentemente ao mesmo tempo responde a modelos clericais, tão bem tipificados na literatura dos *exempla*; portanto, expressa também essa voz.

Mas: *que corpo é esse*, da aparição? Ele é o próprio mote da narrativa, com suas transfigurações (“corvo” – “como turfa” – “como flecha a voar” – “cão encoleirado”); fala pelas vísceras, “sem a língua falar”. As manifestações corporais da personagem, agora entendida narrativamente, não deixam de lembrar o mundo da *Märchen* (p. ex. solta faíscas ao bater as asas). Se quiséssemos condensar essa percepção num único ponto: para transfigurar seu corpo, a aparição *se joga ao chão*, exatamente como fazem as personagens dos contos maravilhosos. Levanta-se então com o novo aspecto assumido.

Traços próprios de narrativas populares não terminam aí. Veja-se a cura que a aparição receita para o alfaiate ferido no primeiro encontro: “*Vai portanto até junto de tal torrente, descobre a lápide, a qual [deves] levantar pelo lado, e toma a pedra arenosa [que está] debaixo dela, lava então todo o corpo com água e esfrega com a pedra e irás sarar em poucos dias*”.¹²⁰ Senão pela afirmação final,¹²¹ tal conselho bem poderia constar num conto popular; em perspectiva proppiana, esse episódio aproximaria o oponente de um doador. Mas também

118 James 1922:415–418.

119 Ver seção III. c). do Apêndice.

120 “*Tu ergo vadas ad torrentem et inuenies lapidem latum quem eleues et sub illo lapide capias petram arenariam. laues eciam totum corpus cum aqua et frica cum cum petra et sanaberis infra paucos dies.*” (in James 1922:417)

121 No conto popular, o objeto mágico é ofertado sem que o acompanhe qualquer explicação; nada se fala sobre como se deve empregá-lo, mas o herói sempre o faz do modo correto (Lüthi 1982).

é significativo que tal frase se siga a esta: “*Saibas, pois, que no dia da próxima lua eu e mais trinta outros espíritos rumaremos para a felicidade eterna*” – a qual expressa sem sombra de dúvida uma religiosidade conforme à concepção teológica de seu tempo (a “invenção do purgatório” na expressão popularizada por Le Goff). De acordo com certa corrente de historiadores, ver-se-ia aqui o fenômeno por eles chamado de “religião popular”.¹²² Meu interesse, contudo, restringe-se aos textos, já complexos e numerosos o suficiente, e menos à dimensão social (a religião, suas comunidades e exclusões) que deles seria de se depreender.

É certo, por outro lado, que encontramos aqui pouco ou nenhum traço da abstração e unidimensionalidade que para Max Lüthi (1982) caracterizam a *Märchen*. Em resumo: *Não se pode falar numa simples sobreposição de registros*, como motivos populares travestidos em um estilo culto, nem vice-versa. Pois o que é aproximável do popular não são somente determinadas “explicações” maravilhosas, mas também elementos formais (como o triplo [*Dreifach*] etc.).

•

No alcance do material examinado, munidos portanto de raros testemunhos quanto a upiros e vucódlaques medievais, uma série de atributos do futuro vampiro teriam sido imputados a demônios e a mortos ativos europeus centrais e setentrionais durante a Baixa Idade Média. No que concerne aos mortos, esses testemunhos são contemporâneos, em alguns casos talvez até mesmo anteriores à mobilização desses atributos na literatura de grupos lingüísticos de onde, etimológica e folcloricamente, o vampiro é tido provir. Em síntese: a cronologia da temática, como adverti, não é subsumível a um progresso linear. Qualquer modelo que queira espelhar minimamente a realidade será muito mais complexo.

Seriam as coincidências pinçadas de textos islandeses, britânicos, centro-europeus e balcânicos suficientes para inferirmos, por indução, um mesmo substrato quanto a concepções da morte e a ritos funerários? (Dito de outro modo: que, na linha defendida por Lecouteux, haveria sim uma “crença comum”, alastrada em larga escala, de que determinados mortos poderiam deixar os seus túmulos para trazer danos aos vivos.) Não tenho condições de avaliá-lo. À primeira vista, porém, as narrativas medievais inglesas de *revenants* apresentam-se mais como ocorrências isoladas do que como a regra. William de Newburgh fala em crenças muito difundidas na Inglaterra de seu tempo, mas, se era efetivamente assim, hoje

122 Objeto de tantos trabalhos de Raoul Manselli; ver também uma crítica a tal perspectiva em Vincensini (1996).

disso temos escasso testemunho.¹²³ Seja como for, na hipótese de que tenha existido um sistema de crenças parcialmente compartilhado entre eslavos, germânicos continentais e nórdicos, há pouca dúvida que estas sofreram ao longo dos séculos seus próprios desenvolvimentos – muito embora com situações reconhecíveis de interação. Provavelmente a mais observável é a que se deu entre eslavos e germânicos nas regiões do Leste Europeu que se convencionou chamar de *Germania Slavica*.¹²⁴

Resta efetivamente, quanto ao que poderíamos chamar de pré-história ou proto-história dos vampiros, nada mais do que conjecturas. Na verdade, temos sim algo a mais, que é sabermos na impossibilidade de conhecer um fenômeno remoto e obscuro, pelo menos enquanto as condições para o nosso conhecimento não sofrerem uma mudança de relevo (promovida pelo aporte de novas evidências ou por uma nova maneira de levá-las em consideração).

De palpável, temos textos que mobilizam grupos de motivos afins aos tematizados pelo tipo do vampiro, admitindo serem considerados à luz dos horizontes tipológicos propostos.

E temos, ao lado disso, algumas marcas significativas provenientes de ambiente eslavo, como busquei expor na comparação entre as crônicas de Neplach e de Hájek.

É precisamente *no hiato entre* esses dois textos, um fazendo uso do outro (pois Hájek explicita sua fonte), que pude perceber um tênue e por ora hipotético sinal: a confluência entre as simbologias, de um lado, do morto que ressurge, do outro, do *vukódlak* medieval (isto é, uma classe de representações que aparenta ter de mais característico a manifestação cataclísmica). Por se tratar de uma citação explícita (e não de uma alusão ou equivalente), o elo entre as instâncias é carregado de uma conseqüência temporal e textual, que autorizaria um passo além daquele limite cético wittgensteiniano, que reduzia toda inferência evolutiva a uma *coincidência formal*.

123 Retrável na leitura associada de Walter Map, William of Malmesbury etc. A historiadora Nancy Caciola discordaria dessa minha leitura, pois vê aí um padrão claro e reconhecível (Caciola 1996:17). Já – noutro contexto – Carlo Ginzburg (1991:119ss), em sua reconstituição das origens do sabá, privilegia justamente as anomalias, por indicarem uma voz que escapa à normalização processual e clerical.

124 A levar em conta, não apenas as invasões eslavas na Alta Idade Média (notadamente a ocupação de áreas hoje localizadas na Alemanha), mas também, doutra parte, a *Ostsiedlung* – colonização germânica do Leste Europeu, cujas etapas decisivas se deram entre os sécs. XII e XIII. Ver, a respeito, o informativo capítulo de Joachim Hermann, “Schichten und Klassen der slawischen Stammesgesellschaft im deutschen Feudalstaat und bei der Ethnogenese des deutschen Volkes – Ein Ausblick”, em especial sobre o processo de assimilação de grupos eslavos em sociedades predominantemente germânicas (“*Daher brach die kultisch-religiöse Welt der slawischen Stämme sehr schnell zusammen. Nur Reste und Relikte niederer Kulturvorstellungen, Dämonenglaube u. a. hielten sich und wurden im christlichen Sinne umgedeutet*” Hermann 1985:445).

Quero dizer: mesmo esgueirando-me junto a bibliografias e competências de difícil domínio, vejo aí um papel inalienável dos estudos literários – no que tange a algumas questões suscitadas pela temática do vampiro, um papel hoje explorado aquém de suas possibilidades. Como acredito ter apenas acenado acima, a hermenêutica comparatista é uma aproximação que pode vir a enriquecer em muito a compreensão dos fenômenos que se nutrem da temática.¹²⁵

•

Se fomos capazes de individuar algumas “analogias formais” ou “tópicas” dos documentos e obras medievais aqui examinados para com o futuro tipo do vampiro, alguns leitores defenderão que esses mesmos elementos são perceptíveis enquanto manifestações de um caráter “popular” que irrompe nos textos.¹²⁶ Eventualmente, argumentar-se-ia que, numa e noutra etapa de desenvolvimento (aqui, os primeiros séculos do segundo milênio; quanto ao vampiro propriamente dito, a Era Moderna), seria esse mesmo caráter popular o responsável por moldar o tipo que aqui estudamos. Contudo, note-se que os habitantes desse invocado universo já se encontram *submetidos ao texto*, vale dizer, a princípios determinados de composição do discurso. Como devemos, nessas condições, julgar e valorar a “voz popular” entretextuada? Quereríamos fazer nossa a verve de Walter Map: Essa voz, ele no-la oferece, ao lado de outras, num artificio “estado bruto”: cada um faz o que quiser disso, diz ele ao leitor.¹²⁷ Também Gervásio de Tilbury reporta a voz corrente, que não é uma senão muitas, e nem por isso deixamos de reconhecer a voz que as amarra. Seja qual for a proveniência que se queira arrogar para os motivos individuais (p. ex. monstros noturnos hematófagos em Gervásio), estes foram incorporados ao acervo de recursos do texto: retóricos, argumentativos, narrativos, poéticos.

Entretanto, a mera disposição dessas balizas conceituais e simbólicas, por exemplo como discerníveis sob a forma de motivos poético-narratológicos, por si só não *leva* teleologicamente ao vampiro. Numa palavra, não basta ainda para explicar que tenham sido remodeladas sob essa nova figura, e de que maneira. (Antes disso, como veremos, será necessário importá-la e traduzi-la.)

125 Em diversos casos, nem nos vemos obrigados a levantar novos materiais: basta lê-los comparativamente, naturalmente para aquém dos automatismos.

126 São aspectos estudados por um grupo de historiadores e críticos literários que vai de Gurevich a Vârvaro passando por Schmitt, Poirion, Stanesco & Zink etc. Alguns deles chegam mesmo a falar em uma “repressão” do material folclórico na literatura que precederia a essa sua irrupção na Baixa Idade Média.

127 DNC II,30 – ver acima.

O balanço de uma leitura como a que buscamos realizar acima traz à tona alguns possíveis ganhos para a compreensão histórico-cultural do vampiro, sem escamotear evidentes limites. De um lado, vê-se que uma série de escritos medievais de diversos gêneros textuais – tais como *exempla*, capitulários, penitenciais, *mirabilia*, história, crônica, e ainda textos que escapam a uma classificação genérica simples – nutrem uma vasta tópica, não exclusiva desta ou daquela afiliação temática. O olho e o olhar extraordinários, que um dia ajudarão a caracterizar o vampiro (e os anti-heróis da *gothick novel*), no Medievo contribuem para a descrição de seres demoníacos, de algo aproximável ao mau-olhado ou até da exótica avestruz, com cujos olhos vermelhos e providos de poderes simpáticos ela choca seus ovos.¹²⁸

O que é certo, e talvez determinante para avaliar o peso dessas tradições, é que no período medieval nem de longe aqueles casos, atribuíveis a “proto-vampiros” no entender de alguns, são capazes de *fundar uma temática*. A idéia fica muito tangível pela seguinte oposição.

Tomem-se os motivos do bando de Herla ou Hellequin (o cortejo dos mortos); a fada que mantém uma relação erótica e afetiva com um humano (de que Melusina é provavelmente o exemplo mais cristalizado); o *loup-garou*: eles se prestaram, no tardo Medievo, a uma expressão mais e menos fecunda, em todo caso, uma expressão bem estabelecida. Ao lado dessas, coloquem-se, também alegadamente devedoras de representações “populares”, as temáticas do rei Arthur e de Tristão, que estão, relativamente ao vampiro, assim por dizer diametralmente na outra ponta, ao terem sido repetidamente utilizadas para a composição de grandes peças literárias daquela época. Ainda outro posto ocupam os espectros exemplares que aparecem aos vivos para aconselhá-los ou rogar sua ajuda, objeto de extensa literatura clerical.

Sem sombra de dúvida, nada parecido ocorreu com o “vampiro”, que um viés atualmente bastante difundido de leitura insiste em lá reconhecer. As figuras que hoje alegadamente podemos chamar de “vampirescas” e que comparecem *ad hoc* nos manuscritos medievais não possuem uma fração da repercussão de que gozaram aquelas acima. Por vezes, encontramos estas e aquelas nos mesmos livros.¹²⁹

Em que sentido deveríamos então entender uma virtual articulação entre literatura (tardo-) medieval e vampiro? O capítulo a seguir busca articular uma possível maneira de respondê-lo.

128 Cf. Lecouteux 1995:61.

129 Como em Walter Map e Gervásio de Tilbury, ambos clérigos seculares que serviram na corte anglo-normanda dos Plantagenetas (também freqüentada, com grande probabilidade, por Marie de France, em cujos *lais* vernaculares comparecem algumas dessas personagens e temáticas). Contextualização baseada em Vårvaro 1994; Poirion 1986, 1995; Schmitt 1997, 1999; Harf-Lancner 1985 e “Introduction” a Couldrette 1993.

Parte IV
Um fenômeno europeu

Cap. 7

O dito vampiro

Ea est humani ingenii conditio, Vir clarissime, ut, neglectis recentioribus, & de quibus non temere, sed certe, cum ea propriis oculis usurpat, dijudicare potest, ad remotiora, & quae jam longo temporum intervallo evanuerunt, nec conjici possunt, conatus omnes suos intendat, eaque ex penetrabilibus antiquitatis, conjectura levi, vitroque fallaci, nec id, quod est, sed aliud longe diversum referente, augurans expiscetur. Hinc saepissime ridiculi fiunt scriptores, &, cum se placuisse aliis existimant, ab iisdem, quorum benevolentiam affectant, & quibus palpum obtrudunt, ludibrio habentur. Erit etiam, cum haec nostra futuris aetatibus, ab iis, qui eruditionis famam ambiunt, sedulo perquirentur, in quibus referendis nos, qui ea vidimus, non nugari eos, sed plane insanire diceremus, quod longissima, & à veritate disjunctissima commemorabunt.

Mais distinto senhor: é da condição do engenho humano que – pondo de lado as coisas mais recentes, em relação às quais é capaz de emitir juízo não fortuito, mas seguro, uma vez que as apreende com os próprios olhos – dirija todos os seus esforços para as coisas mais remotas (que, já desaparecidas há um longo intervalo de tempo, não podem ser conjecturadas) e, vaticinando por uma conjectura leviana e uma lente falaciosa, ao se referir não o que é, mas a algo muito diferente, pince-as dos recônditos da antiguidade. Daí a grande freqüência com que os escritores caem no ridículo e, embora estimem que agradam aos outros, são tratados com escárnio por aqueles mesmos cuja benevolência buscam e aos quais impõem lisonjeios. Assim será nas épocas vindouras, visto que estas nossas serão pesquisadas com empenho pelos que ambicionam a fama da erudição; naquelas coisas que forem dignas de referência, nós, que as vimos, não diríamos que eles se enganam, mas que são loucos mesmo, pois narrarão as coisas mais afastadas e desatreladas da verdade.

Leo Allatius (Leone Allacci), *incipit de De Graecorum hodie quorundam opinionationibus* [Allatius 1645: 114].

Die Nacht- und Grabdichter lassen sich entschuldigen, weil sie so eben im interessantesten Gespräch mit einem frisch erstandenen Vampyren begriffen seien, woraus eine neue Dichtart sich vielleicht entwickeln könnte [...]

Os poetas noturnos e macabros pedem desculpas por estarem metidos numa conversa interessantíssima com um Vampiro recentemente criado, na qual vêem a possibilidade do surgimento de uma nova forma poética [...]

Goethe, *Fausto II*, indicação cênica, “Sala com vastos aposentos contíguos”, Primeiro Ato, tradução de Jenny Klabin Segall [Goethe 2004: (II) 116, 117].

Plano do capítulo 7

I. Na ante-sala do vampiro

Princípios de ordenação, “Uma nova descrição do mundo” p. 234

II. Nova ciência

Vivência etnográfica e literatura antiga p. 238 – Trazendo o oculto à luz p. 240 – De vivos e mortos gregos p. 245 – *Vampyrus serviensis*, vulgo *Blutsauger* p. 250 – Vampirizando os mortos germânicos, ou vice versa p. 256

III. Ganhar o mundo

“Cada século... possui seus preconceitos” p. 263 – Cultura “folclórica” × “douta” : condições de circulação do discurso p. 268 – Uma combinatória peninsular? p. 270 – Povo e cultura popular como *loci communes*. A figuração do Outro p. 273 – “*L’élégance d’un littéraire*” p. 277 – „*Wie ein Naturlaut*“, ou um componente culto na poesia popular p. 280

Relação de obras diretamente citadas no capítulo:

Data	Autor/ Compilador	Título	referência bibliográfica utilizada
séc. XI	Burcardo de Worms	<i>“Corretor et medicus”</i>	Schmitz I; II
séc. XII	William of Malmesbury	<i>Geste rerum Anglorum</i>	Malmesbury 1840
séc. XII	William of Newburgh [®]	<i>Historia rerum anglicarum</i>	Newburgh 1856
1510-1533	Cornelius Agrippa	<i>De occulta philosophia</i>	Agrippa 1992
1566	[Martinho Lutero]	<i>Tischreden...</i>	Lutero 1921
1601	Martin Böhm	<i>Die drey grossen Landtplagen...</i>	Schürmann 1990
1605	Pierre Le Loyer	<i>Discours et histoires des spectres...</i>	Le Loyer 1065
1610	Heinrich Kornmann	<i>De miraculis mortuorum</i>	Kornmann 1610
1621-1638	Robert Burton	<i>The anatomy of melancholy</i>	Burton 2001
1645	Leo Allatios [®]	<i>De graecorum hodie... opinionationibus</i>	Allatius 1645
1657	François Richard	<i>Relation de ce qui s'est passé... à Saint-Erini...</i>	Richard 1657
1666	Johannes Praetorius	<i>Anthropodemus plutonicus</i>	MGH Capit. 1 (1883)
1670-1709	C. F. Garmann	<i>De miraculis mortuorum</i>	Garmann 1670; 1709
1679	Philippus Rohr	<i>Dissertatio historico-philosophica de masticatione mortuorum...</i>	Rohr 1679
1692	Paul Ricaut	<i>Histoire de l'estat de l'Église grèque...</i>	Ricaut 1692
1705	Paul Lucas	<i>Voyage... au Levant</i>	Lucas 1705
1717	Jerzy Gengell [®]	<i>Eversio atheismi</i>	Gengell 1717
1721	Gabryel Rzączyński [®]	<i>Historia curiosia regni Poloniae</i>	Rzączyński 1721
1725	[Frommbald]	<i>“Copia eines Schreibens[]aus dem Gradisker District in Ungarn”</i>	Frommbald 1725
1725	Michael Ranfft	<i>De masticatione mortuorum</i>	Ranfft 1728
1727	J. Pitton de Tournefort	<i>Relation d'un voyage dans le Levant...</i>	Tournefort 1727
1731-1741	Otto Graben vom Stein	<i>Unterredungen vom dem Reiche der Geister</i>	Graben vom Stein 1731
1732	Glaser	<i>“Bericht”</i>	Hamberger 1992
1732	Johann Flückinger et alii	<i>Visum et repertum</i>	Flückinger 1732
1734	Michael Ranfft	<i>Tractat von der Kauen und Schmatzen der Todten...</i>	Ranfft 1734
década de 1740	Giuseppe Davanzati	<i>Dissertazione sopra i vampiri</i>	Davanzati 2011
1746	Augustin Calmet	<i>Dissertation sur les apparitions..</i>	Calmet 1746
1775	Voltaire [®]	<i>Questions sur l'Encyclopédie...</i>	Voltaire 1775
1797	J. W. Goethe	<i>Die Braut von Korinth</i>	Goethe 1964
1805-1808	A. Arnim & C. Brentano	<i>Des Knaben Wunderhorn</i>	Arnim & Brentano 1979
1813	Charles Nodier	<i>“Poésies illyriennes”</i>	Nodier 1813
1819-1820	John Keats	<i>“La belle dame sans merci”</i>	Keats 1871
1819-1820	John Keats	<i>“Lamia”</i>	Keats 1871
1827	Prosper Mérimée	<i>La Guzla...</i>	Mérimée 1827
1832	J. W. Goethe	<i>Faust II</i>	Goethe 2004
1872	Leopold von Sacher-Masoch	<i>“Die Todten sind unersättlich”</i>	Sacher-Masoch 1877a
1872	J. S. Le Fanu	<i>“Carmilla”</i>	Le Fanu 1872

O símbolo [®] indica que, das obras referidas, trechos correspondentes à argumentação se encontram no Apêndice.

I. Na ante-sala do vampiro

Voltemos um instante às concepções da bruxaria e da demonologia, agora dos sécs. XVI-XVII. *Stricto sensu*, é claro, não podemos falar simplesmente em *uma* demonologia ou *uma* teoria sobre as bruxas, em bloco. Se Johann Weyer (*alias* Wier, Wierus, 1515-1588) bate-se por reconhecer causas médicas na origem de uma condição psicológica que levará mulheres a serem acusadas de bruxaria, o demonólogo e jurista Jean Bodin (1530-1596), que como juiz tomou parte em tais processos, aí vê o fruto efetivo da atividade dos demônios. Mesmo que um Martin Del Rio (1551-1608) reconheça os excessos de falsos exorcistas, ele o faz para melhor individuar a verdadeira bruxaria, sobre cuja real existência não paira dúvida.

Com o progressivo desenrolar da produção e da circulação dos impressos, essa massa de perspectivas presta-se a copiosa citação, crítica, debate. Acirram-se as tomadas de posição com o cenário da Contra-Reforma. Nos clichês, os “papistas” são retratados em sua credulidade supersticiosa; os reformados, como extraviados rumo à heresia e à lesa-majestade.

Ao lado de tratados sobre bruxaria, vêm à luz uma miríade de livros sobre espectros, fantasmas, todo tipo de aparições sobrenaturais. Neles, percebe-se o esforço, resultando em diferentes soluções, de submeter os diversos fenômenos a um tratamento sistemático. A obra de Pierre Le Loyer (1550-1634), *Discours, et histoires des spectres, visions et apparitions des esprits, anges, démons, et âmes, se monstrans visibles aux hommes* (1605) é ilustrativa de um princípio compendiador, quase catalográfico. O autor examina um sem-número de casos relacionáveis às aparições do título, extraídos de uma grande gama de fontes bibliográficas e elencados alfabeticamente em seu índice.

Poderíamos contrastar entre si outros dois autores do séc. XVII, também expressivos de um espírito afim a esse. De um lado Robert Burton (1577-1640), que estabelece duradoura carreira como vigário junto à Universidade de Oxford, escrevendo e reescrevendo ao longo dos anos um mesmo livro em que dissectiona as patologias da condição humana segundo categorias analíticas. De outro, Johannes Praetorius (1630-1680) que, a despeito de seus

continuados esforços, jamais sucede em tornar-se professor em Leipzig, e dá vazão à sua verve compiladora da matéria científica e popular de seu tempo em muitas dezenas de livros, preferencialmente neles dispondo-a segundo um eixo acróstico, numérico ou alfabético.¹ Há discussão quanto a se poderíamos chamar um e outro com propriedade de “poli-históricos”.² O certo é que cada um deles recolhe, no bojo de sua respectiva obra – um num livro apenas, outro em quase uma centena de publicações –, como o espelho do mundo: são veículos diferentes de um ecletismo que expõe ao leitor a complexidade do saber e do comportamento humanos.³ A coisa se passa como se o princípio ordenador de *pôr em relação*, que também encontramos em Le Loyer, agora viesse para o primeiro plano: deixasse de ser moldura para se tornar, em alguma medida, o propósito mesmo da obra (ver ilustrações à próxima página).

Vamos confrontar a maneira como esses dois autores europeus do séc. XVII valem-se de uma mesma narrativa grega antiga, que em breve se verá centralmente implicada na reconstrução bibliográfica do vampiro. Trata-se de uma narrativa do *De mirabilibus* de Flégon de Trales (liberto do imperador Adriano, séc. II).

Eis, em linhas gerais, a trama, cujo início se perdeu (mas pôde ser reconstituído por outra fonte): O jovem Makhates, da cidade de Pela, encontra-se em Anfípolis, hospedado na casa dos amigos de seus pais, Demóstrato e Kharitos, que perderam há pouco uma filha, de nome Filínion.⁴

Noite. Uma ama aproxima-se do quarto do hóspede, onde divisa, junto dele, a filha que fora sepultada alguns meses antes. Corre aos aposentos dos senhores da casa, a quem reporta tê-la vista, viva. Atormentada pela notícia, a mãe demora a decidir-se conferir com seus próprios olhos; quando chega ao quarto, o hóspede já dorme, acompanhado de uma figura feminina. Quando volta cedo pela manhã, ao contrário, a moça já fora

1 Refiro-me ao escritor nascido Hans Schultze e não ao astrônomo que publicava sob o mesmo nome. Por sinal, no período houve pelo menos oito autores alemães que assim assinavam suas obras (“Die Doppelgänger”, como os chama Waibler 1979b).

2 Ver Williams 2006. No Barroco (W. Schmidt-Biggemann, “Polyhistorie/Polymathie” in Ritter & Gründer cols. 1083–1085), a polihistória ou polimatia – uma aproximação enciclopedística, multifacetada dos saberes – ganha um valoramento positivo, em contraste com o de filósofos antigos, ou a de autores a partir do séc. XVIII (Malebranche: “il n’y a que la fausse erudition, & l’esprit de polimathie qui a pû rendre les citations à la mode comme elles ont été jusqu’icy [...]”, *De la recherche de la vérité*, livro IV, cap. 8, 3. Paris: Michel David, 1700, vol. 2, p. 66).

3 Mesmo o subtítulo do livro de Praetorius aqui considerado (1666) explicita um caráter totalizante do discurso [~kata•logos]: *Eine neue Welt-Beschreibung*, “Uma nova descrição do mundo”.

4 Aos leitores de Goethe, não há de escapar a similaridade desse enredo com o de sua balada “vampírica”, *A noiva de Corinto*.

Ilustração: Ordenação analítica em Burton (Oxford: 1651);

acróstica e alfabética em Praetorius (Magdeburg 1666).

[Reprodução de cópias digitalizadas pela Bayerische Staatsbibliothek de Munique]

embora. Acordado Makhates, este narra: a moça disse chamar-se Filínion; confessou-se atraída por ele, mas advertia que vinha visitá-lo sem o consentimento dos pais. A comprovar seu relato, Makhates exhibe as prendas apresentadas pela moça: um anel dourado e a cinta que lhe cingia o busto. Reconhecendo os objetos, a mãe desespera em luto. Makhates promete avisá-los quando a moça vier para sua visita noturna. À dada hora, Filínion comparece ao quarto; Makhates duvida se está mesmo em companhia de uma morta (mais provável que alguém tivesse roubado os pertencas à sua cova) e, dissimulando suas intenções, manda avisar os pais. Estes chegam ao quarto e constataam a efetiva aparição de sua filha morta. Ela lhes adverte que não surgiu contra a vontade dos deuses e, sem ocasionar dano nenhum, volta toda noite a seu devido lugar (o túmulo); mas, em consequência da curiosidade de seus pais, terá de começar novamente seu percurso fúnebre, e desfalece sem vida ao chão. A notícia se espalha pela cidade; na noite seguinte, os moradores

montam vigília. Aos primeiros raios da aurora, abrem o túmulo, onde encontram apenas as contra-prendas oferecidas à jovem por Makhates: um anel de ferro e uma taça dourada. Dirigem-se então ao quarto de hóspedes na casa de Demóstrato, onde a encontram deitada. Arma-se um tumulto. O ornitomante recomenda que ela seja cremada fora da cidade, e que se ofereçam sacrifícios para as divindades ctônicas e as Eumênides. O procedimento é seguido. Makhates suicida-se.

Burton e Praetorius (e tantos outros autores de seu tempo) retomam a narrativa de Filínion, jovem morta e sedutora, religando cada um à sua maneira as questões suscitadas por ela.

Em seu denso tecido de referências, Robert Burton⁵ a relaciona com incubos e súcubos, com ninfas, sátiros, faunos lascivos. Retoma as opiniões de opositores de Bodin (entre eles, Weyer), que negam a possibilidade de intercuro carnal com demônios, aos quais contrapõe p. ex. Agostinho e Paracelso. Burton retoma com suas palavras a narrativa de Flávio Filóstrato (*Vida de Apolônio de Tiana*, séc. II) sobre a êmpusa (entidade daimônica grega) que se casa com um jovem filósofo chegado a Corinto.

Retoma também a narrativa do historiador Florilegus sobre um jovem de Roma que, por ocasião de suas núpcias, dirige-se ao cair da tarde “*to the tennis-court to recreate himself*”, e lá guarda sua aliança entre os dedos de uma estátua de Vênus, sem depois conseguir recolhê-la, uma vez que a estátua cerrou a mão. À noite, quando o jovem vai cumprir seu dever matrimonial, a estátua de Vênus interpõe-se em meio aos noivos: veio reclamar o compromisso assumido pela inserção da aliança.⁶ Em resumo, Burton articula o amor carnal com pessoas mortas àquele consumido com divindades pagãs e com demônios incubos e súcubos. Deste encontro, o amante humano pode receber uma prenda: anel dourado, trança ou cacho de cabelo etc.

Já Praetorius insere a narrativa de Filínion (tendo-a retraduzido a partir da supramencionada obra de Pierre Le Loyer) dentro um capítulo dedicado à aparições de pessoas mortas,⁷

5 *The anatomy of melancholy*, III, II, I, 1. *Heroical love causeth Melancholy. His Pedigree, Power, and Extent*.

6 Núcleo narrativo (cf. Ovídio, *Metamorfoses*, X, 243–297) que se prestou a inúmeras recriações modernas, como nas penas de Eichendorff (“Das Marmorbild”, 1816–17), Mérimée (“La Vénus d’Ille”, 1837), Heine (versão francesa de *Os deuses no exílio*, 1853), Sacher-Masoch (“Die Todten sind unersättlich” in 1877a) e outros. Versões italianas fazem o herói tirar seu anel para tomar parte de um jogo de bola. Em contexto explícita ou aproximavelmente vampiresco, além do conto de Masoch, anote-se a balada *The vampire bride*, de Henry Liddell (1833). (Uma temática aparentada de rica expressão literária germânica, a do *Venusberg*, fora transtextuada e publicada por Heirinch Kornmann em 1614.)

7 *Anthropodemus plutonicus*, VII. Von gestorbenen Leuten / oder Larvis [...].

no qual retoma sobretudo casos centro-europeus (Morávia; Boêmia; Prússia; Polônia etc.) reportados entre a Baixa Idade Média e o início da Era Moderna – entre esses, as narrativas do pastor de Blow e da bruxa de Lewin, extraídas à crônica tcheca de Hájek z Libočan e comentadas em nosso capítulo precedente.

Numa e noutra aproximação, a narrativa é amarrada por uma cadeia⁸ ou toda uma rede⁹ de autoridade bibliográfica.

A leitores hodiernos, seria como dizer: estão lá tantos elementos que futuramente colaborarão a tematizar o vampirismo; mas não há vampiro ainda. Em textos como os acima comentados, são perceptíveis pontos de contato com o tipo literário aqui estudado; ao mesmo tempo, esses aspectos não se encontram ali organizados em torno de um eixo temático singular, como o do vampiro.

II. Nova ciência

Noutro livro ainda, não distante no tempo com relação aos comentados acima (mas sim em sua geografia), a personagem de Filínion será ao contrário recuperada justamente para conjecturar a antiguidade de uma figuração simbólica dos gregos modernos – o *vrykolakas* –, a partir de então decisiva para a caracterização do fenômeno do vampirismo. O jesuíta francês François Richard († 1679) residiu em missão por treze anos na ilha de Santorini. No livro em que descreve essa sua experiência e narra da história da ilha grega (*Relation de ce qui s'est passé... à Saint-Erini...*, 1657), encontramos a seguinte apreciação:

[...] *On sçait assez en France ce que ce malin esprit opere par le moyen des sorciers & des magiciens pendant leur vie: mais on n'ignore pas en ces quartiers ce qu'il produit encore par le moyen des corps morts de ceux dont il possède les ames. Chose estrange ! Il anime ces corps morts, il les conserve long-temps dans leur entier, il paroist avec leur visage, il court quelquefois les ruës, & d'autres foi les campagnes ; il entre dans les logis, à un il donne la peur, à d'autres il enleve la parole, & à quelques autres la vie ; il frappe les uns, il endommage les autres, & laisse l'espouvante par tout. D'où vient que quand quelqu'un de ces faux resuscitez paroist en quelque endroit, les voisins s'assemblent dans un logis pour passer la nuict avec vn peu plus d'assurance.*

Je me persuadois au commencement que tout se passoit comme en France, & que c'estoient des ames de quelques trespassez, qui revenoient pour demander du secours, afin de sortir plustost des peines du Purgatoire. Mais comment seroient-elles de ce nombre ? veu que ceux qui paroissent

8 Em Praetorius: Le Loyer; Flégon de Trales.

9 Em Burton: Agostinho, Paracelso, Bodin, Wier, Le Loyer, Filóstrato, Flégon e assim por diante.

en telle figure, sont d'ordinaire de tres-meschante vie. Le Purgatoire n'est pas pour ceux qui ne le croient pas, & les ames qui sortent du Purgatoire ne viennent jamais aux excez que ceux-cy commettent ; comme de frapper, endomager, tuer, & le reste.

Il faut donc dire que ce ne sont pas les ames, mais les demons qui animent ces corps [...]

Ce qui causa à Sant-Erini beaucoup d'estonnement, fut la grande familiarité qu'un de ces βρουκολάκας monstra à sa femme viuante. Il se nommoit Alexandre, qui de son vivant demouroit au chasteau de Pyrgo, & estoit cordonnier de son mestier. Après sa mort il apparoissoit à sa femme comme s'il eust esté encore en vie : il venoit travailler en sa maison, il raccommodoit les souliers de ses enfans, il alloit puiser de l'eau à la cisterne, & souvent on le voyoit dans les vallons couper du bois pour l'entretien de sa famille : mais après avoir passé quelque temps en cét exercice, le peuple en restant espouventé, on déterra son corps, on le brusla, & avec la fumée du feu les forces du demon se dissipèrent. Ce qui donne à croire que Phegon [sic: Phlegon] affranchy de l'Empereur Adrian ne mentoit pas, quand il escrivit qu'une jeune fille nommée Philinion de Thessalie, après avoir esté mise au sepulchre, parut à Machates Macedonien, & demeura long-temps avec luy, jusques à ce qu'ayant esté descouverts le diable abandonna ce corps qu'il faisoit mouvoir, & on l'enterra pour la seconde fois, comme si elle fût encore trespassee.¹⁰

Embora o confronto a aparições de almas no purgatório (tão frequentes em *exempla* da Baixa Idade Média), o que motiva padre Richard a retomar o episódio extraído a Flégon de Trales não é a sua correlação a textos com temática afim, como fazem cada um a seu modo Burton e Praetorius; mas a experiência pessoal de viver durante anos numa pátria e numa comunidade em que era forasteiro. É por reagir a um costume testemunhado (mesmo se indiretamente) que ele recorreu àquele texto antigo. Daí por diante, essa notável representação popular de que dá notícia – o “vrucolaca” – será repetidamente associada ao relato de Flégon. A ponto de eventualmente inverter em definitivo sua recepção, isto é: o leitor moderno passará a reconhecer na personagem de Filínion um *protótipo de vampira*.

É difícil avaliar o impacto desse episódio da *Relação* de François Richard nos círculos europeus. O fato é que ele não será o único a religar esses pontos, o vrucolaca e a amante morta de Makhates. No arco de um século, tal associação vai se tornar um *locus*. Para o vampiro, abrem-se conexões para futuras consecuições poéticas e narrativas, como em Goethe (*Die Braut von Korinth*) ou Sacher-Masoch (“Die Todten sind unersättlich”).

¹⁰ Richard 1657:208–213.

Trazendo o oculto à luz.

Vejamos similarmente como certos grupos de textos, ao serem apropriados na forma de citações, sofreram uma inflexão no sentido de se tornarem, à luz da historiografia em torno do vampiro, instâncias exemplares de precursores ou pré-figurações do monstro moderno.

De uma representação grega de morto nocivo, encontramos um registro embrionário, e significativamente articulado, no *De occulta philosophia libri tres*, do humanista Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486–1535?).¹¹ Apesar de ter sido a seu tempo detratado como mago e aliado demoníaco (vide o imaginário que o associa a Johannes Faustus¹²), é mais sensato considerar essa sua área de interesse como a de um filósofo natural.¹³

Seu objetivo em *De occulta philosophia* é restaurar à dignidade a magia “boa, verdadeira e lícita”.¹⁴ Alguns estudiosos de sua obra, como Vittoria Perrone Compagni, reconhecem aí o desenvolvimento de um programa já em exercício nos escritos de Johannes Trithemius (1462–1516), de Johannes Reuchlin (1455–1522) e de pseudo-Alberto (*De mirabilibus mundi*). A linha de argumentação do livro de Agrippa é de que a boa magia

11 Ao buscarmos caracterizar eruditos e artistas da Renascença, é difícil escapar da parcialidade, dada a consuetude variedade de suas ocupações. Agrippa exerceu, dentre outras, as atividades de teólogo, médico, alquimista, advogado (defendendo inclusive uma mulher acusada de bruxaria), conselheiro, diplomata, historiógrafo e, a seu despeito, astrólogo sob as ordens da rainha-mãe Luísa de Savóia. Foi amigo e mestre de Johann Weyer. Os acenos bio-bibliográficos aqui apresentados baseiam-se em Perrone Compagni (*in* Agrippa 1992:1–59), Van der Poel 1997, Prost 1881, Morley 1856, Walker 2003.

12 P. ex. em Graben vom Stein (1731:[I] 601).

13 Formado em Artes na Universidade de Colônia, logo despertou para a teologia e para as ciências ocultas. Quanto ao desenvolvimento da obra que aqui nos interessa, foi decisiva sua discussão com Johannes Trithemius, então abade do mosteiro de St. Jakob em Würzburg, homem notório pelos interesses em criptografia e ciências ocultas. Desse encontro resulta a primeira redação de *De occulta philosophia*, conservada na cópia submetida a Trithemius em 1510. A obra circulou durante anos em forma manuscrita. Contudo, Cornelius Agrippa não a dá por acabada, ao contrário, continua colhendo material e revisando o livro durante décadas a fio, ao longo de suas nem sempre voluntárias peregrinações pelas cidades e centros de poder europeus. No entender de Perrone Compagni (*in* Agrippa 1992), a comparação das diferentes versões do texto revela o quanto o retrabalho da obra está ligado às leituras de Agrippa em dada época de sua vida. Tal rearranjo se dá não apenas na forma de acréscimos materiais, mas também num reposicionamento qualitativo do autor face às artes mágicas. Num primeiro momento, por exemplo, o período em que viveu na Itália (1511–1518) mostra-se central para o contato com as obras de Marsilio Ficino (1433–1399) e Giovanni Pico della Mirandola (1463–1494), assim como para o aprofundamento de seu conhecimento dos textos cabalísticos (Van der Poel 1997).

14 Cf., entre outros, Keefer 1988; Zambelli 1976; Nauert 1959.

foi preterida, esquecida em função de textos corrompidos e uma má aproximação filológica, levando a erros e obscuridades; numa palavra, à superstição, ali onde antes a ciência deveria prevalecer. Cornelius Agrippa distribui o conhecimento que podemos obter do mundo entre filosofia oculta, física, matemática e teologia. Um princípio de base para as ciências ocultas é o *spiritus mundi* que, ao religar os diferentes entes do universo, funda a atividade mágica.¹⁵

Também aqui encontramos um princípio ordenativo da obra, que poderíamos aproximar daqueles que regem os mencionados livros de Praetorius e de Burton: no caso, combinando numerologia, figuras geométricas, alfabetos misteriosos.

Destaco a seguir alguns pontos de dois capítulos do *De occulta philosophia* de Cornelius Agrippa: “*De mortuorum reviviscentia, de longaeva dormitione atque inedia*” (I, 58) e “*Quid de homine post mortem, opiniones variae*” (III, 41).¹⁶

No primeiro deles, Agrippa examina casos relatados de pessoas que reviveram após terem sido dadas como mortas, por exemplo durante pestes epidêmicas.¹⁷ Concluirá que tais pessoas não chegaram a morrer, apenas deixaram de exibir sinais vitais; como, em casos análogos, possam ter entrado em estado de letargia pela ingestão de alguma droga.¹⁸

15 Particularmente quanto ao objeto desta dissertação, avaliar como o conceito de *Weltgeist* foi mobilizado na discussão de língua alemã sobre vampirismo na década de 1730, por exemplo na polêmica entre o anônimo autor da *Acten-mäßige und Umständliche Relation von denen Vampiren oder Menschen-Saugern* (1732), que o afirmava como causa última do fenômeno (o espírito, uma das três partes que compõem o ser humano, conecta-se por simpatia ao *Weltgeist*: como uma gota, ao oceano) – e o médico Gottlob Heinrich Vogt, que o refutava por completo (Vogt 1732). Pouco antes disso, e num contexto não tão distante, o vice-presidente da Real Sociedade Prussiana de Ciências, Otto Graben vom Stein (o mesmo que, um ano depois, seria encarregado de conduzir um parecer sobre os vampiros sérvios de Medvegia junto à mencionada Sociedade, ver *infra* neste mesmo cap.), utilizava largamente, nas argumentações de seu personagem dialético Pneumatophilus (~algo como “amigo do sopro/da alma”), o conceito de *Astral-Geist* [espírito astral] para religar uma série de fenômenos, como a atividade dos mortos mastigantes centro-europeus (Graben vom Stein 1731:[I] 556-561 *et passim*); os cadáveres sanguinolentos (*ibid.*, pp. 297-299); a confecção do *Astral-Geist* a partir do sangue destilado (*ibid.*, pp. 340-341); a tríplice constituição humana (*ibid.*, p. 310) e o elo de conexão entre corpo e alma (*ibid.*, pp. 326-327) – De acordo com Hamberger (1992:33), Graben vom Stein era, a seu tempo, um principal arauto da tese do *Welt-Geist*.

16 Ambos os capítulos constam da edição impressa, que veio a público entre 1531 (somente o livro I) e 1533 (livros II e III), mas não do plano original da obra, submetida à leitura de Johannes Trithemius em 1510 (MS de Würzburg, Universitätsbibliothek M. ch. q. 50; *apud* Perrone Compagni).

17 “*Atque id saepissime compertum est pestilentiarum temporibus multos videlicet, qui pro mortuis tumultandi ferebantur, in sepulchris revixisse [...]*” (Agrippa 1992:208).

18 Agrippa empenhou-se em combater a peste em Antuérpia em 1529, ocasião em que perdeu sua própria esposa (em segundo matrimônio) para o mal e publicou, no âmbito de um conjunto de *opuscula*, um estudo sobre o tratamento de doenças epidêmicas, *Regimen adversus pestilentiam*.

Noutro capítulo (III, 41), Cornelius Agrippa ordena as “opiniões várias” – de mestres hebreus e árabes, Plotino, Tertuliano, Ambrósio, Agostinho etc. – segundo quatro eixos, saídos de versos que atribui a Ovídio¹⁹:

Bis duo sunt hominis, manes, caro, spiritibus, umbra

Quatuor ista loca bis duo suscipint:

Terra tegit carnem, tumulum circinvolat umbra,

Orcus habet manes, spiritus astra petit.

Do homem, há duas vezes dois [elementos]: os manes [~“almas”], a carne, o espírito e a sombra.

A tais duas vezes dois, acolhem quatro lugares:

A terra encerra a carne, ao túmulo circunda a sombra,

O orco guarda os manes, o espírito procura os astros.

O capítulo como um todo (*De occulta philosophia* III, 41) é relevante para uma pesquisa histórica mais abrangente sobre as molduras conceituais e simbólicas em que o vampiro se verá tematizado. Por economia, atenho-me a apontar o recurso ali operado por Agrippa aos seguintes elementos:

- 1) a narrativa de Asvit e Asmund, extraída das *Gesta danorum* de Saxo Grammaticus (c. 1150 – c. 1220);
- 2) o *katakhanás*, representação popular grega (particularmente cretense) de morto nocivo.
- 3) associação da simbologia do sangue à comunicação com o mundo dos mortos.

1. *A narrativa dinamarquesa do morto inquieto.* Agrippa retoma um célebre episódio da história dinamarquesa de Saxo Grammaticus, que no futuro será repetidamente lembrado em apreciações sobre o vampirismo.²⁰ Dois amigos, Asvit e Asmund, juram mutuamente que, quando o primeiro deles morrer, o outro há de ser enterrado com ele em seu túmulo, em sinal de amizade. Asvit vem a falecer, e Asmund cumpre o prometido, ingressando na caverna a ser murada, acompanhado de um cavalo e um cachorro, não sem antes prover-se de suprimentos. Anos depois, passando pelas proximidades do túmulo um rei sueco, Eric, e estimando ali haver tesouros a serem descobertos, ordena que se abra o recinto. Lá encontram um debilitado Asmund, com tez de morto, coberto de chagas sangrentas e com uma orelha arrancada: ele então declama em versos como o corpo do amigo reviveu, devorou cavalo e cachorro e então passou a atacá-lo, tendo-lhe arrancado a orelha. Asmund então

19 Perrone Compagni (in Agrippa 1992) reporta a citação a Reuchling (*De verbo mirifico*), onde já se encontra ligada às *Metamorfoses* ovidianas.

20 Davanzati 2011; Calmet 1748; Hock 1900; Summers 1929 etc.

rachou o crânio do cadáver com sua espada e varou-lhe o coração, a que a assombração sossegou.²¹

Cornelius Agrippa, no trecho imediatamente anterior à sua rendição dessa narrativa, vinha considerando casos em que demônios se precipitam sobre corpos de bestas e répteis; em seguida, tratará de demônios que comem as carnes de cadáveres humanos. Este da história dinamarquesa, porém, é a seus olhos um caso diferente – mais raro, segundo afirma: as próprias almas dos mortos refariam o caminho da morte para regressarem a seus corpos.²²

2. *Morto ativo cretense*. Dentre a bibliografia por mim consultada, a menção de Agrippa ao *katakhanás* é a mais antiga a ser reportada. Trata-se de uma concepção de morto ativo encontrada nas ilhas de Creta e Rhodes, e aproximada, por estudiosos modernos, de outras observadas alhures, como o *sarkoménos* (~ “alimentado [de carne]”) ou o *anakathémenos* (~ “erguido”) de Chipre (ver Schmidt 1871, comentado acima em nosso cap. 5).²³ Eis o texto de Agrippa:

Legimus autem in Cretensium annalibus manes qua ipsi Catechanas²⁴ vocant in corpora remeare solitos et ad relictas uxores ingredi libidinemque perficere; ad quod evitandum et quo amplius uxores non infestent, legibus municipalibus cautum est surgentium cor clavo transfigere totumque cadaver exurere.

21 Agrippa 1992:529; cf. Saxo Grammaticus, livro V de *Gesta danorum* (Saxo 1886:161-164).

22 A partir do séc. XVII, essa será uma linha de argumentação bastante visitada por autores que buscam elucidar o fenômeno grego e balcânico de mortos vagantes, como Leone Allacci.

23 O argumento de Schmidt, de que o *katakhanás* seria uma representação autóctone, independente de influência eslava, será retomado por Lawson (1910). A fonte de Schmidt é Pashley (1837:II, 196-214), que aproxima o *katakhanás* – crença de “Gregos e Árabes” – ao vampiro e a representações hindus, em seguida a instâncias da literatura e história europeias. Pashley afirma ter recolhido na vila de Skafia uma narrativa a esse respeito, e buscar manter, em sua tradução, as características do relato oral. A comunidade de Kalikráti vê-se infestada por uma mortandade sobrenatural, que leva crianças e adultos. Não se sabe quem seria o morto nocivo responsável por ela. Certa feita, um pastor surpreendido pela chuva refugia-se numa igreja para lá passar a noite, e ouve o chamado do *katakhanás* lá sepultado, cuja saída do túmulo fora impedida pelas armas depositadas pelo visitante, cruzadas sobre ele. O pastor escuta o chamado três vezes, sem responder: daí depreende tratar-se de um morto nocivo (em Allatius 1645, ao contrário, o *bourkolákas* da ilha de Chios sempre chama uma única vez; se quem chama repete o chamado, significa que se trata de um vivo). O *katakhanás* consegue convencer o pastor a libertá-lo, jurando em nome de sua mortalha não causar-lhe dano; ele se afasta cerca de dez milhas e mata dois jovens recém-casados; retorna carregando um fígado assado com suas mãos embebidas em sangue, convidando o pastor a partilhar de sua tetra refeição. Este finge comer, mas ingere só pão. O morto regressa ao sepulcro. Por fim, a despeito da promessa extraída ao pastor, é denunciado e reduzido a cinzas.

24 A edição crítica de Perrone Compagni grafa, talvez devido a um deslize tipográfico, “*Carechanas*” (Agrippa 1992:529). A comparação com outras edições (Colônia [?] 1533; Antuérpia [?] 1533; 1551 [s/lugar]) confirma a grafia acima recuperada.

Lemos também nos anais cretenses de almas [*manes*] que eles chamam de Katekhanas, que costumam regressar aos [seus] corpos e se dirigem às mulheres que deixaram para levar a cabo o desejo libidinoso; para impedi-lo, e para que não ataquem mais mulheres, é previsto pelas leis municipais que o coração dos ressurgidos seja trespassado por uma estaca e o cadáver, totalmente comburado.²⁵

É notável, no testemunho acima, a conjunção de elementos que serão associados com grande frequência ao vampiro: morto ativo que se aproxima eroticamente da mulher (da viúva) e é destruído por uma dupla medida, a perfuração do coração com uma estaca seguida da comburação total do corpo. Sem dúvida, estamos diante de um caso análogo aos que serão relatados da Grécia por viajantes entre os sécs. XVII e XVIII, como Paul Ricaut (1692) e Joseph Pitton de Tournefort (1727). Note-se, de outra parte, a ausência, no texto de Agrippa, de qualquer menção a outro tipo de dano causado aos vivos (como debilidade e morte provocados por chamamento, sufocamento ou consumo de sangue).

3. *Simbologia do sangue, sua associação com os mortos.* O terceiro aspecto que gostaria de destacar no mesmo capítulo do *De occulta philosophia* (III, 41) é a simbologia do sangue, por vezes sobressaindo em comparação a outras simbologias.²⁶ Um caso ilustrativo é o da visita de Odisseu ao Hades (*Odisséia*, XI), durante a qual executa um complexo ritual com vistas a se comunicar com as sombras dos mortos, em especial a do adivinho Tirésias. Essa associação entre sangue e comércio com os mortos não tardou a tornar-se um *locus*. Já assim em Flávio Filóstrato (*Vida de Apolônio de Tiana*, IV, 16)²⁷ ou em Claudiano (c. 370 – c. 404), cujos versos são aliás retomados por Agrippa:

*Est locus extremum pandit qua Gallia littus,
Oceanis praetensus aquis, qua fertur Ulysses
Sanguine libato populum vovisse silentum.*

²⁵ Agrippa 1992:529-530.

²⁶ Com frequência em detrimento de outros elementos que, no contexto primevo dos textos citados, encontravam-se associados àquele. No caso de Homero, as instruções da maga Circe (*Odisséia*, X, 516-540) para a invocação dos mortos não consistem simplesmente em uma oferenda de sangue: mas de leite, mel, vinho, água e farinha de cevada; a isso deve seguir-se o sacrifício ritual de um carneiro e uma ovelha, e a promessa de renovado sacrifício quando Odisseu chegar a Ítaca. Ora, não apenas em Agrippa, mas em diversos autores da tradição ocidental esse ritual complexo foi recontado e reduzido a uma oferenda de sangue aos mortos.

²⁷ No livro de Filóstrato (sécs. II-III), Apolônio mostra-se sempre avesso aos rituais sangrentos.

Há um lugar em que a Gália estende os confins de sua costa
Às águas dos mares, e onde Ulisses, [segundo] se diz,
Evocou o silencioso povo ao ofertar o sangue libado.²⁸

Assim considerado o *locus*, é como se o sangue se tornasse a sede das forças vitais e seu símbolo por excelência. Em retrospecto, o sangue adquire uma centralidade simbólica e imagética que opera também no vampiro.

Descrivamos a mobilização, por parte de Agrippa, desses e de outros exemplos em função de pôr em discussão, em termos aproximativos (*opinationes variae*), a relação entre *corpo* e *pessoa*. (Voltaremos rapidamente a esse ponto ao final da dissertação, no tópico *Permanência e mimetismo. Uma questão de fundo*.) Isso fica ainda mais claro se o considerarmos numa visada menos localizada do *De occulta philosophia*, abarcando por exemplo os capítulos III, 36 (discussão acerca da natureza humana: binária ou ternária) ou III, 37 (problemas da interação entre alma e corpo) – Aqui (III, 41), como vimos, parte-se de uma concepção quaternária do ser humano (*manes*, carne, espírito e sombra), nem que a mesma esteja limitada, como seria possível argumentar, a um artefato retórico que empresta ao capítulo sua estrutura.

De vivos e mortos gregos.

Ao longo do séc. XVII, alguns autores hão de consignar por impresso sua perplexidade face às crenças e práticas de comunidades gregas com relação a mortos extraordinários. Dentre os testemunhos precoces de representações que em breve ajudarão a conformar o vampiro, o tratamento mais completo (embora muito menos “sistemático” se comparado às obras acima discutidas) encontra-se no *De graecorum hodie quorundam opinationibus* (*Sobre as crenças de certos gregos hodiernos*, 1645) de Leone Allacci, erudito grego de nascimento que fez carreira no seio da Santa Sé. Trata-se de uma abordagem duplamente articulada, pois o autor de um lado examina tais representações no âmbito de um conjunto de “crenças” ou “crendices” (*opinationes*) de comunidades gregas modernas, tais quais a *gello*, as *naragídais*, o *babutzikarios*, o *tympaniâios*; de outro, contrasta-as a copiosa literatura teológico-demonológica, especialmente bizantina. A condição eminentemente *intermediária* de Allacci, em

28 Claudiano *Invectiva in Rufinum*, 1, 123-125 citado por Agrippa 1992:531.

momentos distintos de sua biografia,²⁹ parece dotá-lo de um singular ponto de vista: católico entre gregos sob domínio otomano; grego entre napolitanos; “gramático” entre médicos na Universidade La Sapienza; laico imiscuído em altos círculos vaticanos.

Allacci dedica esse seu livro a Paolo Zacchia, um eminente médico legal de seu tempo. Tal endereçamento justifica-se também pelo conteúdo do livro, que inclui, entre os relatos de muitas outras ocorrências extraordinárias, cadáveres incorruptos de excomungados – e sua súbita dissolução em pó ou cinzas, tipicamente após receber a absolvição.³⁰ Na dedica-

29 Leone Allacci, Leo Allatios ou Allatius, como assinou muitos de seus livros, nasceu por volta de 1586 na ilha grega de Khios (Chios), no Mar Egeu, de pai ortodoxo; entre os estudiosos de sua obra, há disputa quanto à mãe ser católica. Khios, ilha próxima à costa da Turquia, pertencera por cerca de duzentos anos à República de Gênova, antes da conquista pelos otomanos no séc. XVI; lá preservou-se ainda pelos séculos seguintes uma comunidade genovesa católica. Cedo Allatios abraçou confissão romana, enquanto fazia seus estudos com seu tio materno, o jesuíta Michael Neurides, que passara dez anos na escola grega de Roma. Quando este foi chamado de volta à Itália, ofereceu levar consigo, dado o seu penhor para as letras, o jovem Leo, então com nove anos de idade, para que lá progredisse em seus estudos. Após dois anos na Calábria e na Campania, Allatios ingressa na escola grega em Roma, Santo Atanásio. Formando-se aos 24 anos, Leo decide não tomar os votos de missionário. Mais tarde, acompanha o bispo Marco Massone de volta a Khios, onde seu pai falecera havia pouco; a curta estadia não foi feliz, inclusive por verem-se ele e o bispo envolvidos nas ferrenhas disputas internas da comunidade católica. Allatios volta por conta disso a Roma. Torna-se em 1618 *scriptor* de grego na Biblioteca Vaticana, onde foi encarregado de separar e catalogar manuscritos gregos. Alguns anos depois, em 1621, recebe uma missão importantíssima, a de gerenciar o que hoje chamaríamos de inteligência e logística no traslado, de Heidelberg a Roma, da Biblioteca Palatina – oferecida ao Vaticano pelo duque da Bavária em troca de um substantivo apoio financeiro na guerra contra o Palatinado protestante. (Nessa ocasião, particular atenção é-lhe recomendada quanto aos manuscritos: deve pesquisar, registrar e garantir a posse de bulas, breves apostólicos, privilégios; mas também notas, listas e qualquer outro documento que dissesse respeito fosse à integridade da Biblioteca fosse a informações sensíveis, especialmente no tocante às relações internacionais.) A missão coroou-se de sucesso, tomando um ano da vida de Allacci. A ele, porém, não se lhe reconhece, no curto prazo, o mérito cumprido: também em função da súbita morte de Gregório XV, sob cujo papado a missão lhe fora encarregada. Forma-se em medicina (La Sapienza, 1635); não temos indícios de que tenha seguido a profissão. Bem mais tarde, em 1661, será levado ao cargo de *praefectus* da Biblioteca Vaticana, posto hoje equipável ao de um curador-geral. Allatius morre ainda neste cargo a 19 de janeiro de 1669. Fundamental para que desenvolvesse a carreira de escritor tinha sido sua ligação com o bispo (depois cardeal) Lelio Biscia. Este lhe confiara a curadoria de sua biblioteca particular e encorajara-o a escrever e publicar. Assuntos caros a Allacci eram a pesquisa histórica; o estado atual da Igreja Ortodoxa Grega, que tratou sob perspectiva ecumênica, de visada reconciliação com o rito romano; escreveu também sobre a música de seu tempo (Gradius 1853; Hartnup 2004; Theiner 1844).

30 Disso tratam os capítulos XIV a XVII (Allatius 1645:149-158): “Tudo aquilo que ligardes sobre a terra permanecerá ligado” (~Mt 16:19, Allatius 1645:150). Uma vez absolvido, o corpo excomungado se desfaz: “o cadáver de pronto se converteu em cinzas” (Allatius 1645:151); “[...] para que proferisse, sobre os cadáveres que lá se viam indissolutos, a absolvição de suas excomunhões, e, por força de seu ato, nem bem terminada a absolvição, todos aqueles cadáveres se desfizerem em pó” (*ibid.*, pp. 151-152).

tória, há um acento sobre a experiência pessoal, que vem complementar o que foi reportado por notáveis escritores que o precederam.³¹

Esta, aliás, é a estratégia de exposição do livro como um todo, contrastar a autoridade vetusta ao testemunho recente, por vezes de primeira mão. O legado dos textos elucida crenças e fenômenos incomuns, observados dentre os gregos modernos; vice-versa, a descrição dos fenômenos pode lançar luz sobre o que teriam querido dizer aqueles autores.³² Avançando no exame dos casos, porém, Allacci nem sempre encontra nos textos eclesiásticos o fiel da balança, por vezes deixando em aberto uma resposta definitiva face aos acontecimentos relatados.

Vale advertir que nem todos os estudiosos reconhecem propriamente vampiros nos tipos explorados por Allatius, como a resguardar as especificidades de seu relato. Porém, nas décadas que se seguem à sua publicação,³³ eles serão revisitados de maneira peculiar, de modo que não é fora de propósito afirmar que certos traços ali encontrados – notadamente do “*bulcolacca*” – serão sim incorporados à figura que então se está formando nas letras européias (e, defensavelmente, no seu imaginário).

Como é caracterizado esse tipo no livro de Allatius? Em primeiro lugar, ele não se distingue com toda nitidez de outros mortos incorruptos, mas as descrições se sobrepõem. Numa primeira aproximação, poderíamos categorizá-los em *burcolaca* (são diversas as variantes reportadas: *bulcolacca*, *buthrolaca* etc.); *tympaniâios* (morto intumescido, com cútis tesa e inteiriça); e demais corpos incorruptos (de santos/ de pessoas excomungadas). Se aceitarmos essa divisão – que parece menos pertinente ao texto em si do que a uma nossa

31 “Para então concluir o meu intuito, sempre tive em mente reportar, em comentários, algo a respeito de bruxas [*de Strigibus*], de venéficas e da vã religião dos ditos homens [*i.e., dos gregos de seu tempo*]. Embaraçaram-me os monumentos de outros notabilíssimos escritores, os quais trataram pormenorizadamente disso com exatidão, e não houve quase nada, na antiguidade, que não soubessem penetrar esses mais perspicazes [escritores]. Embaraçou-me a doutrina de [Paolo] Zacchia que, sobre tudo isso, em questões médico-legais, versou, investigou e gracejou, até insuperavelmente, por certo!” (Allatius 1645:115).

32 “E talvez não seja outra coisa aquilo que Nicéforo Patriarca de Constantinopla narra sobre Constâncio Coprônimo [...]” (*ibid.*, p. 147).

33 Anteriormente à eclosão de publicações européias sobre vampiros sérvios no séc. XVIII, reencontramos em alguns livros alemães perspectivas (e passagens) de Allatius a respeito de mortos excomungados, do *tympaniâios* e do *bulcolacca*, em citações explícitas e tácitas. Com aberta referência bibliográfica: Georgius Fhelavius (trad.) in Christophoros Angelos, *Status et ritus Ecclesiae graecae*. Frankfurt: Beyer, 1655, p. 158ss, observações complementares do tradutor ao capítulo XXV, “*De Excommunicatione Graecorum*” [ou “*De Excommunicatis Graecis*”]. (Trata-se de tradução latina de uma obra citada pelo próprio Allatius, a qual viria a ser publicada também em versão bilíngue: Leipzig: Gross, 1666). Também encontramos, por vezes sem identificação, trechos de Allatius incorporados a Johann Michael & Christian Sonntag, *De Excommunicatione Tympanititica Graecorum* (1698).

aproximação analítica dele –, diremos que a característica peculiar ao *bulcolacca* é a *atividade*: trata-se do morto ambulante que deixa o túmulo para causar danos aos vivos.

Nas descrições de Allatius,³⁴ o *bulcolacca* é o morto que circula pelo campo e pela cidade; bate à porta das casas; mata as pessoas chamando-as pelo nome; sufocando-as; ou simplesmente ao se mostrar a elas. Dos exemplos dados, não se depreende um determinado período preferencial para a sua atividade, podendo ser avistado seja de dia seja de noite (por vezes em sonho). Talvez a caracterização mais freqüente, dentre as diversas que Allatius reporta, seja o procedimento praticado para destruí-lo, que é pelo fogo.

Já os demais tipos de mortos extraordinários – o *tympaniâios*; os cadáveres incorruptos de excomungados não de outra forma caracterizados – também podem trazer males à população, mas apenas por meio de poderes simpáticos: não apresentam sinais de atividade.

Na monografia que dedicou a esse livro de Allatius,³⁵ a historiadora Karen Hartnup busca individuar as distintas componentes que resultam no quadro de concepções ali oferecido. No caso do tipo que mais diretamente nos interessa, Hartnup afirma tal princípio distintivo com todas as letras: “*the popular approach to the vrykolakas*”³⁶ contraposto a “*ecclesiastical approaches to the vrykolakas*” – estas incidindo novamente entre “*natural interpretation*” e “*spiritual interpretation*”.³⁷ O procedimento é mais do que justificado, dado o evidente caráter dialógico do texto. Considere-se o seguinte exemplo: “O *nomokanon* de um autor incerto que reconhece haver transcrito ele mesmo a partir do Jejuador” (Allatius 1645:143) – só nesta frase, ao menos três vozes distintas se sobrepõem: i) um documento de autoria incerta que Allatius tem ou teve em mãos; ii) sua atribuição (seja ela verificável ou menos) a uma autoridade bizantina; iii) o texto de Allatius que os atualiza para seus leitores.

Ora, a modalidade da pergunta dialógica de Hartnup não corresponderia à particularização de uma mesma questão nossa (a postulada origem “popular” do vampiro literário)? E, para além da vasta literatura teológica e demonológica que Allatius mobiliza, o que nos diz o livro acerca dos *sujeitos* das concepções ali tratadas? – Em outras palavras: quem são, afinal, os *quidam Graeci* (“alguns/certos gregos”) do título de seu livro?

34 Ver, na seção V. a) do Apêndice, transcrição e tradução dos principais trechos que interessam à presente pesquisa.

35 ‘*On the beliefs of the Greeks*’: *Leo Allatios and popular Orthodoxy* (Hartnup 2004). O livro é incontornável para quem se interesse pela obra de Allatius; a começar pelo cuidadoso levantamento e confronto de suas fontes.

36 Hartnup 2004:185-198.

37 *Ibid.*, 180-185.

Para respondermos a essa pergunta, vamos considerar por um momento o livro como um todo, e não apenas os capítulos mais diretamente associáveis a vampirismo.

Um primeiro estrato, facilmente reconhecível, é sem dúvida o crítico, que consiste das copiosas citações transcritas e traduzidas, em sua maioria, de autoridades clericais bizantinas. Fica claro que Allatius operou um filtro (que não deixa de lembrar o nosso próprio), o de buscar em livros e manuscritos de outros autores reflexos do que poderíamos chamar de “concepções populares” [*opinationes*].

Já quando o relato não faz referência expressa a autores consultados, o sujeito das concepções é dito de vários modos: predicções e adjetivações de *populus*, *vulgus*; sujeito que se indetermina em terceira pessoa do plural ou na voz passiva.³⁸

Há porém mais um nível do discurso envolvido: o de testemunhos diretos em que o sujeito das *opinationes* figura determinado. Destes, os casos mais notáveis se dão nos relatos em primeira pessoa: o episódio do capitão que, frente ao mar revolto, afasta o perigo após nove ondas³⁹; o jovem Leo Allatius que vê os adolescentes de sua ilha natal usarem um cadáver humano incorrupto e inchado como trampolim⁴⁰; a visão do mesmo Leo, subjugado por uma grave doença, na qual mulheres belíssimas, invisíveis aos demais, procuram subtrair o amuleto na forma de um ramo de mirto que sua mãe, para curá-lo, buscara no dia da Virgem de Loreto.⁴¹ Aqui, individualizam-se e localizam-se alguns dos tais “certos gregos”; estão aí nominados, entre outros, o próprio autor e também sua mãe. Trata-se, seguramente, de testemunhos de natureza muito diferente se confrontados aos que exemplificamos mais acima, a partir das obras de François Richard (1657) ou Johannes Praetorius (1666).

Quanto ao livro de Allatius, atentemos sobretudo para uma virtual *contigüidade* entre as *opinationes*, de acordo com a qual relacionar não é apenas relatar, mas principalmente pôr em relação. Por mais que possamos descobrir, no texto, uma sustentável linha divisória entre crenças condenáveis e não, basta pouco para se embaçarem as separações. O autor chama de ignorância a atitude do povo que crê em cadáveres incorruptos que saem do túmulo para trazer danos aos vivos; e, logo a seguir, nos conta de sua própria experiência com um cadáver inexplicavelmente incorrupto (embora inativo). O *tympaniáios* – morto

38 “*Hanc opinationem ex populi animis evellere conati sunt*” (Allatius 1645:143); “*Et haec quidem stulta vulgi credulitas*” (160); “*quod vulgo crederetur*” (147); “*Multi asserunt [...] Narrant quoque homines*” (159) etc.

39 Cap. 27, “Allatius, navegando de Chios a Messina, vê uma tempestade ser acalmada pelo comandante por meio de um mirífico procedimento” (Allatius 1645:175).

40 Ver transcrição e tradução em anexo (Cap. 13; Allatius 1645:147-149).

41 Ver anexo (Cap. 5; Allatius 1645:122-124).

incorruto e inchado cuja pele tesa, quando percutida, emite um som como de tambor [*týmpanos*] – é reportado, um tanto indistintamente, em meio aos capítulos dedicados aos burcolacas; a eles se seguem, na ordenação do livro, corpos incorruptos de excomungados. Amuletos, preces e santos óleos findam aproximando figurações simbólicas preternaturais, separáveis somente desde um ponto de vista racional.

Assim, onde Hartnup percebe “inconsistência” (na interpretação eclesiástica do *vrykolakas*) e “fusão” (entre este e o *tympaniáios*)⁴² talvez conviesse refrear nosso impulso analítico e reconhecer uma realidade que, do ponto de vista dos sujeitos das crenças – quem sabe, até certo ponto, mesmo do autor que as expõe –, não se resolve em componentes apartados. Pode bem ser que essas distinções digam mais respeito a nós, leitores, do que, a seu tempo, aos sujeitos das ditas concepções. Não apenas porque as *opinationes* refletem sujeitos diferentes que as sustentariam; mas também porque a cada pessoa ou comunidade de pessoas podem ocorrer representações simbólicas que muitas vezes não se deixam dispor congruentemente em um sistema racional.

Macroscopicamente em relação ao cenário no qual àquela mesma época está se desenvolvendo o vampiro, o livro de Allacci mereceria atenção quanto a mais assuntos do que aqueles aqui tocados: entre esses, os cadáveres incorruptos; o *ephiáltes* (que provoca maus sonhos, por vezes acompanhados de sensação de peso ou sufocamento); as mulheres que morrem virgens e vêm atacar os pequenos⁴³... Vamos entretanto ao exame de outras ocorrências textuais de um período sucessivo a esse, de grandes implicações para o tipo aqui estudado.

Vampyrus serviensis, vulgo Blutsauger.

O que caracteriza as abordagens comentadas acima – ao lado delas, também algumas notícias de mortos nocivos do Leste Europeu – é a pluralidade de representações do morto: o *katakhanás* é apresentado ao lado dos *lemures*; o *vrykolakas* não se diferencia essencialmente do *tympaniáios*, senão analiticamente; o *upir* polonês, galício ou ucraniano também pouco carece de farta companhia.⁴⁴ Percebe-se uma contigüidade, ou no mínimo uma série

42 “However, the ecclesiastical position seems inconsistent” (Hartnup 2004:180). | “In fact he did not really make a clear distinction between the two types of revenant [...] Allatius’ conflation of the two accounts therefore should not be accepted without investigation” (*ibid.*, 177). Talvez para Allatius não se tratasse de dois tipos tão distintos; ou a distinguibilidade não era suficiente para apartar um de outro.

43 É freqüente que a impureza das criaturas extraordinárias seja explicada ou manifestada por uma (aludida) perversão sexual.

44 Cf. Gengell (1716) e sua retomada por Rzączyński (1721); em seguida, a deste por Ranfft (1728).

de paralelismos, entre representações diferentes. Essa tendência irá sofrer uma alteração relevante quando, com o aporte do vampiro sérvio à discussão, este por alguns anos passar a centralizá-la, como que construindo um eixo por referência ao qual distintas representações ganharam um novo modo de serem estudadas e debatidas (noutro momento, poetadas).

No lugar de listar acontecimentos e daí elaborar à sua construção, comecemos considerando esse movimento e esse debate em alguns dos próprios veículos que o trouxeram à luz.

Em julho de 1725, o jornal *Wienerisches Diarium* – estreitamente ligado à corte habsburga⁴⁵ – publica em anexo a seguinte matéria, que descreve a si própria na qualidade de cópia de um memorando [*Schreibens*] de um oficial do Império [*Cameral Provisor*], depois identificado como Frommbald:

Cópia de um memorando [*Schreibens*] do Distrito de Gradiska, na Hungria.⁴⁶

Após um súdito [*Unterthan*] sediado na aldeia de Kisolova, Distrito de Ram, de nome Peter Plogojoviz, haver falecido e ter sido inumado à terra da maneira ratificada já 10 semanas antes, e ter-se afirmado na referida aldeia de Kisolova que, no intervalo de 8 dias, 9 pessoas tanto velhas quanto jovens igualmente tivessem morrido após uma doença que durava 24 horas, declarou-se abertamente que o supramencionado Peter Plogojoviz, finado há 10 semanas, tivesse ido ao seu encontro no sono enquanto jaziam ainda vivos em seu leito de morte, posto-se sobre eles⁴⁷ e estrangulado-os de maneira a obrigá-los a render o espírito.

Na mesma ocasião logo os demais súditos ficaram transtornados e, como tal, mais ainda inquietos, porquanto a mulher do falecido Peter Poglojovitz tivesse previamente afirmado que seu marido a havia procurado, desejando seu Oppanki,⁴⁸ vide sapato, e dirigira-se da

45 Apesar de ter começado como um empreendimento privado (1703), o jornal cedo demonstrou que seu vínculo com o governo central ia além de um mero “privilégio imperial”, também ostentado pelo seu concorrente *Posttäglichen Mercurius* (a partir de então progressivamente preterido para comunicados oficiais). O exato estatuto dessa relação num primeiro momento é objeto de debate (ver *Zur Geschichte der Kaiserlichen Wiener Zeitung 8. August 1703 – 1903*, Viena: Kaiserlichen Wiener Zeitung, 1903, pp. 5-6). Não resta dúvida, no entanto, que a 1725 esse vínculo se estreitara, mesmo que o governo ainda não o tivesse instituído como veículo oficial (o que fará em 1812).

46 É quase certo que o relato se refira ao território da moderna Gradište, hoje na Sérvia; mas já então, observe-se, o Distrito estava sob a administração de Belgrado, isto é, sob o governo de Alexander von Wüttemberg (responsável pela Sérvia militarmente ocupada e administrada desde o Tratado de Passarowitz, 1718), e não sob o da Hungria ou do Banat de Temesvar.

47 Variante: *Wienerisches Diarium*: “*sich auf sie gelegt*”; cópia em arquivo estatal: “*auf die Bauren lege*” (*apud* Schroeder 1973).

48 Variante: *Wienerisches Diarium*: “*Oppanki*”; cópia em arquivo estatal: “*Opandiki*” (*apud* Schroeder 1973).

aldeia de Kisolova a uma outra, pois que de pessoas quetais (a que eles chamam *Vampyri*⁴⁹) ver-se-iam muitos sinais de seu cadáver [*Cörper*] incorrupto, crescerem-lhes pele, cabelo, barba e unhas, quando os súditos unanimemente decidiram-se a abrir a cova de Peter Plogojoviz⁵⁰ e ver se realmente os supramencionados sinais se encontrassem nele, com cuja finalidade eles procuraram a mim, para tanto aqui disposto, junto com o pope [*Poppen*] ou clérigo⁵¹ local para coadunar o exame, mencionando ao suprarreferido caso, e foi-lhes primeiramente reprovado semelhante procedimento com o comunicado de que tal deveria antes ser relatado diligentemente [*unterthänig*] e fielmente a uma Louvável Administração, e que este mesmo alto estatuto [*Verfassung*] deveria investigar a esse respeito; não quiseram por nada dignar-se a isso, mas antes deram por si essa curta resposta: Que eu fizesse o que queria, contudo, na medida em que eu não lhes autorizaria proceder com o cadáver de acordo com o seu costume previamente ao exame e sentença de direito, seriam obrigados a abandonar casa e bens; ao aguardar pois até a obtenção de uma benevolente resolução de Belgrado, bem a aldeia inteira seria dizimada por tal espírito maligno (como já sob os tempos turcos teria acontecido), o que não admitiam esperar. Visto então [eu] não poder refrear tal gente de sua tomada resolução fosse por bem ou por ameaças, dirigi-me, acompanhado do pope de Gradiska, à nomeada aldeia de Kisolova, inspecionei o já exumado cadáver de Peter Plogojoviz e constatee o seguinte, de acordo com a minuciosa verdade, que:

Primeiramente, que de tal cadáver e respectiva cova não se percebia o menor cheiro senão comum aos mortos; ademais que do cadáver, excetuado o nariz como que declivado, haviam crescido, inteiramente frescos, cabelo e barba, e mesmo as unhas, em virtude do que as velhas haviam caído; a velha pele, a qual era algo pálida, havia-se escamado e uma nova avançara-se por debaixo; o rosto, mãos, vide pés e todo o corpo [*Leib*] encontravam-se em tal estado que em vida não poderiam estar mais perfeitos; em sua boca divisei não sem espanto algum sangue fresco, o qual, segundo o dito comum, ele teria sugado daqueles a quem matara; em suma, apresentavam-se todos os indícios que pessoas quetais (como já acima observado⁵²) haveriam de trazer. Depois de ter o pope também ele visto tal espetáculo, o povo [*Pövel*] ficou antes mais encolerizado do que mais transtornado, eles, todos os súditos, aguçaram um dardo com veloz premência, pousaram-no sobre o coração como a perfurar o cadáver [*Todten-Cörper*], e visto então, por ocasião de tal perfuração, não apenas copioso sangue, assim vertendo-se tão fresco até pelos ouvidos e boca, como também produzirem-se outros sinais involuntários

49 Schoeder 1973 anota a grafia como variante, comparada a notícia publicada com a cópia do provisor conservada nos arquivos estatais, a qual traz *Vanpyri*.

50 A grafia do nome sofre alguma variação, particularmente quando comparada à cópia oficial conservada em arquivo.

51 Variante: *Wienerisches Diarium*: “Geistlicher”; cópia em arquivo estatal: “Pfaffe” (apud Schroeder 1973).

52 Isto é, na denominação anteriormente referida: *Vampyri* / *Vanpyri*.

[*wilde Zeichen*] (os quais em elevado respeito omito), eles, neste caso de acordo com o costume usual, queimaram o mui-mencionado cadáver às cinzas, o qual então pretendiam reportar a uma Supralouvável Administração e nisso oferecê-lo [o mais] diligentemente [*unterthänigst*] [a tal instância], de modo que, caso tivesse ocorrido um erro, este fosse atribuído não a mim, mas ao povo [*Pöfel*] fora de si pelo pavor.

Provisor Imperial no Distrito de Gradiska.⁵³

Para além dessa publicação em jornal, sabemos que o caso foi oficialmente referido em diversas instâncias governamentais e militares, notadamente aos olhos do governador da Sérvia, duque Karl Alexander von Württemberg, e de seu preposto, o marquês Botta d'Adorno.⁵⁴ Estes tinham sido designados para administrar o território militarmente ocupado da Sérvia setentrional por ocasião do Armistício de Passarowitz (1718), em que o poder central habsburgo passou a controlar territórios conquistados ao Império Otomano ao sul dos rios Sava e Danúbio.⁵⁵

Em currtio intervalo de tempo, a notícia foi reproduzida em um panfleto vienense e tampouco demorou a circular para além de Viena e Belgrado, como, de acordo com algumas evidências, em periódicos sediados em Holstein e Bresslau. Mais do que isso, sob certo ângulo teria motivado um dos primeiros estudos mais extensos que se associaram ao vampiro (a primeira versão do *De masticatione mortuorum*, de Ranfft, abordado na seção subsequente deste capítulo).

Que o leitor não depreenda, desta exposição, um caráter “fundador” ou “pioneiro” da notícia do *Wienerisches Diarium*. Sob muitos aspectos, como vimos, ela não é a primeira a informar sobre os fenômenos que moldarão o vampiro – mas ela importa sobretudo por um parâmetro que ajuda a dimensionar-lhe conseqüências.

Confrontemos a ela, de um lado, algumas notícias publicadas precedentemente ou pouco depois, por exemplo na revista parisiense *Mercure Galant* (1693; 1694) ou até mesmo,

53 *Wienerisches Diarium*, n° 58 (21 de julho de 1725), “Anhang”, pp. 11-12. Schroeder (1973:75) afirma que, em comparação com essa versão impressa, a cópia do Haus- und Hof- Staatsarchiv não traz o “final”, sem precisar o trecho a que se refere, ou como terminava a nota (“*daß [die Abschrift] nicht den Schlußteil des Zeitungsartikels enthält* [em nota: “*Es fehlt die apologetische Schlußformel*”])).

54 Cf. Schroeder 1973, que examina e relaciona uma série de protocolos e memorandos oficiais conservados em arquivo.

55 Outras regiões conquistadas na mesma ocasião foram o Banat de Temesvar e a Esmírnia. A administração do norte da Sérvia foi submetida ao Conselho de Guerra (Hofkriegsrat, em especial as províncias fronteiriças) e ao Tesouro Imperial (Hofkammer) da Corte de Viena. As negociações do correspondente Tratado se concluíram apenas em 1721.

em livro, as instâncias (e correspondentes leituras) de Allacci (1645), Richard (1657), Ricaut (1692), Tournefort (1727), Gengell (1716) e Rzączyński (1721). Frente a estas, a principal diferença da notícia do jornal vienense é que ela oferece evidências mais incisivas de uma recepção contemporânea.⁵⁶ Não cabe a este trabalho decidir em que medida isso se deve ao fato de o *Wienerisches Diarium* ser um veículo ligado aos círculos oficiais na capital da monarquia habsburga, cidade pela qual circulam correspondentes das principais nações européias.⁵⁷ Aos nossos propósitos, basta reconhecer que, materialmente, dos anos imediatos que se seguem à sua publicação, chegaram-nos mais reflexos do que naqueles casos.

– Ainda que muito menos, quando comparados à repercussão dos eventos relatados da aldeia sérvia de Medvegia,⁵⁸ vizinha da região do Kosovo, entre o final de 1731 e janeiro do ano seguinte. Foram primeiramente reportados pelo oficial Glaser, cuja ocupação, ao que parece, hoje estaria entre o profissional de saúde pública e o infectologista. Este se dirige à localidade por conta da queixa de que uma praga assola a aldeia: mortos que viriam sugar o sangue dos vivos ou estrangulá-los durante o sono, a que os habitantes dão o nome de *Vambyres* ou *Vampyres*, termo germanizado no relatório como *Bluthseiger* (sanguessuga).⁵⁹ Os que foram assim atacados tornar-se-iam eles também novos vampiros. Glaser visita casa a casa e não encontra sinal de epidemia (apenas febre terçã e quartã). Interroga os habitantes e por fim examina uma série de cadáveres: vários deles, enterrados há semanas, não apresentam sinais de corrupção, em alguns casos exibem sangue liquefeito à boca e à garganta; outros, ao contrário, são mortos ordinários, ou seja, sofrem o esperado processo de decomposição. Provém dessa constatação uma das sentenças mais interessantes do relatório, no sentido de trazer à luz a interação entre as concepções nativas e do representante do governo estrangeiro encarregado da investigação. Os aldeões argumentam que a diferença dos estados de conservação de uns e outros cadáveres prova sua concepção, isto é, de que aqueles corpos eram vampiros, a que o médico e relator observa:

[...] [interrogam-se] os habitantes de Metwett [*die Metwezer*], por que esses já estariam completamente decompostos, e os outros não, embora fossem muito mais fortes, mais corpulentos, jovens e frescos do que os outros.

56 Mesmo se, para praticamente cada um daqueles, seríamos capazes de anotar uma documentada recepção.

57 Cf. a detalhada pesquisa de Schroeder 1973, muito lembrada neste nosso passo.

58 A cerca de 240 km a SSE de Belgrado e pouco menos de 150 km a WNW de Sófia. Adoto uma das grafias usuais em línguas ocidentais, em detrimento da sérvia, Medveđa.

59 *Bericht des Contagions-Medicus Glaser an die Jagodiner Kommandatur* (in Hamberger 1992:46-49).

A qual razão não parece fora de propósito [*uneben*] [...] ⁶⁰

O oficial austríaco, se antes buscou dissuadir os aldeões da explicação irracional por eles fornecida, nesse passo vacila quanto à correta avaliação do fenômeno.

Embora circule pela administração e burocracia estatal, desta vez o relato não é de pronto publicado (como o fora a notícia relativa a Kisolova, em 1725), talvez porque o marquês Botta d'Adorno – comandante interino da Sérvia, uma vez que Alexander von Württemberg encontrava-se em Stuttgart – ordenou que se investigasse mais a fundo o caso e as relatadas ocorrências a ele ligadas. É para tanto designado um corpo de três médicos militares [*Feldscherer*], liderado por Johann Flückinger, que chega a Medvegia a 6 de janeiro de 1732, acompanhado de oficiais do exército austríaco.

Os médicos autopsiam diversos cadáveres, alguns dos quais já tinham sido examinados por Glaser; os habitantes dão como explicação eventos *diferentes* dos reportados a Glaser, mas seguindo um padrão quase idêntico: o aldeão ou aldeã *x*, tendo visitado/residido na Sérvia otomana, lá contraíra o vampirismo, vindo a disseminá-lo localmente (além do contágio direto provocado por um ataque ou pela unção voluntária com sangue de um vampiro, menciona-se ainda o consumo de carne de gado que fora sugado pelo morto vagante). Quanto aos cadáveres suspeitos, são decapitados e cremados pelos ciganos locais, tendo suas cinzas atiradas ao rio. O relatório é assinado por todos os oficiais presentes, na condição de testemunhas oculares (daí o título do mesmo: *Visum & repertum*). ⁶¹

Os três relatórios compartilham de uma mesma estrutura: narração dos acontecimentos precedentes; chegada ao local da autoridade encarregada da investigação; entrevista com os locais (dá-se a palavra aos habitantes da comunidade, em discurso direto ou indireto); exame dos corpos sob suspeição.

O pesquisador Schroeder (1973), com Hock (1900), não vê motivos para desacreditar que o relatório, ou alguma versão dele, tenha chegado ao governador-em-título Karl Alexander, que então se encontrava em Stuttgart, junto à corte de seu irmão, o duque Ludwig-Eberhard von Württemberg. Os dois iniciam uma viagem por diversas capitais alemãs, acompanhando o grão-duque Franz Stephan von Lothringen, futuro marido de

⁶⁰ *Bericht des Contagions-Medicus Glaser an die Jagodiner Kommandatur* (in Hamberger 1992:46-49, aqui p. 48). Digna de nota a ocorrência de uma série de vocábulos que germanizam o nome dado ao fenômeno, como o verbo pronominal *sich vervampyren* ou o substantivo *Vampirstand* [estado de vampiro].

⁶¹ Não foram conservados os documentos originais seja de Flückinger seja de Glaser, senão em cópias arquivadas junto a diferentes instâncias administrativas.

Maria Teresa. Pouco depois, em Berlim, o rei da Prússia, Frederico I, faz chegar à Real Sociedade Prussiana de Ciências⁶² uma cópia do “protocolo” de Medvegia, encarregando seu vice-presidente, Otto Graben vom Stein, de promover junto à dita Sociedade um parecer a respeito. O conde Graben vom Stein (c. 1690 – c. 1756) dificilmente poderia assumir sem interesse uma tal tarefa, tendo publicado entre 1730 e 1731 os dois primeiros volumes de suas *Conversações sobre o reino dos espíritos*.⁶³ A 5 de março, a Sociedade se reúne para discutir o assunto; três dias depois é apresentado em seu âmbito um trabalho preliminar, e a instituição se pronuncia oficialmente no dia 11 de março.⁶⁴

Paralelamente, outros círculos pensantes são instados a se posicionar frente aos reportados acontecimentos e às suas possíveis explicações, como em Nürnberg e Leipzig. Em alguns desses casos, é postulável ter havido um apelo de membros da nobreza ou dos governos locais nesse sentido. Vêm-se então envolvidos na nascente discussão professores universitários, médicos, editores, homens de ciência.

Vampirizando os mortos germânicos, ou vice versa

Em impressos do biênio de 1732–33, o vampiro suscita um interesse inaudito, geograficamente abrangente. Por ora, nesta etapa, interessa-nos antes de tudo o ambiente germânico, que vê surgirem textos em latim e em alemão. Em Berlim, como se viu, uma instituição acadêmica ligada à realeza tem de se pronunciar oficialmente a respeito. Em Nürnberg, o periódico *Commercium litterarium ad rei medicae et scientiae naturalis incrementum institutum* notabiliza-se por reunir e editar uma série de notícias e artigos sobre o vampiro ou *Blutsauger*. Em Leipzig, também motivadas pelos relatos da Sérvia sob ocupação habsburga, vêm a público diversas apreciações da questão (seguidas de suas contra-argumentações).

Dessa espécie de “período áureo” ou “inaugural” do vampiro em discussão, poucas obras são tão ilustrativas de alguns processos quanto o livro de Michael Ranfft (1700–1774), *De*

62 A academia, fundada em 1700 tendo G. W. Leibniz como seu primeiro presidente, recebe em 1701 o nome de Königlich Preußische Sozietät der Wissenschaften.

63 Ver também nota 17, *supra*. Além do referido parecer, redigiu ele próprio um comentário, jamais publicado, a respeito dos vampiros de Medvegia, quicá examinando-os à luz de uma discussão já anteriormente em curso (como fizera Ranfft em 1725): *Otto, Grafens zum Stein unverlohrnes Licht und Recht derer Todten unter den Lebendigen, oder gründlicher Beweis der Erscheinung der Todten unter den Lebendigen, und was jene vor ein Recht in der obern Welt über diese noch haben können, untersucht in Ereignung der vorfallenden Vampyren, oder so genannten Blut-Saugern im Königreich Servien und andern Orten in diesen und vorigen Zeiten*.

64 *Gutachen der Königlich Preußischen Societät derer Wissenschaften von denen Vampyren oder Blutaussagern* (in Hamberger 1992:111–114).

masticatione mortuorum in tumulis. A começar porque dispomos de duas versões: uma de 1725 em latim⁶⁵ que consta de duas partes [*exhibens duas exercitationes/ dissertationes*]; outra de 1734, em alemão, em três partes, e aqui Ranfft reage à discussão então recém-estabelecida sobre o vampirismo.

A primeira versão do livro corresponde a uma dupla dissertação defendida por Michael Ranfft na Universidade de Leipzig a 27 de setembro de 1725. Sua investigação é em parte motivada (I, §12) por uma notícia que viera recentemente a público no *Leipziger Zeitung* – nada mais do que a nota do oficial austríaco Frommbald, anteriormente publicada em um jornal de Viena, que narra os acontecimentos de Kisolova (o caso do vampiro Plojojowitz).

O interessante é que, excetuada a apreciação de certas particularidades concernentes ao caso Plojojowitz, o estudo de Ranfft em sua versão de 1725 *não diz respeito propriamente a vampiros* – mesmo que sua mola circunstancial possa ter sido uma notícia sobre o assunto. As duas dissertações reunidas na obra inserem-se antes na discussão já amplamente reverberada sobre o fenômeno centro-europeu da *mastigação dos mortos*. Vejamos em sobrevôo do que se trata.

Os testemunhos da *masticatione mortuorum*, e sua rede de textos, remontam ao fim do séc. XV, como se lê nesta passagem do *Malleus maleficarum*:

Exemplum ubi inter nos inquisitores unus repperit quoddam oppidum mortalitate hominum quasi destitutum et ubi fama uolabat quod quedam mulier sepulta lintheamen in quo sepulta erat successiue deglutiret et quod pestis cessare non posset nisi ex integro lintheamen deglutendo ad uentrem consumpsisset. Habito consilio desuper scultetus cum prefecto ciuitatis sepulcrum effodientes inuenerunt quasi dimidietatem lintheaminis per os et collum usque in uentrem inmissam et consumptam. Quo uiso motus scultetus gladium extraxit et caput amputando extra foueam proiecit. sicque subito pestis cessauit. Ex quibus utique diuina permissione peccata illius uetule super innocios propter dissimulationem presidentium punita fuerunt. Nam prehabita inquisitione repertum fuit ipsam longo tempore uite sue sortilegiam et magam fuisse.

Exemplo [disso deu-se] quando um dentre nós inquisidores referiu de certa aldeia que quase foi privada de homens pela mortandade, e corria a voz de que certa mulher sepultada deglutia passo a passo [*successiue*] a mortalha em que fora sepultada, e de que não haveria como a peste cessar até que ela tivesse consumido a mortalha por inteiro [levando-a] a [seu] estômago. Após terem deliberado a respeito disso o juiz local e o prefeito da cidade, excavar a sepultura encontraram quase metade da mortalha enfiada e consumida entre a boca e a garganta, até [chegar ao interior do] estômago. Ao vê-lo, o juiz, inquieto, sacou a espada e, tendo amputado a cabeça, tirou-a para fora da fossa. E assim imediatamente a peste cessou. Onde [resulta que], por divina permissão, puniram-se inteiramente os pecados da velha sobre os inocentes, por conta de [sua] simulada supervisão [i. e., sem terem-na efetivamente

65 Foi consultada a reedição de 1728.

exercido]. Pois, tendo sido ministrada uma inquisição, foi referido que a mesma tinha sido, por longo tempo de sua vida, feiticeira e maga.⁶⁶

Outro testemunho bastante lembrado é este, que se encontra em um volume dos *Colóquios à mesa* de Lutero, publicado em 1566:

Es schreib ein Pfarherr M. Georgen Rörer gen Wittenberg, wie ein Weib auf einem Dorf gestorben wäre, und nu, weil sie begraben, fresse sie sich selbs im Grabe, darum wären schier alle Menschen im selben Dorf gestorben. Und bat, er wollte D. Martin fragen, was er dazu riethe. Der sprach: “Das ist des Teufels Betrügerei und Bosheit; wenn sie es nicht gläubeten, so schadete es ihnen nicht, und hieltens gewiß fur nichts anders, denn fur des Teufels Gespenst. Aber weil sie so abergläubisch wären, so stürben sie nur immerdar je mehr dahin. Und wenn man solchs wüßte, sollt man die Leute nicht so freventlich ins Grab werfen, sondern sagen: ‘Da friß, Teufel, da hast du Gesaltzens! Du betreugest uns nicht!’”

Escreve um pastor, M. Georgen Rörer de Wittenberg, como, tendo morrido uma mulher numa aldeia, e então, tendo pois sido enterrada, comia a si mesma no túmulo, e por isso morreram quase todas as pessoas daquela mesma aldeia. E, querendo [o mencionado pastor] indagar ao Dr. Martinho o que julgava a esse respeito, rogou [que lhe respondesse]. Este disse “Trata-se da enganação e da maldade do diabo; se eles nisso não acreditassem, nada haveriam de sofrer, e sustentariam não ser outra coisa senão o fantasma do diabo [*des Teufels Gespenst*]. Porém, como fossem de tal modo supersticiosos, só haveriam de morrer sempre, e mais, disso. E, em sabendo-o, não se devia jogar a gente tão sacrilegamente à cova, mas, ao contrário, dizer: “Aí comes, diabo, aí provas do sal,⁶⁷ tu não nos enganas!”⁶⁸

66 *Malleus maleficarum*, fo. 38v col. b.

67 Encontro dificuldade em traduzi-lo – *da hast du Gesaltzens* [ed. crítica, 1921] / *da hastu gesaltzens* [ed. 1566] : Poder-se-ia interpretar ainda de muitos modos divergentes, como nas linhas de: “aqui provaste tolo” | “aí tens do salgado [/temperado... / ~ ‘de comer’]” | ou, bem mais livremente, “aí te deste mal”?...

Cf. DWB (exemplos e comentários omitidos): 1) *eigentlich, mit salz versehen, salzig* | 2) *mit salz behandelt, in salz eingelegt* | 3) *bildlich*. a) *scharf wie eine stark gesalzene speise, schwierig, schwer zu bewältigen* b) *gesalzen, sehr theuer im preis* c) *in bezug auf geist und witz, ausgehend vom salz als würze, negativ übel gesalzen, dumm* c) *in bezug auf geist und witz, ausgehend vom salz als würze, negativ übel gesalzen, dumm*. – Tampouco convém perder de vista o jogo com o *sal* como em metáforas religiosas: cf. ainda DWB, na acepção 1) acima: *das scharfe salz als reinigendes element betrachtet*: es ist kein brunn so heilig oder gesaltzen, wenn auch die osterkertzen darin gestanden und alles heilthumb darin gesenkt were, das uns von sünden rein machen könne. Mathesius Sar. 120.

68 Lutero, *Tischreden aus verschiedenen Jahren, Sammlungen Aurifabers*, n° 6823 (edição crítica das Obras de Lutero, dita de Weimar: Böhlau, 1921; Ab. 2, Bd. 6, pág. 214). Convém observar que as *Tischreden* não devem ser adscritas rigorosamente à redação de Lutero, mas constituem antes conversações com diversos interlocutores em situações domésticas, informais, anotadas por terceiros. Não deixa de ser interessante, no âmbito desta dissertação, a nota que a moderna edição achou por bem registrar ao pé da página, na qual equivale vampiros a *Nachzehrern*: “*Über den Glauben an Vampire (Nachzehrern)*, vergl. A. Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube*, 3. Aufl. (1900) 479 ff”. Minha presente argumentação visa aproximar-se criticamente *justo dessa equivalência* –

Segundo essas palavras atribuídas a Lutero, o morto mastigante não é manifestação de um fantasma qualquer, mas do próprio diabo: ainda que ilusória, ou melhor, com o claro propósito de induzir na alma dos crédulos a ilusão.

Em tantos outros relatos, o motivo da morte em série (a pestilência) é explicitamente associado, e em mão dupla, à mastigação pós-morte:

Man hat in Pestilenz zeiten erfahren / das todte Leute / sonderlich Weibes personen / die an der Pest gestorben / im Grabe ein Schmätzen getriben / als eine Saw / wenn sie isset: vnd das bey solchen Schmätzen die Pest hefftig zugenommen / vnd gemeinlichen im selben Geschecht die Leut häufig nach einander gestorben.

Soube-se em tempos de pestilência de pessoas mortas, notadamente mulheres, que, tendo morrido de peste, no túmulo emitiam um mastigar como de uma porca a comer: e que, a esse mastigar, a peste grassou violentamente e, de modo geral, era freqüente que pessoas daquele sexo morressem uma após a outra.⁶⁹

A incidência preferencial (mas não exclusiva) em pessoas do sexo feminino se confirma em muitas ocorrências similares.

Em ambiente alemão, dentre os autores que se ocuparam de mortos mastigantes ou de outra forma nocivos por simpatia no período entre o século XVII e o início do XVIII, destaquemos sobretudo Heinrich Kornmann, que o fez na forma de um compêndio,⁷⁰ e Christian Friedrich Garmann (1640-1708), no âmbito de uma apreciação médico-legal de grande fôlego.⁷¹

69 Martin Böhm, *Die drey grossen Landtplagen, Krieg, Tewrung, Pestilenz... 1601*, in Schürrmann 1990:143.

70 *De miraculis mortuorum* (Kornmann 1610). Ver, no interesse desta pesquisa, esp. partes II e VII. Kornmann notabilizou-se por livros de *curiosa* em que recuperava lendas e crenças populares, como no *Mons Veneris, Fraw Veneris Berg: Das ist, Wunderbare und eigentliche Beschreibung der alten heydnischen und Newen Scribenten Meynung von der Göttin Venere [...]* (Frankfurt a. M.: Fischer, 1614).

71 *De miraculis mortuorum* (Garmann 1670); revisto e aumentado na edição de 1709 (os acréscimos não se limitam aos novos livros II e III, mas também incidem sobre as matérias tratadas no livro I). Garmann examina uma série de fenômenos extraordinários observados em cadáveres, entre eles: crescimento de cabelos, unhas etc.; flacidez e flexibilidade; mobilidade; sanguinolência; *erectio pennis* e muitos outros. Especificamente sobre o fenômeno dos *Schmezzenden Toden* verte o cap. I, 3, de que anotamos alguns pontos ali discutidos (grande parte deles, refutados pelo autor): ocorre especialmente em tempos de peste; em cadáveres do sexo feminino; atrai para a morte preferencialmente aqueles com quem o cadáver possuía parentesco de sangue; é tradicionalmente imputado à ação de *striges*, incubos, lârnias, bruxas; utilizam-se amuletos apotropaicos, como a pedra ou moeda colocadas à boca do morto; implica argumentos teológicos e naturais; é relacionado ao “*Catehanas*” cretense (aqui Garmann cita Kornmann, que por sua vez cita Agrippa) etc. Há, para além das duas edições acima referidas, uma moderna edição facsimilar (apenas livro I, na versão de 1670) acompanhada de tradução alemã a cargo de Silvio Benetello e Bernd Herrmann (Garmann 2003).

Pois bem: é exatamente a essa tradição argumentativa que o livro de Michael Ranfft responde, em 1725. Já o expressa no título da obra, por sinal: *Sobre a mastigação dos mortos nos túmulos*. Ranfft retoma não apenas esse título, mas também a divisão em duas partes (I: Historicum; II: Philosophicum) à dissertação de Philippus Rohr, defendida na mesma Universidade de Leipzig a 16 de agosto de 1679.

Também a linha de argumentação é a mesma de Rohr: propor, no lugar de uma explicação preternatural ou demonológica, razões naturais que possam dar conta do fenômeno.⁷²

Aqui reside o primeiro ponto de interesse da obra de Ranfft: armado principalmente de exemplos e argumentos oriundos daquela tradição dissertativa germânica, ele busca compreender os acontecimentos que se passaram com o cadáver sérvio [*sic: Hungarico*] de Kisolova. A coisa lhe oferece alguma dificuldade. Afinal, o *vampir* sérvio não é – ainda – um *schmatzender Tote* centro-europeu. Na seguinte passagem, Ranfft parece expressar certo desconforto quanto a essa conformidade lassa de seu assunto:

Relationes quidem, quas supra de masticantibus mortuis suppeditavimus, maxima ex parte in hoc consentiunt, mortuum vestes suas ferales, quantum ore attingere potuerit, devorasse & deglutivisse. Verum singulare illud Hungaricum, quod inprimis hic sub examen vocare annitimur, exemplum de hac rei circumstantia nobiscum nil communicat. Effossus Plogojovitinis vestes suas omnes adhuc integras habuit. Unicum, quod hujus loci esse videtur, est sanguis ille in ore defuncti repertus, de quo creditum fuit ex interemtis luctum fuisse.

Por certo os tais relatos que acima referimos a respeito de mortos mastigantes concordam em grande parte nisso: que o morto devorasse e deglutisse aquelas suas vestes fúnebres a que pôde aceder com a boca. É verdade que aquele singular exemplo da Hungria, o qual primeiramente nos esforçamos em pôr sob exame, não nos informa nada dessa circunstância. O exumado

72 Em Rohr (1679), Cap. II, Th. 2, *Falsò masticatio mortuorum adscribitur qualitati alicui occultae*: “[...] breviter expendendum, quid Physicis sint causae occultae, ex quo dein apparebit, num hic effectus à tali causa proveniat. Sunt verò occultae qualitates potentiae naturales absconditae & latentes, quibus res naturales aliquid agunt patiuntur, cujusque causa vera certò non poteste dari”. Na seqüência da argumentação, serão distinguindas *causa eficiente*, *principal* e *instrumental* (Ranfft procede exatamente do mesmo modo). A ação do diabo só pode ser ocasional, não causa eficiente do fenômeno. Esta se deve unicamente a contingências naturais. Quanto a elas, um longo debate irá se estabelecer, com diferentes linhas defendidas. Em torno das *simpatias* e *antipatias*, por exemplo, já se desenvolvia uma doutrina do magnetismo natural (cf. Atanasius Kircher, bastante citado nesse contexto). – Em Ranfft (I, §10), soma-se a essa clivagem um *tópos* desenvolvido desde o séc. XVI, o ponto de vista propiciado por uma “crença melhor”: ao relegar aos “papistas” uma tendência à credulidade, o autor lhes contrasta uma visão cientificista (contrapondo “milagre” × “fenômeno notável da natureza” ou “influxo natural dos corpos”). Sobrepe-se, à orientação doutrinária luterana, um princípio de empiria.

Plogojowitz ainda tinha íntegras todas as suas vestes. A única coisa que parece pertinente é o tal sangue encontrado na boca do defunto, creditado ser daqueles que tinham sido assassinados.⁷³

Trata-se, com toda evidência, de integrar o vampiro “húngaro” aos estratos de codificações e às categorias da literatura erudita centro-européia de língua latina e alemã.

Há na obra mais um aporte significativo (mesmo que não tenha sido *fundado* por esse texto), a associação bastante explícita com o incubo, para a qual Ranfft emprega o termo grego (*ephialtes*). Os próprios morientes de Kisolova afirmavam terem sido molestados como por um incubo (I, §24).

No §11 da primeira dissertação, Ranfft nos apresenta seu arsenal de referências de base. Poderíamos agrupá-las grosseiramente assim: notícias esparsas de *masticatione mortuorum* do início da Era Moderna, entre eles o supracitado *Colóquio à mesa* luterano⁷⁴; obras sobre fenômenos admiráveis observados em cadáveres (de que as de Kornmann e Garmann estão hoje entre as mais freqüentemente lembradas); livros de temática afim, mas desprovidos de um olhar eminentemente médico-científico, principalmente do séc. XVII⁷⁵; o tratado de Rohr (1679), de cujo objeto o livro de Ranfft mais se aproxima. A essas referências, Ranfft acrescenta algumas notícias oriundas de países eslavos: a crônica boêmia de Hájek z Libočan (que retoma dois episódios anotados por Jan Neplach) e a enciclopédia polonesa de Rzączyński (que retoma uma passagem de Gengell). É por ocasião desta última referência bibliográfica que comparecem dois dos raros vocábulos associáveis ao vampiro presentes nas primeiras edições do *Tratado* de Ranfft: *Upiers & Upierzycza*.⁷⁶ O mais interessante é que a associação destes ao sangue se dá pela sanguinolência (*cruentatione*) e não pela hematofagia:

[...] Rzączyński [...] de *cruentationibus cadaverum agit, & hac occasione multa simul profert de mortuis in tumulis adhuc voracibus & vicinis viventes spectrorum modo trucidantibus*.

[...] Rzączyński [...] trata de efusões de sangue dos cadáveres, e nesta ocasião também reporta muitos exemplos de mortos ainda vorazes no túmulo e que trucidam os vivos próximos à maneira dos espectros.⁷⁷

73 Ranfft 1728:33. Reporto também a tradução alemã autógrafa: “Alleine das gantz sonderbahre Exempel aus Hungarn, welches wir hier vernehmlich zu untersuchen vor uns haben, giebt uns von diesem Umstande keine Nachricht. Der ausgegrabene Plogojowitz hat seine Sterbe-Kleider noch alle gantz gehabt. Das eintzige, was da scheint, hieher zu gehören, ist das Blut, das man in dessen Munde gefunden, und von welchem man geglaubt, es sey von denen, durch ihn umgebrachten, gesogen worden” (Ranfft 1734:50–51).

74 Também Andreas Möller, Martin Böhmen, Konrad Schlüsselsburg etc.

75 Como Erasmus Francisci, G. P. Harsdörffer.

76 Ranfft 1728:15.

77 *Ibid.*

Associação que se explica pelo critério de organização do capítulo correspondente na referência direta de Ranfft, que é Rzączyński⁷⁸ – e não pelo da obra original de Gengell,⁷⁹ de onde provém a notícia, afinal. Esta leitura de segunda mão termina por ligar a denominação *upier* – que Gengell reportava explicitamente a um único caso – a diferentes tipos de mortos extraordinários.⁸⁰

Ranfft parte então para uma argumentação positiva, que se apóia, entre outros argumentos, na apreciação das pestilências⁸¹ e dos princípios que regem a composição e a decomposição do corpo humano.⁸²

Esses são, em linhas muito gerais, alguns dos aportes de Ranfft à discussão do vampirismo, como expostos nas duas primeiras edições do *De masticatione mortuorum*. A terceira edição do livro, porém, explicita uma inflexão extremamente significativa. Ela se segue à eclosão de um debate provocado pelas notícias a respeito dos acontecimentos de Medvegia de 1732.

Ao traduzir sua obra em 1734 para o alemão, Ranfft não apenas acrescenta o *Vampir und Blutsauger* ao subtítulo mesmo do livro,⁸³ como complementa-o com uma terceira e nova parte: uma seleção comentada de documentos e artigos em torno do vampiro sérvio recém-publicados, como aqueles elaborados nos círculos pensantes de Leipzig, Nürnberg e Berlim. Ranfft expõe as opiniões defendidas pelos autores citados e

78 *De cruentatione cadaveribus*, seção segunda do Tratado XIV, “*Que verte sobre coisas extraordinárias dos mortos*”.

79 Segundo Tratado: “eregem-se algumas Proposições ou Princípios que conduzem à ruína do Ateísmo”, capítulo VI: “Da existência de substâncias teóricas invisíveis”, item: segunda resposta à terceira proposição, “De onde [provém] a agilidade e movimento daquele [tipo de] cadáver?”.

80 O livro de Rzączyński não reporta as citações com uma distinção gráfica clara (aspas ou itálico); o que colaborou para a confusão de um exemplo (a partir de Gengell) com outros (de origem diversa e não diretamente associados à denominação *upier*).

81 I, §49: a peste traz algum tipo de agente invisível, provavelmente trazido pelos artigos comercializados entre diversos países. É mais disseminada em países do Leste, entre os muçulmanos.

82 II, §19: o corpo humano é constituído de elementos primários e secundários (ao sal correspondem: urina, sangue e carne; ao enxofre: gordura, cheiro, cor, comburabilidade; ao mercúrio: fragilidade, mobilidade). A corrupção do corpo após a morte é a dissolução desses componentes, que é mais difícil quando as partes são homogêneas. A operá-la, Ranfft recruta um *mênstruo dissolvente*: à sua ineficácia se deve a incorruptibilidade do cadáver “húngaro”.

83 *Tractat von dem Kauen und Schmatzen der Todten in Gräbern, worin die wahre Beschaffenheit derer Hungarischen Vampyr und Blut-Sauger gezeigt, auch alle von dieser Materie bißher zum Vorschein gekommene Schrifften recensiret werden*.

posiciona-se frente a elas. Torna-se, nessa medida, um dos primeiros historiógrafos do vampiro.⁸⁴

Eis o processo de unir o vampiro – os modos de compreendê-lo – às categorias epistêmicas e simbólicas germânicas, como expressas por excelência na *masticatione mortuorum* ou em figurações do morto tais quais o *Nachzehrer* e o *Gierhals* etc.⁸⁵ Ao se fundir imperfeitamente com os mortos nocivos centro-europeus, o vampiro adquire um novo e longo núcleo de identidade. É a partir desse cenário que relatos de acontecimentos notáveis passarão a ser descritos (muitas vezes em retrospecto) como “casos de vampirismo” em diferentes regiões centro-européias, como a Silésia, a Morávia, a Boêmia ou o Reino da Hungria propriamente dito.

III. Ganhar o mundo

“Cada século... possui seus preconceitos”: *Calmet virado em vértice*.

Um princípio análogo ao que preside à terceira parte do *Tratado* de Ranfft guia o compêndio sobre vampiros e outros mortos ressurgidos de dom Augustin Calmet.

O beneditino Calmet (1672-1757), exegeta e professor, abade do convento de Senones, foi um escritor profícuo, autor de dicionários e comentários bíblicos, estudos históricos, obras de introdução aos livros da Sagrada Escritura.⁸⁶ Publicou também uma dissertação sobre *revenants* que logo se provou referência obrigatória na historiografia do vampiro.

84 Isto é: no âmbito de uma única obra. Pode-se afinal argumentar que as quase duas dezenas de artigos e notícias sobre o vampiro sérvio publicados pelo semanário médico de Nürnberg, o *Commercium litterarium*, já constituísse uma historiografia, embora dividida entre diversos números do periódico.

85 A respeito dessas e outras figurações, um apanhado de grande valia é dado por Thomas Schürmann (1990:79-124). Esta gama compreende, entre outros, *Doppelsaenger* (noroeste da Alemanha); *Lichensüger* (Nordhessen); *Todenküsser* (Oberpfalz); *Angeber* (Mecklenburg); *Unruh* (imediações de Zwickau); *Ungeheuer*, *Neuntöter*, *Gierhals*, *Nimmersatt* (Hinterpommern e Prússia Ocidental); *Unhier* (Prússia Oriental e Pomerânia) etc. Em tempos mais recentes (final do séc. XIX-início do XX), não deixa de ser anotada também a denominação *Vampir* em diversas regiões da Alemanha; contudo, como observa Schürmann, o termo nunca remete a “crença em vampiros do tipo do Sudeste europeu, mas sempre aquelas representações do ‘voltar a buscar’ [*Nachholen*] que também são testemunhadas nas respectivas regiões” (*ibid.*, 101n). Note-se que não há uma coerência estrita entre denominação e caracterização: uma mesma denominação (*Nachzehrer*, p. ex.) pode variar em suas caracterizações, ao passo que descrições características (ser decapitado) coincidem em representações de nome diverso. Nesta e noutras passagens, o estudo de Schürmann dialoga com o de Grober-Glück (1966:449-451), relacionando-lhe, entretanto, uma dimensão mais espessa de referências bibliográficas. Ver ainda His 1929; Wiegelmann 1966, Bächtold-Stäubli 1927-1942.

86 Quanto à exegese bíblica, é autor do *Commentaire littéral sur tous les livres de l'Ancien et du Nouveau Testament*, publicado em diversos volumes entre 1707 e 1716. Cf. o volume *Dom Calmet, un itinéraire intellectuel*, organizado por Fabienne Henryot & Phillipe Martin. Paris: Riveneuve, 2008.

Pode ser que a herança (ou o senso comum) não tenha rendido justiça ao exegeta beneditino, ao retratá-lo na condição de vampirólogo. Em todo caso, veja-se, já pelos seus contemporâneos foi lembrado como autor da *Dissertation sur les revenans et les vampires*.⁸⁷ Um indício afim provém da recepção desta, ao fazer dela uma virtual “separata”. Embora a “Dissertação sobre regressantes e vampiros” não tenha sido concebida como obra autônoma, e sim como parte complementar de um díptico – a primeira parte consistindo em uma dissertação sobre aparições de anjos, demônios e demais espíritos⁸⁸ –, é incomum encontrarmos reflexos e citações desta primeira parte do livro de Calmet... Já os que se referem a vampiros e *revenans* são freqüentíssimos.

Similarmente, considerar a segunda *Dissertation* de Calmet apenas como um tratado de vampirologia é realizar uma leitura interessada, que privilegia determinado enfoque em prejuízo de outras perspectivas, decerto ali também veiculadas. Critiquemos uma recente leitura afim àquele enfoque, sem por isso desmerecê-la. No n° 15 da revista catalã *Upir*,⁸⁹ Jordi Ardanuy (2008) propõe um levantamento das fontes da *Dissertação*⁹⁰ de Calmet quanto a casos de vampirismo. Mas: o que é vampiro, em Calmet? Em que medida ele se diferencia essencialmente de outras aparições? Ou, ao contrário, não devemos esperar uma distinção de natureza, mas apenas de inflexão, no exame das narrativas concatenadas pelo beneditino?

No compêndio de Calmet, “o vampiro” não se aparta de criaturas tais como os mortos nocivos vagantes da história medieval ou tardo-medieval inglesa, dinamarquesa, boêmia: William of Newburgh, Saxo Grammaticus etc. Ele não é objeto de uma definição na *Dissertação sobre os regressantes em corpo, os upiros ou vampiros, os brucolaques &c.*, mas só toma corpo no encontro de dezenas de casos diversos, ali costurados... Os limites não são claros

87 Ver seção VIII. do Apêndice, que retoma passagens em torno da *Encyclopédia* e da relação desse círculo com Calmet. | O título acima referido é aquele abreviado, como grafado p. ex. à pág. 245 da 2ª ed. (1748). Em demais paratextos, a obra refere-se a si própria como *Dissertation sur les revenans en corps, les excommuniés, les oupires ou vampires, brucolaques, &c.* (*ibid.*, p. 255); alternativamente como *sur les vampires, les revenans, les excommuniés, les brucolaques &c.* (*ibid.*, p. 247)

88 *Dissertations sur les apparitions des anges, des démons, & des esprits, & sur certains effets qui paroissent surnaturels* (in Calmet 1746:37-244).

89 Um periódico a ser acompanhado por quem se interesse pelo estudo e pelas manifestações estético-literárias do vampiro: < <http://www.cercle-v.org> >, acesso a 11 de setembro de 2013.

90 Em sua edição revista de 1751.

(nem precisam sê-lo), muito menos dados de saída.⁹¹

Não que haja inconsistência na leitura de Ardanuy: o ponto é salientar que ela repousa sobre outra premissa. O que é que justifica o critério de inclusão/exclusão do que Ardanuy chama de casos concretos de vampirismo? Não um enunciado simples de definição, mas um complexo narrativo e simbólico a que podemos indicar pelo *tipo* ou pela *temática* do vampiro, histórica e culturalmente constituídos. Então, um ganho metodológico suscitado pela abordagem de Ardanuy está em atentar para os *casos excluídos de seu levantamento*, evidenciando em negativo os contornos daquele seu recorte.

Façamos uma consideração semelhante, mas invertendo-lhe o sentido. Podemos reconhecer em Calmet – ou melhor, em diversos autores da primeira metade do séc. XVIII, aí incluídos Ranfft e Davanzati – o momento e a situação em que diferentes representações simbólicas, tais como figuradas por um grande conjunto de textos, são convocadas a erigir um tipo (uma entidade para além dos casos particulares). Em vez de *localizar* os vampiros copiados por Calmet, ou abordá-lo como se este exprimisse uma genealogia linearmente definida, observemos de que maneira os dissertadores-antologistas, ao enriquecer assim difusamente o vocabulário do vampiro, colaboram para moldá-lo tão plasticamente.

91 Em outras palavras, em Calmet não encontramos um *protótipo* de vampiro com relação ao qual casos particulares possam ser medidos em seu “grau de pregnância semântica”. Por isso, discordo de Ardanuy (2008:93–94) quando assume como critério definidor do vampiro a descrição (em certa medida pontual) de morto que retorna da cova para atormentar aos vivos: apesar de Calmet apropriar-se do discurso ao redor, há na obra mais vozes do que apenas a sua. Além disso, se *revenans {en corps}* fossem perfeitamente congruentes a *vampires*, não haveria necessidade de reportar ambos nos títulos dados à dissertação (alguma sinonímia dá-se antes entre *oupires* e *vampires*). Do artigo de Ardanuy, tampouco me parece isento o princípio de procurar espelhar, como critério do que seja vampiro, “o ponto de vista do próprio Calmet”.

Algumas palavras no intuito de esclarecer o diagrama proposto. Primeiramente, fique claro que Calmet (assim como Ranfft, Davanzati ou qualquer dos demais autores citados) não é aqui tomado apenas como atualização de instâncias bibliográficas – estas devem ser antes entendidas como modelo de uma dinâmica mais ampla. Os textos e autores que constam do diagrama são apenas exemplos à mão, por terem sido objeto de comentário ao longo da presente dissertação, e não marcos fixos. As representações simbólicas (*upir*; *íncubo*; *morto mastigante...*) que figuram em itálico no cone esquerdo não são expressas diretamente pelo núcleo central (isto é: nas obras de Ranfft, Calmet etc.), mas sempre mediadas por um ou mais textos. Na maior parte dos casos acima dispostos, tampouco os autores à esquerda representam algo como um “grau zero” de incorporação ao texto da figuração simbólica grosso modo correspondente, mas estes via de regra retomam-na de ainda outras fontes, não contempladas no diagrama.⁹²

Trata-se de compreender o vampiro em Calmet como uma entidade que só se perfaz *na leitura seletiva de muitos elementos*. Essa leitura, como o próprio diagrama gostaria de explicitar, não é unívoca, mas obedece sobretudo *ao olhar do leitor*, melhor ainda se infletidos no plural. É esse vértice, ponto de encontro que não admite ser reduzido a uma linearidade, que nos faz ler “vampiricamente” textos que por si (isto é: em seus contextos originais) não diziam respeito diretamente a um tipo p. ex. como narrado nos relatos do *vampir* balcânico ou do *vrykolakas* grego.

Uma vez desenhados os permeáveis contornos do tipo do vampiro, abre-se uma gama de possibilidades para desenvolvê-lo em criações retóricas, poéticas e ficcionais; inclusive as de usá-lo marginalmente, ou como alusão, caricatura e assim por diante. Retomemos o diagrama, nele explicitando algumas de suas possíveis associações.

A Goethe, ocorre valer-se de um núcleo narrativo recuperado da Antiguidade,⁹³ e pode escolher fazê-lo dotando sua personagem de ares vampírescos, por vezes mais reconhecíveis, por vezes menos, a depender da inflexão de nossa leitura. Sua *Noiva de Corinto* decerto não se reduz à atualização de referências livrescas, do folclore tampouco. Aqui e alhures, o que contrasta o texto ao viés temático não é simplesmente a linha de transmissão, mas todo um campo de representações: o acervo temático e o tipo literário, aqui revisitados em função de um

92 Por exemplo: sobre o *upyr* pronunciavam-se (oralmente, supomos) “testemunhas oculares dignas de fé”, conforme lemos em Gengell (1716); este texto é retomado por Rzączyński (1721); por sua vez citado por Ranfft (1725).

93 E, quanto a isso, traçar linhas é apenas *uma* maneira de entendê-lo (Flégon de Trales... Le Loyer... Praetorius...).

conjunto de princípios estéticos.⁹⁴ Do mesmo modo, no segundo *Fausto*, personagens como *lamia* e *empusa* são chamadas à cena sem que se deixem reduzir a simples figurações vampírescas.

Também Sacher-Masoch pode reencontrar o mito de Pigmaleão por meio de uma tintura de vampiro, em “Die Todten sind unersättlich”: mais uma vez, não se trata de um punhado de fontes a serem decifradas exegeticamente, mas da *conjunção criativa* de mais motivos e imagens do que interessa pormenorizar, cada uma passível de ser encontrada nas mais diversas realidades literárias.⁹⁵

— Um e outro autor, e principalmente as leituras que se fazem deles, *produzem* os significados do vampiro literário.

De modo que o quadro acima pode ser lido de três maneiras – Uma “literal” (que não difere de unir os pontinhos ou do jogo dos sete erros), encontrando, para textos de criação literária, pontos de apoio no cone oposto.⁹⁶

Porém: mesmo se Voltaire não está entre os exemplos representados no quadro, suas referências quanto ao vampiro *estão*, de maneira que ele aí também deveria figurar, junto de muitos outros autores e textos tampouco nele mencionados. Entende-se então o diagrama como um *esquema*, um modo de dispor um jogo de forças. Mesmo que não estejam materialmente citados pelos textos à direita, textos outros sempre haverão de encontrar um lugar à esquerda; mediados, nesse nosso enfoque, pelo tipo literário.

94 Entre os quais reconheceríamos: a forma balada, teorizada por Goethe & Schiller como *encontro* dos gêneros épico, trágico e lírico; o Classicismo; o emprego, contrastado ao componente “luminoso” ou “meridional”, de uma matéria noturna, sombria, “teuta” ou “setentrional” etc.

95 Daí o propósito e a premência de um esforço hermenêutico, mais do que “crítico” (como o entende Schleiermacher) ou semântico.

96 ... Intertextualidades, memória, tradição, invenção, isto é: no esquema, o vértice central, exemplarmente representado por Calmet, Ranfft e Davanzati, relê e distribui os autores e as figurações simbólicas do cone esquerdo. O viés temático de leitura permite projetar sobre esses, *através dessa lente*, os textos do cone direito (não necessariamente literários, como exemplificados no quadro). De um ponto de vista crítico-bibliográfico:

a) Agrippa está em Davanzati {com *katakhanâs*, mesmo que a denominação não compareça explicitamente}; *upir* e *schmätzende Toten*, em Ranfft; quase todos em Calmet. Diversos dos exemplos são compartilhados pelos três vampirólogos.

b) Elementos poético-narratológicos encontráveis em textos dos autores do cone à direita são reconhecíveis (às vezes retraçáveis) nos textos do extremo oposto; ao focá-los sob essa luz, sobressaem os elos (discursivos e simbólicos) que *passam pelo vértice* [peste; sangue-suga; monstro sexuado; lobisomem etc.].

c) Mas cada grupo, assim disposto, comporta também seus reflexos internos: Saxo Grammaticus está em Agrippa, Flégon, em Richard; Dumas lê Nodier que lê Polidori que lê Byron...

A quem se dispusse a retraçar as possíveis linhas, advirta-se que, graficamente materializado, o desenho completo resultaria de difícil leitura, senão incompreensível.

Disse que haveria uma terceira leitura do diagrama. Trata-se de sair da sua bidimensionalidade, perceber a interação desse enclave referencial com outros eixos de gravitação, e compreender o fenômeno literário sob um ângulo menos incisivo – o tipo só é um tipo porque se insere no universo simbólico de uma sociedade, e o faz ao jogar com outros modelos, alguns dos quais, no caso do vampiro literário, não seria difícil apontar, como (de novo, primeiramente, apenas de um ponto de vista tipológico): o Judeu Errante; o Don Juan; o anti-herói da *gothick novel*; o herói byroniano⁹⁷; os tipos melodramáticos, por vezes tão reconhecíveis em contos vampírescos.

Cultura “folclórica” × “douta” : condições de circulação do discurso.

Partindo do enfoque sobre um período-chave – de início, mais centralmente os sécs. XVII-XVIII –, façamos uma breve consideração no tocante à forma e ao gênero dos textos reunidos no *corpus*: em um momento crucial para sua conformação, o assim moldado vampiro se expressa principalmente em *notícias* (sublinhando um caráter exótico e etiológico) e em *monografias*. Destacaremos em seguida dois outros aspectos formais privilegiados no discurso do vampiro, que são o *compêndio* e a *narrativa testemunhal* (tantas vezes, como já se percebe, em combinação).⁹⁸

Sobre a narrativa testemunhal, diremos apenas da longevidade de seu emprego como recurso argumentativo/narrativo. Extrapolando o período central de que partíamos logo acima, encontramos-na, pontualmente adaptada ao texto e ao gênero, seja no registro histórico de William de Newburgh, no séc. XII (“*conforme fui informado por um velho clérigo que vivia por aquelas paragens... e que recordava esse fato que lá presenciara*”), do relato de viagem de Tournefort, em 1727 (“*se nós não estivéssemos presentes*”), enfim, em registro ficcional, na extensa analepse do general Spielsdorf que revela a identidade de Millarca/Mircalla/Carmilla na novela de Le Fanu (1772) – nas narrativas em terceira pessoa que aninham uma *Ich-Erzählung*.

O compêndio caracteriza-se antes de mais nada pela pluralidade de vozes, filtradas por uma mão de percepção variável. O vampiro está então sujeito a um princípio de

97 E, com ele, o vilão de Schiller, para Mario Praz (2008).

98 Percebe-se uma relação retrospectiva entre *temática* e *gênero discursivo*, os quais (postos de lado por um momento outros eixos igualmente essenciais) funcionam bi-helicoidalmente: um como que é o decalque, a pegada do outro. No limite, não há temática sem sua correspondente variação formal e estilística (no caso do vampiro ao menos); não há gênero culturalmente constituído que não expresse um acervo temático.

catalogação que um dia, agudizando-se, o levará a personificar uma “categoria”, individualizada por exemplo no verbete enciclopédico ou de dicionário.⁹⁹ Há de adquirir assim (através da letra, não no conto oral) o *escopo universal* que buscavam, cada um à sua maneira, Antti Aarne e Stith Thompson (ver cap. 2 *supra*). Mas a forma do compêndio caracteriza-se ainda por aproximar objetos diferentes, espelhando-os conforme os meios organizativos de que dispõe – É portanto próprio do vampiro, no primeiro grande momento de sua existência literária, ser tematizado ao lado de figurações consímiles que se lhe forçam o parentesco. Isto favorece sua compreensão em regime de analogia, de sinonímia, de sinédoque (em alguns casos, de metonímia). Em outras palavras, o vampiro ganha traquejo e fluência de identidades, sabe mudar de cara permanecendo individuável. Mais do que isso, ele próprio é fruto de uma aproximação: *vampir* e *vrykolakas* congregam-se ao morto mastigante centro-europeus, nisso sendo-lhes sublinhado o aspecto de *Blut-Sauger* (sanguessuga). À mesma época, em sua obra enciclopédica sobre a Polônia, Gabryel Rzączyński (1721) faz imediatamente suceder, ao *upier* e à *upierzycza*, um caso distinto sem solução de continuidade, do cadáver feminino que, sem deixar o túmulo, mastiga a mortalha causando mortes na vizinhança.

Ambos os recursos de composição (narrativa testemunhal; compêndio) são largamente ativos no Ocidente desde o Medievo,¹⁰⁰ como se percebe à leitura dos textos ligados pela reconstrução da bibliografia em torno do vampiro. Já a notícia (em narrativas de viagens; em jornais) e a monografia são formas expressivas de dada época e suas realidades sócio-culturais, neste caso, a Era Moderna.

Ao sopesar esses aspectos semânticos e formais, temos uma pista de que o vampiro só se teria adensado em um núcleo simbólico-identitário pelos recursos e técnicas de um ambiente *letrado*.

Em outras palavras, já compreende-se por que, em esquemas como os graficamente propostos por Perkowski (2006:364) abaixo reproduzidos, seria necessário precisar o que significariam as consecuições que se propõem religar diferentes classes de representações:

99 Eventualmente, ainda sob outros agrupamentos, como o tema literário; as zoomorfias de morcegos hematófagos etc.

100 A percepção de uma semelhança aproximativa não deve escamotear as tantas variedades que a noção comporta. O “compêndio”, como escolhi nomeá-lo, do início da Idade Moderna (Agrippa; Burton; Praetorius) é muito diferente do medieval (em exemplos extremos, Burcardo de Worms; Cesário de Heisterbach) – assim, o acento recai antes sobre o princípio geral de composição do que sobre a forma acabada da obra.

Ou ainda (Perkowski 2006:327):

Prehistoric Meaning:	ritual wearing of wolf pelt – before 9th century A.D.
Mythological Meaning:	chaser of clouds and devourer of the sun and moon – 13th-16th centuris A. D.
Daemonic Meaning:	vampire – 16th century A. D. – present

Sem baratear tal interpretação, ao contrário buscando qualificá-la, toda a questão reside no valor que se queira atribuir a tais linhas de sucessão.

•

Vamos assumir, antiteticamente, que o vampiro tivesse forjado uma identidade para si já no âmbito “popular” – ou, enfim, no do universo simbólico como rastreável no folclore de certas comunidades – antes de sofrer os desvios de curso de uma cultura letrada.¹⁰¹ Rascunhemos uma hipótese partindo daquela formulada por Bernhard Schmidt (1871), em seguida complementando-a: admitamos que algumas representações gregas afins ao vampiro – *katakhanâs* em Creta e Rodes, *sarkoménos* no Chipre etc. – poderiam ser independentes de um elemento eslavo (sem que seja preciso decidir se isso se deveria à sobrevivência e à mutação de representações encontradas na Antiguidade como *lamia*, *empusa*, *strix* etc.). Assim supondo, poderíamos compreender os “vampiros folclóricos” balcânicos como uma interação desses dois ramos de tradições, grego (ou mediterrâneo) de um lado, eslavo de outro.

101 Como quer Lecouteux (2003), entre outros.

{Notas ao diagrama: As representações gregas estão em parênteses porque devem ser entendidas menos literalmente, isto é, como uma sorte de representação afim às aqui anotadas, mas não necessariamente nomeada dessa maneira – p. ex.: são escassos os testemunhos de *katakhanas* anteriores ao séc. XVIII¹⁰² – Já do *upir* e do *vl'kodlak*, temos algumas ocorrências tardomedievais estabelecidas. | O *tympaniáios*, morto conservado inflado, com pele de tímpano, e o *babutizcarios* representam casos distintos, mas estão (direta; indiretamente) ligados às narrativas do *bourkolakas* (Allacci 1645).}

A esboçada hipótese tem lá seu grau de plausibilidade. Todavia, note-se que o quadro excluiu uma série de representações que, num esquema como o acima proposto, deveriam aí figurar. Para citar apenas algumas, digamos, o *prikolič* ou os *strigoï* rumenos (o primeiro, algo mais próximo do que descreveríamos como licantropo; os segundos, podendo assumir aspecto de borboleta e outros insetos), a *opačina* búlgara (como uma bola de sangue), a *strigla* grega (uma bruxa viva, às vezes identificada com a *gello*) e tantas outras figurações que estão difusa mas freqüentemente ligadas a qualquer das concepções acima representadas. O quadro tampouco levou em conta coincidências e semelhanças nos repertórios apotropaicos, como “rezas” e amuletos; e de aniquilamento, como decapitação, perfuração por estaca, cremação: Isto obrigaria abarcar um universo cultural muito maior, insustentável pelo esquema acima hipotizado.

102 De meu conhecimento (não tendo eu empreendido uma pesquisa focada a respeito), um dos poucos testemunhos é o de Cornelius Agrippa (séc. XVI), comentado mais acima no presente capítulo. O historiador Richard Greenfield (1988) que realizou um estudo de enorme fôlego sobre as tradições demonológicas bizantina e tardo-bizantina, tendo consultado muitas centenas de textos e documentos, não encontra notícia de uma concepção como do *vrykolakas*; dele não são se reportam ocorrências anteriores ao séc. XVI. Pergunto-me se acaso não as haveria sob outras denominações, como as que Schmidt problematiza p. ex. pelo *katakhanás*. Trata-se, sem dúvida, hipóteses e respectivos campos de estudo que merecem mais atenção – e mais pesquisadores.

Tais exclusões *seletivas* (ei-las de volta) minam a pertinência do esquema; tendem a eliminar qualquer coisa que não se passe por corpo vagante que traz o mal aos viventes, seja por chamamento, estrangulamento, hematofagia... Mas realizar tais exclusões seletivas é assumir uma parcialidade de leitura sobre aqueles mesmos textos que nos legaram as figuras simbólicas representadas no quadro. Não me parece que aquilo que amarra o vampiro em um *núcleo de identidade* acima de suas ditas “variantes” seja algo que diga respeito *ao sujeito* (a um grupo de pessoas, a uma comunidade) das “crenças” ou práticas sociais, rituais, associadas ao universo do folclore; suas representações e suas narrativas do sobrenatural são (socialmente) categorizadas segundo outras lógicas. De modo que, estritamente quanto a esse ambiente simbólico, dizer “o vampiro” em relação a algo que não tenha sido *narrado* como tal – *vampir* e, alegavelmente, também *vrykolakas* balcânicos – termina por constituir um novo núcleo semântico, que não consegue ser explicado se nos ativermos à esfera da cultura popular.

Melhor dizendo: admite-se que houvesse entre populações eslavas uma entidade daimônica (ou uma espécie de divindade, para alguns pesquisadores) que aqui e ali fosse chamada de *upir/vampir*¹⁰³ e que em algum grau teria sido transmitida a certas representações folclóricas como registradas a partir dos séculos XVI a XVIII. Desse ponto de vista, é defensável que houvesse uma ou mais “identidades” para o vampiro no seio da cultura “popular”, “espontânea”, ou melhor, pouco responsiva às letras, previamente à eclosão dos processos históricos que aqui buscamos apontar. Contudo, i) que tenha existido uma tal representação não significa em absoluto que ela fosse idêntica ou semelhante às registradas séculos depois (como defendido por uma aproximação “nominalista” da etimologia); ii) as evidências de que hoje dispomos são insuficientes para dar passos firmes que confirmassem ou refutassem essa linha de hipótese. Tudo o que nos restou, lembremos, são textos – e textos que, em nome da ortodoxia, se afirmam ideológica e retoricamente *contra* o que ali é descrito como “crenças” e práticas de um Outro. (Num exemplo fora de contexto, mas ilustrativo de uma lógica não de todo dissemelhante, os cristãos dos primeiros séculos foram retratados por seus opositores como sanguinários que destroçavam criancinhas.)

A linha argumentativa da “redução folclorista” subestima linhas de força muito pronunciadas no vampiro – princípios de composição textual e condições de circulação desse discurso (sua produção e recepção). Com o que entendo: modelos argumentativos e narrativos, motivos poético-narratológicos, conceitos teológicos e científicos, gênero textual,

103 Cf. a cópia de Novgorod da homilia de Gregório, final do séc. XV (McClelland 1999).

público (ação da circulação dos livros e periódicos impressos, das cadeias comerciais, científicas e humanísticas na Europa: o surgimento de novas comunidades de autores e leitores, também de um mercado editorial). Para usar de uma metáfora, temos deste lado uma verdadeira máquina de vetores de determinação do discurso.

Povo e cultura popular como loci communes. A figuração do Outro.

Reunamos textos que mencionem tipos afins a vampiros, especialmente se dizem respeito ao Leste Europeu e aos Bálcãs e se anteriores ao séc. XVIII (isto é: antes que se completasse o semanticamente novo “vampiro”, como acima proposto). Não é difícil enxergar em muitos deles uma recorrência.

- Glosa ao Nomokanon de São Sava (séc. XIII ?):

Os perseguidores de nuvens são chamados pelos camponeses de *vl'kodlaci*.

- Allacci (1645):

Já outros opinam tratar-se do Demônio que teria assumido a figura de um homem morto e, com ela, eliminaria os homens que bem entender. Não apenas os antigos (pois tal opinião não é nova na Grécia, não é de hoje), mas também os mais recentes homens pios, que são cristãos de confissão, se esforçaram para extirpar essa opinião do imaginário do povo [*ex animi populi*].¹⁰⁴

- Paul Lucas (1705):

Pessoas que parecem dotadas de bom-senso falam de um facto bastante singular que ocorre com frequência neste local [*pays*], assim como na Ilha de Santorini; pessoas mortas, dizem eles, voltam a erguer-se [*reviennent*], fazer-se ver em pleno dia.¹⁰⁵

- Pitton de Tournefort (1727):

Dois dias depois de ter sido sepultado numa capela da vila, correu o rumor de que o viam caminhar a passadas largas, à noite, que ele vinha às casas revirar os móveis, apagar as luzes, abraçar as pessoas por trás e fazer-lhes mil diabruras. De início, isso provocou apenas o riso, mas o caso ficou sério quando as pessoas mais circunspectas [*viz. “de bem”: les plus honnêtes gens*] começaram a se queixar: até os Papás¹⁰⁶ admitiam o fato, e sem dúvida tinham suas razões para tanto. Não se furtaram a mandar rezar missas: mesmo assim o camponês continuava sua conduta, sem se corrigir. Após numerosas assembléias das autoridades da vila, de

104 *De Graecorum... opinionationibus*, cap. XII (Allacci 1635:143).

105 *Voyage... au Levant* (Lucas 1705:209).

106 Isto é, os padres ortodoxos gregos.

padres e religiosos, concluiu-se que era necessário, segundo não sei qual antigo Cerimonial, esperar que passassem nove dias do enterro.

[...] Só se gritava *Vroucolacas*, na capela e na praça diante dela. É o nome que dão a esses pretensos *revenants*. O rumor se espalhava pelas ruas como por mugidos, e esse nome parecia ser feito para sacudir a abóbada da capela. Vários dos espectadores asseguraram que o sangue daquele infeliz era de um vermelho bem vivo; o açougueiro jurava que o corpo ainda estava bem quente; donde se concluiu que o morto fazia mal em não estar devidamente morto, ou, melhor dizendo, em ter-se deixado reanimar pelo diabo; é esta precisamente a idéia que fazem do *Vroucolacas*, faziam ressoar esse nome de uma maneira espantosa. Nisso, uma turba de gente entrou, protestando alto que tinham bem percebido que o corpo não enrijecera, quando foi levado do campo para ser enterrado na Igreja, e que portanto se tratava de um verdadeiro *Vroucolacas*: era esse o refrão.

[...] nunca vi algo tão lastimável como o estado em que se encontrava esta Ilha. Todos tinham a imaginação transtornada. Até as pessoas de melhor espírito pareciam atordoadas como as outras. Tratava-se de uma verdadeira doença do cérebro, tão perigosa quanto a mania e a raiva. Viam-se famílias inteiras abandonarem suas casas e vir de todos os cantos da vila trazendo seus catres à praça, para lá passar a noite. Cada um deles se queixava de alguma nova vexação. O cair da noite era um gemido só; os mais sensatos se retiraram para o campo.

Em meio a uma prevenção tão generalizada, tomamos o partido de nada dizer. Não teríamos sido tratados apenas como ridículos, mas como inféis. Como acordar um povo inteiro? Aqueles que em seu íntimo acreditavam que nós duvidávamos da veracidade do fato vinham a nós como para reprovar nossa incredulidade, e pretendiam provar que os *Vroucolaques* existiam, por alguma autoridade provinda do açougueiro¹⁰⁷ e da fé do Padre Richard, missionário jesuíta. Ele é Latino, diziam, por conseguinte, deveis acreditar nele.¹⁰⁸

Este último é um caso mais agudo, em alguma medida diverso dos anteriores. Toda uma comunidade [*tout un peuple*] – em meio à qual o narrador é um viajante estrangeiro – é tomada por uma espécie de histeria coletiva. O trecho guarda uma passagem ainda mais interessante: os interlocutores locais recorrem à autoridade de um jesuíta *que registrara em livro* o mesmo fenômeno, cerca de quarenta anos antes.¹⁰⁹ Os “costumes” de uma sociedade

107 Velho e inepto, fora obrigado a extrair o coração do pretense *vroucolacas* no episódio que constitui o ápice da narrativa.

108 Tournefort 1727:159-162.

109 Richard publicou sua *Relação* em 1657; os eventos narrados por Tournefort sucederam-se nos primeiros dias de 1701.

periférica¹¹⁰ reagem à cultura escrita, sacam-na argumentativamente como fonte de autoridade (nisso salientando a *diferença* entre ortodoxos gregos e católicos romanos).

O *tópos* da credulidade e da alteridade é também encontrado em muitos textos medievais, vários dos quais se viram tematicamente ligados ao vampirismo. Também aqui, povo e cultura popular *são determinados* no interior do discurso que dá voz a eles:

- William of Malmesbury (séc. XII):

Decerto estas e outras nênias, segundo as quais se crê que após a morte o cadáver de um homem maligno possa vagar por ação do demônio, os ingleses as têm em credulidade quase inata, tomando-a sem dúvida aos gentios, como assim afirma Virgílio: “Tal como dizem que esvoaçam no espaço as imagens dos mortos”.¹¹¹

- William of Newburgh (séc. XII):

[...] o povo não ficaria em paz senão [após] exumado e cremado por inteiro o corpo do miserabilíssimo homem. Aos olhos do venerável pontífice, isso foi visto como indecoroso e indigno demais [...]¹¹²

- Em Burchard von Worms (início do séc. XI), também se separa, pelo discurso, um grupo social:

Fizeste aquilo que costumam fazer algumas mulheres por inspiração do diabo?

Mesmo antes do surgimento do vampiro com todas as letras (quer dizer, assim nomeado e munido de uma caracterização menos instável), a narrativa com potenciais nuances “vampirescas” se apresentava como um discurso dos *litterati*. De início elaborado no seio da igreja (menos freqüentemente do poder local ou do Estado), trata-se via de regra de um texto que se constrói *condenando* uma prática ou uma visão de mundo não sancionada. No discurso de quem repreende a práxis simbólica, a cultura de um Outro que tem sua imagem construída por negatividade – o povo inferiorizado em termos de fé e cultura –, vai-se constituindo um lugar-comum.¹¹³

Voltemos aos relatos austríacos de 1725–1732, notando como são predcados os membros dessas comunidades. Em Frommbald: *Unterthanen* (súditos); *Pövel, Pöbel* (povo | populacho);

110 Face à perspectiva do narrador; das intuições e do local de publicação dos livros (Richard: Paris | Tournefort: Amsterdã).

111 Malmesbury 1840:194.

112 William of Newburgh, *HRA*, V, 21 (1856: II, 183), Inglaterra, século XII.

113 Já literariamente desenvolvido p. ex. na “etnografia” do abade Fortis (1774).

solche Leute (tal gente). No relatório de Glaser, as predicções parecem menos significativas dessa lógica (“habitantes” [*Einwohner*]; gente [*Leute*]; apenas em uma passagem, “o povo ordinário” [*der gemeine Pevel*]).¹¹⁴ Ainda assim, imputa ser ferrenha a opinião dos locais, recusando-se a desconsiderá-la.¹¹⁵

Olhar sobre o Outro que os textos também apresentam indeterminadamente (em Frommbald: *hat sich in ermeldtem Dorf Kisolova geäusseret* [afirmou-se na referida aldeia de Kisolova]; *der gemeinen Aussag nach* [de acordo com o dito comum]).

Mas, no interior daquelas comunidades descritas pelos relatórios, também o vampiro se caracteriza pela alteridade, pela diferença (o extraordinário é o próprio gatilho da narrativa), eventualmente pelo elemento estrangeiro: assim, Arnod Paole contrai o futuro vampirismo *no Kosovo, na Sérvia Turca*,¹¹⁶ de que Medvegia é *limítrofe* – um lugar tão lembrado nas construções identitárias nacionais, não apenas no discurso abertamente étnico e nacionalista dos sécs. XIX-XX como também na poesia oral, vide a épica popular que retoma eventos e personagens da Batalha de Kosovo (1389),¹¹⁷ cujos resultados marcaram o declínio do poder sérvio nos Bálcãs e a expansão da presença otomana, destinada a exercer aí um longo domínio.

Abre-se um cenário importante para a compreensão do *vampyrus serviensis* em sua dimensão histórica, política e ideológica. Entre os sécs. XVII-XVIII (também depois disso...), boa parte da Europa tem olhos nos Bálcãs. Aqui se batem grandes potências do continente, não apenas contra “o Turco”, como também entre si, num jogo de sucessivas alianças e enfrentamentos: de um lado Prússia, Rússia e Áustria buscam cada um imprimir sua prevalência; de outro, a França se liga diplomaticamente com o Império Otomano; Veneza tem de remodelar seu papel para continuar no jogo (buscando antes um protagonismo comercial do que o controle de territórios). A história das nações europeias e sua construção identitária passa pelos Bálcãs e por aquilo que simbolizam.

114 Cf. os comentários que fazem supor que Glaser tenha considerado, senão em parte aceito, o ponto de vista dos moradores: “o que a mim mesmo parece suspeito, e [em respeito a que] não posso deixar de dar razão às pessoas”.

115 “*Darauf ich, alß auch ihre eigene Officiers, nach aller Möglichkeit ihnen es auß dem Sinn zu bringen, [...] reden und explicireten; allein nicht möglich, ihre Opinion zu benehmen ware*”; “[...] *auf welche Reden der gemeine Pevel ihre Opinion vestiglich gegründet*” (Glaser in Hamberger 1992:46-47).

116 “[...] *dieser hatte bey seiner Lebens-Zeit sich öfters verlauten lassen, daß er bey Gossowa in dem Türckischen Servien von einem Vampir geplagt worden sey*” (Flückinger 1732:4).

117 Cf. os fragmentos de canções coligidas por Karadžić; registradas e estudadas por Parry & Lord (Lord 1960).

Ademais, se o vampiro tão freqüentemente envolve um *tópos* da alteridade, o fato de ter eclodido como um discurso que primeiramente dizia respeito aos Bálcãs não pode ser privo de significado: região que se caracteriza pelo encontro (tantas vezes conflituoso) de muitas línguas, etnias e credos. Cada um desses eixos de diferença, ou marcadores sociais, cruza-se com outros, originando um fragmentado caleidoscópio social.¹¹⁸

O vampiro sérvio adentra o mundo da cultura letrada ao provocar *estranhamento*; num primeiro momento, habitará os meandros da burocracia austríaca. Logo em seguida, ganhará os jornais.

Nos círculos pensantes de língua alemã, o vampiro é apropriado por um debate científico (aí incluindo um princípio de racionalidade que aos nossos olhos precede o Iluminismo) e religioso (marcado, no que interessa à historiografia do vampiro, pelo cenário que sucede à Contra-Reforma e suas costumeiras detrações de parte a parte).

“L’élégance d’un littérateur”.

Os *tópoi* do estrangeiro e da alteridade prestaram-se a inúmeros remodelamentos na criação dramático-literária em torno do vampiro. Como a prefigurar-lhe o desenvolvimento estético que se dará anos depois por suas próprias mãos, Charles Nodier, encarregado de editar o *Télégraphe Officiel*, veículo do governo napoleônico das então recém-estabelecidas Províncias Ilíricas (abarcando regiões da costa adriática como Eslavônia, Dalmácia), não tarda a encontrar aí o acento filo-exótico tão característico dos Romantismos. Em 1813, Nodier publica uma série de artigos, ou antes um artigo dividido entre diversos números do jornal, impulsionado pelas canções “simples e tocantes” de bardos ilíricos. À guisa de introdução, tece um comentário mais geral sobre o primitivismo e seus artifícios:

Les poésies galliques d’Ossian sont depuis longtemps un grand objet de contestation [...] Je vois beaucoup de gens qui croient sans restriction à leur authenticité, beaucoup d’autres qui la nient sans restriction. C’est une erreur opposée à une erreur ; Macpherson n’a certainement pas inventé ces poésies, et certainement il ne les a pas traduites ; mais il y a dans tous les pays des chants nationaux, des poésies traditionnelles ; il y en a surtout en Ecosse, et Macpherson en a tiré parti en homme d’esprit

118 Por exemplo: a sociedade da Albânia no séc. XVIII compunha-se de muçulmanos, relativamente esparsos mas concentrados na região central e no Kosovo; cristãos ortodoxos convertidos ao Islã (motivados por orientação anti-veneziana e isenção de taxas), realocados para o Kosovo; cristãos ortodoxos principalmente ao sul do rio Shkumbi; os permanecidos católicos como um grupo social enfraquecido, num enclave ao norte. A *diferença* sob diferentes eixos tece um mosaico entrecruzado de distinção social (religião, grupos étnicos, língua, classe). Se em vez da Albânia considerarmos um território vizinho – Macedônia ou Montenegro, digamos –, mudam os atores e os papéis, e não são menos complexos.

[...] *En général, donnez à un homme de goût qui n'a que du goût la production native d'un homme de génie qui n'a pas que du génie, et vous verrez quel parti il en tirera sans effort. C'est le diamant brut entre les mains du lapidaire.*¹¹⁹

O vocabulário de Nodier para descrever a cultura ingênua do povo morlaco é ao mesmo tempo aproximativo e provocativo: as bruxas das Províncias Ilíricas andam sempre de três em três, como em *Macbeth*; um jovem é atormentado por uma lâmia “como o Sócrates de Apuleio”; dois bardos se encontram, desafiando-se “à maneira dos pastores de Virgílio”; encontra-se “no canto de um poeta selvagem o *feriam sidera* de Horácio”; a canção camponesa traz à memória os “*concerts nocturnes de Puck, d'Ariel et de tous les lutins de Shakespeare*”.¹²⁰

Quanto à poesia desse povo, aos olhos de Nodier os elementos estilísticos e formais encontram-se em perfeita (e ideada) conformidade com a moral e os costumes, numa palavra, com a natureza (“*il est devenu musicien en imitant la nature*”¹²¹).

Nodier parafraseia uma dessa canções, *Xalostna piesanza plemenite Asan-Aghinize*: e não é coincidência que tenha sido registrada pelo abade Fortis, relida por Goethe então editado por Herder, enfim por Karadžić.¹²² Ao cair de tarde, o “cantor morlaco”, retratado em toda sua tipicidade, passeia pelas montanhas cantando de antigas gestas.

*Il ne voit pas les ombres de ses pères dans les nuages, mais elles vivent partout autour de lui. Celle de l'homme hospitalier et fidèle [...] descend souvent à travers les rameaux des yeuses dans un rayon de lune [...] ; celle du méchant s'égare dans les lieux abandonnés ; elle fréquente les sépultures, deterre les morts, ou plus téméraire, va boire dans un berceau oublié de la nourrice le sang des enfans nouveaux-nés. Souvent un père épouvanté a rencontré le vampire tout pâle, les cheveux hérissés, les levres dégoutantes, et le corps à demi enveloppé des restes de son linceuil, penché sur la petite famille endormie parmi laquelle d'un regard fixe et affreux il choisit une victime.*¹²³

Eis aqui o vampiro, menos “autóctone” do que já exoticamente estetizado. Nodier perguntava-se:

119 Nodier, “Poésies illyriennes” (Nodier 1813:115).

120 Não saberíamos encontrar exemplos mais expressivos daqueles traços pelos quais um biógrafo de Nodier escolheu retratá-lo: a tradição e o exotismo (Larat 1923a).

121 Nodier 1813:132.

122 Fortis 1774:142-148; Herder, *Volkslieder* [alias: *Stimmen der Völker*]; Goethe, “Klaggesang von der edlen Frauen des Asan Aga” (FA I, 22); Karadžić a incluiu em suas *Canções populares sérvias* [1814]. Walter Scott teria retraduzido a “balada” a partir da versão de Goethe. Ver ainda Wilson 1986:192-194 e André Vaillant (1939:87): “*Les chants du recueil de Vuk sont populaires, mais il ne faut pas y voir des documents brut de folklore : ce sont des œuvres littéraires, à la façon des Contes de Grimm*”.

123 Nodier 1813:116.

Pourquoi un homme instruit, spirituel et sensible ne s'occuperait il pas de recueillir ces vieux monumens de la poésie illyrique et les faire imprimer en corps? Ce seroit peut-être le moyen de faire renaître l'amour de cette belle langue nationale, qui a aussi ses classiques et ses chefs-d'œuvre.

Sim, parte do apelo lançado aqui (e também, em âmbito geral, por Herder) será cumprido, alguns anos mais tarde, por um anônimo “tradutor italiano filho de mãe morlaca” (persona que emoldura Prosper Mérimée, 1803–1870) no livro *La guzla, ou choix de poésies illyriques, recueillies dans la Dalmatie, la Bosnie, la Croatie et l'Herzégowine*. Nele, o “coletor” se esforça em render como possível tais “poemas sem arte, produtos de um povo selvagem”, tradicionalmente acompanhados de uma música que “só o hábito de ouvi-la é capaz de tornar [...] tolerável”.¹²⁴ O volume se abre com a gravura do (não menos ficcional) bardo morlaco Hyacinthe Maglanovich em trajes típicos, retrato que pouco difere daquele verbalmente reportado nos artigos de Nodier do *Télégraphe Officiel*.¹²⁵

O livro de Mérimée, arrogando para si total liberdade formal – falseadamente justificada pelo mau domínio da língua francesa, dado o “tradutor” apresentar-se como estrangeiro¹²⁶ – por vezes se aproxima do poema em prosa. Enreda uma variedade temas “nacionais”, entre os quais, à época, não poderia faltar o vampiro:

Le vampire.

1.

*Dans le marais de Stavila, auprès d'une source, est un cadavre étendu sur le dos. C'est ce maudit Vénitien qui trompa Marie, qui brûla nos maisons. Une balle lui a percé la gorge, un ataghan s'est enforcé dans son cœur ; mais depuis trois jours qu'il est sur la terre, son sang coule toujours rouge et chaud.*¹²⁷

124 Mérimée 1827:vii; xi. Comparar o estilo dessa provocação irônica ao juízo de Nodier: “*Pour se faire une idée du chant morlaque, il faut l'avoir entendu. Fortis essaye de le décrire, mais il oublie une chose qui me paroît essentielle à dire, c'est qu'il ressemble très peu à la voix humaine*” (Nodier 1813:117).

125 “[...] le chanter Morlaque, avec son turban cylindrique, sa ceinture de soie tissée à mailles, son poignard enfoncé dans une gaine de laiton garnie de verroteries, sa longue pipe à tube de cerisier ou de jasmin et son brodequin tricoté, chantant le Pismé ou la chanson héroïque, en s'accompagnant de la Guzla qui est une lire à une seule corde composé de crins de cheveux entortillés. C'est ordinairement après les premières heures du soir que le morlaque se promène sur la montagne en racontant dans son chant monotone mais solennel les exploits des anciens barons Slaves” (Nodier 1813:115:116).

126 “Maintenant je dois parler du choix que j'ai fait de la langue française pour cette traduction. Je suis Italien [...] Je n'ai pas la prétention, ridicule à un étranger, d'écrire en français avec élégance d'un littérateur [...]” (Mérimée 1827:ix).

127 *Ibid.*, pp. 189.

Cara-Ali, le vampire.

[...]

19.

Basile a pardonné à son infidèle épouse ; il a pris le livre que tout Chrétien devrait jeter au feu avec horreur.

20.

La nuit est venue ; un grand vent s'est élevé et la rivière jaune a débordé ; le cadavre de Cara-Ali fut jeté sur le rivage.

21.

Basile a ouvert le livre impie à la soixante-sixième page ; soudain la terre a tremblé et s'est ouverte avec un bruit affreux.

22.

Un spectre sanglant a percé la terre ; c'était Cara-Ali. « Basile, tu es à moi maintenant que tu as renoncé à ton Dieu. »

23.

Il saisit le malheureux, le mord à la veine du cou, et ne le quitte qu'après avoir tari ses veines.

24.

Celui qui a fait cette histoire est Nicolas Cossiewitch, qui l'avait apprise de la grand'-mère de Juméli.¹²⁸

Se em *La Guzla* o vampiro volta a encarnar alteridade e estrangeirismo, Mérimée levou esse princípio, esteticamente remodelado, ao extremo: mascara a própria autoria em nome de um Outro, cuja existência se dá apenas em regime ficcional e poético; esta é uma tradução jamais precedida de um original que lhe correspondesse. (Uma vez que entramos na casa de espelhos, tudo é reflexo.)

„Wie ein Naturlaut“, ou um componente culto na poesia popular.

Por toda a extensão de sua reconstrução histórico-bibliográfica, o “vampiro” está de mãos dadas com o “popular”... Mas, ao longo desse trajeto, um e outro não permanecem idênticos a si mesmos.

A presente pesquisa, mais do que estabelecê-los e relacioná-los em termos precisos, quer sublinhar a *produção dos sentidos* em que são mobilizados. O “popular” medieval (como lido por uma vertente de interpretação histórica em *exempla* e livros penitenciais) não é

128 *Ibid.*, pp. 221-222.

o mesmo daquele do “folclore” como ideológica e conceitualmente erigido entre os sécs. XVIII e XIX: e aqui os seus princípios orientam e subordinam a coleta e a articulação dos materiais a estudar (Afanássiev, Karadžić etc.). Por sua vez, esse popular como retratado nos levantamentos da cultura oral tem bem pouco a ver com o popular dos “teatros dos bulevares” e dos folhetins londrinos e parisienses: na produção cultural de enorme popularidade que, como se poderia alegar, um dia há de desaguar na literatura e no teatro “populares”, no impresso e no espetáculo entendidos antes de mais nada como produto (cf. os veículos do vampiro-estereótipo no séc. XX).

Se buscássemos atrelar esses diferentes sentidos de “povo” e de “popular” numa sorte de fluxo temporal, o popular “de mercado” pareceria uma completa subversão face a um estrato social e cultural mais ou menos independente da cultura oficial, douta ou letrada (p. ex. como pesquisado na linha de exposição de Edmund Burke).

Contudo, há maneiras menos dicotômicas de pôr alguns desses elementos em relação. Veja-se a seguinte colocação de Goethe, expressa numa efusiva resenha ao primeiro volume publicado da antologia de poemas e canções “populares” alemães *Des Knaben Wunderhorn*.¹²⁹ Já se observou que a coletânea editada por Achim von Arnim e Clemens Brentano não é exatamente “autóctone”, mas encerra, ao contrário, também a sua pitada do espírito de Ossian: Arnim, com efeito, conferiu muito de sua própria pena a tais criações poéticas.¹³⁰ Conduzindo-nos por uma senda em que “popular” e “culto” não se segregam, mas, ao contrário, fecundam-se mutuamente, Goethe vê com bons olhos a livre recriação artística da matéria popular.¹³¹ Pouco importa se a adjetivação “popular”

129 Por sinal, seus organizadores, Arnim e Brentano, dedicaram esse primeiro volume editado ao próprio Goethe. A resenha em questão está dividida entre os nºs 18 e 19 de *Jenaischen Allgemeinen Literatur-Zeitung*.

130 Ver Rölleke 2011 e o prefácio à sua edição do *Knabenwunderhorn* (Arnim & Brentano 1979). Cf. também Volobuef 1998:56n: “Reportando-se a um estudo de Heinz Rölleke, Ebnet afirma que a maioria das canções de *Des Knaben Wunderhorn* já constava de publicações anteriores, datadas entre 1500 e 1750, e que Arnim não manteve a forma original de absolutamente nenhuma das canções populares que incluiu em sua antologia. Para este estudioso, porém, foi precisamente essa reelaboração dos poemas que os tornou acessíveis ao público, viabilizando sua recepção”. De acordo com essa leitura, para alcançar o “público”, o “popular” teve de ser submetido a uma tradução culta...

131 “*Am Besten aber läge dieser Band auf dem Clavier des Liebhabers oder Meisters der Tonkunst, um den darin enthaltenen Liedern entweder mit bekannten, hergebrachten Melodien ganz ihr Recht widerfahren zu lassen oder ihren schickliche Weisen anzuschmiegen, oder, wenn Gott wollte, neue bedeutende Melodien durch sie hervorzulocken*” (Goethe in *Jenaischen Allgemeinen Literatur-Zeitung* nº 18 [21 de janeiro de 1806], col. 137. Grifo meu, aqui e nas citações seguintes). Passadas em seguida de “ouvido em ouvido, de boca em boca”, tais canções “regressariam paulatinamente, vivificadas e glorificadas, de volta para o povo” (*ibid.*).

repousa sobre o “remetente” ou o “destinatário” das canções – isto é: se as ditas canções *provêm* do povo ou *destinam-se* a ele –, a verdade e a virtude da poesia permanecem inabaláveis.¹³² Mesmo que com um ou outro momento de *chiaroscuro*, a confluência desses domínios vai além, presidindo ao trabalho de edição, que compreende até mesmo a reescritura da matéria popular por Arnim e Brentano.¹³³

Exemplo que nos sugere a seguinte imagem comparativa: A corrente interpretativa que vê no vampiro literário (isto é, tal como constituído em textos não-ficcionais, ficcionais e poéticos *grosso modo* entre os séculos XVII e XIX) um simples *eco de tradições folclóricas* é tão parcial quanto a que julga o método de composição de Gustav Mahler algo equivalente a isso. Se de um lado não resta dúvida de que o compositor austríaco de fato pesquisou e reelaborou motivos melódicos folclóricos, a inserção destes em obras sinfônicas está muito longe de ser a mera transposição da canção popular para as salas de concerto.¹³⁴ Mesmo as obras mahlerianas mais declaradamente oriundas do universo folclórico, como o ciclo de canções *Des Knaben Wunderhorn*, não são assim transparentes como difusamente se propagandeou.

132 “Diese Art Gedichte, die wir seit Jahren Volkslieder zu nennen pflegen, ob sie gleich eigentlich weder vom Volk noch fürs Volk gedichtet sind, sondern weil sie so etwas Stämmiges, Tüchtiges in sich haben und begreifen [...] – dergleichen Gedichte sind so wahre Poesie, als sie irgend nur sein kann; sie haben einen unglaublichen Reiz, selbst für uns, die wir auf einer höheren Stufe der Bildung stehen, wie der Anblick und die Erinnerung der Jugend fürs Alter hat. [...] Das wahre dichterische Genie, wo es auftritt, ist in sich vollendet; mag ihm Unvollkommenheit der Sprache, der äußeren Technik, oder was sonst will, entgegenstehen, es besitzt die höhere innere Form, der doch am Ende alles zu Gebote steht, und wirkt selbst im dunkeln und trüben Elemente oft herrlicher, als es später im klaren vermag” (id., n° 19 [22 de janeiro de 1806], col. 146-147, grifos meus).

133 “Die Herausgeber sind im Sinne des Erfordernisses so sehr, als man es in späterer Zeit sein kann, und das hie und da seltsam Restaurierte, aus fremdigen Theilen verbundene, ja das Untergeschobene, ist mit Dank anzunehmen. Wer weiß nicht, was ein Lied auszustehen hat, wenn es durch den Mund des Volkes, und nicht etwa nur des ungebildeten, eine Weile durchgeht! Warum soll der, der es in letzter Instanz aufzeichnet, mit anderen zusammenstellt, nicht auch ein gewisses Recht daran haben?” (ibid., col. 147). Teve o seu direito reconhecido, sem dúvida, o próprio Goethe, em tantas criações poéticas livremente inspiradas, ao menos em parte, em tradições populares – não obstante, letradas também –, entre as quais poderíamos elencar o *Reineke Fuchs*, o *Götz von Berlichingen* e mesmo o *Fausto*.

134 O entrelaçamento motivico de Mahler não existiria sem o precedente tratamento wagneriano dos *Leitmotive* e, indo mais longe, não prescinde do próprio sistema homofônico (a preponderância de uma melodia sobre a base harmônica) que gradualmente se desenvolveu e por séculos orientou a música ocidental e a maneira de pensá-la. Está bem, pode-se dizer que Wagner dedicou-se a explorar os limites da tonalidade e até da homofonia (“homofonia polifônica”, na expressão de Arnold Schoenberg), e nisto – por exemplo na sobreposição de motivos melódicos e coloridos tonais – reconhecemos Mahler como um pós-wagneriano; mas tal desenvolvimento só faz sentido e só pôde surgir dentro da tradição culta ocidental.

Similarmente, para o vampiro, as linhagens de transmissão letrada não se subsumem nos motivos que trazem à tona, porém consistem ainda mais nos modos de concebê-los e concatená-los sintagmaticamente. É essa dimensão culta, por sinal, que proporcionou ao vampiro projetar raízes antes inexistentes, ou mal demonstráveis, em direção ao passado, como nas figuras greco-romanas da *strix*, da *lamia* e da *empusa*. A etapa seguinte foi inferir que umas e outras representações emanariam de uma mesma esfera de crença popular, como numa camada subterrânea à cultura socialmente referendada.¹³⁵

No domínio da poesia, tudo é fortuna, parece dizer Goethe na resenha mencionada pouco acima. Esta é a trilha de John Keats em criações como *Lamia* e *La belle dame sans merci*, quando conjuga tradições clássicas e medievais (cf. Alain Chartier) ao então recente apelo estético da vampira. O problema começa quando, ao interpretarmos a obra literária, tomamos esse elo como um dado objetivo, e não em sua dimensão de reconstrução; e a postulada sobrevivência de uma crença popular, por seu valor de face.

135 Para não tomar esse fantasma por algo palpável, lembremos que na Roma antiga mortos nocivos (*lemures*) e criaturas hematófagas ou infanticidas como a *strix* estavam a princípio dissociadas.

Considerações

— Della forza della fantasia —

Ogni uno, che leggerà questa mia piccola Dissertazione, starà con molta curiosità di sentire quale sarà il mio mezzo termine, del quale mi preverò per conciliare l'apparenze de' Vampiri: ma mi persuado che resterà molto sorpreso quando sentirà dirsi che quel che si va cercando, ciascuno lo possiede in se stesso, cioè che la soluzione di questo gran fenomeno non si trova fuori di noi, ma in noi medesimi.

Giuseppe Davanzati, *Dissertazione sopra i Vampiri*.

No fundo, sou herói de bons sentimentos.

Dalton Trevisan, *O vampiro de Curitiba*.

Plano de considerações

Traslados p. 287 – Sobre alegoria p. 289 – O estrangeiro está aqui p. 295 – O vampiro em primeira pessoa p. 296 – Permanência e mimetismo; uma questão de fundo p. 299

As páginas a seguir, convém adverti-lo, não são bem uma conclusão; não fecham a argumentação aqui ensaiada. A dissertação só soube amarrar algumas das grandes questões a que se propôs ao fazer novas perguntas, donde um acento (até estilisticamente) inconclusivo – Melhor dizendo: se é que estas perspectivas abertas fazem sentido, e se colaboram de algum modo para a compreensão do vampiro literário como fenômeno cultural.

Traslados.

Tentemos sintetizar, do tipo literário do vampiro, alguns traços pelos quais seria possível perceber um desenho por trás de sua cacofonia, isto é, de suas significações e número. Só o consegui fazer recorrendo a figuras de linguagem e comparações. Esta primeira, leio-na em Ernst R. Curtius, em cujo *opus magnum* se encontra, se não na exata seguinte formulação, decerto de algum modo sugerida.

Ela se apoia em três sobrepostas acepções da palavra latina *translatio* (viz. *tralatio*). Na primeira delas, *translatio* é “tradução”, a atividade de verter vocábulos e textos de uma língua para outra.

A segunda acepção se desenvolve a partir do tropo ou figura da “metáfora”: com efeito, *tralatio* é termo usado para latinizar a denominação grega daquela.¹

A terceira – defensavelmente mais próxima de sentidos primários² –, indica a mudança do centro de referência, como nas expressões *translatio imperiis* e *translatio studii*, o realocar-se de uma civilização, do poder, da vida cultural: de Atenas para Roma, com a ascensão dos latinos; de Roma para o Império Carolíngio, na Alta Idade Média.³

1 Quintiliano, *Instituição oratória*, livros VIII; IX.

2 *Translatio* é relacionado a *translatus*, participípio do verbo *trans•fero*: transferir, transportar, levar além. Quanto ao substantivo, note-se que possui ainda outras acepções além daquelas aqui utilizadas.

3 Curtius 1996:62; 470. (Não emprego aqui a *translatio* como na medievalística p. ex. de Vincensini 1999.)

Nesses termos podem ser descritos alguns processos constitutivos da temática aqui estudada. O vampiro se avultou justamente ao ser traduzido e principalmente ao traduzir outros signos e outros significados – ao expressar-se metaforicamente e noutros usos figurados – ao ser apropriado por novos eixos de referência e suas codificações.

O primeiro sentido é o mais evidente deles. Do sânscrito, Richard Burton verte a entidade *vetala* por vampiro (já no título: *Vikram and the vampire*, 1870): o que não difere essencialmente de significar (em nota) a divindade hindu Yama por Plutão, como lemos no mesmo livro. Também algo semelhante faz William Ralston (1873), membro da British Library e correspondente da Sociedade Geográfica Russa Imperial, quando agrupa e traduz um punhado de contos russos sob a rubrica do “vampiro”.

O segundo modo de compreender a imagem da *translatio* reporta-se a diversas modalidades de sentidos figurados, e não só a metáfora (como o termo autorizaria). Outras figuras e tropos também devem permanecer no horizonte, como a sinédoque (designar toda uma classe por um de seus elementos – Davanzati, quando metodologicamente equipara ao vampirismo todos os exemplos aproximáveis⁴ que encontra em sua biblioteca) e a alegoria, objeto de consideração no ponto seguinte deste capítulo.

Por fim, uma terceira maneira de compreender a *translatio* diz respeito às mudanças dos centros de referência, do contexto sócio-cultural. Assim se pode descrever o processo de apropriar-se de uma personagem histórica, um príncipe e comandante (*voivode*) da Valáquia imiscuído num complexíssimo jogo entre potências do cenário internacional (Áustria, Hungria, Vaticano, Império Otomano) – e, baseando-se em missivas diplomáticas com evidentes interesses políticos, transformá-lo em sucesso editorial ao narrar

4 “[...] outros nomes diferentes, todos eles significando o mesmo [...] espectros, fantasmas, larvas, lêmures, manes, lares, gênios e similares” (Davanzati 2011:28).

com parcialidade e amplificação feitos bárbaros e cruentos a ele atribuídos.⁵ Sem contar os manuscritos, a vida e os feitos (falseados) de “Dracole Wyda” (Vlad Dracula, cognominado Tșepeș, “o impalador”) foi explorada por bem 13 diferentes publicações, em latim, alemão e russo, impressas entre 1488 e 1559.⁶ É partindo da personagem ficcionalizada desse velho *bestseller* que o administrador teatral Abraham Stoker vai erigir, às portas do novo século, o vampiro mais influente do Novecentos.

As interpretações que postulam a existência pura e ancestral do vampirismo se esquecem que o vampiro – esse poderoso amálgama – dificilmente existe para fora dessa mistura de perspectivas: da *translatio*. Ele só se constitui ao ser levado de um lugar para outro, com a os núcleos de identidade e com as incongruências que isso implica.

Sobre alegoria.

Um aspecto a dotar o vampiro de inesgotável plasticidade semântica (possibilitando que seja usado p. ex. para descrever lendas japonesas e chinesas⁷) está ligado ao seu emprego como *alegoria*, de que possuímos diversos exemplos já no séc. XVIII,⁸ isto é, anteriormente aos desenvolvimentos ficcionais do tipo. Busquemos qualificar minimamente o que se deveria entender com isso.

5 Não perceber essa decalagem é um erro relativamente comum em obras de divulgação ou de interesse geral sobre vampirismo. Assim em McNally & Florescu (1994), em que essa leitura enviesada já está expressa no título (*In search of Dracula – The history of Dracula and vampires*). Afirmam McNally & Florescu: “the work of the poet-laureate Michel Beheim [...] proved that the historical Dracula dipped his bread in the blood of his victims, which technically justified Stoker’s use of the word ‘vampire’ ” (1994:x). Negligencia-se um dado essencial: o texto de Beheim (1416-1474) não reflete a personagem histórica, jamais pretendeu ser uma narrativa acurada e, bem longe disso, é *um poema*, muito provavelmente *musicado*. O manuscrito em questão insere-se em um conjunto razoavelmente coeso de textos motivados por um evidente propósito político (cf. Cazacu 1996). Visavam detratar o príncipe e governante valáquio Vlad III para justificar, aos olhos de Viena e do Vaticano, sua prolongada prisão (1462-1474) por parte de Matias Corvino, então governador *de facto* da Hungria e da Transilvânia – um dos três territórios que compunham a Romênia, ao lado da Moldávia e da Valáquia. Corvino buscava obter da autoridade austríaca a coroação como rei, tendo para tanto inclusive pagado à corte habsburga uma exorbitante soma em dinheiro. Vlad Dracula, por ser um líder munido de forças e vontades políticas próprias; por já ter agredido as cidades e os comerciantes saxões da região de Siebenbürger, ao sul da Transilvânia (então pertencente à Hungria), foi percebido como uma ameaça aos interesses e às pretensões monárquicas de Corvino. Daí a produção de uma série de textos diplomáticos – enfim, num segundo momento, de contos e poemas – em torno de sua polêmica figura.

6 Edição crítica, comentário e contextualização histórica em Matei Cazacu (1996), *L’histoire du prince Dracula*.

7 Cf. Thompson 1955.

8 Um exemplo de grande contundência é o de Caleb D’Anvers, trechos do qual se encontram reproduzidos em Apêndice, seção VII.

Vamos reter algo das definições clássicas de alegoria, sem no entanto tomá-las em sentido estrito. Eis uma delas, extraída da *Instituição oratória*: “por meio de outras palavras, dar a conhecer outro sentido, por vezes, até contrário”.⁹ Quintiliano nos dá outra definição, até mais pertinente para o que busco aqui sugerir: metáfora continuada,¹⁰ concatenada.

A alegoria com frequência é definida (por vezes assessorialmente) como personificação, porquanto esta se preste a encadear diversas metáforas. Assim no *Leviatã* de Hobbes.

Também deve ser guardado no horizonte algo da concepção iconológica da alegoria, que teve seu ápice entre a Renascença e o Barroco.¹¹ Tradição esta que comporta, entre tantas outras manifestações, os famosos afrescos de Giotto, os de Lorenzetti (fig. 1, à próxima página) e os desenvolvimentos literários e iconográficos de Leonardo. Uma figura particular, apreensível numa unidade, representa uma afecção ou paixão humana em geral: o urso é alegoria da ira (leia-se: de *toda* ira); a raposa, da falsidade. Também se vêem assim representados pátrias, regiões ou continentes (fig. 2), rios, montanhas etc.

9 Um exemplo referendado é a Ode I, 14 horaciana, a *nau* como signo do Estado ou da República (cf. Quintiliano, VIII, 6, 44). A instância é retomada pelo jovem Schelling (*Über Mythen, historische Sagen und Philosopheme der alten Welt*, 1976:243n), quando busca distinguir, relativamente ao teólogo Johann Jakob Hess, mito de alegoria. Noutro passo do mesmo texto, Schelling assim sintetiza a definição da retórica antiga: “Alegoria consiste em comparação [ou ~equiparação: *Vergleichung*]” (*id.*, p. 220n).

10 Uma série de metáforas concatenadas perfazem uma alegoria: “[...] ἁλληγορίαν *facit continua μεταφορά*” (IX, 2, 46); encontramos em Quintiliano outras definições ao lado dessa. Ligado a ela parece o seguinte núcleo de definição, do dicionário de procedimentos literários *Gradus*: “Imagem literária em que o *foro* [isto é, o comparante] é aplicado ao *tema* [o comparado] não globalmente, como na metáfora ou na comparação figurativa, mas elemento por elemento” (Duprier 1984:29–31, redução e grifos meus).

11 Obrigatória, neste contexto, a referência ao volume de Cesare Ripa, *Iconologia ovvero descrittione dell’imagini universali cavate dall’antichità et da altri luoghi*, “obra não menos útil do que necessária a Poetas, Pintores & Escultores para representar as virtudes, vícios, afetos e paixões humanas”. A título de sugestão, eis a primeira de suas duas figurações da *Peste, ou pestilência* (Roma: Gigliotti, 1593, pp. 206–207):

Donna, vestita di color tanè oscuro; haverà la faccia smorta, & spaventeuole, la fronte fasciata, le braccia, & le gambe ignude, la veste sarà aperta da’ fianchi, & per l’apertura si vedrà la camicia imbrattata, & sporca; parimente si vedranno le mammelle anche’esse sozze, & ricoperte da un velo trasparente; & a’ piedi di essa vi sarà un Lupo.

La Peste, è una infermità contagiosa, cagionata in gran parte dalla corrottione dell’aria, della quale non occorre dir altro, per esser la figura assai chiara per se stessa; solo dobbiamo pregare Iddio, che non ce ne faccia havere altra cognitione, che quella, che ci vene da gli Scrittori, ò quella, che ci danno i ragionamenti de’ vecchi.

Il Lupo, significa Pestilenza; però, secondo, che dice Filostrato, vedendo Palamede scorrere alcuni Lupi per lo monte Ideo, fece sacrificare ad Apollo, sperando sovenire al pericolo della peste, il qual vedeva soprastare; & si sa, à tempo di peste vedersi per le campagne più Lupi dell’ordinario.

Figura 1: Lorenzetti, *Alegoria do Mau Governo*, afresco, 1337-1339. Siena, Palazzo Pubblico. O mau governante – *todo* mau governante – é representado pela figura ao centro, sentada ao trono; o seu governo, pelos cortesãos, alguns deles bestialescos. O próprio governante é caracterizado com atributos demoníacos: cornos, olhos vinhos, sobrancelhas unidas, vestes negras e tez mortiça. No plano superior, dão-lhe sustento vícios humanos figurados como espíritos maus (notem-se as asas dos anjos caídos): avareza, soberba e vanglória.

Figura 2: William Blake, *Europa sustentada por África e América*, 1796, gravura reproduzida in: John Gabriel Stedman, *Narrative of a five years' expedition against the revolted Negroes of Surinam in Guiana on the wild coast of South America; from the Year 1772 to 1777...* (2 vols).

Em suma, para os nossos objetivos, proporíamos o alegórico como aquela individuação capaz de remeter a um conceito geral ou mesmo universal. Entendido dessa maneira, parece-me bastante razoável postular que o vampiro sofreu um continuado uso alegórico nas letras européias, sem entretanto suplantar os demais usos correntes. Vamos sublinhar alguns traços de contraste entre essas diferentes inflexões.

Nos mais antigos testemunhos que conhecemos de *vl'kodlaci*, estes estão ligados a uma cisão na ordem costumeira da natureza, como, por excelência, o eclipse. A descontinuidade natural demanda uma explicação; à cena são chamados seres que corporificam o fenômeno ou sua causa. Trata-se de uma representação mais propriamente *mítica*.

Não ainda o vampiro (pois nessa etapa ele é estranho a tal contexto), mas em geral o morto nocivo representou, notadamente no Ocidente e na Europa Central do tardo Medievo, a *personificação* de um mal invisível que definha as pessoas que toca; é um *corpo* que causa e transmite a peste.¹² Elimina-se o flagelo destruindo o corpo. Algo análogo encontramos, alguns séculos mais tarde, em relatos a respeito de comunidades da Grécia e dos Bálcãs. À medida que chegam ao ambiente europeu notícias de vampiros balcânicos, e ao morto nocivo acresce-se a simbologia do *sangue*, surgem novas condições. Um olhar europeu denuncia práticas simbólicas estrangeiras, documenta-as; narrativas que se vêem inseridas no seio de uma tradição dissertativa que comporta vieses médicos, teológicos e demonológicos etc.

A *sinédoque* (o vampiro como *princeps* dos mortos nocivos; das manifestações da peste e do parasitismo) refere ao eixo paradigmático em bloco. Quando a ela se aliar a *metáfora* do vampiro – pondo em movimento um potencial imagético, poético gigantesco –, um novo cenário se abriu. Ao vincular uma apresentação singular a uma remissão universalizante, a *alegoria* dotou o vampiro de uma simbólica virtualmente inesgotável.¹³ De um lado, esse campo desenha *uma* figuração (reflexo automatizado: homem pálido dentro da capa preta). De outro, torna-a localizadamente substituível por uma das alianças paradigmáticas e metafóricas que ela também passou a significar.

12 Por exemplo em William of Newburgh. Cf. ainda Oexle in Braet & Verbeke 1996. Remeta-se, já plenamente desenvolvida enquanto tal, à figuração alegórica da peste em Cesare Ripa, vide nota *supra*.

13 Schroeder 1973 levantou um texto de fundamental interesse para essa aproximação, o artigo do periódico londrino *The Craftsman* (maio de 1732; ver trechos reproduzidos na seção VII. do Apêndice). Em sua argumentação, Schroeder cita-o algumas vezes por ser um exemplo pioneiro de *uso metafórico* do vampiro sérvio. Mais do que isso, defende que o artigo articula-se antes em torno de uma *metáfora continuada*, ou seja, de uma *alegoria* [*“allegorical Style”*], a qual remete à já tradicional alegoria do Estado como um corpo humano [*“the Body politick”*].

Então, ao lado de um grau ímpar de individuação (a facilidade em ser reconhecido sob uma diversidade de leituras), nosso tipo conserva pois uma notável capacidade de se metamorfosear. O vampirismo pode ser expresso por uma multidão de caminhos. Tal ou qual personagem já não precisa beber sangue nem ser um morto-vivo para que nele admitamos algo vampiresco¹⁴ – Plasticidade que seguramente contribuiu para a presença do vampiro na cultura contemporânea.¹⁵

Evidentemente, esse desenvolvimento simbólico e semântico foi condicionado por realidades lingüísticas, culturais e históricas. Não teria ocorrido da mesma maneira num ambiente livre da imprensa, da “república das letras”, dos círculos acadêmicos e, em última conseqüência, de sua expressão na poesia romântica e decadentista, no teatro popular e na indústria editorial.

Quando de sua espetacularização, o vampiro já se encontrava num rico campo de significações (digo, na cultura letrada – poder-se-ia sustentar que isso já ocorrera na esfera da comunicação oral de determinadas comunidades). Chegando às massas, o vampiro tem alguns traços reforçados, podendo eventualmente levá-lo à caricatura. De modo que a série de obras em torno de Ruthwen (1819-1854 e além) admite ser lida como um conjunto de experimentos palimpsésticos – de grande êxito – que partem de um mesmo acumulado hipotexto, inserido no cenário simbólico-cultural que o cerca. Revirando-se a trama e a caracterização da personagem-vampiro, e os trejeitos gestuais e estilísticos a ele associados, ele se conforma num estereótipo. Está dado o quadro de seu futuro desenvolvimento

14 Derivado e levado longe o bastante, esse potencial embaralha a possibilidade da segura identificação de uma dada personagem com o vampiro; então, o elo já é apenas postulável, não demonstrável. (O não reconhecimento de tal limitação levou a intermináveis discussões em torno da atribuição desta e daquela obra à temática, vide Finné 1986 e eu mesmo, em uma antologia anteriormente publicada [2010]). Até nas personagens e obras mais reconhecidamente “vampirescas”, os elementos da narrativa ganham uma desmedida plasticidade – para além da variação formal, o argumento do vampirismo traveste-se e incorpora toda sorte de outros núcleos motivicos e poéticos paralelos: a estátua vivificada de Pigmaleão (Sacher-Masoch); a Helena que entorpece ao Fausto (Heine); a trama detetivesca (*Varney the vampire*; *Dracula*)...

15 Também seria possível chamar a esse complexo simbólico de *mito*: por exemplo como o faz Ian Watt (1997) relativamente a outros tipos literários (Fausto, Quixote, Don Juan, Crusoe).

A perspectiva por mim adotada é sobretudo a de que o *mito* é uma apreensão da realidade – porquanto seja poética, porquanto envolva planos sobrenaturais. O mito é uma fabulação com conseqüências para a ordem social; baliza que funda e instaura um aspecto do mundo (uma *cosmologia*) ou da organização em sociedade. As explicações que o mito fornece das origens e da natureza do mundo e de seus seres constituintes possuem uma positividade ontológica e social, o que está bem além de uma validade estética. Todo um sistema de crenças está nele implicado, e ele o expressa com maior ou menor amplitude. Onde minha cautela em reconhecer no vampiro europeu moderno um *mito*. Essa resistência se deve principalmente à minha dificuldade em compreender o que seja “mito” em uma cultura de massas. Em um contexto como esse, o termo “mito” obviamente não pode ser entendido da mesma maneira como o faço acima.

enquanto tal. Esse cenário ajuda a prefigurar *Dracula* e os vampiros da indústria cultural moderna e contemporânea, sem no entanto encerrá-los nessa “explicação” contextual histórica dos gêneros ficcionais aqui visados.

•

Ao falar em alegoria, não se pode limitar o enfoque àquilo que no tropo é o *foro* (o comparante), mas é preciso não perder de vista também ao que nele é o *comparado* – em outras palavras,¹⁶ responder à pergunta: Alegoria de quê?

Minha tentativa de responder a isso estratifica-se em dois ou três níveis de aproximação.

Em primeiro lugar, o vampiro é alegoria do parasitismo e da subjugação a ele. Se quisermos, da capitulação do indivíduo em favor de uma potência irresistível, tantas vezes caracterizada como expressão de um desejo perverso. É claro que tal “comparado” também se presta a outros *trópoi*, notadamente à metáfora. Assim Adolf Hitler, ao fazer no *Mein Kampf* sua caricatura dos hebreus com hediondas conseqüências, os identificará ao vampiro e à hematofagia.¹⁷ Se, mais uma vez, formos capazes de isolar a ideologia para considerar apenas o discurso que lhe dá voz, reparamos que as instâncias em questão do *Mein Kampf* retomam do vampiro traços coerentes com o percurso hermenêutico aqui exposto, ou seja, com a maneira como o Ocidente moderno compreende este tipo dramático-literário. Ocorrências como essas sugerem que o vampiro tenha-se tornado signo privilegiado do parasitismo.

Outra resposta ao que seja o “comparado” na alegoria vampiresca parte da compreensão do vampiro como figura da contradição, e não uma qualquer, mas a contradição internalizada, a reunião de domínios e impulsos irreconciliáveis numa só persona. Nem morto nem vivo; nem amante sincero nem monstro patente e desvelado. Sendo, como eu argumento, produto do olhar estrangeiro e portador das projeções com que o Ocidente decanta o que é percebido como diferença – os Bálcãs como uma peça de relevo

16 Como generosamente apontou Marcus Vinicius Mazzari.

17 Como nas seguintes passagens: “vampiro dos povos [*Völkervampir*]”; “o parasita [alojado] no corpo de outros povos”; “a aranha que lentamente suga o sangue do povo de seus poros”. Preteri o esforço em garantir a leitura de uma edição confiável de *Mein Kampf*, em função também de seu papel apenas ilustrativo na presente argumentação; contentei-me com citações encontradas em estudos recentes a respeito. É contudo preciso dizer que, ao planejá-lo, o acesso a uma edição dessas envolveu um tempo (um engajamento?) a cujo termo não me prestei, junto a bibliotecas de outras localidades que não a minha. É em parte compreensível, creio, um pudor frente à circulação da danosa propaganda ideológica do genocida. (Revolvendo-lhe a metáfora pela culatra, não há dúvida de que aqui o verdadeiro e inumano monstro usurpador é o próprio Hitler.) Mas, do ponto de vista do interesse científico, seria de esperar tê-la mais ao alcance, nem por isso menos criteriosamente.

na construção da identidade europeia –, o vampiro termina por se tornar uma alegoria do Outro, mas do *Outro contido em si mesmo*.

Chega-se aí a um terceiro nível de compreensão do que possa ser indicado pela alegoria, agora em comentário metadiscursivo à argumentação do presente estudo. O vampiro valeria então como alegoria (índice; personificação; ou metáfora continuada) de processos históricos e culturais observáveis na construção simbólica da nação europeia e das condições, também elas características da Modernidade, de produção e circulação do que veio a se chamar bens culturais.

Vejamos como essa composição interpretativa seria perceptível sob um ou outro enfoque localizado.

O estrangeiro está aqui.

Em alguma medida, o que aconteceu no arco de algumas décadas do séc. XIX foi terminar de trazer o vampiro para casa, para a metrópole.¹⁸ O processo iniciara-se entre os sécs. XVI e XVII, nas notícias ou relatos de viagem que contam de figurações gregas balcânicas ou leste-europeias; acentura-se na apreciação europeia do vampiro sérvio (décadas de 1720-1730).

Já na Paris de 1820, isso está expresso humorística e metadiscursivamente na seguinte passagem do espetáculo de *vaudeville*, *Le trois vampires ou le clair de lune*:

PRIMEIRA CENA.

Sr. e Sra. GOBETOUT, *sentados no banco de jardim*.

Sra. GOBETOUT, *jogando um livro que tem às mãos*.

Ah ! meu Deus! que livro assustador! É de dar calafrios!

M. GOBETOUT.

A senhora também, Sra. Gobetout? Acho que podem existir vampiros.

Sra. GOBETOUT.

Pode crer! Senhor Gobetout, eu não penso muito diferente do senhor. Mas ainda assim, que seres sempre cheios de surpresas!

ÁRIA: *Dit's-moi, n'allez-vous pas l'dimanche* ["Diz-me, não vais no domingo"].

Os vampiros não habitam senão

Rochedos e florestas

18 Não se deve esquecer de outra parte que, no pensamento e nas literaturas desse período, o "doméstico" é tão ideologicamente carregado quanto o "estrangeiro".

Ao sexo não fazem a guerra
Quando Febo lança seus dardos.
Assim que o dia os importuna,
Eles o consagram ao sono;
E só se deleitam ao luar...

Sr. GOBETOUT.

Como lagartos ao sol. (*bis.*)

Sra. GOBETOUT.

Ainda bem que não se vêem vampiros na França.

Sr. GOBETOUT.

Como assim, não se vêem deles na França!... ao contrário, se vêem, sim. Li no *Journal de Paris* que apareceu um na Porte Saint-Martin; de modo que nada impede que ele venha até Pantin: só precisa subir o *faubourg*.¹⁹

O senhor Gobetout, pai ignaro dos namoros de suas filhas (cujos amados serão maquiados sob tais pretensos espectros), sabe pelo jornal que um vampiro tem sido visto circular em certo bairro de Paris. Pantin, a localidade onde se passa a peça, era um subúrbio no mesmo quartel parisiense, distante poucas milhas da Porte Saint-Martin. À estréia, a notícia do jornal, dentro da cena, é recentíssima, da véspera: a repercussão, na mídia de quarta-feira, da estréia do melodrama de Nodier, Carmouche & Jouffroy d'Abbans na noite de terça. Parte da graça está no retrato desta cena local, o assunto do dia; parte do sucesso em realizá-lo deve-se a um procedimento metadiscursivo (falar, dentro da peça, sobre a cena teatral dos bulevares de Paris).²⁰ Aqui o vampiro é o estrangeiro que passou a habitar nossas cidades, o Outro que vive entre nós. Sob esse aspecto, não está muito distante do Dracula “transilvânico” que circula pelos bairros londrinos.

O vampiro em primeira pessoa.

Sobre o viés interpretativo que vê o vampiro como figuração do Outro contido em si mesmo, observemos o seguinte. Numa obra de Gustav Meyrink (1868-1932), “J. H. visita a região dos Suga-tempo”, um enigmático personagem narra como empreendeu uma viagem metafísica às paragens do título do conto.

¹⁹ Brazier *et alii* 1820:3.

²⁰ Além disso, o que motiva o diálogo inicial – e, por sua vez, a inocente confusão que é o mote da peça – é *um livro*, um discurso que chegou às mãos de madame Gobetout (algo como “Sra. Engole-Tudo”, no sentido derivado da credulidade) como um produto da indústria cultural; e isso é representado dentro de outro produto de consumo cultural, o *vaudeville* ali encenado. O recurso metadiscursivo (alusão ou menção explícita ao melodrama de Nodier) pode ser apontado em diversos espetáculos da temporada parisiense, como Émile 1820; Désaugiers 1820; Rousseau 1820a.

Chamámo-lhes *Suga-tempo*, porque, tal como as sanguessugas, sorvem do nosso coração a verdadeira linfa vital, o tempo [...]

Continuando o meu caminho, vi-me numa cidade cheia de gente. Muitos tinha-os conhecido na terra, e lembrei-me das suas inúmeras esperanças frustradas e de que iam ficando de ano para ano cada vez mais curvados e não queriam arrancar de seu coração o vampiro do seu próprio eu demoníaco, que lhes devorava a vida e o tempo. [...]

Para meu grande espanto, vi-me diante de um palácio cuja magnificência superava tudo o que vira até então. Todavia, cada pedra, cada cumeeira, cada degrau me eram extraordinariamente familiares, parecia que aquele palácio tinha sido construído por mim, em sonhos.

Como se fosse o dono e senhor incontestável do palácio, subi a ampla escadaria de mármore e deparei com uma porta ao lado da qual se lia... o meu nome:

Johann Hermann Obereit

Entrei e vi a mim mesmo, vestido de púrpura e sentado a uma faustosa mesa, servido por mil escravas, em quem reconheci todas as mulheres que ao longo da vida me tinham despertado os sentidos, mesmo por um fugaz instante. [...]

Nesse momento, soube o que me restava fazer: travar uma luta implacável contra os obscenos fantasmas que nos sugam o sangue como vampiros.²¹

•

Já em alguns desenvolvimentos narrativos da primeira metade do séc. XIX vemos o tipo do vampiro dividido de um lado pela lei compulsória que sacrifica vidas alheias em seu benefício, de outro, pela tormentosa consciência dessa necessidade irrefreável. É para fugir a essa consciência eternamente torturada que, muito antes da tentativa de suicídio do vampiro Louis do romance de Anne Rice [1976], o folhetinesco Varney [1845-1847] finda sua existência insuportável jogando-se no Vesúvio.

Não por acaso, em alguns dos primeiros tratamentos ficcionais do início do séc. XIX, o actante herói cabe um pouco à vítima, um pouco ao próprio vampiro. Nestas ficcionalizações iniciais, a figura do herói vingador demora um pouco mais a se desenvolver, evidentemente com exceções (dentre elas o romance apócrifo *Lord Ruthwen ou les vampires*, de 1820). Não é surpresa que, um dia, o vampiro termine por se tornar o herói da narrativa, como nos romances seriados de Anne Rice e de Stephenie Meyer. Isto é perfeitamente coerente com o seu desenvolvimento ficcional ao longo do séc. XIX.

21 Meyrink 2007:39-45, tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo.

Fechemos este tópico com uma parábola interpretativa. Ela gostaria de aludir a alguns daqueles processos acima discutidos por meio de uma sugerida leitura da seção epônima que abre o livro *O vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan [1967]. Ela se compõe de 12 contos. No conto inicial, discorre o narrador Nelsinho:

Veja lá, parou um carro. Ela vai descer. Colocar-me em posição. Ai, querida, não faça isso: eu vi tudo. Disfarce, que vem o marido, raça de cornudo. Alguns atraem os pobres rapazes para que se deitem com as espôsas. Contentam-se em espiar ao lado da cama – acho que eu ficaria inibido. No fundo, sou herói de bons sentimentos.²²

Cada conto retoma o herói e o vampiro, expressos de início em primeira pessoa; o desenvolvimento é uma progressão em muitas direções concomitantes, e não em linha reta. Quem quiser reconstituir uma cronologia da personagem – que não é dada e talvez sequer seja suposta pelo conjunto dos contos – terá de juntar os pedaços. Estamos longe, portanto, de uma “unidade de ação” e “do tempo”. A coesão é regida por outros princípios. Ao leitor, oferecem-se níveis sucessivos de motivos; sua leitura, porém, não se dá por simples acúmulo estratificado, uma vez que cada nova peça do jogo ressignifica as ocorrências anteriores do texto que se ligam a ela:

Iniciação aos beijos de língua. O vestido era afogado no colo, ele não podia espirrar os seios. Mordidinhas na ponta de orelha.²³

Expressão que ecoa – e leva além – o título de um conto precedente, “Na pontinha da orelha”. O diminutivo muda de lugar, mas permanece; aqui uma ponta de orelha é beijada, ali mordida.²⁴ O que temos é um todo fragmentado em reflexos de microssignificações.

A falta de uma cronologia clara, a multiplicidade nem sempre identificada de vozes e focos narrativos não minam a coerência do conjunto (similarmente, algo assim ocorre com o que chamamos de temática literária do vampiro). Trevisan cria um núcleo temático próprio e extremamente coerente no interior desses contos (para não dizer genericamente em sua obra), ao mesmo tempo que se vale de uma temática herdada e difundida por todo o mundo ocidental: o vampiro, o conquistador parasitário e egoísta.

Alguém poderia argumentar que Nelsinho, ao serializar e descartar os objetos de sua sanha sexual, está mais para Don Juan ou Casanova do que para vampiro. Mas os limites

22 “O vampiro de Curitiba” (Trevisan 1970:5).

23 “Menino caçando passarinho” (Trevisan 1970:61).

24 No conto assim intitulado, a locução “na pontinha da orelha” indica ainda a atenta audição da velha cega que interrompe a cena de amor entre Nelsinho e a neta daquela.

desses tipos literários (“mitos modernos” como quer Ian Watt) foram propositada ou inconscientemente misturados na cultura ocidental ao longo dos últimos séculos, de forma que nem sempre interessa proceder à distinção anatômica entre eles. Talvez, na contemporaneidade – poder-se-ia defender –, o vampiro ofereça, em relação a esses outros tipos literários, um imaginário mais profícuo, mais variegado e de cores mais fortes. Para nós, importa é que Trevisan *escolheu* figurar Nelsinho sob diversos *trópoi*²⁵ como vampiro. Sob essa perspectiva particular, o próprio Nelsinho é “vampirizado” por sua ex-professora, numa viagem ao Rio de Janeiro.

Se estendemos o foco de análise a mais contos do livro, ou ao seu conjunto, novas significações se legitimam. Cada novo signo, cada lema e motivo surgem já no interior de um contexto (os contos lidos), ao mesmo tempo que modifica esse mesmo contexto, redimensionando-o.

Eis o que quis dizer com esta parábola: assim como os doze contos de Trevisan dialogam em direções não unívocas mas reversíveis, a leitura de um dos contos alterando nossa percepção dos restantes; de forma análoga, a temática do vampiro amalgamou motivos de maneira a estender as suas significações típicas, para fora do foco temático central, e isto também no tempo, notadamente em direção ao passado.

Acredito, além disso, que a unidade intuída por sob as variações de expressão esteja ligada a fatores bem mais amplos, não peculiares à temática ou ao tipo aqui estudados.

Permanência e mimetismo. Uma questão de fundo.

Este trabalhou perguntou-se por traços recorrentes na apresentação do vampiro tal como desenvolvida na Europa moderna. Tratava-se de um esboço hermenêutico de sua conformação *interna*, na condição de texto. O enfoque incidiu de dentro para dentro ou de fora para dentro.²⁶ Gostaria agora de lançar uma hipótese, ainda mais provisória, dizendo respeito ao

25 Limitar nosso entendimento, nesses contos, das significações de “vampiro” à metáfora seria banalizá-las. Trevisan tece um magistral jogo de sombras em relação ao tipo literário, concomitantemente dele aproximando e afastando os sentidos figurados (“Olhe para mim, estou pairando dez centímetros acima do solo, já teria desferido vôo não fôra o lastro da pombinha do amor.” – conto-título, Trevisan 1970:6) e concretos (“A tipa veio conchegar-se, repuxou-lhe a cabeça e entrou a mordê-lo: sentiu no pescoço a falha dos dentes” – “A noite da paixão”, Trevisan 1970:75).

26 ... Mesmo que postule determinada eficácia de fontes alheias a representações “vampíricas” primitivas, incorporadas a esse núcleo só num segundo momento – e simultaneamente dotando-o de uma identidade na figuração.

que na temática é retroativo sobre a herança cultural. A bem dizer, o golpe de vista não é sobre as transformações que a tematização do vampiro pudesse ter aportado àquela herança; antes sobre como a tematização pode ser entendida como *reativa a ela*. (A hipótese será deli-
neada apenas em seus contornos mais básicos, pois não é esse o lugar de desenvolvê-la.)

O tipo do vampiro abriga, em toda sua radicalidade, uma *incongruência* profundamente enraizada no pensamento judaico-cristão e ocidental, no bizantino, e mesmo no greco-romano antigo. Ou melhor: visto que a essa incongruência corresponde uma classe de questões existenciais e filosóficas, seríamos capazes de formulá-la relacionando-a aos mais distintos universos humanos. Justamente *nisso* consiste o ponto visado pelo argumento que esboço a seguir.

Ao longo de sua tão diversificada expressão discursiva e simbólica, o vampiro remete a uma pergunta de base: a relação entre **corpo** e **pessoa**.

Até onde a noção de um Eu pode sobrepor-se ou se aliar a um corpo humano? Em que momento se apartam um do outro? Sob que condições é concebível – aqui poética e argumentativamente – que esse elo permaneça, seja ele natural, divino, preternatural...?

Uma massa labiríntica de textos interliga-se às perguntas pela diáde **corpo/pessoa**, pois virtualmente não há limite para o número de suas respostas. (O próprio dualismo cartesiano admite ser considerado sob esse ângulo.) Tais perguntas são capazes de pôr em relação muitas tradições textuais tematicamente implicadas pelo tipo do vampiro. Já assim no cruzamento de horizontes tipológicos (lobisomem, bruxa, demônio íncubo, morto) na consideração que fizemos das arrogadas heranças medievais do vampiro.

Para Agostinho, em seu opúsculo *De curis pro mortibus* (*Dos cuidados para com os mortos*), o defunto não possui mais nada da pessoa – esta tornou-se *memória*. Podem castigar de mil maneiras aos cadáveres, mesmo profaná-los: nem assim é possível atingir a glória ou o destino das almas, sejam elas santas ou menos. De modo que a noção de *pessoa*, *alma* ou *identidade* está a salvo e além do corpo temporal ao qual esteve temporariamente associada. Não é difícil retrair, na base do problema, concepções herdadas da história da cultura judaica,²⁷ depois redimensionadas por textos e autores cristãos.

Também ao redor dessa questão de fundo giram muitas passagens de textos da Baixa Idade Média, notadamente os que tendem a localizar o purgatório nos castigos físicos individuais.

27 Para as diferentes concepções judaicas do ser humano (natureza dual, trina etc.), ver Weber 1921; Lods 1906.

Lembremos duas delas: uma em Gervásio de Tilbury²⁸ (que cita Gregório Magno, quanto ao fogo material que purga almas imateriais); outra no *exemplum* de Cesário de Heisterbach sobre o usurário Godescalco que, descendo vivo ao inferno em companhia do demônio, visita em corpo o lugar de suas futuras penas, materialmente tangíveis.²⁹

Um desenvolvimento de matiz diferente é a doutrina da substancialidade sutil dos demônios. Um notório exemplo ocidental encontra-se no *Malleus maleficarum*, quando seus autores se propõem explicar de que maneira e em que medida demônios incubos e súcubos podem provocar a gravidez: como interagem o corpo humano e uma entidade ontologicamente distinta dele.

Ao lado dessas, também encontramos em textos medievais concepções à primeira vista intermediárias do corpo: – A aparição que, golpeada com a espada, não é ferida mas emite um som “como de um colchão mole”³⁰; – O espectro carregado sobre as costas de uma mulher cuja mão é vista embrenhar-se profundamente no corpo daquele, “como se a carne desse espírito estivesse pútrida e [fosse] não sólida, mas fantástica”.³¹ Tais concepções não se deixam situar num tabuleiro de pretas e brancas: o que, de acordo com uma linha de interpretação histórica bastante difundida, seria característico de um período (sécs. XII-XIII) em que pontos de vista divergentes concorrem na letra escrita, antes que fossem impregnados pela ortodoxia ou rechaçados como heréticos.³²

28 No relato das continuadas aparições do espírito de um falecido primo à virgem de Beaucaire (Gervasius 2010:282-317), estudado, dentre outros, por Jean-Claude Schmitt (1999). Um exemplo de pena física é o cinto de fogo que o espectro é obrigado a suportar enquanto outro cinto, a ele emprestado em vida, não é devolvido devidamente a seu legítimo dono.

29 A cadeira de fogo a que está condenado pela eternidade (ver *supra*, capítulo 6; Caesarius, *Dialogus miraculorum*, II, 7). De resto, essa narrativa combina outros elementos que concernem à interação corpo/sujeito, por exemplo na descrição de signos corporais: o cavaleiro imperativo sobre o corcel negro é *desfigurado* em sua aparência; Godescalco tem de segui-lo *nu*.

30 Cesário, XII, 15.

31 “[...] *manus mulieris demergentes in carnes spiritus profunde, quasi caro eiusdem spiritus esset putrida et non solida sed fantastica*”: a quinta das “*Twelve ghost stories*” transcritas por Montague Rhodes James (1922:418-419) a partir de um manuscrito (British Museum Royal MS 15 A.xx, aqui fo. 142b) proveniente da abadia de Byland, no Yorkshire. É mais do que significativo que o redator tenha escolhido, para designar o espectro, o termo *spiritus*: “*Dicitur quod quedam mulier cepit quendam spiritum...*” (*ibid.*).

32 Se é assim, não será algo anacrônico pretender separar tão nitidamente, em textos daquele período, descrições de *revenants* em corpo e, de outra parte, aparições de espíritos imateriais? Seguindo-se tal raciocínio, seria porventura possível diferenciar concepções populares de cultas? Não estariam todes esses componentes, portanto os próprios princípios de categorização, em alguma medida misturados – donde o seu maior interesse para nós? Parece que a própria distinção entre *revenant* em corpo × *revenant* em espírito (cf. Caciola 1996) torna-se “*non solida sed fantastica*”.

Os séculos que se seguem ao tardo Medievo, se vêem uma partidarização dos discursos (radicalizada nos contextos de Reforma e Contra-Reforma), não fazem por esmorecer a questão, pelo contrário.

Com toda evidência, a problemática é pertinente aos trechos que abordamos do *De occulta philosophia*, de Cornelius Agrippa von Nettesheim. Um caleidoscópio de diferentes concepções do ser humano – natureza binária, ternária, quaternária – é submetido aos princípios de racionalidade do filósofo natural.

De sua parte, quanto à composição do corpo e da alma do homem, Robert Burton é um campeão da “microcosmografia” (a expressão é dele), como o provam digressões capitais em *The anatomy of melancholy*³³ – ali parece haver todo um universo borgesianamente contido e disposto. Muito embora nem sempre declaradamente à face do texto, a interação problemática entre corpo e alma perpassa boa parte do assunto de Burton, que se frutifica em milhares de páginas, tantas vezes cada uma contendo, retórica e babelicamente ordenadas, todas as remissões ao seu alcance, num dialogismo frenético, embora ponderado (*et pour cause*) nos mais ínfimos detalhes.

Coligam-se a perguntas da mesma natureza as hipóteses de possessão demoníaca, que são levadas em consideração ao se tentar explicar como o corpo morto do *vrykolakas* possa exibir força e movimento, como em Leo Allatios (mesmo que o autor não feche com essa linha : antes tende a atribuir o fenômeno a poderes de sugestão, sem abandonar uma espécie de dialética pendular).

Ainda contra esse plano geral se apresentam, tateando diferentes soluções, obras como as de Garmann e de Kornmann (séc. XVII – início do XVIII), que relatam/investigam as condições para o prolongamento de funções vegetativas em cadáveres. (Perspectivas de longo alcance sobre esse contexto histórico-cultural são propostas por Philippe Ariès 1975; 1982). A elas se seguem, no que toca ao morto mastigante e ao vampiro, aproximações como as de

33 Anoto duas delas: “Digressão da anatomia do corpo e das faculdades da alma”, Partição I, seção I, membro II, contendo as subseções I a XI (Burton 2001:146-169). Quanto às divisões do corpo, Burton credits a Laurentius, que segue Hipócrates, seu eixo básico de categorização: partes que são contidas e partes que contêm. “*Spirit is a most subtle vapour, which is expressed from the blood, and the instrument of the soul, to perform all his actions; a common tie or medium between the body and the soul, as some will have it; or, as Paracelsus, a fourth soul of itself*” (*ibid.*, p. 148).

E a “Digressão de Espíritos, maus Anjos ou Diabos [...]”: Partição I, membro II, subseção II (Burton 2001:180-202); onde religa a questão da existência ou inexistência dos espíritos à discussão sobre o estatuto da alma humana (cf. Atos 23, 6-10: o debate entre saduceus e fariseus provocado por Paulo).

Philip Rohr e de Michael Ranfft. Aos poucos, especializa-se no entorno do vampiro sérvio uma discussão que nutre daquela tradição dissertativa mais geral, e que já vinha sendo mobilizada pelos mortos mastigantes alemães e por outras figurações tematicamente relacionáveis.

Ao considerar tantas distintas tradições textuais, eventualmente veríamos-nos inclinados a procurar, em algumas delas, concepções que poderiam ter colaborado mais diretamente para moldar o vampiro e o *vrykolakas* como descritos em textos do início da Era Moderna. Tradições demonológicas bizantinas e tardo-bizantinas seriam candidatos naturais a serem submetidas a uma tal investigação. Todavia, é preciso inicialmente admitir que, de acordo com alguns estudos, tais fontes se mostram menos reveladoras do que poderíamos a princípio suspeitar. Richard Greenfield (1988:168n) adverte que nas fontes por ele metodologicamente agrupadas como “tradições alternativas” à ortodoxia, embora mencionem demônios associados a cemitérios, é raro que se verifique algo aproximável do “posterior conceito de vampiros e *revenants*”. Permanecem entretanto no horizonte as questões em torno da corporalidade sutil dos demônios³⁴ e da possessão demoníaca.

O vampiro, delimitado, assim como procurei fazê-lo, na condição de um fenômeno moderno e ocidental, pode ser visto como se formulasse, ele também, *algumas* respostas àquela problemática de fundo, da difícil e (mesmo que provisoriamente) exigida congruência entre **corpo** e **pessoa**; questão tão atrelada à permanência do sujeito após a morte. Em dado tempo e sob determinadas circunstâncias, algumas dessas respostas teriam sofrido um singular agrupamento, conjugando-se – não sem arestas – num *tipo de resposta* (que convive, é claro, com inúmeras outras). É aí que vemos surgir o vampiro como *tipo literário*.

De um lado, as expressões formais do vampiro literário deixam-se dispor face a uma série de esquemas e elementos de referência (como considerado na parte II deste trabalho). Reconhecemos aí uma permanência que se poderia chamar *extrínseca*: as convenções estético-literárias que se expressam na personagem, no tipo, na tópica (a intertextualidade em seus aspectos mais evidentes, mais à face dos textos).

Doutra parte, parecem responder a raízes mais profundas os próprios eixos organizativos em torno dos quais essas convenções são mobilizadas. A apropriação ficcional do vampiro segue-se a uma prévia *conceituação* dele: e digo *conceituação* (o processo histórico de pensar e questionar a relação entre corpo e pessoa) e não *conceito* (esta ou aquela resposta particular

34 Como atestado por algumas daquelas fontes, notadamente o *De daemonibus operationes* (ca. séc. XIV) espuriamente atribuído a Michael Psellos (Gautier 1980).

a tal questionamento, o que nos levaria de volta àquelas categorias fugazes e ambíguas, como o *Vampirbegriff* de Joseph Klapper). Essa conceituação muito geral dota a temática literária de um enorme potencial de *permanência intrínseca*.

Por exemplo: por que hesitamos em afirmar ou negar, digamos, uma sorte de afinidade da temática de Orfeu e Eurídice face à vampiresca? Por que, mesmo sabendo-as tão distantes no tempo e no tratamento, a pergunta sequer chega a se colocar? Reconhecemos nos prolongamentos do mito trácio *algo* que parece ter a ver com certa disposição do vampirismo (o ir-e-vir do além, a paixão que suspende o hiato insuperável entre mundo dos vivos e mundo dos mortos). O laço que possibilita essa releitura – forçada, mas ainda assim compreensível e argüível – é a comunidade quanto a uma ordem de questões muito abrangentes, como as formuladas acima (e bem o poderiam ser de outra maneira).

Estabelecido pois um núcleo semântico razoavelmente individuado (num exemplo acabado, o *vampyrus serviensis* nos impressos europeus do início do séc. XVIII), levado a cabo pelo concurso de longos processos de conceituação, segue-se, do vigor de sua simbólica, a possibilidade de *multiplicar os sentidos do signo*, franqueando o caminho à riqueza de expressão, à polissemia, à estreita convivência dos sentidos figurados. Isso proporciona ao vampiro sua excepcional plasticidade; o acesso a um acervo sempre renovável de recursos para serem utilizados no seu entorno.

Por aí se poderia refinar a compreensão de como a temática literária seja atravessada tanto por vetores de *permanência* (intrínseca ou conceitual sob um aspecto; extrínseca ou formal sob outro) quanto de *mutabilidade*.

Os modos de formular e solucionar a irreduzível díade corpo/pessoa refletem aspectos centrais das *Weltanschauungen* de uma cultura e de uma época. (Reconduzidos a esse dilema é que têm de se haver os teólogos da Universidade de Leipzig, quando confrontados com as notícias de reportado vampirismo na Sérvia sob domínio austríaco.)

Essa pertinência de larga escala não teria colaborado para que historiógrafos, curiosos e literatos tendessem a projetar o vampiro, suas analogias e pré-figurações ali onde ele *não estava*, alternativamente, onde estava apenas *sob determinado aspecto*? Que essa afinidade remodelável, assim por dizer tendendo ao infinito, tenha dado rédeas aos textos e seus entes para criarem, ao nosso olhar, os seus próprios precursores? Uma pertinência de fundo – tal como a acima hipotizada ou outra ainda – deve ter contribuído para que certas identidades vampirescas fossem reencontradas em figurações tão díspares.

Daí a procedência da pergunta pelas condições de uma temática do vampiro, e também do esforço em confrontar diversas manifestações discursivas para com ela – mesmo quando a resposta for em alguma medida negativa. Afirmar no mito de Orfeu uma pré-figuração do vampirismo é uma asserção tão diáfana (e irresponsável) quanto ver neste uma simples reelaboração daquele. Mas é precisamente a pertinência intrínseca, aliada à plasticidade que é própria dos grandes temas literários, que nos permite aproximar comparativamente as temáticas do vampiro e do Orfeu: e não bem os seus respectivos “vocabulários” ou tópicos (dito de outro modo: sua expressão formal localizada).

Assim valeria reconsiderar, em sua dimensão profunda, o extraordinário *mimetismo* que é próprio do vampiro: guardando um núcleo de identidade (não estático, mas dinâmico: seja na abrangência de sua remissão conceitual, seja na expressão formal), o tipo assume feições as mais diversas, às vezes até mesmo de modo a dificultar sua percepção enquanto tal. Adapta-se ao cenário que o cerca; mimetiza-se em sem-número de máscaras; empresta seus traços e *modi operandi* a outros tipos e personagens, a uma série de figuras do discurso.

Sob esse ponto de vista, a eclosão do vampiro na criação literária nas passagens do séc. XVIII para o XIX não se mostra casual. Já configurado extraficcionalmente em um tipo, ele se conjuga a tendências estético-literárias que promovem e concorrem para seu desenvolvimento. Dos pré-romantismos ao decadentismo, esses feixes o sustentam por longo tempo em um lugar privilegiado e ciclicamente revisitado. No arco do presente trabalho, não me proponho ainda destrinchar essas condições históricas e estéticas pormenorizadamente – até por ser este um campo mais estudado na bibliografia especializada. (Doutra parte, Ariès dedicou mais de um livro à investigação das figurações da morte no Ocidente, encontrando uma notável associação destas com o erotismo por volta do séc. XVIII.) Mas ainda assim podemos apontar sumariamente alguns desses aspectos. Desde o *Sturm und Drang* observa-se um interesse privilegiado pelo sobrenatural, por cenários e criaturas da noite, seres torturados (e torturantes) próprios para exprimir peculiares estados de ânimo. Os romantismos renovam esse interesse, e ainda explorarão repetidamente o exótico, ideológica e esteticamente construído. Alguns gêneros dramáticos e literários, que florescem justamente nesses contextos histórico-culturais, parecem reforçar os traços do vampiro ficcional: entre eles, o *Schauerroman*, a *gothic novel*, o melodrama, o romance seriado de folhetim, os novos formatos lírico-dramáticos, como o *vaudeville* e a opereta. Outro vetor a ser considerado é o destaque que ganham, nas primeiras décadas do séc. XIX, o herói e o anti-herói angustiados (mesmo que Byron não seja o legítimo pai de Ruthven, foi apenas calcado no modelo do

herói byroniano que este pôde vir à tona). Por fim, as personagens e imagens da danação, da finitude decrépita – física e moral – do decadentismo não podem senão encontrar, no nosso tipo, um terreno fértil. Não há dúvida de que todas essas tendências descobrem no vampiro um singular veículo de expressão, e se valem dele na medida em que se conforma às suas propostas.

Aqui se encerra este estudo, cercado de seus limites. O texto do vampiro *não é* sempre subsumível a um conjunto de estratos que sejamos capazes de decodificar, sobrepostos ordenadamente um a um. Não apenas porque se interpenetram, como pelo deslocamento de placas tectônicas; mas principalmente porque, ao se misturarem, os constituintes perdem a composição “primitiva” (se é que jamais existiu uma) e se tornam outros. Cada plano adicionado ao desenho altera a essência e a disposição dos planos anteriores, com isso fazendo menos sentido que sejam considerados à parte.

Apesar da complexidade dessas interações, podemos entrever com alguma evidência, decalcados no *corpus*, certos pólos que ajudam a elucidá-las. Isso não exclui que alguma sorte de pré-concepção, derivada da contínua exposição ao tipo de que fiz objeto, tenha-me indicado esse rumo.

Apêndice

Sumário do Apêndice

Advertência.....	309
I. Nota sobre a <i>lamia</i>	309
II. Alemanha, séc. XIII	314
III. Inglaterra, sécs. XII-XV (?)	318
a) Walter Map	318
b) William of Newburgh	320
c) MS anônimo.....	330
IV. Boêmia, sécs. XIV-XVI	336
a) Jan Neplach	336
b) Hájek z Libočan.....	337
V. Grécia e Dalmácia, sécs. XVII-XVIII	340
a) Leo Allatios.....	340
b) François Richard.....	349
c) Alberto Fortis	355
VI. Polônia, início do séc. XVIII	356
a) Jerzy Gengell.....	356
b) Gabryel Rzączyński.....	356
VII. Londres, 1732	358
VIII. França, séc. XVIII	361
a) Augustin Calmet.....	361
b) Louis de Jacourt	362
c) Voltaire	362
IX. Goethe, vampiro e <i>Weltliteratur</i>	366
X. Narrativa oral rumena, início do séc. XX	368

Advertência. As seleções de textos cuja leitura é oferecida a seguir não são algo que se pareça com um apanhado de “casos de vampirismo”. Nelas, além da evidência de alguns aspectos textuais do tipo do vampiro que foram discutidas ao longo da exposição argumentativa, o leitor encontrará passos que possuiriam com a temática uma relação mais vaga ou indireta. (Que contato com eles contribua para avaliar a pertinência e os limites dessas aproximações.) A composição de um tal conjunto, como defende este estudo, é por definição permanentemente extensível em mais de uma direção, daí não haver qualquer sentido em buscar apresentar um todo representativo. Os exemplos foram selecionados em função de ilustrarem alguns pontos-chave de interpretação, ou bem porque a argumentação acima esteja baseada numa leitura daqueles, e seria inconveniente trazê-los no corpo dos capítulos.

No início de cada seção do Apêndice, são indicadas [entre colchetes] as principais partes da dissertação que dialogam com os textos ali selecionados. Em número restrito de casos, umas poucas linhas entremeiam as passagens citadas. No mais, dado remeterem-se à discussão expositiva, são simplesmente citadas sem qualquer comentário.

As rendições em português não se propõem traduções no sentido forte; mas sim a favorecer um contato com o texto. (Diversas delas não tiveram oportunidade de revisão, menos ainda de maturação.)

I. Nota sobre a *lamia*

[—caps. 2; 6; 7]

Esta primeira seção difere das restantes encontradas no Apêndice. Não se trata aqui de passos selecionados em citação (como nas demais), mas de um apontamento excursivo sobre a *lamia* “pré-vampírica”.

Originalmente, *lamia* designa uma classe de entidades ctônicas da mitologia greco-romana; sofre toda sorte de apropriações ao longo da Idade Média; na Era Moderna,

é com frequência associada ao vampirismo (cf. Montague Summers, Stefan Hock etc.). A *lamia* presta-se a grande variação de significados, conforme os diversos contextos históricos e culturais envolvidos (a cada tempo e localidade, é pensada de mais de uma maneira).

De partida, a *lamia* antiga era provavelmente um nome genérico para diversos espíritos do submundo, alguns dos quais raptavam crianças ou lhes sugavam o sangue, comiam-lhes o coração etc. Certos etimologistas a aproximam dos *lemures* latinos (aparições noturnas; espíritos dos mortos), o que é posto em dúvida por outros.¹ Para Erwin Rhode, definidora é a associação com a divindade ctônica Hécate.² Com ele, diversos outros estudiosos reconhecem em *lamia* originariamente uma classe, sendo Mormo, Mormolyke, Gello, Karko, Êmpusa lâmias particulares, que no entanto se misturam umas às outras; esta última era dotada de poderes metamórficos. Posteriormente, Lâmia é particularizada como um espírito maligno que atacava crianças. A certa altura, foi sincretizada com uma aparição libanesa; nos tempos de Eurípides, parece já ter-se transformado em ser humano. Difundiu-se então a lenda de que tivesse sido uma belíssima mulher que vivia na Líbia (uma princesa, em algumas versões), seduzida por Zeus. Hera, como vingança, mata-lhe os filhos (ou enlouquece-a, e esta destroça ela mesma a progênie); desgraçada, Lâmia adquire um aspecto horrível e, invejosa dos filhos alheios, passa a raptá-los. A descrição de Lâmia como “de raça líbia” sobrepõe-se a um dâimon que nunca fora um ser humano.³

1 F. Schwenn, verbete “Lamia” in Pauly-Wissowa; Boisacq 553-554; Walde 420-421. Chantaine (pp. 617-618), que reputa a aproximação com *lemures* duvidosa, reporta-a ligada a λαμυρός «vorace, avide, effronté, pétulant».

2 Não testemunhada nos poemas homéricos, Hécate era objeto de culto localizado ou doméstico. Cura e causa a loucura. Está presente nos momentos cruciais onde se encontram alma e corpo (nascimento, leito de morte). O culto doméstico deve ser antigo, de um tempo em que não se temia contaminação no comércio com o subterrâneo. Posteriormente, Hécate vira líder e promotora de todas as assombrações. Ela assusta os homens à noites ou ao meio-dia, nas encruzilhadas. Ainda para Rhode, os diversos nomes – Gorgyra (Gorgo), Mormo, Lamia, Gello, Empusa, o espectro do meio-dia – indicam no fundo transformações e aparições mutáveis da divindade. É figurada (de acordo com representações antigas) como cinocéfala, mesmo como cadela, esboça-se uma identificação com Cérbero; daí o sacrifício de cães em nome dela. Não à toa, veio a ser associada com a caça selvagem noturna e com o *daemonium meridianum*, conhecido por autores cristãos sob o nome de Diana (*Canon episcopi* etc.). Mas já no séc. III, em Tertuliano (*De anima* 56), vemo-la junto ao séquito de almas dos mortos prematuros (Rhode 1894:368-379).

3 Rhode 1894; Okin 1980; Pauly-Wissowa: verbetes “Empusa” (O. Waser), “Gello” (P. Maas), “Mormo” (J. Tamborino), “Lamia” (F. Schwenn).

O vocábulo *lamia* foi utilizado por Jerônimo (347-420) na tradução *Vulgata* da Bíblia, para verter a hebraica *lilit*.⁴ À *lamia* garante-se assim um *locus* no cânone.

Durante o Medievo, *lamia* é uma das mais comuns denominações dos agentes de feitiçaria – *striga*, *malefica*, *masca*, *venefica*, *erbaria*, *tempestarii*...⁵

Embora tenha herdado algo do potencial imagético da antiga *lamia* greco-romana, a homônima concepção medieval distancia-se muito daquela. Na bibliografia medieval por mim consultada, no lugar por exemplo de um ente demoníaco ofensivo, a acepção mais freqüente de *lamia* parece ser mesmo a de “feiticeira”, um ser humano (uma mulher) que se associou ao diabo.

Não assim, porém, em um testemunho de Gervásio de Tilbury (séc. XIII), que registra algumas concepções de grande interesse face à temática vampiresca:

Gervásio de Tilbury *Otia imperialia* [Ócios imperiais], III, 86

Lamias, quas uulgo mascas aut, in Gallica lingua, strias nominant, fisici dicunt nocturnas esse ymaginationes, que ex grossitie humorum animas dormientium turbant et pondus faciunt.

Verum Augustinus ipsas ex dictis auctorum ponit demones esse, qui ex animabus male meritis corpora aerea impleant. Dicuntur autem lamie, uel potius lanie, a laniando, quia laniant infantes. Larue uero quasi exemplaria fantastica, que ymagine et figuras hominum representant cum non sint homines, sed diuina quadam et secreta permissione hominum illusiones. Sicut enim circa corpus, ita circa animum uel animam hominum, demones nihil nisi ex diuina possunt permissione operari.

*Vt autem moribus ac auribus hominum satisfaciamus, constituamus hec esse feminarum ac uiro-
rum quorundam infortunia, quod de nocte celerrimo uolatu regiones transcurrunt, domos intrant,
dormientes opprimunt, ingerunt sompnia grauia, quibus planctus excitant. Sed et comedere uidentur
et lucernas accendere, ossa hominum dissoluere, dissolutaque nonnumquam eum ordinis turbatione
compaginare, sanguinem humanum bibere, et infantes de loco ad locum mutare. [...]*

*Si queritur quid sibi uelint hec audita sepissime ac miranda, respondeo quod ait beatissimus
omnium questionum inuestigator Augustinus, id totum diuini iudicii secretis attribuendum, quia:
“Facit angelos suos spiritus et ministros suos ut flammam ignis”. [...]*⁶

⁴ “Et occurrent daemonia onocentauris, et pilosus clamabit alter ad alterum; ibi cubauit lamia, et inuenit sibi requiem” (Is 34, 14). O *pilosus* reaparecerá em nosso percurso.

⁵ *Striga/stria/strix*: denominação tomada à Antiguidade latina (lá: feiticeira ou ser sobrenatural aviforme, fazia de crianças sua vítima preferencial), donde a moderna *strega* italiana; *malefica*: bruxa, feiticeira; *masca*: ligado a “máscara”; *venefica*, *erbaria*: envenenadora, coletora de ervas malélicas; *tempestarii* (em geral assim empregado, masculino plural): causadores de tempestades, nevascas, geadas e outros fenômenos atmosféricos. Livros inteiros foram escritos a respeito dessas denominações. Úteis, talvez, para a discussão adiante: Lea 1939; Lecouteux 1981.

⁶ Gervásio 2010:248-252.

Dizem os médicos que as lâmias, vulgarmente chamadas mascas ou, em língua gálica, *strie*, são ilusões [*ymaginationes*] noturnas, causadas pela consistência dos humores, que perturbam o fôlego [*animas*] dos que dormem, sendo-lhes de peso.

Já Agostinho, seguindo o que dizem os autores, estima serem [elas] demônios, almas mal intencionadas que forjam corpos aéreos. Ademais, são chamadas de *lamie*, ou antes *lanie*, a partir de *laniando* [dilacerar]; porque dilaceram [*laniant*] as crianças [*infantes*]. Já as larvas são aparições ao modelo de lares, que apresentam imagens e figuras de homens porquanto não sejam homens, mas ilusões [com aparência] de homens, [garantidas] por alguma divina e secreta permissão. O mesmo, pois, se passa com os demônios: nada podem fazer quanto ao corpo nem quanto ao ânimo ou alma dos homens, senão partindo da permissão divina.

Doutra parte, dando satisfação aos costumes e aos ouvidos dos homens, admitamos que sejam a desventura de certas mulheres e homens que, transpondo à noite distâncias muito depressa em vôo, entrem nas casas, oprimam os que dormem, inculquem-lhes sonhos pesados que lhes provocam o choro. Mas também são vistos comer, acender lâmpadas, desconjuntar os ossos dos homens – e, às vezes, tendo-os desconjuntado, voltam a reuni-los perturbando-lhes a ordem –, beber sangue humano e transportar as crianças [pequenas] de um local para o outro. [...]

Se me perguntam o que encobrem essas coisas notáveis e ouvidas com grande freqüência, respondo como afirma Agostinho, beatíssimo investigador de todas as questões: que tudo deve ser atribuído aos segredos do juízo divino, pois “faz de vento [*spiritus*] seus mensageiros [*angelos*] e de flamejante fogo, seus ministros”.⁷ [...]

Entre Baixa Idade Média e Renascimento, *lamia* há muito não é nome próprio, como não o fora antes da personificação em princesa líbia e amante castigada de Zeus; mas agora os seus significados são bem outros.⁸ Durante um longo período, as significações da *lamia*

7 Agostinho, *De civ.*, XV, 23 [↗Hebreus 1, 7.]. Atente-se para que este é o *mesmo capítulo*, e praticamente o mesmo passo, no qual Agostinho equipara silvanos, faunos e dúsios a incubos (ver cap. 6 da presente dissertação) – um passo freqüentemente citado e discutido entre os autores e obras aqui abordados (Isidoro de Sevilha, *Malleus maleficarum...*).

8 Já fugindo ao escopo do presente esboço, mas complementando-o com um aporte poético, a lâmia assumiu na pena de alguns escritores do Trecento feições de ninfa aquática. Os passos são do breve e instruído artigo de Mario Martelli (2006): “*egli è una giovane qua giù, che è più bella che una lammia, la quale è sì forte innamorata di me, che ti parrebbe un gran fatto: io me ne avvidi testé quando io andai per l’acqua*” (“há uma jovem aqui, mais bela que uma lâmia, que se apaixonou de tal maneira por mim, que te pareceria extraordinário: eu o percebi agora mesmo, quando fui buscar água”, Boccaccio, *Decameron*, IX, 5, 15); “[...] *ex fontibus formosissimas mulieres, quas ipse Lammias vocant, prodeuntes vidisse*” (“... terem visto saindo das fontes mulheres formosíssimas, que eles chamam de Lâmias”, Boccaccio, *Genealogias dos deuses dos pagãos*, VII, 14); “*un grande fiume / pieno di lammie*” (Guido Cavalcanti, xlv 12); “*Et il rozo parlar de’ villan’ vuole / Che queste nymphe sien chiamate lamie / Dando al cognome lor indegne infamie*” (“E a rude fala dos camponeses afirma / que estas ninfas se chamem lâmias / dando-lhes, por sobrenome, indignas infâmias”, Luca Pulci *Driadeo d’amor*, I, 12, 6-8).

não conservam senão algo bastante exterior à lâmia pagã antiga – ao mesmo tempo, exce-
tuadas algumas concepções como a veiculada por Gervásio de Tilbury, ela está longe de ser
caracterizável como vampiresca, como um dia passará a ser em definitivo.

Eis um extremo dessa dissociação, extraído de um livro de Johannes Wier de 1577:

Quid Lamia – Cap. V

Lamiam appello, quae ob foedus praestigiosum aut imaginarium cum daemone initum, propria
ex suo delectu uoluntate, uel maligni daemonis instinctu impulsuue, illiusque ope, qualiacunque
mala uel cogitatione uel imprecatione, uel re ludicra atque ad institutum opus inepta designare
putatur: uelut aërem insolitis ignire fulminibus, tonitru terrifico concutere, damnosa grandinis inso-
liti multitudine ferire, tempestates excitare, segetem in agro laetam aliò transferre aut depopulari,
morbos praeter naturam hominibus bestiisque ciere & mederi, paucis horis longissimè euagari, cho-
reas cum daemonibus ducere, epulari, succubum agere, homines in bestias commutare, & mille
monstruosa rerum ludibria ostentare.

O que é *lamia* – Cap. 5

Chamo de *lamia* aquela que, em consequência de um pacto mágico ou imaginário contraído
com o demônio, de sua própria arbitrada vontade ou [a isso] excitada e instigada pelo demô-
nio, e que, mediante tal poder, planeja toda sorte de males seja pelo pensamento seja por
imprecação ou por brincadeira, e o que é tido por obra importuna: como incendiar a atmos-
fera com relâmpagos extraordinários, abalá-lo com trovão terrível, atacá-lo com uma quanti-
dade extraordinariamente danosa de granizo, provocar tempestades, levar embora ou destruir
a próspera seara no campo, causar e tratar doenças preternaturais nos homens e nos animais,
cobrir distâncias enormes em poucas horas, levar danças com demônios, banquetear, impelir
o súcubo, transformar homens em animais e apresentar mil ilusões monstruosas das coisas.⁹

Dito de outro modo, aqui *lamia* não é mais do que uma denominação de bruxa (esta,
associada já tradicionalmente a fenômenos atmosféricos, bestialidades e demônios opressores
sexuados).¹⁰ Nesse e noutros escritos, Wier reputa serem os fenômenos atribuídos às *lamiae*
nada além de ilusões. Defende que tais mulheres deveriam ser mais propriamente objeto de
comiseração do que de castigo. Aos poucos, assuntos que eram praticamente exclusivos do
clero começam a receber tratamentos de estudiosos laicos de outra formação. Quanto às bru-
xas, aqui a medicina; em Ulric Molitoris, Jean Bodin e Pierre Le Loyer, o direito. Johannes

⁹ Johannes Wier (*alias* Weyer; Wierus), *De lamiis liber*, início do cap. 5. Basileia: Oporiniana, 1577, col. 30.

¹⁰ Ver cap. 6 da dissertação. A caracterização acima citada é sem sombra de dúvida um lugar-comum.
Os mesmos fenômenos, apresentados em ordem praticamente idêntica, encontram-se em inúmeros escri-
tos da época. Veja-se, entre esses tantos (sem no entanto empregar a denominação *lamia*), o *Antipalus
maleficiorum* de Johann Trithemius (1555), livro 1, capítulo 4, citado em Hansen 1901:295.

Wier, mesmo recorrendo epistemologicamente à ação do diabo, com frequência a faz figurar ao lado ou subordinada a concepções fisiológicas, como a teoria dos humores, os estados da alma tais quais a loucura e a depressão (por vezes reunidos sob *melancholia*).¹¹

Uma particular inflexão dos significados de *lamia* e *empusa* é inaugurada quando os textos antigos que as mencionam (p. ex. Flégon de Trales, Flávio Filóstrato) passam ser confrontados aos relatos e testemunhos do *vrykolakas* grego moderno (cf. François Richard 1657). Mais ou menos no arco de um século, tais figurações serão retrospectivamente assimiladas ao vampiro (ver cap. 7 supra).

II. Alemanha, séc. XIII

[—caps. 4; 6]

Cesário de Heisterbach, *Diálogo dos milagres*, 5, 44.

De Eufemia sanctimoniali, quam diabolus infestavit.

Cum esset eadem sanctimonialis puella parvula in domo patris sui, diabolus illi saepius in diversis formis visibiliter apparuit, et teneram eius aetatem diversis modis terruit ac contristavit.

Quae cum incurrere timuisset amentiam, ad ordinem nostrum converti proposuit, verbis voluntatem exprimens. Nocte quadam in specie viri diabolus illi apparens, conversionemque dissuadens ait: “Eufemia, noli converti, sed accipe virum iuvenem pulchrumque, ut cum illo deliciis mundi fruaris. Vestes enim pretiosae et cibaria delicata non deerunt tibi. Si autem intraveris ordinem, semper eris misera et pannosa, famem, sitim frigusque patieris, nec unquam de cetero bene tibi erit in hoc saeculo.” Ad quod illa respondit: “Quid de me tunc erit, si in illis deliciis, quas tu mihi promittis, mortua fuero?” Ad quod verbum diabolus nullum quidem responsum dedit, sed puellam rapiens, et usque ad fenestram solarii in quo iacebat deportans, praecipitare eam conabatur. Quae cum angelicam salutationem diceret, inimicus eam dimisit, et ait: “Si ieris ad claustrum, semper tibi adversabor. Quod si in hac hora mulierem illam non invocasses, occidissem te.” Et hoc dicto, virginem valde comprimens, in canem maximum transmutatus, de fenestra exsilivit, et nusquam comparuit. Sicque ad invocationem Dei genitricis et Virginis virgo liberata est.

Quam infestus conversis sit diabolus, et quam multis quamque diversis modis illos vexet et impediatur, sequentia declarabunt. Cum praedicta puella fuisset monacha effecta, nocte quadam cum in lecto iaceret, et iacendo vigilaret, vidit circa se plures daemones in specie virorum. Ex quibus unus aspectu terribissimus stabat ad caput eius, duo ad pedes, quartus ex latere contra eam. Qui clara voce ad alios clamabat: “Quid statis? Tollite illam totaliter sicut iacet, et venite.” Responderunt illi: “Non possumus. Invocavit enim mulierem illam.”

11 Não por acaso Wier é tão relido por Robert Burton.

NOVICIUS: Quid est quod daemones matrem sui Creatoris nominare praesumserunt nomine tantum conditionis, et non honoris? Mulier nomen est corruptionis et naturae, Virgo, vel Maria, sive Dei genitrix, nomina sunt gloriae.

MONACHUS: Non sunt ausi, quia indigni, ore polluto nomen integritatis vel gloriae nominare. Idem tamen daemon post verba angelicae salutationis, puellam brachio dextro traxit, et trahendo in tantum compressit, ut compressionem tumor, et tumorem sequeretur livor. Quae cum haberet sinistram liberam, ex nimia simplicitate non est ausa se signare per illam, putans signum manus sinistrae nihil sibi prodesse. Cogente tamen necessitate, per eandem manum crucem sibi impressit, et daemones fugavit. Liberata ab illis, pene exanimis ad lectum cuiusdam sororis cucurrit, et fracto silentio, quid viderit vel quid passa sit, illi intimavit. Quam, sicut mihi retulit beatae memoriae domina Elizabeth, eiusdem coenobii Abbatissa, sorores in lecto suo ponentes, et principium Evangelii Johannis super eam legentes, mane regyratam invenerunt.

Anno vero sequenti intempesta nocte cum eadem sanctimonialis in stratu suo iacens vigilaret, vidit eminus duos daemones in specie duarum sororum plurimum sibi dilectarum. Cui cum dicerent: “Soror Eufemia, surge, veni nobiscum in cellarium dimittere cervisiam conventui”; illa habens eas suspectas, tum propter tempus intempestivum, tum propter fractum silentium, horrere coepit, operimento caput involvens, nihilque respondens. Statim unus spirituum malignorum propius accedens, et manum pectori eius imponens, ita illud compressit, ut sanguis concitatus per os et nares eius largiter efflueret. Sicque daemones illi formas caninas assumentes, de fenestra exsilierunt.

Sorores ad matutinas surgentes, cum illam in defectu cernerent, utpote pallidam et exsanguem, causam per signa sciscitatae sunt. Quam cum ex eius relatione cognovissent, satis turbatae sunt tam de daemonum crudelitate quam de virginis vexatione.

Ante hoc biennium, cum conventui novum factum fuisset dormitorium, et lecti in eo dispositi, vidit eadem sanctimonialis daemonem in specie homuncionis deformis satis et inveterati, omne dormitorium circuire, et lectos singulos tangere, quasi diceret: “Loca singula diligenter notabo, quia non erunt absque visitatione mea.”

NOVICIUS: Quid est quod pius Dominus puellas tam teneras et tam mundas, a duris et immundis spiritibus tam crudeliter vexari sinit?

MONACHUS: Amaro poculo ut nosti praelibato, dulce plus dulcescit; et colore nigro, substrato, albus amplius clarescit. Lege Visiones Witini, Godescalci, et aliorum, quibus concessum est videre poenas malorum et gloriam electorum, pene ubique visio poenalis praecedat. Volens Dominus sponsae suae secreta deliciarum suarum ostendere, bene eam prius permisit aliquibus visionibus horrendis tentari, ut postmodum amplius mereretur laetificari, sciretque distantiam inter dulce et amarum, lucem et tenebras.

Sobre a freira Eufêmia, a quem o¹² diabo atormentou

Quando esta freira era uma pequena garota na casa de seu pai, um diabo mostrou-se com maior frequência a ela visivelmente sob diversas formas e de diversas maneiras infligiu pavor e tristeza [*terrui ac constrictauit*] à sua tenra idade. Como [ela] temesse enlouquecer, prometeu converter-se à nossa ordem,¹³ expressando verbalmente¹⁴ a sua vontade. Certa noite, apresentando-se a ela o diabo com a aparência de um homem, [este] disse-lhe, [visando] dissuadi-la da conversão: “Eufêmia, não queiras converter-te, mas toma [para ti] um homem jovem e belo, para com ele fruïres as delícias do mundo. Nem te faltarão roupas finas e comida requintada. Se doutra parte ingressares na ordem [clerical], ficarás o tempo todo triste e encolhida, sofrerás com a fome, a sede e o frio, e nada haverá de bom para ti nessa vida [*in hoc saeculo, lit. nesses tempos*]. A que responde ela: “E o que será de mim, se vier a morrer nessas delícias que tu me prometes?”. A essas palavras o diabo não deu resposta alguma, mas, arrebatando a menina e carregando-a até a janela do terraço onde se encontrava deitada, tentou atirá-la [de lá]. Então esta, ao pronunciar a saudação angélica,¹⁵ repeliu o inimigo, que disse: “Se tu fores para o convento, eu sempre me oporei a ti. Pois se não tivesses invocado aquela mulher, eu teria te matado naquele momento [*in hoc hora*]”. Tendo dito isso e comprimindo com força a virgem, transformado em um cão enorme saltou para fora da janela e não se deixou ver em parte alguma. E assim livrou-se a virgem, por invocar a mãe de Deus e Virgem.

As coisas a seguir demonstrarão o quanto o diabo é hostil para com os conversos e quanto os atormenta e os constrange de diversas maneiras. Quando a antes mencionada garota tornou-se monja, estando certa noite deitada acordada na cama, viu junto a si vários demônios com a aparência de homens. Destes, um, de aspecto o mais hediondo, estava à sua cabeça, dois, aos pés, e o quarto, ao lado dela. Este exclamava para os outros em voz clara: “Por que estais parados? Levantai-na por completo de onde se encontra deitada e vinde”. Eles responderam: “Não podemos. Pois ela invocou aquela mulher”.

NOVIÇO: Por que é que os demônios ousaram chamar a mãe de seu Criador por um nome simplesmente de [sua] condição, e não de [sua] dignidade? O nome mulher é o da corrupção e da natureza, os nomes da glória são Virgem ou Maria ou mãe de Deus.

MONGE: Porque são indignos, não ousam nominar o nome da integridade ou da glória por meio de uma boca impura.

12 Defensivamente, aqui e noutras ocorrências, artigo indefnido: *um* diabo.

13 À ordem cisterciense.

14 *Lit.* em palavras.

15 Trata-se, originalmente, das palavras com que o anjo Gabriel saúda a virgem de Nazaré em Lc 1, 28: “Alegra-te, cheia de graça [*lit. tu que foste e permaneces repleta do favor divino*], o Senhor está contigo!” (*Bíblia de Jerusalém* 1985:1927) – versículo que depois (~a partir do séc. XI) passou a encabeçar a prece da Ave-Maria: este, o sentido em que deve ser lida a expressão acima empregada na narrativa de Cesário.

Contudo, o mesmo demônio, após as palavras da saudação angélica, puxou a garota pelo braço direito, e ao puxá-lo tanto o apertou que à pressão seguiu-se o inchaço, e ao inchaço, a contusão.¹⁶ No entanto, tendo esta a esquerda livre, foi por demasiada inocência que não ousou persignar-se com ela, avaliando que o sinal[-da-cruz] da mão esquerda não pudesse ser-lhe de nenhuma utilidade. Mas, dada a premente necessidade, traçou sobre si a cruz com [aquela] mesma mão, e afugentou os demônios. Livrada deles, ocorreu quase sem sentidos à cama de certa irmã e, quebrando o silêncio, contou-lhe o que vira e sofrera. As irmãs depuseram-na na cama, de acordo com o que me informou por sua beata memória a abadessa do convento, dona Elizabeth, e, lendo para ela o começo do Evangelho de João, pela manhã a encontraram revirada [na cama].

No ano seguinte, estando a mesma freira deitada mas acordada em suas cobertas na calada da noite, viu mesmo, de longe, dois demônios com a aparência de duas irmãs muito queridas a ela, que lhe disseram: “Levanta, irmã Eufêmia, vem conosco à despensa para despacharmos a cerveja ao convento”; fazendo-a suspeitar delas, seja pelo momento fora de hora seja por causa do rompido silêncio, e começar a tremer, esconder-se a cabeça com a coberta sem nada responder. Logo um dos espíritos malignos, aproximando-se mais ainda e gravando-lhe uma mão no peito, comprimiu-o desse modo até que o sangue impelido efluísse em grande quantidade por sua boca e narinas. E assim, assumindo esses demônios a forma de cães, saltaram para fora da janela.

Levantando-se as irmãs para as [preces] matinais, ao perceberem-na privada de forças, pálida e exangue quanto possa, buscaram pelos sintomas conhecer a causa. Na medida que o souberam pelo relato dela, muito se afligiram, tanto pela crueldade dos demônios quanto pelo tormento [a que fora submetida] a virgem.

Dois anos atrás, quando foi construído um novo dormitório para o convento, e nele dispostas as camas, viu a mesma freira um demônio com a aparência de um anão [*homuncionis*] velho e muito feio percorrer todo o dormitório e tocar as camas uma a uma, como se dissesse: “Vou marcar cuidadosamente cada lugar, porque não serão excetuados à minha visita”.

NOVIÇO: Por que é que o pio Senhor consente que garotas tão tenras e tão puras sejam atormentadas por espíritos tão duros e tão impuros?

MONGE: Como sabes, tomada uma bebida amarga, a doce adoça mais; e, distendida por debaixo a cor negra, [esta] torna a branca [à frente] mais clara. Lê as visões de Wetti e de Godescalco,¹⁷ e de outros ainda, aos quais concedeu-se ver os castigos dos maus e a glória dos eleitos: quase sempre vem primeiro a visão do castigo. Em o Senhor querendo oferecer

16 *Livor*: o escuro, o sangue pisado, o hematoma.

17 De acordo com os editores Nösges e Schneider (Caesarius 2009:), trata-se de referências a Witte († 824), diretor da escola monástica de Reichenau, e de Godescalco de Horchen (séc. XII).

os segredos de suas delícias à sua prometida, bem permitiu que ela fosse antes tentada por algumas visões horrendas, para que em seguida merecesse alegrar-se ainda mais, e distinguísse a distância entre o doce e o amargo, a luz e as trevas.

III. Inglaterra sécs. XII-XV(?)

[— caps. 4; 5; 6]

a) Walter Map

De nugis curialium [~ *Distrações da corte*]

II, 27

Maximum scio contigisse in Wallia prodigium. Willelmus Laudun, miles Anglicus, fortis viribus et audaciae probatae, venit ad Gillebertum Foliot,¹⁸ tunc episcopum Herefordensem, nunc autem Lundoniensem, dicens, “Domine, ad te confugio consilium petens: quidam maleficus Walensis decessit satis nuper infideliter in villa mea, qui statim post quatuor noctes singulis ad villam noctibus repedans, non cessat evocare singillatim et nominatim convicaneos suos, qui statim vocati infirmantur et infra triduum moriuntur, ut jam pauci supersint.” Episcopus admirans ait, “Potestatem forsitan dedit Dominus angelo illius perditum malo, ut in corpore illo mortuo se exagitet. Attamen effodiatur corpus illud, et collo reciso fossorio conspergatur ipsum et fossa magna aqua benedicta, et reponatur.” Cumque hoc fieret nihilominus errore pristino fatigati sunt ab eo residui. Nocte igitur quadam cum jam paucos reliquisset superstites, ipsum Willelmum trina citatione vocavit. At ille, ut erat animosus et impiger non ignarus quid esset, nudato prosilit ense, fugientemque daemonem ad fossam usque secutus, ibi jam in fossa recidentem percussit in caput collo tenus, cessavitque ab illa hora persecutio pestis erraticae, nec ipsi Willelmo nec alicui aliorum exinde nocuit. Hujus rei verum tenorem scimus, causam nescimus.

Sei ter ocorrido um enorme prodígio em Gales. William Laudun, um cavaleiro inglês robusto em forças e de comprovada bravura, procura Gilbert Foliot, então bispo de Hereford e hoje de Londres, dizendo-lhe: “Senhor, recorro a ti pedindo conselho: morreu sem fé em minha vila, há bem pouco, certo bruxo galês que, logo após quatro noites, voltando a cada noite sozinho para a vila, não pára de chamar seus vizinhos, um a um e pelo nome, os quais adoecem imediatamente após serem interpelados e vêm a falecer em menos de três dias, de modo que restam poucos sobreviventes”. Diz o bispo, admirado: “O Senhor, talvez, dá poder ao anjo mau daquele perdido, para que se inquiete dentro daquele corpo morto. Entretanto, que se exuma o tal corpo, e, [tendo sido] cortado o pescoço com o [instrumento] de cavar, borrfê-se o mesmo, e a cova, com muita água benta, e que seja repostado [em seu lugar]”.

18 Nota do editor Thomas Wright: “[...] Gilbert Foliot was bishop of Hereford from 1149 to 1162”. A nota é complementada por outra à pág. 19: “Gilbert Foliot, one of the most learned men of his time, was bishop of London from 1163 or 1164 to his death, which is placed in Feb. 1187 (?1188) [...]”.

Não obstante se fizesse isto, os sobreviventes foram [novamente] assolados pelo vagante de que se falou. Certa noite, então, como ele já houvesse deixado poucos sobreviventes, invocou o próprio William com um triplo chamado. Mas este, como era corajoso e diligente, não ignorando de que se tratasse, salta com a espada desembainhada, perseguindo até a cova o demônio em fuga, [que] já ia se precipitando de volta¹⁹ na cova quando [William] golpeia em cheio a cabeça, até o pescoço, e naquela [mesma] hora findou-se a perseguição à peste errante, que a partir de então não causou males nem àquele William nem a qualquer outra pessoa. Coisa de que reconhecemos o teor verdadeiro, mas ignoramos a causa.

II, 28.

Scimus eciam quod tempore Rogeri Wigornensis episcopi quidam, quem dicunt infideliter decessisse, per mensem aut eo amplius et noctibus et diebus eciam palam in cilicio suo errabat, donec ipsum uniuersa populi uicini turba obsedit in pomerio, autemque manifestus fuit ibi per dies ut dicitur tres. Scimus eciam quod idem Rogerus iussit crucem superponi fosse illius miseri, ipsumque dimitti, qui cum uenisset ad fossam populo sequente, uisa ut uidebatur cruce resiliit, fugitque alias; sanoque consilio crucem abstulerunt, et ille incidit et se terra post ipsum clausit, cruceque superposita quieuit.

Também sabemos que, nos tempos do bispo Roger de Worcester,²⁰ um tal, que dizem ter morrido infielmente,²¹ durante um mês ou mais vagava em [suas vestes de] cilício seja à noite como também de dia à vista de todos, até que a turba de todo o povo vizinho o confinou em um pomar, e em seguida ali permaneceu manifesto por três dias, segundo dizem. Também sabemos que esse Roger ordenou que se pusesse uma cruz sobre a cova daquele infeliz e que o mesmo fosse deixado [à própria sorte], o qual, quando se aproximou da cova seguido pelo povo, ao ver a cruz (ao que parecia), saltou para trás e ainda fugiu; por judicioso conselho retiraram a cruz, e ele lá se inserindo, a terra se fechou atrás dele, e restou em paz após reporem a cruz em cima.

19 Quanto ao trecho traduzido que segue: tive de tomar partido ao interpretar o participio *recidentem*, coincidente em dois verbos latinos distintos: *recidō ~c(c)idī ~cāsum* [cair de novo; recair etc.] e *recidō ~cīdī ~cīsum* [tirar cortando; cortar; suprimir etc] (ver Latham 1975-). Embora possa parecer menos coerente haver no texto, no lugar de um só verbo, o jogo entre dois, isto não é inconcebível, ainda mais dada a sonoridade tão próxima entre ambos. Para dificultar as coisas, o texto emprega as estas formas verbais em duas frases cruciais para a narrativa: 1) na ordem de execução sentenciada pelo bispo, *collo reciso fossorio* (procedimento que depois se revela ineficaz); e 2) no ato da execução efetiva, *ibi jam in fossa recidentem*.

20 Entre os anos de 1165 e 1179 (de acordo com nota de Latella in Map 1990:5).

21 Subentende-se: sem ter-se confessado.

Sedebat solus in domo sua miles a Northanhimbria circa horam decimam post prandium in estate, et ecce qui diu ante decesserat pater suus, uili pannosoque cilicio inuolutus, aduenibat. Ille demonium ratus ipsum a limine repulit; cui pater: 'Karissime fili, ne timeas, quia pater tuus sum, et nichil tibi sinistrum affero; sed sacerdotem aduoca, ut uideas causam aduentus mei.' Vocato igitur et plurimis accurrentibus presbitero, procidens ipse ad pedes eius ait: 'Ille miser ego sum, quem tu dudum pro decimarum iniusta retencione innominatum in turba cum aliis excommunicasti, sed in tantum michi per gratiam Dei communes ecclesie oraciones et elemosine fidelium profuerunt, ut michi liceat absolucionem petere.' Absolutus igitur cum magna multorum processione usque ad foueam ueniens incidit, que sponte super eum clausa est. Nouus hic casus nouam diuine pagine disputacionem intulit.

Um cavaleiro da Nortúmbria encontrava-se sentado sozinho em sua casa, no verão, depois do almoço, próximo à hora décima,²² e eis que vinha seu pai, que falecera tanto tempo antes, envolto em cilício barato e aos farrapos. Ele, tendo suposto tratar-se de um demônio, repeliu-o da soleira, a que o pai: “Filho caríssimo, não temas, pois sou teu pai e não te trago nada funesto; mas chama cá o sacerdote, para veres o porquê de minha vinda”. Chamado portanto o presbítero, e lá acorridas muitas pessoas, diz o mesmo, prostrando-se aos seus pés: “Eu sou aquele infeliz a quem tu outrora excomungaste inominado conjuntamente a tantos outros por conta da retenção injusta do dízimo, mas entretanto, por graça de Deus, valeram-me as orações comuns na igreja e as esmolas dos fiéis, de modo que me foi dado suplicar por minha absolvição”. Uma vez absolvido, portanto, dirigindo-se com uma procissão de numerosas pessoas até a cova, lá baixou, e esta fechou-se espontaneamente sobre ele. Esse caso singular ensejou uma singular discussão das sagradas escrituras.

b) William de Newburgh, séc. XII

Historia rerum anglicarum [*Historia anglicana*], Livro V

Cap. XXII

De prodigio mortui post sepulturam oberrantis.

His diebus in pago Bukinghamensi prodigiosa res accidit: quam prius a quibusdam ex parte, postea vero a venerabili archidiacono illius provinciae Stephano plenius didici. Quidam in fata concedens, juxta morem, honesta uxoris et propinquorum cura, in vigilia Dominicae Ascensionis sepulturae est traditus. Sequenti vero nocte cubiculum exuoris quiescentis ingressus, excitatam non solum terruit verum etiam pene obriuit importabili sui pondere superjecto. Altera quoque nocte attonitam pari modo afflixit. Territa periculo mulier adversus tertiae noctis agonem et deinceps tuto se vigilum consortio munire insomnis ipsa curavit. Affuit tamen ille: sed pulsatus exclamationibus

²² Isto é: por volta das quatro da tarde.

vigilum, cum nocere non posset, abiit. Sic repulsus a conjuge, fratres proprios in eodem vico habitantes similiter fatigavit. Illi vero, juxta mulieribus cautelae exemplum, parati ad excipiendum repellendumque periculum, noctes cum suis ducebant insomnes. Aderat tamen ille tanquam desiderans praeoccupare somnolentos: sed repulsus sollicitudine et virtute vigilum, inter animalia quae vel in domibus vel circa domos erant debacchabatur, quod ipsorum animalium efferatio et motus insoliti declarabant. Tunc amicis quoque et vicinis pari molestia gravis, eandem omnibus necessitatem nocturnae sollicitudinis ingerebat. Erantque jam in ipso vico per omnes domos vigiliae generales, dum singuli ad improvisum essent ipsius accessum suspensi. Cumque aliquandiu hoc modo solis fuisset noctibus debacchatus, luce quoque diurna oberrare coepit, formidabilis quidem omnibus sed visibilis quibusdam. Plerumque enim pluribus occurrens, uni tantum vel duobus conspicuus erat, cum tamen et ceteros ejus praesentia non lateret. Pavefacti homines supra modum, consilium ab ecclesia quaerendum duxerunt: remque integre ad memoratum archidiaconum conventui sacerdotum solemniter praesidentem cum questu lacrimabili detulerunt. Qui confestim venerabili episcopo Lincolniensi, Lundoniis tunc constituto, cuncta per ordinem scripto insinuans, ejus in re tam inusitata sententiam et auctoritatem merito censuit expectandam. Episcopo vero stupente super hoc, et suptilem habente tractatum cum suis, fuere qui dicerent talia saepius in Anglia contigisse et crebris clarere exemplis, quietem populo dari non posse nisi miserrimi hominis corpore effosso et concremato. Indecorum nimis atque indignum hoc visum est venerando pontifici: moxque cartulam absolutoinis manu sua conscriptam archidiacono dirigens, ut quomodo illius hominis se corpus haberet oculata fide claresceret, sepulchrum ejus aperiri, et supposita pectori ejus eadem cartula, rursum claudii praecipit. Aperto ergo sepulchro, corpus ita inventum rest sicut ibidem fuerat collocatum; pontificalis vero absolutionis cartula pectori ejus apposita, et clausus rursum sepulchro, nec oberare deinceps visus est, nec alicui molestiam vel terrorem inferre permissus.

Cap. XXIII.

De re consimili quae accidit apud Berewic.

In aquilonalibus quoque Angliae partibus non dissimile et aequè prodigiosum eodem tempore novimus accidisse. Est vicus nobilis, ad ostium Tuidi fluminis, qui Berewic dicitur de jure regis Scottorum. Ibi quidam vir perniciosus, sed pessimus, ut postea plenius claruit, post fata sepultus, operatione, ut creditur, Sathanae, noctibus egrediebatur ex tumulo, et canum cum ingenti latratu, prosequente turba, huc illucque ferebatur, et multo cunctis accolis terrore incusso, ante lucem tumulo reddebatur. Cumque hoc per dies fieret plurimos, et nullus jam auderet post vesperum foris inveniri, dum omnes exitialis monstri formidarent occursum, quidnam agendum esset necessarium inter se majores simul et mediocres habuere tractatum, metuentes scilicet simpliciores inter ipsis, si forte negligentius ageretur, ab examini prodigio maturius sugillari; prudentiores vero caute reputantes ne forte, tardante remedio, ex crebro pestiferi cadaveris circumactu infectus corruptusque aer, morbos et mortes gigneret plurimorum; quod utique praecavendum crebris in re consimili clarebat exemplis.

Conduxerunt itaque decem juvenes audacia insignes qui corpus infandum effoderent, et membra-
tim exsectum redigerent in combustionem et cibum ignis. Quod et factum est et cessavit quassatio.
Nam et ipsum monstrum, dum circumferetur a Sathana, sicut dictum est, quibusdam forte obvium
dixisse perhibetur quod eo incombusto populus requies: sed exorta consequenter lues majorem illius
populi partem absumpsit. Nusquam enim alibi tam dire desaevit, cum in cunctis ipso tempore
Angliae finibus generalis, ut suo loco plenius exponetur.

Cap. XXIV.

De quibusdam prodigiis.

Sane quod mortuorum cadavera de sepulchris egredientia nescio quo spiritu ad viventium vel
terrorem vel perniciem circumferantur, et eadem revertantur, non facile in fidem reciperetur nisi et
crebra nostri temporis exempla suppeterent et testimonia abundarent. Mirum plane si talia olim
contigere, cum nihil tale in libris veterum reperiatur, quibus utique ingens studium fuit memorabilia
quaeque litteris mandare. Cum enim quaedam etiam modica conscribere nequaquam neglexerint,
quomodo rem tanti stuporis simul et horrores, si forte illo seculo contigit, suppressere potuerunt?
Porro si velim omnia hujusmodi scribere quae nostris contigisse temporibus comperi, nimis opero-
sum simul et onerosum erit. Duo tantum recentis memoriae supra memoratis annectere, et nostrae
historiae, quoniam se praebet occasio, ad posterum cautelam inserere libet. Ante annos aliquot
cujusdam illustris feminae capellanus exuens hominem, apud nobile illud coenibium quod Mailros
dicitur sepulturam accepit. Qui nimirum sacri ordinis, quo pollebat, in modico habens respectum,
supra modum secularis extiterat, et maxime quod divinorum confectorem sacramentorum denigra-
bat, adeo veniatorae deidtus vanitati ut infami elogio a plurimis Hundeprest, id est Canum pres-
byter, diceretur. Et quidem hoc dum viveret vel ridebatur ab hominibus vel humanius pensabatur,
post mortem vero ex eventu reatus ejus claruit. Noctibus siquidem tumultu exiens, in ipso quidem
monasterio, obsistentibus habitantium sanctorum meritis, non poterat quenquam terrere vel laedere.
Porro extra monasterium oberrabat, et maxime circa cubiculum propriae quondam dominae cum
ingenti fremitu et horrendo murmure ferebatur. Quod cum saepius fieret, illa supra modum anxiosa,
magnitudinem sui vel pavoris vel periculi venienti ad se pro causa monasterii cuidam ex fratribus
intimavit, lacrimabiliter postulans uti solito impensiores pro ea tanquam in agone posita preces
Domino funderentur. Cujus anxietatis frater ille, nam de sancto loci illius collegio crebris beneficiis
optime merita videbatur, pie justeque condoluit, et citum remedium de misericordia summi provi-
roris spondidit. Reversusque ad monasterium, alium sibi constantis aequae animi fratrem et duos
juvenes validos sociavit, cum quibus coemiterium ubi sepultus erat infelix ille presbyter pervigil cus-
todiret. Hii ergo quatuor, animis armisque instructi, mutuo tuti solatio pernoctabant in loco. Noctis
jam medium fluxerat, et nihil monstri apparuit. Unde factum est, ut, relicto ibidem solo illo qui
ceteros sibi aggregarat, tres in proximam aedem secederent, ut frigus nocturnum, quod causabantur,
igne levarent. Cum ergo solus ille in loco persisteret, aptum se tempus ut fiduciam hominis frangeret

invenisse diabolus aestimans, illico vas proprium, quod solito diutius quievisse videbatur, excitavit. Quo eminus conspecto, ille pro eo quod solus erat primo dirigit: sed mox resumpta fiducia, cum locus non esset effugii, impetum pestis cum terribili murmure irruentis fortiter excipiens, bipennem, quam manu gestabat, alte corpori ejus infixit. Accepto illa vulnere, sonore ingemuit: et conversa, non segnius quam advenerat, abiit, cum homo mirabilis fugientem a tergo urgeret, et sepulchrum proprium repetere cogeret: quod illi se ultro aperiens, suscipiensque hospitem a facie insequentis, eadem facilitate mox clausum apparuit. Quibus actis, qui nocturni frigoris imaptientes ad igem secesserant vel sero accurrunt, et auditis quae acciderant ad effodiendum tollendumque de medio cadaver maledictum summo mane necessarii cooperatores fuerunt. Quod cum egesta humo nudassent, ingens in eo vulnus quod acceperat, te cruoris plurimum qui ex vulnere fluxerat, in sepulchro invenerunt. Sublatum igitur extra septa monasterii comburentes, cineres quoque disperserunt. Haec nimirum prout a viris religiosus accepi, simplici narratione digessi.

Item aliud non dissimile sed perniciosius contigit apud castellum quod Anantis dicitur, prout accepi a sene religioso qui clarus et potens in partibus illis extiterat, et in sua hoc ipsum praesentia factum memorabat. Quidam vir malae actionis metu vel legum vel hostium ex Eboracensi provincia ad Dominum memorati castelli, cui notus erat, confugiens, ibidem resedit: et sortitus ministerium suis moribus aptum, augere magis proprias quam corrigere studuit pravitates. Uxorem duxit, in propriam sane perniciem, ut postea claruit. Audiens enim de ipsa quaedam, spiritu zelotypiae vexabatur. Cupiensque an vera essent diagnoscere, fingit se longius iturum, nec rediturum nisi post dies aliquot. Reversus autem vespere, atque in cubiculum clanculo per ancillam consciam intromissus, super trabem cubiculi uxoris imminuentem latuit, oculis probaturus si quid ibidem contra thori fidem ageretur. Vidensque uxorem cum vicino juvene fornicantem, prae ira immemor sui effectus decedit, graviterque se juxta ipsos cubantes ad terram elisit. Et moechus quidem exilivit: uxor vero callide factum dissimulans, molliter erigere curavit jacentem. Ille ad se modice reversus, stuprum improperat, poenam comminatur. At illa: “Signa” inquit “te, domine mi: aliena loqueris: quod non tibi sed morbo imputetur quo teneris.” Quassatus ergo ex casu et toto fere corpore stupidus, tanquam morbo decubuit. Quem vir memoratus, qui haec mihi retulit, pietatis officio visitans, monuit cum de peccatis suis confessionem facere, et eucharistiam juxta morem sumere Christianum. Ille vero quid sibi accidisset, et quid uxor diceret, replicans, quod salubriter monebatur in crastinum distulit, crastinum in corpore non visurus. Nocte enim sequenti Christianae expers gratiae meritis malis urgentibus soporem morti sociavit. Et Christianam quidem sepulturam indignus accepit, quae illi non profuit. Noctibus enim operatione Sathanae de sepulchro egrediens, prosequente eum cum latratu horribili canum turba per plateas et circa domos oberrabat, cunctis ostia obserantibus, nec exire praesumentibus ad aliquod negotium ab incipientibus tenebris usque ad ortum solis, ne quis forte oberranti monstro sugillandus occurreret. Verum haec cautela nil profuit. Nam tetri corporis circumactu infectus aer, haustu pestilenti universas morbis et mortibus domos replevit. Jamque vicus, qui populosus paulo

ante fuerat, pene exinanitus videbatur, dum cladi superstites, ne et ipsi morerentur, ad partes alias commigrarent. Hanc nimirum suae desolationem parochiae dolens vir ille ex cujus haec ore accepi, in sacra Dominica quae Palmarum dicitur viros sapientes et religiosos accersire studuit, qui in tanto discrimine salubre darent consilium, et consolatione vel modica miseras plebis reliquias recrearent. Facto igitur sermone ad populum, et rite expletis venerandae diei solemnibus, religiosos hospites cum ceteris honoratis qui aderant vocavit ad mensam. Quibus epulantibus, duo fratres juvenes, qui patrem clade ille amiserant, sese mutuo cohortantes, “Monstrum,” inquit, “istud patrem nostrum perdidit, et nos etiam cito disperdet si negligamus. Agamus ergo aliquid virile, tum propriae salutis cautela tum in ultionem necis paternae. Non est qui impediatur, cum et in domo sacerdotis convivium celebretur, et totus hic vicus sileat tanquam vacuus. Effodiamus pestem illam, et comburamus igni.” Arrepto itaque ligone satis retunso coemiterium adeuntes fodere coeperunt. Cumque se altius fossuros esse crederent, repente cadaver non multa humo egesta nudaverunt, enormi corpulentia distentum, facie rubenti turgentique supra modum. Sudarium vero quo obvolutum fuerat conscissum penitus videbatur. Nec territi juvenes, quos ira stimulabat, vulnus examini corpori intulerunt: ex quo tantus continuo sanguis effluxit ut intelligeretur sanguisuga fuisse multorum. Trahentes autem illud extra vicum, rogam celeriter construxerunt. Cumque unus ipsorum diceret, cadaver pestiferum ardere non posse nisi cirde extracto, alius crebris ictibus retunsi ligonis latus aperuit, et manu injecta cor maledictum extraxit. Quo minutatim discerpto et corpore jam ardente, nunciatur convivantibus quod gerebatur; et accurrentes, rei gestae testes in reliquum esse potuerunt. Porro infernali illa belua sic deleta, pestilentia quoque quae grassabatur in populo conquievit, tanquam igne illo qui dirum cadaver absumperat aer jam esset purgatus, qui ejus fuerat pestilenti motu corruptus. His itaque expositis, ad historiae ordinem redeamus.

Cap. XXII – Do prodígio de mortos que erram após serem sepultados

Naqueles dias,²³ no condado de Buckingham, sobreveio uma coisa prodigiosa, da qual fui informado primeiramente em parte por uns e em seguida, com efeito, de maneira mais completa pelo venerável arqui-diácono daquela província, Stephan. Ao morrer um tal, ele foi entregue à sepultura na vigília do Domingo da Ascensão, de acordo com o costume, aos louváveis cuidados da esposa e dos parentes. De fato ele, na noite seguinte, entrando no quarto da esposa que repousava, não apenas a assombrou acordando-a, como ainda quase a sufocou, pesando-lhe em cima insuportavelmente. Também na outra noite afligia a estarrecida do mesmo modo. Aterrorizada pelo perigo, na terceira noite, ante a lide, a mulher então providenciou um grupo de sentinelas para guardá-la em segurança, ela mesma permanecendo acordada. Enfim ele apareceu: mas, repellido pelos gritos dos vigilantes e impedido de fazer o mal, foi-se embora. Assim expulso pela esposa, foi atormentar

²³ Fim do mês de maio de 1196.

da mesma maneira os próprios irmãos que moravam naquela vila.²⁴ Eles seguiram o exemplo de cautela da mulher e de fato, equipados para a ameaça que tinham a descobrir e enxotar, transcorriam as noites insones com os seus. Por fim ele surgiu, como querendo surpreender os sonolentos; mas, repellido pela presteza e virtude dos vigias, enfureceu-se por entre os animais que havia nas casas e em torno delas, como denunciavam a ferocidade e a agitação excepcional destes. Já uma grave moléstia para os amigos e vizinhos, obrigou todos aos mesmos cuidados noturnos. Todas as casas da vila estavam em alerta geral, para impedir qualquer aproximação inesperada daquele. Se, por algum tempo, todas as vezes que se enfurecia desse modo ocorriam durante a noite, depois passou a vagar também à luz do dia, temerariamente para todos, por certo, mas visível apenas a alguns. Pois indo ao encontro de várias pessoas, era percebido por uma ou duas, enquanto às demais sua presença não era manifesta. Estarrecidos além da conta, os homens decidiram submeter o caso ao conselho da Igreja: e, queixando-se lamentavelmente, relataram solenemente toda a coisa ao mencionado arqui-diácono, que presidia a assembléia de sacerdotes. Este imediatamente consultou o venerável bispo de Lincoln, então estabelecido em Londres, notificando-lhe tudo ordenadamente por escrito, para que ele declarasse devidamente seu juízo e autoridade sobre algo tão inusitado, como dele se requeria. Admirando-se verdadeiramente o bispo sobre isso, e tendo meditado judiciosamente com os seus [assessores], houve quem dissesse que tais coisas aconteciam com freqüência na Inglaterra, como o demonstravam repetidos exemplos, e que o povo não ficaria em paz senão após exumado e cremado por inteiro o corpo do miserabilíssimo homem. Aos olhos do venerável pontífice, isso era indecoroso e indigno demais; e, logo enviando ao arqui-diácono uma carta de absolvição escrita de próprio punho, ordenou que o sepulcro daquele homem fosse aberto, de modo a exhibir o seu corpo ao testemunho ocular e, deposta a tal absolvição sobre o seu peito, fosse novamente fechado. Conseqüentemente, aberto o sepulcro, encontraram o corpo exatamente como fora ali colocado; e, com efeito, deposta a pontifícia carta de absolvição sobre o seu peito, e fechado novamente o sepulcro, em seguida não foi visto a vagar nem se atreveu a infligir moléstia ou terror a quem quer que fosse.

24 Ao longo da *HRA*, William utiliza o termo *vicus* no mais das vezes referindo pequenas comunidades, aldeias etc. (cf., entre outros, o *vicus suburbanus* da coroação de Henrique II [I, 9]; Wlfpittes [I, 27]; Gipse ou Vipse [I, 28]; Farneham [II, 22]; Donewich [II, 30]). Entendo que esse *vicus* está correlacionado a *pagus* (“in pago Buckinghamensi”, aqui traduzido por “condado”), e que o prodígio teria ocorrido não na cidade de Buckingham, mas em seu *shire*, na região de que era sede administrativa (ou seja, tomando-se *pagus* conforme às primeiras acepções em Niermeyer 1976: *territory of a “civitas”; the countryside of a “civitas” as contradistinguished from the city etc.*; o mesmo vale para *vicus*: *village, settlement of some importance, not being an episcopal city; settlement near an episcopal city etc.*). Stevenson, ao contrário, traduz aqui *vicus* por *street* (Stevenson 1861:656).

Cap. XXIII

De coisa semelhante ocorrida em Berwick-on-Tweed

Soubemos ter acontecido coisa não dissemelhante e igualmente prodigiosa também em regiões setentrionais da Inglaterra. Há uma vila nobre, junto à foz do rio Tweed, chamada Berewic, sob a jurisdição do rei dos Escoceses. Lá, um certo homem rico (mas detestável, como depois ficou claro), sepultado após morrer, saía de seu túmulo à noite, segundo se crê, por obra de Satanás, e dirigia-se aqui e acolá, com uma turba de cães latindo à farta no seu encalço, infundindo muito terror em todos os vizinhos, e voltava ao túmulo antes do raiar do dia. E como assim acontecesse por muitos dias, e ninguém mais se atrevesse a ser encontrado após o entardecer, por temerem, todos, topar com o funesto monstro, tanto os dignatários quanto os plebeus decidiram discutir em conjunto o que afinal era necessário fazer; temendo os mais simplórios dentre eles, é claro, em caso de negligência serem perseguidos e prontamente feridos pelo prodígio; os mais prudentes, efetivamente refletindo com cautela e não casualmente, sustentavam que, em tardando o recurso, o ar infecto e corrupto a envolver constantemente o cadáver pestífero causaria doenças e mortes para muitos; pois sempre, em casos semelhantes, a providência a ser tomada evidenciava-se por numerosos exemplos. Sendo assim, reuniram-se dez jovens notáveis pela audácia para desenterrarem o abominável corpo, desmembrarem-no e o levarem à combustão para ser inteiramente consumido pelo fogo. Pois foi fazê-lo e a comoção cessou. Com efeito, o próprio monstro, ao ser levado por Satanás a deambular, dissera a alguns, que eventualmente encontrara, que o povo não haveria de ter paz enquanto ele não fosse queimado. Assim, tendo sido ele queimado, parecia que o povo ficaria em paz; contudo, o flagelo que surgiu dizimou a maior parte daquela população. De fato em nenhuma ocasião, alhures, mostrou-se tão cruel [a pestilência], então generalizada em todos os confins da Inglaterra, como será exposto no devido lugar.

Cap. XXIV

De alguns prodígios

Decerto ignoro por que os cadáveres de mortos hão de sair dos túmulos para disseminar aos vivos a morte ou o terror no espírito, e retornem aos mesmos que se abrem espontaneamente para eles, o que não é fácil de acreditar, se não fosse por terem-se apresentado repetidos exemplos nos nossos tempos e abundassem os testemunhos. Seria mesmo de se admirar que outrora tivessem acontecido tais coisas, enquanto nada disso se conta nos livros dos antigos, cuja dedicação em geral foi grande em dar a saber por escrito todos os fatos memoráveis. Ainda porque, enquanto [esses autores] anotam cada acontecimento, não negligenciando de modo algum o menor deles, se porventura isso aconteceu naquela

era, como se poderia omitir uma coisa tão estarrecedora e assustadora quanto essa? Ora, se eu quisesse anotar toda coisa dessa natureza a ser informada que tenha acontecido nos nossos tempos, isso seria trabalhoso e custoso demais. Apenas tenho por bem acrescentar dois relatos recentes aos anteriormente mencionados e à nossa história, e, visto que a ocasião se oferece, provê-los para a cautela dos que virão.

Há alguns anos, falecendo o capelão de certa mulher ilustre, foi sepultado naquele distinto mosteiro que é chamado de Mailros [Melrose]. Ainda que pertencesse sem dúvida à ordem sacra, o que se sobressaía era que ele a tinha em pouca consideração e mostrava-se secular demais e, sobretudo, o que mais denegria um executor dos sacramentos divinos, porque se dedicava de tal forma à vaidade da caça, muitos o chamavam pelo infame apelido de Hundeprest, ou seja, padre dos cães. E se por essa razão enquanto vivo todos riam-se dele ou o consideravam mais mundano, pelo desenlace depois de morto ficou clara a sua má conduta. Pois saindo do túmulo à noite, ao menos naquele mosteiro, frente aos seus virtuosos e santos habitantes que se lhe opunham, não podia aterrorizar ou atacar quem quer que fosse. Ora, mas vagava fora do mosteiro, principalmente nas imediações do quarto de sua antiga patroa, causando enorme ruído e [emitindo] um murmúrio horrendo. Como o fizesse cada vez mais, ela, sobremaneira atormentada, para se defender expôs a enormidade de seu pavor ou do perigo eminente a um dos frades do mosteiro, pedindo em meio às lágrimas que fossem oferecidas em seu nome preces mais veementes do que de costume ao Senhor, como se estivesse agonizando. O padre condoeu-se pia e justamente de seu tormento, pois ela era tida como digna da mais alta consideração, dados os seus freqüentes donativos ao santo colégio daquele lugar, e prometeu pronto recurso do sumo provedor de misericórdia. E, dirigindo-se ao mosteiro, juntou-se a outro frade de ânimo firme como o seu e a mais dois jovens corajosos, com os quais pôs-se de guarda sem dormir no cemitério em que fora enterrado aquele desgraçado padre. Lá esses quatro, preparados em ânimo e armas, pernoitaram no posto, vigilantes em auxílio mútuo. Já transcorreria metade da noite e nada de o monstro aparecer. Daí o que se deu foi que, restando sozinho aquele que convocara os demais para acompanhá-lo, os outros três buscaram abrigo numa casa próxima para minorar o frio da noite com uma fogueira, como alegaram. Em persistindo ele portanto sozinho no posto, o diabo, estimando o tempo apropriado em que veria em frangalhos a coragem do homem, despertou daquele mesmo invólucro em que fora visto repousar por longo tempo. Vendo-o à distância, aquele que estava sozinho primeiro ficou paralisado; mas logo recuperando a coragem, como lá não havia meio de fuga, lançou-se com bravura ao ataque da peste sobrevinda com terrível murmúrio, espetando-lhe a fundo no corpo [o utensílio] de duas lâminas que tinha em mãos. Esta, ao receber o golpe, gemeu clamorosamente; e, voltando-se, foi-se embora não mais vagarosamente do que viera, enquanto, atrás

dele, o notável homem seguia de perto o fugitivo, forçando-o a voltar ao próprio sepulcro; o qual se abriu espontaneamente para ele, face àquele que perseguia o seu hóspede e para sua admiração, e o mesmo com facilidade tão logo pareceu-lhe fechado. Isto feito, aqueles que não souberam suportar o frio da noite refugiando-se junto ao fogo até acorreram, tardiamente, e, tendo ouvido o que se passara, pela manhã se prontificaram a agir como os necessários colaboradores em relação ao maldito cadáver a desenterrar de sua última morada e a destruir. Com efeito, retirada a terra que o recobria, nele encontraram a grande ferida recebida e, no túmulo, a copiosa sanguinolência que dela afluía. Retirado portanto dos limites do mosteiro, cremaram-no e também dispersaram as suas cinzas. Soube disso com segurança por um membro do clero e o expus de acordo, por meio de um relato simples.

Também se deu outra coisa não dissemelhante, porém mais nociva, próximo ao castelo que é chamado de Anan,²⁵ conforme fui informado por um velho clérigo que vivia por aquelas paragens, distinto e poderoso, e que recordava esse fato que lá presenciara. Certo homem de má conduta, acuado fosse pela lei fosse por inimigos, pedindo refúgio ao senhor do dito burgo, a quem conhecia, lá foi morar; escolhendo um ofício adequado à sua prática, preferiu aumentar suas grandes perversidades em vez de corrigi-las. Tomou esposa, para seu próprio prejuízo, como se provou depois. Ao ouvir falar certas coisas dela, com efeito, inflamava-se de ciúme. E, determinado a esclarecer se fossem verdade, fingiu partir em longa viagem, para não retornar senão depois de alguns dias. Voltando antes do entardecer e esgueirando-se fortuitamente para dentro do quarto com o auxílio de uma criada conivente, ficou à espreita em cima da trave do quarto de sua mulher que estava para chegar, para comprovar com os próprios olhos se lá algo contra a fidelidade da carne estaria em jogo. E ao ver a mulher fornicando com o jovem vizinho, desorientado por força de sua ira, caiu, estatelando-se pesadamente no chão próximo aos copulantes. E o adúltero, é bem verdade, saltou para fora; e por certo a mulher, dissimulando com astúcia o ocorrido, cuidou de restabelecer o jacente. Voltando-se para ela, ele repreendeu moderadamente a desonra, ameaçando castigá-la. A que ela respondeu: “Persigna-te, meu amo: disseste coisas estranhas; o que não se imputa a ti, mas à doença que te cingiu”. Abalado portanto pela queda e com o corpo quase completamente paralisado, sucumbiu como a uma doença. O homem acima mencionado que o relatou para mim, ao visitá-lo no exercício de seu ofício de piedade, aconselhou-o a fazer a confissão dos seus pecados e a aceitar a eucaristia conforme o costume cristão. Ele, de fato, narrando o que lhe acontecera e o que a mulher dizia, julgava mais seguro adiá-lo para o dia seguinte, [porém] ele não veria o amanhã em vida. Pois naquela noite uniu-se ao sono da morte privado da graça cristã, proporcionando males iminentes. Ainda que fosse indigno dela, recebeu mesmo uma sepultura cristã, da qual não

25 Na bibliografia geográfica e histórica, localidade por vezes referida também como Anant.

obteve benefício. Com efeito, saindo do túmulo à noite por obra de Satanás, seguido por uma turba de cães a ladrar assustadoramente, vagava pelas ruas e em volta das casas; todos trancaram as portas e sequer ousavam sair por qualquer motivo entre o cair da tarde e o nascer do sol, para não serem atacados pelo monstro errante caso porventura topassem com ele. Na verdade essa cautela não adiantou de nada. Porque o ar que circundava o corpo hediondo foi infestado por ele, as emanções pestilentas cumularam todas as casas de doenças e mortes. E já a aldeia, que pouco antes fora populosa, parecia quase desabitada, desde que os sobreviventes à calamidade migraram para não morrerem eles também. O tal homem por cuja boca fui informado sem dúvida afligia-se da devastação de sua paróquia e no Domingo dito de Ramos esforçou-se em convocar homens sábios e pios, para que dessem salutar conselho naquele momento tão crítico e revigorassem, mesmo que modicamente, a consolação para o pobre povo que restava. Feito portanto um sermão à população e completadas as solenes reverências como manda o rito, chamou à mesa os hóspedes religiosos juntamente com os outros homens honrados lá presentes. Dois jovens irmãos dentre os convivas, que haviam perdido o pai para aquele flagelo, exortando-se mutuamente disseram: “Esse monstro matou nosso pai e logo, se formos negligentes, nos matará também. Façamos portanto algo viril, seja por precaução à nossa própria saúde seja para vingar a morte paterna. Não há ninguém para nos impedir, enquanto, de uma parte, atendem à refeição na casa do sacerdote e, doutra, esta aldeia está silenciosa como se fosse desabitada. Desenterremos aquela peste e comburemo-la pelo fogo”. E assim, munidos de enxada suficientemente afiada, chegando ao cemitério começaram a escavar. E, como acreditassem que haveriam de cavar mais fundo, de repente, extraída não muita terra, descobriram o cadáver, inchado por uma enorme corpulência, a face sobremaneira rubicunda e intumescida. Realmente a mortalha com que fora envolvido parecia toda feita em pedaços. Mas nem isso foi capaz de aterrorizar os rapazes, a quem a ira animava, e infligiram uma ferida no corpo inanimado: da qual escorreu sem cessar tanto sangue a tal ponto de se perceber ter sido ele sanguessuga de muitos. Em seguida, arrastando-o para fora da aldeia, rapidamente construíram uma pira. E nisso um deles dizia que o cadáver pestífero não poderia queimar sem que se lhe extraísse o coração, e agarrando-o com a mão extraiu o maldito coração. Retalhado portanto em pedaços e já ardendo o corpo, anunciou-se aos convivas o que estava sendo executado; lá acorrendo, puderam testemunhar, pelos restos, a medida administrada. Ora, assim destruída aquela besta infernal, também cessou a pestilência que grassava no povo, como se por aquele fogo que consumira o agourento cadáver já tivesse sido purgado o ar, que fora corrompido pelo deslocamento pestilento dele. E assim, tendo exposto o assunto, voltemos ao curso ordinário da História.

c) MS anônimo (séc. XV?)

British Library: Royal MS 15. A. xx

Transcrição de Montague Rhodes James (1922)

[fo. 141a] II. De mirabili certacione inter spiritum et viuentem in tempore regis Ricardi secundi.

Dicitur quod quidam scissor cognomine [blank] Snawball equitando remeauit ad domum suam in ampilforth quadam nocte de Gillyng, et in via audiuit quasi sonitum anates [s]e lauantes [corr. from anas se lauans] in torrente et paulopost aspexit quasi coruum circa faciem suam volantem et descendentem vsque ad terram, alis suis concucientibus solum quasi deberet mori. Qui scissor de equo suo descendit ut caperet coruum et interim vidit sintillas ignis spargentes de lateribus eiusdem corui. Tunc signauit se et prohibuit eum ex parte dei ne inferret illi dampnum aliquod illa vice. Qui euolauit cum eiulatu magno quasi spacium lapidis † encardi †. Tunc iterum ascendit equum suum et paulopost predictus coruus obuiauuit illi in volando et percussit eum in latere et prostrauit in terra scissorem equitantes de equo suo. Qui taliter solotenus prostratus iacuit quasi in extasi et exanimis, valde timens. Tandem resurgens et constans in fide pugnauit cum eo cum gladio suo quousque fuerat lassus, et videbatur sibi quasi percuteret t[er]ricidiu[m] more et prohibuit eum et defendit ex parte dei, dicens Absit quod habeas potestatem nocendi mihi in hac vice, sed recedas. Qui rursus euolauit cum eiulatu horribili quasi per spacium sagitte volantis. Tercia vero vice apparuit eidem scissori ferenti crucem gladii sui super pectus suum pre timore et obuiauuit ei in figura canis anulati. Quo viso scissor cogitauit secum animatus in fide. Quid de me fiet ? coniurabo eum in nomine trinitatis et per virtutem sanguinis Ihesu Christi de quinque plagis quod loqueretur cum eo et ipsum nullatenus lederet sed staret immobilis et responderet ad interrogata et diceret ei nomen suum et causam pene sue cum remedio competenti. Et fecit ita. Qui coniuratus exalans terribiliter et ingemiscens. Sic et sic feci et excommunicatus sum pro tali facto. Vadas igitur ad talem sacerdotem petens absolucionem pro me. Et oportet me implere nouies viginti missas pro me celebrandas. et ex duobus vnum eligas. Aut redeas ad me tali nocte solus, referens responsum de hiis que dixi tibi et docebo te quomodo sanaberis, et ne timeas visum ignis materialis in medio tempore. Aut caro tua putrescet et cutis tua marcescet et dilabetur a te penitus infra breue. Scias igitur quia hodie non audiui missam neque ewangelium Iohannis scilicet 'In principio' neque vidisti consecracionem corporis et sanguinis domini obuiaui tibi ad presens, alioquin non haberem plenarie potestatem tibi apparendi. Et cum loqueretur cum eo fuit quasi igneus et conspexit per os eius sua interiora et formauit verba sua in intestinis et non loquebatur lingua. Idem quidem scissor petebat licenciam a predicto spiritu quod poterit habere alium socium secum in redeundo, qui respondit. Non. sed habeas super te quatuor euangelia euangelist' et titulum triumphalem videlicet Ihesus Nazarenus propter duos alios spiritus hic commorantes, quorum vnus nequit loqui coniuratus et est in specie ignis vel dumi et alter est in figura venatoris, et sunt in obuia valde periculosi. Facias vlterius fidem huic lapidi quia non diffamabis ossa mea nisi sacerdotibus celebrantibus pro me, et aliis ad quos mitteris ex parte mea [fo. 141b] qui possunt

mihi prodesse{.} Qui fidem fecit lapidi de hoc secreto non reuelando prout superius est expressum. Demum coniurauit eundem spiritum quod iret vsque ad hoggebek vsque ad reditum eius. Qui respondit Non. non. non. eiulando. Cui scissor dixit. Tunc vadas ad bilandbanke. et letus efficitur. Dictus vero vir infirmabatur per aliquot dies, et statim conualuit et iuit Eboꝝ²⁶ ad predictum presbiterum, qui dudum excommunicauit eum, petens absolucionem. Qui renuit absoluere eum, vocans sibi alium capellanum ipsum consulendo. At ille vocauit adhuc alium, et alius tertium de absolucione huius musitantes. Cui primo dixit scissor. Domine scitis intersigna que suggessi in auribus vestris. Qui respondit. Vere, fili. Tandem post varios tractatus inter partes isdem scissor satisfecit et soluit quinque solidos et recepit absolucionem inscriptam in quadam cedula, adiuratus quod non diffamaret mortuum sed infoderet illam in sepulcro suo penes caput eius secrete. Qua accepta ibat ad quendam fratrem Ric. de Pikeri[n]g nobilem confessorem sciscitans si dicta absolucio esset sufficiens et legitima. Qui respondit quod sic. Tunc idem scissor transiuit ad omnes ordines fratrum Eboꝝ et fecit fere omnes predictas missas celebrari per duos aut tres dies. et rediens domum fodit predictam absolucionem prout sibi fuerat imperatum in sepulcro. Hiis vero omnibus rite completis venit domum, et quidam presumptuosus vicinus eius audiens quod oportet ipsum referre eidem spiritui que gesserat in Eboꝝ in tali nocte, adiurauit eum dicens. Absit quod eas ad predictum spiritum nisi premunias me de regressu tuo et de die et hora. Qui taliter constrictus ne displiceret deo premuniit ipsum excitans a sompno et dixit Iam vado. Si volueris mecum venire, eamus, et dabo tibi partem de scriptis meis que porto super me propter timores nocturnos. Cui alter respondit. Vis tu quod eam tecum ? qui respondit. Tu videris. ego nolo precipere tibi. Tunc alter finaliter dixit. Vadas ergo in nomine domini et deus expediat te in omnibus. Quibus dictis venit ad locum constitutum et fecit magnum circulum crucis, et habuit super se quatuor ewangelia et alia sacra verba, et stetit in medio circuli ponens quatuor monilia in modum crucis in fimbriis eiusdem circuli, in quibus monilibus inscripta erant verba salutifera scilicet Ihesus Nazarenus etc. et expectauit aduentum spiritus eiusdem. Qui demum venit in figura capre et ter circa iuit circulum prefatum dicendo a. a. a. qua coniurata cecidit prona in terra et resurrexit in figura hominis magne stature et horribilis et macilenti ad instar vnus regis mortui depicti. Et sciscitatus si labor eius aliquantulum proficeret ei respondit Laudetur deus quod sic. et steti ad dorsum hora nona quando infodisti absolucionem meam in sepulcro et timuisti. [fo. 142a] nec mirum, quia tres diaboli fuerunt ibidem presentes, qui omnimodis tormentis puniebant me postquam coniurasti me prima vice vsque ad absolucionem meam, suspicantes se permodicum tempus me in sua custodia habituros ad puniendum. Scias igitur quod die lune proxime futura ego cum aliis triginta spiritibus ibimus in gaudium sempiternum. Tu ergo vadas ad torrentem talem et inuenies lapidem latum quem eleues et sub illo lapide capias petram arenariam. laues eam totum corpus cum aqua et frica cum petra et sanaberis infra paucos dies. Qui interrogatus de nominibus duorum spirituum respondit. Non possum dicere tibi illorum nomina. Iterum inquisitus de statu eorundem asseruit quod unus illorum erat secularis et bellicosus et non fuit de ista patria, et occidit mulierem pregnantem et non habebit remedium

26 Civita[s] Eborum; in eborum provincia etc.

ante diem iudicii, et videbis eum in figura bouiculi sine ore et oculis et auribus, et nullatenus quamuis coniuretur poterit loqui. Et alius erat religiosus in figura venatoris cum cornu cornantis, et habebit remedium et coniurabitur per quendam puerulum nondum pubescentem domino disponente. Postea inquisiuit eundem spiritum de suo proprio statu. qui respondit ei. Tu detines iniuste capucium et togam quondam amici et socii tui in guerra vltra mare. Satisfacies ergo ei vel grauiter lues. Qui respondit Nescio vbi est. Cui alter respondit In tali villa habitat prope castellum de Alnewyke. Vltius inquisitus Quod est culpa mea maxima ? respondit. Maxima culpa tua est causa mei. Cui viuus Quo modo et qualiter hoc ? Dixit Quia populus peccat de te menciens et alios mortuos scandalizans et dicens Aut est ille mortuus qui coniurabatur aut ille vel ille. Et inquisiuit eundem spiritum Quid igitur fiet ? Reuelabo ergo nomen tuum. Qui respondit Non. Sed si manseris in tali loco eris diues et in tali loco eris pauper, et habes aliquos inimicos. Tandem spiritus respondit Non possum longius stare et loqui tibi. Quibus discedentibus ab inuicem predictus surdus et mutus et cecus bouiculus ibat cum viuento vsque ad villam de ampilford, quem coniurauit omnibus modis quibus sciuit, sed nullo modo potuit respondere. Spiritus autem alius per ipsum adiutus consuluit eum quod poneret optima sua scripta in suo capite dum dormiret et non dicas amplius vel minus quam que precipio tibi, et respicias ad terram et ne respicias ignem materiale ista nocte ad minus. Qui rediens domum per dies aliquot grauiter egrotabat.

Da prodigiosa contenda entre um espírito e um vivente nos tempos do rei Ricardo II

Dizem que, certa noite, um tal alfaiate apelidado [*lacuna*] Snawball voltava cavalgando à sua casa em Ampilforth, vindo de Gillyng,²⁷ e em seu caminho escutou um som como de um pato a se lavar²⁸ na torrente, e pouco depois avistou como um corvo voando próximo ao seu rosto e descendo até o solo, e apenas ao bater de uma asa contra a outra era como se devesse morrer. O tal alfaiate desmontou de seu cavalo para apanhar o corvo e nisso viu centelhas de fogo que se espargiam aos lados desse corvo. Então persignou-se e o instou em nome de deus que não lhe infligisse qualquer dano daquela vez. O qual avoou com um grande ululado pelos ares, como uma pedra [preciosa].²⁹ Então montou de novo em seu cavalo, e pouco depois o

27 Hoje grafadas Ampleforth e Gilling, são duas aldeias no norte do Yorkshire, a última bastante próxima à vila de Richmond.

28 M. R. James, a quem devemos a única (?) transcrição do documento, anota uma correção por ele efetuada – embora não saibamos do que o motivou a isso: “patos se lavando”. Na dúvida, optei por utilizar o texto como o pesquisador dá a entender estar grafado, sem corrigi-lo.

29 Parte do estranhamento deve-se a um vocábulo transcrito de forma duvidosa pelo medievalista inglês (cf. James 1922:415n : “*The word is a mystery to me. It seems to begin with e and ends with di. There is a mark of contraction.*”). Talvez a frase pudesse fazer sentido entendendo-a assim: *encardi* como possível forma (adjetivada?) de *encardia* (ἐγκαρδία), incerta pedra preciosa referida por Plínio (37, 10, 58 § 159 *apud* Lewis & Short). Ao ganhar altitude, dado que cintilava com fagulhas de fogo, o corvo deixaria um rastro brilhante? Confira-se a quase repetição abaixo (“avoou pelos ares [...] como uma flecha a voar”), o que aproximaria a frase de uma fórmula. Contudo, a hipótese é meramente conjectural: será melhor não extrair daí conclusões, mas tratar esse trecho como lacunar. Em todo caso, qualquer consideração além exigiria novo exame e transcrição do MS.

menção do corvo voltou a ir de encontro a ele em seu vôo, atingiu-o no flanco e derrubou o alfaiate do cavalo que vinha cavalgando, no chão. Este, prostrado de tal forma no chão, jazeu imóvel, como agonizante,³⁰ com muito medo. Enfim, voltando a se levantar, e firme em sua fé, lutou com ele com sua espada até ficar esgotado, e parecia-lhe bater na turfa [solta] de um arbusto e o instou e repeliu em nome de deus, dizendo: “Que vás embora, tu que desta vez possuis o poder de me ferir, que porém recues”. Este, retrocedendo, avoou pelos ares com um ululado horrível, como uma flecha a voar. Da terceira vez, por certo, apareceu ao mesmo alfaiate, que em virtude do temor carregava sobre o seu peito a cruz³¹ de sua espada, e o obsteu na figura de um cão encoleirado. Ao vê-lo, o alfaiate pensou consigo mesmo, encorajado pela fé: “O que será de mim? Vou conjurá-lo em nome da trindade e pela virtude do sangue [vertido] das cinco feridas de Jesus Cristo, para que fale, e que de forma alguma lesione a si e a [mim] mesmo, mas permaneça imóvel e responda às perguntas, que diga seu nome e a causa de suas penas, com o respectivo remédio”. E assim fez. O qual, conjurado, bufou terrivelmente e gemeu. “Fiz assim e assado e fui excomungado por tal feito. Vai pois até tal sacerdote pedir a absolvição para mim. E é-me preciso completar nove vezes vinte missas a serem celebradas em meu benefício. E, das duas, escolhe uma: ou voltes sozinho em tal noite para encontrar-me, relatando-me a resposta a respeito disso que te disse, e te ensinarei de que maneira hás de sarar, e no meio-tempo não temas a visão do fogo material. Ou tua carne apodrecerá e tua pele secará e te se desfará por completo dentro em breve. Saibas, portanto, que é porque hoje não escutaste a missa nem evidentemente o evangelho de João, ‘No princípio’,³² nem viste a consagração do corpo e do sangue do senhor, que eu agora te obstei, de outra maneira não teria plenos poderes para aparecer a ti.” E enquanto com ele falava, mostrou-se como de fogo, e viam-se, através de sua boca, as vísceras do mesmo, e ele formava suas palavras nos intestinos e a língua não falava. Ademais, de fato, o alfaiate pedia permissão a dito espírito, para que pudesse ter junto de si, quando voltasse, um outro companheiro, ao que [este] respondeu: “Não. Mas carregues quatro evangelhos dos evangelistas e o título triunfal, ou seja, Jesus o Nazareno, por conta de outros dois espíritos que aqui permanecem, dos quais um não pode falar, [mesmo] conjurado, e se apresenta com o aspecto de fogo ou de arbustos, e o outro apresenta-se na figura de um caçador, e obviamente são muito perigosos. Comprometas-te ainda por esta lápide que não divulgarás meus ossos³³ senão aos sacerdotes a celebrar por mim e a outros a quem procurarás em meu nome e que podem ser-me de

30 Alternativamente: “como se lhe falhasse o coração” (cf. Du Cange: *Extasis*: “*Defectus cordis*”).

31 Subentende-se: a empunhadura. Mas optei por “cruz” pelo óbvia simbologia, a seguir tornada ainda mais explícita.

32 A audição do início do evangelho de João possuía poderes apotropaicos. Veja-se, p. ex., Cesário de Heisterbach, *Dialogus miraculorum* 5,44; 5,27 etc.

33 Isto é: meu nome, minha identidade.

auxílio”. O qual deu sua palavra pela lápide a respeito desse segredo a não ser revelado, como foi expresso acima. Por fim conjurou aquele mesmo espírito para que fosse até Hoggebek, até que ele retornasse a sua casa. O qual respondeu, ululando: “Não, não, não”. A isto, disse o alfaiate: “Vai então a Bilandbanke”,³⁴ o que felizmente foi cumprido. O dito homem adoeceu por alguns dias, e assim que melhorou foi a York procurar o mencionado presbítero, que havia há tempos excomungado [o homem cujo espírito o requeriu], pedindo a absolvição. O qual não consentiu em absolvê-lo, chamando outro capelão para com ele se consultar. E este chamou mais outro, e o outro, um terceiro, murmurando a respeito da absolvição daquele. Destes, disse o alfaiate ao primeiro: “Senhor, sabe as senhas que segredei a vossos ouvidos”. O qual respondeu: “É verdade, filho”. Enfim, após várias considerações entre as partes, o alfaiate deu satisfação e pagou cinco moedas e recebeu a absolvição, inscrita numa cédula, jurando não revelar [a identidade do] morto, mas inseri-la secretamente em seu sepulcro, próximo à cabeça. Recebida-a, ia até certo frade Ricardo de Pikerig, nobre confessor, a interrogá-lo se a dita absolvição era suficiente e legítima. Este respondeu que assim era. Então o alfaiate passou por todos as ordens de frades de York e fez que fossem celebradas quase todas as mencionadas missas ao longo de dois ou três dias. E ao voltar para casa, inseriu a dita absolvição no sepulcro, como lhe fora ordenado. Tendo-se mesmo completados todos os ritos, voltou a casa, e um certo vizinho presunçoso seu, ao ouvir, como devia, o que concernia àquele espírito que havia aparecido em York em tal noite, veio em sua ajuda, dizendo: “Oxalá não vás encontrar o mencionado espírito sem me avisar de teu regresso [junto a ele], e do dia e da hora”. Este, tão constrangido para não desagradar a Deus, avisou aquele, acordando-o do sono, e disse: “Já vou. Se quiseres vir comigo, vamos, e te darei parte das minhas escrituras que carrego comigo por causa dos temores noturnos. A quem o outro respondeu: “Queres que eu vá contigo?”. A este respondeu [o alfaiate]: “Verás tu mesmo. Eu não quero forçar-te.” Então o outro finalmente disse: “Vai então em nome do Senhor e que Deus te ajude em todas as coisas”. Dito isso, dirigiu-se ao local combinado e fez um grande círculo de cruz, carregando consigo quatro evangelhos e outras santas palavras, e postou-se no meio do círculo, dispondo às bordas desse círculo quatro colares na figura de uma cruz, nos quais colares estavam inscritas palavras salutares como Jesus Nazareno etc., e esperou pela chegada daquele espírito. O qual logo veio na figura de uma cabra e rodeou três vezes o círculo preparado, dizendo “Ah, ah, ah”. Esta, conjurada, prontamente caiu por terra e reergueu-se na figura de um homem de grande estatura e horrível e definhado como um [daqueles] retratados reis mortos. E, interrogado se havia

34 Collins (*apud* Simpson 2003:401) identifica essas localidades como Hodgebeck, na jurisdição do Mosteiro de Byland (a que pertence o redator do MS), e Byland Brink Hill que, a despeito do nome, pertencia aos canônicos de Newburgh; haveria uma conotação sarcástica de que o espírito pecador não consente em permanecer nos domínios de Byland, mas sim nos de Newburgh.

cumprido satisfatoriamente a sua tarefa, ele respondeu: “Assim é, que Deus seja louvado. Ergui-me o dorso à nona hora, quando introduziste minha absolvição no sepulcro e tiveste medo. Não é de se admirar, pois três diabos lá estiveram presentes, que me castigavam com toda sorte de tormentos após tu me conjurares da primeira vez até a minha absolvição, conjecturando brevemente as punições que haveriam de infligir a mim, sob a sua vigilância. Saiba, pois, que no dia da próxima lua eu e mais trinta outros espíritos rumaremos para a felicidade eterna. Vai portanto até junto de tal torrente, descobre a lápide, a qual [deves] levantar pelo lado, e toma a pedra arenosa [que está] debaixo dela, lava então todo o corpo com água e esfrega com a pedra e irás sarar em poucos dias”. Interrogado a respeito dos nomes dos dois espíritos, respondeu: “Não posso dizer-te os nomes deles”. Interrogado de novo a respeito do seu estado, afirmou que “um deles era secular e belicoso e não foi desta pátria, e matou uma mulher grávida e não encontrará remédio antes do dia do juízo, e tu o verás na figura de um bezerro sem boca, olhos ou orelhas, e por mais que o conjures não poderá falar de modo algum. E o outro, [que] era um religioso, [será visto] na figura de um caçador com a trompa tronante, e encontrará remédio e [poderá] ser conjurado por um rapazinho ainda não pubescente se o Senhor assim [achar por bem] dispor”. Depois inquiriu àquele espírito a respeito de seu próprio estado. O qual lhe respondeu: “Tu deténs injustamente um gorro e um manto de um teu amigo e companheiro na guerra além-mar. Deves portanto dar satisfação a ele, de outro modo serás punido gravemente”. Este respondeu: “Não sei onde [esse companheiro] está”. A que o outro respondeu: “Ele mora em tal vila, próximo ao castelo de Alnewyke”. Interrogado ainda “Qual é minha máxima culpa?”, respondeu: “Tua máxima culpa é o litígio comigo”. A que o vivo: “Como e de que maneira, isso?”. Disse: “Porque o povo peca ao mentir e escandalizar outros mortos, dizendo ‘Ou é esse o morto que foi conjurado, ou esse, ou esse’”. E perguntou ao mesmo espírito: “O que se fará, então? Vou revelar o teu nome”. A que respondeu: “Não. Porém, se morares em tal localidade serás rico e em tal [outra] localidade serás pobre, e tens alguns inimigos”. Respondeu ainda o espírito: “Não posso permanecer por mais tempo e falar contigo”. Os quais, indo cada um por sua conta, ao vivente acompanhou, até a vila de Ampilford, o antes mencionado bezerro surdo e mudo e cego a quem [o alfaiate] conjurou de toda maneira que sabia, mas [este] não pôde responder como quer que fosse. Doutra parte, o outro espírito a ajudá-lo o aconselhou a pôr suas melhores escrituras sobre a cabeça quando fosse dormir, e não digas nem mais nem menos do que te recomendo, e olhes para o chão e não olhes para o fogo material nesta noite ao menos.³⁵ O qual, voltando a casa, prostrou-se gravemente enfermo por alguns dias.

35 Muito difundida à época, em diversos autores, a noção de que, após o contato com o outro mundo, a visão da luz ou do fogo tem graves conseqüências. Cf. Gervásio de Tilbury; Cesário de Heisterbach 3,11; 5,27 *et passim*; explicação das causas, em termos teológicos, em 5,28. Cf. ainda Schimtt 1999.

IV. Boêmia, sécs. XIV-XVI

[— caps. 5; 6; 7]

a) Jan Neplach

Crônica [do mosteiro] de Opatovicz

MS: Národní knihovna České republiky XXIII.F.195, f.º 37v-38r

Anno domini ·m·ccc·xxx·viº Philippus filius regis maiorikarum, cum xii· nobilibus regni ordinem fratrum minorum in vigilia nativitatis christi ingreditur et in boemia circa cadanum ad miliare vnum in villa dicta \b/low quidam pastor nomine Myslata moritur hic omni nocte surgens circuibat omnes villas in circuitu homines terrendo et iugulando et loquebatur. Et cum fuisset cum palo transfixus dicebat multum nocuerunt mihi nam dederunt mihi baculum ut me a canibus defendam et cum cremandus effoderetur tumebat sicut bos et terribiliter rugiebat. Et cum poneretur in ignem quidam arripens fustem fixit in eum et continuo erupit cruor sicut de vase. Insuper cum fuisset effossus et in currum positus collegit pedes ad se sicut vivus et cum fuisset crematus totum malum conquieuit et antequam cremaretur quemcumque ex nomine in nocte vocabat infra octo dies moriebatur. Eodem etiam anno Johannes papa xxiº moritur. et benedictus xiiº in papam eligitur.

Ano do Senhor 1336: Filipe, filho do rei de Maiorca, na véspera de Natal ingressou na Ordem dos Frades Menores; e na Boêmia, perto [da cidade] de Kadaň, a uma milha da vila chamada de Blow, morreu um certo pastor de nome Myslata. Este, levantando-se a cada noite, vagava por todas as vilas à volta, aterrorizando os homens e degolando-os e falando-lhes. E ao ser trespassado por uma estaca, dizia: muito me maltrataram, mas me deram uma vara, para que eu me defenda dos cães – e quando foi exumado para ser cremado estava intumescido como um boi e rugia terrivelmente. E quando foi posto ao fogo, agarrando um bastão nele cravado, continuamente vertia [tal] efusão de sangue como de um vaso. Ademais, quando foi exumado e deposto no carro, recolheu os pés junto de si como [se estivesse] vivo; uma vez cremado, todo o mal cessou – como, antes de sê-lo, quem quer que à noite [por ele] fosse chamado pelo nome morria dentre oito dias. Também no mesmo ano morreu o papa João XXI, e para papa foi eleito Bento XII.

38v-39r

Anno domini ·M·ccc·xliiiiº quidam mulier in lewin mortua fuit et sepulta post sepulturam autem surgebat et multos iugulabat et post quemlibet saltabat. Et cum fuisset transfixa fluebat sanguis sicut de animali vivo et deuorauerat slogerium proprium plus quam medium. Et cum extraeretur totum fuit in sanguine. Et cum deberet cremari non poterat aliquiditer accendi nisi de tegulis ecclesie ad informacionem aliquarum vetularum. postquam autem fuisset transfixa adhuc semper surgebat. Sed cum fuisset cremata tunc totum malum conquieuit.

Ano do Senhor 1344. Tendo morrido e sido sepultada certa mulher [na aldeia] de Lewin, ainda assim, surgiu depois do sepultamento, estrangulando a muitos e saltando atrás de quem quer que fosse. E quando foi trespassada [com uma estaca], verteu-se sangue como de um animal vivo; [ela] havia devorado mais da metade da mortalha. E [esta,] ao ser extraída, estava toda [embebida] em sangue. E quando devia ser cremada, não havia modo de sê-lo. De acordo com algumas velhas, [o fogo] não haveria de arder senão [em sendo a lenha feita] com a cumeeira da igreja. Ora, depois que foi trespassada, sempre surgia. Mas tendo sido cremada, então todo o mal foi vencido.

b) Hájek z Libočan

Crônica tcheca, tradução alemã de Sandel (Hájek 1596)

[Zween Cometen.] In diesem Jahre, hat sich ein Comet ereignet, und bey vier Monden lang geschienen. Und ehe dann dieser vergangen, hat sich ein Anderer sehen lassen, und zween Monden lang geschienen. Darauff ist ein grosser Mangel, des Geträudes und Weins, vorgefallen.

[Ein todter Hirt schrecket viel Leute] Zu der Zeit, hat sich in Böhmen in einem Dorffe, mit Nahmen Blow, eine Meilweges von der Stadt Cadan, zugetragen, wie solches die Cronika des Klosters Opatowicze bezeuget, daß ein Hirte, mit Nahmen Myslata, gestorben, und bey der Kirchen begraben worden. Derselbe stund alle Nacht auff, fieng in den Dörffern herum, und schreckte die Leute, und redete mit ihnen nichts anders, als wann er lebete, hat auch etliche gar erwürget, und vor welches Wohnung er kommen, und jemanden mit Nahmen genennet, derselbe muste sterben, ehe dann acht Tage umkommen.

Die Nachbahrn desselben Dorffs, so wohl auch aus den umliegenden Dörffern, kamen zusammen, beriethen sich, liessen ihn ausgraben, und einen Eichenen Pfahl durch ihn schlagen, und stunden fast alle dabey. Als solches geschehen, hub er sich gleich lachende an, und sprach : Ich meine, ihr habt mir einen Wiederwillen zugefüget, in deme ihr mir einen Stecken gegeben, daß ich mich desto besser der Hunde wehren kan, gieng folgendes dieselbige Nacht herum, und bethörete die Leute viel mehr als zuvor. Die umliegenden Einwohner konten solches länger nicht dulden, besteleten Zween Hencker, liessen ihn ausgraben, und auf einen Wagen legen, darauf er gebunden, streckte und zog die Füße von und zu sich, als wann er lebete, und brüllte grausamlich als ein Ochse. Und als sie ihn auf einen Holzhauffen gelegt, und an die ins Erdreich eingeschlagene Pfäle fest gebunden, stach ihme der eine Hencker, mit einem zugespützten Eichenen Pfahl, in die Seiten, daraus ihme das Blut, gleich als aus einem Kinde, geronnen. Und wie man das Holz unter ihme anzündete, brüllte und schrye er abermahls als ein Esel. Da er aber verbrannt gewesen, hat das Ubel auch ein Ende genommen.³⁶

36 Hájek, *Böhmische Chronik*. Tradução de Johannes Sandel. Leipzig: Fritschen, 1718, pp. 545b-546a. Trata-se de uma reedição da tradução alemã publicada precedentemente, também por mim confrontada, a qual apresenta, em relação à acima transcrita, apenas pequenas variantes ortográficas (Hájek 1596:410v-411r). Para o original tcheco, Hájek 1933:353-354.

[Dois cometas] Nesse ano, surgiu um cometa, que permaneceu visível durante quatro luas. E antes que este se fosse, apareceu outro, permanecendo visível por duas luas. Na ocasião, abateu-se uma grande carência de grãos e vinho.

[Um pastor morto assombra muita gente] A esse tempo, deu-se na Boêmia, em uma aldeia de nome Blow, a uma milha de distância da cidade de Kadaň, como o testemunha a Crônica do Mosteiro de Opatowicz, que um pastor de nome Myslata morreu e foi enterado junto à igreja.

O mesmo surgia toda noite, vagava ao redor das aldeias e assombrava as pessoas, e lhes falava como se estivesse vivo, até mesmo estrangulando alguns, e, tendo comparecido diante de uma casa e chamado alguém pelo nome, este devia morrer antes que se passassem oito dias.

Reuniram-se os vizinhos dessa aldeia, assim como os das aldeias próximas, deliberaram e o fizeram exumar e atravessar com uma estaca de carvalho, estando quase todos presentes. Tendo isto sido feito, ele logo se ergueu rindo e disse : “Tenho para mim que me fizestes um favor ao dar-me um bastão, de modo que eu possa me defender melhor dos cães”, em seguida, na mesma noite, vagou ao redor, e enganou as pessoas muito mais do que antes. Os habitantes no entorno não suportavam mais isso, chamaram dois carrascos, mandaram que o desenterrassem e depusessem sobre uma carroça, onde foi amarrado, e [ele] esticava e contraía os pés longe e junto de si, como quando vivo, e bramia como um boi. E quando o puseram sobre uma pilha de madeira, e o amarram com firmeza à estaca fincada na terra, um dos carrascos o atingiu nos flancos com uma estaca afiada de carvalho, e dele fluíu o sangue como de uma criança. E quando acendeu-se o fogo por debaixo dele, ele bramiu e berrou novamente como um asno. Mas, tendo ele sido queimado, também o mal cessou.³⁷

□

Anno 1345 sind grosse Zeichen an der Sonnen und Monden gespühret worden, darauf man böse Deutung machte, wie dann desselben Jahrs in der Christenheit gegen Niedergange der Sonnen, grosse Krieg und Blutvergiessen entstanden : dann die Frießen fielen in Holland, und thäten grossen Schaden. Der Graf in Holland konte nicht zusehen, sondern versammlete sei Kriegsvolck, hielt mit den Friesen ein Treffen, und ist jämmerlich erschlagen worden, daneben auch viel Tausend Christen todt blieben.

{Eine Zäuberin gehet nach dem Tode herum.} Diß Jahr, hat sich in Böhmen, in einem Städtlein, Leuin genant, zugetragen : Es war darinnen ein Töpffer mit Nahmen Duchacz, welche ein Weib hatte, dieselbe hieß Brodka, und war voll Teuffelischer Zäuberey. Als solches lautbar worden, ermahneten sie die Priester von solchen bösen Thaten abzustehen. Und wiewohl sie sich dessen öffentlich enthielt, so trieb sie es doch in geheim. Auf einmahl begag sichs, als sie ihre Geister zusammen geruffen, starb sie desselben Tages niemand wuste es zu sagen, ob sie von ihnen

37 Versão indireta a partir da tradução alemã de Sandel.

umgebracht, oder sonsten gestorben war. Um dieser Ursachen willen, wolte man sie unter fromme Christen nicht begraben, sondern ward auf einem Scheyderwege verscharret. Bald wurde gespühret, daß sie herum gieng, vielmas zu den Hirten auf dem Felde kame, sich in mannichfältiger Thiere Gestalt verwandelte, die Hirten erschreckte, und das Viehe verjagete, welches ihnen nicht wenig bekümmernis brachte. Unter Zeiten ließ sie sich auch in ihrer Gestalt, als wann sie noch lebete, sehen. Darnach kam sie auch vielmals, in demselben Städtlein und in den umliegenden Dörffern, in der Leute Häuser, und erschien in mancherley Gestalt, redete mit den Leuten, erschreckte ihrer ein Theil, und brachte etliche gar ums Leben. Die Nachbarn des Städtleins, und die Bauern aus den umliegenden Dörffern vereinigten sich, liessen sie durch einen hierzu tüchtigen Mann ausgraben. Aus solches geschehen, konten alle beywesende Leute sehen, daß sie des Schleyers, so sie auf dem Köpffe gehabt, die Helffte in sich hinein gefressen, derselbe ihr aus dem Halse, ganz blutig, heraus gezogen worden. Man ließ ihr zwischen die Brust einen eychenen Pfahl schlagen, bald floß ihr das Blut aus dem Leibe, nicht anders, als aus einem Kinde, daß sich Männiglichen verwunderte, und ward also wieder verscharret.

Nach kurzer Zeit ließ sie sich wiederum sehen, viel mehr als zuvor, erschreckte und tödtete die Menschen, und welchen sie umgebracht, auf demem sprang sie mit Füßen herum. Derowegen wurde durch denselben vorigen Mann wiederum aufgehackt und befunden, daß sie den Pfahl, welchen man ihr in den Leib geschlagen gehabt, ausgezogen, und in Händen gehalten. Nach diesem, ließ man sie heraus ziehen, und samt dem Pfahl verbrennen, und die Asche, samt der erden, in das Grab schütten, und also verscharren. Von der Zeit an nahm dieses Ubel ein Ende. Nichts weniger, hat man an dem Ort, wo man sie verbrannt, etliche Tage einen Wirbel-Wind gesehen.³⁸

No ano de 1345 foram observados grandes sinais no Sol e na Lua, de que se depreendiam maus augúrios, como pois no mesmo ano, perto do fim do verão, surgiram na cristandade grande guerra e derramamento de sangue: então os frísios invadiram a Holanda, provocando muito dano. O duque de Holanda não pôde omitir-se, mas reuniu seu contingente e travou uma batalha com os frísios e veio infelizmente a ser abatido, ao lado de muitos milhares de cristãos que morreram.

{Uma feiticeira vaga após a morte} Nesse ano, ocorreu na Boêmia, numa vila chamada Leuin: Lá havia um oleiro de nome Duchaz, que tinha uma esposa que se chamava Brodka, cheia de magia diabólica. Como isso viesse a público, os padres a advertiram para que se abstivesse de tais más ações. E, assim como [antes] se livrara a eles abertamente, ela [agora] seguia a fazê-lo em segredo. Certa vez, quando reunira os seus espíritos invocando-os, deu-se que morreu no mesmo dia, e ninguém sabia dizer se eles a haviam matado ou se [ela] morrera de outra maneira. Por essas razões não quiseram enterrá-la em sagrado solo cristão, foi ao contrário encovada numa encruzilhada. Logo se notou que ela vagava ao

38 Hájek 1718:557b-558a (~Hájek 1596:419v-420r; orig. tcheco Hájek 1933:387-389).

redor, vinha diversas vezes aos pastores no campo, transfigurava-se [assumindo o] aspecto de diversos animais, aterrorizava os pastores e perseguia o gado, o que lhes trazia não pouca preocupação. Às vezes ela também se deixava ver com seu [próprio] aspecto, como quando viva. Em seguida, veio muitas vezes também à vila e às aldeias no entorno, entrava nas casas das pessoas e surgia sob diversas aparências, falava com a gente, assombrava parte dela e, a alguns, até os matava. Os vizinhos da vila e os camponeses das aldeias no entorno se reuniram, mandaram que um homem adequado [à tarefa] a desenterrasse. Tendo-o feito, todos os presentes puderam ver que ela havia engolido mais da metade do véu que tinha à cabeça, o qual foi-lhe tirado da garganta todo ensangüentado. Mandaram que lhe pregassem uma estaca de carvalho no meio do peito, logo fluía o sangue de seu corpo, não diferente do [que fluiria do] de uma criança, o que espantou a muitos, [então] foi novamente encovada.

Pouco depois ela se fez ver novamente, muitos mais do que antes, assustava e matava as pessoas, derrubava alguns e lhes saltava no encalço. Por isso, [a cova] foi cavada pelo mesmo [designado] homem de antes, que descobriu ter a mulher arrancado a estaca que lhe tinha sido pregada ao corpo, e a segurava nas mãos. Depois mandaram que fosse tirada [de lá] e queimada junto com a estaca, e as cinzas foram jogadas junto com a terra na cova, em seguida fechada. A partir de então o flagelo teve fim. Não bastasse [isso], um redemoinho foi visto por alguns dias no local onde tinha sido cremada.

V. Grécia e Dalmácia, sécs. XVII-XVIII

[— caps. 1; 2; 5; 6; 7; Considerações]

a) Leo Allatios

XII. *Et haec ferenda videntur, si unum excipias Burculacam; alii Bulcolaccam, alii Buthrolacam vocant ; quo sane in genus humanum nihil potest excogitari immanius aut perniciosius. Nomen est inditum à foeditate. *Bōurka³⁹ limus est, non quilibet, sed qui jam putrescenti aqua maceratus, pessimam exhalat Mephitim, ut ita dicam. *Lákkos fossa, seu cavea, in qua similis limus fovetur. Est porro pessimi hominis, & facinorosi, saepeque etiam ab Antistite suo excommunicati cadaver, quod, non ut reliqua demortuorum corpora defossa dissolvuntur atque in pulverem abeunt, sed quasi ex firmissima pelle constaret, per omnes sui partes intumescit, atque distenditur, ut vix flecti aliqua sui parte possit ; sed cutis, tanquam tympanum, extensa, eundem, ac tympanum, si pulsatur, sonum edit ; quare & *tympaniáios dicitur. Corpus, sic deformatum, Daemon ingreditur, & miseris mortalibus infortunium parit. Saepe enim sub eo cadavere e sepulchro egressus, & per urbem & alia loca habitata circumiens, & noctu potissimum, ad quam sibi libuerit aedem, confertur, pulsatisque foribus, aliquem ex accolis aedis, voce sonora compellat. Si responderit, actum jam est de eo : altero enim die mortem obit. Si non responderit, salvus est.*

39 Para facilitar a leitura, transliterei para o alfabeto latino as palavras e expressões grafadas em grego no original; são precedidas de asterisco.

Hinc in ea insula cives omnes, si noctu ab aliquo compellantur, nunquam prima vice respondent: nam, si secundo compellatus fuerit, jam, qui quaerit, Burcolacca non est, sed alius. Eamque pestem adeo exitiosam mortalibus esse dicunt, ut interdiu etiam, & meridie ipso, non intra aedes tantum, sed in agris, & viis mediis, & sepibus vinearum, praetereuntes aggrediatur, & aspectu solo ac visu conficiat, non verbis tantummodo & contactu enecet. Homines ipsi, qui viderunt, si alloquantur, spectrum disparet; qui locutus est, moritur. Quare cives, cum vident homines, nulla grassante infirmitate, in tanta copia emori; suspicati quod est, sepulchra, in quibus recens defunctus sepultus est, aperiunt; aliquando statim, aliquando etiam tardius, cadaver nondum corruptum, inflatumque, comperiunt: quod è sepulchro extractum, precibusque effusis à sacerdotibus, in rogam ardentem conjiciunt; & nondum completa supplicatione, cadaveris juncturae sensim dissolvuntur, & reliqua exusta in cineres convertuntur. Alii Daemonem esse, qui figuram demortui hominis induerit, opinantur, sub eaque homines, quos ipse vult, conficere. Hanc opinionem ex populi animis evellere conati sunt, non veteres modo, (neque enim nupera est, aut hodie nata in Graecia, haec opinio,) sed etiam recentiores pii homines, qui Christianis à confessionibus sunt. Incerti Auctoris Nomocanon, qui se, ex Nesteuta, ista exscripsisse fatetur: [...]⁴⁰

«De homine mortuo, si integer inventus fuerit, quem Bulcolacam nuncupant; si verum est, quod de eo refertur, & quid agendum sit; ex Nesteuta. Hoc non est, mortuum fieri Burcolacam; sed Diabolus, nonnullis imponere cupiens, ad absona perpetranda, ut Dei iram incurrant, haec signa operatur, & saepe nocte in imaginatione aliquorum hominum ponit, mortuum illum advenire, quem prius agnoscebat, & cum eo conversabatur. Et inter somniandum vident aliqua spectra: alio tempore eum in via conspiciunt, sive ambulanti, sive stanti: neque hoc solummodo, sed etiam homines suffocat. O miserorum hominum stultitiam! Qui mortuum est, obambulat, & vivos necat? Absit hoc. Nihilominus homines perturbantur, & in sepulchrum festinant, & effodiunt, ut cadaver illud conspiciant. Et, cum pura fide destituuntur, Diabolus transformatur, & induit, veluti indumentum, demortui illius cadaver: & demortuus ille, qui tanto tempore in sepulchro jacuerat, apparet illis, carnem habens & sanguinem & ungues & pilos: quem ubi aspexerint, imaginatione miseri illi homines ad malum properant & ligna exaggerant; & ignem succendunt, & corpus illud comburunt, & penitus delent; nec vident insensati, in tremendo secundo adventu Domini nostri Iesu Christi praeparari sibi punitionem in sempiterno illo igne, atque inextinguibili, ut sempiterno ardeant: & cadaver quidem illud exusserunt & deleverunt in praesentia, sed tempore futuro, die nempe judicii, rationem reddent de hisce omnibus ante tremendum judicem, & ab eo condemnationem audient, ut in ignem procedant, & puniantur sempiternae. Si itaque ex toto corde poenitentiam egerint propter hoc immane scelus, quod patraverunt, si fuerint Laici, maneat sine communione sex annos; fuerint sacerdotes, omnino sacerdotio priventur. Scito vero, cum inventum fuerit simile cadaver, quod

40 Longa citação em grego, omitida; resumo-me a verter a tradução latina de Allatius para esse e outros trechos que tais.

est opus Diaboli ut diximus, advocentur sacerdotes, & deprecentur Virginem, & fiet parva aquae benedictio : tum dicatur Missa, exalteturque Panagia ad omnium auxilium ; & fiant commemorationes mortuorum cum Collybis. Postmodum super illud cadaver legito magni Basilii exorcismos, & duos Baptismi : tum demum aqua illa benedicta, cui parva benedictione benedictum est, asperge universum populum, qui aderit: quod supererit aquae, super cadaver infundito; &, gratia Dei, ab eo cadavere Daemonium fugiet.»

XIII. In quibus sane multa consideranda sunt. Quamvis enim verum sit, defunctum numquam fieri Bulcolacam, spectrum nempe illud, ex corpore defuncti & Daemone compositum, attamen negari non potest, saepissime mortuorum animas in loca sibi exosa, ubi tamen nefarie vivendo Deum contempserant, veluti in carcerem, ad sustinenda praescripta sibi à Deo tormenta, conjici: & saepius etiam in corporibus propriis poenas exsolvunt. Quare non erit absonum, Deo ita permittente, animas similium hominum in propria corpora compelli, quae divina vis in illa foeditate conservet, ut, primum, ipsae in illis puniantur ; tum demum irae divinae ministrae in alios quoque saeviant. Neque corpus, quod conspiciunt homines, & igne absumunt, imaginatione, seu secundum phantasiam, ut verbis Auctoris utar, videre dicendi sunt, cum demortui corpus verum vere intueantur, illudque igni cremandum supponant ; neque, qui ita credit, supplicio aut poena dignus judicatur, ut perperam autumat scriptor. Sic quoque Daemon potest sibi corpus ex materia, quae placuerit, in similitudinem cujuscumque conformare, adeo ut, qui phasma viderit, vel juratus etiam contendet, veram oblatis sibi hominis imaginem se aspexisse ; cum tamen, quod viderit, nihil sit, quod reapse consistat, sed à Daemone tantum confictum. potest etiam minore labore corpus demortui arripere, &, in illud penetrando, hac atque illac veluti proprium deferre, agereque ea per corpus illud, quae corpus agere posset, si viveret, quamvis non ea, quae vitalia dicunt. [...]

XII. Se você ouvir falar de um *Burculaca* – uns o chamam de *Bulcolacca*; outros, de *Buthrolaca* –, eis algo que parece dever ser referido; pois certamente não se pode pensar em algo mais abominável e pernicioso ao gênero humano. O nome dado vem da imundície. **Bourka*⁴¹ quer dizer limo, não qualquer um, mas aquele já em decomposição e macerado na água que exala, com o perdão da expressão, um péssimo fedor. E **Lákkos* é a fossa, ou seja, a cavidade onde se produz tal limo.

Com efeito, ele é o cadáver de um homem péssimo e criminoso e, muitas vezes, ainda excomungado pelo seu sacerdote, que não se dissolve e passa ao pó como os corpos dos demais mortos, mas, como se preservado em virtude de sua pele firmíssima, se intumescce e incha em todas as suas partes, a tal ponto que mal se pode flexioná-lo onde quer que seja; ao contrário, sua pele encontra-se tão esticada como [a de] um tambor [*tympanum*], de modo que se for percutida ela ressoa tal como um tambor, motivo pelo qual [tal cadáver] é chamado **tympaniáios*. O Demônio penetra no corpo que apresenta essa deformidade e causa

41 Asteriscos indicam palavras e expressões originalmente grafadas em grego.

infortúnios aos pobres mortais. De fato, com frequência, escondido dentro daquele cadáver saído do túmulo e circulando pela cidade e por outros lugares habitados, principalmente à noite, ele se dirige para junto da casa que bem escolher e, batendo à porta, chama em voz alta um dos moradores da casa. Este, se responder, está fadado: é certo que no dia seguinte vai ao encontro da morte. Se não responder, está salvo.

Daí que nenhum habitante daquela ilha [de Khios] jamais responda da primeira vez se for chamado por alguém à noite: pois, se for chamado uma segunda vez, então quem o busca não é um *Burcolacca*, mas alguém diferente. Sustentam que tal peste é tão funesta aos mortais que, mesmo durante o dia, ao meio-dia até, não somente dentro das casas, mas no campo, nas ruas centrais e pelas sebes das vinhas, vai em direção aos passantes e só pela visão dá cabo deles; ele não mata somente pelas palavras e pelo toque. O espectro distingue aqueles homens que, tendo-o visto, lhe dirigem a palavra; quem falou, morre. Por isso, os habitantes, quando vêem homens morrerem em grande número sem que tenham sido assolados por doença alguma, suspeitando do que se trate, abrem os túmulos em que recentemente foi sepultado um defunto; por vezes logo em seguida, por vezes mesmo passado certo tempo, encontram o cadáver ainda não corrompido e inchado; extraído ele do sepulcro e feitas as preces pelo sacerdote, atiram-no a uma pira ardente; e, antes mesmo que termine a cerimônia, as juntas do cadáver vão aos poucos se consumindo e, cremados, os restos mortais são reduzidos a cinzas. Já outros opinam tratar-se do Demônio que teria assumido a figura de um homem morto e, com ela, eliminaria aqueles homens que ele bem entender. Não somente os antigos⁴² (pois tal opinião⁴³ não é nova na Grécia, não é de hoje), mas também os mais recentes homens pios, que são cristãos de confissão, se esforçaram para extirpar essa opinião do imaginário popular.⁴⁴ O *nomokánon* de um autor incerto reconhece haver transcrito ele próprio a partir do Jejuador:

«Sobre o homem morto que, se encontrado intacto, é designado Bulcólaca; se aquilo que se relata a seu respeito é verdadeiro, e como se deveria tratá-lo; de acordo com o Jejuador. Não é que o morto se torne um Burcolaca; mas o Diabo, querendo iludir alguns para que perpetrem desvios, de modo que incorram na ira de Deus, produz tais indícios,⁴⁵ e muitas vezes, durante a noite, planta na imaginação de alguns homens que aquele morto vem a ter com eles, o qual, anteriormente, era um seu conhecido, um conviva. E, enquanto sonham, vêem uns espectros; outras vezes, avistam-no pelas ruas, andando ou parado; e isso não é tudo, mas ainda asfixia os homens. Ó ignorância dos pobres homens! Quem, estando morto, passeia por aí e mata os

42 *Veteres* – “os velhos”: entendo-os como homens de épocas passadas, e não como uma referência inequívoca à Antiguidade clássica.

43 *Opinio* – defensavelmente, também “crendice”, crença sem base e condenável.

44 *Ex animis populi* – mais literalmente, “do espírito do povo”, entendido como sede do pensamento.

45 Na tradução proposta, o termo latino *signa* (“sinais”, “signos”) foi contemporizado com o grego τὰ σημεῖα do original citado.

vivos? Longe disso. Ainda assim, os homens ficam perturbados, acorrem ao túmulo e escavam para examinar o tal cadáver. E, estando destituídos da fé pura, o Diabo se transforma e assume, como uma vestimenta, o cadáver daquele morto; e o tal morto, que jazia havia tanto tempo no túmulo, aparece a eles possuindo carne, sangue, unhas e pêlos; tendo-o examinado, esses pobres homens são levados, na imaginação, ao mal: empilham madeira, ateam fogo, queimam aquele corpo e o destroem por completo. Não vêem, os insensatos, que se prepara para eles, no terrível segundo advento de nosso Senhor Jesus Cristo, a punição naquele fogo eterno e inextinguível, para que ardam por toda a eternidade; agora eles queimaram e aniquilaram tal cadáver, mas no tempo futuro, decerto no dia do juízo, prestarão contas de tudo isso perante o terrível juiz e ouvirão dele a condenação: que sejam relegados ao fogo e castigados para sempre. Se tiverem feito penitência de todo coração por esse crime horrendo que executaram: se forem Laicos, ficarão seis anos sem comunhão; se forem sacerdotes, serão privados de qualquer sacerdócio. Saibam, com efeito: quando for encontrado um cadáver desses (que é, como dissemos, obra do Diabo), que se chamem os sacerdotes, orem à Virgem e se fará uma pequena bênção de água [benta]; então, que se diga a Missa, que se exalte a Panagia⁴⁶ para auxílio de todos; e que se façam homenagens aos mortos com moedas [Cóllybis]. Em seguida, que se leiam sobre o cadáver os exorcismos do grande Basílio e dois batismos; enfim, tomando-se da água benzida por meio de uma pequena bênção, deve-se aspergi-la sobre todas as pessoas que estiverem presentes; o que tiver sobrado da água, derrame-se sobre o cadáver; e, pela graça de Deus, o Demônio se afastará daquele cadáver.»

XIII. Há decerto muito a se ponderar a esse respeito. Porquanto seja verdade que o defunto nunca se torna um Bulcólaca – aquele espectro decerto é composto do corpo do defunto com o Demônio –, todavia não se pode negar que muito freqüentemente as almas dos mortos que vivendo abominavelmente desprezaram a Deus são jogadas em lugares odiosos para elas, como numa prisão, para suportar as torturas a elas impostas por Deus; e, ainda mais freqüentemente, elas cumprem as penas em seus próprios corpos.

Não será portanto descabido, se Deus assim permitir, que as almas de tais homens sejam forçadas a permanecer nos próprios corpos, os quais a força divina conserva naquela imundice para que, em primeiro lugar, neles sejam punidas e, enfim, para que a ira dos ministros de Deus arda dentro de cada um deles. Tampouco se deve dizer que o corpo – que os homens examinam e destroem pelo fogo – seja visto em imaginação, ou em fantasia, para usar as palavras do Autor, já que eles enxergam verdadeiramente o corpo de verdade do morto e [daí] suponham que ele deva ser cremado pelo fogo; tampouco julga-se merecedor de suplício ou castigo quem assim crê, como afirma erroneamente o escritor.

46 *Panagia* (“a toda-santa”) – epíteto ortodoxo de Maria; alternativamente, ícones ou ritos a ela relacionados.

Assim também o Demônio pode formar para si um corpo à semelhança de qualquer um a partir da matéria que lhe aprouver, de modo que quem tiver visto o fantasma sustentará, mesmo sob juramento, ter divisado a verdadeira imagem do homem que se lhe apresentou; ainda que aquilo que ele tenha visto não seja nada que exista efetivamente, mas apenas algo fabricado pelo Demônio. Este pode ainda com menor esforço apropriar-se do corpo de um defunto e, penetrando nele, levá-lo de um lado para o outro, como [se fosse] o seu próprio e exercer, por meio daquele corpo, aquilo que o corpo poderia fazer se estivesse vivo, mas não o que chamam de funções vitais [*vitalia*] [...]⁴⁷

{No mesmo capítulo **XIII**, o autor testemunha a reação da comunidade a um morto inflado}

[...] *ipse puer, cum Grammatices tyrocinii Chii, apud Michaëlem Neuridam, lectissimis moribus adolescentem, dabam operam, in templo S. Antonii, prope portam, qua in viridarium itur, à laeva cum exis, sub ipsis gradibus quibus ascenditur, sepulchrum, quod diutissime clausum fuerat, adaper-tum fuit, ut novo, si bene recorder, ditaretur cadavere. Supra alia mortuorum ossa jacebat cadaver, omnibus suis partibus absolutum, statura grandiore atque enormiore, nullis amictum vestibus, quas tempus vel humor consumpserat, pelle distenta, subnigra, dura, sicque per omnes sui partes tumida, ut corpus non complanaret, sed veluti sacculum rotundaret ; facies pilo nigro crispoque circumvestita ; rari in capite pili, quemadmodum & per reliquum corpus, quod glabrum ubique circumspiciebatur ; brachia, ad modum crucis, tumore illo extensa, manusque adapertae, oculi palpebris clausi, os hians, dentes candidi. Id ubi viderunt scholae socii, timere, fugere, admirari, currere, referre quidquid viderent : nolle amplius videre. Postea aliorum hominum commercio audaciores effecti, jam in ora sepulchri consistere, hasta lignea pertentare, dimovere conari, aliaque ludere, quibus sibi pueri sapiunt ; demum etiam lapides projicere ; quos ubi videbant non adfegi tamquam ad molle, sed tamquam à solido, non sine strepitu, reperi, sphaeras quoque lusorias demittunt: illae recta projectae resiliunt, & ad manus demittentium reveniunt ; pulsu validiore demittuntur, & ipsae supra puerorum capita saltant. hisce timore abjecto, ad majores machinas devenitur ; & trabes praegrandes, quae ad sedendum in viridario jacebant, allatae, per os sepulchri acuminatim in ventrem demortui dejiciuntur: non rumpunt cutem, sed, quasi à tympano percussae, foras exiliunt ; & nisi sibi cavissent, qui projecerant, molis illius casu succubuissent. Concurrunt alii undique ex vicinia, ex urbe fere tota, quia rem jam fama vulgaverat ; & praestantibus viribus adolescentes ab ore sepulchri se praecipitant, pulsatoque pedibus ventre, extra sepulchrum propellebantur. Erat fere quindecim palmorum altitudo ; & res sane miseranda, & horrida, nihil agentibus hominibus, ludus fit ; quandoquidem toto corpore, instar pilae super cadaver projecti, foras impetu sumpto ab eodem cadavere trudebantur. Multi, inconsiderate se projicientes, dum non*

47 Allatius 1645 : 142-146.

recto ictu repelluntur, in saxeam sepulchri labrum, vel fornicem, adacti, caput alliserunt, & intra sepulchrum alibi displosi, quasi exanimes jacuerunt. Non plura hic referam : post tres dies, illius ecclesiae curatores, ut Bacchanal de Ecclesia tollerent, sepulchrum clausuerunt. [...]

[...] Quando eu mesmo era garoto e me dedicava a estudar a língua [Grammatices] em Khios junto a Michäel Neurida, ganhando maturidade pelos mais excelentes modos, na igreja de Santo Antônio, próximo à porta que dá para o jardim, do lado esquerdo de quem sai, debaixo de uma escada pela qual se sobe [ao andar de cima], um sepulcro que estivera por muito tempo fechado foi aberto, se bem me recordo, para que recebesse um novo cadáver. Sobre os ossos de outros mortos, jazia um cadáver íntegro em todas as suas partes, da maior estatura e mesmo enorme, sem que o recobrissem quaisquer vestimentas, as quais o tempo ou um humor haviam consumido, e sua pele estava distendida, escurecida, dura e de tal modo inchada em todas as suas partes, de maneira que o corpo não se apresentava aplainado, mas arredondado como uma bolsa; a face estava recoberta por um pêlo negro e crespo; na cabeça havia uns poucos cabelos, e assim também pelo restante do corpo, que se apresentava inteiramente glabro; os braços em cruz, estendidos por esse inchaço, as mãos descerradas, os olhos com as pálpebras fechadas, a boca aberta, os dentes brancos. Assim que os colegas de estudo o viram, espantaram-se, fugiram, maravilharam-se, correram, reportaram o observado: não queriam ver mais. Depois, tornados mais audazes pela conversa com outros homens, já se postaram junto da borda do sepulcro e, remexendo-o com uma vara de madeira, esforçaram-se para abrir e brincar [com ele] de outras maneiras, como gostam de fazer os garotos; por fim até arremessaram pedras; quando as viram não quedarem paradas como sobre algo mole, mas serem rebatidas como por algo duro, não sem ruído, jogaram também bolas de brincadeira: aquelas arremessadas em linha reta ricocheteavam e voltavam para as mãos daqueles que as haviam jogado; jogadas com mais força, saltaram por cima das cabeças dos garotos. Vencido o seu medo, chega-se a maiores maquinações; buscaram traves enormes, as quais serviam para sentar-se no jardim; lançadas pela ponta, da borda do sepulcro, para baixo, no ventre do morto, estas não rompiam [sua] pele, mas saltavam para fora como se houvessem sido rebatidas por um tambor; e, se não tomassem cuidado, aqueles que as haviam jogado seriam derrubados por aquela massa que caía. De toda parte na vizinhança, de quase toda a cidade, acorriam outros, porque a notícia da coisa já se espalhara; os maiores se jogavam com notável força da borda do sepulcro e, batendo com os pés sobre o ventre [do morto], eram propelidos para fora do túmulo. Tinha quase quinze palmos de altura; e, como ninguém tomasse medidas, de uma coisa tão deplorável e abominável fez-se uma brincadeira, visto que [se lançando] sobre o cadáver com todo o corpo, como uma bola, eram arremessados para fora pelo impulso tomado ao mesmo cadáver. Muitos, arremessando-se desatentamente, ao não serem lançados de volta reto pelo impacto, bateram a

cabeça contra a borda ou o arco de pedra do sepulcro e, caídos em outro lugar dentro do sepulcro, lá jazeram quase sem sentidos. Não direi mais aqui; para pôr fim àquela bacanal na Igreja, depois de três dias, os responsáveis por aquela igreja fecharam o sepulcro.

cap. V. {Doente, o autor vê belas mulheres roubando-lhe o amuleto curativo}

V. [...] *Annos septem non excesseram, quum gravi morbo oppressus decubui. aegritudine accrescente, & frustra laborantibus medicis, post non multos dies viribus succumbentibus, sine ullo motu ac sensu exanimis pene jacebam. Tertius dies aderat, quo nec cibum sumpseram, nec quicquam locutus fueram ; & me vivum, non nisi ex respiratione, candela accensa admotaque ori, parentes deprehendebant. Mater aegre ferens, me tam misero diuturnoque morbo intabescere, illo eodem die ad aedem, Virgini Lauretanae sacram, quae Chii est in maxima veneratione, advolat, & myrteo ramulo, Virginis imaginem contrectans, post sacrum auditum, plus citius redit. dempto folio, faciem omnem & pectus tangit. Rem miram! sensum, quem nullum prius habueram, recuperavi, oculos aperui, vidi, agnovi m[a]trem circa me laborantem, & sanitatem mihi à Virgine restituendam persensi. Verum, dum effari aliquid conor, vox suffocata in interiora redit. Prosequor tamen oculis matrem ; quae reliquum myrti in armariolo adverso, in quo sacrae imagines eaeque vetustissimae tabulis depictae erant, reponit : fingoque oculos sollicitus, ne quis medicinam surripiat. Praeterlapsa dies est ; lampades imaginibus accenduntur, quibus clarius video, contemplorque. Non multum noctis processerat, cum ex angulo domus progredientes duas mulieres aspicio, aspectu pulcherrimas, candidissimis vestibus, floribus caput pectusque constipatas ; & ex ramulo myrteo folium unaquaeque decerpunt : non diu post & binae aliae, eodem ornatu, bina folia demunt, & sic continuato ordine aliae atque aliae. dolebam, surreptum mihi remedium ; nec poteram voce edita dolorem significare. Post eas ecce alia, cunctis procerior, ornatio, formosior, quasi domina inter alias gestiens, non contenta folio, ramulum totum accepit ; & dum abit, ipse moerore percitus, quod tanto privarer bono, quantum poteram voce contendo, inclamoque, *kырátza, kырátza, Domima, Domina ; sic pueri mammas vocant. Mater, mei causa vigilans, ubi vocem exaudivit, repente lecto prolapsa, ad me cucurrit. Quid est, inquit, fili ? quid est ? Ipse clamo: Viden [sic] mulierem illam, quae myrtum meam totam, non contenta folio, surripuit ? Illa statim accurrit, ubi posuerat myrtum; disquirit. videns omnia salva, infit ad me : Bono esto animo, fili ; myrtum nemo abstulit, integra adhuc híc est. Integra ? respondeo, quae jam surrepta à muliere longe est. Ac híc est, fili, inquit illa. Non credo; non est; ludis me. Illa, circumspecta alias mulier, & ingenio solers, ramum nolebat tangere : ut mihi tamen satisfaceret, turbanti omnia ; accepit. Et statim, quae apertis oculis intuebar, omnia evanuerunt. Progressa ad me. Quid ais, fili? dicit; en ramulus. Et, accepto folio, tetigit caput & pectus. Interrogat, si quid mihi opus sit. Respondeo, cibum me velle. affert. edo, bibo. Tum demum quaerit, si quid mihi ultra volupe in animo sit. Nihil, inquam ; quiescendum est. Quiesce, ait; & abit. Quievi. Summo mane surgens, vestibus me induo, bene valens [...]*

[...] Não passava dos sete anos quando caí acometido por uma grave doença. O mal crescendo e os médicos trabalhando em vão, após poucos dias, [minhas] forças sucumbindo, eu jazia sem qualquer movimento ou sentido, quase inanimado. Já chegava o terceiro dia sem que eu tivesse ingerido comida ou falado o quer que fosse, e os meus pais não depreendiam que eu estava vivo senão pela respiração, com uma vela acesa levada junto à boca. Minha mãe, suportando com pesar que eu definhasse por uma doença tão persistente e desgraçada, acorre naquele mesmo dia à capela consagrada à Virgem Lauretana, que é a mais venerada em Khios, e, depois de ouvida a cerimônia, volta o mais rapidamente trazendo um raminho de mirto, tendo [com ele] tangido a imagem da Virgem. Arrancada uma folha, toca toda a [minha] face e o [meu] peito. Coisa admirável! Recobrei os sentidos, que perdera por completo, abri os olhos, vi, reconheci minha mãe ocupando-se de mim e percebi que a saúde seria restituída a mim pela Virgem. Porém, quando tento falar algo, minha voz, sufocada, volta para dentro. Ainda assim, sigo a mãe com olhos, ela repõe o restante do mirto no pequeno armário defronte, no qual havia imagens sagradas e aquelas mais velhas pintadas em painéis. E, atento, fixo os olhos para que ninguém roube o remédio. O dia vai terminando, as lâmpadas são acesas junto às imagens, com elas vejo mais claramente, e presto atenção. Não transcorreu muito da noite, quando noto duas mulheres avançarem de um canto da casa, lindíssimas na aparência, de vestes branquíssimas, com a cabeça e o seio cobertos de flores; e cada uma retira uma folha do raminho de mirto; não muito depois, outras duas, com o mesmo traje, arrancam duas folhas e outras e mais outras, procedendo em ordem contínua desse modo. Aflijo-me ao me roubarem o remédio, mas não conseguia comunicar minha aflição em voz alta. Depois delas, eis uma outra, mais alta, ornada e formosa do que todas, exaltada como se fosse a principal dentre elas; não contente com uma folha, toma o raminho inteiro. Enquanto isso, eu, levado à tristeza por ter sido privado de tamanho bem, com a voz luto o quanto podia e exclamo: **Kyrátza, kyrátza: Senhora, senhora* – assim os meninos chamam às mães. Quando ouviu a voz, a mãe, que estava acordada por minha causa, saindo subitamente da cama, corre para junto de mim. Diz: “O que é, filho? O que é?”. Eu grito: “Vês aquela mulher que, não contente com a folha, rouba meu mirto inteiro?”. Ela imediatamente vai até onde havia colocado o mirto; verifica. Vendo que tudo está intacto, começa a dizer-me: “Fica tranquilo, filho, ninguém pegou o mirto: ainda está todo aqui.” “Todo?”, respondo, “ele já foi roubado pela mulher há tempo!”. “Mas aqui está, filho”, diz ela. “Não creio – não pode ser: estás a enganar-me.” Sendo, com efeito, uma mulher circunspecta e destra de engenho, ela não queria tocar no ramo, porém, para satisfazer a mim, que pertubava tudo, tomou[-o]: E no mesmo instante, tudo aquilo que eu via atentamente com os olhos abertos desapareceu. Veio até mim. “O que dizes, filho”, ela pergunta, “aqui está o raminho.” E, tomando uma folha, tocou[-me] a cabeça e o peito.

Pergunta se preciso de algo. Respondo que quero comida. Ela me serve. Eu como e bebo. Ela então pergunta se desejo algo mais. “Nada”, digo, “preciso descansar.” “Descansa”, [diz ela] e se vai. Descansei. Enfim, ao amanhecer, coloco as roupas, sentindo-me bem [...]

b) François Richard

Relation de ce qui s'est passé en l'isle de Sant-Erini, 1657.

Chapitre XV. Des faux resuscitez, que les Grecs appellent βρουκολάκοις.

Saint Paul a raison de donner au demon le nom de malice, non seulement parce qu'il y est confirmé, mais encore parce qu'il en imprime par tout les marques & les effets. On sçait assez en France ce que ce malin esprit opere par le moyen des sorciers & des magiciens pendant leur vie: mais on n'ignore pas en ces quartiers ce qu'il produit encore par le moyen des corps morts de ceux dont il possède les ames. Chose estrange ! Il anime ces corps morts, il les conserve long-temps dans leur entier, il paroist avec leur visage, il court quelquefois les ruës, & d'autres foi les campagnes ; il entre dans les logis, à un il donne la peur, à d'autres il enleve la parole, & à quelques autres la vie ; il frappe les uns, il endommage les autres, & laisse l'espouvante par tout. D'où vient que quand quelqu'un de ces faux resuscitez paroist en quelque endroit, les voisins s'assemblent dans un logis pour passer la nuit avec un peu plus d'assurance.

Je me persuadois au commencement que tout se passoit comme en France, & que c'estoient des ames de quelques trespassez, qui revenoient pour demander du secours, afin de sortir plustost des peines du Purgatoire. Mais comment seroient-elles de ce nombre ? veu que ceux qui paroissent en telle figure, sont d'ordinaire de tres-meschante vie. Le Purgatoire n'est pas pour ceux qui ne le croient pas, & les ames qui sortent du Purgatoire ne viennent jamais aux excez que ceux-cy commettent ; comme de frapper, endomager, tuer, & le reste.

Il faut donc dire que ce ne sont pas les ames, mais les demons qui animent ces corps, & qui les conservent en leur entier: de mesme façon que le diable appelé Baltazo animoit le corps d'un pendu à la plaine d'Arlon, à la sollicitation d'un sorcier, duquel il est parlé dans l'histoire de la possedée de Laon. Ce qui m'oblige d'estre de ce sentiment, c'est que quand les Grecs sont trop molestez de ces lutins, leus Prestres prennent permission de l'Evesque, & s'assemblent le jour du Samedy (dautant qu'ils croient qu'un autre jour ils ne trouveroient pas au tombeau le corps qui sert de retraite au demon.) C'est là qu'ils font quelques prieres, & deterrent le corps de celui que l'on croit estre βρουκολάκας. Et quand ils le trouvent entier, frais & plein de sang, ils tiennent pour assuré qu'il seroit d'instrument au demon. C'est pourquoy ils le conjurent à force d'exorcismes de quitter ce corps, & ne cessent de le faire jusques à ce que le demon se soit retiré, & qu'en se retirant ce corps vienne à se dissoudre, à perdre peu à peu sa couleur & son embonpoint, & à demeurer pesant, puant & hideux.

Comme il arriva icy il y a quelques années au corps de la fille d'un Prestre Grec nommée Caliste, lequel estant trouvé entier fut exorcizé par un Preste Grec, qui passe pour orthodoxe, & en presence de tous commença à perdre son embonpoint, & à devenir si puant, que personne ne pouvant durer à l'Église on l'enterra derechef, & elle ne parut plus comme auparavant.

Plusiers fois les Prestes Grecs n'avançans rien par leurs exorcismes, ou à cause de leur peu de foy, ou à cause de l'obstination du demon, qui ne veut point quitter prise ; ils arrachent le cœur du defunct, & après l'avoir haché en pieces, ils bruslent entierement le corps, comme l'on fait ordinairement en France ceux qui sont convaincus d'estre sorciers, & sont condamnez comme tels par la justice.

Un peu auparavant que j'arrivasse à Stampalia, on avoit bruslé pour ce sujet cinq corps, dont trois estoient d'hommes mariez, le quatrième d'un moine Grec, & le cinquième d'une jeune fille. On en avoit autant fait en l'Isle de Nio, où la femme de l'un de ces defuncts s'estant venuë confesser à moy, m'assura d'avoir veu le corps de son mary tout entier, après cinquante jours de sepulture, quoy qu'on l'eût changé de tombeau, & qu'on eust fait sur luy toutes les ceremonies ordinaires : mais comme on reconnut qu'il recommençoit à tourmenter le monde, jusques à tuër quatre ou cinq personnes, on le déterra pour la seconde fois, & le brusla-t'on publiquement. Il n'ya que deux ans, que pour la mesme raison on brusla deux autres corps en l'Isle de Sifanto ; & rarement se passe-t'il une année qu'on ne parle avec espouvante de ces faux resuscitez.

Ce qui causa à Sant-Erini beaucoup d'estonnement, fut la grande familiarité qu'un de ces βρουκολάκας monstra à sa femme vivante. Il se nommoit Alexandre, qui de son vivant demouroit au chasteau de Pyrgo, & estoit cordonnier de son mestier. Après sa mort il apparoissoit à sa femme comme s'il eust esté encore en vie : il venoit travailler en sa maison, il raccommoitoit les souliers de ses enfans, il alloit puiser de l'eau à la cisterne, & souvent on le voyoit dans les vallons couper du bois pour l'entretien de sa famille : mais après avoir passé quelque temps en cet exercice, le peuple en restant espouventé, on déterra son corps, on le brusla, & avec la fumée du feu les forces du demon se dissipèrent. Ce qui donne à croire que Phegon [sic. Phlegon] affranchy de l'Empereur Adrian ne mentoit pas, quand il escrivit qu'une jeune fille nommée Philinion de Thessalie, après avoir esté mise au sepulchre, parut à Machates Macedonien, & demeura long-temps avec luy, jusques à ce qu'ayant esté descouverts le diable abandonna ce corps qu'il faisoit mouvoir, & on l'enterra pour la seconde fois, comme si elle fût encore trespassee.

J'ay appris d'une personne digne de foy, qu'en l'Isle d'Amourgo ces faux resuscitez prenoient bien tant d'assurance, que non seulement ils couroient la nuict ; mais mesme on les trouvoit quelquefois en plein jour en nombre de cinq ou six dans un champ, faisans semblant qu'ils se repaissoient de febues cruës. Ce qu'entendant raconter, j'ay désiré souvent que quelq'un de nos atheïstes de France, qui pour faire les esprits forts ne veulent rien croire, prist la peine de venir en ce païs, afin de croire, non plus à ses oreilles,

mais à ses yeux, & de voir aussi clair que le jour, combien lourdement ils se trompent, quand ils se persuadent, que l'homme mourant tout meurt avec luy. Voicy une autre preuve de cette verité.

L'Abbé du fameux Monastere d'Amourgo m'a raconté, qu'un marchand de l'Isle de Pathmos, nommée à present Patino, estant allé à la Natolie pour acheter quelques denrées, au lieu d'y trouver du gain comme il pensoit, y perdit la vie. Sa femme ayant appris sa mort dépescha une barque esprés pour apporter son corps au lieu de sa naissance, afin de luy rendre les devoirs ordinaires aus Chrestiens trespassez. On avoit mis ce corps dans un grand coffre, qui estant transporté dans la barque, donna occasion à un des mariniers de s'asseoir dessus : ce qu'ayant fait par mégarde, il sentit que ce corps remuoit, il le dit à ses compagnons qui furent d'avis de décloüer ce coffre, afin de voir en quel estat se trouvoit ce mort. Chose merveilleuse ! ils le trouverent sans corruption, tout de mesme que s'il y eust esté encore en vie. Je vous laisse à penser en quelle espouvante ils resterent, & quel regret ils avoient de s'estre chargez d'un tel dépost neantmois l'obligation qu'ils avoient prise de le rendre à la vefve, les contraignit de resserer ce coffre. Ils ne furent pas plustost arrivez au port, qu'ils le consignerent entre ses mains, sans rien dire de ce qui s'estoit passé. Cette vefve mit incontinent ordre qu'il fust enterré solennement dans l'Eglise selon sa condition : mais en peu de temps le mort fit paroistre qui il estoit: car il commença à donner tant d'espouvante, qu'entrant de nuict dans les maisons, criant, hurlant & frappant, il y eust plus de quinze personnes, qui soit d'effroy, soit de coups, moururent en peu de jours. Les Prestres & Moines du lieu s'efforcerent de tout leur pouvoir d'arrester le cours d'une si funeste tragedie ; mais en vain : car après tous leurs exorcismes & leurs prieres, ils conclurent qu'il falloit rapporter ce corps au lieu d'où on l'avoit enleué. Ce qui ne se fit pas, pource que les mariniers le deschargerent à premiere Isle deserte ; & au lieu de sepulcre luy desserent un buscher. Après qu'il fut reduit en cendres, l'apprehension & les troubles cesserent, & les force[s] du demon parurent dissipées, puis que ce mort ne parut plus.

Cét Abbé me vouloit faire croire, que cez possessions de demons estoient une vraye marque de la bonté de leur religion ; parce que, disoit-il, nous ne voyons pas qu'aucun Turc ou Latin souffre après sa mort tel changement. C'est bien le contraire qu'il faudroit inferer, luy respondis-je, puis que les possessions des demons sont une bien plus évidente marque de la damnation des Grecs, que de l'assurance de leur salut. Et purce qu'il disoit qu'aucun Turc, ny Latin ne paroissoit βρουκολάκας après sa mort, que cela n'estoit pas vray ; que l'histoire des Arabes monstroient bien le contraire, qu'il ne falloit que lire le 23. chapitre de cette histoire, pour apprendre combien souvent ils apparoissoient dans ces grands deserts de l'Arabie : & sans rechercher plus loin, qu'il devoit se resouvenir de ce qui s'estoit passé à Sant-Erini en la personne de Mamouti, qui de Clerc Latin s'estoit fait Turc, & à la raison de ses iniquitez enormes & horribles avoit esté pendu, à la requeste de tout le peuple, à l'antenne d'un

moulin. Et neantmoins quoy qu'il fust Turc, il ne cessa de tourmenter les vivans après sa mort, jusques à ce qu'on eust bruslé son corps. Il est vray que de memoire d'homme aucun de nos Francs qui soit mort dans la creance & la foy de l'Eglise Romaine, n'estoit devenu βουρκολάκας, ny avoit paru après sa mort estre l'instrument d'un demon à la façon des Grecs, de quoy nous remercions la divine Bonté : que plusieurs attribuoient cette grace à la bonté de nos saintes huiles desquelles le corps est oint, d'autres à la vertu de nostre eau beniste, & quelques-uns à la sainteté de nos cemetieres. S'il est vray, ou non, j'en laisse le jugement à ceux qui sont capables de juger de la verité.

Seulement diray-je, qu'un des principaux Grecs dans l'apprehension qu'il a de paroistre en tel équipage après sa mort, veut estre enterré en nostre Eglise, se persuadant que la presence du saint Sacrement, & la sainteté du lieu divertira les demons de s'approcher de son corps. Et en effet, estant tombé malade l'an 1652. il ordonna dans son testament qu'on eust à l'enterrer chez nous : mais il plût à Dieu de luy rendre la santé, après qu'il eut fait sa confession generale au P. François Rossiers, & adressé ses vœux à saint Joseph, selon l'advis que nous luy en avions donné. Je prie Dieu de luy faire la faveur de mourir en sa grace, afin d'estre asseurément hors des prises de tous les demons.

Ce qui donna à cet honneste homme beaucoup d'aprehension, fut le retour de son cousin Ianneti Anapliotis, qui après sa mort couroit les ruës, & jettoit l'espouvante par tout. Ce Ianetti passoit pour le plus grand usurier de l'Isle, & quoy qu'un an avant sa mort il plût à la divine Bonté de luy toucher le cœur, & de l'inspirer de faire une confession generale à un de nos Peres, qui luy donna les meilleurs advis qu'il pût pour le salut de son ame : il fit en suite quantité d'aumosnes & de restitutions ; & devant que de tomber malade il donna charge à son Confesseur de faire sçavoir à tous, que si quelques-uns se sentoient avoir esté interessez de luy, ou qu'il eust usurpé injustement leur bien, il les priot de le luy faire sçavoir ; dautant qu'il avoit la volonté de leur satisfaire. De plus, il laissa ordre à sa femme, que si après sa mort il s'en presentoit, elle eust à les dedommager. Mais heureux celui qui ne remet pas sur autrui l'affaire de son salut. Cette femme après la mort de son mary fit quantités d'aumosnes à qui elle vouloit, non à qui elle devoit ; encore qu'elle en fust recherchée par de pauvres gens qui se sentoient for interessees : d'où arriva que la nuicte après un injuste refus qu'elle fit, son mary, qui depuis six semaines estoit decédé, par permission de Dieu commença à courir les ruës, & à travailler particulièrement les maisons de tous ses parens & alliez ; mais beaucoup plus en vouloit-il à sa femme. Cét homme estant de consideration, on n'osoit pas au commencement publier son nom : & quoy qu'il invitast tous les matins les Prestres Grecs à se lever pour aller chanter leurs Matines ; quoy qu'il tirast en bas les couvertures de ceux qui estoient couchez ; quoy qu'il ébranlast les lits de ceux qui dormoient, & qu'il fist beaucoup d'autres insolences, jusques à épancher le vin des tonneaux qui estoient en son magasin, si est-ce qu'il se passa plus d'un mois dans ces frayeurs, sans qu'on osast le publier. Jusques à ce qu'une pauvre femme

cueillant des herbes en plein jour, fut tellement effrayée de son regard, qu'elle en perdit pour trois jours la parole : & une autre reconnoissant qu'il ébranloit son lict avec violence, en avorta d'apprehension. Car pour lors on fut contraint de le publier, & d'obliger la veufve à y mettre ordre.

Le Chancelier de l'Isle qui estoit son beau frere me vint trouver, pour apprendre de moy ce qu'on pourroit faire pour le repos de ce defunct. Je luy dis que jamais il n'en auroit, que sa femme n'eust satisfait à ceux qui se sentoient endommagés. Cette pillule estoit trop amere au goust de la veufve : c'est pourquoy elle rechercha d'autres remedes auprès de ceux qui ne luy en pouvoient donner. Les Prestres Grecs à qui elle s'adressa, s'imaginèrent qu'il en alloit de mesme de ce mort que des autres βρουκολάκοι, & pour cet effet le Samedy suivant ils tirerent secretement son corps hors du tombeau pour l'exorcizer, mais ils le trouverent bien different des autres : & après tous leurs exorcismes il ne continua pas moins de molester le peuple ; tellement que la veufve fut obligée à suivre mon advis, & à satisfaire à ceux qui comme interessez demandoient qu'on leur fist restitution. Après quoy pour s'asseurer davantage, elle fit tirer pour la seconde fois le corps de son mary, & l'exorcizer derechef. J'eus la curiosité de le voir, & pour ce sujet je me transportay avec nostre Frere Charles Longer dans l'Eglise où on l'exorcisoit. Ce corps estoit estendu sur le pavé couvert d'un meschant linge, qu'un Prestre Grec voulut lever pour me le faire voir à decouvert ; mais par malheur en tirant ce linge, il renversa leur μαργαρίτι, qui veut dire la boîte de bois dans laquelle ils conservent leurs Communion, laquelle ils avoient mise sur ce mort sans aucun respect ny lumiere. Je fus bien marry de ce desordre ; & après avoir fait ramasser les sacrées particules, & avoir fait remettre ce sacré dépost dans son lieu, je consideray attentivement ce corps qui estoit encore revesti de ses habits de caveau. Sa teste estoit toute noire & seche, sans que les yeux, ny le nés parussent ; il est croyable qu'elle panchoit dans le caveau, & qu'elle avoit receu plus d'humidité que les mains, lesquelles estoient toutes entieres, & de couleur de parchemin ; les entrailles estoient toutes consumées. Après avoir tout examiné, je dis au Maistre de cette ceremonie, qu'il ne me sembloit pas y avoir quelque chose d'extraordinaire dans ce corps, & qu'il ne paroissoit pas comme ceux des βρουκολάκοι, ce qu'il ne me pût nier ; mais un autre repliqua, qu'il suffisoit que son cœur soit entier pour estre le sejour du demon. J'eusse bien voulu qu'on esprouvast s'il estoit vray que le cœur de ce defunct estoit tel qu'ils s'imaginoient ; mais on ne le permit pas. C'est pourquoy nous nous retirames, & eux continuerent à l'exorciser jusques au soir, & puis le mirent en pieces à grans coups de bèches, & l'enterrerent dans un nouveau sepulcre.

Il est vray que ce defunct ne molesta plus personne ; mais j'estime que les restitutions faites curent plus d'efficace que les prieres & exorcismes de ces Prestres Grecs, qui ne sçavoient que dire ny penser de luy, non plus que la Reverende Mere Prieure du Convent des Religieuses de Saint Dominique, laquelle se plaignant à un de nos Peres de l'effroy que mettoit ce defunct dans son Monastere ; le Pere luy dit, qu'elle eust à

luy cracher au visage, en cas qu'il luy apparust, pour voir ce qu'il diroit : ce qu'elle fit. Car la nuit mesme il la vint trouver sur le point qu'elle commençoit à sommeiller, & prenant son Chapelet qu'elle tenoit pendu à son chevet, il le faisoit rouler sur le pavé de la chambre ; elle s'esveillant au bruit, executa avec autant de courage que de presence d'esprit ce qu'on luy avoit conseillé. Elle luy dit, [...] ⁴⁸ : Tu es donc venu maudit que tu es, pour nous molester ; & disant cela, luy cracha au visage. A quoy il repliqua [...] Ce sont les paroles de ton Docteur. Cette bonne Religieuse, tant pour s'affermir contre la peur, que pour assister les ames des Trespassez, se mit à invoquer l'assistance de Nostre-Dame & des Saints, dont elle recita les Litanies, pendant lesquelles cet esprit s'assit sur un petit coffre, & jettant de grands soupirs, ne cessa de se plaindre qu'elle n'eust achevé ses prieres. Car pour lors prenant les pantoufles de cette Prieure, il les porta au canal de la cisterne. Le lendemain elle raconta le tout à son Directeur, qui l'excita d'autant plus à prier pour le repos de cette ame, si elle estoit en voye de salut. Il assure aussi que le mesme soir il offrit à Dieu pour son repos, tout ce qu'il avoit pû gagner pendant le saint temps de l'Advent, & que la nuit comme il s'estoit couché, il sentit deux mains froides sur son estomac, qui l'esveillerent ; il en prit une, & voulut aussi le conjurer ; mais peut-estre que sa curiosité n'aggreçoit pas à Dieu. Il ne luy resta autre pensée dans l'esprit, sinon qu'elle estoit venue pour le remercier du petit offre qu'il luy avoit fait pour sa delivrance. Jamais on ne perd, donnant à une ame affligée. On gagne autant en luy donnant, que l'on ne perd en luy refusant l'aumosne. Ce que je dis, supposant que ce dernier, comme il ne ressembloit pas aux premiers, de qui nous avons parlé, pour le corps ; aussi différoit-il d'eux en merites.

Je sçait bien que ce discours des faux ressuscitez donnera bien à penser à plusieurs, & portera leur curiosité à rechercher quelque chose davantage. C'est pourquoy pour les prevenir, je leur diray qu'il y a d'autres corps morts aux Cemetiers des Grecs, qui après les quinze & seize ans, & quelquefois les vingt & trente ans sont trouvez enflés comme des balons ; & quand on les jette ou qu'on les roule par terre, ils résonnent comme des tambours ; aussi les appellent-ils ντουπί. Maintenant de vous dire comme cela se fait ou se peut faire, c'est ce que je n'entreprends pas icy ; seulement je puis assurer que la commune opinion des Grecs est, que telle enflure est la vraye marque de l'excommunication qu'ont encouru ceux à qui estoient ces corps ; & que les Prestres ou Evesques Grecs, toutes les fois qu'ils portent contre quelqu'un une excommunication, adjoustent tousjours cette malediction : [...] Et qu'après la mort ton corps ne puisse se dissoudre. Et pour ce sujet, le peuple qui voit souvent de ces corps sans estre dissous, tremble aussi bien quand un grand Patriarche. Peut-estre, direz-vous, qu'il y a de la magie, ainsi qu'en la retention d'urine, de laquelle nous avons parlé au Chapitre precedent ; c'est de quoy on doute : toutefois les Grecs sont d'un autre sentiment. [...] ⁴⁹

48 Omíto, da transcrição, as frases em grego que Richard em seguida traduz.

49 Richard 1657:208-225

c) Alberto Fortis

Viaggio in Dalmazia, 1774

I Morlacchi credono alle streghe, ai folletti agl'incantesimi, alle apparizioni notturne a' sortilegi così pervicacemente, come se ne avessero veduto l'effetto in pratica le mille volte. Credono anche verissima l'esistenza de' Vampiri; e loro attribuiscono, come in Transilvania, il succhiamento del sangue de' fanciulli. Allor che muore un uomo sospetto di poter divenire Vampiro, o Vukodlak, com'essi dicono, usano di tagliargli i gartti, e pungerlo tutto colle spille, pretendendo che dopo queste due operazioni egli non possa più andar girando. Accade talvolta, che prima di morire qualche Morlacco preghi gli Eredi suoi, e gli obblighi a trattarlo come Vampiro, prima che sia posto in sepoltura il suo cadavere, prevedendo di dover avere gran sete di sangue fanciullesco.

Il più audace Haiduco fuggirebbe a tutte gambe dall'apparizione di qualche spettro, anima, fantasima, o altra sì fatta versiera, cui non mancano mai di vedere le fantasie bollenti degli uomini creduli, e prevenuti. Essi non si vergognano di questo terrore; e rispondono a un di presso col detto di Pindaro: "la paura, che viene dagli spiriti, fa fuggire anche i figliuoli degli Dei". Le Donne Morlacche sono, com'è ben naturale, cento volte più paurose, e visionarie de' maschi, e alcune di esse a forza di sentirselo dire si credono veramente streghe.

Os Morlacos crêem tão obstinadamente em bruxas, duendes [folletti], feitiços, aparições noturnas, [e] sortilégios, como se tivessem visto mil vezes os seus efeitos em ação. Crêem também ser mais do que verdadeira a existência dos Vampiros; e atribuem a eles, como na Transilvânia, sugar o sangue das crianças. Quando morre um homem suspeito de virar um Vampiro, ou Vukodlak, como eles dizem, é costume cortar-lhe os tendões-de-aquiles e perfurá-lo inteiro com agulhas, pretendendo que, depois dessas duas operações, ele não conseguiria mais vagar por aí. Por vezes ocorre que algum Morlaco, antes de morrer, rogue a seus Herdeiros, obrigando-os a tratá-lo como Vampiro, antes de deporem seu cadáver na sepultura, pretendendo haver de ter grande sede de sangue pueril.

O mais audaz Haiduque fugiria à toda, frente à aparição de algum espectro, fantasma ou outra diaba quetal, aos quais nunca deixam de ver as escaldadas fantasias dos homens crédulos e predispostos. Eles não se envergonham deste terror; e replicam mais ou menos com o dito de Píndaro: "o medo que provém dos espíritos afungenta até os filhos dos Deuses". As Mulheres Morlacas são, como é bem natural, cem vezes mais temerosas e visionárias do que os homens, e algumas delas, à força de ouvirem assim ser-lhes dito, crêem verdadeiramente serem bruxas.⁵⁰

50 Alberto Fortis, *Viagem à Dalmácia*, Dos costumes dos Morlacos, § 8: Superstições. (Fortis 1774:64)

VI. Polônia, início do séc. XVIII

[— caps. 6; 7]

a) Jerzy Gengell, *Para a ruína do ateísmo*, 1717

[Não ofereço versão portuguesa do texto, em razão de trechos dele serem citados quase *verbatim* por Rzązyński, traduzido no item que se segue a este]

Quia pluries contigit apud nos in Polonia, Russia, Lithvania: item in Ungaria, ut testantur plura authentica exempla, & ego multoties ab oculatis fide dignis testibus audiui, quòd cadaver humanum repertum sit, non tantum diuturno tempore esse incorruptum, flexibile, rubicundum, sed insuper caput, os, ac linguam, quandoque & oculos movere, linteamina, quibus fuit involutum deglutire, imò & vorare partes sui corporis. Quandoque etiam notatum est, quòd cadaver ejusmodi è tumulo exsurgat, compita, domosque obambulet, his & illis, se conspiciendum praebeat : Ac quosdam etiam invadat et suffocare nitatur. Cadaver ejusmodi, si viri sit, vocatur ex Ruthenico, Upier: sin muliebre, Upierzycza: quasi diceret, plume factum: hoc est plumis seu pennis instructum corpus: vel quia leve & agile redditur ad motum: vel quòd plumae alicujus generis, & forsitan ex pulvinaribus hominis demortui desumptae, & in cineres redactae, cadaveri leviter aspersae, maleficio huic deserviant. Porro illius agilitatis ac motuum in cadavere, sufficiens alia causa assignari non potest, quàm, quòd daemon, illud cadaver, etiam aliquando hominis Sancti, in finem maleficii possedit ex pacto antedecenter inito cum malefica, permittente DEo: & tamdiu nocituro daemone, quousque illud maleficio, non dissolvatur. Dissolvi verò ordinariè in Polonia censetur per abscissionem sarcularum illius humani capitis cadaverici: quod, an tali ratione liceat, defendunt aliqui ex eo. Quia major est habenda ratio vivorum hominum, quàm cadaverum: beneficiumque praestatur illi cadaveri, ne amplius possideatur à daemone: cum melius sit, esse sine capite, & sine daemone, quàm cum capite, & cum daemone. Neque ille si viveret, posset esse rationabiliter invitus. Insuper, cum illud cadaver sit iniquus aggressor vivorum, potest truncari. Alii tamen (quibus etiam favet Responsium Revisorum Nostrorum Romanorum anno 1696 5. Maji) licitè id fieri posse negant acriter. Cum contra maleficia, uti liceat remediis petitis ex medicina: item exorcismis ac Sacramentis Ecclesiae, invocationibus Sanctorum &c. atque destructione signorum, per quae daemon nocet: sed absque alio maleficio, vana observantia, & peccato, atque irreligiositate: dicta verò amputatio, vel omnes, vel aliquem ex his defectibus, sapiat, praeferatque quandam saevitiam in mortuos.⁵¹

b) Gabryel Rzązyński

História natural e curiosa do Reino da Polónia, 1721.

Sectio II. De cruentationibus cadaverum.

II. Post separationem animae à corpore, non statim daemonis potestas omnis cessat in corpora.

⁵¹ Gengell 1716:122-123.

Potest interdum malignus spiritus, mortuorum cadavera induere, apparere in iis, mira exercere, praeservare diutius à putredine, sic exhibere, quasi essent animâ instructa. Contingit in Polonia, Russia, Litvania, ut testantur exempla authentica plurima, & ego, inquit Gengell S. J. in Eversione Atheismi, multoties ab oculatis, fide dignis restibus audiui, quòd cadaver humanum repertum sit, non tantùm diuturno tempore incorruptum, flexibile, rubicundum, sed insuper caput, os, linguam & oculos interdum movere, linteamina, quibus fuit involutum, deglutire, imò & vorare partes sui corporis. quandoque etiam notatum est, quòd cadaver ejusmodi è tumulo exurgat, compita, domos obambulet, his & illis se conspiciendum praebeat, ac quosdam etiam invadat, & suffocare nitatur. Si viri sit cadaver, vocatur Upier, si muliebre, Upierzycza, quasi diceret plumefactum, hoc est, plumis seu pennis instructum corpus, leve, agile, ad motum. Porro illius agilitatis ac motuum in cadavere. sufficiens alia causa assignari non potest, quàm quòd daemon illud cadaver in finem maleficii possedit, ex pacto antecederet inito cum malefica, permittente Deo, & tandiu nocituro daemone, quosque maleficium illud non dissolvatur. Dissolvi verò ordinariè in Regno nostro censetur per abscissionem sarcularum illius capitis cadaverici: quod an tali ratione liceat, defendunt aliqui, alii negant. Singulare exemplum cruentationis adduco ex M. S. S. praetermissis similibus plurimis. Clepardiae ad Cracaviam, an. 1624. in Februario, mulierem mortuam ac tumulatam, brevi alia in eadem domo est secuta, simul cum puero. Missi à Magistratu Medici ac Chirurgi, qui an aliqua signa non adessent pestis observarent, sed nulla deprehenderunt. Moritur rursus faemina in alio loco, etiam sine ullo indicio pestilentiae. Consilio inito, mortuae primò cadaver effoditur, quod ad terram conversum, à capite ad umbilicum, totum rubeum ac mandens linteamina invenitur. Igitur palà praemunità acuto ferro separatur caput à cadavere, ante tres septimanas sepulto, unde medius ferè congius sanguinis recentis effluerat. Ita hominibus jam jam periclitantibus est restituta securitas.

[Seção II: Das sanguinolências dos cadáveres.] § II. Após a alma separar-se do corpo, não é de imediato que o poder de todo demônio cessa sobre os corpos. O espírito maligno pode, por vezes, penetrar nos cadáveres dos mortos, aparecer dentro deles, executar coisas extraordinárias, preservá-los da putrefação por mais tempo, exibi-los de tal forma como se fossem providos de uma alma. Dá-se na Polônia, Rússia, Lituânia, como testemunham numerosos exemplos autênticos, e diz o jesuíta Gengell em *A ruína do ateísmo*⁵²: tive eu conhecimento digno de fé, muitas vezes por meio de meus próprios olhos, que fosse encontrado um cadáver humano não apenas por longo tempo incorrupto, flexível, corado, mas que ainda por cima movesse a cabeça, a boca, a língua e os olhos, que engolisse a mortalha em que havia sido envolto, e até que devorasse partes de seu corpo. Às vezes, também se observa que um cadáver destes se extraia do túmulo, que percorra as encruzilhadas e as casas, que se faça ver aqui e acolá, e até que invada uma delas, esforçando-se para estrangular [alguém]. Se for o cadáver de um homem, é chamado de *Upier*, se de mulher, de *Upierzycza*, vale dizer plumefeito, isto é,

52 Georg [Jerzy] Gendell (1657-1727), filósofo, teólogo e escritor jesuíta polonês.

corpo disposto com facilidade e agilidade para o movimento, como plumas ou penas. Não se pode mesmo atribuir outra causa suficiente para sua agilidade, e até para os movimentos do cadáver, senão que o demônio tenha possuído tal cadáver para uma finalidade de bruxaria,⁵³ a partir de um pacto precedente perpetrado por uma bruxa, se Deus assim permitir, com o demônio a ser destruído, [que dura] enquanto aquela bruxaria não for desfeita. E de fato ordinariamente determina-se, em nosso Reino, que seja destruído cortando-se com um golpe de enxada aquela cabeça cadavérica: quanto à avaliação de tal procedimento, uns o defendem, outros o repudiam. Introduzo um exemplo singular de sanguinolência, a partir de [um dos] tantos manuscritos semelhantes que passaram despercebidos. De Kleparz, nas cercanias de Cracóvia, em fevereiro de 1624: a uma mulher morta e sepulta, seguiu-se após pouco tempo outra [morte] nesta mesma casa, juntamente com a de um menino. Tendo o oficial mandado chamar o médico e o cirurgião, estes examinaram [se havia] outros sinais de peste presentes, mas não descobriram nada. Morre em seguida uma mulher noutro lugar, também sem qualquer indício de pestilência. Donde se concluiu que o massacre das pessoas fosse obra de uma bruxa. De acordo com a resolução tomada, desenterra-se o cadáver da primeira a morrer, que é encontrado voltado à terra, inteiramente⁵⁴ vermelho e com a mortalhada mastigada. Então, com uma pá munida de um ferro pontiagudo, corta-se a cabeça do cadáver (que fora sepultado três semanas antes), de onde jorra mais de um litro e meio⁵⁵ de sangue recente. Assim, prontamente restaura-se a segurança para os homens [antes] em perigo.⁵⁶

VII. Londres, 1732

[— caps. 1; 5; 7; Considerações]

Caleb d'Anvers. *The Craftsman*, nº 307 (20 de maio de 1732).

One Evening last Week I call'd to see a Friend, and met a Company of Gentlemen and Ladies engaged in a Dispute about Prodigies, occasion'd by a very remarkable Event, which hath lately happen'd in Hungary. The Account of this Affair, as it is given us in the London Journal of March the 11th, is of so extraordinary a Nature [...]

I shall now proceed to give my Readers the Substance of our Conversation upon this extraordinary Narrative.

53 *Maleficium* designa não apenas dano, crime, abominação, como também feitiço, bruxaria (cf. *malefica*, bruxa).

54 *à capite ad umbilicum* – inteiramente, por completo (o “umbigo” da expressão latina é o do rolo de manuscrito).

55 Isto é, meio *congius*: aproximadamente 3 litros e meio (medida de volume que corresponde a 6 *sextarii* ou 1/8 de *amphora*).

56 Rzązyński 1721:365-366.

The Brunt of the Dispute, upon my entering the Room, lay between a grave Doctor of Phisick and a beautiful young Lady, who was a great Admirer of strange and wonderful Occurrences. The Doctor endeavour'd to ridicule such romantick Stories, by treating them as the common Artificies of News-writers, to fill up their Papers at a dead season, for want of other Intelligence. The young Lady confess'd, with a good deal of Modesty and Candour, that she believed such Things were frequently done ; but still insisted on the Truth of this Relation, which stood attested by such unexceptionable Witnesses. She observed that the Time, the Place and the Names concern'd in this Affair were particularly mention'd ; that an authentick Account of it appears to have been transmitted to the Court of Vienna, sign'd by no less than six Persons ; four of whom were Surgeons, and the other two Officers of the Army ; that such Gentlemen must be supposed to have much Skill to be imposed upon Themselves in such a Matter, and too much Honour to impose upon others. [...]

[segue-se, no texto, o resumo da opinião contrária, sustentada pelo Doutor. A jovem dama dirige-se então ao narrador, Mr. D'Anvers, exigindo que manifestasse sua opinião a respeito:]

[...] I desired therefore to read over the Account very attentively before I gave my Opinion upon it ; and, clapping on my political Spectacles, I soon discover'd a secret Meaning in it, which I was in Hopes would moderate the Dispute. I perceived the whole Company waited with Impatience for my Answer ; so that having unsaddled my Nose, and composed my Muscles into a becoming Gravity for such an Occasion, I deliver'd myself to Them in the following Manner.

“Gentlemen and Ladies,

“I think this Dispute may be easily compromised, without any Reproach, or Disgrace to either Side. I must agree with the learned Doctor that an inanimate Corpse cannot possibly perform any vital Functions ; and yet I am firmly persuaded, with the young Lady, that there are Vampyres, or dead Bodies, which afflict and torment the Living. In order to explain myself the more clearly on this Head, I must desire you to reflect that the Account, now before us, comes from the Eastern Part of the World, which hath been always remarkable for writing in the allegorical Style. Besides, it deserves our Consideration that the States of Hungary are, at present, under the Subjection of the Turks, or the Germans, and govern'd by Them with a pretty hard Rein ; which obliges Them to couch all their Complaints under Typics, Figures and Parables. I believe you will make no Doubt that this Relation of the Vampires is a Piece of that Kind, and contains a secret Satire upon the Administration of those Countries, when you consider the following Particulars.

“You see that the Method, by which these Vampyres are said to torment and kill the Living, is by sucking out all their Blood ; and what, I pray, is a more common Phrase for a ravenous Minister, even in this Part of the World, than a Leech, or a Bloodsucker, who prays upon human Gore, and fattens Himself upon the Vitals of his Country?

“Now, if you admit this Interpretation, which I think far from being strain'd, the whole Mystery of the Vampires will unfold itself of Course ; for a plundering Minister carries his Oppressions beyond

the Grave, and continues to torment Those, whom He leaves behind Him, by anticipating the publick Revenues, and entailing a Perpetuity of Taxes and Gabels upon the People, which must drain the Body politick by Degrees of all its Blood and Spirits. [...]

[o orador examina então alguns pontos sugeridos pela leitura alegórica]

“[...] – Nay, it seems to be an Argument that the whole Story is only a Fable, or Fiction, made use of to convey a satirical Invective against some living Oppresor ; for as a dead Corpse cannot perform any vital Functions, (according to the judicious Observation of my learned Friend there) so neither can it be sensible of any Pain, or express it by any sounds, tho’ a thousand Stakes should be driven through it. But, is it not probable that this Ceremony was design’d only as a Mark of Ignominy, to deter others from the same Practices, just as We drive a Stake through the Body of a Self-murderer ; or might it not be a superstitious Usage, of great Credit amongst the Vulgar, like our laying of Spirits in the Red-Sea?

“I think I have said enough to convince you that We are not to understand this Account according to the Letter ; in which Sense it appears ridiculous and impossible, to use the Words of the admirable News-Paper now before us ; whereas in the other figurative Sense, which I have put upon it, nothing can be more rational, obvious and intelligible. The Histories of all Countries, and especially our own, supply us with so many Instances of Vampyres, in this Sense, that it would fill up Volumes only to enumerate them [...]”

[o orador alude a exemplos extraíveis da história recente e da situação política contemporânea; também considera que pessoas não ligadas ao governo possam agir como vampiros em suas atividades; conclui sua fala.]

Having finish’d my Speech, which was honour’d whith the strictest Attention, I was very much pleased to find it produce the desired Effect, by putting an End to the Dispute, which occasion’d it. The Doctor only nodded his Head and told me, with a Smile, that I had a political Turn for Every Thing. The young Lady express’d her Satisfaction in the most obliging Terms, and was pleased to say that my Solution of this Prodigy would make a very good Craftsman. She was immediately seconded by the whole Company, who press’d me with so much Importunity to print it in my next Paper, that I could not in good Manners refuse their Request ; and I hope my loving Readers will excuse me, on that Account, for troubling Them this Week with a loose, unpremeditated Piece of Conversation.

Having afterwards smoked my Pipe, and spent the Evening very agreeably, I took my Leave at eleven o’ Clock, which hath been, for many Years, my constant Hour. The young Lady follow’d me to the Door, and, pulling me by the Sleeve, pray, Mr. D’Anvers, said she, don’t forget the Paper upon the Vampyres.⁵⁷

57 D’Anvers 1737:120-129.

VIII. França, séc. XVIII

[— caps. 1; 2; 7; Considerações]

a) Augustin Calmet

Prefácio à *Dissertação sobre os Vampiros, os Revenans, os Excomungados, os Brucolaques &c.*, 1746.

Cada século, cada Nação, cada país possui seus preconceitos, suas doenças, suas modas, suas inclinações que os caracterizam, e que passam e sucedem uns aos outros, e freqüentemente aquilo que pareceu admirável numa época torna-se lamentável e ridículo noutra.[...]

Neste século, de uns sessenta anos para cá, na Hungria, na Morávia, na Silésia, na Polônia, uma nova cena se apresenta aos nossos olhos: vêem-se, dizem, homens mortos há anos, ou ao menos há vários meses, retornar, falar, caminhar, infestar as aldeias, maltratar os homens e os animais, sugar o sangue de seus próximos; deixá-los doentes, levando-os, por fim, à morte. Assim, não é possível evitar as suas perigosas visitas e suas infestações, senão exumando-os; empalando-os, cortando-lhes a cabeça, arrancando-lhes o coração ou queimando-os. Dá-se a esses Regressantes o nome de Upiros, ou Vampiros, e deles contam-se particularidades tão singulares, tão detalhadas, e revestidas de circunstâncias tão prováveis e de informações tão jurídicas, que quase não se pode refutar a crença encontrada nesses países, de que esses Regressantes parecem realmente sair de seus túmulos e produzir os efeitos a eles atribuídos. [...]

A crença dos novos Gregos, que supõem que os corpos dos Excomungados sequer comecem a se decompor nos seus túmulos, é uma opinião que não tem nenhum fundamento, nem na Antiguidade, nem na sã Teologia, nem mesmo na História. Essa concepção parece ter sido inventada pelos novos Gregos Cismáticos apenas para ganharem autoridade e se afirmarem em sua separação da Igreja Romana. A Antiguidade Cristã acreditava, ao contrário, que a incorruptibilidade de um corpo seria antes uma marca provável da santidade da pessoa e uma prova da proteção particular de Deus sobre um corpo que foi em vida o templo do Espírito Santo e que conservou na justiça e na inocência o caráter do Cristianismo.

Os Brucolaques da Grécia e do Arquipélago são Regressantes de outra espécie. É difícil convencer-se de que uma Nação tão espiritual quanto a Grega possa ter criado uma idéia tão extraordinária quanto essa. É preciso admitir que a ignorância ou o preconceito eram extremamente difundidos entre eles, uma vez que não se encontraram nem Eclesiásticos nem outros Escritores que tenham se dedicado a corrigi-los sobre esse assunto.

A imaginação daqueles que acreditam que os mortos mastigam em seus túmulos e fazem um ruído aproximadamente semelhante ao que fazem os porcos quando comem é tão ridícula que sequer merece ser refutada a sério.

Proponho-me aqui a tratar da matéria dos Regressantes ou Vampiros da Hungria, da Morávia, da Silésia e da Polônia, sob o risco de ser criticado, qualquer que seja a maneira por mim empreendida: os que os consideram reais me acusarão de temeridade e de presunção, de tê-los posto

em dúvida ou até de ter-lhes negado a existência e a realidade; os outros me culparão por eu ter empregado meu tempo a tratar dessa matéria, que passa por frívola e inútil no espírito de muitas pessoas de bom senso. Seja como for, dar-me-ei por satisfeito se tiver aprofundado uma questão que me pareceu importante para a religião: pois, se o retorno dos vampiros é real, é preciso reconhecer isso e prová-lo; e se ele é ilusório, segue-se ser necessário, pelo interesse da religião, corrigir aqueles que o crêem genuíno, e destruir um erro que pode gerar consequências muito sérias.

b) Louis de Jacourt

Verbete para a *Encyclopédie* de Diderot & D'Alembert que integra a categoria “Histoire des superstitions”, 1765.⁵⁸

VAMPIRE, s. m. (Hist. des superst.) c'est le nom qu'on a donné à de prétendus démons qui tirent pendant la nuit le sang des corps vivans, & le portent dans ces cadavres dont l'on voit sortir le sang par la bouche, le nez & les oreilles. Le p. Calmet a fait sur ce sujet un ouvrage absurde dont on ne l'auroit pas cru capable,⁵⁹ mais qui sert à prouver combien l'esprit humain est porté à la superstition.

c) Voltaire

Voltaire redigiu um texto, muito lembrado em estudos sobre o vampirismo, em que critica abertamente o interesse absurdo que Calmet conferiu ao monstro. O verbete integra o sexto volume de suas *Questions sur l'Encyclopédie*, supostamente motivadas por perguntas de pessoas que desejavam compreendê-la melhor. Depois da morte de Voltaire, os editores de sua obra agregaram o texto sobre vampiros ao seu *Dicionário filosófico*.⁶⁰

58 In: Diderot & D'Alembert (eds.). *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.* vol. 16, p. 828. University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Spring 2011 Edition), Robert Morrissey (ed.), <<http://encyclopedia.uchicago.edu>>. Acesso a 03.08.2012.

59 Até então, o beneditino Augustin Calmet era tido como um dos mais notáveis exegetas da Bíblia na França.

60 A bem dizer, um comentário irônico a respeito da obra de Calmet já se encontrava na edição de 1765 do *Dicionário*, ao final do verbete “Corps”. Lá, com efeito, ao mostrar como se tentou sair de uma redução ao infinitesimal, Voltaire ironiza a concepção de certo “*subtil Philosophe*” (Leibniz) que via a matéria como sendo formada por partículas incorpóreas a que deu o nome de mônadas: “Esse sistema vale tanto quanto outro; gosto tanto dele quanto da declinação dos átomos, das formas substanciais, da graça versátil e dos vampiros de Dom Calmet” (*Dictionnaire philosophique portatif. Nouvelle édition, revue, corrigée & augmentée de divers Articles par l'Auteur*. Londres: 1765, pp. 77-78). Outra referência aos vampiros de Calmet encontra-se no verbete “Réssurrection”, adicionado no *Suplemento* ao *Dicionário* quando de sua sexta edição (Londres, 1767): “O profundo Filósofo Dom Calmet encontra nos Vampiros uma prova bem mais concludente. Ele viu alguns desses Vampiros sair dos cemitérios para ir sugar o sangue às pessoas que dormiam; está claro que eles não poderiam sugar o sangue dos vivos se estivessem ainda mortos; haviam portanto ressuscitado, isto é peremptório”.

Na bibliografia especializada a respeito de vampirismo, é comum lembrar, e recuperar anedoticamente, o fato de o monge ter hospedado Voltaire em sua abadia.

VAMPIRES.

QUOI ! c'est dans notre dix-huitième siècle qu'il y a eu des vampires ! c'est après le règne de Locke, de Shaftsburi [sic], des Trenchards, des Colins ; c'est sous le règne des Dalember, des Diderot, des St. Lambert, des Duclos qu'on a cru aux vampires ; & que le révérend père Dom Augustin Calmet, prêtre, bénédictin de la congrégation de St. Vannes & de St. Hidulphe, abbé de Sénone, abbaye de cent mille livres de rentes, voisine de deux autres abbayes du même revenu, a imprimé & réimprimé l'histoire des vampires avec l'approbation de la Sorbonne, signée Marcelli !

Ces vampires étaient des morts qui sortaient la nuit de leurs cimetières pour venir sucer le sang des vivans soit à à [sic] la gorge ou au ventre, après quoi ils allaient se remettre dans leurs fosses. Les vivans sucés maigrissaient, pâlissaient, tombaient en consomption, & les morts suceurs engraisaient, prenaient des couleurs vermeilles, étaient tout-à-fait appétissans. C'était en Pologne, en Hongrie, en Silésie, en Moravie, en Autriche, en Lorraine que les morts faisaient cette bonne chère. On n'entendait point parler de vampires à Londres, ni même à Paris. J'avoue que dans ces deux villes il y eut des agioteurs, des traitans, des gens d'affaires qui sucèrent en plein jour le sang du peuple, mais ils n'étaient point morts quoique corrompus. Ces suceurs véritables ne demeuraient pas dans des cimetières, mais dans des palais fort agréables.

Qui croirait que la mode des vampires nous vint de la Grèce ? ce n'est pas de la Grèce d'Alexandre, d'Aristote, de Platon, d'Epicure, de Démosthène, mais de la Grèce chrétienne, malheureusement schismatique.

Depuis long-tems les chrétiens du rite grec, s'imaginent que les corps des chrétiens du rite latin, enterrés en Grèce, ne pourrissent point : parce qu'ils sont excommuniés. C'est précisément le contraire de nous autres chrétiens du rite latin. Nous croyons que les corps, qui ne se corrompent point, sont marqués du sceau de la béatitude éternelle. Et dès qu'on a payé cent mille écus à Rome pour leur faire donner un brevet de saints, nous les adorons de l'adoration de dulia.

Les Grecs sont persuadés que ces morts sont sorciers ; ils les appellent broucolacas ou vroucolacas, selon qu'ils prononcent la seconde lettre de l'alphabet. Ces morts Grecs vont dans les maisons sucer le sang des petits enfans, manger le souper des pères & mères, boire leur vin, & casser tous les meubles. On ne peut les mettre à la raison qu'en les brûlant, quand on les attrape. Mais il faut avoir la précaution de ne les mettre au feu qu'après leur avoir arraché le cœur que l'on brûlle à part.

Le célèbre Tournefort envoyé dans le Levant par Louis XIV, ainsi que tant d'autres virtuoses, (⁶¹) fut témoin de tous les tours attribués à un de ces broucolacas, & de cette cérémonie. Après la médisance rien ne se communique plus promptement que la superstition, le fanatisme, le sortilège & les contes des revenans. Il y eut des broucolacas en Valachie, en Moldavie, & bientôt chez les Polonais, lesquels

61{Nota do autor} Tournefort. tom. I. pag. 155 & suiv.

sont du rite romain. Cette superstition leur manquait ; elle alla dans tout l'orient de l'Allemagne. On n'entendit plus parler que de vampires, depuis 1730 jusqu'en 1735 ; on les guetta, on leur arracha le cœur, & on les brûla ; ils ressemblaient aux anciens martyres ; plus on en brûlait, plus il s'en trouvait.

Calmet enfin devint leur historiographe, & traita les vampires, comme il avait traité l'ancien & le nouveau testament, en rapportant fidèlement tout ce qui avait été dit avant lui.

C'est une chose à mon gré très-curieuse, que les procès verbaux faits juridiquement concernant tous les morts qui étaient sortis de leurs tombeaux pour venir sucer les petits garçons & les petites filles de leur voisinage. Calmet rapporte qu'en Hongrie deux officiers délégués par l'empereur Charles V^e, assistés du bailli du lieu & du bourreau, allèrent faire enquête d'un vampire, mort depuis six semaines, qui suçait tout le voisinage. On le trouva dans sa bière frais, gaillard, les yeux ouverts, & demandant à manger. Le bailli rendit sa sentence. Le bourreau arracha le cœur au vampire, & le brûla ; après quoi le vampire ne mangea plus.

Qu'on ose douter après cela des morts ressuscités, dont nos anciennes légendes sont remplies, & de tous les miracles rapportés par Bollandus, & par le sincère & révérend Dom Ruinart !

Vous trouvez des histoires de vampires jusques dans les lettres juives de ce d'Argens que les jésuites, auteurs du journal de Trévoux, ont accusé de ne rien croire. Il faut voir comme ils triomphèrent de l'histoire du vampire de Hongrie : comme ils remerciaient DIEU et la Vierge d'avoir enfin converti ce pauvre d'Argens, chambellan d'un roi qui ne croyait point aux vampires.

Voilà donc, disaient-ils, ce fameux incrédule qui a osé jeter des doutes sur l'apparition de l'ange à la Ste. Vierge ; sur l'étoile qui conduisit les mages ; sur la guérison des possédés ; sur la submersion de deux mille cochons dans un lac ; sur une éclipse de soleil en pleine lune ; sur la résurrection des morts qui se promenèrent dans Jérusalem ; son cœur s'est amolli, son esprit s'est éclairé, il croit aux vampires.

Il ne fut plus question alors d'examiner si tous ces morts étaient ressuscités par leur propre vertu, ou par la puissance de DIEU, ou par celle du diable. Plusieurs grands théologiens de Lorraine, de Moravie & de Hongrie étalèrent leurs opinions & leur science. On rapporta tout ce que saint Augustin, saint Ambroise & tant d'autres saints avaient dit de plus inintelligible sur les vivans & sur les morts. On rapporta tous les miracles de saint Etienne qu'on trouve au septième livre des œuvres de saint Augustin ; voici un des plus curieux. Un jeune homme fut écrasé dans la ville d'Hubzal en Afrique sous les ruines d'une muraille ; la veuve alla sur le champ invoquer saint Etienne, à qui elle était très-dévot. St. Etienne le ressuscita. On lui demanda ce qu'il avait vu dans l'autre monde. Messieurs, dit-il, quand mon ame eut quitté mon corps, elle rencontra une infinité d'ames qui lui faisaient plus de questions sur ce monde-ci que vous ne m'en faites sur l'autre. J'allais je ne sais où, lorsque j'ai rencontré saint Etienne qui m'a dit : rendez ce que vous avez reçu. Je lui ai répondu : que voulez-vous que je vous rende, vous ne m'avez jamais rien donné ? Il m'a répété trois fois : rendez ce que vous avez reçu. Alors j'ai compris qu'il voulait parler du credo. Je lui ai récité mon credo, & soudain il m'a ressuscité.

On cita surtout les histoires rapportées par Sulpice Sévère dans la vie de saint Martin. On prouva que saint Martin avait entr'autres ressuscité un damné.

Mais toutes ces histoires, quelque vraies qu'elles puissent être, n'avaient rien de commun avec les vampires qui allaient sucer le sang de leurs voisins, & venaient ensuite se replacer dans leurs bières. On chercha si on ne trouverait pas dans l'ancien testament, ou dans la mythologie quelque vampire qu'on pût donner pour exemple ; on n'en trouva point. Mais il fut prouvé que les morts buvaient & mangeaient, puisque chez tant de nations anciennes on mettait des vivres sur leurs tombeaux.

La difficulté était de savoir si c'était l'ame ou le corps du mort qui mangeait. Il fut décidé que c'était l'un & l'autre. Les mets délicats & peu substantiels comme les meringues, la crème fouettée & les fruits fondans étaient pour l'ame ; le rost-bif étaient [sic] pour le corps.

Les rois de Perse⁶² furent, dit-on, les premiers qui se firent servir à manger après leur mort. Presque tous les rois aujourd'hui les imitent ; mais ce sont les moines qui mangent leur dîner & leur souper, & qui boivent le vin. Ainsi les rois ne sont pas à proprement parler des vampires. Les vrais vampires sont les moines qui mangent aux dépens des rois & des peuples.

Il en bien vrai que saint Stanislas qui avait acheté une terre considérable d'un gentilhomme Polonais, & qui ne l'avait point payée, étant poursuivi devant le roi Bolestas par les héritiers, ressuscita le gentilhomme ; mais ce fut uniquement pour se faire donner quittance. Et il n'est point dit qu'il ait donné seulement un pot de vin au vendeur, lequel s'en retourna dans l'autre monde, sans avoir ni bu ni mangé.

On agite ensuite la grande question, si l'on peut absoudre un vampire qui est mort excommunié. Cela va plus au fait.

Je ne suis pas assez profond dans la théologie pour dire mon avis sur cet article ; mais je serais volontiers pour l'absolution ; parce que dans toutes les affaires douteuses il faut toujours prendre le parti le plus doux.

Odia restringenda, favores ampliandi.

Le résultat de tout ceci est qu'une grande partie de l'Europe a été infestée de vampires pendant cinq ou six ans, & qu'il n'y en a plus : Que nous avons eu des convulsionnaires en France pendant plus de vingt ans, & qu'il n'y en a plus⁶³ : Que nous avons eu des possédés pendant dix-sept cents ans, & qu'il n'y en a plus : Qu'on a toujours ressuscité des morts depuis Hippolite, & qu'on n'en ressuscite plus : Que nous avons eu des jésuites en Espagne, en Portugal, en France, dans les deux Siciles, & que nous n'en avons plus.

62 Neste ponto introduziu-se um “cochilo” em muitas edições póstumas, perpetuado em boa parte da bibliografia crítica: “Pérsia” foi por engano trocado por “Prússia”, obnubilando a compreensão do texto. Não chequei todas as publicações, mas ainda em 1829 a obra seguia a ser editada dessa maneira (embora outras edições, como a da casa Garnerie de 1827, tenham corrigido o equívoco). Assim, o agora “ver-bete” foi citado de maneira errônea por alguns estudiosos, entre eles eu mesmo, na “antologia literária do vampiro” anteriormente publicada (Berlendis de Carvalho 2010).

63 Exemplo tirado, provavelmente, do prefácio da *Dissertação* de Calmet.

IX. Goethe, vampiro e *Weltliteratur*

[— caps. 1; 2; 7; Considerações]

Eckermann, *Conversações com Goethe*.

A conversa pendeu então de volta à literatura francesa, precisamente acerca da mais nova direção ultra-romântica de alguns talentos de não pouca relevância. Goethe opinou que essa revolução da literatura, apreendida em decurso, seja em si proveitosa em alto grau, mas desvantajosa para os escritores singulares que a produzem.

‘Em nenhuma revolução’, disse ele, ‘podem-se evitar os extremos. Na [revolução] política, é usual que se comece por visar nada além da deposição de toda sorte de abusos, mas, antes que se perceba, já se está mergulhado a fundo no derramamento de sangue e nos horrores. Assim, nessa atual inflexão literária, de início os escritores franceses também visavam nada além de uma forma mais livre, entretanto já não ficam [só] nisso, mas, ao contrário, para além da forma, eles põem a perder até o conteúdo de antes. Começam a declarar ser entediante a representação de nobres convicções e atos, e aventuram-se a tratar de toda sorte de desleixos. No lugar do belo conteúdo da mitologia grega entram diabo, bruxas e vampiros, e os sublimes heróis do passado têm de dar espaço a vigaristas e escravos de galera. Coisa assim é que é picante! Isso funciona! [*Das wirkt!*] – Porém, após o público ter provado uma vez desse tempero fortemente apimentado e se acostumado a ele, só fica ansioso por [tempero] em maior quantidade e mais forte. O jovem talento que busca surtir efeito [*wirken*] e ser reconhecido, e que não é grande o suficiente para tomar o próprio caminho, precisa se acomodar ao gosto do dia, precisa até tentar superar os seus antecessores em susto e horror. Ao perseguir os recursos exteriores de eficácia [*äußern Effektmitteln*], deixa-se completamente fora de foco todo estudo aprofundado, todo desenvolvimento interior de base e por etapas do talento e das pessoas. No entanto, este é o maior malefício que pode ir de encontro ao talento, mesmo que a literatura em geral venha a ganhar com esse direcionamento passageiro.⁶⁴

Parece pesar sobre Goethe não o jugo da idade, mas o de um conformado desencanto: passadas estas empobrecidas entrecorrências “ultra-românticas”, há de prevalecer uma riqueza do todo,⁶⁵ da comunidade literária – numa palavra, da *Weltliteratur*. Interessa, aqui, entendê-la não como uma “soma de todas as obras de todos os povos”, muito menos como

64 Eckermann, *Conversas com Goethe*, domingo, 14 de março de 1830 (Eckermann 1848:305–306).

65 Com efeito, no passo seguinte, Goethe compara a presente “época literária” a uma violenta febre: não é boa e desejável em si, mas tem como consequência uma saúde melhor. Ao fim do processo, restará a grande vantagem de uma forma mais livre, ao lado de um conteúdo variegado e mais rico: “não se excluirá mais, como impoético, nenhum objeto do amplíssimo mundo e da multifacetada vida”.

uma seleção dos melhores trabalhos de cada literatura nacional (um “*top ten*” da literatura universal); e sim sobretudo reconhecer um caráter supra-nacional a emergir do comércio trans-nacional de idéias e poetas.⁶⁶ Para o mestre de Weimar, esse projeto chegou a forjar-se como uma meta algo utópica, mas ainda assim real e palpável, percebida no calor da troca mútua de cartas e publicações entre escritores, críticos e leitores de tantos países. Goethe formulou tal projeto não sistematicamente, mas de modo esparso, notadamente em seu epistolário.⁶⁷

[...] é só daí que pode enfim surgir a generalizada literatura mundial [*Weltliteratur*], que as nações venham a conhecer as relações de todas frente a todas, e assim não falhará que cada uma haverá de encontrar na outra algo agradável e algo repulsivo, algo digno de imitação e algo a ser evitado.⁶⁸

Como, por meio dos correios expressos e navios a vapor, as nações se aproximam até por periódicos diários, semanais e mensais, eu, pelo tempo que me for concedido, terei de dirigir minha atenção especialmente para essa troca mútua, também.⁶⁹

Em diversas outras passagens, porém, Goethe manifesta-se mais amargamente em relação ao visado programa. Ainda que a meta permaneça no horizonte, o caminho até lá ameaça ser marcado por uma avalanche de “expressões, suspiros e interjeições”⁷⁰...

Nosso teatro tem seu muito bom progresso. Atores e público suportam de bom grado várias peças novas, de outro lado encenam-se outras, leviana e alegremente, para iluminar a

66 H. Birus, “Goethes Idee der Weltliteratur. Eine historische Vergegenwärtigung” (1995), artigo ao qual devo a indicação das próximas citações goethianas. Algo análogo já fora formulado cem anos antes por Voltaire: um “gosto geral” que eventualmente nasceria de um ansiado “*commerce mutuel d’observations*” entre “*ouvrages et [...] manières*” das nações europeias (de *Essai sur la poésie épique*; apud Erwin Koppen, verbete “*Weltliteratur*” do *Reallexikon der deutschen Literaturgeschichte*, vol. 4, p. 817). Nesse meio-tempo, não poucos intelectuais ocuparam-se do alcance universal das literaturas; mas resta determinante o termo cunhado por Goethe.

67 Aponta-se no ano de 1827 a primeira ocorrência do termo. Existe a tendência de reconhecer, em Goethe, figuras anteriores da noção, ainda não nomeada dessa maneira.

68 Goethe, esboço de introdução para a edição alemã da *Vida de Schiller* de Thomas Carlyle (Goethe FA I,22:868).

69 Goethe, carta a Carlyle, 8 de agosto de 1828 (WA IV,44:257).

70 Goethe, carta a Hitzig, 11 de novembro de 1829: “Se apenas examinarmos [...] as produções de todo dia, a poesia alemã traz, a bem dizer, só expressões, suspiros e interjeições de indivíduos bem-pensantes. Cada um se apresenta segundo o seu natural e sua formação; quase nada se dirige ao geral, ao elevado [...]” (Goethe FA II,11:192).

casa. Agora sói-se martirizar com um novo tormentodrama,⁷¹ voltar peraçoitado para casa e tornar mais uma vez a encher-se até o pescoço.

Os excessos, aos quais se prestam os teatros da grande e espaçosa Paris, chegam até nós também como danos, de que não nos livraremos tão cedo, de sentir essa necessidade. Essas, porém, são já as conseqüências da literatura mundial [*Weltliteratur*] em marcha, e só se pode estar mesmo seguro que, se nisso até o geral se estraga, é certo que [individualmente] alguns hão-de ganhar daí saúde e bênção [em seu proveito]; de que testemunhos muito belos chegam-me às mãos. A bem dizer, o verdadeiramente racional e satisfatório é pois herança de poucos indivíduos, que seguem quietos a atuar.⁷²

IX. Narrativa oral rumena, início do séc. XX

[— caps. 1; 5; 7]

Conto recolhido oralmente, publicado em *Ion Creanga* vol. V (1911), em tradução inglesa de Agnes Murgoci (1926:340–341).

Vampire Story from Botoșani. *A girl and a young man were once in love, but the youth died and became a vampire. The girl knew nothing of this. She happened to be alone in her parents' house, and she put out all the lights and went to bed as usual. Now vampires can enter into empty houses or into unclean houses, but the girl's house was clean and holy, so he could not come in. Instead of coming in he called at the window, speaking in the same tone and using the same words as he did when alive. "Stupid girl, come with me," he said, and took her hand and led her, undressed as she was, to his tomb. "Go in," he said. "No, friend, I'm afraid," she said. He went in first, and called, "Come quicker." "Wait," she said, "I've lost my beads. They must have fallen hereabouts." And she ran and ran until she saw a house with a light. She went in and found a dead man called Avram on a bench. She drew the bolts of the door and lay down in hiding behind the oven. The vampire came after her with true vampire persistency. He knocked at the window, saying "Avram, open the door." Avram was himself a vampire, and was going to obey and open the door. But the hen saw what was happening, and said to the cock, – "Crow, so as to save the poor girl." "No, you crow. It is not my turn." So the hen crowed quickly before Avram could get to the door, and the girl escaped, because she was clean and holy, and vampires do not easily get hold of clean souls.*

71 O neologismo *Quälodram* refere-se à peça *Lenore*, de Karl von Holtei, então levada na cidade de Weimar, e que retoma, entre o melodrama e o *vaudeville*, o argumento da balada homônima de G. A. Bürger.

72 Trechos de duas cartas de Goethe a C. F. Zelter, respectivamente de 28 e 4 de março de 1829 (Goethe FA II,11:106; 99).

Bibliografia

Seções da Bibliografia

Abreviaturas.....	371
I. <i>Corpus</i> central de referência e análise	371
II. Reflexos, extensões (filosóficas, literárias) ao <i>corpus</i>	376
III. Artigos e monografias sobre vampirismo e vampiro literário.....	379
IV. Conto popular, poesia oral, » <i>Stoffgeschichtliches</i> «.....	382
V. Contextualizações históricas, literárias	384
VI. Horizontes, referências teóricas e metodológicas.....	393
VII. Dicionários, bancos de dados, enciclopédias e demais obras de referência.....	396

Abreviaturas

- DWB – Grimm, Jakob & Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch* (referência completa na seção VII. da Bibliografia)
- FA – Obras de Goethe, Frankfurter Ausgabe: *Sämtliche Werke. Briefe, Tagebücher und Gespräche*. 40 tomos. Hendrik Birus et alii (eds.) Frankfurt: Deutscher Klassiker Verlag, 1985ss.
- OED – *Oxford English Dictionary* (referência completa na seção VII. da Bibliografia)
- PL – Migne (ed.), *Patristica Latina*
- Schmitz I – Schmitz 1883
- Schmitz II – Schmitz 1898
- Settimane CISAM – Settimane di Studio del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medio Evo
- WA – Obras de Goethe, Weimarer Ausgabe: *Goethes' Werke. Herausgegeben im Auftrage der Großherzogin Sophie von Sachsen*. Abtlg. I–IV. 133 tomos em 143 partes. Weimar: Böhlau, 1887-1919.

I. Corpus central de referência e análise

- Acten-mäßige und Umständliche Relation von denen Vampiren oder Menschen-Saugern*. Leipzig: Martini, 1732.
- ALLATIUS, Leo (alias ALLATIOS; ALLACCI, Leone). *De Graecorum hodie quorundam opinionibus*. In: *De Templis Graecorum recentioribus, ad Joannem Morinum ; De narthece ecclesiae veteris, ad Gasparem de Simeonibus ; nec non De Graecorum hodie quorundam opinionibus, ad Paullum Zacchiam*. Colônia (?): Kalkovius, 1645.
- BERLENDIS DE CARVALHO, BRUNO (org.). *Caninos – Antologia do vampiro literário*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010.
- BLACHE fils, François Alexis. *Polichinel Vampire, Ballet-pantomime et Divertissemens burlesques en un Acte et à Spectacle*. Música de Alexandre. Paris: Pollet, 1823.
- BOYER D'ARGENS, Jean-Baptiste. *Lettres juives ou Correspondance philosophique, historique et critique entre un juif voyageur à Paris et ses correspondans en divers endroits*. Lausanne; Genebra: Bousquet, 1738, 2ª ed, vol. 5.
- BRAZIER, Nicholas, LURIEU, Gabriel & d'ARTOIS DE BOURNONVILLE, Armand. *Les trois vampires ou le Clair de lune, folie-vaudeville en un act*. Paris: Barba, 1820.
- BÜRGER, Gottfried August. "Lenore", in: *Musenalmanach* (1774). Göttingen: Dieterich, 1774.
- _____. *Sämtliche Werke*, Bohtz, A. W. (ed.), Göttingen: Dieter, 1835.
- BYRON, George Gordon. "A Fragment" in: *Mazeppa: A Poem*. Londres: Murray, 1819, pp. 57-69.
- _____. "The Giaour". In: WOLFSON, Susan J. & MANNING, Peter J. (orgs.). *Selected poems*. Londres: Penguin, 1996.
- CALMET, Augustin. *Dissertation sur les apparitions des anges, des démons et des esprits, et sur les revenans et vampires de Hongrie, de Bohême, de Moravie et de Silésie*. Paris: De Bure, 1746, 2ª ed.

- CARTER, Angela. *The bloody chamber*. Nova York: Penguin, 1982.
- [*Chambers's repository*] ANÔNIMO. "The mysterious stranger". In: *Chambers's repository of instructive and amusing tracts*. London, Edinburgh: Chambers, 1854.
- COLERIDGE, Samuel Taylor. "Christabel" in: *Selected poetry*. Holmes, Richard (org.). Londres: Penguin, 1996.
- CREPAX, Guido. *Conte Dracula*. Bresso (MI, Itália): Hobby & Work, 1998.
- DAVANZATI, Giuseppe. *Dissertazione sopra i vampiri*. Giacomo Annibaldis (ed.). Bari: Besa, 2011.
- DEANE, Hamilton. *Dracula*. In Deane & Balderston 1993:1-63.
- DEANE, Halmilton & BALDERSTON, John. *Dracula*. David J. Skal (ed.). Nova York: St. Martin's, 1993:65-151.
- DÉSAUGIERS, Marc Antoine Madeleine. *Cadet Buteux au vampire, ou Relation véridique du Prologue et des trois Actes de cet épouvantable Mélodrame, écrite sous la dictée de ce passeux du Gros-Caillou, par son secrétaire*. Paris: Rosa, 1820.
- DUMAS, Alexandre. *Les mille et un fantômes*. Paris: Lévy, 1861.
- DUMAS, Alexandre & MAQUET, Auguste. *Le vampire, drame fantastique en cinq actes, en dix tableaux*. In: *Théâtre complet de Alex. Dumas*. Paris: Michel Lévy, 1865, vol. 11, pp. 399-535.
- ELIADE, Mircea Eliade. *Mademoiselle Christina*. Claude Levenson (trad.). Paris: L'Herne, 2008.
- _____. *Senhorita Christina*. Fernando Klabin (trad.). São Paulo: Tordesilhas, 2011.
- ÉMILE, L. B. *Encore un vampire, ou Fanfan la Tulipe sortant de la Porte St.-Martin*. Paris: Renard, 1820.
- FÉVAL, Paul. *La ville vampire*. Paris: Dentu, 1891.
- FLÜCKINGER, J. et alii. *Visum & Repertum. Über die so gennante Vampirs, oder Blut-Sauger, so zu Medvegia in Servien, an der Türckischen Granitz den 7. Jan. 1732. geschehen*. Nurembergue: Schmidt, 1732.
- [Frommbald]. "Copia eines Schreibens[]aus dem Gradisker District in Ungarn" in: *Wienerisches Diarium*, n° 58 (Anno 1725. 21. Julii), Anhang [pp. 11-12].
- FUENTES, Carlos. "Vlad" in: *Inquieta compañía*. México: Alfaguara, 2004.
- GAUTIER, Théophile. "La morte amoureuse" in: *Récits fantastiques*. Marc Eigeldinger (org.). Paris: Flammarion, 1981, pp. 115-150.
- GENGELL, Georgio (Jerzy). *Eversio Atheismi, seu pro Deo contra atheos*. Brunsberg: Typis Collegij S. J., 1716.
- GOETHE, J. W. *Gedichte* (Hamburger Ausgabe). Erich Trunz (org.). Hamburg: Fischer, 1964.
- GRABEN VOM STEIN, Otto. [Monatliche] *Unterredungen vom den Reiche der Geister*. Leipzig: Walther, 1731 (vols. I-II) | Berlim: ed. do autor, 1741 (vol. III).
- HÁJEK Z LIBOČAN, Václav. *Böhmische Chronica VVenceslai Hagecii*. Johannes Sandel (trad.). Praga: Weidlich, 1596.
- _____. *Böhmische Chronik*. Johannes Sandel (trad.). Leipzig: Fritschen, 1718.
- _____. *Václava Hájka z Libočan Kronika česká*. Flayjšhans (ed.) Praga: České Akademie Věd a Umění, 1933, vol. IV.

- HARENBERG, Johann Christoph. *Vernünfftige und christliche Gedancken Uber die Vampirs oder Bluhtsaugende Todten, so unter den Türcken und auf den Gräntzen des Servienlandes den lebenden Menschen und Viehe das Bluht aussaugen sollen*. Wolffenbüttel: Meißner, 1733.
- HART, James V. & COPPOLA, Francis Ford. *Bram Stoker's Dracula: The film and the legend*. (Inclui roteiro completo do filme realizado em 1992.) Nova York: Newmarket, 1992.
- HEINE, Heinrich. *Faust. Ein Tanzpoem*. In: *Sämmtliche Werke – Düsseldorf Ausgabe*. Manfred Windfuhr (org.). Hamburg: Hoffmann und Campe, 1983, vol. 9.
- _____. *Neue Gedichte*. In: *Sämmtliche Werke – Düsseldorf Ausgabe*. WINDFUHR, Manfred (org.). Hamburg: Hoffmann und Campe, 1983, vol. 2.
- HOLTEI, Karl von. “Lenore” in: *Theater von Karl von Holtei*. Breslau: Trewendt, 1867, vol. 1, pp. 5–88.
- KEATS, John. *Poetical works*. Editado por William Michael Rossetti. Londres: Moxon, 1871.
- LAUTRÉAMONT, Conde de (alias Isidore Ducasse). *Os cantos de Maldoror*. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- LE FANU, Joseph Sheridan. “Carmilla” in: *In a glass darkly*, vol. 3. Londres: Bentley, 1872, pp. 47–270.
- LINDPAINTNER, P. (música) & HEIGEL, Cesar (libreto). *Der Vampyr, romantische Oper in 3. Akten*. Redução integral para piano e voz do compositor, op. 72. (Libreto traz versões alemã e italiana.) Leipzig: Peters, s/d [c. 1830].
- LINDQVIST, John Ajvide. *Let the right one in*. Ebba Segerberg (trad.). Londres: Quercus, 2009.
- _____. *Deixa ela entrar*. Tradução de Marisol Santos Moreira. São Paulo: Globo, 2012.
- LUCAS, Paul. *Voyage du sieur Paul Lucas au Levant*. Haia: Uytwerf, 1705, vol. 2.
- MALMESBURY, William of. *Gesta regum Anglorum*. Thomas Duffus Hardy (ed.). Londres: Historical Society, 1840, vol. I.
- MAP, Walter (MAPES, Gualteri). *De nugis curialium distinctiones quinque*. Thomas Wright (ed.). Londres: Camden Society, 1850.
- _____. *De nugis curialium. Courtiers's trifles*. Montague Rhode James (trad., ed.), revisada por C.N. L. Brooke & R.A.B. Mynors (intro.). Oxford: Clarendon Press, 1983.
- _____. *Svaggi di corte*. Fortunata Latella (intro., trad.). Parma: Pratiche, 1990, 2 vols. Série Biblioteca Medievale, vol. 10.
- MAUPASSANT, Guy. “Le Horla” in: *Œuvres complètes*. Paris: Conard, 1909.
- [*Mercure Galant*] ANÔNIMO. “Article fort extraordinaire”, in: *Mercure Galant*, maio de 1693. Paris: Brunet, pp. 62–69.
- [*Mercure Galant*] ANÔNIMO. “Sur les Stryges de Russie”, in: *Mercure Galant*, fevereiro de 1694. Paris: Brunet, pp. 13–119.
- MÉRIMÉE, Prosper. *La guzla, ou choix de poésies illyriques, recueillies dans la Dalmatie, la Bosnie, la Croatie et l'Herzégowine*. Paris; Strasbourg: Levrault, 1827.
- _____. “Lokis” in: *Théâtre de Clara Gazul – Romans et nouvelles*. Apresentação, edição e notas de Jean Mallion & Pierre Salomon. Paris: Gallimard, 1978:1049–1090. Série Bibliothèque de la Pléiade.

- MEYER, Stephenie. *Twilight*. Londres: Atom, 2010.
- MEYRINK, Gustav. “J. H. Obereits Besuch bei den Zeitegeln” in: *Der Kardinal Napellus*. Jorge Luis Borges (ed.). Stuttgart: Weibrecht, 1981:15-28. Série Die Bibliothek von Babel.
- _____. “J. H. visita a região dos Suga-tempo” in: *O cardeal Napellus*. Jorge Luis Borges (ed.), Maria Jorge Vilar de Figueiredo (trad.). Lisboa: Presença, 2007:33-46. Série A Biblioteca de Babel.
- NEPLACH, Jan. *Summula chronicae tam romanae quam bohémica*. Národní knihovna České republiky, MS XXIII.F.195.
- NEWBURGH, William of. *Historia rerum anglicarum*. Richard Howlett (ed.). Londres: Longam; Trübner, 1885, vol. II. Série The chronicles and memories of Great Britain and Ireland during the Middle Ages.
- NODIER, Charles. *Lord Ruthwen ou les vampires – Roman de C. B. publié par l’auteur de Jean Sbogar et Thérèse Aubert*. Paris: Ladvocat, 1820, 2 vols. [1820a]
- _____. “Les vampires” in: *Contes fantastiques*. Paris: Charpentier, 1861, pp. 201-214.
- _____. “Poésies illyriennes”, série de 4 artigos in: *Le Télégraphe Officiel*, n° 29 (11 abril 1813); *idem* n° 32 (22 abril 1813); *id.* n° 33 (25 abril 1813); *id.* n° 49 (20 junho 1813). Laybach (Ljubljana): Imprimerie du Gouvernement, 1813.
- _____. “De quelques phénomènes du sommeil” in: *Revue de Paris*, vol. 23. Paris: 1831, pp. 31-46.
- _____. *Infernalina*. Paris: Sanson; Nadau, 1822.
- NODIER et alii. *Le Vampire – Le Délateur (Œuvres dramatiques, I)*. Edição crítica, apresentação e notas de Ginette Picat-Guinoiseau. Genebra: Droz, 1990. Série Textes littéraires Français.
- _____. *Le vampire, mélodrame en trois actes, avec un prologue*. In: *Chefs d’œuvre du répertoire des mélodrames*, vol. 18. Paris: 1824.
- OSSENFELDER, Heinrich August. “Der Vampir” in: *Der Naturforscher*, vol. 48 (25 maio 1748), pp. 380-381.
- PLANCHÉ, James Robertson. *The Vampire, or the Bride of the Isles*, in: *Plays by James Robertson Planché*. Donald Roy (ed.). Cambridge: Cambridge U. P., 1986, pp. 45-68. Série British and American playwrights, 1750-1920.
- POLIDORI, John William. *Extract of a letter from Geneva, with anecdotes of Lord Byron, etc. – The vampyre: A Tale, by Lord Byron*. In: *The New Monthly Magazine*, vol. XI, n° 63 (1º de abril de 1819), pp. 193-206.
- POTOCKI, Jean. *Manuscrit trouvé à Saragosse (version de 1804)*. Estabelecimento de texto, apresentação, notas, cronologia e bibliografia de François Rosset & Dominique Triaire. Paris: Flammarion, 2008.
- RANFFT, Michael. *De masticatione mortuorum in tumultis*. Leipzig: Martini, 1728.
- _____. *Tractat von den Kauen und Schmatzen der Todten in Gräbern, worin die wahre Beschaffenheit derer hungarischen Vampyrs und Blut-Sauger gezeigt, Auch alle von dieser Materie bißher zum Vorschein gekommene Schriften recensiret werden*. Leipzig: Teubner, 1734.
- RAUPACH, Ernst. “Laßt die Todten ruhen. Ein Märchen” in: *Minerva – Taschenbuch für das Jahr 1823*. Leipzig: 1823, pp. 35-88.

- _____. *Laßt die Todten ruhen, Lustspiel in drei Akten*. Hamburgo: Hoffmann & Campe, 1826.
- RICAUT, Paul. *Histoire de l'estat de l'Église grècque, et de l'Église armennienne*. Rosemond (trad.). Middelbourg: Horthemels, 1692.
- RICE, Anne. *Interview with the vampire*. Nova York: Ballantine, 2004.
- RICHARD, François. *Relation de ce qui s'est passé de plus remarquable à Saint-Erimi isle de l'Archipel, depuis l'établissement des Peres de la Compagnie de Jesus en icelle*. Paris: Cramoisy, 1657.
- [RITTER, Heinrich Ludwig]; WOHLBRÜCK, Wilhelm August & MARSCHNER, Heinrich. *Der Vampir: Romantische Oper in vier Aufzügen*. Leipzig: s/d.
- _____. *Der Vampyr, Romantische Oper in zwei Aufzügen*. Nürnberg: 1834. Série Arien und Gesänge. (Não contém partitura.)
- ROHR, Philippus. *Dissertatio historico-philosophica de masticatione mortuorum, quam Dei & Superiorum indultu*. Leipzig: Vogt, 1679.
- ROUSSEAU, Auguste. *Jacques Fignolet sortant de la représentation du Vampire de la Porte Saint-Martin, pot-pourri*. Paris: Martinet, 1820 [1820a].
- _____. *Les étrennes d'un vampire, manuscrit trouvé au cimetière du Père Lachaise*. Paris: [Pillet Jeune], 1820 [1820b].
- RYMER, James Malcolm. *Varney the vampire: or, the feast of blood*. Curt Herr (org.). Crestline (EUA): Zittaw, 2008.
- RZĄCZYŃSKI, Gabryel. *Historia curiosia regni Poloniae*. Sandomiri: Typis Collegii Soc. Jesu (Tipografia do Colégio da Sociedade de Jesus), 1721.
- SACHER-MASOCH, Leopold von. *Galizische Geschichten: Novellen*. Berna: Frobeen, 1877 [Sacher-Masoch 1877a].
- _____. *Liebesgeschichten aus verschiedenen Jahrhunderten*. Berna: Frobeen, 1877, "Neue Ausgabe", 3 vols. [Sacher-Masoch 1877b].
- SADE, Donatien Alphonse François. *Juliette, ou les prospérités du vice*. Gilbert Lely (ed.) in: *Œuvres complètes du Marquis de Sade*. Paris: Circle du Livre Précieux, 1967, tomo 7.
- SCRIBE, Eugène & MÉLESVILLE. *Le vampire, comédie-vaudeville en un acte*. Paris: Guibert, 1820.
- SIMS, Micheal (org.). *Dracula's guest – A connoisseur's collection of Victorian vampire stories*. London: Bloomsbury, 2011.
- STENBOCK, Eric Stanislaus. "A true story of a vampire" in Sims 2011, pp. 314-322.
- STOKER, Bram (Abraham). *Dracula*. New York: Modern Library, 2001.
- _____. *Bram Stoker's Notes for Dracula – A Facsimile Edition*. EIGHTEEN-BISANG, Robert & MILLER, Elizabeth (eds.). Jefferson (NC, EUA); Londres: McFarland & Co., 2008.
- STURM, Dieter & VÖLKER, Klaus. *Von denen Vampiren*. Munique: Carl Hanser; Suhrkamp, 1994. Série Phantastische Bibliothek vol. 306.
- TOURNEFORT, Joseph Pitton de. *Relation d'un voyage du Levant, faite par ordre du Roy*. Lyon: Bruiyset, 1727, tomo I.

TREVISAN, Dalton. *O vampiro de Curitiba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, 2ª ed. revista e aumentada.

VAN SWIETEN, Gerhard. *Abhandlung des Daseyns der Gespenster, nebst einem Anhang vom Vampyrismus*. Augsburg: 1768.

VOGT, Gottlob Heinrich. *Kurtzes Bedencken Von denen Acten-maeßigen Relationen Wegen derer Vampiren, Oder Menschen- Und Vieh-Aussaugern, Ingleichen Über das davon in Leipzig herausgekommene Raisonement Vom Welt-Geiste, An gute Freunde gesandt*. Leipzig: Martini, 1732.

VOLTA, Ornella & RIVA, Valerio (orgs.). *I vampiri tra noi*. Milão: Feltrinelli, 1960.

VOLTAIRE (alias Arrouet Le Jeune). *Questions sur l'Encyclopédie, par des amateurs*. Genebra: s/n, 1775, vol. 6º.

II. Reflexos, extensões (filosóficas, literárias) ao *corpus*

AGOSTINHO, Aurelio. *A cidade de Deus*. João Dias Pereira (trad.), 3 vols. Lisboa: Gulbenkian, 1996.

_____. *Le lettere – I/1 (1-70)*, Alimonti & Carrozzi (trad.), 2ª ed. Roma: Città Nuova, 1992. Série Opere di Sant' Agostino.

_____. *Letters 1-99*, J. E. Rotelle (ed.), R. Teske (trad.). Hyde Park (EUA): New City, 2001, vol. II/1. Série The Works of Saint Augustine.

_____. "The care to be taken for the dead" [De cura pro mortuis gerenda] in: *Treatises on marriage and other subjects*. Tradução de John A. Lacy. Washington: The Catholic University of America, 1999, pp. 347-384. Série Patristic, vol. 27.

_____. "De divinatione daemonum" in Migne (ed.), PL 40, cols. 581-592.

_____. "The divination of demons". Tradução de Ruth Wetworth Brown. In Agostinho 1999, pp. 415-440.

AGRIPPA VON NETTESHEIM, Heinrich Cornelius. *De occulta philosophia libri tres*. Vittoria Perrone Compagni (ed.). Leiden: Brill, 1992.

_____. *De occulta philosophia libri tres*. Paris [?]: 1533.

_____. *De occulta philosophia libri tres*. Colônia [?]: 1533.

ARNIM, Achim von & BRENTANO, Clemens. *Des Knaben Wunderhorn*. Heinz Rölleke (ed.). Stuttgart: Kohlhammer, 1979.

BECKFORD, William. *Vathek*, in STUART DAVIES 2009.

Bíblia de Jerusalém. G. S. Gorgulho, I. Storniolo, A. F. Anderson et alii (coords.). São Paulo: Paulus, 1995, 2ª ed.

BAUDELAIRE, Charles. *Fleurs du mal*. Paris: Corti, 1968.

BRONTË, Emily. *Wuthering Heights*. Londres: Penguin, 1994.

Das Buch vom heiligen Karl, in: A. Bachmann & S. Singer (eds.). *Deutsche Volksbücher aus einer zürcher Handschrift des fünfzehnten Jahrhunderts*. Tübingen: Litterarischer Verein in Stuttgart, 1889. Série Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart, vol. CLXXXV.

- BURTON, Richard (adapt). *Vikram and the vampire, or tales of Hindu devilry*. Londres: Longmans, Green & Co., 1870.
- BURTON, Robert. *The anatomy of melancholy*. Holbrook Jackson (ed). Nova York: New York Review Books, 2001.
- CAESARIUS de Heisterbach. *Dialogus miraculorum*. Nikolaus Nösges e Horst Schneider (eds.) Turnhout: Brepols, 2009, 5 vols. Série Fontes christiani, vol. 86.
- CAILLOIS, Roger. *Anthologie du fantastique*. 2 vols. Paris: Gallimard, 1978.
- CALVINO, Italo (org.). *Contos fantásticos do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- CANTIMPRÉ, Tomás de. *Bonum universale de apibus*. Douai: Beller, 1627.
- CHARTIER, Alain. *La dame sans merci et les poésies lyriques*. Arthur Piaget (ed.). Lille: Giard, 1959, 2ª ed.
- COULDRETTE. *Le roman de Mélusine*. Introdução, tradução e notas de Laurence Harf-Lancner. Paris: Flammarion, 1993. Série GF, vol. 671.
- Chronique de Weihenstephan* [Weihenstephaner Chronik, Inst. de France MS 3406], in: GUILLAUME de BERNEVILLE, *La vie de Saint Gilles, Poème du 12^{ème} siècle publié d'après le manuscrit unique de Florence*. Charleston (EUA): BiblioBazaar - LLC, 2009 (facsimile da edição curada por PAROIS, Gaston & Bos, Alphonse, Paris: Didot, 1881, Appendice IV, pp. XCVII-XCVIII).
- CROSS, Samuel Hazzard & SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. (eds., trans.). *Russian Primary Chronicle*. Cambridge: The Medieval Academy of America, 1953.
- EBENDORFER, Thomas. *Chronica regum Romanorum*, Teil 2. Harald Zimmermann (ed.) Munique: Monumenta Germaniae Historica, C 24 (18,2), pp. 917-924.
- ECKERMANN, Johann Peter. *Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens. 1823-1832*. Magdeburg: Heirichhofen, 1848, tomo 3.
- ENIKEL, Jan. *Weltchronik*, excertos in VON DER HAGEN, Friedrich Heinrich (ed.). *Gesammtabenteuer. Hundert altdutsche Erzählungen: Ritter- und Pfaffen-Mären, Stadt- und Dorfgeschichten, schwänke, Wundersagen und Legenden*. Stuttgart; Tübingen: Cotta, 1850, vol. 2, pp. 487-650.
- Eyrbyggja saga*. Tradução, introdução e notas de Hermann Pálsson e Paul Edwards. Londres; Nova York: Penguin, 1989. Série Penguin classics.
- FILÓSTRATO, Flávio. *The life of Apollonius of Tyana*. F. C. Conybeare (trad.). Londres; Nova York: Heinemann; Macmillan, 1912.
- FLAUBERT, Gustave. *Œuvres de jeunesse (Œuvres complètes, I)*. Apresentação, edição e notas de Claudine Gothot-Mersch & Guy Sagnes. Paris: Gallimard, 2001. Série Bibliothèque de la Pléiade.
- FLÉGON de Trales. “Περὶ θαυμασίων” (“De mirabilibus liber”), in: *Opuscula graece et latine*. J. G. F. Franz (ed.). Halle: Hendel, 1822, pp. 2-101.
- GARMANN, Christian Friedrich. *De miraculis mortuorum*. Leipzig: Kirchner, 1670.
- _____. *De miraculis mortuorum*. Silvio Benetello e Bernd Herrmann (orgs., trans.), edição facsimilar acompanhada de tradução alemã. Göttingen: U-v. Göttingen, 2003. Série Universitätsdrucke der Universitätsverlags Göttingen.

- _____. *De miraculis mortuorum libri tres*. Dresden; Leipzig: Zimmermann, 1709.
- GERVÁSIO de Tilbury. *Otia imperialia – Libro III. Le meraviglie del mondo*. Fortunata Latella (ed.). Roma: Carocci, 2010. Série Biblioteca medievale, vol. 129.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto – Uma tragédia*. Jenny Klabin Segall (trad.), Marcus Vinicius Mazzari (intro., notas). São Paulo: Ed. 34, 2004, 2 vols.
- GÓGOL, Nikolai Vassílievitch. “Vii”. Tradução de Denise Sales in: Berlendis de Carvalho 2010.
- HEINE, Heinrich. *Elementargeiste*. In: vol. 9 dos *Sämmtliche Werke – Düsseldorfer Ausgabe*. Manfred Windfuhr (org.). Hamburg: Hoffmann und Campe, 1983.
- _____. *Os deuses no exílio*. Marta Kawano & Márcio Suzuki (orgs., trads.). São Paulo: Iluminuras, 2009.
- HOMERO. *Odissea*. Versão em prosa italiana de TONNA, Giuseppe. Milão: Garzanti, 1981.
- INSTITORIS, Henricus & SPRENGER, Jacob. *Mallleus maleficarum – Wiedergabe der Erstdrucks von 1487 (Hain 8238)*. André Schnyder (ed.). Göppingen: Kümmerle, 1991. Série Litterae – Göppinger Beiträge zur Textgeschichte, vol. 113. (v. tb. Schnyder 1993; Institoris & Sprenger 2006)
- _____. *Malleus maleficarum*. Christopher Mackay (intro., trad., notas). Cambridge: Cambridge U. P., 2006.
- _____. *Der Hexenhammer*. 3 vols. Johann W. R. Schmidt (trad.). Berlim: Barsdorf, 1906.
- ISIDORO de Sevilha. *Etimologías: Edición bilingüe*. José Oroz Reta & Manuel-Antonio Marcos Casquero (trad.), Manuel C. Diaz y Diaz (intro.). Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004. Série Biblioteca de autores cristianos, vol. 647.
- Karl Meinet. Adalbert Keller (ed.). Stuttgart: Litterarischer Verein in Stuttgart, 1858. Série Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart, vol. XLV.
- KORNMANN, Heinrich. *De miraculis mortuorum opus novum et admirandum in 10 partes distributum*. Frankfurt a. M.: Wolff, 1610.
- LAMBERTINI, Prospero. *De servorum Dei beatificatione, et beatorum canonizatione*. Bonn: Longhi, 1738, vol. IV.
- The lay of the warfare waged by Igor*. Tradução inglesa de Irina Petrova; russa de Dmitry Likhachov. Moscou: Progress, 1981.
- Laxdaela saga*. Tradução e introdução de Magnus Magnusson & Hermann Pálsson. Harmondworth: Penguin, 1969.
- LE LOYER, Pierre. *Discours et histoires des spectres, visions et apparitions des esprits, anges, démons, et âmes, se montrans visibles aux hommes*. Paris: Buon, 1605.
- LEWIS, Matthew. *The Monk*. Howard Anderson (ed.). Londres: Oxford U. P., 1973.
- LUTERO, Martinho. *Tischreden aus verschiedenen Jahren, Sammlungen Aurifabers*. (Edição crítica das Obras de Lutero) Weimar: Böhlau, 1921; Ab. 2, Bd. 6.
- MARIE de France. *Lais*. Edição e tradução de Philippe Walter. Paris: Gallimard, 2000. Série Folio, vol. 3395.
- MEYRINK, Gustav. *Wachsfigurenkabinett – Sonderbare Geschichten*. Munique: Langen, 1908.

- NODIER, Charles. *Smarra, ou les démons de la nuit*. Paris: Ponthieu, 1822, 2ª ed. in: *Smarra. Trilby. Mélanges*. Hélène Gillet. (*Œuvres de Charles Nodier – Romans, contes et nouvelles*, vol. III) Bruxelles: Meline, 1832, pp. 1-94.
- OCCHIONI, Nicola (ed.). *Il processo per la canonizzazione di S. Nicola da Tolentino*. Série Collection de l'École Française de Rome. Roma: Padri Agostiniani di Tolentino, 1984.
- OVIDIO NASO, Públio. *Metamorfosi*. BERNARDINI MARZOLLA, Piero (org., trad.). Turim: Einaudi, 1994.
- PETRARCA, FRANCESCO. *Epistolae de rebus familiaribus et variae*. Fracassetti, G. (ed.) Florença: Le Monnier, 1859.
- PIXERÉCOURT, R.-C. Guilbert de. *Théâtre choisi de G. de Pixérécourt*. Nancy: edição do autor, 1841-1843, vols. 1 e 4.
- PLANCHÉ, James Robertson. *The Extravaganzas of J. R. Planché 1825-1871*. Dillon Croker, T. F.; Tucker, Stephen (eds.). Londres: Samuel French, 1879, vols. I e II.
- POE, Edgar Allan. *The portable Poe*. Van Doren Stern (ed.). New York; London: Penguin, 1987.
- PRÆTORIUS, Johannes. *Anthropodemus plutonicus: Das ist eine neue Welt-beschreibung von allerley wunderbahren Menschen als da seyn*. Magdeburg: 1666.
- _____. *Blockes-Berges Verrichtung, oder ausführlicher geographischer Bericht von den hohen trefflich alt- und berühmten Blockes-Berge...* Frankfurt: 1669.
- QUIROGA, Horacio. “El almohadón de pluma” in: *Cuentos de amor, de locura y muerte*. Buenos Aires: Esparsa Calpa, 1993.
- RAMALHO, Erick (org., trad.). *Beowulf*. Belo Horizonte: Tessitura, 2007.
- SAULGER, Robert. *Histoire nouvelle des anciens ducs et autres souverains de l'Archipel: avec la description des principales isles, & des choses les plus remarquables qui s'y voient encore aujourd'huy*. Paris: Michallet, 1698.
- SAXO GRAMMATICUS. *Gesta danorum*. Alfred Holder (ed.). Estrasburgo: Trübner, 1886.
- SHELLEY, Mary W. *Frankenstein, or the modern Prometheus*. Boston: Sever, Fancis, & Co., 1869.
- SONNTAG, Johann Michael & SONNTAG, Christian. *De Excommunicatione Tympanititica Graecorum, Amplissimae Facultatis Philosophicae Altdorfinae Indultu*, Altdorf (Suíça): Kohl, 1698.
- STUART DAVIES, David (ed.). *The Castle of Otranto – Vathek – Nightmare Abbey*. Londres: Wordsworth, 2009.
- STURLUSON, Snorri. *Edda em prosa: textos da mitologia nórdica*. Versão portuguesa de Marcelo Magalhães Lima. Rio de Janeiro: Numen, 1993.
- WALPOLE, Horace. *Vathek*, in STUART DAVIES 2009.

III. Artigos e monografias sobre vampirismo e vampiro literário

- ARDANUY, Jordi. “Els casos de vampirisme de Calmet” in *L'Upir* vol. 2 n° 15 (jan. – mar. 2008), pp. 93-132.
- AUGUSTYNOWICZ, Christoph & REBER, Ursula (eds.). *Vampirglaube und magia posthuma im Diskurs der Habsburgermonarchie*. Viena: Lit, 2011. Série Austria: Forschung und Wissenschaft, vol. 6.

- BÄR, Gerald. "O Vampirismo, ou a arte de se ver a si próprio", in AVELAR, M. & RELVAS, M. de J. (orgs.). *Discursos. Diálogos da literatura com as ciências e as artes*. Lisboa: Universidade Aberta, 2005, pp. 21-44. Série Estudos Anglo-Americanos, vol. VII. Disponível online em <<http://www.geraldbar.org/vampirismo.html>>, acesso a 24 de maio de 2013.
- BERTSCHICK, Julia & TUCZAY, Agnes (eds.). *Poetische Wiedergänger – Deutschsprachige Vampirismus-Diskurse vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. Tübingen: Francke, 2005.
- BOGATYREV, Petr. *Actes magiques, rites et croyances en Russie subcarpatique*. Paris: Champion, 1929. Série Travaux publiés par l'Institut d'Études Slaves, vol. IX.
- BORRMANN, Norbert. *Vampirismus oder die Sehnsucht nach Unsterblichkeit*. Munique: Diederichs, 1998.
- BOTTO, Margherita. "Les palimpsestes du vampire" in LIMAT-LITTELLIER & MIGUET-OLLAGNIER 1998:165-192.
- BUTLER, Erik. *Metamorphoses of the vampire in literature and film – Cultural transformations in Europe, 1721-1933*. Rochester (NY): Candem House, 2010.
- CREMENE, Adrien (com colaboração de ZEMMAL, Françoise). *La mythologie du vampire en Roumanie*. Monaco: Rocher, 1981.
- DUNDES, Alan (org.). *The vampire – A casebook*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998.
- FAIVRE, Antoine (org.) *Colloque de Cerisy – Les Vampires*. Paris: Albin Michel, 1993. Série Cahiers de l'Hermétisme.
- FINNÉ, Jacques. *La bibliographie de Dracula*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1986.
- HAMBERGER, Klaus. *Mortuus non mordet – Dokumente zum Vampirismus 1689-1791*. Viena: Turia & Kant, 1992.
- HANUSH, J. J. "Die Vampyre". In: MANNHARDT (org.). *Zeitschrift für deutsche Mythologie und Sittenkunde*. Göttingen: Dieterichschen Buchhandlung, 1855, vol. 3, pp. 198-201.
- HAVEKOST, Ernst. *Die Vampirsage in England*. Dissertação defendida em Halle-Wittenberg. Halle: 1914.
- HOCK, Stefan. *Die Vampyrsagen und ihre Verwertung in der deutschen Litteratur*. Berlim: Duncker, 1900. Série Forschungen zur neueren Litteraturgeschite, vol. XVII.
- INTROVIGNE, Massimo. "Antoine Faivre: Father of contemporary vampire studies". In: CARON, Richard et al. (orgs.), *Ésotérisme, gnosés & imaginaire symbolique: mélanges offerts à Antoine Faivre*. Louvain: Peeters, 2001, pp. 595-610. Série Gnostica, vol. 3.
- JELLINEK, Arthur L. "Zur Vampyrsage". *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, vol. 14 (1904). Berlim: Ascher, 1904, pp. 322-328.
- KLANICZAY, Gábor. "Der Niedergang der Hexen und der Aufstieg der Vampire im Habsburgerreich des achzehnten Jahrhunderts" in *Heilige, Hexen, Vampire – Vom Nutzen des Übernatürlichen*. Tradução de Hanni Ehlers & Sylvia Höfer. Berlim: Wagenbach, 1991. Série Kleine Kulturwissenschaftliche Bibliothek vol. 31.
- KREUTER, Peter Mario. *Der Vampirglaube in Südosteuropa – Studien zur Genese, Bedeutung und Funktion. Rumänien und der Balkanraum*. Berlim: Weidler, 2001.

- LACASSIN, Francis. “Préface” a *id.* (org.), *Vampires de Paris*. Paris: Union Générale d’Éditions, 1981.
- LAMBRECHT, Karen. “Wiedergänger und Vampire in Ostmitteleuropa – Posthume Verbrennung statt Hexenverfolgung?” in: *Jahrbuch für deutsche und osteuropäische Volkskunde*, vol. 37 (1994), pp. 49-77.
- LECOUTEUX, Claude. *História dos vampiros: Autópsia de um mito*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2003.
- MARCHETTI, Marília. “Le Vampire – Surdétermination d’un thème littéraire chez Nodier” in BERNARD-GRIFFITHS & SGARD 2000 : 349-363.
- MANNHARDT, Wilhelm. “Über Vampirismus” in: *Zeitschrift für deutsche Mythologie und Sittenkunde*. Göttingen: Dieterichschen Verlag, 1855, vol. 4, pp. 259 -282.
- MCCLELLAND, Bruce Alexander. *Sacrifice, scapegoat, vampire – The social and religious origins of the Bulgarian folkloric vampire*. Tese de doutoramento junto ao Departamento de Línguas e Literaturas Eslavas da Universidade de Virginia, 1999. Acesso eletrônico remoto em <<http://www.stlazure.com/NewFiles/DISS.html>>.
- MILNER, Max. “Le Vampire, du roman au mélodrame” in BERNARD-GRIFFITHS & SGARD 2000:337-348.
- MONTCLAIR, Florent. *Le vampire dans la littérature et au théâtre – du mythe oriental au motif romantique*. Besançon: Presses du Centre Unesco de Besançon, 1998.
- MURGOCI, Agnes. “The vampire in Roumenia” in Dundes 1998:12-34. Publicado primeiramente no periódico *Folklore* vol. 37 (1926), pp. 320-349.
- OINAS, Felix. “East European Vampires”, in: *Essays on Russian Folklore and Mythology*. Columbus, Ohio: Slavica, 1985.
- _____. “Heretics as Vampires and Demons in Russia”, *The Slavic and East European Journal*, vol. 22, No. 4 (Winter, 1978), pp. 433-441.
- PERKOWSKI (org.). *Vampire lore – From the writings of Jan Louis Perkowski*. Bloomington: Slavica, 2006.
- POLÍVKA, Jiří. “Über das Wort Vampyr”. in: *Österreichische Zeitschrift für Volkskunde*, vol. 7. (1901) Viena: Tempsky, 1901, pp. 209-216.
- RUTHNER, Clemens. “Forschungsliteratur zum Vampirismus: eine Auswahlbibliographie” in Bertschick & Tuczay 2005, pp. 11-42.
- SANGSUE, Daniel. “Bruits de fantômes chez Nodier” in: *Fragments*, n° 31 (jul-dez 2006), pp. 43-56.
- _____. “Nodier et le commerce des vampires” in: *Revue d’Histoire littéraire de France*, ano 98 n° 2 (mar 1998), pp. 231-245.
- SCHROEDER, Aribert. *Vampirismus – Seine Entwicklung vom Thema zum Motiv*. Frankfurt a. M.: Akademische Verlagsgesellschaft, 1973. Série Humanitas.
- SKAL, David. *Hollywood Gothic: The tangled web of Dracula from novel to stage to screen*. Nova York: Faber & Faber, 2004, ed. rev.
- SOLOVIOVA-HORVILLE, Daniela. *Les vampires – Du folklore slave à la littérature occidentale*. Paris: L’Harmattan, 2011.

- STEINER, Otto. *Vampirleichen – Vampirprozesse in Preussen*. Hamburgo: Kriminalistik, 1959.
- STUART, Roxana. *Stage Blood: Vampire of the 19th-Century Stage*. Bowling Green (Ohio): Bowling Green State Univ. Popular P., 1994.
- STURM, Dieter. “Literarischer Bericht” in Sturm & Völker 1994, pp. 534-581.
- SUMMERS, Alphonsus J.-M. Augustus Montague. *The vampire: his kith and kin*. Nova York: Dutton, 1929.
- _____. *The vampire in Europe*. Nova York: University Books, 1968.
- SWENSEN, Andrew. “Vampirism in Gogol’s short fiction”, *The Slavic and East European Journal*, vol. 37 n° 4, 1993, pp. 490-509.
- TWITCHELL, James B. *The living dead: A study of the vampire in romantic literature*. Durham: Dale, 1981.
- VÖLKER, Klaus. “Historischer Bericht” in Sturm & Völker 1994.
- WILSON, Katharina. “The history of the word ‘vampire’”, *Journal of the History of Ideas*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, vol. 46 n° 4 (Oct.-Dec. 1985), pp. 577-583.

IV. Conto popular, poesia oral, »Stoffgeschichtliches«

- AARNE, Antti. *Vergleichende Märchenforschung*. Tradução alemã de Gustav Schmidt. Helsingfors: Finnischen Literaturgesellschaft, 1908. Série Suomalais-Ugrilaisen Seuran Toimituksia (Mémoires de la Société Finno-Ugrienne) vol. XXV.
- _____. *Verzeichnis der Märchentypen*. Helsinki: Suomalaisen Tiedeakatemian Toimituksia, 1910. Série Folklore Fellows’ Communications n° 3.
- AFANÁSSIEV, Alexander N. “Poetic views of the Slavs regarding nature” in Perkowski 2006.
- _____. *Russische Volksmärchen*. 2 vols. Svetlana Geier (trad.) Munique: dtv, 1986, 2ª ed.
- _____. *Russian Fairy Tales*. Robert Guterman (trad.). Nova York: Pantheon, 2006.
- BÄCHTOLD-STÄUBLI, Hanns (ed.). *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*. Berlin; Leipzig: Weltbild, 1927-1942.
- BURKHART, Dagmar. *Kulturraum Balkan – Studien zur Volkskunde und Literatur Südeuropas*. Berlin; Hamburg: Reimer, 1989. Série Lebensformen, vol. 5.
- CHRISTIANSEN, Reidar Thoralf. *The dead and the living*. Oslo: [Ashehoug], 1946. Série Studia Norvegica, vol. 2.
- GEORGIEVA, Ivanicka. *Mitologia popolare bulgara*. A. A. Savarese (pref.); Nelli Radanova (trad.). Roma: Bulzoni, 1991.
- GERING, Hugo (ed.). *Isländzk æventyri – Isländische Legenden, Novellen und Märchen*. Halle: Waisenhaus, 1882.
- GERSCHKE, Leo. “Vom Vampirglauben im alten Westpreußen” in: *Westpreußen Jahrbuch*, vol. 12 (1962), pp. 89-94.
- GRIMM, Jacob & Wilhelm. *Kinder und Hausmärchen*. 2 vols. Göttingen: Dieter, 1857, 7ª ed.
- _____. *Contos maravilhosos infantis e domésticos*. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Cosacnaify, 2012, 2 vols.

- GRIMM, Jacob. *Deutsche Mythologie*. Göttingen: Dieterichsche Buchhandlung, 1854, 3^a ed. 2 vols.
- GRÖBER-GLÜCK, Gerda. "Der Verstorbene als Nachzehrer" in: *Atlas der deutschen Volkskunde*. Matthias Zender (ed.). Marburg: 1966, nova série, vol. Erläuterungen 2, pp. 427-456.
- IVANITS, Linda. *Russian folk belief*. Armonk, NY: Sharpe, 1989.
- KLAPPER, Joseph. "Die schlesischen Geschichten von den schädigen Toten" in: *Mitteilungen der schlesischen Gesellschaft für Volkskunde*, vol. XI. Breslau: Schlesische Gesellschaft für Volkskunde, 1909, pp. 58-93.
- KUHN, Adalbert. *Märkische Sagen und Märchen, nebst einem Anhang von Gebräuchen und Aberglauben*. Berlin: Keimer, 1843.
- LAWSON, John Cuthbert. *Modern Greek folklore and ancient Greek religion – A study in survivals*. Cambridge: Cambridge U. P., 1910.
- MÁCHAL, Jan. "Slavic mythology" in Perkowski 2006 : 70-118.
- _____. "Slavic mythology". F. Krupička (trad.) in GRAY, L. H. (ed.). *The mythology of all races*. Boston: Marshall Jones, 1918, vol. III, pp. 215-314.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. "Apresentação" aos *Contos maravilhosos infantis e domésticos*, in Grimm 2012, vol. 1, pp. 9-22.
- NELVA, Hélène. *La littérature orale bulgare*. Paris: Kathala, 2007. Série Paroles en miroir vol. 4.
- NISBET BAIN, Robert (ed., trad.). *Cossack fairy tales and folk-tales*. Londres: Lawrence and Bullen, 1894.
- _____. *Cossack fairy tales*. Londres: Harrap, 1916.
- PASHLEY, Robert. *Travels in Crete*. Cambridge; Londres: Murray, 1837, 2 vols.
- POLÍVKA, Jiří. "Le surnaturel dans les contes slovaques" in: *Revue des études slaves*, vol. 2 (1922), fasc. 1-2, pp. 104-124; fasc. 3-4, pp. 256-271.
- RALSTON SHEDDEN-RALSTON, William. *The songs of the Russian people, as illustrative of Slavonic mythology and Russian social life*. Londres: Ellis & Green, 1872.
- _____. *Russian Folk-Tales*. Londres: Smith, Elder & Co., 1873.
- SCHNEEWEIS, Edmund. *Serbokroatische Volkskunde*. Berlin: De Gruyter, 1961, 2^a ed. Série Grundriss der slavischen Philologie und Kulturgeschichte.
- _____. *Feste und Volksbräuche der Sorben, vergleichend dargestellt*. Berlin: Akademie-Verlag, 1953, 2^a ed. Série Veröffentlichungen des Instituts für Slawistik, vol. 3.
- SCHÜRRMANN, Thomas. *Nachzehrer glauben in Mitteleuropa*. Marburg: Elwert, 1990. Série Publikationen der Kommission für Ostdeutsche Volkskunde, vol. 51.
- SIMROCK, Karl Joseph. *Handbuch der deutschen Mythologie mit Einschluß der nordischen*. Bonn: Marcus, 1855.
- SCHMIDT, Bernhard. *Das Volksleben der Neugriechen und das hellenische Altertum*. Leipzig: Teubner, 1871.
- VON TETTAU, W. J. A. & TEMME, J. S. H. *Die Volkssagen Ostpreußens, Litthauens und Westpreußens*. Berlin: Nicolai, 1837.

- ŠIŠMANOV, Ivan D. “Der Leonorenstoff in der bulgarischen Volkspoesie” in: *Indogermanische Forschungen* 4 (1894). Estrasburgo: Trübner, 1894, pp. 412-448.
- THOMPSON, Stith. *Motif-index of folk-literature – A classification of narrative elements in folktales, ballads, myths, fables, mediaeval romances, exempla, fabliaux, jest-books and local legends*. Bloomington, Indiana: Indiana U. P., 1955, ed. revista e aumentada.
- WIEGELMANN, Günter. “Der ‘lebende Leichnam’ im Volksbrauch” in: *Zeitschrift für Volkskunde*, vol. 62 (1966), pp. 209-216.
- WOLLNER, Wilhelm. “Der Lenorenstoff in der slavischen Volkspoesie” in: *Archiv für slavische Philologie* 6 (1882), pp. 239-269.
- ZELÉNIN, Dmitrij. *Russische (Ostslavische) Volkskunde*. Berlim; Leipzig: De Gruyter, 1927.

V. Contextualizações históricas, literárias

- ARIÈS, Philippe. *Essais sur l'histoire de la mort en Occident du Moyen Âge à nos jours*. Paris: Seuil, 1975. Série Points vol. H31.
- _____. *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, 2 vols.
- D'AVRIL. “Sur la langue, le rite et l'alphabet attribués à saint Cyrille” in: *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, ano 20 n°2, 1876, pp. 151-157.
- BARONIAN, Jean-Baptiste (org.). *La France fantastique – De Balzac à Louÿs*. Verviers: Gérard, 1973.
- BAUSSET-ROQUEFORT. *Notice sur le Marquis Achille de Jouffroy d'Abbans*. Lyon: Vingtrinier, 1864.
- BÉRARD, Cyprien. *Lettre du directeur du Vaudeville à M. Bavoux, juge au Tribunal de Première Instance et directeur du matériel et des procès du Vaudeville, suivie de pièces justificatives*, Paris: Hocquet, 25 fevereiro 1825.
- _____. *Théâtre du Vaudeville*. Paris: Imprimerie de Hocquet, 27 abril de 1824.
- BERNARD-GRIFFITHS, Simone & SGARD, Jean (orgs.). *Mélodrames et romans noirs, 1750-1890*. Toulouse: P. U. du Mirail, 2000.
- BEZERRA CASS, Thiago Rhys. “Dois poemas do Ossian de Macpherson”, in: *Investigações*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2011, vol. 24 (jan. 2011), pp. 255-277. Acessível em <http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.24.N1/Investigacoes-24N1_Thiago-Rhys-Bezerra-Cass.pdf>
- BIRUS, Hendrik. “Goethes Idee der Weltliteratur Eine historische Vergegenwärtigung”, in SCHMELING, Manfred (ed.). *Weltliteratur heute. Konzepte und Perspektiven*. Würzburg: Königshausen & Neumann 1995, pp. 5-28. Série Saarbrücker Beiträge zur Vergleichenden Literatur- u. Kulturwissenschaft, vol. 1. Disponível no Goethezeitportal: <http://www.goethezeitportal.de/db/wiss/goethe/birus_weltliteratur.pdf>
- BORETIUS, Alfredus (ed.). *Capitularia Regum Francorum*. Hannover: Monumenta Germaniae Historiae, 1983, vol. 1.

- BORRIES, Ernst e Erika. *Deutsche Literaturgeschichte*. Munique: DTV, 2003 (vol. 2: Aufklärung und Empfindsamkeit / Sturm und Drang; vol. 3: Die Weimarer Klassik / Goethes Spätwerk; vol. 5: Romantik).
- BOUDRIOT, Wilhelm. *Die Altgermanische Religion in der amtlichen und kirchlichen Literatur des Abendlandes vom 5. bis 11. Jahrhundert*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1964, ed. esp. Série Libelli, vol. 127.
- BOUREAU, Alain. *Satan hérétique – Histoire de la démonologie (1280-1330)*. Paris: Odile Jacob, 2004.
- BRAET, Herman & VERBEKE, Werner (eds.). *A morte na Idade Média*. Heitor Megale, Yara Frateschi, Maria Clara Cescato (trads.). São Paulo: EDUSP, 1996.
- BREDNICH, Rolf Wilhelm. “Ballade”, in RANKE et al. 1977 : (I) 1150-1170.
- CABEEN, David Clark & BROOKS, Richard (orgs.). *A critical bibliography of French literature: the Nineteenth Century*. Syracuse (NY): Syracuse U.P., 1994.
- CACIOLA, Nancy. “Wraiths, revenants and ritual in medieval culture” in: *Past and Present*, vol. 152 (agosto de 1996). Oxford: Oxford U.P., 1996, pp. 3-45.
- CARO BAROJA, Julio. *Las brujas y su mundo*. Madrid: Alianza, 1986, 7ª ed.
- CAZACU, Matei. *L’histoire du Prince Dracula*. Genebra: Droz, 1996.
- CHADWICK, Nora Kershaw. “Norse Ghosts (A Study in the Draugr and the Haugbúi)”, *folklore* vol. 57 n° 2 (jun 1946), pp. 50-65; n° 3 (set 1946), pp. 106-127.
- CLARK, Stuart. *Thinking with demons: The idea of witchcraft in Early Modern Europe*. Oxford: Oxford U.P., 1999.
- CORNIS-POPE, Marcel & NEUBAUER, John (eds.). *History of the literary cultures of East-Central Europe – Junctures and disjunctures in the 19th and 20th century. Volume III: The marking of literary institutions*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2007. Série A comparative history of literatures in European languages sponsored by the International Comparative Literature Association, vol. XXII.
- CORREIA DE FRANCA NETO, Alípio. “O Sonho Mau da Vida-em-Morte” (Introdução), in Coleridge, S. T. *A balada do Velho Marinheiro*. São Paulo: Ateliê, 2005, pp.13-93.
- CURTA, Florin. *The making of the slavs. History and archaeology of the Lower Danube Region c. 500-700*. Cambridge: Cambridge UP, 2001.
- DAMIEN, Christiane. *Na senda das Noites – “Os quatro talismãs” de Charles Nodier e Les mille et une nuits*. São Paulo: Ateliê, 2010.
- DARCOS, Xavier. “Mérimée slavophile” in: *Revue des « Amis de Tourgueniev »*, 2004. Disponível em <www.asmp.fr>
- DAVIDSON, Pamela (org.). *Russian literature and its demons*. Oxford: Berghahn, 2000. Série Studies in Slavic literature, culture and society.
- VON DÖLLINGER, Ignaz. *Beiträge zur Sektengeschichte des Mittelalters*. Munique: Beck, 1890, 2 vols.
- DORCEY, Peter F., “The role of women in the cult of Silvanus”, in: *Numen – International Review for the History of Religions*, vol. 36 fasc. 2 (dez 1989), pp. 143-155.

- EFFROS, Bonni. "De partibus Saxoniae and the regulation of mortuary custom: A Carolingian campaign of christianization or the suppression of Saxon identity?" in: *Revue belge de philologie et d'histoire*. Histoire medievale, moderne et contemporaine – Middeleeuwse, moderne en hedendaagse geschiedenis, vol. 75 fasc. 2, (1997), pp. 267-286.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. *The printing revolution in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge U. P., 2005.
- ELLIS, Hilda Roderick. *The road to Hel – A study of the conception of the dead in Old Norse literature*. Nova York: Greenwood, 1968.
- ESTÈVE, Edmond. *Byron et le romantisme français*. Paris: Hachette, 1907.
- _____. *Études de littérature préromantique*. Paris: Champion, 1923. Série Bibliothèque de la Revue de Littérature Comparée, vol. V.
- FRANKLIN, Simon. *Writing, Society and Culture in Early Rus, c.950-1300*. Cambridge: Cambridge U. P., 2002.
- FRITZ-EL AHMAD, Dorothee. *Untersuchungen zu den Feuilletonromanen von Paul Féval*. Frankfurt a. M.: Lang, 1986.
- GANSHOF, François Louis. *Recherches sur les capitulaires*. Paris: Sirey, 1958.
- GAUTIER, Paul. "Le De daemonibus de Pseudo-Psellos" in: *Revue des études byzantines*, vol. 38 (1980), pp. 105-194.
- GINZBURG, Carlo. *História noturna – Decifrando o sabá*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- _____. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Tradução de Jônatas Batista. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOLLNER, Martina. *Wiedergänger in der skandinavischen Literatur*. Tese de Mestrado em Estudos Escandinavos (Universidade de Viena, 2008).
- GRADIUS, *Vita Leonis Allatii*, in: Mai, Angelo (ed.) *Nova patrum bibliotheca*, vi.2., Roma: Tipografia do Sacro Conselho para a Propagação do Nome Cristão, 1853, pp. v.-xxviii.
- GREENFIELD, Richard P. H. *Traditions of belief in late Byzantine demonology*. Amsterdã: Hakkert, 1988.
- GUINSBURG, Jacó (org.). *O Romantismo*. São Paulo, Perspectiva, 2008, 4ª ed., 2ª reimpr. Série Stylus.
- GUREVICH, Aron. *Medieval popular culture – Problems of belief and perception*. Tradução de János M. Bak & Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Cambridge U. P., 1988. Série Cambridge studies in oral and literate culture, vol. 14.
- HAFNER, S.: "Charlemagne's unspeakable sin" in: *Modern Language Studies*, vol. 32, nº 2 (outono 2002), pp. 1-14.
- HAMILTON, Janet & HAMILTON, Bernard (orgs.) *Christian dualist heresies in the Byzantine world c. 650 – c. 1450*. Manchester; Nova York: Manchester U. P., 1998.
- HANKA, Václav: "Glossen der Mater Verborum", in: ŠAFAŘÍK & PALACKI 1840, pp. 205-233.
- HANNICK, Christian. "Les enjeux de Constantinople et de Rome dans la conversion des Slaves méridionaux et orientaux", Série Settimane CISAM, vol. LI, pp. 171-198.

- HANSEN, Joseph (& FRANCK, Johannes). *Quellen und Untersuchungen zur Geschichte des Hexenwahns und der Hexenverfolgung im Mittelalter – Mit einer Untersuchung der Geschichte des Wortes Hexe von Johannes Franck*. Bonn: Georgi, 1901.
- HANSEN, Joseph. *Zauberwahn, Inquisition und Hexenprozess im Mittelalter und die Entstehung der großen Hexenverfolgung*. Munique; Leipzig: Oldenbourg, 1900. Série Historische Bibliothek vol. 12.
- _____. *Quellen und Untersuchungen zur Geschichte des Hexenwahns und der Hexenverfolgung im Mittelalter*. Bonn: Georgi, 1901.
- HARTNUP, Karen. 'On the beliefs of the Greeks': Leo Allatios and popular Orthodoxy. Leiden: Brill, 2004. Série The medieval Mediterranean, vol. 54.
- HERDER, Johann Gottfried. *Schriften zur Ästhetik und Literatur, 1767-1781*. Gunter Grimm (ed.). Frankfurt: Deutscher Klassiker, 1993.
- HERMAN, Emilio. "Il più antico penitenziale greco", in: *Orientalia Christiana Periodica*, vol. XIX (1953). Roma: Pontificium Institutum Orientalium Studiorum, 1953, pp. 71-127.
- HERRMANN, Joachim (ed.). *Die Slawen in Deutschland – Geschichte und Kultur der slawischen Stämme westlich von Oder und Neiße vom 6. bis 12. Jahrhundert*. Berlin: Akademie-Verlag Berlin, 1985, 2ª ed.
- HIS, Rudolf. *Der Totenglaube in der Geschichte des germanischen Strafrechts*. Münster in Westfalen: Aschendorff, 1929.
- HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, 6ª ed. Série Pensamento crítico vol. 55.
- HOLQUIST, James M. "The devil in Mufti: The Märchenwelt in Gogol's short stories". *PMLA*, vol. 82, nº 5, out. 1967, pp. 352-362 (New York: Modern Language Association, 1967).
- INGRAO, Charles, SAMARDŽIĆ & PEŠALJ, Jovan. *The Peace of Passarowitz, 1718*. West Lafayette (EUA): Purdue U. P., 2011.
- JAGIĆ, Vatroslav. "Kritische Nachlese zum Text der altkroatischen Dichter", in: *Archiv für slavische Philologie*, vol. 5 (1881). Berlin: Weidmann.
- JAKOBSON, Roman & SZEFTTEL, Marc. "The Vseslav Epos" in: Jakobson & Simmons (eds.), *Russian Epic Studies*, Nova York: The American Folklore Society, 1949, pp. 13-86. Série: Memoirs of the American Folklore Society, vol. 42 (1947).
- JELAVICH, Barbara. *History of the Balkans: Eighteenth and Nineteenth Centuries*. Cambridge: Cambridge U. P., 1999, vol. I.
- JIREČEK, Constantin. "Das Gesetzbuch des serbischen Caren Stephan Dušan" In: JAGIĆ, J. (Ed.) *Archiv für slavische Philologie*, vol. 22 (1900). Berlin: Weidmann, 1900, pp. 144-214.
- JOBÉ-DUVAL, Émile. *Les morts malfaisants (Larvae, lemures) d'après le droit et les croyances populaires des romains*. Prefácio de C. Lecouteux. Chambéry: Exergue, 2000.
- KEEFER, Michael H. "Agrippa's dilemma: Hermetic 'rebirth' and the ambivalences of *De vanitate* and *De occulta philosophia*", *Renaissance Quarterly*, vol. 41, nº 4 (inverno de 1988), pp. 614-653.

- KLANICZAY, Gábor. "A Cultural History of Witchcraft," in: *Magic, Ritual, and Witchcraft*, vol. 5 (2010), pp. 188-212.
- KÖHLER, Reinhold "Vergleichende Anmerkungen" in WARNKE, Karl (ed.). *Die Lais der Marie de France*. Halle: Niemeyer, 1900, vol. III, pp. LXXIII-CLX. Série Bibliotheca Normannica.
- KUHN, Hans. "Fortleben des germanischen Heidentums nach der Christianisierung" in: *La conversione al cristianesimo nell'Europa dell'Alto Medioevo*. Spoleto: Centro Italiano degli Studi sull'Alto Medioevo, 1967, pp. 743-758. Série Settimane CISAM, vol. XIV.
- _____. "Die Religion der nordischen Völker" in: *I normanni e la loro espansione in Europa nell'Alto Medioevo*. Spoleto: Centro Italiano degli Studi sull'Alto Medioevo, 1969, pp. 117-129. Série Settimane CISAM, vol. XVI.
- LAMBRECHT, Karen. *Hexenverfolgung und Zaubereiprozesse in den schlesischen Territorien*. Köln; Weimar; Wien: Böhlau, 1995. Série Neue Forschungen zur schlesischen Geschichte, vol. 4 (Dissertação defendida na Universidade de Stuttgart, dezembro de 1993).
- LARAT, Jean. *La tradition et l'exotisme dans l'œuvre de Charles Nodier (1780-1844)*. Paris: Champion, 1923. Série Bibliothèque de la Revue de Littérature Comparée, vol. IX (Larat 1923a).
- _____. *Bibliographie critique des Œuvres de Charles Nodier, suivie de documents inédits*. Paris: Champion, 1923 (Larat 1923b).
- LAVATER, Ludwig. *Von Gespänsten, unghüren, fälen, und anderen wunderbare[n] dingen so merteils wenn die menschen sterben söllend oder wen[n] sunst grosse sachen unnd enderungen vorhanden sind beschähend kurtzer und einfaltiger bericht*. Zúrique: Froschouwer, 1578.
- LEA, Henry Charles. *Materials toward a history of the witchcraft*. Arthur C. Howland (ed.). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1939, 3 vols.
- LECOUTEUX, Claude. "Lamia-holzmuowa-holzfrowe-Lamîch" in: *Euphorion – Zeitschrift für Literaturgeschichte*. Heidelberg: Carl Winter; Universitätsverlag, vol. 75 cad. 3 (1981), pp. 360-378.
- _____. *Les monstres dans la pensée médiévale européenne : essai de présentation*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1995. Série Cultures et civilisations médiévales, vol. 10.
- LE Goff, Jacques. *L'imaginaire médiéval*. Paris: Gallimard, 1991, 2^a ed. Série Nouvelle Revue Française.
- LEITZMANN, Albert. *Die Quellen von Schillers und Goethes Balladen*. Bonn: Marcus & Weber, 1911.
- LIMAT-LITTELLIER, Nathalie & MIGUET-OLLAGNIER, Marie (orgs.). *L'intertextualité*. Besançon: P. U. Franche-Comté, 1998.
- LODS, Adolphe. *La croyance à la vie future et le culte des morts dans l'Antiquité israélite*. Paris: Fischbacher, 1906, 2 vols.
- LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- LUGT, Maaïke van der. "The incubus in Scholastic debate: Medicine, theology and popular belief" in Biller, Peter & Ziegler, Joseph (eds.) *Religion and medicine in the Middle Ages*. York: York Medieval Press, 2001, pp. 175-200. Série York Studies in Medieval Theology vol. III.

- _____. *Le ver, le démon et la vierge: les théories médiévales de la génération extraordinaire; une étude sur les rapports entre théologie, philosophie naturelle et médecine*. Paris: Belles Lettres, 2004. Série L'âne d'or vol. 20.
- MANN, S. E. "Václav Hanka's Forgeries" in: *The Slavonic and East European Review*, vol. 36, n° 87 (jun 1958), pp. 491-496.
- MANSELLI, Raoul. *Il soprannaturale e la religione popolare nel Medioevo*. Roma: Studium, 1993. Série Religione e società, studi della Chiesa e dei movimenti cattolici, vol. 13.
- MARSAN, Jules. "Le mélodrame et Guilbert de Pixérécourt" in: *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, ano 7 n° 2 (1900), pp. 196-220.
- MARTELLI, Mario. "Lamia" in: *Humanistica – An International Journal of Early Renaissance Studies*, vol. 1/2. Pisa; Roma: Fabrizio Serra, 2006, pp. 95-98.
- MARX, Jean. *L'inquisition en Dauphiné – Étude sur le développement et la répression de l'hérésie et de la sorcellerie du XVI^e siècle au début du règne de François I^{er}*. Paris: Champion, 1914.
- McKITTERICK, Rosamond (org.). *The uses of literacy in early medieval Europe*. Cambridge: Cambridge U. P., 1998.
- McKITTERICK, Rosamond. *Charlemagne: The formation of a European identity*. Cambridge: Cambridge U. P., 2008.
- _____. *The Carolingians and the written word*. Cambridge: Cambridge U. P., 1989.
- MEENS, Rob, "Remedies for sins", in: *The Cambridge History of Christianity*, vol. 3, pp. 399-415.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- MIRSKY, D. S. *Histoire de la littérature russe – Des origines à nos jours*. Veeronique Lossky (trad.) Paris: Fayard, 1969.
- MOINO CAROLINSKI, Flavia Cristina. *Aleksandr Nikoláievitch Afanássiev e o conto popular russo*. Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russa (FFCH/USP, 2008).
- MORFILL, W. R. *Slavonic Literature*. Londres: Society for promoting Christian Knowledge, 1883. Série The Dawn of European Literature.
- MORLEY, Henry. *The life of Henry Cornelius Agrippa von Nettesheim, doctor and knight, commonly known as magician*. Londres: Chapman and Hall, 1856, 2 vols.
- MUSSET, Lucien. "Entre deux vagues d'invasions: la progression slave dans l'histoire européenne du Haut Moyen Âge" in: *Settimane CISAM XXX* (1983). Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medio Evo, 1983, vol. XXX t. 2°, pp. 979-1028.
- MOSER, Charles (ed.) *The Cambridge History of Russian Literature*. Cambridge: Cambridge U. P., 1992.
- NAUERT, Jr., Charles G. "Agrippa in Renaissance Italy: The esoteric tradition", *Studies in the Renaissance*, vol. 6 (1959), pp. 195-222.
- NIEDERLE, Lubor. *Manuel de l'antiquité slave*. Paris: Champion, 1926, 2 vols. Série Collection de manuels publiée par l'Institut d'Études Slaves-I.
- NODIER, Charles. *Mélanges de littérature et de critique*, vol. I, BARGINET, Alexandre (org.). Paris: Raymond, 1820 [1820b].

- _____. "Du fantastique en littérature", in: Baronian 1973:17-31.
- _____. *Questions de littérature légale – Du plagiat, de la supposition d'auteurs, des supercheries qui ont rapport aux livres*. Prefácio de Maxime Rovere. Paris: Payot & Rivage, 2011. Série Petite Bibliothèque, vol. 731.
- OEXLE, Otto Gerhard. "A presença dos mortos" in Braet & Verbeke 1996, pp. 27-78.
- OKIN, Louis A. "A hellenistic historian looks at mythology" in Burstein, S. & Okin, L. A. (eds.) *Panhellenica – Essays in Ancient History and Historiography in honor of Truesdell S. Brown*. Lawrence (Kansas, EUA): Coronado, 1980, pp. 97-118.
- OLSEN, Alexandra Hennessey. "Oral-Formulaic Research in Old English Studies: I" in: *Oral Tradition*, 1/3 (1986), pp. 548-606.
- PAES, José Paulo. "O falsário verdadeiro" in: *Armazém literário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008, pp. 206-216.
- PETROVIĆ, Miodrag. *O Закономправилу или Номоканону Светога Саве – Расправе* (On the *Zakonopravilo or Nomocanon by Saint Sava – Treatises*). Ćurčija-Prodanović, Nada (trad.). Belgrado: Kultura, 1990.
- _____. (ed.). *Zakonopravilo or the Nomocanon of Saint Sava – The Ilovica Manuscript from 1262 Photoprint reproduction*. Dečje Novine: Gornji Milanova, 1991.
- PETROVIĆ, M. & ŠTAVLJANIN-ĐORĐEVIĆ, Ljubica (eds., trans.). *Законoprавило Светога Саве* (*Zakonopravilo of Saint Sava*). Belgrado: Историјски Институт (Institut of History), 2005.
- PICAT-GUINOISEAU, Ginette. *Nodier et le théâtre*. Paris: Champion, 1990.
- PLANCHÉ, James Robertson. *Recollections and Reflections – A professional Autobiography*. Londres, Low, Marston & Co., 1901.
- POEL, Marc van der. *Cornelius Agrippa, the humanist theologian and his declamations*. Leiden: Brill, 1997. Série Brill's studies in intellectual history vol. 77.
- POIRION, Daniel. *Résurgences : mythe et littérature à l'âge du symbole, XIIe siècle*. Paris, PUF, 1986.
- _____. *Le merveilleux dans la littérature française du Moyen Âge*. Paris: PUF, 1995, 2^a ed. Série Que sais-je ?
- PORTER, Laurence M. "Charles Nodier's Prose Rhythms: A Study of Manuscript Variantes in the *Contes*" in: *The French Review*, vol. 42, n° 4 (mar 1969), pp. 533-539.
- PRIORE, Mary del. *Esquecidos por Deus – Monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- PROST, Auguste. *Les sciences et les arts occultes au XVI^e siècle – Corneille Agrippa, sa vie et ses œuvres*. Paris, Champion, 1881, 2 vols.
- PUECH, Henri-Charles & VAILLANT, André. *Le traité contre les Bogomiles de Cosmas le Prêtre – Traduction et étude*. Paris: Droz, 1945. Série Travaux publiés par l'Institut d'Études Slaves, vol. XXI.
- RHODE, Erwin. *Psyche – Seelenkult und Unsterblichkeitsglaube der Griechen*. Freiburg; Leipzig: Mohr, 1894.

- RICHARD OLIVER, A. *Charles Nodier – Pilot of Romanticism*. Siracuse (NY, EUA): Siracuse U. P., 1964.
- RÖLLEKE, Heinz. „und Bestehendes gut bedeutet“ – *Deutsche Gedichte vom 12. bis zum 20. Jahrhundert. Erläuterungen und Interpretationen*. Trier: Wissenschaftliche Verlag Trier, 2011.
- RUSSELL, Jeffrey Burton. *Witchcraft in the Middle Ages*. Ithaca (EUA): Cornell U.P., 1984.
- ŠAFAŘÍK, Pavel Jozef & PALACKI, Franz (orgs.), *Die ältesten Denkmäler der böhmischen Sprache*. Praga: Real Sociedade Boêmia de Ciências, 1840.
- SALOMON, Michel. *Nodier et le groupe romantique*. Paris: Perrin, 1908.
- SAMPIMON, Jacqueline Anette. *Becoming Bulgarian – The articulation of Bulgarian identity in the Nineteenth Century in its international context: an intellectual history*. Tese de doutoramento junto ao Programa de Filologia e Cultura Nacional da Universidade de Amsterdam, 2006.
- SAINTE-BEUVE, C. A. “De la littérature industrielle” in: *Revue des Deux Mondes*, vol. 7. Bruxelas: Société Typographique Belge, 1839, pp. 549–562.
- SCHMITT, Jean-Claude. *História das superstições*. Tradução de Luís Serrão. Mem Martins: Europa-América, 1997. Série Forum da história.
- _____. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Medioevo superstizioso*. Tradução de Maria Garin. Roma; Bari: Laterza, 2003, 4ª ed. (2003a).
- _____. *Religione, folklore e società nell’Occidente medievale*. Tradução de Lucia Carle. Roma; Bari: Laterza, 2003, 2ª ed. (2003b).
- SCHMITZ, Hermann Joseph. *Die Bussbücher und die Bussdisciplin der Kirche – Nach handschriftlichen Quellen dargestellt*. Mainz: Kirchheim, 1883. [Schmitz I]
- _____. *Die Bussbücher und das kanonische Bussverfahren nach handschriftlichen Quellen*. (vol. II de Schmitz 1883) Düsseldorf: Schwann, 1898. [Schmitz II]
- SCHNYDER, André. *Malleus maleficarum von Heinrich Institoris (alias Kramer) unter Mithilfe Jakob Sprengers aufgrund der dämonologischen Tradition zusammengestellt – Kommentar zur Wiedergabe des Erstdrucks von 1487 (Hain 9238)*. Göppingen: Kümmerle, 1993. Série Litterae – Göppinger Beiträge zur Textgeschichte, vol. 116 (v. tb. INSTITORIS & SPRENGER 1991; 2006).
- SCHUNK, F. C. K. (ed.), *Jahrbücher der gesamten deutschen juristischen Literatur*, vol. X. Erlangen: Palm & Enke, 1829.
- SCOVAZZI, Marco. “Paganesimo e cristianesimo nelle saghe nordiche” in: *La conversione al cristianesimo nell’Europa dell’Alto Medioevo*. Spoleto: Centro Italiano degli Studi sull’Alto Medioevo, 1967, pp. 759–786. Série Settimane CISAM, vol. XIV.
- SETBON, Raymond. “Le dossier Nodier” in: *Romantisme*, n° 15 (1977), pp. 92–107.
- [Settimane CISAM] *La conversione al cristianesimo nell’Europa dell’Alto Medioevo*. Spoleto: Centro Italiano degli Studi sull’Alto Medioevo, 1967. Série Settimane CISAM, vol. XIV.
- _____. *I normanni e la loro espansione in Europa nell’Alto Medioevo*. Spoleto: Centro Italiano degli Studi sull’Alto Medioevo, 1969. Série Settimane CISAM, vol. XVI.

- _____. *Gli Slavi occidentali e meridionali nell'Alto Medioevo*. Spoleto: Centro Italiano degli Studi sull'Alto Medioevo, 1983. Série Settimane CISAM, vol. XXX.
- _____. *Angli e Sassoni al di qua e al di là del mare*. Spoleto: Centro Italiano degli Studi sull'Alto Medioevo, 1986. Série Settimane CISAM, vol. XXXII.
- _____. *Cristianità d'Occidente e cristianità d'Oriente – secoli VI-XI*. Spoleto: Centro Italiano degli Studi sull'Alto Medioevo, 2004. Série Settimane CISAM, vol. LI.
- SIMPSON, Jacqueline. “Repentant Soul or Walking Corpse? Debatable Apparitions in Medieval England” in: *Folklore*, vol. 114, n° 3 (dez 2003), pp. 389-402.
- SHUMAKER, Wayne. *The Occult Sciences in the Renaissance – A Study in Intellectual Patterns*. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California P., 1ª impressão em brochura, 1979 [1972].
- STANESCO, Michel & ZINK, Michel. *Histoire européenne du roman médiéval – Équisses et perspectives*. Paris: PUF, 1992. Série écriture.
- _____. “La « mise en roman » des motifs folkloriques” in Stanesco & Zink 1992, pp. 107-115.
- STOYANOV, Yuri. *The other God – Dualistic religions from Antiquity to the Cathar heresy*. New Haven; Londo: Yale U. P., 2000.
- THEINER, *Schenkung der Heidelberger Bibliothek durch Maximilian I. an Papst Gregor XV. und ihre Versendung nach Rom*. Munique: Lit. art. Anstalt, 1844.
- TURDEANU, Émile. “Apocryphes bogomiles et apocryphes pseudo-bogomiles” in: *Revue de l'histoire des religions*, artigo dividido em duas partes: vol. 138 n° 1 (1950), pp. 22-52; e vol. 138 n° 2, pp. 176-218.
- VAILLANT, André. “Vuk Karadžić et l'Hasanagica” in: *Revue des études slaves*, vol. 19, fasc. 1-2 (1939), pp. 87-98.
- _____. “Le traité contre les Bogomiles du prêtre Cosmas” in: *Revue des études slaves*, vol. 21, fasc. 1-4 (1944), pp. 46-89.
- _____. “L'alphabet vieux-slave” in: *Revue des études slaves*, vol. 32, fasc. 1-4, 1955, pp. 7-31.
- VÀRVARO, Alberto. *Apparizioni fantastiche – Tradizione folcloriche e letteratura nel Medioevo: Walter Map*. Bologna: Il Mulino, 1994.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mythe et pensée chez les Grecs : études de psychologie historique*. Paris: Maspero, 1971. Série Petite Collection Maspero, vol. 86.
- VINCENSINI, Jean-Jacques. *Pensée mythique et narrations médiévales*. Paris: Champion, 1996. Série Nouvelle bibliothèque du Moyen Âge, vol. 34.
- VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas – A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: F. E. UNESP, 1998.
- WAIBLER, Helmut. “Johannes Praetorius (1630 - 1680) – Ein Barockautor und seine Werke”, in: *Archiv für Geschichte des Buchwesens* 20 (1979), pp. 951-1152 (Waibler 1979a).
- _____. *M. Johannes Praetorius, P. L. C. – Bio-bibliographische Studien zu einem Kompilator curiöser Materien im 17. Jahrhundert*. Frankfurt; Bern; Las Vegas: Peter Lang, 1979 (Waibler 1979b).

- WALKER, Daniel Pickering. *Spiritual & demonic magic from Ficino to Campanella*. University Park (Pennsylvania, EUA): The Pennsylvania State UP, 2003, 2ª impressão.
- WASER, Otto. “Empusa” in Pauly & Wissowa, cols. 2540-2543.
- WEBER, Max. *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, vol. III. Das antike Judentum*. Tübingen, Mohr (Siebeck), 1921.
- WATKINS, Carl S. *History and the supernatural in medieval England*. Cambridge: Cambridge U. P., 2007. Série Cambridge Studies in Medieval Life and Thought.
- WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- WILLIAMS, Gerhild Scholz. *Ways of knowing in Early Modern Germany*. Surrey (UK): Ashgate, 2006.
- WILSON, Duncan. *The life and times of Vuk Stefanović Karadžić, 1787-1864: literacy, literature and national independence of Serbia*. Ann Arbor (EUA): Michigan Slavic Publications, 1986.
- WISEMAN, J. P., “The God of the Lupercal”, in: *The Journal of Roman Studies*, vol. 85 (1995), pp. 1-22.
- YOVANOVITCH, Voyslav M. « La Guzla » de Prosper Mérimée – Étude d’histoire romantique. Paris: Hachette, 1911.
- ZARAGOZA, Georges. *Charles Nodier – Le dériseur sensé*. Paris: Klincksieck, 1992.
- ZAMBELLI, Paola. “Magic and radical reformation in Agrippa of Nettesheim”, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 39 (1976), pp. 69-103.

VI. Horizontes, referências teóricas & metodológicas

- ARISTÓTELES de Estagira. *La poétique*. Estabelecimento de texto, tradução francesa e notas de Roselyne Dupont-Roc & Jean Lallot. Paris: Seuil, 1980.
- AUERBACH, Erich. *Typologische Motive in der mittelalterlichen Literatur*. Kiefeld: Scherpe, 1964, 2ª ed. Série Schriften und Vorträge des Petrarca-Institut Köln, vol. 2.
- BARTHES, Roland et alii. *Análise estrutural da narrativa – pesquisas semiológicas*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1976, 4ª ed.
- BOGATYREV, Petr. *Funktional-strukturelle Ethnographie in Europa*. Ehlers, K.-H. & Nekula, M. (eds.). Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2011.
- BORGES, Jorge Luis. *Otras inquisiciones*. Madrid: Alianza, 2007, 7ª reimpr. Série Biblioteca de Autor. _____. *Ficciones*. Barcelona: Debolsillo, 2011.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. Tradução de Denise Bottmann, São Paulo: Cia. das Letras, 1999, 2ª ed.
- CHKLÓVSKI, Victor. *Sur la théorie de la prose*. Tradução de Guy Verret. Lausanne: L’Âge d’Homme, 1973. Série Slavica.
- CROCE, Benedetto. *Poesia d’arte e poesia popolare: studi sulla poesia italiana dal Tre al Cinquecento*. Bari: Laerza, 1946, 2ª ed., rev. Série Scritti di storia letteraria e politica, vol. xxviii.

- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Tradução de Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Edusp; Hucitec, 1996.
- Eco, Umberto (org.). *Interpretação e superinterpretação*. Tradução: não informado ("MF"). São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 9ª ed.
- FRAZER, James George. *The golden bough*. Nova York: MacMillan, 1951.
- GADAMER, Hans-Georg. "Semantik und Hermeneutik" [1968] in: *Gesammelte Werke*. Tübingen: Mohr, 1993, vol. 2, pp. 174–183.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes – La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.
- GOODY, Jack. *The domestication of the savage mind*. Cambridge: Cambridge U.P., 1977.
- _____. *The interface between the written and the oral*. Cambridge U.P., 1991.
- GREIMAS, Algirdas. *Sémantique structurale : recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966. Série Langue et Language.
- GUILLÉN, Claudio. *Entre le uno y lo diverso – Introducción a la Literatura Comparada (Ayer y hoy)*. Barcelona: Tusquets, 2005.
- HAMBURGER, Käte. *Die Logik der Dichtung*. Stuttgart: Klett, 1968, 2ª ed. "fortemente modificada".
- HIRSCH JR., Eric D. *Validity in Interpretation*. New Haven: Yale U. P., 1973.
- JAKOBSON, Roman & HALLE, Morris. *Fundamentals of Language*. Gravenhage: Mouton, 1956. Série Janua Linguarum.
- JAKOBSON, Roman. *Questions de poétique*. Tzvetan Todorov (org., trad.). Paris: Seuil, 1973. Série Poétique.
- JAUSS, Hans-Robert. "Allegorese, Remythisierung und neuer Mythos" in: *Terror und Spiel. Probleme der Mythenrezeption*. Manfred Fuhrmann (ed.). Munique: Fink, 1971, pp. 187–209. Série Poetik und Hermeneutik, vol. 4.
- KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária – Introdução à ciência da literatura*. Paulo Quintela (trad.). Coimbra; São Paulo: Amado; Martins Fontes, 1976, 6ª ed.
- LORD, Albert Bates. *The singer of tales*. Cambridge: Harvard U. P., 1960. Série Harvard studies in comparative literature, vol. 24.
- LÜTHI, Max. *The European folktale: form and nature*. Tradução de John D. Niles. Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues, 1982.
- _____. *Volksliteratur und Hochliteratur: Menschenbild – Thematik – Formstreben*. Berna; Munique: Francke, 1970.
- MARI, Hugo. "Verificação da identidade: um exemplo de aplicação da Teoria dos Protótipos" in: *Kriterion*, vol. 96 [jul-dez 1997], pp. 70–93.
- OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. *Literacy and orality*. Cambridge: Cambridge U. P., 1991.
- PLANTIN, Christian (ed.). *Lieux communs, topoi, stéréotypes, clichés*. Paris: Kimé, 1993.

- PRAZ, Mario. *La carne, la morte e il diavolo nella letteratura romantica*. Florença, Milão: Sansoni, RCS, 2008.
- _____. *Motivi e figure*. Turim: Einaudi, 1945. Série Saggi, vol. LXI.
- PROPP, Vladímir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense, 1984.
- _____. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- QUINTILIANO, Marco Fábio. *Institution oratoire*, livros VII-IX. Estabelecimento de texto e tradução de Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1978, vol. V. Série Collection des Universités de France.
- RIFFATERRE, Michael. *La production du texte*. Paris: Seuil, 1979.
- RORTY, Richard. “A trajetória do pragmatista” in Eco 1993, pp. 105-127.
- ROSENFELD, Helmut. “Plagiat” in KOHLSCHMIDT & MOHR.
- SAMOYAUULT, Tiphane. *A intertextualidade*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Charles Bally & Albert Sechehaye (orgs.). Tradução de A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermeneutik und Kritik*. Frankfurt: Suhrkamp, 1990.
- STADLER, Edmund. “Prolog”, in KOHLSCHMIDT & MOHR : 262-283.
- SUMPF J., GRANGER, G., BOUVERESSE, J., GAUVIN, J. *Filosofia da linguagem*. Tradução de Manuel Reis. Coimbra: Almedina, 1973.
- THIONVILLE, Eugène. *De la théorie des lieux communs dans les Topiques d'Aristote et des principales modifications qu'elle a subies jusqu'à nos jours*. (Tese defendida junto à Faculdade de Letras de Paris) Paris: Durand, 1855.
- TODOROV, Tzvetan. *Introduction à la littérature fantastique*. Paris: Seuil, 1970.
- _____. *La conquête de l'Amerique – La question de l'autre*. Paris: Seuil, 1982.
- _____. (org., trad.). *Théorie de la littérature – Textes des Formalistes russes*. Paris: Seuil, 2001.
- TROUSSON, Raymond. *Thèmes et mythes – Questions de méthode*. Bruxelas: Ed. de l' Univ. de Bruxelles, 1981. Série Arguments et Documents.
- VACHEK, Josef. *Selected writings in English and general linguistics*. Praga; Haia; Paris: Academia; Mouton, 1976.
- VON BEIT, *Symbologie des Märchens. Versuch einer Deutung*, Berna: Francke, 1952.
- WARREN, Austin & WELLEK, René. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Luis Carlos Borges (trad. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WELLEK, René. *Konfrontationen – Vergleichende Studien zur Romantik*. Rolf Dornbacher (trad.) Frankfurt: Suhrkamp, 1964.
- _____. “Comparative Literature Today”, in: *Comparative Literature*, vol. 17 n° 4 (outono 1965), pp. 325-337.

- _____. “Literary Theory, Criticism, and History” in: *The Swanee Review*, vol. 68, n° 1 (inverno 1960), pp. 1-19.
- _____. “Poetics, Interpretation, and Criticism” in: *The Modern Language Review*, vol. 69 n° 4 (out 1974), pp. xxi-xxxi.
- _____. “The Concept of ‘Romanticism’ in Literary History” in: *Comparative Literature*, vol. 1 n° 1 (inverno 1949), pp. 1-23; *idem* vol. 1 n° 2 (primavera 1949), pp. 147-172.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. “Bemerkungen über Frazers *Golden Bough*” in: *Philosophical occasions, 1912-1951*. James Klagge & Alfred Nordmann (eds.). Indianapolis: Hackett, 1993, pp. 115-155.
- _____. (a partir de notas de Alice Ambrose). “Philosophy, 1932-33” in: *Wittgenstein’s lectures, Cambridge, 1932-1935 : from the notes of Alice Ambrose and Margaret Macdonald*, pp. 3-40.

VII. Dicionários, bancos de dados, enciclopédias e demais obras de referência

- BENECKE, G. F.; MÜLLER, W. & ZARNCKE, F. *Mittelhochdeutsches Wörterbuch*. Leipzig: Hirzel, 1854.
- BOISACQ, Émile. *Dictionnaire étymologique de la langue grèque*. Heidelberg; Paris: Carl Winter; Klincksieck, 1916.
- Cercle V – El món de la creença en els vampirs*. Josep Figols & Francesc Casanova (coord. ed.). <www.cercle-v.org>, acesso a 11 de setembro de 2013.
- Césaire de Heiterbach en ligne* (CEL). Base de dados do Groupe d’anthropologie historique de l’Occident médiéval / École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) <http://betula.annexus.ehess.fr/sdx/cesaire/index.xsp>, acesso a 18 de setembro de 2012.
- DERSKEN, Rick. *Etymological dictionary of the Slavic inherited lexicon*. Leiden; Boston: Brill, 2008. Série Leiden Indo-European Etymological Dictionary.
- DIDEROT, Denis & D’ALEMBERT, Jean le Rond. *ARTFL Encyclopédie*. Universidade de Chicago, Robert Morrissey (gen. ed.), Gleen Roe (ass. ed.). <http://encyclopedia.uchicago.edu>, acesso a 3 de agosto de 2012.
- DU CANGE, Charles du Fresne & alii. *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. Niort: Favre, 1883-1887. Cópia digitalizada em <http://ducange.enc.sorbonne.fr>, acesso a 21 de setembro de 2013.
- DUPRIEZ, Bernard (ed.). *Gradus – Les procédés littéraires (dictionnaire)*. Paris: 10/18, 1984.
- Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1977, edição revista e atualizada.
- GRIMM, Jakob & Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch*. Munique: Deutsches Taschenbuch Verlag, 1984 [1960].
- KARADŽIĆ, Vuk Stefanović. *Srpski rječnik, istolkovan njemačkim i latinskim riječma / Wolf Stephansohn’s Serbisch-Deutsch-Lateinisches Wörterbuch / Lupi Stephani F. Lexicon Serbico-Germanico-Latinum*. Viena: Armenier, 1818.
- KOHLSCMIDT, Werner & MOHR, Wolfgang (orgs., vol. 1-3); KANZOG, Klaus & MASSER, Achim (orgs. vol. 4). *Reallexikon der deutschen Literaturgeschichte*. Berlim: De Gruyter, 1968-1979, 2ª ed, 4 vols. [Kohlschmidt-Mohr]

- LATHAM, R. E. (ed.) *Dictionary of medieval latin from British sources*. Londres: The British Academy; Oxford UP, 1975-.
- LAUSBERG, Heinrich. *Handbuch der literarischen Rhetorik – Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft*. Munique: Hueber, 1960.
- PAULY, August & WISSOWA, Georg (orgs.). *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart: Metzler, 1894-1978.
- PETERSEN, Niels K (ed.). *Magia posthuma*. Weblog sobre aspectos históricos e documentais de vampirismo, com ênfase nos séc. XVII-XVIII. <<http://magiaposthuma.blogspot.com>>, acesso a 22 de setembro de 2013.
- PREMIGER, Alex & BROGAN, T. V. F. (eds.). *The new Princeton encyclopaedia of poetry and poetics*. Princeton: Princeton U. P., 1993.
- Ordbog over det norrøne prosasprog (A Dictionary of Old Norse Prose)*. Universidade de Copenhague <<http://onp.ku.dk/english>>, acesso a 6 de fevereiro de 2014.
- Oxford English Dictionary*. Simpson, J. A. & Weiner, E. S. C. (eds.). Oxford: Clarendon [Oxford UP], 1989, 2ª ed.
- RANKE, K.; BAUSINGER, H.; BRÜCKNER, W.; LÜTHI, M; RÖHRIG, L.; SCHENDA, R. (eds.) *Enzyklopädie des Märchens – Handwörterbuch zur historischen und vergleichenden Erzählforschung*. Berlim; Nova York: De Gruyter, 1977-1984, 4 vols.
- RITTER, Joachim & GRÜNDER, Karlfried (eds.). *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1989.
- WALDE, Alois. *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter, 1910, 2ª ed. revisada.